

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS SAN TIAGO
DANTAS (UNESP, UNICAMP, PUC-SP)

FERNANDO SANTOMAURO

A UNITED STATES INFORMATION AGENCY E SUA AÇÃO NO BRASIL DE 1953 A
1964

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e Puc-SP), Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, pré-requisito para obtenção do Título de Doutor em Relações Internacionais, Linha de Pesquisa Relações Exteriores dos Estados Unidos.

Orientador: Prof. Dr. Clodoaldo Bueno

SÃO PAULO

2015

S237 Santomauro, Fernando.
A United States Information Agency e sua ação no Brasil de 1953 a 1964 /
Fernando Santomauro. – São Paulo, 2015.
334 f. : il. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – UNESP/UNICAMP/PUC-SP,
Programa San Tiago Dantas de Pós-graduação em Relações Internacionais, 2015.

Orientador: Clodoaldo Bueno.

1. Estados Unidos – Relações exteriores – Brasil. 2. United States Information
Agency. 3. Comunicação na política – Estados Unidos – História – Séc. XX. 4.
Brasil – Relações exteriores – 1945-1954. 5. Brasil – Relações exteriores – 1954-
1964. 6. Estados Unidos – Relações exteriores – 1945-1989. I. Autor. II. Título.

CDD 327.73081

FERNANDO SANTOMAURO

A UNITED STATES INFORMATION AGENCY E SUA AÇÃO NO BRASIL DE 1953 A
1964

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e Puc-SP), Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, pré-requisito para obtenção do Título de Doutor em Relações Internacionais, Linha de Pesquisa Relações Exteriores dos Estados Unidos.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Prof. Dr. Clodoaldo Bueno, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

1º Examinador: _____

Prof. Dr. James Woodard, *Montclair State University* (New Jersey, EUA)

2º Examinador: _____

Prof. Dr. Jean Tible, Universidade de São Paulo

3º Examinador: _____

Prof. Dr. Reginaldo Nasser, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

4º Examinador: _____

Prof. Dr. Tullo Vigevani, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

São Paulo, 27 de fevereiro de 2015

A Janayna,
que saiu dos meus melhores sonhos
para fazer da minha vida uma manhã de domingo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Capes/Fulbright, pela bolsa de estudos oferecida (agosto de 2013 a maio de 2014), que possibilitou a pesquisa nas fontes primárias dos arquivos norte-americanos. Agradeço ao prefeito de Guarulhos, Sebastião Almeida, pelo apoio, aprendizado e amizade.

Durante a pesquisa foram fundamentais as orientações preciosas e suporte constante do professor Clodoaldo Bueno que, sempre com calma e sabedoria, me guiou nos passos da pesquisa histórica em Relações Internacionais.

Ao meu supervisor durante a pesquisa nos Estados Unidos, James Woodard, um agradecimento especial pela orientação precisa para consulta aos arquivos americanos, por aceitar em receber minha pesquisa em sua Universidade (*Montclair State University*) e acolher tão bem a mim e a minha família durante a nossa estada nos EUA.

Obrigado aos professores do Programa San Tiago Dantas, especialmente a Reginaldo Mattar Nasser, Tullo Vigevani, Flávia Campos e Samuel Soares, além daqueles que participaram da minha banca de qualificação, com críticas essenciais para o foco e desenvolvimento da pesquisa: Clodoaldo Bueno (Unesp/Assis), Antonio Pedro Tota (PUC-SP) e Janina Onuki (IRI/USP).

Um agradecimento especial aos colegas e funcionários dos Programas (San Tiago Dantas, *Montclair State University*, *Capes/Fulbright*, IIE) e dos arquivos consultados, (NARA/DC, CP e NY e RAC/*Tarrytown*), especialmente a Isabela, Giovana e Graziela, pela atenção, carinho e competência.

Meu muito obrigado à Marianne Craven, Caryn Danz, Dana Shaw e Kathy Brion, por me ajudarem a encontrar os ex-funcionários da USIA no Brasil aqui entrevistados: Donald E. Mathes e Carl Dean Howard, a quem agradeço pela gentileza, disponibilidade e atenção dispensada. A Trina Hodges, obrigado por D.C. Agradeço ao mano Emanuel Brito, e a Roseanah França, pelas revisões amorosas. Obrigado a Jéssica e Celso, pelo tratamento das fotos e pelo Vicente.

Agradeço aos companheiros da Coordenadoria de Relações Internacionais/Guarulhos: Diogo (que descobriu em mim um professor), Elizabeth, Luciani, Maria, Marco, Rejane, Rodolfo, Simone, Tiago, Vera, Victor e Vivian – por compreenderem e sempre me incentivarem na dupla, às vezes tripla, jornada.

Meu muitíssimo obrigado aos amigos queridos e suas famílias, minhas fontes de alegria e força para continuar: Alberto Kleiman, Ana Luiza Cernov, Borny So, Bruno Benatti, Bruno Langeani, Cler Fiorelli, Felipe Bandoni, Gabriela Bitencourt, Gabriela Cano, Jean Tible, João Roberto Moraes, José M. E. D. D. Carvalho, Kjeld Jakobsen, Laio Manzano, Leo Tible, Marcelo Gianini, Marco Antônio Rasoppi, Paula Squillaci, Renata Boulos, Ricardo Cruz, Ricardo Neves, Ricardo Drummond, Ricardo Posada, Rodrigo Perpétuo, Sebastião Neto e Thiago Nardini.

Agradeço eternamente a meus avós, tios, padrinhos, primos, sobrinhos, sogros e cunhados. A meus irmãos de vida; Renato, arquiteto do meu eu, e Beatriz, minha "irmãezinha" e jornalista preferida.

Obrigado a meu pai Edgar, primeiro doutor da família: meu amigo, exemplo e fortaleza.

A minha mãe Silvia, a quem devo o amor pelo que "é histórico" e tantas outras coisas boas da vida. Minha mais importante professora, obrigado por sempre.

A Clara, obrigado pelo amor incondicional.

Muito obrigado ao amor da minha vida, Janayna Gonçalves Rodrigues, por ser meu lar e oásis onde estivermos e pelo que somos, a melhor coisa do mundo.

[out of a]decent respect to the opinions of mankind,... [we urge that] facts be submitted to a candid world,... [and appeal to the Supreme Judge of] the world for the rectitude of our intentions

Declaração da Independência dos Estados Unidos, 04.07.1776¹

Public sentiment is everything.

With public sentiment on its side, everything succeeds;

with public sentiment against it, nothing succeeds

Abraham Lincoln, em debate com Stephen Douglas, em 21.08.1858²

A man can be forced to carry a gun, but until he accepts an idea,

his masters cannot be sure that he will use it in the direction they wish

Dwight D. Eisenhower, discurso de abertura da "Crusade for Freedom", 11.11.1952³

¹ Cf. **Documento 37**.

² Id.

³ Cf. **Documento 39**.

⁴ O historiador brasileiro Gerson Moura (1985, pág. 11) foi uma das principais referências para esta tese,

RESUMO

As relações Brasil-Estados Unidos intensificaram-se a partir do século XX, também por causa dos intercâmbios promovidos pelos governos dos dois países, que levaram a uma convergência na forma de ver o mundo em vários momentos daquele período. O objetivo desta Tese é contar a história de parte dessas relações, a partir da segunda metade daquele século, no contexto da Guerra Fria, por meio da formação da *United States Information Agency* (USIA) em 1953, e sua atuação no Brasil até 1964, ano do golpe militar. A principal fonte para o desenvolvimento desta pesquisa foi a consulta aos documentos de arquivos norte-americanos e brasileiros em Washington DC, Nova York e Rio de Janeiro, além de estudos de personagens relevantes no período. A USIA, até então a agência norte-americana com maior representação no exterior, foi exemplo de como os Estados Unidos, mesmo em um dos momentos mais críticos de sua história, escolheu investir e sofisticar os programas de informação e propaganda em outros países, como instrumento complementar à sua política externa. O caso da USIA no Brasil é emblemático, pela sua capacidade de agir, influenciando diversos e heterogêneos grupos da sociedade brasileira de acordo com o interesse norte-americano, durante um período fundamental na história política brasileira, entre os anos de 1953 e 1964.

Palavras-chave: *United States Information Agency*. Diplomacia Pública. Relações Estados Unidos-Brasil. Americanização do Brasil.

ABSTRACT

Brazil-United States relations had been intensified after the XXth Century, also because of the exchanges promoted by the governments of those countries, that led to a converging way of seeing the world in several times during this period. The purpose of this thesis is tell the history of part of those relations from the second half of that century, in the context of Cold War, through the formation of the United States Information Agency (USIA) in 1953, and its actions in Brazil until 1964, the year of the military *coup d'état*. The main source for this thesis development was the consultation of the American and Brazilian archives in Washington DC, New York and Rio de Janeiro, and also of studies from relevant actors of that period. The USIA, until then the American agency with the broadest representation outside the country, was an example of how the United States, even in one of the most critics moments of its History, had made the choice of investing and sophisticating the information and propaganda programs in other countries, as an complementary tool of its Foreign Policy. The case of USIA in Brazil is emblematic, for its capacity of acting and influencing several and heterogeneous groups of the Brazilian society according to the American interest, during a fundamental period of Brazilian History, from 1953 to 1964.

Keywords: United States Information Agency. Public Diplomacy. USA-Brazil Relations. Cold War. Americanization of Brazil.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Chá da tarde em inglês aos sábados, no centro binacional do Rio de Janeiro, em 1947.....	p. 51
FIGURA 2 - Enquanto os EUA reestruturavam sua estratégia psicológica no exterior, estudantes liam o melhor que a literatura americana tinha a oferecer no centro binacional de Porto Alegre, em 1951.....	p. 57
FIGURA 3 - <i>Psychological Offensive</i> : estrutura do IIA.....	p. 60
FIGURA 4 - Expansão da informação soviética pelo mundo.....	p. 62
FIGURA 5 - Gráfico sobre estruturas e atribuições do IIA em 1952.....	p. 64
FIGURA 6 - <i>Country Plan: How it is developed</i>	p. 66
FIGURA 7 - O IIA na América Latina em 1952.....	p. 68
FIGURA 8 - Theodore Streitbert, o primeiro diretor da USIA: <i>business man</i> de Harvard e do rádio.....	p. 82
FIGURA 9 - A USIA começava a se expandir, também com o <i>Voice of America</i>	p. 84
FIGURA 10 - O organograma da USIA a partir de 1956: a estrutura básica da agência em seus anos de apogeu.....	p. 88
FIGURA 11 - Folheto de apresentação do programa <i>People-to-People</i> , lançado por Eisenhower em 1956, com a USIA como referência de contato.....	p. 90
FIGURA 12 - Folheto de apresentação do comitê de cartas, do programa <i>People-to-People</i> , lançado por Eisenhower em 1956.....	p. 92
FIGURA 13 - Formulário para inscrição no comitê de <i>Hobbies</i> , do programa <i>People-to-People</i> , fundado por Eisenhower em 1956.....	p. 93
FIGURA 14 - Material de apresentação do comitê de deficientes do programa <i>People-to-People</i> , fundado por Eisenhower em 1956.....	p. 94
FIGURA 15 - Material produzido pela USIA, durante o governo Eisenhower, para viajantes americanos que partiam ao exterior.....	p. 95
FIGURA 16 - Cartilha do programa <i>People-to People</i> para criação de projetos comunitários de cooperação, produzida pela fundação Hallmark, com ajuda da USIA.....	p. 96
FIGURA 17 - Brasão comemorativo do programa <i>Sister Cities</i> entre Montclair (NJ) e Graz (Áustria).....	p. 98
FIGURA 18 - Reportagem sobre publicação de cartunistas do <i>People-to-People</i> , favoráveis aos turistas americanos no exterior.....	p. 99
FIGURA 19 - A dimensão simbólica e seus desdobramentos psicológicos na nova diplomacia.....	p. 101
FIGURA 20 - Gráfico que justificava a capacidade econômica americana de sustentar um aumento de orçamento com a batalha psicológica, em comparação à menor capacidade soviética.....	p. 102

FIGURA 21 - Elementos básicos para o programa “ <i>Free World dynamic growth</i> ”.....	p. 103
FIGURA 22 - A luta pelas mentes humanas – a estratégia soviética que deveria ser combatida, segundo os americanos, nos anos 1950.....	p. 104
FIGURA 23 - Sai Larson, que foi diretor por curto período e entra Allen, nome de consenso para a direção da USIA.....	p. 107
FIGURA 24 - <i>A Fraternal Bookshelf</i> : Por 40 dólares, 99 livros selecionados pelo <i>People-to-People</i>	p. 110
FIGURA 25 - Sequência de fotos da posse de Murrow, com o Presidente Kennedy, em 15 de março de 1961.....	p. 117
FIGURA 26 - Murrow em coletiva para correspondentes estrangeiros no <i>Foreign Correspondence Center</i> da USIA em Nova York, em 1962.....	p. 123
FIGURA 27 - Caricatura sobre novo programa de Murrow, patrocinado pela Paz Mundial.....	p. 127
FIGURA 28 - Cartunistas da confeccionando tiras para centenas de jornais em diversas línguas.....	p. 130
FIGURA 29 - Murrow e Wilson, aqui em seus juramentos, representaram a época de ouro da USIA. Após a morte de Kennedy e suas saídas, mudanças profundas na agência começaram a ser sentidas.....	p. 135
FIGURA 30 - Em 1956 Nixon visita a Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, um dos produtos da boa relação entre os países durante a 2ª Guerra que o Vice-presidente americano tinha vindo resgatar com JK.....	p. 145
FIGURA 31 - Visita de Eisenhower ao Brasil em 1960, usada como ilustração de material da USIA sobre a amizade com outros povos e o comitê de cartas do <i>People-to-People</i>	p. 147
FIGURA 32 - Relatório da USIA na América Latina resumia histórico entre possíveis focos de comunistas entre estudantes latino-americanos em 1958. Nesse caso, uma descrição da PUC-SP.....	p. 156
FIGURA 33 - Pesquisa do Inese, contratada pela USIA em cidades nordestinas beneficiadas pelos programa da Aliança para o Progresso, possíveis foco de subversão comunista.....	p. 162
FIGURA 34 - Foto do USIS Rio, da sede da União Nacional dos Estudantes, em abril de 1964. Nesse dia foram apreendidos pôsteres do PCB e de temas comunistas.....	p. 163
FIGURA 35 - Carta do pesquisador americano sobre estudantes brasileiros: Brasileiro seriam marxistas mesmo se não existisse Marx.....	p. 165
FIGURA 36 - Organograma de postos e funções dos USIS no Brasil, em 1955.....	p. 170
FIGURA 37 - Distribuição regional da abrangência dos USIS no Brasil em 1955.....	p. 171
FIGURA 38 : Turma de formatura de cursos de inglês do centro binacional em Belo Horizonte, em 1962.....	p. 174
FIGURA 39 - Estrutura interna de um USIS nos anos 1960.....	p. 176
FIGURA 40 - Orçamento e apoio dos USIS nos centros binacionais do Brasil de 1956 a 1973....	p. 178

FIGURA 41 - Quadrinhos, como o " <i>Free World Speaks</i> " (1951) eram distribuídos durante o governo Truman nos USIS de todo o mundo, explicando a entrada dos EUA na Guerra da Coreia.....	p. 180
FIGURA 42 - Série de reportagens do Departamento de imprensa da USIA publicada em "O Globo", chamada "A morte vem de Moscou", de 21 a 28 de maio de 1956.....	p. 186
FIGURA 43 - Última reportagem de "A morte vem de Moscou", publicada em "O Globo", em 28 de maio de 1956.....	p. 187
FIGURA 44 - Capa do suplemento "Desfile do mundo para o seu Lar", de abril de 1957, que falava sobre a quaresma.....	p. 188
FIGURA 45 - Reportagem do suplemento "Desfile do mundo para o seu Lar", de abril de 1957, com reportagens sobre trompetista brasileira que visitava os EUA.....	p. 189
FIGURA 46 - Reportagem sobre atualidades mundiais, com destaque para o Presidente Eisenhower, no suplemento "Desfile do mundo para o seu Lar", em abril de 1957.....	p. 190
FIGURA 47 - Textos da revista "Problemas do Comunismo", publicação mundial da USIA, no Brasil distribuída pela Editora Ipanema, sem assinatura da agência, de setembro de 1956.....	p. 191
FIGURA 48 - Boletim de notícias da USIA: não mencionar a fonte era requisito para a utilização dos materiais.....	p. 192
FIGURA 49 - Lista da USIA sobre órgãos importantes de imprensa não comunista no Brasil, em 1958.....	p. 194
FIGURA 50 - Os estudantes na mira da USIA: foto de correspondências entre a União Estadual dos Estudantes Fluminenses e o Partido Comunista Chinês, tirada pelo USIS/Rio de Janeiro, após o golpe militar.....	p. 198
FIGURA 51 - Folheto anticomunista produzido pela USIA no Brasil e assinado por "Lei e Polícia - serviço de contra propaganda".....	p. 202
FIGURA 52 - Folheto anticomunista produzido pela USIA no Brasil, reforçando valores religiosos e assinado por "Lei e Polícia - serviço de contra propaganda".....	p. 202
FIGURA 53 - Folheto anticomunista produzido pela USIA no Brasil, voltado para o operariado nacional e assinado por "Lei e Polícia - serviço de contra propaganda".....	p. 203
FIGURA 54 - Folheto anticomunista produzido pela USIA no Brasil, associando o comunismo à "Traição, Ódio e Sangue" e assinado por "Lei e Polícia - serviço de contra propaganda".....	p. 204
FIGURA 55 - Material anticomunista produzido pela USIA no Brasil, contrapondo o comunismo aos valores familiares e à liberdade, assinado por "Campanha de Educação Social".....	p. 204
FIGURA 56 - Caixa de fósforos anticomunista produzida pela USIA no Brasil. No verso escrito à lápis "USIS São Paulo, OM 11/14/55".....	p. 205
FIGURA 57 - Panfleto produzido pela USIA no Brasil após a morte de Getúlio Vargas, assinado pela "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", em 1955.....	p. 206
FIGURA 58 - Panfleto produzido pela USIA no Brasil convocando os brasileiros para o segundo Congresso contra a intervenção soviética na América Latina, com assinatura da "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", em 1955.....	p. 207

FIGURA 59 - Material da "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", da USIA, em 1955, denunciando o Festival Mundial da Juventude como iniciativa comunista e apelando, nos grandes jornais do Brasil, para que os jovens não participem da atividade: "Não deixem que o nome de suas famílias seja registrado como comunista nos arquivos da polícia".....	p. 209
FIGURA 60 - Folheto da USIA, assinado pela "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", denunciando a infiltração comunista no Judiciário. Todos os citados seriam orientados por Jorge Amado, sentado em sua rede com um leque. No verso do material, anotado "USIS São Paulo".....	p. 210
FIGURA 61 - Material da USIA, assinado pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista, que mostrava Prestes como marionete dos soviéticos. Publicado no suplemento "Singra", no jornal "Correio da Manhã", em 1956.....	p. 211
FIGURA 62 - Quadrinhos produzidos pela USIA para o Brasil, sem assinatura, que mostravam as revoltas dos operários alemães contra a opressão comunista naquele país, em 1955.....	p. 212
FIGURA 63 - Quadrinhos produzidos pela USIA para o Brasil, sem assinatura, mostrando a falta de liberdade laboral na Alemanha Comunista, em 1955.....	p. 213
FIGURA 64 - "Zé Curioso", série de quadrinhos produzidos pela USIA no Brasil e assinados pela "Associação Democrática Cristã", em 1953.....	p. 214
FIGURA 65 - "Zé Curioso", quadrinho produzido pela USIA no Brasil, em 1954.....	p. 215
FIGURA 66 - Material anticomunista do USIS em São Paulo, " <i>attributed to A.D.C., Associação Democrita Cristão [sic]</i> ", em 1952.....	p. 216
FIGURA 67 - Material do USIS no Rio de Janeiro, atribuído à recém-criada ORIT, em 1956.....	p. 217
FIGURA 68 - Material anticomunista assinado pela ORIT, mas produzido pelo USIS no Rio de Janeiro, em 1956.....	p. 218
FIGURA 69 - Camponês nordestino participante de pesquisa patrocinada pela USIA e USAID sobre opiniões e atitudes de trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro, em 1963.....	p. 220
FIGURA 70 - Casa de camponeses nordestinos entrevistados em pesquisa da USIA e USAID, sobre o perfil dos trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro, em 1963.....	p. 221
FIGURA 71 - Municípios pesquisados pela USIA e USAID, sobre trabalhadores rurais do nordeste brasileiro, em 1963.....	p. 222
FIGURA 72 - Reportagem do <i>Herald Tribune</i> destaca chegada triunfal do maestro Leonard Bernstein a Nova York, depois de turnê latino-americana patrocinada pelo governo americano, quando foi ovacionado no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1958.....	p. 226
FIGURA 73 - Exposição " <i>Partners in Progress</i> ", no Rio de Janeiro, recebeu mais de 30 mil visitantes por dia, em 1963, celebrando os feitos do progresso americano.....	p. 229
FIGURA 74 - Exposição " <i>Partners in Progress</i> ", no Rio de Janeiro, tinha como tema a Aliança para o Progresso entre os países, em julho/agosto de 1963.....	p. 230
FIGURA 75 - Proposta de filiação de Ribeirão Preto com San Leandro, na Califórnia, feita e acompanhada diretamente pelo diretor da USIA, Edward Murrow, em 1962.....	p. 233
FIGURA 76 - Resposta do prefeito de Ribeirão Preto ao USIS: cooperação internacional das cidades nos anos 1960 era operada pela agência.....	p. 234

- FIGURA 77** - Primeiro festival brasileiro nos EUA ocorreria em Trenton (NJ), cidade-irmã de Jundiaí, em maio de 1963.....p. 235
- FIGURA 78** - Doação de brinquedos de Los Angeles para o orfanato de Irmã Dulce em Salvador, ação resultado do *Sister Cities* no Brasil, destacado pelo *Herald-Examiner* em 1963.....p. 236
- FIGURA 79** - “*Voice of America*” e a estratégia de rádio americana no começo dos anos 1950...p. 237
- FIGURA 80** - Contrato da USIA que mostrava o pagamento direto feito a Assis Chateaubriand, pela exibição dos programas da agência nas estações da cadeia de rádio dos Diários Associados, pelo menos desde 1951 a 1955.....p. 239
- FIGURA 81** - Informe da USIA apontava para a cessão de TVs feita por Juscelino Kubitschek para "Chateaubriand" no interior de São Paulo, em 1957.....p. 243
- FIGURA 82** - Foto tirada pela USIA, demonstrando as provas materiais (armas) da infiltração comunista no Brasil, que segundo recomendação interna da agência, justificava a derrubada de Goulart.....p. 248
- FIGURA 83** - População na comemoração da Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade, em 02/04/64. Foto tirada e distribuída pelo USIS no Rio de Janeiro.....p. 255

LISTA DE SIGLAS

AAU	<i>Amateur Athletic Union</i>
ABM	Associação Brasileira de Municípios
ACAR	Associação de Crédito para Assistência Rural
ACLS	American Council of Learned Societies
ADC	Associação Democrática Cristã
AFL-CIO	<i>American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations</i>
AIA	<i>American International Association for Economic and Social Development</i>
ALA	<i>American Library Association</i>
AMA	<i>American Municipal Association</i>
ANTA	<i>American National Theatre and Academy</i>
BPAO	<i>Branch Public Affairs Officer</i>
CAO	<i>Cultural Affairs Officer</i>
CBS	<i>Columbia Broadcasting Corporation</i>
CGT	Comando Geral dos Trabalhadores
CIA	<i>Central Intelligence Agency</i>
CPI	<i>Committee on Public Information</i>
CTAL	Comitê de Trabalhadores da América Latina
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CNEDPEN	Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional
CU	<i>Bureau of Educational and Cultural Affairs</i>
ECA	<i>Economic Cooperation Administration</i>
EMNID	<i>Institute for International Market and Public Opinion Research</i>
FBI	<i>Federal Bureau of Investigation</i>
FIS	<i>Foreign Information Service</i>
FOA	<i>Foreign Economic Operations Agency, Foreign Operations Administration</i>
HEW	<i>Department of Health, Education and Welfare</i>
IBAD	Instituto Brasileiro de Ação Democrática

IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IIE	<i>Institute of International Education</i>
IIS	<i>International Information Service</i>
IO	<i>Information Officer</i>
IPOM	Instituto de Pesquisa de Opinião e Mercado
IULA	<i>International Union of Local Authorities</i>
INESE	Instituto de Estudos Sociais e Econômicos
IMG	<i>Informational Media Guaranty Program</i>
JUC	Juventude Universitária Católica
LSD	<i>Landing Ship, Dock</i>
MARPLAN	<i>Market Planning</i>
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
MoMA	<i>Museum of Modern Art/New York</i>
MRT	Movimento Revolucionário Tiradentes
MSA	<i>Mutual Security Agency</i>
NARA	<i>National Archives and Records Administration</i>
NBC	<i>National Broadcasting Corporation</i>
NSC	<i>National Security Council</i>
OCB	<i>Operations Coordinating Board</i>
OFF	<i>Office of Facts and Figures</i>
OIC	<i>Office of International Information and Cultural Affairs</i>
OIE	<i>Office of International Information and Educational Exchange</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
OPC	<i>Office of Private Cooperation</i>
ORA	<i>Office of Research and Analysis</i>
ORE	<i>Office of Research and Evaluation</i>
ORI	<i>Office of Research and Intelligence</i>
ORIT	Organização Regional Interamericana de Trabalhadores
OSS	<i>Office of Strategic Services</i>

OWI	<i>Office of War Information</i>
PACGO	<i>President's Advisory Committee on Government Organization</i>
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PAO	<i>Public Affairs Officer</i>
POLOP	Organização Revolucionária Marxista Política Operária
PSD	Partido Social Democrático
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RAC	<i>Reorganization Advisory Committee</i>
SCOGO	<i>Special Committee on Government Organization</i>
SOFE	<i>Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger</i>
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TCA	<i>Technical Cooperation Administration</i>
UNE	União Nacional dos Estudantes
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USAID	<i>U.S. Agency for International Development</i>
USIA	<i>United States Information Agency</i>
USICA	<i>United States International Communications Agency</i>
USIE	<i>United States Information and Education Exchange Program</i>
USIIA / IIA	<i>International Information Administration</i>
USIS	<i>United States Information Services</i>
VOA	<i>Voice of America</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
2	A FORMAÇÃO DA POLÍTICA DE INFORMAÇÃO AMERICANA NO EXTERIOR.....	22
2.1	Wilson, o CPI e as bases da política de informação norte-americana.....	25
2.2	FDR e o aparato montado para a 2ª Guerra: Birô, OWI e OSS.....	33
2.3	Truman e a readaptação das estruturas da 2ª Guerra para a Guerra Fria	47
2.4	Macarthismo, Eisenhower e a formação da USIA: <i>people-to-people program</i>	72
2.5	Kennedy, Murrow e a reestruturação da USIA.....	115
2.6	Johnson e o começo da inflexão da USIA.....	136
3	A USIA NO BRASIL DE 1953 A 1964.....	143
3.1	O Departamento de Pesquisa da USIA e o mapeamento da opinião pública.....	148
3.2	A estrutura da USIA no Brasil: Usis, consulados e os centros binacionais Brasil-EUA.....	168
3.3	A agência de notícias e a mídia impressa.....	179
3.4	Os programas para os grupos prioritários: estudantes, trabalhadores urbanos e rurais...197	
3.5	As exposições, turnês e as parcerias entre cidades.....	224
3.6	A USIA, o rádio, a televisão e o cinema no Brasil.....	237
3.7	O Golpe e o filme sobre o Golpe.....	249
4	O OCASO DA USIA.....	256
5	CONCLUSÃO.....	262
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	264
	REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS UTILIZADAS.....	277
	APÊNDICE A Transcrições e trechos traduzidos.....	294
	APÊNDICE B TABELA 1 - Cronologia de Presidentes (EUA e Brasil) e diretores da USIA (1953-1964).....	321
	APÊNDICE C TABELA 2 - Transcrições selecionadas e suas indicações de fontes.....	323

1 INTRODUÇÃO

Para melhor compreender as relações Brasil-Estados Unidos, não é possível deixar de considerar a influência norte-americana nos modos de viver e de pensar do brasileiro, o que acaba por se refletir também nas relações políticas e econômicas entre os dois países. A história mostra que essa influência não aconteceu por acaso. Durante grande parte do século XX, o governo norte-americano se preparou com uma grande estrutura para atingir de forma eficiente a opinião pública brasileira.

A presente Tese procura demonstrar como o governo norte-americano agiu, por meio da *United States Information Agency* (USIA), baseando-se em pesquisas quantitativas e qualitativas, bem como usando o entretenimento, a propaganda e a comunicação para influenciar grande parte dos brasileiros de acordo com os seus interesses políticos e econômicos.

Criada em 1953 pelo Presidente Eisenhower, a USIA foi a agência americana de maior presença no exterior, com postos em mais de 300 cidades ao redor do mundo, entre os anos 1950 e 1960. Durante o período mais acirrado da Guerra Fria dificilmente alguma atividade do governo americano no exterior deixava de se relacionar direta ou indiretamente com alguma ação da USIA.

Entretanto as diversas ações estratégicas da USIA não foram resultado só da oposição entre EUA e URSS no pós-guerra. A USIA foi fruto de um longo processo que se confunde com a história da política externa norte-americana no século XX, relacionando-se diretamente com sua postura em relação ao mundo, com seus avanços e retrocessos, e com a sofisticação do uso de diversos instrumentos de política externa ao mesmo tempo (cultura, informação, cooperação, comércio e política).

Para tentar explicar esse processo, no *Capítulo 2* são analisados os antecedentes da USIA ao longo da primeira metade do século XX. A análise parte desde os esforços de propaganda americana da 1ª Guerra, seus métodos e criação de uma política americana de “informação” no exterior, chegando às ações tomadas durante a 2ª Guerra, inclusive no Brasil. Além disso, observa-se como essas estruturas criadas e abandonadas foram reinventadas e potencializadas no pós-2ª Guerra, naquele momento com novo foco na batalha ideológica entre os blocos capitalista e comunista.

O *Capítulo 3* procura demonstrar a formação, os objetivos, as ações e os resultados alcançados pela USIA no Brasil (ponto focal das políticas de informação americana na América Latina), desde sua criação, em 1953, até o golpe civil-militar de 1964 (ano em que Edward Murrow renuncia ao cargo de diretor da USIA).

Durante esse período, a agência era responsável por acompanhar e influenciar a opinião pública brasileira por meio de vários canais: uma agência de notícias própria (com publicações em jornais e revistas), produção de programas de rádio e TV, constantes pesquisas de opinião pública, além de alianças estratégicas com políticos, jornalistas, associações civis, bem como entre cidades americanas e brasileiras.

Essas ações atingiam direta ou indiretamente, desde donas de casa até agricultores, sindicatos, igrejas, estudantes e lideranças políticas (muitas vezes em conjunto com Departamento de Estado, CIA, USAID, Consulados e ONGs), misturando pesquisa de mercado, propaganda pró-EUA, contrainformação, comunicação de massa, turnês artísticas e bibliotecas públicas. Tudo isso sendo feito em harmonia com os interesses econômicos norte-americanos.

A USIA possuía, como coordenadores locais, agentes de relações públicas que trabalhavam nos postos da agência, os USIS (*United States Information Services*). Geralmente o agente de relações públicas chefiava uma equipe com pelo menos um agente de informação e um agente de relações culturais, que disseminavam as mensagens americanas ao público brasileiro de acordo com as instruções de Washington, mesclando propaganda e entretenimento.

Na maioria das vezes, os USIS eram baseados nos consulados americanos das principais cidades brasileiras (como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belém, Salvador, Recife, Curitiba e Porto Alegre), e com postos móveis para cidades no interior do Brasil. Os postos locais da USIA criaram e gerenciaram bibliotecas públicas e centros-binacionais Brasil-Estados Unidos, onde era oferecido o ensino de inglês e de onde eram irradiadas as informações para os públicos locais. Nos anos 1960, o Brasil contou com o maior número de centros binacionais no mundo, com 64 deles espalhados pelo País.

Além disso, a agência era responsável pela pesquisa periódica de mídia e da opinião pública brasileira, que avaliava a imagem dos Estados Unidos, de seus Presidentes e de suas ações internacionais nos principais meios de comunicação brasileiros. As pesquisas também

cobriam a situação de temas como reforma agrária, eleições locais e, principalmente, a reação de diferentes grupos brasileiros em momentos de crise política nacional ou internacional (como na renúncia de Jânio e nas crise dos mísseis). Tais pesquisas se intensificaram nos primeiros anos da década de 1960, sempre medindo a popularidade de líderes tidos como subversivos, como Jango, Brizola, Julião, Che Guevara e Fidel Castro. Em seguida, os relatórios de opinião pública no Brasil eram enviados aos diversos órgãos do governo americano, inclusive ao Presidente da República, subsidiando importantes decisões norte-americanas no País durante o período.

Já o tema do *Capítulo 4* é a forma como a USIA se adequou às novas realidades impostas a partir do governo Lyndon Johnson, perdendo sucessivamente orçamento e importância no interior do governo americano durante a segunda metade dos anos 1960 e 1970, até o seu ocaso nos anos 1980 e 1990, com fim em 1999. Também se discute como a diplomacia pública perdeu espaço na política externa americana, ao mesmo tempo em que aumentava o reconhecimento de sua importância em estudos do pós-Guerra Fria .

A Tese foi baseada essencialmente na consulta direta aos arquivos norte-americanos em *Washington D.C.* (*National Archives and Records Administration/NARA*), *Maryland* (NARA, *College Park*), Nova York (NARA/*Manhattan* e *Public Library*) e *New York* (*Rockefeller Archives Center/RAC*); e brasileiros, no Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional e Arquivo Nacional). Além disso foram usados como referência os livros e estudos de ex-funcionários da USIA, bem como foram realizadas entrevistas com ex-diretores da USIA no Brasil.

No caso dos documentos americanos, a citação foi feita de acordo com o padrão exigido pelo *National Archives* e pelo *Rockefeller Archives Center*, com os quais me comprometi durante a pesquisa realizada localmente e que não seguem as normas da ABNT para citações e referências. Por isso, para esses documentos criei uma listagem específica que os apresenta da forma apropriada ao final do trabalho, em "Referências documentais utilizadas".

Da mesma maneira, foi realizada a sistematização das transcrições e trechos selecionados de documentos, na sua versão original, para consulta mais detalhada, disponível em "Transcrições selecionadas e suas indicações de fontes".

2 A FORMAÇÃO DA POLÍTICA DE INFORMAÇÃO AMERICANA NO EXTERIOR

o imenso impacto cultural que se produziu como resultado dessa presença americana no Brasil não foi aleatório, mas obedeceu a um *planejamento cuidadoso de penetração ideológica e conquista de mercado*

Gerson Moura⁴

Enquanto as principais potências europeias desenvolviam políticas de educação, cultura e propaganda no exterior desde fins do século XIX, os Estados Unidos começaram a sistematizar sua política com certo atraso, a partir da 1ª Guerra, organizando uma política de “informação”⁵ no plano internacional, que seria o embrião de sua forma de agir durante todo século XX.

França, Alemanha e Inglaterra, por exemplo, já se utilizavam de elementos de educação, cultura e propaganda como instrumentos de política internacional e como complementos importantes para consecução de seus interesses (políticos e econômicos) no exterior, inclusive no Brasil⁶.

A França, por exemplo, a partir do final do século XIX, utilizou-se da educação voltada para às elites brasileiras por meio das escolas religiosas (financiadas pela Terceira República⁷), desde a base da educação, enquanto internamente fazia o contrário, com reformas educacionais em defesa da educação laica⁸.

Desde os anos 1920, a França elaborou uma estratégia centralizada em um órgão do Ministério das Relações Exteriores, chamado *Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger*

⁴ O historiador brasileiro Gerson Moura (1985, pág. 11) foi uma das principais referências para esta tese, principalmente por seu estudo sobre a presença ideológica americana no país durante a 2ª Guerra.

⁵ Quando referida a política americana de informação anterior à 1ª Guerra decidi usar aspas em informação, por ser esse um conceito com seu significado próprio, definido pelos americanos apenas a partir de 1917, como veremos no ponto 2.1. Como uso para designar uma ação anterior a essa decisão, faz-se essa ressalva.

⁶ O diplomata brasileiro Edgard Telles Ribeiro, em obra pioneira no Brasil (Diplomacia Cultural, 1989), analisou o uso da cultura como complemento importante para a política externa de diversas potências ocidentais, como a Alemanha, a Inglaterra, além de citar os casos de França, Estados Unidos e Brasil.

⁷ Que durou desde 1870 até 1940.

⁸ Cf. SANTOMAURO (2012a, p. 213). A Aliança Francesa, que também exerceu importante papel, foi fundada em 1883 e com apoio governamental se instalou nas principais cidades do mundo para a difusão do francês.

(SOFÉ)⁹, responsável pela disseminação da cultura e da educação francesa no exterior, e durante o entre-guerras se contrapunha principalmente à propaganda alemã.

A partir dos anos 1930 o Estado francês financiou a vinda de seus professores para a recém-formada Universidade de São Paulo. Esses professores – entre eles¹⁰, Claude Lévi-Strauss – foram selecionados e vieram para o Brasil também como agentes políticos do governo francês, exercendo essa dupla função secretamente¹¹.

Depois da segunda metade do século XIX, a presença americana no exterior começou a se dar de maneira mais espontânea, muitas vezes por meio de missionários religiosos que de certa forma abriam caminho para as frentes comerciais. Mas isso ainda era feito sem o apoio sistemático¹² do governo americano, em contraposição ao que já fazia o governo francês com seus religiosos, no mesmo período. Os historiadores americanos Sellers, May & Mcmillen descrevem essas missões religiosas como o começo do fim do isolamento americano no exterior:

Uma missão divina constitui outro fator nas mudanças ocorridas na política externa: Protestantes evangélicos – em especial as seitas que possuíam missões no exterior – promoviam um imperialismo de retidão moral, isto é, que os norte-americanos liderariam não só pelo exemplo remoto mas pela presença física entre raças ainda não remidas do pecado. O expoente mais influente dessa doutrina foi o reverendo Josiah Strong, autor do sucesso de livreria 'Our Country' (1855), que insistia em que os Estados Unidos, com seu 'gênio anglo-saxão para a colonização', deviam espalhar as bênçãos do protestantismo e democracia, 'na direção do México..., América Central e do Sul, para as ilhas do mar, para África e além'. E lembrava a seus leitores as implicações práticas da presença norte-americana no ultramar: o processo civilizatório cria 'mais e mais nobres necessidades' e 'o comércio segue o missionário'.¹³

⁹ Fundamentais para entender a ação do *SOFÉ* no Brasil são os livros de Hugo Suppo (1998), Denis Rolland (2000) e Gilles Matthieu (2000).

¹⁰ Garric (Literatura francesa), Cornaert (História da Civilização), Deffontaines (Geografia), Arbousse-Bastide (Sociologia), Berveiller (Literatura Greco-Latina) e Borne (Filosofia e Psicologia) foram os primeiros a serem mandados pelo governo francês, para a USP, em 1934. Lévi-Strauss, assim como Monbeig, Hourcade e Maugué vieram ao Brasil em 1935. Cf. SANTOMAURO (2012a, p. 223).

¹¹ Cf. Id. (2012b, p. 219). A política cultural francesa no Brasil também foi tema de meu Mestrado, defendido no Departamento de História da PUC-SP, em 2007, sob orientação do Professor Antonio Pedro Tota. Mais sobre a necessidade do caráter secreto dos professores franceses no exterior, cf. François-Poncet (1922), cf. MATTHIEU (2000, p. 67). Cf. **Transcrição 1** (Transcrições).

¹² Hixson (1997, p. 1) no entanto, destaca que mesmo sem uma estrutura própria, a propaganda, com objetivo de moldar atitudes das “massas” no exterior já fazia parte das atividades do Estado Americano desde a declaração de independência do país. Cf. **Transcrição 2** (Transcrições).

¹³ Cf. SELLERS, MAY & MCMILLEN (1990, p. 264).

Com a industrialização do país, a formação das grandes corporações americanas e das grandes fortunas, a filantropia americana cresceu na América Latina. Sem que se exclua o objetivo de expandir as classes médias no novo mundo e abrir mercado para a construção de estradas, carros, petróleo, eletricidade e produtos americanos. As associações filantrópicas americanas nasceram nesse contexto, como o Rotary Club (em 1905), a *Carnegie Endowment* (1910)¹⁴, a Fundação Rockefeller (1914), o Lions Club (1915) e *Kiwanis* (1917), e rapidamente se espalharam em mais de 190 países, por meio da ação de missionários, educadores, e com campanhas específicas, como a eliminação da pólio e da cegueira.¹⁵

A criação de uma política de “informação” no exterior, na América Hispânica e também no Brasil, portanto, nasce nesse contexto quando as potências europeias já tinham atividades sólidas, respaldadas pelo governo, e que fortaleciam as suas políticas externas.

Como será observado ao longo deste capítulo, por mais que os Estados Unidos tivessem inimigos ideológicos prioritários na América Latina, muito bem definidos durante a 1ª e 2ª Guerras e Guerra Fria é importante salientar que a presença ideológica europeia se manteve como motivo constante de preocupação americana.¹⁶

Um memorando¹⁷ do posto local da USIA no Uruguai (*United States Information Service*¹⁸ de Montevideu), enviado à sede da USIA em Washington mostra que, mesmo em 1963, quando os EUA tinham o comunismo como principal alvo e já consideravam ganha a disputa ideológica com os franceses no Brasil, eles ainda monitoravam fortemente as ações de propaganda dos países europeus no Brasil, Argentina e Uruguai.

Baseado em relato de Jorge Ferreira, um ex-agente exclusivo do USIS Montevideu e então diretor do Instituto Gallup do Uruguai, o documento descrevia as pesquisas de opinião pública feitas sob encomenda dos serviços de propaganda francês e alemão. Nessas, estavam postas as preferências de rádio e imagem das populações da Argentina, Brasil e Uruguai como base para os programas de propaganda daqueles países. As informações eram repassadas pelo

¹⁴ Mais sobre as ações das fundações norte-americanas no exterior em PELLIS (1997, pp. 14-15).

¹⁵ Cf. ARNDT (2005, p.22). Arndt, uma referência entre os estudos da USIA, ex-funcionário da USIA e do Departamento de Estado, foi ex-Professor das Universidades de Columbia, Virgínia e George Washington (mais informações sobre o autor disponível em <<http://www.state.gov/p/io/unesco/members/49225.htm>>. Acesso em 15 jan. 2014.

¹⁶ Haines (1989, pp. 165-175) observa que no auge da batalha ideológica anticomunista nos anos 1950 e 1960, os Estados Unidos continuaram monitorando as ações de propaganda francesa na região, mesmo considerando ganha a disputa entre a nova geração de brasileiros. Cf. **Transcrição 3** (Transcrições).

¹⁷ Cf. **Documento 12**. Pode-se observar aqui também a proximidade entre o Instituto Gallup e USIA. Nos capítulos 2 e 3 esse assunto será aprofundado.

¹⁸ Os *United States Information Services* serão chamados de USIS ao longo desta Tese.

funcionário do Gallup aos Estados Unidos, que acompanhavam as ações alemãs e francesas de perto e, na ocasião, ainda se preocupavam com a forte presença econômica alemã na região.¹⁹

O que se percebe pela documentação e relatos de funcionários é que acima dos adversários ideológicos²⁰ principais em diferentes momentos do século XX, os Estados Unidos buscavam ser a principal influência em toda América Latina, com fins econômicos e políticos²¹.

O historiador da CIA, Gerald Haines, em seu livro *“The Americanization of Brazil”*, essencial para entender como os Estados Unidos montaram a estratégia de americanizar o Brasil para conseguir mais facilmente seus objetivos políticos e econômicos no pós-guerra, explicita que o interesse americano não era momentâneo, e sim uma vontade de afastar qualquer influência “externa” no Brasil: “Enquanto tentavam vencer a batalha psicológica com a União Soviética, os representantes americanos também procuravam substituir a tradicional influência europeia no Brasil pelos valores, estilos e padrões americanos”²².

Ao longo deste capítulo será observado como essa política de informação americana se construiu ao longo do século XX. De maneira mais estruturada a partir da 1ª Guerra, essa se tornou mais marcante a partir do entre-guerras, atingindo seu auge durante as primeiras décadas da Guerra Fria.

2.1 Wilson, o CPI e as bases da política de informação norte-americana

Como o Secretário Baker²³ destacou, a guerra não foi travada somente na França. Atrás das linhas de tiro, atrás dos exércitos e marinhas, atrás dos

¹⁹ Cf. **Documento 12**. Cf. **Transcrição 4** (Transcrições).

²⁰ Aqui não será adotado nenhum conceito específico de ideologia, ou "ideológico". O sentido será o mesmo adotado pelos próprios agentes, com a conotação mais ampla, de "conjunto de ideias".

²¹ Moura (1985, p. 11), ao estudar a 2ª Guerra, também detecta o esforço mais profundo dos EUA: “esse processo de exportação cultural era *parte integrante de uma estratégia mais ampla*, que procurava assegurar no plano internacional o alinhamento do Brasil (e da América Latina) aos Estados Unidos, país que naquele momento procurava afirmar-se como uma grande potência e centro de um novo *sistema de poder* no plano internacional.”.

²² Cf. HAINES (1989, p. 176). Cf. Trecho original em **Transcrição 117** em Transcrições (tradução nossa). Haines também foi pesquisador do *National Archives* e no NSA (*National Security Agency*), nos anos 1980. Além de ser especialista sobre as ações da CIA, especialmente no Brasil, o historiador se tornou célebre por estudar as políticas americanas para os objetos não identificados. Sobre o autor, disponível em <<http://www.colorado.edu/cwa/bios.html?id=130&year=2001>> Acesso em 06 nov. 2014.

²³ Newton D. Baker, Ministro da Guerra dos Estados Unidos de 1916 a 1921.

grandes armazéns de suprimentos, outra luta era travada com a mesma intensidade e com quase o mesmo significado, atrelada às vitórias e derrotas. Eram as lutas pelas mentes dos homens, pela "conquista das suas convicções", a frente de batalha dava-se em cada casa, em cada país. A Grande Guerra diferenciou-se, essencialmente, de todos os conflitos anteriores pelo reconhecimento da Opinião Pública como uma Força Armada Maior.²⁴

George Creel²⁵

Apesar de haver uma crescente preocupação com a opinião pública nacional e estrangeira já nos primeiros anos do século XX²⁶ os princípios fundamentais que estabeleceram a forma de “contar a história americana ao mundo”²⁷ nasceram durante a 1ª Guerra, durante o governo Wilson.

Foi a partir do recém-criado *Committee on Public Information* (CPI) que o termo “informação” foi cunhado para designar as ações de propaganda, difusoras da visão americana e do *american way of life*. Também nessa oportunidade, foram criados os postos locais de informação no exterior (*United States Information Services/USIS*) com uma estrutura que misturava relações públicas, cultura e informação. Finalmente, com o CPI foi formada uma relação direta entre o Presidente da República e as ações de informação.

O jornalista George Creel, que apoiou Wilson e trabalhou na campanha de sua reeleição em 1916²⁸, foi o escolhido pelo Presidente para comandar o CPI; seu cargo foi anunciado em abril de 1917, uma semana antes da entrada dos Estados Unidos na Guerra. O papel do CPI era definir a estratégia de propaganda e divulgar as ideias wilsonianas: tanto internamente²⁹, para convencer os americanos da importância de lutar na Guerra; quanto

²⁴ CREEL (1920 a, p 3), *How we advertised America*. A edição original tem uma curiosa epígrafe ao título, que explicita a missão, quase que religiosa, da cultura americana mundo afora: “*The First Telling of the Amazing Story of the Committee on Public Information that Carried the Gospel of Americanism to Every Corner of the Globe*”. Cf. trecho original em **Transcrição 118** em Transcrições (tradução nossa).

²⁵ Diretor do *Committee on Public Information*.

²⁶ Elder, (1968, p. 34) comenta que as relações públicas ganharam cada vez mais importância na política externa norte-americana, principalmente a partir de 1913, quando secretários de Estado começam a explicar suas ações aos públicos interno e externo em coletivas de imprensa regulares. Cf. **Transcrição 5** (Transcrições).

²⁷ “*Telling the American Story to the World*” era o lema da USIA, que aparecia abaixo do logo da agência, na entrada de sua sede, Pennsylvania Avenue, 1776, em Washington D.C. ELDER (Ibid., p. x).

²⁸ Cf. HENDERSON (1969, p.24). Creel era também editor do jornal liberal (no sentido americano) *Rocky Mountain News*. Sobre a relação de Creel com Wilson antes, durante e após a 1ª Guerra, uma referência importante é o livro de Creel “*The War, The World And Wilson*” CREEL (1920b).

²⁹ Sellers, May e Mcmillen (1990, p. 303) criticam as ações do CPI. Para eles, eram manipuladoras da opinião pública americana, com campanhas que justificavam a participação americana na Guerra, por meio de mais de 75 milhões de panfletos e publicações como “Porque estamos lutando” e “O significado da América”. Cf.

externamente, para justificar a sua presença militar no exterior e levar o “americanismo” a cada canto da terra.

O CPI tinha uma plataforma de ação que articulava a diplomacia governamental, as políticas culturais e de propaganda, mobilizando diversos setores da sociedade americana. Durante a guerra, Wilson controlava pessoalmente as atividades do CPI, comitê chefiado por Creel e também formado pelos Secretários de Estado, de Guerra e da Marinha. Wilson chegou a afirmar: “Sou muito ciumento quando o assunto é propaganda, eu quero manter os casos de publicidade, totalmente, nas minhas próprias mãos”.³⁰

Foi por decisão de Creel que o termo “propaganda” foi rechaçado para denominar o nome da instituição recém-criada e sua forma de agir; para ele, essa palavra carregava a ideia de distorção da verdade. Como nome das ações de seu Departamento, Creel escolheu o termo “informação”.

Segundo Creel³¹, as principais potências europeias, que tinham seus órgãos oficiais de propaganda³², usavam a mentira como forma de manipulação da opinião pública mundial, o que os mantinha na “escuridão e desilusão”. Como resposta a isso e para fazer “amizade” com os países neutros até então, Creel propunha uma política de comunicação, que fosse “educativa e informativa”.

O curioso é que ao mesmo tempo em que Creel nega o termo propaganda para denominar as ações do CPI, a sua própria editora, em *“How we Advertised America”*, classificava o livro como *“International Propaganda and Communications”*, em sua folha de rosto. Desde Creel e o CPI, as diversas agências americanas responsáveis pela propaganda americana no exterior adotaram o termo “informação”, e nunca propaganda, como será demonstrado nos subcapítulos seguintes.

Para o esforço de guerra, Creel conseguiu formar uma estrutura governamental sem precedentes na história americana, convocando diversos talentos do jornalismo, publicitários, escritores, professores, cineastas e líderes sindicais para a produção de filmes, exposições,

Transcrição 6 (Transcrições).

³⁰ Cf. ARNDT (2005, p. 29). Cf. trecho original em **Transcrição 119** em Transcrições (tradução nossa).

³¹ Cf. CREEL (1920a, p. 4). Cf. trecho completo em **Transcrição 7** (Transcrições).

³² Para Creel (Id.) a Alemanha “carregou” o termo propaganda com o sentido de despistar e desvirtuar.

palestras, publicações, cartazes e pôsteres nos EUA e em mais de 650 escritórios de comércio dos EUA no mundo.³³

No exterior, o CPI (por meio dos USIS) usava as embaixadas americanas para a publicação de anúncios e notícias sobre os EUA em jornais estrangeiros. A maioria dos USIS ficava nas capitais de países aliados e neutros, com atenção especial aos países da América do Sul e Central, onde se identificava forte presença alemã.³⁴ É com o CPI que também começaram a se formar centros binacionais em países da América do Sul.³⁵

Outra particularidade da política de informação dos EUA no exterior que se iniciou com Creel, foi a de juntar os órgãos responsáveis pela “informação” (propaganda e às vezes contrainformação) com os responsáveis pela cultura. A partir do CPI, a estrutura básica de um USIS no exterior, chefiada por um *Public Affairs Officer* (PAO) tinha como subordinados um *Cultural Affairs Officer* (CAO), cargo responsável pela cultura, que dirigia principalmente as atividades de longo prazo, em educação e arte, e ao seu lado um *Information Officer* (IO), responsável pela comunicação e informação imediatas.³⁶

Para desenhar a estratégia do CPI na América do Sul, Creel designou o jornalista e tenente F. E. Ackerman³⁷, cedido pela Marinha, e que fez uma viagem prospectiva ao continente sul-americano para estudar os materiais que seriam mais efetivos e definir os locais dos postos do CPI (*USIS*). Ele visitou, entre outras cidades e estados, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santiago, Lima, Valparaíso e Buenos Aires.

Com auxílio direto dos consulados e embaixadas locais, o CPI promoveu aulas gratuitas de inglês, criou bibliotecas e salas de leitura para divulgar as publicações norte-americanas. Além disso, estimulou a exibição dos filmes mudos produzidos em Hollywood³⁸ e a exibição radiofônica da programação de canais comerciais norte-americanos, transmitido por ondas curtas, emitidas por navios norte-americanos localizados na costa brasileira.

³³ Arndt também destaca a ação de Creel, ao misturar cultura e informação no mesmo “omelete”, como o começo dessa forma de agir dos EUA a partir de então, ARNDT (pp. 29 e 34): “*Creel swirled the scholars and advertisers into one omelette, to win the war – and to serve the ends of US power*”.

³⁴ Cf. CREEL (1920a, p. 365). Cf. trecho completo em **Transcrição 8** (Transcrições).

³⁵ Cf. ARNDT (Id., p. 93).

³⁶ Tanto Telles Ribeiro (1989, pág. 69) quanto Arndt (2005, pág. XIX) destacam essa singularidade americana no jeito de mesclar cultura e informação na sua estratégia de propaganda no exterior. Cf. **Transcrição 9** (Telles Ribeiro) e **Transcrição 10** (Arndt), em Transcrições

³⁷ Cf. CREEL (1920 a, p.365).

³⁸ Pells (1997, pág.8) observa que o conteúdo dos programas e filmes do CPI sempre valorizava a prosperidade, a inovação, o progresso e a democracia americana.

O CPI tinha um acordo com a Marinha que possibilitava a transmissão de discursos e programas traduzidos para cada país, nas principais capitais do mundo, nos USIS e centros binacionais.³⁹ Além disso, para lugares mais distantes, onde jornais pró-EUA não chegavam, ou não havia bibliotecas, panfletos eram lançados como bombas pelos aviões americanos. Em alguns casos, o CPI chegou a utilizar balões para torpedear os seus folhetos pelo ar.⁴⁰

O próprio Creel descreve a amplidão das atividades do CPI durante a 1ª Guerra:

Não houve nenhuma parte da grande máquina da guerra que nós não atingimos, nenhum meio de mobilização que não empregamos. A mídia impressa, a mídia falada, os filmes, o telégrafos, com cabos, sem cabos, os cartazes – tudo isso foi usado na nossa campanha para fazer que nossa população e todas as populações entendessem as causas que levaram à América a pegar em armas.⁴¹

Para Argentina, Uruguai e Paraguai, um jornalista de Austin (Texas) chamado H.H. Sevier, foi nomeado diretor regional do *CPI* para a América do Sul. De seu escritório, em Buenos Aires, tinha a missão de fazer a voz americana chegar às cidades longínquas e vilarejos daqueles países. Em relatório de Sevier para Creel⁴², o diretor regional observou que antes da presença do CPI na região a grande maioria das publicações sul-americanas não cobriam notícias sobre os EUA, pois as agências internacionais eram majoritariamente europeias.⁴³

No mesmo relato, Sevier descrevia a relevância da distribuição de notícias, fotos, pôsteres sobre os EUA, mas salientava, sobretudo, a importância da aproximação pessoal com a elite política da América do Sul. Para isso, entre outras atividades, ele palestrava constantemente em escolas e universidades locais.⁴⁴

Para o comando no Brasil, que tinha um diretor próprio (independente da América do Sul), foi designado o próprio embaixador dos EUA no país, Edwin V. Morgan⁴⁵, que no geral seguiu as mesmas orientações e atividades do *Committee* na região. Relatos⁴⁶ de Morgan ao CPI mostram que a implantação de duas agências de notícias americanas no país, fruto do

³⁹ Cf. HENDERSON (1969, p. 26).

⁴⁰ Cf. HIXSON (1997, p. 1).

⁴¹ CREEL (1920a, p. 5). Trecho original Cf. **Transcrição 120** em Transcrições (tradução nossa).

⁴² Cf. CREEL (op. cit., p. 368).

⁴³ Cf. trecho completo em **Transcrição 11**, Transcrições

⁴⁴ Cf. trecho completo em **Transcrição 12**, Transcrições

⁴⁵ Cf. CREEL (Id., p. 248).

⁴⁶ Id., ibid. (p. 373). Ver trecho completo em **Transcrição 13**, Transcrições

esforço do CPI⁴⁷, facilitaram o trabalho de informação no país. A *Associated Press* e a *United Press*, segundo Morgan, tiveram um crescimento drástico de clientes a partir de então, e foram decisivas para construir a campanha permanente de entendimento e amizade para com os EUA.

Entre outras ações no Brasil, o CPI traduzia publicações próprias para o português, que explicavam os motivos da entrada dos Estados Unidos na guerra, como o panfleto de 36 páginas “*How the War Came to America*”⁴⁸, que explicava a luta pelos princípios universais de democracia e liberdade que regiam o país, desde a guerra de independência americana até aquele momento.

O panfleto de 1918 acusava a Alemanha de lutar clandestinamente, por meio da manipulação da opinião pública nos países sul-americanos, apoiando formadores de opinião, e comprando ou subsidiando jornais. Em “*How the War Came to America*”, os EUA explicavam para a população dos países sul-americanos que o motivo pelo qual entravam na guerra era para evitar a separação de um continente americano unido pelos mesmos ideais universais de liberdade e democracia, consagrados pela Doutrina Monroe.⁴⁹

Apesar do relativo sucesso das ações de propaganda do CPI tanto internamente quanto externamente, com o fim da guerra em novembro de 1918, o Congresso norte-americano começou a investigar e criticar pesadamente as ações do CPI, as quais não seriam condizentes com a democracia americana, principalmente em tempos de paz. Em março de 1919, o Congresso americano, (que ainda imporia derrotas maiores à política externa de Wilson no pós-guerra), paralisou as ações do CPI abruptamente⁵⁰ e algumas ações ainda em curso foram interrompidas.

Em junho de 1919, o CPI foi dissolvido formalmente pelo Congresso, que vetou o orçamento para todas as suas atividades.⁵¹ Nem o relatório final sobre as atividades do CPI teve orçamento disponível para sua impressão.⁵² A partir daí, mesmo com a falta de uma

⁴⁷ Segundo Ninkovic, (1981, p. 13), em sua curta duração, o CPI sincronizava as atividades culturais com os esforços do setor privado.

⁴⁸ Cf. **Documento 13**. O folheto teve tiragem de 5.428.048, sendo 9.375 em português. Outra publicação produzida pelo CPI, “*German Plots and Intrigues*”, teve uma tiragem de 15.000 exemplares em português CREEL (1920a, pp. 477-478).

⁴⁹ Cf. **Documento 13**, p. 9. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 14** (Transcrições).

⁵⁰ Cf. ELDER (1968, p. 34).

⁵¹ Creel, (1920 a, p.427), criticou veementemente o fechamento do CPI e a falta de visão da medida repentina tomada pelo Congresso, deixando sem pagamento ações já contratadas e aluguéis sem pagamento. Cf. trecho selecionado Cf. **Transcrição 15** (Transcrições).

⁵² Segundo Henderson (1969, p. 28), o relatório final, assim como todos os documentos do CPI foram

política de governo para a informação americana no exterior, a demanda privada para a expansão cultural americana no exterior continuou.⁵³ Durante os anos 1920 e 1930, os EUA continuaram se fazendo cada vez mais presentes, principalmente nos países europeus e latino-americanos, fosse pelos grandes conglomerados de meios de comunicação de massa, como o rádio e o cinema, ou pelas fundações privadas americanas no exterior, com a disseminação de programas assistenciais e de cooperação técnica e educacional.

No entre-guerras, enquanto a indústria cinematográfica dos principais países europeus, até então de ponta, não tinha grande capacidade de investimento para produção e distribuição de seus filmes (principalmente pela crise econômica causada pela guerra), Hollywood viveu seu *boom*, atraindo grandes nomes da Europa, como Charles Chaplin, e ocupando e ampliando definitivamente o espaço para seu cinema em todo o mundo.⁵⁴

A indústria radiofônica norte-americana também se expandiu na América Latina e Europa, principalmente nos anos 1930. Mesmo sem apoio do governo, as empresas de rádio se expandiram no hemisfério americano: por iniciativas sem fins lucrativos, como a *World Wide Broadcasting Foundation*, que começou a transmissão do programa *University of the Air*, produzido pela rádio WRUL de Boston; por iniciativas com fins comerciais, como as redes latino-americanas de rádio formadas pela *Columbia Broadcasting Corporation* (CBS) e por sua concorrente, a *National Broadcasting Corporation* (NBC), cujos programas eram patrocinados por empresas americanas.⁵⁵

Sem o apoio do governo e do Congresso⁵⁶, foram principalmente as fundações privadas norte-americanas que retomaram o intercâmbio e as políticas artística, cultural e educacional no exterior no entre-guerras. Se destacaram principalmente as fundações nova-iorquinas *Carnegie Endowment*, *Guggenheim* e *Rockefeller*.

mandados, no mesmo momento, para os arquivos nacionais (*National Archives*). Segundo ele, “*The first U.S. information program come to an inglorious end.*”. Para Arndt (2005, p. 27), mesmo com final melancólico, o CPI foi modelo para futuros formuladores de políticas de propaganda no exterior, como Goebbels e Mussolini. Além disso, as atividades do CPI plantaram as sementes para os futuros mercados de publicidade e relações públicas nos EUA: “*CPI’s alumni would found two great American industries: advertising and public relations, both legitimized forms of lying.*”.

⁵³ A falta de política de propaganda, cultural, ou de informação do governo americano no exterior nos anos 1920 e 1930 é apontada por diversos autores, como Frankel (1965, p. 25), Henderson (1969, p. 29), Arndt (2005, p. 40), Elder (1968, p. 34), Ninkovic (1981, p.14), Tuch (1990, p. 14) e Pells (1997, p. 22). Todos eles também destacam a significativa presença cultural privada nas mesmas décadas.

⁵⁴ Cf. PELLIS (1997, p. 15).

⁵⁵ Cf. HENDERSON (1969, p. 29). Cf. também trecho selecionado em **Transcrição 16** (Transcrições).

⁵⁶ Uma exceção a essa regra é destacada por Frankel (1965, p. 25), que aponta a exportação de materiais científicos e livros feitas pelo *Smithsonian Institution* para o exterior, aprovados e estabelecidos pelo Congresso no entre-guerras.

A fundação Simon Guggenheim tinha no livre intercâmbio de ideias para moldar um “*global kind of thinking*”⁵⁷ a motivação para as bolsas de estudos a acadêmicos latino-americanos. A *Carnegie Endowment* financiava diversos projetos educacionais dentro e fora do país, como a expansão de bibliotecas americanas⁵⁸ em parceria com a *American Library Association* (ALA)⁵⁹. Esta tinha papel central na organização e na ampliação de bibliotecas americanas no exterior. Durante a 1ª Guerra ambas foram importantes centros de divulgação dos produtos do CPI.

Nos anos 1920, a ALA continuou propagando a língua inglesa, livros, jornais e revistas americanas, realizando o intercâmbio de estudantes, livros e o treinamento de funcionários nas principais cidades da América Latina, em locais onde era encontrada certa dificuldade de assimilação.⁶⁰

A fundação Rockefeller, por sua vez, tinha um foco maior no financiamento das atividades culturais e filantrópicas no exterior, também com programas na área médica, saúde pública e cooperação artística e universitária. Esta financiou a ida de 303 acadêmicos europeus aos EUA durante o período, muitos deles vítimas dos regimes de inspiração nazifascista. Para esse feito, despendeu cerca de US\$ 1.4 milhões.⁶¹

Mesmo sem a parceria com o governo, como aconteceu com o CPI durante a 1ª Guerra, as fundações privadas americanas continuaram sua missão, abrindo portas no mundo para os EUA por meio da educação, do ensino de inglês, das bolsas de estudos a estrangeiros, da cooperação técnica e artística, e da abertura de bibliotecas americanas no exterior. Essas ações filantrópicas aconteceram ao mesmo tempo em que as grandes corporações de meios de comunicação (como o rádio e cinema) ocupavam cada vez mais espaço no mercado mundial e garantiram a ampliação da presença americana no cenário internacional nas décadas de 1920 e 1930.

⁵⁷ Ninkovic (1981, p. 15) vê a formação de um “*global kind of thinking*” o princípio buscado pelas fundações no entre-guerras. Foi isso que teria motivado iniciativas como a de John D. Rockefeller Jr., que em nome da promoção de uma irmandade cultural internacional financiou alojamentos estudantis internacionais nos EUA (Columbia, Chicago e Berkeley) e até a casa americana da *Cité Universitaire de Paris*, na década de 1920.

⁵⁸ Cf. ARNDT (2005, p. 40).

⁵⁹ Além das fundações já citadas, Pells destaca o *American Council of Learned Societies*, e o *Commonwealth Fund* que também financiaram bolsas para atividades de acadêmicos americanos no exterior e apoio para o intercâmbio de intelectuais estrangeiros nas universidades norte-americanas. Cf. PELLs (1997, p. 22).

⁶⁰ Ninkovic (1991, p.18) diagnostica a aliança entre fundações e ALA, a motivação de caráter missionário dessa e as dificuldades dos métodos das bibliotecas americanas na América Latina. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 17** (Transcrições).

⁶¹ Para Pells (1997, p. 27) fundações como a Rockefeller importaram não só os acadêmicos (que seriam úteis nos programas de informação americana durante a 2ª Guerra), mas a cultura e a civilização europeia para os EUA no entre-guerras.

2.2 FDR e o aparato montado para a 2^a Guerra: Birô, OWI e OSS

Mais uma missão de boa vontade e declaramos guerra aos Estados Unidos (Oswaldo Aranha)⁶²

O Presidente Roosevelt, que havia sido chefe de gabinete da missão do CPI em Nápoles, quando secretário-assistente da Marinha⁶³ durante a 1^a Guerra, em um primeiro momento se dedicou fundamentalmente às demandas sociais e econômicas internas dos Estados Unidos pós-crise de 1929.

Só no fim da década de 1930 – com a preocupação pela forte presença italiana e alemã na América Latina⁶⁴, bem como pela iminência da entrada americana na 2^a Guerra Mundial – é que o Governo e o Congresso norte-americano começaram a discutir e propor uma estratégia para o combate ideológico contra a propaganda oficial nazifascista.

O marco inicial do governo Roosevelt, para a cooperação cultural e educacional internacional, teve foco na América Latina, principalmente por causa da presença cada vez maior da propaganda e do comércio com a Alemanha nesses países. Pela primeira vez desde o CPI de Creel, o governo americano se voltou para essas questões, criando em 1936 uma plataforma de cooperação científica e cultural para os países latino-americanos, durante a Conferência Interamericana de Manutenção da Paz, em Buenos Aires⁶⁵.

Nessa ocasião, a delegação americana propôs que o seu governo financiasse o intercâmbio entre professores, estudantes universitários e professores de escola secundária dos EUA e países latino-americanos. O programa foi aprovado pelo Congresso e começou a ser executado pelo Departamento de Estado, pela primeira vez, a partir de 1940.⁶⁶

Como decorrência dessas atividades, em maio de 1938 o governo criou (por decreto presidencial) o *Interdepartmental Committee for Scientific and Cultural Cooperation with*

⁶² Cf. CULL (2005, p.13); MOURA (1987, p. 49). Segundo Cull (Id., ibId.), o Ministro brasileiro das relações exteriores declarou isso em tom de brincadeira, após receber seguidas missões americanas de cooperação, como maestros de orquestras, estrelas de cinema e escoteiros americanos.

⁶³ Cf. ARNDT (2005, p.33).

⁶⁴ Cf. PELLIS (1997, p. 33). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 17** (Transcrições).

⁶⁵ Cf. **Documento 27**, p. 2.

⁶⁶ Id., p. 3.

*the American Republics*⁶⁷. Em julho desse mesmo ano, criou a *Division of Cultural Relations*, dentro do Departamento de Estado. Essas iniciativas, com foco principal no continente americano, apresentavam um caráter de cooperação cultural e educacional, mais do que “informativos”.⁶⁸

Mas não só os interesses culturais e ideológicos eram motivo de atenção do governo norte-americano na América Latina do final dos anos 1930. A aliança já existente entre meios de comunicação de massa e interesses econômicos no continente latino-americano também deveria ser preservada. Naquela altura, as atividades das cadeias de rádio como CBS e NBC eram bem sucedidas no mercado latino-americano; tinham como patrocinadoras grandes empresas americanas, como *United Fruit Co.* e *Standard Oil*. A operadora de ondas curtas de Cincinnati, *Crossley Company*, também contava com patrocínio de empresas como *Kleenex*, *Alka-Seltzer*, *Palmer's Peanuts* e *Carter's Little Liver Pills*, em suas transmissões para o subcontinente.⁶⁹

Diante da presença nazifascista nos países latino-americanos, a resposta norte-americana começou a ser pensada na forma de política de informação nos moldes do CPI⁷⁰, mas já diante de uma nova realidade de interesses econômicos e levando em consideração os novos meios de comunicação de massa.

Como líder dessa nova empreitada do governo, foi escolhido Nelson A. Rockefeller⁷¹, uma pessoa que reunia várias facetas, como: a experiência nos negócios com América Latina (a família Rockefeller controlava a Standard Oil, entre outros variados empreendimentos na região); a experiência na área de artes (o museu de arte moderna de Nova York/MoMA, também tinha sido uma iniciativa da família); a experiência na área da cooperação técnica e

⁶⁷ Segundo Arndt (2005, p. 60), o *Indepartmental Committee* ofereceu 3.700 bolsas de intercâmbio para latino-americanos entre 1938 e 1948.

⁶⁸ O foco inicial, nesses casos, eram a reciprocidade cultural, de mão dupla, e a longo prazo. Mais detalhes sobre essas primeiras iniciativas de cooperação cultural na América Latina, cf. HENDERSON (1969, p. 29); ELDER (1968, p. 35); PELLIS (1997, p. 34).

⁶⁹ Cf. DIZARD, JR (2004, p.24).

⁷⁰ Segundo Arndt, (2005, p. 31) Rockefeller repete e potencializa o modelo de articulação entre propaganda, entretenimento, cooperação e interesses econômicos americanos, iniciada pelo CPI de Creel. Ele também chama Ivy Lee, ex-assessor de relações públicas do CPI para assessorá-lo. Assessoria de Lee também citada em TOTA (2000, p. 47).

⁷¹ Sobre o perfil de Nelson Rockefeller, a maioria dos livros sobre diplomacia pública e história da USIA descrevem esse mesmo perfil. Desde os mais recentes, como DIZARD JR. (2004, p. 9); ARNDT (2005, p. 31); CULL (2005, p.12) e REICH (1996); até os mais antigos, como HENDERSON (1969, p.30); GELLMAN (1979), NINKOVIC (1981, pp. 35-36) e ELDER (1968, p.34). Na bibliografia brasileira, destacam-se os historiadores já citados MOURA (1987) e TOTA (2000). Outras referências americanas que se dedicam especificamente sobre Nelson Rockefeller e o Brasil são COBBS (1992) e COLBY; DENNETT (1998).

educacional (a Rockefeller, como já observado, era uma das principais fundações americanas); a experiência na direção de grandes empreendimentos, como o Rockefeller Center, o maior centro empresarial do mundo de então.

Em 16 de agosto de 1940, foi criada a primeira das agências americanas de informação que surgiriam no âmbito da 2ª Guerra, o *Office of the Coordinator of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*, chefiado por Nelson A. Rockefeller⁷². O Birô, uma agência semi-independente do Departamento de Estado⁷³, era responsável por articular a informação, a cultura, os interesses econômicos e a cooperação na América Latina durante a guerra⁷⁴.

Diante da iminência da entrada dos EUA na 2ª Guerra, o Birô de Rockefeller propunha uma agenda unilateral que cumprisse seus objetivos no curto prazo. Seus métodos, portanto, deveriam ser apropriados para o cumprimento desses objetivos. Em reunião do Departamento de relações culturais do Birô, em setembro de 1940, Rockefeller deixava claro que a boa vizinhança não era o foco naquele momento, mas sim impor uma interpretação norte-americana, unilateral, na América Latina: “a grande ênfase deve ser na interpretação dos EUA para América Latina e não o contrário”⁷⁵

Naquele momento, a cultura era vista como uma arma estratégica para a defesa americana. Para Rockefeller, defender a primazia das ideias americanas no continente era tão importante quanto evitar uma invasão militar: “imperialismo intelectual, o imperialismo das ideias era, naquele momento, tão ameaçador quanto o risco à segurança e à defesa do hemisfério, da possibilidade de uma invasão militar.”⁷⁶

⁷² Cf. ELDER (1968, p. 34). Esse mesmo órgão, depois chamado de *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (CIAA) e depois de *Office of Inter-American Affairs* (OIAA) será chamado ao longo desta tese de Birô, de acordo com a denominação adotada por Gerson Moura (1987), mais antigo estudo brasileiro sobre as ações do Birô de Rockefeller no Brasil a que tive acesso.

⁷³ A caracterização do Birô como semi-independente do Departamento de Estado foi feita por Dizard Jr. (2004, p.24).

⁷⁴ Cf. HENDERSON (1969, p. 30). Segundo Arndt (2005, p. XVIII), até 1938 o Estado norte-americano só participava de 5% das ações do total do intercâmbio cultural na América Latina, até então uma via de mão dupla (“*free-flowing, two-way cultural relations*”). A partir da criação do Birô, esse quadro mudaria.

⁷⁵ Cf. NINKOVIC (1981, p. 36): [CIAA Policy Board minutes, 27 September 1940, Papers of William Benton, privately held, Box 5712; Minutes of meeting in Charles Thomson's office, 30 September 1940, in ACLS MSS, Box B-95]. Cf. trecho original em **Transcrição 121** em Transcrições (tradução nossa).

⁷⁶ Cf. Id. [U.S., *Office of Inter-American Affairs, History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (Washington, D.C.: Government printing office, 1947), p. 7n; U.S., Congress, House, Subcommittee of the Committee on Appropriations, *Hearings, Second Deficiency Appropriation Bill for 1941*, 77th Cong., 3rd sess., 1940, pp. 684-92.]. Cf. trecho original em **Transcrição 122** em Transcrições (tradução nossa).

Assim como fazia o CPI, o Birô, que tinha seu comando central em Washington D.C., operava por meio dos postos locais (USIS) localizados nas embaixadas e consulados. Além disso, da mesma forma que o comitê de Creel, o Birô incentivou a criação de centros binacionais⁷⁷, em aliança com comunidades locais pró-EUA, multiplicando o número de bibliotecas⁷⁸ para promover os EUA politicamente e a reforçar os interesses das empresas americanas.

Com isso, durante a sua existência, o Birô de Rockefeller multiplicou exponencialmente o seu orçamento e pessoal, passando dos iniciais US\$ 3,5 milhões para US\$ 144 milhões no período até 1944⁷⁹, chegando a ter 1100 funcionários nos Estados Unidos e 200 no exterior⁸⁰. Só para o ano de 1945, o orçamento era de US\$ 30 milhões, dez vezes maior que o orçamento anual de 1940⁸¹.

Por trás do aumento das atividades culturais do Birô, obedecendo ao padrão das ações de informação americanas desde Creel, estavam os interesses econômicos na região. E em época de conflito, garantia o abastecimento⁸² das matérias-primas necessárias para a Guerra.

O programa de centros binacionais, de responsabilidade do Birô, foi gerido localmente por uma organização da sociedade civil (o que também faz parte do perfil das ações de informação norte-americana) o *American Council of Learned Societies* (ACLS), de julho de 1942 a junho de 1943.⁸³ O ACLS teve dificuldade para encontrar pessoal local que falasse inglês e dedicou seus primeiros esforços para qualificação dos funcionários da região e na criação dos acervos de materiais didáticos e equipamentos para bibliotecas locais.

⁷⁷ Para Cull, (2005, p. 12), o centros binacionais foram irradiadores da política unidimensional de informação do Birô, que mesclava interesses comerciais e projetos culturais já existentes, partindo da América Latina para o mundo. Arndt (2005, p. 10) também vê na capilaridade e modo de agir dos centros binacionais, uma das principais heranças do Birô de Rockefeller para o esforço ideológico americano no mundo a partir de então. (trecho completo, de Cull e Arndt, respectivamente, em **Transcrições 19 e 20**, em Transcrições). Segundo Dizard Jr. (2004, p. 181), o primeiro centro binacional no Brasil, no modelo do que seria replicado depois, foi fundado no Rio de Janeiro, em 1937, antes mesmo da criação do Birô.

⁷⁸ Arndt, (op. cit, p. 85) nota que a experiência latino-americana com bibliotecas do Birô (inspirada em ação anterior de Creel) também reforçou o caminho para as futuras bibliotecas da USIA no mundo todo (Cf. trecho completo em **Transcrição 21**, Transcrições).

⁷⁹ Cf. COLBY; DENNETT (1998, p. 143).

⁸⁰ Cf. COBBS (1992, p.39); MOURA (1987, p. 10).

⁸¹ Cf. ARNDT (Id., p. 90).

⁸² Para Colby; Dennett (1998, p. 143), o glamour das turnês de artistas e exposições do Birô, que cresciam sem parar, era uma cortina de fumaça que ocultava a agenda norte-americana de “arrastar a América Latina para a matriz econômica dos programas de abastecimento de guerra executados por lideranças empresariais”. Cf. **Transcrição 22** (Transcrições). Tota (2000, p. 57) comenta que Rockefeller convenceu as grandes empresas americanas a patrocinarem as atividades do Birô, mesmo sem ter o que vender. Tota (2000, p. 82) também descreve o interesse americano na borracha brasileira para o seu uso durante a 2ª guerra.

⁸³ Cf. **Documento 14**.

A partir de julho de 1943, a divisão de relações culturais do Departamento de Estado começou a gerir o programa de centros binacionais na América Latina (depois chamado de *Cultural Centers Program*), custeando cerca de 20% das despesas operacionais dos centros (US\$ 42.700). O restante (80%) era bancado por contribuições e financiamentos locais, como mensalidades e aulas de inglês, cobradas dos alunos. Em 1946, o programa já contava com 27 centros culturais no continente e o governo norte-americano pagava o salário de 20 diretores e 27 professores de inglês, arcando com cerca de US\$ 110 mil em salários e de US\$ 50 mil em materiais, por ano.

O Birô de Rockefeller tinha dois principais eixos de ação⁸⁴: o eixo de propaganda, desempenhada pela divisão de publicações e informação⁸⁵; e o eixo de cooperação hemisférica⁸⁶, desempenhada pelas divisões de alimentação e de saúde⁸⁷. Da mesma maneira que havia pensado Creel, o Birô também se utilizou dos métodos de relações públicas e pesquisa de mercado (estudos qualitativos e quantitativos), práticas utilizadas pelas agências de propaganda para atingir os mercados latino-americanos.⁸⁸

No comando da divisão de informações estava o jornalista Frances Jamieson⁸⁹, responsável pelas equipes⁹⁰ que produziam material para jornais e revistas. Além de

⁸⁴ Cf. COBBS (1992, p. 39).

⁸⁵ Como cunhado por Creel, o termo informação para designar as atividades de propaganda aparecia nesse momento com a mesma conotação. Tota (2000, p. 55) também fala sobre a preocupação dos “altos funcionários” do Birô em não usar o termo “propaganda”.

⁸⁶ Para Dizard Jr. (2004, p. 10), ações de cooperação do Birô em áreas como a habitação e construção de estradas serviram como modelo para os programas de cooperação internacional do pós-guerra, como a USAID. Cf. **Transcrição 23** (Transcrições).

⁸⁷ Segundo Moura (1987, p. 10), o Birô tinha uma estrutura com quatro divisões: a de comunicações (que englobava rádio, cinema, imprensa, viagem e esportes); a divisão de relações culturais (que lidava com arte, música, literatura, publicações, intercâmbio e educação); a divisão de saúde (principalmente saneamento) e divisão comercial/financeira (para exportação, transporte, finanças e desenvolvimento). Para Tota (2000, p. 51) o Birô tinha três divisões (comercial/financeira, comunicações e relações culturais).

⁸⁸ Cobbs (1992, p. 42) comenta que Rockefeller adotou técnicas da publicidade se utilizando sempre de estatísticas, gráficos, tabelas e projeções como métodos de seu trabalho. Cf. **Transcrição 24** (Transcrições). Segundo Tota (2000, pp. 60, 61) Rockefeller buscou auxílio de George Gallup e seu instituto para pesquisas na região. Arndt (2005, p. 89) comenta que Rockefeller coordenava as atividades de pesquisa com as de “inteligência”, usando informações estratégicas para atividades de contra-informação (*grey propaganda*). Cf. **Transcrição 25** (Transcrições).

⁸⁹ Jamieson era jornalista premiado, ganhador do prêmio Pulitzer. Seu trabalho na divisão de informação do Birô inspirou o modelo seguido no *Office of War Information* e mais tarde a USIA. Cf. COBBS (op.cit., p.39); Cf. TOTA (op. cit., p. 55).

⁹⁰ A divisão de informações contava também como uma equipe de pesquisa. Moura (op. cit., p.33) cita como fundamental o trabalho do historiador de relações internacionais, o americano Dr. Charles Chandres, que “mediante intensa atividade de pesquisa, palestras e publicações tornou possível o desenvolvimento do tema de que as relações brasileiro-americanas não eram um expediente de momento, mas tinham razão em muitos anos de história”. O Birô, como será visto mais adiante, também financiou o intercâmbio de jornalistas e escritores brasileiros e americanos. Tota (2000, p. 56) cita que mais de 200 jornalistas trabalharam na divisão nos EUA, entre eles os brasileiros Orígenes Lessa, Marcelino de Carvalho, Raimundo Magalhães e Carlos Cavalcante.

publicações próprias, o Birô também traduzia e adaptava exemplares semanais do *New York Times*⁹¹, além da *Reader's Digest* (revista *Seleções*)⁹² para o público latino-americano.

Entre as publicações de mais sucesso estava o “*Em guarda*”, que chegou a alcançar uma circulação mensal de 500 mil exemplares na América Latina (só no Brasil, em 1943, a tiragem era de 658 mil folhetos, sendo que os estudos do Birô apontavam que cada cópia era lida por cinco leitores, em média)⁹³. O sucesso foi tanto que as revistas “*Em Guarda*” eram roubadas das caixas de correio para serem lidas. A Alemanha, sem o mesmo sucesso, tentou fazer uma versão da revista, mas com uma visão pró-germânica e antiamericana, que se chamava “*De Guarda*”⁹⁴.

Para garantir uma relação privilegiada com os proprietários de jornais no Brasil, o Birô facilitou e incentivou o trabalho daqueles jornais que se mostravam pró-americanos. O Birô subsidiou e facilitou as importações de papel jornal, que estava escasso por conta da Guerra, para as empresas brasileiras. Além de romper as barreiras de importação, o papel jornal era garantido aos pró-EUA, sendo levado por navios americanos.⁹⁵

O Birô também produziu programas de rádio próprios para a América Latina, principalmente com atenção para as transmissões em ondas curtas, com treinamento de radialistas latino-americanos em conjunto com emissoras de rádio americanas e parcerias com estações da região⁹⁶. Os programas produzidos pelo Birô combinavam informação (pró-americana) e entretenimento, formando o modelo que seria adotado pela rede e canais *Voice of America*.⁹⁷

Moura descreve com detalhes os programas de rádio do Birô no Brasil:

... a seção de rádio do Birô no Rio de Janeiro podia orgulhar-se em 1943 de distribuir programas de notícias para 92 estações de rádio brasileiras. Um sem-número de programas ouvidos pelos brasileiros em seus rádios provinha do Birô. Era o caso de “A Marcha do Tempo”, “Rádio Teatro”, “Canções da

⁹¹ Cf. COBBS (1992, p.39).

⁹² Cf. MOURA (1987, p. 34); TOTA (2000, p. 59).

⁹³ Cf. MOURA (Op. cit., p. 35). O “*Em Guarda*” era uma versão da revista *Life*, para o público latino. Segundo Arndt (2005, p. 83), Rockefeller mobilizou Henry Luce (proprietário da *Time*, *Life*, *Sports Illustrated*, entre outras revistas) e os editores da *Life*, para ajudar na produção da “*Em Guarda*”.

⁹⁴ Cf. CULL (2005, pp. 12, 13). Tota (2000, p. 56) comenta que o nome inicial proposto para a revista seria “*Em Marcha*”, mas vetada pelo secretário de Estado Cordell Hull por parecer muito agressiva, e assim foi chamada de “*Em Guarda*”, que passava a ideia menos violenta.

⁹⁵ Segundo Colby; Dennett (1998, p. 142), mais de 1.200 donos de jornais da América Latina foram beneficiados com o papel jornal americano.

⁹⁶ Cf. COLBY; DENNETT (1998, p. 141); TOTA (Op. cit., pp. 73, 78); DIZARD JR. (2004, p.24); CULL (2005, pp. 12, 13).

⁹⁷ Cf. DIZARD JR. (Op.cit., pp. 10, 24).

América”, “Espírito da Vitória” e “Sim ou não”. O programa “A marcha da Guerra” entremeava comentários informais às principais notícias do dia, além de entrevistar altas autoridades sobre a “perspectiva brasileira” a propósito da marcha da guerra. Novidades naquele mesmo ano de 1943 foram: “Família Borges” (que colocava uma família brasileira nos Estados Unidos observando o estilo americano); “Barão Eixo” (que procurava responder à propaganda de rádio de Berlim, transmitida para o Brasil); e “O Brasil na guerra” (acentuando a contribuição brasileira aos Aliados).⁹⁸

Em trabalho conjunto com os grandes estúdios de Hollywood, que tinham suas salas de cinema próprias na América Latina, o Birô conseguiu impedir a exibição de filmes e cinejornais italianos e alemães nestas salas, os substituindo pelos *newsreels* e filmes próprios. Para isso, produziu conteúdo próprio com grandes diretores de Hollywood em filmes e documentários⁹⁹ que mostravam o lado positivo dos Estados Unidos e características comuns dos países do continente.¹⁰⁰

Em 1941, o Birô (em conjunto com o estúdio RKO) contratou Orson Welles para um documentário que demonstraria a amizade entre os povos das Américas, mas esse nunca fora finalizado.¹⁰¹ Em 1942, foi lançado um dos exemplos mais citados desse esforço de guerra em Hollywood, a animação “Alô Amigos”, produzida pelo Birô e realizada por Walt Disney. É quando surge o personagem Zé Carioca, que apresenta o Brasil ao marinheiro americano Pato Donald.¹⁰²

Por fim, Rockefeller, em trabalho conjunto com museus americanos e o Departamento de Estado¹⁰³, também organizou turnês artísticas e intercâmbios de músicos, artistas modernos e intelectuais americanos e latino-americanos.

⁹⁸ Cf. MOURA (1987, p. 21).

⁹⁹ Alguns dos documentários do Birô estão disponíveis na Internet. Um exemplo é o filme feito sobre a pujança do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=InWifglIkQ0&eurl=http://columistas.ig.com.br/flaviogomes/&feature=player_embedded> Acesso em 11 out. 2014.

¹⁰⁰ Cf. COLBY; DENNETT (1998, p. 141). Tota, (2000, pp. 63 a 73), também descreve as relações do Birô em produções de Walt Disney, Frank Capra e Orson Welles, além dos *newsreels*.

¹⁰¹ Cf. DIZARD JR. (2004, p. 167). O documentário “*It’s All True*”, de 1993, dirigido por Richard Wilson, Bill Krohn e Myron Meisel, conta a saga de Welles no Brasil e a importância disso em sua carreira subsequente. Tota, (Op. cit., p. 71), também descreve o trabalho de Welles no Brasil, tanto na produção de seu filme, quanto em programas de rádio.

¹⁰² Mais sobre o Zé Carioca e a política de boa vizinhança na dissertação de Herz, (1986) e também em Tota (Op. cit., p. 72), que data a exibição de “Alô Amigos” em 1943. Entre autores estrangeiros podemos citar menções em Cobbs, (1992, pp. 39-40), Cull, (2005, pp. 12-13).

¹⁰³ Cf. COBBS (1992, pp. 39-40); CULL, 2005 (pp. 12-13). Segundo Dizard Jr., (2004, p. 10), esse intercâmbio artístico do Birô, impulsionado por Nelson A. Rockefeller, também criou importante precedente para o que a USIA viria a fazer. Cf. **Transcrição 26** (Transcrições).

No entanto, apesar de pioneiro, o Birô não foi a única frente de trabalho na área da informação americana no exterior. Com a iminência da entrada dos EUA na Guerra, o Presidente Roosevelt criou diferentes Departamentos que posteriormente também se mesclariam e viriam a ser importantes influências para o trabalho a ser retomado pela USIA no pós-2ª Guerra.

Em julho de 1941, Roosevelt nomeou William B. Donovan como coordenador de informação de seu governo e cria, abaixo dele, o *Foreign Information Service* (FIS), chefiado por Robert E. Sherwood.¹⁰⁴ Em 1941 foi criado, no Departamento de Estado, o *Office of Facts and Figures* (OFF)¹⁰⁵, comandado por Archibald Macleish, para organizar as pesquisas e ser um *think-tank* para pensar, a longo prazo, a defesa (também ideológica) do país durante e para o pós-guerra.

Um pouco mais de dois meses após o ataque a Pearl Harbor¹⁰⁶, em 24 de fevereiro de 1942, o *Voice of America* (VOA)¹⁰⁷ começou a ser transmitido em ondas curtas, começando a levar a versão do governo americano da história¹⁰⁸ para todas as partes do mundo.

Em 13 de junho de 1942, Roosevelt criou o *Office of War Information* (OWI), que ficou responsável por idealizar e difundir as informações, interna e externamente, com exceção da América Latina, que para isso tinha o Birô. Para o comando do OWI, que contava com 26 postos USIS na Europa, África e Leste asiático¹⁰⁹, Roosevelt nomeou Elmer Davis, escritor, acadêmico e radialista da CBS. Como seu assessor e substituto (*deputy*), Davis escolheu Milton Eisenhower, que já havia sido responsável pelo Departamento de Informação do Ministério da Agricultura nos anos 1930.¹¹⁰ O FIS, criado um ano antes, passa a ser o braço estrangeiro do OWI, e continuou a ser chefiado por Sherwood¹¹¹. O OWI também acabou absorvendo o *Office of Facts and Figures*, de MacLeish.

¹⁰⁴ Cf. ELDER (1968, p. 34); HENDERSON (1969, p. 30).

¹⁰⁵ Cf. HENDERSON (Id.); Arndt, (2005, p. 87) destaca a participação de acadêmicos importantes como Harold Lasswell (cientista político e estudioso da Teoria da Comunicação), o historiador Arthur Schlesinger, entre outros, no *Office of Facts and Figures*, durante a 2ª Guerra.

¹⁰⁶ Que ocorreu em 7 de dezembro de 1941.

¹⁰⁷ Segundo Henderson (1969, p. 31), o VOA já era transmitido pela emissora WRUL anteriormente, mas o seu começo efetivo é considerado a partir de fevereiro de 1942. Segundo Elder (1968, p.34), Robert Sherwood, chefe do FIS, participou da primeira transmissão do VOA.

¹⁰⁸ Cf. PELLIS (1997, p. 34).

¹⁰⁹ Cf. HIXSON (1997, p. 2); PELLIS (Id.); TOTA (2000, p. 84).

¹¹⁰ Cf. ARNDT (2005, p. 87).

¹¹¹ Cf. ELDER (1968, p.34).

O OWI adaptou algumas das atividades já realizadas pelo Birô para as realidades dos outros continentes e, sobretudo, para o público interno. Esse gabinete trabalhava em consonância com Hollywood, visando mobilizar o público interno semanal de 80 milhões de pessoas¹¹² nos cinemas americanos. Externamente fortaleceu, principalmente, o VOA¹¹³.

Além disso, tanto o OWI quanto o Birô, em parceria com o Departamento de Estado, fortaleceram ainda mais o intercâmbio de intelectuais, formadores de opinião e lideranças locais¹¹⁴, principalmente as que se mostravam independentes ou resistentes em apoiar a causa americana. O Departamento de Estado oferecia um programa de 3 semanas de intercâmbio a estrangeiros com esse perfil (o *Exchange of Persons Program*).

Relatórios e estudos internos, como o produzido por Leo Bogart¹¹⁵, comentam que o foco do programa era convencer estrangeiros formadores de opinião que ainda não haviam se decidido se eram pró-americanos. Mas, em relação aos estrangeiros cultos e com espírito crítico, o programa poderia provocar o efeito contrário, já que esses poderiam notar as verdadeiras intenções do governo. Outro efeito negativo seria, caso houvesse a americanização, a rejeição do formador de opinião em seu país de origem, pois poderia ser visto pelos seus conterrâneos como “americanizado” ou “comprado”.¹¹⁶

Entre os brasileiros, de 1941 a 1944, lideranças em várias áreas foram “premiadas” com a bolsa de intercâmbio da política de boa vizinhança. Estiveram nos EUA em 1941, entre outros: Jorge Americano (promotor público, deputado, que assumia a reitoria na Universidade de São Paulo naquele mesmo ano); Sergio Buarque de Hollanda (historiador); Pedro Calmon

¹¹² Hixson (1997, p.2) comenta que foi formada uma aliança entre o OWI e Hollywood para justificar e ganhar legitimidade para o esforço de guerra. Cf. Trecho completo em **Transcrição 27** (Transcrições).

¹¹³ Bogart (1995, p. xiii) vê nas ações do OWI, de Davis, uma clara inspiração do CPI de Creel, e nas ações britânicas durante a 2ª Guerra. Segundo Bogart, o VOA também foi criado com base nas transmissões externas da BBC. Para ele, a doutrina de propaganda americana do “*Truth is our weapon*”, só acabaria com os comunicados de imprensa do Pentágono para a guerra do Vietnã, durante o governo Johnson, que não tinham preocupação de informar ou justificar moralmente as ações norte-americanas.

¹¹⁴ Para Arndt (2005, p. 92), a atração de líderes estrangeiros é política americana desde a Conferência Inter-Americana de 1885, e que se reforça principalmente a partir de 1938. Segundo o autor, esta atividade tem caráter unidimensional: os estrangeiros vão aos Estados Unidos para aprender, os americanos vão aos outros países para ensinar.

¹¹⁵ Em junho de 1953, o cientista social Leo Bogart coordenou um grupo de pesquisadores da Universidade de Columbia, a pedido da recém-criada USIA, para uma pesquisa qualitativa (com base em entrevistas dos funcionários e documentos) sobre as ações de informação norte-americanas até então. O estudo completo, disponível nos arquivos nacionais americanos (NARA/College Park), foi compilado e lançado como livro em 1997, com o título “*Cool words, cold war: a new look at USIA's premises for propaganda*”. Esses e outros estudos serão observados nos capítulos subsequentes.

¹¹⁶ Cf. BOGART (1995, p. 189). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 28** (Transcrições)

(advogado, na ocasião ex-deputado e futuro ministro de Dutra), e Érico Veríssimo (escritor e jornalista).¹¹⁷

Segundo o próprio Veríssimo, ele foi convidado pelo Departamento de Estado para passar 3 meses nos Estados Unidos, “para viajar, conhecer pessoas e coisas, e se necessário, fazer conferências (se não houver outro remédio)”¹¹⁸. O diário de bordo dessa experiência resultou no livro “Gato preto em branco de neve”.

Veríssimo, recebido e acompanhado por funcionários do Departamento de Estado¹¹⁹, encontrou escritores, artistas e intelectuais e fez palestras em universidades americanas. No geral, mostrou simpatia pelos programas sociais de Roosevelt (como o “*relief*”¹²⁰, que ajudava os desempregados a sustentarem suas famílias), se espantou positivamente com as grandes cidades¹²¹ e com políticos americanos (chamou o prefeito de Nova York, La Guardia, de “Pequeno Napoleão”¹²²), mas ao mesmo tempo demonstrou uma visão crítica à política de aproximação dos Estados Unidos com intelectuais estrangeiros.

Ao se hospedar em alojamento estudantil em Chicago, Veríssimo descreveu a experiência que teve na *International House*, assim como na nova-iorquina de *Riverside Drive* (financiada pela família Rockefeller), desconfiando da boa vontade americana e se solidarizando com outros bolsistas, na mesma situação:

Nesta casa, como na de Nova York, hospedam-se estudantes de várias partes do mundo. Tive esta manhã à minha mesa um escuríssimo doutor da Índia, uma moça de Kansas e um cabeçudo e pensativo filho do Iraque. Tenho a impressão que somos pobres “nativos”, afilhados duma senhora muito rica e caritativa – madrinha América – que nos dá prêmio de viagem, bolsas de estudo e matrículas gratuitas, para que sejamos sempre bons meninos. E por isso que eu me sinto um pouco parente daquela havaiana que ali está lendo ao pé da janela ogival, do mulato de São Domingo que agora atravessa o hall com ar desconfiado e daquele melancólico japonês que há vários minutos está brincando com a corrente do relógio, sob a luz duma lâmpada velada.¹²³

¹¹⁷ Cf. **Documento 26**.

¹¹⁸ Cf. VERÍSSIMO (1984, p. 43).

¹¹⁹ Quem o recebe nos Estados Unidos é um funcionário do Departamento de Estado que falava português, Richard Patee, segundo Veríssimo (1984, p. 45) “um tipo saudável e simpático”.

¹²⁰ Cf. VERÍSSIMO (Op. cit., p. 214).

¹²¹ Veríssimo (1984, p. 46) ao descrever a 5ª avenida, em Nova York, teve um impacto positivo: “Lanço um olhar rápido para a perspectiva da mais famosa avenida do mundo: um enorme cânion a fugir para o céu lírico: as calçadas fervilhantes duma humanidade ativa e sortida: a rua coalhada de veículos em movimento”.

¹²² Cf. (Id., Ibid., p. 192).

¹²³ Cf. (Id., Ibid., p. 251).

Ao final da viagem, Veríssimo encontrou o escritor, jornalista e historiador Hendrik W. Van Loon, holandês naturalizado americano, que também apresentava diagnóstico crítico da política de boa vizinhança:

Boa vizinhança é besteira – diz ele. – Você acredita em goodwill e em todas estas bobagens? Se você gosta de mim, vem à minha casa, conversa comigo, come à minha mesa e amanhã eu faço o mesmo na sua casa. Tudo isso natural, sem discursos ou publicidades. Passamos a vida inteira ignorando a América do Sul. E agora, de repente, toca a fazer boa vizinhança a todo vapor! É ridículo.¹²⁴

Veríssimo acaba voltando aos Estados Unidos, de 1943 a 1944, também com uma bolsa do Departamento de Estado para intercâmbio de acadêmicos, como professor visitante de literatura brasileira, na Universidade da Califórnia. Esse segundo período nos Estados Unidos é descrito no seu segundo livro sobre sua estada naquele país: *A Volta do Gato Preto* (escrito em 1947).

De 1942 a 1944, fizeram parte do programa de intercâmbio, entre outros brasileiros: o compositor Francisco Mignone; o historiador Dante de Laytano; a escritora Nilda Bethlen; um dos primeiros geneticistas brasileiros e um dos fundadores da USP, André Dreyfus; o médico Heitor Froes; as assistentes sociais Maria Kiehl e Maria Junqueira Schmidt e os jornalistas Sérgio Milliet e Francisco de Assis Chateaubriand (que dispensa apresentações).¹²⁵

Entre as figuras de destaque no Brasil, Heitor Villa-Lobos se apresentou no Panamá, em Cuba e nos Estados Unidos, com apoio do Birô e do Museu de Arte Moderna de Nova York (administrada pelos Rockefeller)¹²⁶, regendo a orquestra americana de Werner Janssen. A exibição de Villa-Lobos com a sinfônica de Janssen teve a sua apresentação no auditório filarmônico de Los Angeles transmitida por rádio (em ondas curtas) para todo o continente e também devidamente registrada em fotos e filmes, exibidos por todo continente.¹²⁷

No Brasil, apesar de muitas críticas às missões de boa vizinhança (como a citada por Veríssimo, ou até na fala do ministro Oswaldo Aranha, epílogo do subcapítulo), alguns intelectuais americanos deixaram impressões positivas no país. Segundo Moura (1987, p. 50):

¹²⁴ Cf. VERÍSSIMO (1984, p. 176).

¹²⁵ Cf. **Documento 26**.

¹²⁶ Id. Interessante notar que, nos documentos de organização da turnê de Villa-Lobos se revezavam cartas timbradas do Birô com cartas registradas do Museu de Arte Moderna de Nova York, sobre os mesmos assuntos.

¹²⁷ Cf. **Documento 25**. A apresentação em Los Angeles ocorreu em 19 de novembro de 1944.

É claro que havia exceções louváveis entre os que vieram ao Brasil e não usavam os óculos do preconceito e do utilitarismo empresarial ou político. Cientistas sociais como Herskowitz e Wagley produziram nessa época textos relevantes sobre o Brasil, discrepando frequentemente da visão primária e utilitária que fluía dos escritos oficiais do governo americano.

No período de 1940 a 1946, entre os acadêmicos americanos que vieram ao Brasil (na maioria das vezes também com bolsas de 3 a 4 meses de duração e estágios em alguma universidade brasileira), sete ficaram na Universidade do Brasil (Rio de Janeiro), cinco na Universidade de São Paulo, dois na Escola de Sociologia e Política de São Paulo e um na Escola Paulista de Medicina. No total, vieram ensinar no Brasil 15 professores, enquanto apenas um professor brasileiro esteve nos EUA com a mesma função.¹²⁸

No mesmo período, o total de estudantes/lideranças brasileiros que estiveram nos EUA para “aprender” foram 59, enquanto estiveram no Brasil seis estudantes/lideranças americanas.¹²⁹

Mesmo com toda possível crítica dos intercambistas, os programas de atração de lideranças e intelectuais estrangeiros alcançaram os seus objetivos e trouxeram ganhos imediatos aos Estados Unidos. Alguns dos intelectuais que voltaram aos seus países ficaram com boas impressões do país, outros ficaram nos Estados Unidos e chegaram a trabalhar com o Departamento de Estado, OWI e OSS, no esforço de guerra (inclusive no pós-guerra)¹³⁰.

O próprio Secretário de Estado norte-americano, William Benton, em 1945, alertava para a importância dos programas de intercâmbio no início da era atômica:

O intercâmbio de competências, conhecimento, estudantes, cientistas e outros especialistas é uma ideia relativamente nova e portanto, para alguns, heterodoxa. Não devemos limitar nossas mentes por causa disso. Nós devemos, ao contrário, com o desenvolvimento da bomba atômica e outras armas de destruição aterrorizadoras, fazer nossas apostas pequenas e discretas em medidas de longo prazo, que contenham alguma possibilidade concreta para garantir que o mundo possa viver junto, em paz e entendimento.¹³¹

¹²⁸ Cf. **Documento 27**, p. 4. Até 1946, o único professor brasileiro nos EUA foi Érico Veríssimo. De 1946 a 1948, outros três professores brasileiros deram aulas em universidades americanas.

¹²⁹ Id., p. 3.

¹³⁰ Pells (1997, p. 30) cita a contribuição de intelectuais franceses e europeus no combate ideológico da 2ª Guerra e no início da Guerra Fria, além de outros campos, como até a concepção e produção da bomba atômica, com o OSS, o OWI e o Departamento de Estado. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 30** (Transcrições).

¹³¹ Cf. **Documento 27**: p. 13, “*BULLETIN of Oct. 21, 1945, p. 591*”. Trecho original em **Transcrição 123** em Transcrições (tradução nossa).

Mas nem só de cooperação cultural e acadêmica se baseava a política de informação americana. O batalhão americano formado por Roosevelt para o “*psychological warfare*” durante a 2ª Guerra, formado pelo Departamento de Estado, o Birô e o OWI, era complementado pelo *Office of Strategic Services* (OSS), criado em junho de 1942 e responsável por implementar as ações de inteligência¹³² e de *black propaganda*¹³³, principalmente no fronte europeu.

Segundo a terminologia dos próprios agentes, a *black propaganda* é a realizada sem assinatura do governo, ou com uma autoria fictícia/errônea, com objetivo de confundir, ou ludibriar o público a ser atingido. Para Bogart, o OSS era especialista nisso: “'Guerra Psicológica' (*Psychological Warfare*) voltada contra o inimigo – incluindo 'black' propaganda (clandestina) no rádio – foi conduzida pelo *Office of Strategic Services*”¹³⁴.

Arndt vê que, a partir de 1942, as atividades de *black propaganda* foram incorporadas definitivamente à maneira americana de fazer política de informação: “relações culturais ainda estavam intactas quando, em 1942, as pressões da guerra e um perspicaz Nelson Rockefeller começaram a enlamear as águas (...) Até o final do século vinte, a ideia de uma diplomacia cultural americana independente foi gradualmente se corroendo”¹³⁵.

Quem comandava o OSS era o advogado e herói da 1ª Guerra, William D. Donovan, conhecido como “*Wild Bill*” Donovan¹³⁶, o mesmo que tinha sido nomeado por Roosevelt como Coordenador de Informação em setembro de 1941. Durante a 2ª guerra o OSS chegou a ter mais de 12 mil agentes em cinco frentes simultâneas de batalha.¹³⁷ Hixson, citando um ex-funcionário de Donovan, exemplificava o trabalho secreto que era feito pelo OSS: “Bill Donovan', como um colega lembrou, é o tipo do cara que não pestanejava em descer de

¹³² Segundo Arndt (2005, p. 87), entre outras atividades o OSS formou uma equipe de pesquisadores sociais e historiadores, comandada pelo chefe do Departamento de História de Harvard, William L. Langer, para “melhor entender os inimigos”.

¹³³ Como será visto no segundo capítulo, a USIA no Brasil também se utilizou de artifícios parecidos.

¹³⁴ Cf. BOGART (1995, p.xiii). Trecho original em **Transcrição 124** em Transcrições (tradução nossa).

¹³⁵ Arndt, (2005, p. xii) foi funcionário da USIA durante décadas. Trecho original em **Transcrição 125** em Transcrições (tradução nossa).

¹³⁶ Cf. **Documento 28**. Segundo Dizard Jr. (2004, pp. 9-13), “*Wild Bill*” foi autorizado pela Casa Branca para realizar operações secretas e não ter que justificar gastos para suas ações, de acordo com o modelo de “*black operations*”, observadas por Donovan em Londres.

¹³⁷ Cf. **Documento 28**.

paraquedas na França, explodir uma ponte, urinar em um tanque de gasolina da *Lutwaffe*, e depois dançar na cobertura do Hotel *St. Regis* com uma espiã alemã."¹³⁸

A profusão dos Departamentos de Informação do Governo durante a 2ª Guerra causou uma certa confusão¹³⁹ de competências e criou a necessidade de coordenação das múltiplas ações. Donovan, após perder batalha interna no governo para Rockefeller¹⁴⁰, na América Latina, manteve a ação do Departamento local do OSS somente para informar o FBI e Birô sobre simpatizantes do Eixo na região, em ações conjuntas de contrainformação ou apoiando financeiramente as ações de propaganda realizadas pelo Birô.¹⁴¹

Em 1943, as atividades culturais do Birô foram transferidas para o Departamento de Estado¹⁴², e no começo de 1944 Nelson Rockefeller¹⁴³ também se muda para lá (como *Assistant Secretary of State for American Republic Affairs*)¹⁴⁴.

Em janeiro de 1945, Archibald Macleish assumiu o primeiro cargo de *Assistant Secretary of State for Public and Cultural Affairs*, órgão do Departamento de Estado que, com o fim da guerra, absorveu as atividades de informação do Birô, do OSS e do OWI¹⁴⁵ e começou a transição para o novo governo após a morte de FDR¹⁴⁶.

¹³⁸ Cf. HIXSON (1997, p. 3); Trecho citado original em **Transcrição 126** em Transcrições (tradução nossa). Trecho selecionado em Transcrição 30 (Transcrições).

¹³⁹ Henderson (1969, p. 31), descreve o atrito entre as primeiras ações dos diversos Departamentos comandados por Donovan (o OFF, Office of Government Reports, o FES) que levaram à reorganização interna e a criação do OWI (órgão independente de Donovan, inspirado no CPI de Creel) e do OSS. Ainda segundo Henderson, o Birô se manteve com autonomia na América Latina.

¹⁴⁰ Cf. COLBY; DENNETT (1998, p. 143). A relação entre Birô e OSS (Rockefeller e Donovan) também é desenvolvida em Tota, (2000, p. 85).

¹⁴¹ Cf. COLBY; DENNETT (Op. cit., p. 143).

¹⁴² Cf. ELDER (1968, p. 35). Segundo Bogart, 1995, p. xiii, no começo de 1944 também é criado o *Office of Public Information* dentro do Departamento de Estado.

¹⁴³ Moura (1987), Cobbs (1992); Colby & Dennett (1998) são contribuições fundamentais para o estudo de Nelson Rockefeller no Brasil também no pós-2ª Guerra, na relação com lideranças e políticos brasileiros como Juscelino Kubitschek, com a criação da *American International Association* (AIA), a Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR) e o *International Basic Economy Corporation* (IBEC). Antonio Pedro Tota também lançou, no segundo semestre de 2014, um livro sobre Nelson Rockefeller no Brasil, no pós-guerra, intitulado "O amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil".

¹⁴⁴ Cf. CULL (2005, p. 13). Em seu lugar, como diretor do Birô, assume o arquiteto Wallace K. Harrison (que participou, entre outras realizações, dos projetos do Rockefeller Center e Lincoln Center, em Nova York). Sobre Harrison, sua bibliografia e obra, a Universidad de Columbia disponibiliza parte de sua história e acervo, disponível em <http://www.columbia.edu/cu/lweb/archival/collections/ldpd_3460617/> Acesso em 12 out. 2014.

¹⁴⁵ Macleish, ex-funcionário do Departamento de Pesquisa do OSS e Assistant Director do OWI durante a 2ª Guerra, ficou como Assistant Secretary of State for Public and Cultural Affairs até agosto de 1945. Para Arndt (2005, p. 102) Macleish absorveu o trabalho das três agências, mantendo as relações culturais e educacionais no exterior sob o controle do Departamento de Estado, proposta de Sumner Welles, e com apoio do Presidente. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 31** (Transcrições).

¹⁴⁶ FDR faleceu em 12 de abril de 1945 deixando o cargo para Harry S. Truman.

A mensagem propagada pelo Birô na América Latina mudaria no pós-guerra, mas os seus métodos se expandiriam para o mundo¹⁴⁷. Os objetivos da política externa norte-americana, com a nova configuração mundial que se formava, também mudariam, mas a política de informação, cada vez mais necessária e sofisticada, foi mantida e fortalecida. Com o fim da Guerra muitos dos funcionários e dos métodos aplicados pelo OSS também foram reaproveitadas na CIA, criada em 1947.¹⁴⁸

As diversas agências que se sucederam e reorganizaram as atividades de informação do Birô, do OWI e do OSS no fim e no imediato pós-guerra, prepararam o terreno para a ampliação das atividades de informação dos EUA, inclusive na América Latina e em especial no Brasil, com a formação da USIA, a partir de 1953.¹⁴⁹

2.3 Truman e a readaptação das estruturas da 2ª guerra para a Guerra Fria

Ao assumir a presidência em 12 de abril de 1945, com a 2ª Guerra em seu desfecho, Truman começou o desafio de fazer uma complexa transição¹⁵⁰ da política externa norte-americana para a configuração bipolar que se formaria no pós-guerra. As estruturas de informação dos EUA no exterior também passariam por essa mudança, mas com desdobramentos diferentes da que sofreram no pós-1ª Guerra: as agências acabaram, mas suas ações continuaram em novos Departamentos e órgãos criados.

Na sessão final da conferência de San Francisco¹⁵¹, Truman já apontava para a importância do intercâmbio de ideias e da criação de uma agência específica para esse fim, no âmbito da recém-criada Nações Unidas: “Nós temos que estabelecer uma agência permanente para o intercâmbio profundo e constante de pensamentos e ideias”¹⁵².

¹⁴⁷ Segundo Moura (1987, p. 88), os interesses americanos mudaram, passando de “colaboração hemisférica” para “defesa da civilização ocidental” e “mundo livre”, incorporando os métodos do Birô nas novas agências que foram criadas no pós-guerra.

¹⁴⁸ Cf. **Documento 28**. Nos últimos anos de vida, na década de 1950, Bill Donovan trabalhou na compilação e pesquisa profunda sobre atividades de espionagem norte-americana desde antes da sua independência como nação. Após a sua morte, em 1959, o acervo de Donovan, e de sua pesquisa, foi doado para a Universidade de Colúmbia, onde pode ser consultado.

¹⁴⁹ Segundo Elder (1968, p. 35), o Birô e o OWI são os verdadeiros pais da USIA.

¹⁵⁰ Haines (1989, p. xi), destaca o período de 1945 a 1954, como o grande momento de transição da política externa norte-americana.

¹⁵¹ Cf. **Documento 14**.

¹⁵² Discurso de Truman, de 26 de junho de 1945 em **Documento 14**. Trecho original em **Transcrição 127** em Transcrições (tradução nossa).

Internamente, o Presidente enfrentava uma forte pressão da sociedade e do Congresso norte-americano para acabar com as agências de informação. Mas ao contrário do que foi feito no pós-guerra anterior, Truman não acabou com a maioria das ações em andamento, e sim as adaptou para uma nova fase da política externa americana e mundial. Ao longo de seu governo, Truman readequou as agências de informação com base em um novo contexto internacional que se formava.

Como será visto mais detalhadamente a seguir, ao longo deste subcapítulo, os programas de informação dos EUA sofreram sucessivas modificações e ajustes durante os oito anos de Truman, processos que culminaram com a criação da USIA, em 1953. Os programas de informação durante o governo Truman podem ser divididos em quatro fases¹⁵³ (de 1945-1947, de 1947-1949, de 1950-1951 e de 1951-1953, cada uma com um responsável, com ênfases culturais e/ou informacionais e Departamentos diferentes).

Segundo Cull¹⁵⁴, a primeira fase, de 1945 a 1947, sob o comando do William Benton, que sucedeu Macleish como *Assistant Secretary of State for Public and Cultural Affairs* no governo Truman, se caracterizou pela luta interna para a continuidade das atividades de informação, justificando sua relevância para o contexto de Guerra Fria, que se formava, e passou de um órgão interino chamado *International Information Service* (IIS) para o *Office of International Information and Cultural Affairs* (OIC).

A segunda fase, de 1947 a 1949, sob o comando do *Assistant Secretary*, George V. Allen – já com algum apoio do governo, mas ainda sem contemplar uma política de informação em todos os seus aspectos (Allen enfatizava o intercâmbio cultural e educacional visando mais o longo prazo do que a propaganda a curto prazo¹⁵⁵) – o Departamento passou a se chamar *Office of International Information and Educational Exchange* (OIE).

A terceira fase, de 1950 a 1951 – já de consolidação de um programa de informação (com viés de propaganda) no exterior, que tem Edward W. Barrett como *Assistant Secretary* – é a de lançamento da *Campaign for Truth* de Truman, quando o Departamento passa a se chamar *United States Information and Education Exchange Program* (USIE). Essa fase, de consolidação interna da importância de um programa consistente de propaganda

¹⁵³ Será aqui adotada a divisão de fases e caracterizações gerais, feita por Cull (2005, pp. 22-23).

¹⁵⁴ Id. Cf. trecho completo em **Transcrição 33** (Transcrições).

¹⁵⁵ Em Arndt (2005, p. 292), Allen afirmava que as atividades culturais de longo prazo, como as bibliotecas americanas no exterior, tinham que existir, mesmo se a “conspiração comunista” não existisse. Para Allen, a principal arma de informação era a educação (nos moldes de Macleish).

anticomunista no exterior, já mostra o compromisso pessoal de Truman para com o tema. Além disso, a mudança do nome para USIE demonstra a volta da estrutura dupla de educação e informação nos moldes estabelecidos por Creel.

A quarta fase da política de informação do governo Truman, em 1952, após a valorização e estruturação do programa com a USIE, é marcada pelas pressões internas por um Departamento independente do Departamento de Estado em uma agência autônoma. Para isso, criou-se a *International Information Administration* (IIA, também chamada de USIIA), já com certa autonomia de ação, mas ainda não independente do Departamento de Estado burocraticamente.

Como se vê, portanto, o entusiasmo com um programa de informação no exterior não ocorreu de maneira automática dentro dos EUA. No imediato pós-2ª Guerra, assim como no fim da 1ª Guerra, houve uma forte pressão da opinião pública e do Congresso, para o fim dos programas de informação formados durante a Guerra. No entanto, Truman e uma parte da imprensa, além de uma parte minoritária do Congresso viam a necessidade da continuidade e da readequação desses escritórios para a nova realidade que se formava no período¹⁵⁶. Havia a necessidade de reajustar o foco, tanto interna quanto externamente, para a batalha ideológica anticomunista que se formara a partir de então.

Em abril de 1945 o Departamento de Estado contratou o professor de Ciência Política da Universidade de Columbia, Dr. Arthur W. Macmahon, para fazer um estudo sobre a readequação dos órgãos de informação no exterior, o qual ficou conhecido como “*Macmahon Memorandum*”. Após nove meses de pesquisa, ele recomendava que em tempos de guerra o Estado deveria preencher as atividades de informação que não eram feitas pela iniciativa privada. Nos tempos de paz, o setor público não deveria “competir” com o setor privado, e sim readequar os serviços nos postos locais para amplificar as notícias das agências privadas americanas e disponibilizar a essas os discursos e informações oficiais (para produção de programas de rádio e documentários informativos). Para o memorando o serviço nos Estados soviéticos (realizados pelo OWI) deveria continuar em tempos de paz.¹⁵⁷

Em 31 de agosto de 1945, duas semanas após o armistício com o Japão, as estruturas da 2ª Guerra começaram a ser readequadas e Truman determinou o fechamento do OWI¹⁵⁸,

¹⁵⁶ Cf. HIXSON (1997, p. 4).

¹⁵⁷ Cf. **Documento 33**, “*Release of Macmahon Memorandum on U.S. International Information Program.*”.

¹⁵⁸ Cf. CULL (2005, p. 22). Truman dissolveu o OWI por meio da *Executive Order no. 9608*.

transferindo algumas de suas funções ao Departamento de Estado, admitindo que “a natureza das relações internacionais contemporâneas torna essencial a manutenção das atividades de informação dos EUA no exterior, como parte integrante de nossa política externa”¹⁵⁹. Na mesma ocasião, Truman salientava a necessidade de defesa dos EUA diante dos ataques ideológicos de outros países, refletindo o progressivo *Red Scare* do período e propôs que os EUA formassem uma política que divulgasse a verdade americana no exterior.¹⁶⁰

A *Executive Order* 9608¹⁶¹ também acabou com o Birô e transferiu suas atividades ao mesmo Departamento de Estado, dentro do recém-formado *Interim International Information Service*¹⁶² (IIS), sob o comando do publicitário (e futuro senador) William Benton, nomeado *Assistant Secretary for Public Affairs*, em setembro de 1945, e responsável pela transição das políticas de “informação”. Benton defendia que o Departamento de Estado deveria centralizar todas as políticas de informação e começar a considerar as pesquisas de opinião na formulação da política externa, e não só na sua disseminação.¹⁶³

No mesmo ano, em dezembro, o recém-criado *National Security Council* (NSC)¹⁶⁴ também indicava a necessidade de uma nova coordenação dos órgãos de informação, no âmbito do Departamento de Estado, para fazer frente à propaganda soviética no mundo.¹⁶⁵ Além disso o *National Security Act* criou duas novas agências: o Departamento de Defesa e a *Central Intelligence Agency* (CIA), que incorporou as ações do OSS.

A eficiente experiência da política cultural dos Estados Unidos, na 2ª Guerra, influenciou as políticas americanas posteriores, que propunham “um Plano Marshall para o campo das ideias”¹⁶⁶, como a lei do senador Fulbright¹⁶⁷, que autorizava a utilização de

¹⁵⁹ Segundo Pells, (1997, p. 36), Truman transferiu as ações do OWI, entre elas a VOA (diminuindo o volume de suas transmissões) para o Departamento de Estado, sem muito prestígio, até que a Guerra Fria as ressuscitasse em importância. Cf. trecho completo em **Transcrição 34** (Transcrições). Trecho citado original em **Transcrição 128** em Transcrições (tradução nossa).

¹⁶⁰ Cf. HIXSON (1997, p.4). O autor também observa que Truman não buscava, ao menos no discurso, calar as informações vindas de outros países, mas dar ao mundo a versão do governo norte-americano dos fatos. E, para isso, novos órgãos de informação deveriam ser criados. Cf. trecho completo em **Transcrição 35** (Transcrições).

¹⁶¹ Cf. ELDER (1968, p. 35).

¹⁶² Cf. BOGART (1995, p. xiii). Até o fim da gestão de Benton, em 1947, o IIS também foi chamado de *Office of International Information and Cultural Affairs* (OIC).

¹⁶³ No **Documento 19**, que contém a transcrição de diálogos sobre política de informação no Congresso, em 1952. Trecho selecionado em Transcrição 36 (Transcrições).

¹⁶⁴ Criado por meio do *National Security Act*, reúne os órgãos militares (Marinha, Exército e Força Aérea), com os órgãos de inteligência, como a CIA e orientam o Presidente nas questões de segurança.

¹⁶⁵ Haines (1989, p. 160) observa que o NSC recomendou a criação de uma vigorosa campanha ideológica para responder à ofensiva ideológica soviética, antiamericana, no mundo. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 37** (Transcrições).

¹⁶⁶ Expressão de Fulbright, citada em Ribeiro (1989, p. 62).

recursos excedentes da área militar para financiamento de intercâmbios internacionais. A declaração do Senador ilustrava o pensamento que resumia suas intenções: “A educação é realmente um dos fatores essenciais de nossas relações internacionais – tão importante quanto a diplomacia e o poder militar, nas suas consequências para a guerra e a paz”.¹⁶⁸

FIGURA 1 - Chá da tarde em inglês aos sábados, no centro binacional do Rio de Janeiro, em 1947.



Fonte: Cf. **Documento 36**.

Com a lei de Fulbright para os intercâmbios internacionais, os EUA voltaram a privilegiar, no imediato pós-guerra, as ideias que consideravam a cooperação educacional em longo prazo como saída para o entendimento entre os povos. Além disso, diversas ações culturais e de informação do período de guerra foram deslocadas, desativadas e pulverizadas em diversos órgãos. Porém, no início da década de 1950, a ameaça comunista (e atômica) rondava a cabeça dos políticos e da opinião pública cada vez mais e esforços até então desativados foram retomados com nova roupagem.

¹⁶⁷ De agosto de 1946, também comentada por Dizard Jr. (2004, p. 148).

¹⁶⁸ Cf. RIBEIRO (1989, p. 62). Trecho citado original em **Transcrição 129** em Transcrições (tradução nossa).

O Congresso americano começava a se movimentar e propor ações para políticas culturais e de informação no exterior para fazer frente ao avanço comunista. Em janeiro de 1948¹⁶⁹, as duas casas do Congresso aprovaram a *Smith-Mundt Act (Public Law 402)*, proposta pelos republicanos Senador H. Alexander Smith, de New Jersey e o Deputado Karl Mundt, de North Dakota. A lei deu um inédito passo por regulamentar e legitimar, em tempos de paz¹⁷⁰, as atividades de informação, de educação, culturais e *psy-ops* no exterior.

Após a aprovação dos *Fulbright e Smith-Mundt Act*, o então chamado de *Office of International Information and Cultural Affairs* (OIC) é transformado em *Office of International Information and Education Exchange* (OIE), que, segundo o espírito da época, fortaleceria as atividades culturais e educacionais no exterior (em detrimento daquelas em curto prazo, de “informação”). Para o seu comando foi nomeado como *Assistant Secretary of State for Public Affairs*, em março de 1948, o diplomata George V. Allen.¹⁷¹

A estrutura do OIE, em março de 1948, tinha só em Nova York 6 escritórios (na rua 45 West, na Broadway, na 5ª Avenida, em Wall Street e dois na rua 57 West), com mais de 415 funcionários e diversas atividades (estúdios, laboratórios e arquivos de filmes e setor administrativo). Em abril do mesmo ano, o OIE propunha se expandir ainda mais em NY, com um novo espaço para sediar sua sala de controle principal que monitoraria todas as suas atividades.¹⁷²

Para a sua nova política externa, Truman lançou duas frentes de ação, dando novos nomes e nova roupagem para ações que já estavam em andamento desde a 2ª Guerra: 1- a cooperação técnica para o desenvolvimento (respondendo assim também à demanda dos países latino-americanos)¹⁷³ e 2 - uma campanha de “informação”, que divulgaria a “verdade” americana aos países do mundo. Para a primeira frente, Truman lançou, em 1949, o Ponto IV. Para a segunda, a “*Campaign for Truth*”. Os dois esforços, cooperação e informação, como

¹⁶⁹ Cf. PELLIS (1997, pp. 62, 348), DIZARD JR. (2004, p.148).

¹⁷⁰ Segundo Bogart, (1995, p. xiv), a *Smith-Mundt* foi um passo fundamental para uma política que promovesse o melhor entendimento entre outros povos e os EUA. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 38** (Transcrições).

¹⁷¹ Para Bogart (1995, p.xiii, xiv), o OICE seria o antecessor do *Office of Educational Exchange*, que no pós-guerra (após a criação da USIA Cf. 1953) cuidaria exclusivamente do intercâmbio educacional, visando construir uma imagem dos EUA no exterior, em longo prazo. Alguns autores, como Haines, por exemplo, discordam desse perfil dos programas educacionais. Segundo Haines (1989, p. 165), mesmo o programa Fulbright se rendia aos interesses imediatos, de curto prazo, da propaganda e da doutrinação dos intercambistas. Cf. trecho selecionado de Haines em **Transcrição 39** (Transcrições).

¹⁷² Cf. **Documento 21**.

¹⁷³ Segundo Haines (1989, p. 32), o Brasil e os outros países latino-americanos demandavam dos EUA ajuda econômica para o desenvolvimento, mais do que proteção contra a ofensiva comunista. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 40** (Transcrições).

acontecendo antes, e como aconteceria depois, dialogavam entre si e eram parte da mesma estratégia americana para América Latina e para o mundo.

O Ponto IV¹⁷⁴ tinha como objetivo final solapar a ameaça comunista na América Latina e, para isso, usou como instrumentos o estímulo ao desenvolvimento industrial e científico. Em janeiro de 1949, o Presidente Truman citava, em seu discurso de posse, as mesmas recomendações das missões Cooke e Abbink¹⁷⁵, que propunham o estímulo ao desenvolvimento econômico de áreas pobres do mundo como formas de fortalecer a democracia nos moldes americanos, em lugares que seriam potenciais focos de alastramento do comunismo.

Os programas de cooperação, inicialmente propostos pelo Executivo, propunham um orçamento mínimo de US\$ 84 milhões de dólares para os primeiros dois anos¹⁷⁶, mas o Congresso americano não seguiu o mesmo impulso do Presidente, e para o ano de 1950, só aprovou US\$ 34 milhões para ajuda técnica em todo mundo. Desses, o Brasil recebeu apenas US\$ 5 milhões em cooperação.¹⁷⁷

Segundo o discurso de George V. Allen, *Assistant Secretary of State for Public Affairs* em 1949, o anúncio do Ponto IV tinha, além de suas intenções altruístas, também motivações “egoístas” que beneficiariam os EUA:

Foi egoísta porque os Estados Unidos faz grande parte de seus negócios com os países mais desenvolvidos economicamente. Foi egoísta porque a economia de "livre iniciativa" pode permanecer mais saudável na expansão mundial econômica. Foi egoísta porque a paz mundial e a segurança dos Estados Unidos dependem do bem estar das nações subdesenvolvidas.¹⁷⁸

Concluindo seu raciocínio, Allen destacava que a participação de empresas norte-americanas era central para o sucesso do Ponto IV: “... é desejável que as construtoras e empreiteiras americanas participem da maior parte do Programa Ponto Quatro.”¹⁷⁹

Para os programas do Ponto IV na América Latina, o OIE contava com dois programas de assistência técnica em diversas áreas como mineração, irrigação, controle de malária, aviação, engenharia mecânica, fornecimento de água e cooperação em engenharia: o

174 Cf. SELLERS; MAY; MCMILLEN (1990, p. 367). Cf. trecho completo em **Transcrição 41** (Transcrições).

175 Cf. HAINES (1989, p. 118). Cf. trechos selecionados em **Transcrição 42** (Transcrições).

176 Cf. **Documento 24**.

177 Cf. HAINES (op. cit., ibid).

178 Cf. **Documento 24**. Cf. trecho original em **Transcrição 130** em Transcrições (tradução nossa).

179 Cf. **Documento 24**. Trecho original em **Transcrição 131** em Transcrições (tradução nossa).

Interdepartmental Committee on Scientific and Cultural Cooperation, que contava com 180 técnicos na região, e o *Institute of Inter-American Affairs*, que trabalhava especificamente em programas de segurança alimentar e saúde.¹⁸⁰

No Brasil, uma das principais ações de cooperação de interesse americano acontecia na área de mineração e mapeamento de minérios estratégicos (atividade que já era desenvolvida, não por acaso, desde 1942), e que descobriu a maior jazida de manganês do ocidente. Segundo Allen¹⁸¹, essa tinha quantidade suficiente para que os EUA se tornassem autossuficientes no mineral, importante para as suas indústrias de ferro e aço.

Além disso, era feita no Brasil a cooperação para o suprimento e tratamento de água em mais de 20 cidades da região amazônica, aplicada pelo *Institute of Inter-American Affairs*, que levava engenheiros sanitaristas americanos ao Amazonas.

Por fim, os EUA desenvolveram com o Brasil um programa de cooperação exclusivo, levando 20 dos melhores engenheiros aeronáuticos americanos para desenvolver uma escola de engenharia aeronáutica do governo brasileiro. Entre os engenheiros que vieram ao Brasil, são citados o Dr. C.I. Stanton, que tinha sido o responsável pela administração de aviação civil norte-americana e o professor e chefe do Departamento de Aeronáutica do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Richard H. Smith.

Segundo Allen, a cooperação técnica norte-americana para o desenvolvimento atingia novas classes que antes não tinham acesso à educação. Segundo ele, a educação nos países em desenvolvimento se restringia a algumas poucas famílias ricas, que tinham repulsa ao trabalho manual: “Em muitos países subdesenvolvidos nós percebemos que a educação foi restrita às famílias ricas, que têm uma repugnância social pelo trabalho manual. Eles não têm aquilo que Harold Lasswell chama de 'dignidade dos uniformes'”.¹⁸² Indicado para a embaixada na Iugoslávia após o rompimento de Tito com a URSS¹⁸³, Allen deixa os *Public Affairs*, substituído por Edward W. Barrett, ex-diretor do OWI no final da 2ª Guerra.

¹⁸⁰ Cf. **Documento 24**.

¹⁸¹ Id.

¹⁸² Cf. **Documento 24**. Cf. trecho original em **Transcrição 132** em Transcrições (tradução nossa). No original, “*dignity of overalls*”. Tipo de roupa usada por funcionários de trabalhos pesados. Em português também chamado de “macacão”. Ou seja, amor pelo trabalho manual.

¹⁸³ Cf. **Documento 37**.

Em um primeiro momento, centrada no Departamento de Estado, a “*Campaign for Truth*”¹⁸⁴ – renovado programa de informação de Truman – era um primeiro sinal de que os EUA não iriam enfraquecer a sua política ideológica na batalha contra o comunismo em outros países do mundo. Ao longo do governo Truman, cada vez mais as discussões e ações sobre a relevância das operações psicológicas (*psy-ops*) e de informação se fortaleciam.

Barrett, *Assistant Secretary of State for Public Affairs*, de 1950 a 1952, deixava claro que cada vez mais a opinião pública de outros países (inclusive de aliados) tornava-se peça-chave para a política externa norte-americana. Segundo Barrett, mesmo quando os EUA precisasse ser mais “duro” com algum outro país, poderia fazer isso sem irritar sua opinião pública. Para ele, a atenção contínua para a opinião pública estrangeira poderia prevenir possíveis desentendimentos, mesmo em casos de crise política com outros países.¹⁸⁵

Seguindo essa orientação, o USIE, *United States Information and Educational Exchange Program*¹⁸⁶, estabeleceu acordos de cooperação na área de cultura e informação com o governo brasileiro, em 1950. Destacavam-se os acordos bilaterais para criação de institutos culturais binacionais, escritórios de informação, bibliotecas e centros para exibição de filmes, além de bolsas de intercâmbios para lideranças brasileiras com foco em educadores, jornalistas, artistas e intelectuais, acadêmicos e estudantes.¹⁸⁷

Esses acordos formalizavam as atividades americanas que já existiam no Brasil e preparava, também institucionalmente, a política de aproximação cultural e ideológica que os Estados Unidos pretendiam estabelecer com a opinião pública brasileira. O primeiro acordo bilateral cultural entre Brasil e Estados Unidos¹⁸⁸, de 17 de outubro de 1950, foi um desdobramento da visita de Dutra aos Estados Unidos, em maio de 1949.

¹⁸⁴ Muitos documentos oficiais sobre a *Campaign for Truth* e o governo Truman estão disponibilizados na internet, disponível em <<http://www.trumanlibrary.org/publicpapers/index.php?pid=819&st=&st1=>> Acesso em 13 mar. 2014. Sobre a passagem de Truman no Brasil, documentação disponível em <<http://www.trumanlibrary.org/publicpapers/index.php?pid=1122&st=BRAZIL&st1=>> Acesso em 18 out. 2014. Haines (1989, p. 160) destaca o papel central do Departamento de Estado na *Campaign for Truth*, usando intercâmbios culturais tradicionais (livros, aulas de inglês e intercâmbio de formadores de opinião e acadêmicos) e novos meios de comunicação de massa (produção de programas de rádio, TV, artigos em jornais, revistas e materiais de divulgação específicos para os grupos-alvo). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 43** (Transcrições).

¹⁸⁵ Cf. **Documento 19**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 44** (Transcrições).

¹⁸⁶ Departamento de Educação e Cultura, então no Departamento de Estado.

¹⁸⁷ Cf. HAINES (1989, p. 164). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 45** (Transcrições).

¹⁸⁸ Cf. **Documento 20**.

O acordo estabelecia e estimulava que ambos os países criassem centros culturais, postos de informação e centros para exibições de filmes no outro país, aumentassem o intercâmbio de estudantes, artistas, intelectuais, e que realizassem feiras e exposições temáticas. Segundo Maurício Nabuco, embaixador do Brasil nos Estados Unidos: “Esse convênio cultural – o primeiro acordo bilateral, eu acho, a ser concluído pelos EUA – certamente contribuirá para um caminho direto, para um melhor conhecimento, mútuo, dos valores mais arraigados às tradições de brasileiros e americanos”¹⁸⁹.

No mesmo ano de 1950, o USIE também estabeleceu ações conjuntas com a agência nacional brasileira, na produção de programas de rádio, de filmes e materiais anticomunistas, seguindo uma determinação secreta do conselho de defesa brasileiro¹⁹⁰.

As mudanças no aparato de informação também eram reflexo da mudança das prioridades da política externa norte-americana e da nova configuração de poder mundial no contexto da Guerra Fria, inclusive com mudanças na política americana para a América Latina. Um grande marco dessa mudança se deu a partir do memorando de George Kennan sobre a região ao Departamento de Estado estadunidense, de 1950¹⁹¹.

Para Kennan, então assessor do Secretário de Estado, após a sua viagem de prospecção à América Latina, em fevereiro e março de 1950, a missão no subcontinente era clara para salvar o hemisfério do comunismo. Mais importante que a democracia na região, que segundo ele já tinha um histórico de pouca tradição democrática, o mais importante era assegurar que o comunismo não se espalhasse, nem que para isso fosse necessário o uso da força.

O argumento aparentemente contraditório de Kennan sustentava, portanto, que para salvar a América Latina da influência antidemocrática soviética e garantir a estabilidade na região, seria aceitável usar a repressão estatal, local ou não.¹⁹²

É possível perceber,¹⁹³ principalmente a partir de 1951, um esforço do governo Truman (e do Congresso americano) para unificar todos os serviços de informação, sejam eles “abertos” ou não. Em um relatório que destaca as diretrizes presidenciais, em 4 de abril daquele ano, principalmente relativas às responsabilidades do Departamento de Estado, as

¹⁸⁹ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 133** em Transcrições (tradução nossa).

¹⁹⁰ Cf. HAINES (1989, p. 174). Trecho selecionado em **Transcrição 46** (Transcrições).

¹⁹¹ “Memorandum by George F. Kennan, FRUS, 1950, 2:615-617”. Mais sobre o memorando, disponível em: <<http://www.russilwvong.com/future/kennan/latinamerica.html>> Acesso em 19 out. 2014.

¹⁹² Cf. HAINES (1989, pp. 19, 30). Cf. trechos selecionados, respectivamente, em **Transcrição 47** (Transcrições).

¹⁹³ De acordo com documentação analisada, principalmente **Documentos 15 a 19**.

ações “abertas” (oficiais), ou não (clandestinas), aparecem como parte do repertório das operações “psicológicas”:

De acordo com as orientações desta diretriz, operações psicológicas devem incluir todas as atividades que não forem as de tipo "aberto" entre as ações planejadas e executadas, que deverão permanecer e serem mantidas aqui, segundo o estabelecido, (isto é, com o Estado).¹⁹⁴

FIGURA 2 - Enquanto os EUA reestruturavam sua estratégia psicológica no exterior, estudantes liam o melhor que a literatura americana tinha a oferecer no centro binacional de Porto Alegre, em 1951.



Fonte: Cf. **Documento 36**, 1951.

A primeira iniciativa presidencial para a unificação dos serviços de informação se deu formalmente em julho de 1951, com a formação do *Psychological Strategy Board*¹⁹⁵. Essa propunha unificar todas as ações psicológicas do governo em torno de uma estratégia comum, que articularia as ações do Departamento de Defesa, do Departamento de Estado e da CIA.

De acordo com essa diretriz presidencial, o *Psychological Strategy Board* (que se reportaria ao *National Security Council*) seria responsável pela formulação, propagação,

¹⁹⁴ Cf. **Documento 17**. Trecho original em **Transcrição 134** em Transcrições (tradução nossa).

¹⁹⁵ Cf. **Documento 15**.

avaliação das políticas psicológicas de acordo com os objetivos do país e da coordenação dessas nos diversos Departamentos e agências do governo.¹⁹⁶

A tentativa de unificação das atividades de informação tinha como por objetivo eliminar a duplicação de esforços, muitas vezes contraditórios, entre Departamento de Estado, Forças Armadas e outras agências do governo, inclusive as responsáveis pela cooperação econômica e técnica internacional, como o *Economic Cooperation Administration* (ECA), a *Mutual Security Agency* (MSA) e o *Technical Cooperation Administration* (TCA); tanto nas ações “de campo”, nos postos locais (*USIS* e outras representações), bem como na administração, em Washington.¹⁹⁷

Ainda segundo orientações presidenciais, o *Board*, apesar do papel de coordenar as atividades diversas, não tinha o poder de implementar as ações, papel das agências e Departamentos (principalmente o de Estado e o de Defesa)¹⁹⁸.

A preocupação com o aspecto psicológico e a política externa era tão forte que, além do “*Psy Board*”, que centralizava todas as operações do executivo principalmente em torno do Departamento de Estado, o Legislativo também aventou a possibilidade de criar uma “*Central Psychological Agency*”, em fevereiro de 1952, que responderia diretamente ao Congresso, e não ao Presidente. A proposta, segundo reportagem da época¹⁹⁹, surgiu durante uma conferência sobre *psychological warfare* convocada pelos congressistas Orlando K. Armstrong e Charles J. Kersten, e que tinha como participantes muitos dos refugiados do bloco soviético nos EUA.

Em editorial do “*The Times*”, de Londres, essa proposta é criticada como uma “*RECIPE FOR MUDDLE*”²⁰⁰, dizendo que a criação de duas agências destinadas à políticas

¹⁹⁶ Cf. trecho selecionado do **Documento 15** em **Transcrição 48** (Transcrições).

¹⁹⁷ Cf. trecho selecionado do **Documento 16**, que observa a ação conjunta das políticas de informação e de cooperação econômica e técnica em **Transcrição 49** (Transcrições) São os ECA (*Economic Cooperation Administration*), o MSA (*Mutual Security Agency*), TCA (*Technical Cooperation Administration*), disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1952-54v01p1/terms>> Acesso em 19 out. 2014. Esses órgãos de cooperação econômica e técnica, antecessores da USAID (só criada em 1961) já agiam em consonância com as ações de informação no exterior, também nos padrões estabelecidos por Creel e ampliados por Rockefeller.

¹⁹⁸ O **Documento 17** (novembro de 1951) destaca a diferença entre o papel do *Board* (coordenação e orientação), dos Departamentos de Estado, Defesa e agências (implementação das políticas). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 50** (Transcrições).

¹⁹⁹ Cf. **Documento 18**. Editorial do “*The Times*”.

²⁰⁰ Em uma minha tradução livre, “receita para confusão/trapalhada”.

psicológicas causaria uma confusão de competências e que provocaria a necessidade de uma terceira nova agência, externa, para coordenar essas duas primeiras:

De qualquer maneira, a existência de duas organizações - uma que se reportaria ao secretário de Estado e outra, ao Congresso - produziria uma enorme confusão. Sem dúvida seria necessário estabelecer um novo comitê coordenador de guerreiros psiquiátricos.²⁰¹

O artigo, de tom crítico, reprovava também a proposta por não confiar no perfil dos indicados que participariam dessa iniciativa do Congresso. O argumento justificava que, mesmo não havendo uma carreira própria para os agentes de informação, o *Psychological Strategy Board* reunia, pelo menos, o melhor quadro de funcionários possível com aqueles que já tinham participado nessas funções durante a 2^a Guerra.

O crescente *red scare* e as sucessivas pressões internas da opinião pública e do Congresso para uma política de propaganda (ou informação) mais consistente por parte do executivo fizeram com que o governo Truman lançasse a sua derradeira cartada, reconhecida como a sua última fase das políticas de *psychological warfare*.

Em janeiro de 1952, foi criada a *International Information Administration* (IIA)²⁰², a super agência de informação que fortaleceria, unificaria e aperfeiçoaria a implementação da política de propaganda americana. O IIA pode ser considerado o antecessor imediato da USIA em sua estrutura interna e objetivos.

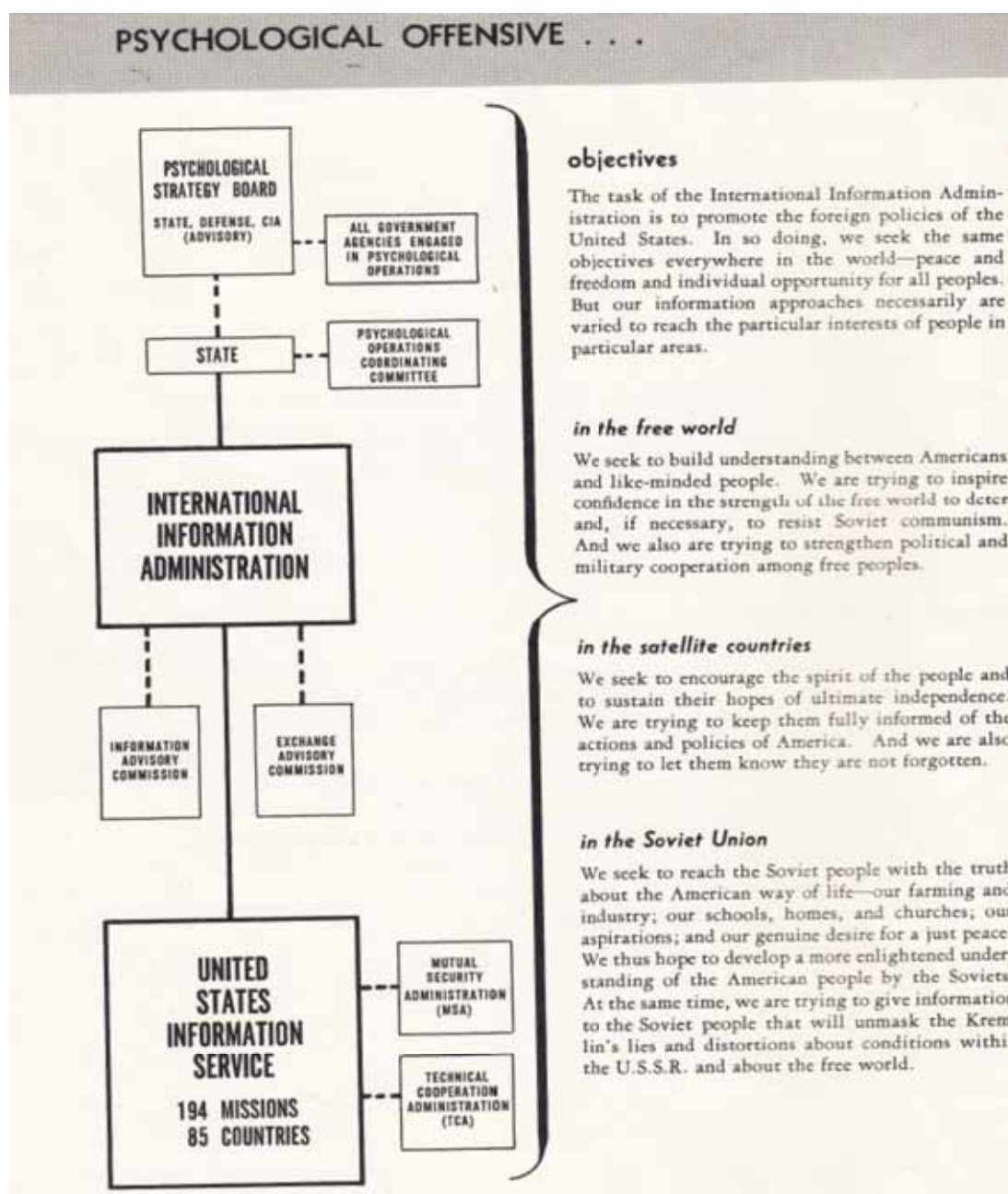
Seguindo a concepção inicial da política externa de Truman e de seu Ponto IV, o IIA, braço de informação do Departamento de Estado (ainda como uma agência “semiautônoma”²⁰³), trabalhava em coordenação com as atividades de cooperação técnica do TCA (*Technical Cooperation Administration*) e com os outros Departamentos do governo (participantes do “*Psy Board*”)²⁰⁴.

²⁰¹ “*psychiatric warriors*”. Cf. trecho selecionado do **Documento 18** em **Transcrição 51** (Transcrições). Cf. trecho original em **Transcrição 135** em Transcrições (tradução nossa).

²⁰² Segundo Bogart (1995, p.xiv), durante o segundo governo Truman e o primeiro Eisenhower, o IIA continuou enfrentando várias pressões externas e mudanças constantes em sua estrutura até a criação da USIA. Trecho selecionado em **Transcrição 52** (Transcrições).

²⁰³ Cf. **Documento 23**, p. 6.

²⁰⁴ Segundo o **Documento 23**, o IIA também coordenava as ações de informação na Europa com a *Mutual Security Agency*. Cf. trecho selecionado em Transcrição 53 (Transcrições). Bogart (1989, p. xiv) comenta a relação de cooperação do IIA com outras agências. Haines (1989, p. 161) observa a maneira como o IIA agia como ampla, também pela cooperação com Departamento de Estado e outras agências, e respondendo às crescentes demandas do Congresso. Cf. conteúdo completo de Haines em **Transcrição 54** (Transcrições).

FIGURA 3 - *Psychological Offensive*: estrutura do IIA.

Fonte: Cf. **Documento 23**, p. 4.

Agindo inicialmente em 85 países (com 194 postos locais—USIS²⁰⁵), a reestruturação feita a partir da criação da IIA objetivava melhor aproveitar os recursos públicos e aprimorar as ações de informação americana no exterior²⁰⁶. O objetivo do IIA era quase messiânico: “A

²⁰⁵ Cf. **Documento 23**, p. 6.

²⁰⁶ Id., preâmbulo.

intenção é encaminhar os esforços do IIA para onde eles contribuíssem mais e com os maiores resultados para o investimento público, nesta "cruzada de ideias" no exterior".²⁰⁷

Comandadas por um *Public Affairs Officer* (PAO), os USIS variavam de tamanho, contendo desde um até 459 funcionários (como no USIS Japão), abarcando profissionais de imprensa, cinema, bibliotecários, assessores de informação e de cultura, conforme a necessidade local. O número de funcionários do IIA era, por isso, muito maior no exterior do que nos EUA. A proporção em 1952 era de 5 funcionários no exterior para 1 nos EUA.

A figura acima mostra a estrutura organizacional do IIA, tanto em sua relação com a administração em Washington DC (respondendo ao Departamento de Estado e ao “*Psy Board*”), quanto na sua relação com o “campo”, nas diversas representações locais e com as agências de cooperação. Por fim, o organograma do IIA mostra os objetivos gerais, tanto os específicos para países do “mundo livre”, como nos países satélites e na União Soviética.

É interessante notar que para garantir a paz e a liberdade no mundo (interessantes à penetração das empresas americanas) e promover a política externa, o IIA se adaptava às diferentes realidades, de acordo com as demandas de cada local, e de acordo com as diretrizes estabelecidas pelos USIS.

Com os países do bloco capitalista a aproximação se daria principalmente pela cooperação política e militar, para aumentar a confiança entre esses e evitar a sua aproximação com o comunismo soviético.

Para os países satélites comunistas, o objetivo americano era fortalecer a esperança de independência em relação ao bloco soviético, divulgando as informações sobre o Ocidente e os EUA e mantendo um canal de relações com esses países.

Para o bloco soviético, a meta era divulgar as maravilhas do “*american way of life*” e as intenções americanas de paz e desenvolvimento. Ao mesmo tempo, as políticas do IIA nesses países visavam desmentir as informações distorcidas divulgadas pelo Kremlim sobre o mundo capitalista.

A ameaça comunista se delineava claramente para o governo americano e o IIA viria para se contrapor a ela. Para o IIA, de acordo com o gráfico abaixo, desde 1949 as “cortinas

²⁰⁷ Id., p. 6. Cf. trecho original em **Transcrição 136** em Transcrições (tradução nossa).

O IIA também repetia uma característica estruturante do modo americano de fazer política de informação desde Creel, tendo as pesquisas de opinião pública²¹¹ como base para definição de suas ações nos países. Os levantamentos consideravam principalmente as características ideológicas de cada país, os diferentes interesses por região, pensando como as políticas do IIA se adaptariam melhor a cada realidade e como a eficácia dessas poderia ser medida para atingir os públicos-alvo da melhor maneira.

Para essas pesquisas, o IIA mantinha uma equipe própria e também contratava alguns institutos privados e universidades, que continuariam posteriormente a trabalhar com a USIA, como o *Institute of Public Opinion Research*, a McCann-Erickson, o Gallup, e o *Research Center for Human Relations of New York University*.

Relatórios internos de 1951²¹² mostravam que o IIA recebia cada vez mais cartas dos leitores e ouvintes de seus programas (de 260 mil cartas para 300 mil naquele ano), mas também percebia que seus postos locais (USIS) sofriam cada vez mais ataques dos comunistas. Por isso, o Departamento de Pesquisa aumentava a atenção sobre a mídia no exterior, com centenas de *clippings* diários de revistas e jornais no exterior, fazendo pesquisa qualitativa com depoimentos de mais de 2 mil refugiados do bloco soviético e mais de 8 mil ouvintes de programas de rádio produzidos pelo IIA no bloco capitalista.

Além disso, o Departamento de Pesquisa do IIA fazia levantamentos qualitativos específicos de campo, com relatórios semestrais de cada PAO (*Public Affairs Officer*), relatórios estatísticos sobre as atividades em cada país. Tudo isso cerca de quatro vezes por ano, além das centenas de entrevistas com funcionários que voltavam do campo.²¹³ Os estudos qualitativos, voltados para as peculiaridades e diferenças culturais de cada país, tinham objetivo de atingir, da melhor maneira, cada público, além de estudar a ação cultural soviética e seus impactos em cada país.²¹⁴

Fora as ações de pesquisa, o IIA também contratava empresas privadas americanas para a implementação de suas ações culturais. Essas muitas vezes subcontratavam empresas locais para baratear seus custos finais, como por exemplo, grandes corporações de filmes americanas contratadas pelo IIA, que terceirizavam seus serviços para produtoras locais.

²¹¹ Cf. **Documento 23**.

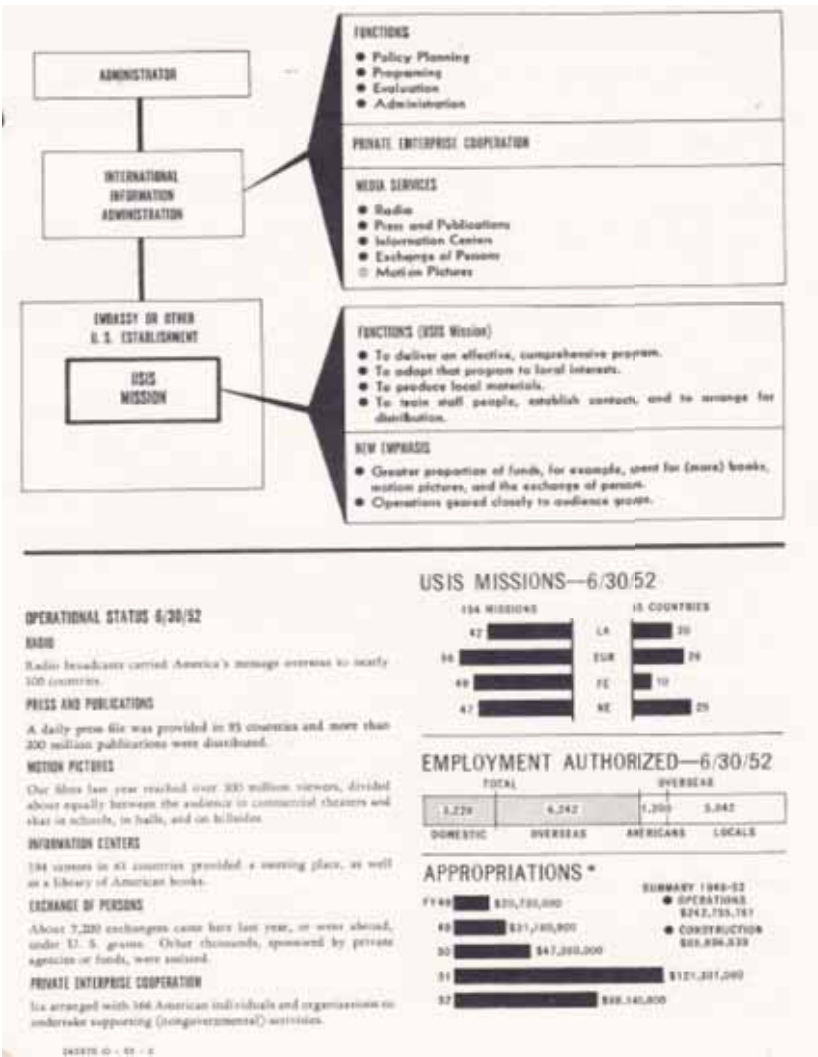
²¹² Id., p. 6. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 56** (Transcrições).

²¹³ Muitos desses relatórios semestrais, estatísticos quadrimestrais estão disponíveis para consulta no *National Archives*, em *College Park* (NARA II).

²¹⁴ Cf. **Documento 23**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 57** (Transcrições).

Algumas empresas foram até criadas para prestar serviço ao IIA (e muitas vezes eram pagas por outros, como organismos não-governamentais), em serviços como tradução e distribuição de livros.²¹⁵

FIGURA 5 - Gráfico sobre estruturas e atribuições do IIA em 1952.



Fonte: Cf. Documento 23.

Como mostra o gráfico acima, em 1952, o IIA já contava com 166 parceiros privados, indivíduos e organizações que ajudavam na realização das atividades com a fachada de ações da “sociedade civil”. Pode-se notar que a abrangência das ações do IIA, em 1952, crescia substancialmente: com 194 centros binacionais (como espaços físicos para encontros e com bibliotecas) em 61 países; com 7 mil e 200 intercambistas que visitaram os EUA durante aquele ano; com mais de 200 milhões de publicações distribuídas ao redor do mundo; com

²¹⁵ Cf. Documento 22. Cf. trechos selecionados em Transcrição 58 (Transcrições).

transmissão de rádio para mais de 100 países; e atingindo mais de 300 milhões de espectadores com seus filmes, exibidos em salas comerciais, escolas, auditórios e nos lugares mais longínquos.

Apesar das linhas gerais e objetivos comuns, o IIA também sofisticou os métodos das políticas locais de informação para alcançar o mesmo objetivo em locais diferentes. Para isso, a análise qualitativa de cada realidade local era fundamental para a definição da estrutura local e de seu modo de ação: era o chamado “*Country Plan*”²¹⁶. A USIA também seguiu os *country plans* em seus anos de funcionamento, fazendo análises qualitativas periódicas, que direcionavam as ações em cada país.

A pesquisa de mercado, que definia os objetivos de informação americana expressadas em cada *Country Plan*, tinha como por meta inicial medir as opiniões políticas de um determinado país sobre suas relações com os EUA, com a União Soviética e em relação a outros países (geralmente seus países vizinhos, ou países satélites).

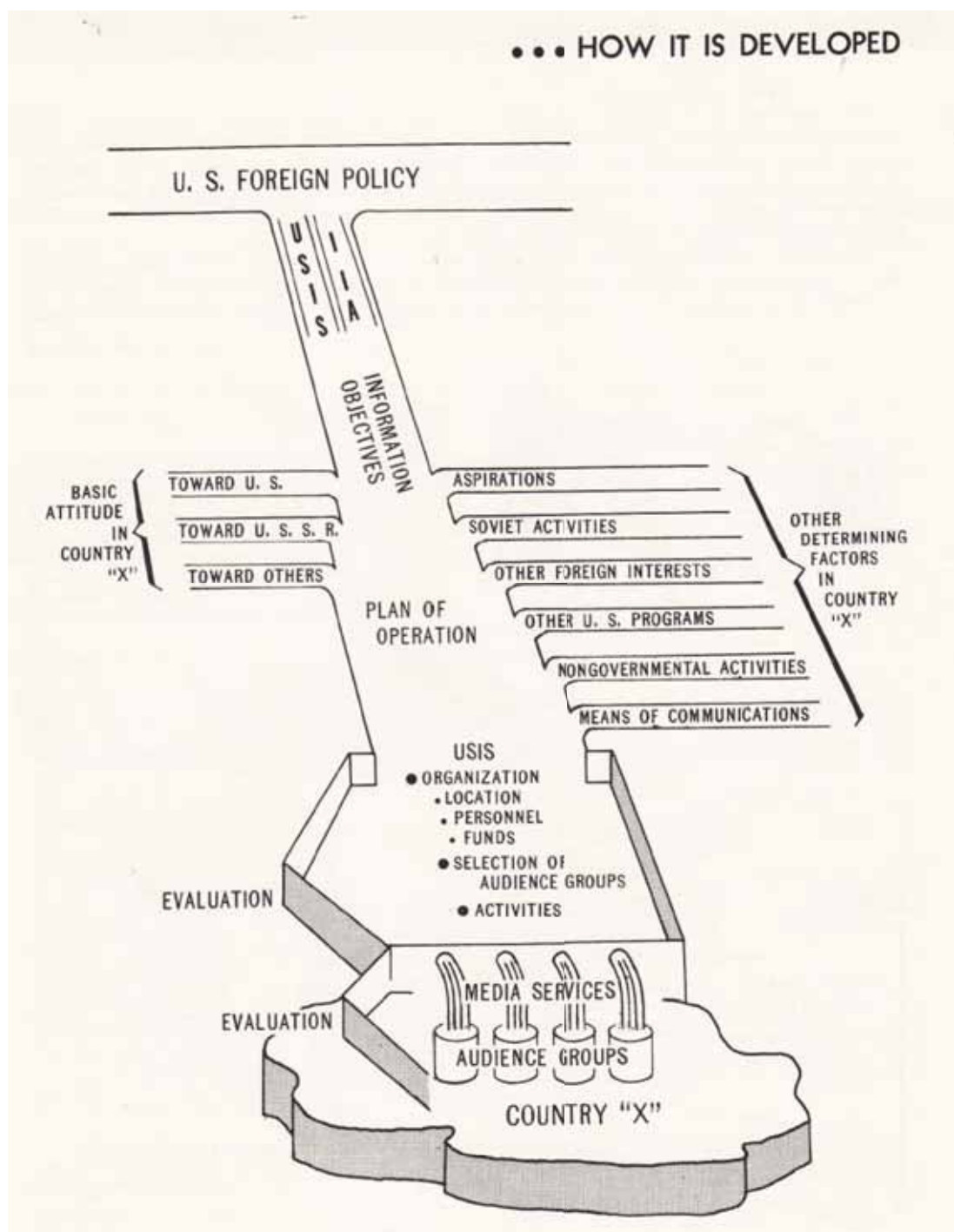
O plano do IIA para determinado país também levava em consideração os interesses nacionais, os de programas americanos e soviéticos, as atividades não-governamentais e os meios de comunicação disponíveis. Tendo isso em conta, o *Country Plan* fazia uma primeira avaliação dos meios de informação disponível no USIS daquele país, como número de funcionários, equipamentos, orçamento, atividades já existentes e grupos-alvos a serem atingidos. Com base nisso, eram produzidos os programas específicos considerando todos os objetivos, as variantes locais e os recursos disponíveis.

Após esses programas atingirem os públicos-alvo era feita uma segunda avaliação, que media a eficácia dos serviços de mídia produzidos pelo IIA localmente, de acordo com pesquisas de opinião pública qualitativa e quantitativa.

O seguinte gráfico dá a ideia de como cada *country plan* era formado, considerando realidades locais, a presença soviética, particularidades locais, meios disponíveis e duas fases das avaliações:

²¹⁶ Cf. **Documento 38**. (Cf. BOGART, 1995, p.59).

FIGURA 6 - Country Plan: How it is developed.



Fonte: Cf. **Documento 23**, p. 10.

A visão do IIA sobre o subcontinente latino-americano, no último ano do governo Truman, era bem definida. Para que se garantisse o princípio comum democrático do continente (nos moldes americanos), os EUA deveriam observar de perto o processo de fortalecimento dos sindicatos e da questão laboral, reflexos do desenvolvimento econômico e

industrial latino-americano. Essa mudança social poderia provocar possíveis desdobramentos políticos nos países que interessavam aos EUA, particularmente.

Para isso, o diálogo político deveria manter um fluxo de informação constante entre os países latino-americanos e os EUA, mantendo o comando e administração das ações partindo de Washington, para garantir, principalmente, o fornecimento de matérias-primas para os EUA. Como meios seriam usados programas de rádio e cinema, o intercâmbio de personagens relevantes, o trabalho constante com a imprensa e a produção de publicações. Todas essas políticas seriam difundidas pelos 42 USIS e centros binacionais espalhados em 20 países da região.

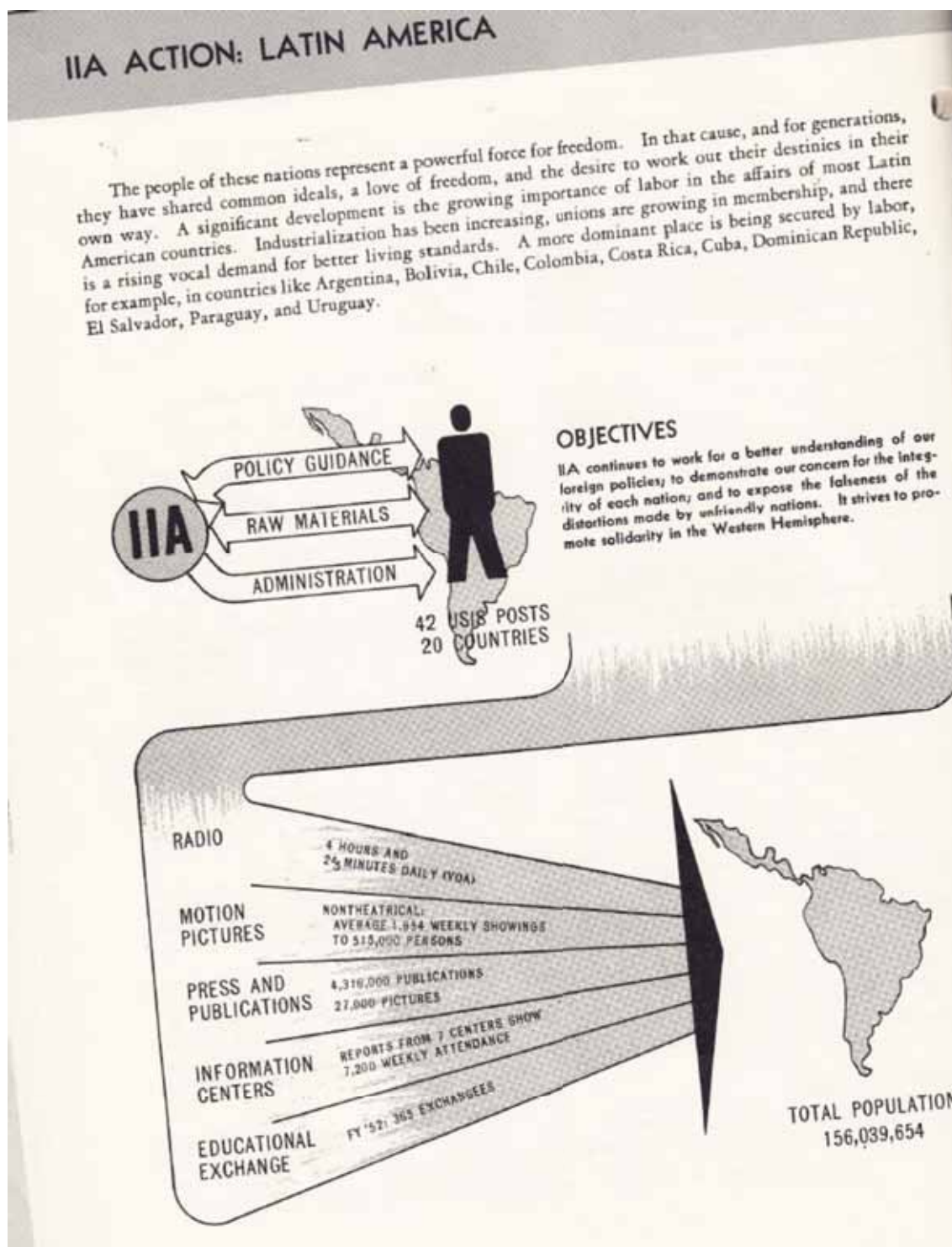
Durante o ano de 1952, como mostra a **Figura 7** a seguir, o IIA produziu e transmitiu na América Latina: mais de 4 horas de rádio diariamente (por meio dos programas do VOA); filmes documentários e jornalísticos para mais de 500 mil pessoas/ano (mais de 1.800 pessoas por semana) e mais de 4 milhões de variadas publicações. Os USIS latino-americanos também contaram com presença semanal de mais de 7 mil pessoas em sete dos centros locais de informação e mais de 350 intercâmbios de lideranças latino-americanas para os EUA.

No caso específico do Brasil²¹⁷, o IIA se preocupava em atingir os lugares mais afastados do interior usando seus postos móveis, que tinham um acervo de 27 filmes, os quais eram exibidos nas cidades com menos de 44 mil pessoas. Os filmes produzidos pelos USIS do Brasil e que não chegassem às cidades pequenas também eram difundidos por religiosos e igrejas.

O IIA no Brasil não se dedicava, no entanto, somente às pequenas cidades. Para os grandes meios de comunicação de massa eram fornecidas notícias, programas de rádio e filmes documentários produzidos especialmente para o público brasileiro. Cerca de 40% dos informes de imprensa produzidos pelos USIS do IIA do Brasil, em 1952, eram publicados regularmente por mais de 360 jornais e revistas do país.

²¹⁷ Cf. **Documento 23**, p. 13. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 59** (subcapítulo.73).

FIGURA 7 - O IIA na América Latina em 1952.



Fonte: Cf. **Documento 23**, 1952, p. 12.

Uma das estrelas dos Usis no Brasil era o radialista Al Neto²¹⁸, exemplo de programa produzido localmente no Brasil e que seguia a fórmula padrão indicada pelo IIA, tecendo

²¹⁸ No subcapítulo 3.6, esse tema está desenvolvido a partir das referências documentais e estudos já feitos por

comentários sobre variedades e contra o perigo do comunismo. O VOA na ocasião tinha uma receita para sua programação no exterior: 36% de notícias, 54% de comentários e atrações e 10% de música.²¹⁹

A América Latina era o continente do mundo que tinha o maior número de transmissões de programas de rádio produzidos especificamente para a região (284 “*packaged programs*”)²²⁰, transmitidos em ondas curtas a partir dos Estados Unidos e, na maioria das vezes, reproduzidos por emissoras locais.

O IIA também reestruturou a estratégia de publicações e imprensa, descentralizando a produção das notícias e dando maior autonomia para aquelas produzidas pelos postos locais, como um produto de informação local adaptado às características de cada país. Os modelos “pilotos” do formato das notícias eram produzidos nos EUA e depois adaptados aos temas locais. Só no primeiro semestre de 1952 foram produzidos localmente mais de 58 milhões de cópias de 35 panfletos, boletins, histórias em quadrinhos e revistas sobre temas locais.²²¹

Além disso, o IIA também funcionava como agência de notícias, transmitindo mais de 8 mil palavras/dia e enviando materiais e fotos também por malote aéreo para mais de 10 mil jornais em 85 países, atingindo, em 1952, uma circulação total de mais de 100 milhões de leitores ao redor do mundo.²²²

A comunicação audiovisual também era uma preocupação do IIA e para isso companhias de cinema privadas eram contratadas e produziam filmes em 42 línguas para 87 países. Naquele ano de 1952, cerca de 466 filmes documentários (*newsreels*) foram produzidos de acordo com as especificações do IIA e exibidos em salas comerciais de cinema (para mais de 150 milhões de pessoas), salas não comerciais (atingindo também um público de 150 milhões de pessoas) e em 342 unidades móveis de projeção ao redor do mundo (65 só na América Latina).

O relatório da IIA²²³ apontava que o público potencial dos filmes produzidos pelo IIA poderia chegar a meio bilhão de pessoas ao redor do mundo, em 1952. Para isso, o IIA disponibilizava 3.704 aparelhos de projeção e 16 centros regionais de manutenção de

estudiosos brasileiros.

²¹⁹ Cf. **Documento 23**, p. 18.

²²⁰ Id., *ibId.* O continente europeu, em segundo lugar, tinha 71 programas produzidos especificamente para a sua região.

²²¹ Id., p. 20.

²²² Id., *ibId.*

²²³ Cf. **Documento 23**, p. 21.

projetores e filmes. Assim, como a reestruturação na produção de material de imprensa indicava, o IIA também tinha a orientação de estimular a produção local dos seus filmes, adaptando os temas de acordo com as especificidades de cada região.

Ao mesmo tempo, o IIA não descuidava dos programas de intercâmbio de pessoas, levando muito mais pessoas aos Estados Unidos para aprender (em 1952, das 5.614 pessoas, que foram, 2.850 eram estudantes²²⁴), do que americanos para fora (1.622, sendo 763 estudantes). Ou seja, o número de americanos que ia para fora aprender era quase 4 vez menor do que os estudantes estrangeiros que iam para os EUA.

Outra característica do programa de intercâmbio do IIA era a ênfase em levar aos EUA lideranças locais, muitas vezes em programas de 3 a 4 meses, de acordo com o perfil do intercambista, seguindo a tradição iniciada também com o CPI e continuada com o Birô. Em 1952 foram 1.768 pessoas, de 65 países, que visitaram os EUA nessas condições, enquanto que em contrapartida somente 201 lideranças americanas foram para o exterior.

É interessante notar que estruturas ligadas à recém-criada ONU faziam parte das estatísticas do programa de intercâmbio do IIA. Naquele ano de 1952, cerca de 338 pessoas ligadas a programas da ONU para o desenvolvimento econômico, administração pública e bem estar social foram selecionadas como intercambistas pelo IIA. Também faziam parte do programa do IIA, 51 agências e universidades privadas e públicas, como o *Institute of International Education* (também associado à ONU), e o programa *Fulbright*.

O foco principal dos programas de intercâmbio eram líderes e especialistas dos países (80% dos chamados eram dos campos sindicais/trabalho, funcionários de comunicação de massa/imprensa, rádio e filmes, da área da educação, e do meio político/governamental), juventude, professores/formadores de opinião e intelectuais.

O IIA também se preparou para atingir um maior número de pessoas diretamente, por meio dos 194 centros de informação (em 61 países) e 34 centros binacionais (em 22 países), com um esforço conjunto de tradução de clássicos americanos que eram disponibilizados nas bibliotecas e livrarias (mais de 1,2 milhão de livros publicados em 20 línguas) e no ensino de inglês aos frequentadores dos centros. Na América Latina, o crescimento foi notável só no primeiro ano da década de 1950: 15% de matrículas nos cursos de inglês; 21% entre os

²²⁴ Cf. **Documento 23**: "*Exchange of Persons*".

usuários das bibliotecas, 31% na presença em eventos culturais dos centros e 61% de aumento da contribuição financeira local.²²⁵

Na ocasião Howland Sargeant, *Deputy Assistant Secretary of State for Public Affairs* definia os centros de informação como um arsenal de ideias democráticas que se espalhavam pelos países: “Eu sempre penso nestes centros como arsenais de ideias, de amantes da liberdade e indivíduos democratas em muitos desses países. No ano passado estes centros registraram mais de 2 milhões de visitas de pessoas em outros países”.²²⁶

Para garantir a publicação de livros americanos, foi criada, em junho de 1952, uma organização não governamental chamada *Book Publishing Corporation*, responsável por publicar e distribuir livros com preços muito baixos no exterior. Usando fundos públicos e privados, o aporte inicial para o início de seu funcionamento foi de US\$ 500 mil dólares. Apesar de formalmente independente, a corporação trabalhava em consonância com o Departamento de Estado.²²⁷

Além de organizações não governamentais, o IIA também contava com a ajuda de empresas privadas, comitês e fundações, que a partir do envolvimento assumido em alguns dos escritórios americanos do IIA (naquela ocasião, em Washington DC, Chicago, São Francisco e Nova York), agiam no exterior com recursos próprios. Até 1952, mais de 600 compromissos foram assumidos com 102 empresas, 19 organizações não governamentais, 10 fundações e 35 outras organizações americanas no exterior. O cuidado maior era não deixar nenhuma marca de relação com o governo americano quando a ação era realizada no estrangeiro:

Uma atenção maior foi dada a ações independentes, desenvolvidas por organizações privadas com parceiros associados no exterior, e sem o uso das instalações dos USIS. Elas foram estimuladas a complementar as atividades regulares e a formar projetos paralelos, tanto aqueles em que o IIA não está suficientemente equipado para realizar, quanto aqueles que necessitam da não-identificação com as atividades governamentais de informação para serem mais eficazes.²²⁸

²²⁵ Cf. **Documento 23**: “*Special Programs*.”

²²⁶ Cf. **Documento 14**. Cf. trecho original em **Transcrição 137** em Transcrições (tradução nossa).

²²⁷ Cf. **Documento 23**: “*Information Centers*”.

²²⁸ Id., pp. 26, 29. Entre as empresas eram citadas a *Sears*, a *Swift*, a *General Electric*, a *Wilson*, o *New York Times*, a *McCann-Erickson*, a *United Fruit*, o *Reader's Digest*, a *Shell*, a *Philco* e a *Kodak*. Cf. trecho original em **Transcrição 138** em Transcrições (tradução nossa).

Todas essas frentes de trabalho do IIA fortaleceram os caminhos que iriam ser continuados pela USIA a partir do governo Eisenhower. Apesar da atenção especial dada à Europa, o Brasil seguiu com sua importância estratégica, em virtude do tamanho de seu mercado e das suas potencialidades como fornecedor de matérias-primas. Assim, o País se estabelece como ponto focal da América Latina para as administrações de Truman e Eisenhower.²²⁹

Ainda impulsionado pelo idealismo que justificou as ações que derrubaram o nazismo na 2ª Guerra, os governos do imediato pós-guerra seguiam com uma forte motivação moral que aos poucos eram transformadas no esforço ideológico anticomunista.²³⁰ Ao mesmo tempo, o clima do pós-guerra também impulsionou os discursos nacionalistas e de libertação nos países em desenvolvimento (como nas ex-colônias africanas e asiáticas), com reflexo político nos países latino-americanos.

O desafio americano era continuar seu projeto de influência sem se chocar com os movimentos nacionalistas. Diante dessa conjuntura, o relatório interno do IIA, nos últimos meses do governo Truman, apontava para o desafio a ser seguido adiante, isto é, o de sofisticar a estratégia de influência americana por outros meios que não só os tradicionais militar e econômico: “o delicado novo nacionalismo de muitos países provocará muitos obstáculos para, se não frustrar, dificultar as ações normais dos EUA na condução de negociações diplomáticas, nos ganhos econômicos e na assistência militar”.²³¹

2.4 Macarthismo, Eisenhower e a formação da USIA: *people-to-people program*

Nossas representações de informação no exterior nunca tiveram maior responsabilidade do que agora. A representação deve apresentar ao mundo as políticas e objetivos dos EUA, de maneira clara e factual. Para nós, o necessário é ter políticas claras, dedicadas aos objetivos da paz universal, liberdade e progresso. Essas políticas têm que ser conhecidas e entendidas por todos os povos ao redor do mundo. Essa é a responsabilidade da nova *United States Information Agency*.²³²

²²⁹ Haines (1989, p. ix) observa que nas duas administrações não eram muito bem vistas as políticas estatais de controle da economia do Brasil, principalmente em relação aos seus bens naturais, como minerais e petróleo. Além disso, no começo da Guerra Fria, o Brasil tinha importância central para direcionar a América Latina contra a ameaça comunista.

²³⁰ Bogart (1995, p.xvi) destaca que a retórica política do pós-guerra, que trazia elementos da 2ª Guerra, eram carregadas de termos como “liberdade”, “democracia” e “mundo livre”.

²³¹ Cf. **Documento 23**, 1952, p. 27. Trecho original em **Transcrição 139** em Transcrições (tradução nossa).

²³² Cf. **Documento 31**. Trecho do discurso proferido por Eisenhower na cerimônia de nomeação do primeiro

Presidente Dwight D. Eisenhower, 30 de julho de 1953

Ao mesmo tempo em que a paranoia anticomunista promoveu externamente a readequação das políticas de informação no pós-2ª Guerra para o combate ideológico, por outro lado, provocou uma caça às bruxas internamente. O maior representante do terror anticomunista dentro dos EUA, durante os anos 1950, foi o senador republicano por Winsconsin Joseph McCarthy²³³.

Ao mesmo tempo em que o IIA de Truman organizava a política de informação no exterior, McCarthy, no legislativo, liderava a oposição às políticas de informação no exterior, acusando o Executivo (principalmente o Departamento de Estado e o VOA) de financiar funcionários e livros comunistas no exterior. Entre outras coisas, McCarthy denunciava cerca de 30 mil livros e 418 autores supostamente comunistas, presentes nas estantes das 230 bibliotecas americanas ao redor do mundo, que contavam com cerca de 27 milhões de usuários por ano.²³⁴

Nas bibliotecas do IIA no Brasil, por exemplo, foram banidos pela embaixada americana no Rio de Janeiro livros considerados “antiamericanos” como *Secret History of the Korean War* (de I.F. Stone), *Paul Robeson, Citizen of the World* (de Shirley Graham) e *The American and Patrick Henry and the Frigate's Keel* (de Howard Fast). Até Gilberto Freyre foi temporariamente retirado das bibliotecas americanas no Brasil por ser considerado um autor com inclinações subversivas.²³⁵

Como parte das investigações promovidas por McCarthy no Senado, o próprio *deputy director* do IIA, Reed Harris, foi apontado como subversivo, por ter participado de movimentos estudantis, nos anos 1920 e 1930, durante a Grande Depressão, na Universidade de Columbia, onde estudava. O comitê de McCarthy no Senado recomendava que para o IIA fossem indicadas pessoas como “ilibada reputação anticomunista”.²³⁶

É claro que as ações anticomunistas de McCarthy tinham reflexo nos embates políticos entre republicanos e democratas no interior dos programas de informação. Em relatórios internos isso foi diagnosticado:

diretor da USIA, Theodore C. Streitbert. Cf. trecho original em **Transcrição 140** em Transcrições (tradução nossa).

²³³ Cf. **Documento 33**, “*Senator McCarthy's investigation of IIA personnel – Compton & Johnson victims*” e “*Purposes of McCarthy investigations – personal publicity & jobs for republicans*”.

²³⁴ Cf. **Documento 30**.

²³⁵ Sobre os livros retirados pela embaixada americana no Brasil, cf. Haines (1989, p. 167).

²³⁶ Cf. BOGART (1995, p. xv). Trecho selecionado em **Transcrição 60** (Transcrições). Reed, ex-funcionário do OWI durante a 2ª Guerra voltou às atividades de informação durante a administração de Murrow (notório crítico do macarthismo) na USIA.

[A investigação de McCarthy]... foi realizada para fazer propaganda pessoal do Senador McCarthy e também, provavelmente, para fazer o máximo de “Democratas” (McCarthy diria “incompetentes e subversivos”) deixarem seus altos cargos no governo, abrindo espaço para outras indicações. Ele foi bem sucedido em ambos objetivos.²³⁷

Nesse contexto, considerando as eleições presidenciais de 1952, crescia a demanda interna por um comandante de pulso firme que fosse capaz de varrer a ameaça vermelha dos EUA e do mundo. Esse espírito foi traduzido na eleição do republicano Dwight D. Eisenhower, general herói da 2ª Guerra, símbolo de seriedade, experiência e defensor primeiro da causa anticomunista americana²³⁸.

No auge da campanha, Eisenhower tinha se comprometido em usar o programa de informação americano com maior eficiência e regularidade, como uma “arma psicológica” no exterior²³⁹. Doze dias após a sua posse, em seu primeiro discurso ao Congresso no *State of the Union*, em 1953, ele reafirmava esse compromisso:

Nós temos que garantir que todas as atividades relacionadas à informação internacional sejam mais eficazes, em um esforço unificado e dinâmico em todo esse campo, essencial à segurança dos Estados Unidos e de outros povos na comunidade das nações livres.²⁴⁰

Para pensar especificamente a política de informação, o Presidente começou a preparar um time de especialistas de sua confiança, para cumprir a sua promessa à sua maneira. Por isso ele se cercou de dois grupos, criando Comitês que estudariam, discutiriam e proporiam as melhores formas de desenvolver as atividades de informação do governo no exterior.

Para o primeiro Comitê, formado em 26 de janeiro de 1953, o “*President’s Committee on Foreign Information Activities*”, Eisenhower indicou como responsável²⁴¹ William H. Jackson, advogado de Princeton e *ex-deputy director* da CIA, o qual sintetizaria as políticas e atividades de informação relacionadas às relações internacionais e à segurança nacional. Segundo as diretrizes de Ike, o comitê tinha até 30 de junho para indicar as suas recomendações em um relatório final, e seria extinto não mais do que 30 dias depois de feita essa tarefa²⁴². Criou-se também o “*President’s Advisory Committee on Organization of the Executive Branch*”, comandado por Nelson A. Rockefeller, chamado informalmente entre os

²³⁷ Cf. **Documento 33**. Cf. trecho original em **Transcrição 141** em Transcrições (tradução nossa).

²³⁸ Para May; Mcmillen (1990, p. 392), Eisenhower se apresentava durante a campanha como um republicano moderado: conservador no que se refere à política econômica, e “liberal”(no sentido americano) no que se refere às políticas sociais. Segundo os autores, a política de Eisenhower durante seu mandato partiu da direita e, ao longo dos anos, foi em direção ao centro.

²³⁹ Cf. **Documento 35**. Trecho selecionado em **Transcrição 61** (Transcrições).

²⁴⁰ Cf. **Documento 38**. Trecho original em **Transcrição 142** em Transcrições (tradução nossa).

²⁴¹ Cf. **Documento 37**. Cf. HIXSON (1997, p. 24).

²⁴² Cf. **Documento 33**.

envolvidos em suas ações de “*Rockefeller Committee*”²⁴³, que ficou responsável pela reconfiguração de todo o poder executivo. A ideia da nomeação de Rockefeller não era somente voltada para as políticas de informação (uma das grandes habilidades de Nelson), mas uma reforma em todas as áreas de governo, seguindo a ótica da dita eficiência administrativa do setor privado²⁴⁴.

Como determinado, as ações dos dois comitês foram rápidas, pois também haviam começado antes mesmo de serem criadas formalmente por Eisenhower (as ideias vinham de antes e estavam já em reunião desde, pelo menos, dezembro de 1952). O novo secretário de Estado, John Foster Dulles, mesmo por causa da oposição que o seu Departamento encontrava no Congresso, principalmente pelas mãos de McCarthy²⁴⁵, estava decidido a se livrar de tarefas operacionais mais problemáticas (como as de informação, cooperação, intercâmbio educacional), para se dedicar exclusivamente à política externa. E de certa forma os dois comitês seguiram, mais cedo ou mais tarde, nesse sentido.²⁴⁶

O *Jackson committee*, que consultou mais de 250 pessoas envolvidas com as atividades de informação, oficiais ou não (*covert operations*), recomendava que as atividades “psicológicas” tinham o mesmo nível de importância das militares, econômicas e políticas, e que o objetivo da política externa americana era a dominação mundial: “[A política dos EUA deve] partir do pressuposto que o objetivo dos governantes da sociedade é a dominação mundial”.²⁴⁷ Jackson também indicava que fosse estabelecida uma agência de informação autônoma e que todas as atividades relacionadas à “propaganda” do governo, fossem coordenadas pelo novo *Operations Coordinating Board*²⁴⁸ e não mais pelo *Psychological Strategy Board*, abolido após a recomendação do novo *Coordinating Board*.²⁴⁹

²⁴³ Cf. **Documento 32**. Cf. COLBY; DENNETT (1996, p. 291); HAINES (1989, p.161). Segundo a descrição dos arquivos pessoais de Rockefeller para esse período, (subséries “*Special Committee on Government Organization (SCOGO)*”, “*Reorganization Advisory Committee (RAC)*”, “*President's Advisory Committee on Government Organization (PACGO)*”) Nelson Rockefeller já havia participado em estudos de reorganização do governo em grupos formados pela Universidade de Temple e pela comissão Hoover, criada no governo Truman.

²⁴⁴ Segundo Colby; Dennett, (1996, p. 292), a proposta de Rockefeller queria transformar o Estado americano em um Estado moderno e corporativo.

²⁴⁵ O **Documento 37** destaca que quando da proposta de reorganização do Departamento de Estado feita por Eisenhower, McCarthy conduzia pesadas investigações, chefiando o *Government Operations Committee* no Congresso.

²⁴⁶ Cf. REICH (1996, p. 503). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 62** (Transcrições). Também em **Documento 32**.

²⁴⁷ Cf. HIXSON (1997, p. 24). Cf. trecho original em **Transcrição 143** em Transcrições (tradução nossa).

²⁴⁸ Cf. **Documento 32**.

²⁴⁹ Cf. BOGART (1995, p. xiii).

O comitê de Rockefeller, que emitiu seu relatório²⁵⁰ três meses antes do de Jackson (em abril de 1953) partia do princípio que a segurança e o bem-estar da nação dependiam da política externa bem sucedida nos planos político, militar, econômico e psicológico. Para isso, propunha a criação de uma agência independente que respondesse diretamente ao Presidente, e que seguisse as diretrizes da política externa desenhada pelo Departamento de Estado.

Seguindo as sugestões de Rockefeller, a nova agência também seria responsável pela produção e divulgação do programa *Voice of America* (VOA). A administração da nova agência teria sede central nos Estados Unidos, mas seria gerida de acordo com as administrações locais, em cada representação diplomática americana no exterior (consulados e embaixadas), tendo os embaixadores em cada país como chefes locais, que se reportariam a Washington.

Em correspondência interna, o Presidente Eisenhower reconhecia nas propostas do comitê Rockefeller a saída para a uma eficiente política de informação norte-americana:

Esse relatório propõe, entre outras coisas, a retirada do IIA do Departamento de Estado e no seu estabelecimento como uma agência subordinada ao Poder Executivo, com os devidos arranjos para relação com o Departamento de Estado e outros órgãos do governo. (...) Ao nosso ver, de acordo com uma observação atenta desde 1948, o programa de informação não alcançará sucesso sem que essas mudanças forem feitas.²⁵¹

Por pressão dos senadores Fulbright e Karl Mundt²⁵², as atividades de intercâmbio educacionais se mantiveram sob o Departamento de Estado, após um pedido formal do Comitê de Relações Exteriores do Senado ao Presidente, com exceção do programa de intercâmbio de pessoas no exterior – lideranças locais, por exemplo, que ficaria na nova agência²⁵³.

Para os senadores, assegurar que o intercâmbio educacional ficasse longe da nova agência era manter intacta uma relação “desinteressada” dos EUA com o exterior. Com isso, o relatório Rockefeller sofreu essa ressalva e foi transformado em proposta presidencial ao Congresso no dia 1º de junho. Após não sofrer nenhum reparo da casa legislativa, entrou em vigor em 1º de agosto de 1953 como o *Reorganization Plan number 8*.

²⁵⁰ Cf. **Documento 39**.

²⁵¹ Cf. **Documento 40**. Cf. trecho original em **Transcrição 144** em Transcrições (tradução nossa). No **Documento 35**, em ata interna de reunião sobre o relatório Rockefeller, há o registro que “O Presidente, então, disse achar que o memorando estava de acordo com as linhas que ele havia pensado” (tradução nossa).

²⁵² Cf. **Documento 34**.

²⁵³ Cf. **Documento 32**. Trecho selecionado em **Transcrição 66** (Transcrições). A separação entre os serviços de informação e o intercâmbio educacional também é descrito Cf. HIXSON (1997, p. 26).

Rockefeller, como chefe do comitê de reorganização do executivo, propôs 13 planos de reorganização e 10 deles foram aprovados pelo Congresso. Além de reestruturar o Departamento de Defesa²⁵⁴, Rockefeller separou algumas das atribuições que antes eram pensadas conjuntamente (como ajuda econômica e informação), de acordo com o modelo de seu Birô da 2ª Guerra²⁵⁵. Além disso, propôs duas agências separadas: a USIA, com as atividades de informação anteriormente exercidas pelo Departamento de Estado e o VOA; e a *Foreign Economic Operations Agency*, depois chamada de *Foreign Operations Administration* (FOA), responsável pelos programas de cooperação e assistência econômica a outros países. Isso era estratégico para dirigir e fomentar áreas de interesse americano, além de abastecer os EUA com produtos estratégicos de outros países. Essa também abarcou os serviços de cooperação técnica do *Technical Cooperation Agency* (TCA), inclusive nos programas de cooperação com agências da ONU, no trabalho de apoio a refugiados, de acordo com as diretrizes do Departamento de Estado (enquanto a USIA assumiu as atividades de informação do TCA e do MSA).

Além de reestruturar os serviços de informação e ajuda dentro do executivo americano, Rockefeller centralizou o processo decisório do *Export-Import Bank*, visando uma maior liberdade para financiar projetos do Terceiro Mundo, de acordo com os interesses americanos.

Por fim, Rockefeller criou um super ministério, assumido por ele mesmo, fundindo a *Mutual Security Agency* (MSA) e seu orçamento de 4,6 bilhões de dólares, com antigos Departamentos federais responsáveis pelas políticas de saúde, de educação e de bem-estar social: o *Department of Health, Education and Welfare* (HEW). Como secretário do HEW, Rockefeller promoveu estudos de “controle da mente”²⁵⁶, dialogando com as atividades de informação da USIA e da CIA.

Ao mesmo tempo em que as propostas de reformulação interna – do executivo em geral, e de informação, em particular – eram aprovadas, Eisenhower começava a se atualizar sobre a situação internacional. Para isso, começou a enviar emissários de sua confiança a regiões estratégicas que viviam instabilidades políticas. Na ocasião, o *National Security Council* definia como seis países prioritários, nessa ordem: Brasil, Chile, Bolívia, México,

²⁵⁴ Cf. descrição das subseries do *Rockefeller Archives Center* (SCOGO, RAC e PACGO).

²⁵⁵ Cf. REICH (1996, p. 503).

²⁵⁶ Cf. COLBY; DENNETT (1996, p. 292).

Guatemala e Argentina, por causa dos processos de nacionalismos crescentes e perigo de importação de marxismos.²⁵⁷

Prioridade entre os países latino-americanos, o Brasil de Vargas era a preocupação dos EUA, principalmente pelo aspecto de “crescente nacionalismo” e também pelas conflituosas relações políticas e econômicas²⁵⁸ internas.

A notícia “*Brother Milton to Make Good-Will Pan Am Tour*”, de 12 de abril de 1953, mostrava uma foto de Nelson Rockefeller e Milton Eisenhower saindo, sorridentes, do gabinete do Presidente Ike. A imagem retrata o momento depois de uma reunião que definia a visita latino-americana de Milton, ex-funcionário de informação e irmão do Presidente, como uma missão de boa vontade para com os povos pan-americanos, mas no corpo do texto deixava escapar a intenção de prospecção política dada à Milton: O Presidente Eisenhower anunciou hoje que vai enviar seu irmão Milton em uma turnê para o reconhecimento das realidades latino-americanas.²⁵⁹

Na sua volta pelo giro latino-americano, a preocupação maior de Milton foi avaliar a efetividade dos programas de informação até então. Pelos seus relatos à USIA e até mesmo em entrevistas à imprensa, ele valorizou a eficácia do serviço desempenhado pelos institutos culturais, centros binacionais e intercâmbios de estudantes, professores e trabalhadores, e reconheceu a eficácia dos serviços de rádio e imprensa nos locais.

No entanto, para ele o VOA era ponto inexistente entre as atividades de informação, imaginando até que esse serviço não existisse mais, por causa da sua falta de repercussão. Em carta de 8 de agosto de 1953, para o primeiro diretor recém empossado da USIA, Theodore Streitbert, Milton reportava:

Eu voltei da América do Sul para casa, muito entusiasmado sobre os institutos culturais, os centros binacionais, os programas de intercâmbio de estudantes, professores, trabalhadores e todas as atividades correlatas. As partes de imprensa e rádio do programa de informação me pareceram eficazes. Eu não obtive uma reação confiável sobre o *Voice of America*. Para dizer a verdade, eu não perguntei sobre isso na América do Sul, e ninguém falou voluntariamente. Pode ser até que não estejam sendo enviadas transmissões diretas de rádio para América do Sul.²⁶⁰

Pelo que se vê pelos documentos, Milton Eisenhower, na época Presidente do *Pennsylvania State College*, manteve contato permanente com a USIA, em frequentes

²⁵⁷ Cf. CULL (2008, p. 120). Trecho selecionado em **Transcrição 63** (Transcrições).

²⁵⁸ Cf. HAINES (1989, p.18).

²⁵⁹ Cf. **Documento 41**. Trecho original em **Transcrição 145** em Transcrições (tradução nossa).

²⁶⁰ Cf. **Documento 43**. Trecho original em **Transcrição 146** em Transcrições (tradução nossa).

diálogos telefônicos. Em outra carta do mesmo período²⁶¹, de Streitbert a Milton, o diretor da USIA solicitava uma indicação para nomear o responsável pelas bibliotecas e da produção de livros da USIA, o que foi feito pelo irmão do Presidente Eisenhower.

Na mesma ocasião (a partir do momento pós-eleição, nos últimos dias de 1952 e nos primeiros meses de 1953), Ike também confiou a dois dos homens mais ricos do país, a missão de visitar o Brasil e falar pessoalmente com Vargas. Não coincidentemente eles eram seus ministros mais importantes: o magnata do petróleo Nelson Rockefeller (*Secretary of Health, Education and Welfare*) e aquele do manganês, George Humphrey (*Secretary of Treasure*).

Segundo Bandeira²⁶², Humphrey não voltou muito satisfeito de sua visita ao Brasil. Rockefeller, por sua vez, vinha com a missão de retomar as boas relações de Vargas com os EUA, agora com o Presidente Eisenhower. A conjuntura porém era outra.

Rockefeller, um dos principais acionistas da *Standard Oil*, não à toa, chegara no momento em que o Presidente e Congresso brasileiros discutiam o modelo a ser definido para a exploração do petróleo no Brasil. Apesar da boa relação anterior entre Nelson e o Presidente brasileiro, pelo relato apresentado ao Secretário de Estado, John Foster Dulles, em 22 de dezembro de 1952, Vargas é caracterizado por Nelson como um típico caudilho latino-americano, um ditador que define suas políticas influenciado pelo seu humor e relações pessoais:

Caro Foster, como você provavelmente sabe, o Presidente do Brasil Getúlio Vargas é um homem que age motivado pelas relações pessoais; de certo modo pode-se dizer que ele é do tipo do velho "caudilho". Ele foi um ditador por 17 anos, foi deposto e depois eleito Presidente do Brasil em 1950.²⁶³

O relato de Rockefeller descrevia que, na ocasião da 2ª Guerra, as relações pessoais com o Presidente Roosevelt eram tão importantes para Vargas que, mesmo com a grande influência nazista, o Brasil decidiu se envolver definitivamente do lado dos EUA:

O fator importante para conseguir a cooperação do Brasil durante a última guerra, mesmo com a forte influência nazista, foi a relação pessoal próxima que o Presidente Roosevelt mantinha com ele. Ele manteve uma correspondência pessoal com o Presidente Vargas, e consequentemente o Presidente Vargas cooperou inteiramente em assuntos importantes, de bases aéreas na costa²⁶⁴ até o envio de divisões brasileiras para a Europa.²⁶⁵

²⁶¹ Cf. **Documento 43**.

²⁶² Cf. BANDEIRA (1973, p. 276). Trecho selecionado em **Transcrição 64** (Transcrições).

²⁶³ Cf. **Documento 42**. Trecho original em **Transcrição 147** em Transcrições (tradução nossa).

²⁶⁴ No original, "*air bases on the Bulge*", o que pode ser interpretado como saliência, protuberância, ou curva. Pelo contexto entendeu-se que eram as bases aéreas na costa curvilínea do nordeste brasileiro.

²⁶⁵ Cf. **Documento 42**. Cf. trecho original em **Transcrição 148** em Transcrições (tradução nossa).

Como resultado da visita de Rockefeller encomendada por Ike, Nelson apontava uma receita para salvar a boa relação entre os países no pós-Guerra. Para garantir que o Brasil de Vargas fosse alinhado aos EUA, seria necessário o contato permanente do Presidente Eisenhower e seu esforço pessoal em agradar Vargas: “Eu ouvi de contatos pessoais, que o Presidente Vargas gostaria muito se um contato direto, semelhante, fosse construído com o General Eisenhower”.²⁶⁶

Vargas ainda deixou o recado a Rockefeller de que não daria o primeiro passo nessa aproximação pessoal que pudesse se construir com o novo Presidente americano. Mas se esse fosse tomado por Eisenhower, isso poderia significar uma mudança qualitativa na relação entre os países e na nova configuração que se formava no bloco ocidental:

No entanto, ele não acha apropriado tomar a iniciativa. Do que eu conheço do Presidente Vargas e do Brasil, me parece que tal contato seria extremamente valioso para o estabelecimento das relações da nova administração com o hemisfério ocidental.²⁶⁷

Além das observações contidas no relatório sobre seu encontro com Vargas após a eleição de Eisenhower, Rockefeller ainda sugeriu um rascunho de texto de carta para que o recém-eleito Presidente americano mandasse ao chefe de governo brasileiro, como começo das relações pessoais necessárias. Entre outras coisas o rascunho de Nelson²⁶⁸ sugeria uma humilde postura de aproximação pessoal e elogios à pessoa de Vargas e ao Brasil.

Os interesses econômicos e principais empresários americanos ocuparam papel de destaque no governo Eisenhower, que propunha uma administração mais enxuta e eficiente do que o seu antecessor.²⁶⁹ Por isso, logo que entrou fez as reformas administrativas propostas por Rockefeller e ocupou seus principais ministérios com figuras de destaque do meio empresarial. Isso se refletiu também na nova agência de informação, que propunha cortar gastos desnecessários e limpar de seus quadros os funcionários “comunistas”.

Como comentava o senador republicano Homer W. Capehart, alinhado com a nova proposta que criava a USIA: “[a tarefa da Agência] é vender os EUA ao mundo, assim como um gerente de vendas oferece um *Buick* ou um *Cadillac*, ou um rádio, ou um aparelho de TV”²⁷⁰. E para comandar a primeira direção da agência ninguém mais apropriado que Theodore Streitbert.

²⁶⁶ Cf. **Documento 42**. Cf. trecho original em **Transcrição 149** em Transcrições (tradução nossa).

²⁶⁷ Cf. **Documento 42**. Cf. trecho original em **Transcrição 150** em Transcrições (tradução nossa).

²⁶⁸ Cf. **Documento 42**.

²⁶⁹ Segundo Sellers, May; Mcmillen (1990, p. 379), apesar da retórica de mudança adotada por Eisenhower, a linha de política externa continuou a mesma. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 65** (Transcrições).

²⁷⁰ Cf. BOGART (1995, p. xvii). Trecho original em **Transcrição 151** em Transcrições (tradução nossa).

Com longo passado longo no curso de administração em Harvard, nos anos 1920 e 1930, membro do grupo estudantil de *Harvard, Phi Beta Kappa*,²⁷¹ fundador, diretor e Presidente da rádio nova-iorquina WOR, de 1935 a 1953, ele também foi consultor do PAO (*Public Affairs Officer*) na Embaixada Americana da Alemanha até assumir a direção da USIA.

Entre as primeiras providências da primeira direção da USIA, foi a de resolver uma das maiores críticas que o serviço de informação de Truman sofria da oposição macarthista do Congresso, a “infestação” de comunistas entre seus quadros.

Com maioria republicana no Senado, Streitbert ganhou liberdade para despedir, até 1º de janeiro de 1954, qualquer funcionário da área de informação que fosse suspeito, pelo Congresso, de comunismo. Muitos dos funcionários da USIA e do Departamento de Estado, ligados aos democratas, se anteciparam e pediram demissão.

Segundo a publicação *Congressional Quarterly*²⁷², a intenção de “limpar” a nova agência era principalmente política: “[o novo orçamento aprovado da USIA, que dá autoridade ao novo diretor, até primeiro de janeiro de 1954, para despedir qualquer funcionário – um movimento descrito como] pensado para extirpar Democratas e incompetentes”²⁷³.

Streitbert se preocupava com a tendência expansionista herdeira do Império Russo, que usava como armas a ideologia e a propaganda comunista, mas na verdade era o interesse imperial da velha Rússia que continuava motivando as ações do bloco soviético. Para ele, a luta ideológica era desigual e como em Davi e Golias, os EUA – que tinham um aparato infinitamente menor – deviam acertar seu ataque de maneira certa. Só assim poderiam ganhar a batalha ideológica. Por isso, para ser eficiente, em cada lugar era necessário ter uma estratégia apropriada e eficiente.²⁷⁴

A gestão de Streitbert foi marcada pelos iniciais grandes cortes iniciais: orçamentário (de 36% – US\$ 75 milhões em 1953 para US\$ 59 milhões em 1954); de pessoal (do total de 13.500 funcionários em 1952, para 9.281 no final de 1953); de bibliotecas no exterior, de 184 em 65 países para 158 em 63 países; e de postos locais no exterior, de 255 em 85 países para 217 em 76 países. Inicialmente, a única área da USIA que aumentou foi a de parcerias com o

²⁷¹ Segundo perfil sobre Streitbert, em relatório para Nelson Rockefeller. Cf. **Documento 44**.

²⁷² Volume *Congress and Nation 1945-1960*, p. 214. Cf. **Documento 33**.

²⁷³ Cf. **Documento 33**. Cf. trecho original em **Transcrição 152** em Transcrições (tradução nossa). Bogart (1995, p. xvi) destaca que, mesmo em um ano de aperto orçamentário, a USIA gastou cerca de US\$ 5 milhões em encargos profissionais para a recisão dos funcionários dispensados.

²⁷⁴ Cf. **Documento 45**.

setor privado, por meio do *Office of Private Cooperation*, que começou a abarcar maior número de atividades ligadas a empresas e organizações não governamentais no exterior.²⁷⁵

FIGURA 8 - Theodore Streitbert, o primeiro diretor da USIA: *business man* de Harvard e do rádio.



Fonte: Cf. **Documento 45**.

Na América Latina, a orientação dada pelo Departamento de Estado para toda ação internacional era de cooperação para o desenvolvimento econômico. Para o Secretário de Estado, John Foster Dulles, o desenvolvimento econômico privado era a arma mais eficiente para afastar o comunismo do hemisfério, nem que esse tivesse que ser induzido pelo governo:

O padrão de vida na maioria da América Latina é baixo e há grandes e barulhentos segmentos que colocam a culpa de tudo nos EUA. Nosso programa de segurança mútua vai levar em consideração a importância do crescimento econômico e da melhora dos padrões de vida na América Latina. A principal contribuição que nossa nação pode dar é por meio da livre iniciativa. No entanto, isso pode e deve ser complementado por certas medidas governamentais.²⁷⁶

Ao mesmo tempo, Dulles reconhecia a eficácia das políticas de informação na América do Sul, com relativamente pouco investimento: “Não há área no mundo onde tanto

²⁷⁵ Cf. **Documento 37**.

²⁷⁶ Cf. **Documento 28**. Cf. trecho original em **Transcrição 153** em Transcrições (tradução nossa).

pode ser realizado por meio de boas relações culturais, eu acho, do que na América do Sul. Isso, felizmente, é algo que não nos custa muito em dinheiro”²⁷⁷.

Mais uma vez, o Secretário de Estado também destacava a eficácia de fundações privadas na região, que influenciavam mais do que qualquer outra ação, principalmente a Fundação Rockefeller: “a fundação Rockefeller, eles fizeram mais para ganhar boa vontade na América do Sul do que qualquer outra organização, há tempos, pelo seu trabalho na área da saúde (...) Isso tem uma tremenda influência.”²⁷⁸

Para as políticas de informação, a orientação era agir de acordo com a peculiaridade de cada país, medida frequentemente por pesquisas quantitativas e qualitativas, estabelecendo políticas de curto e longo prazo.

Para as de curto prazo, além da produção de informação disseminada por agências de notícias, filmes e rádio, a USIA continuava a promover intercâmbios de lideranças, turnês de artistas e intelectuais americanos e produzir materiais gráficos para determinados setores, como sindicatos, igrejas e associações estudantis. A agência também promovia exposições²⁷⁹ sobre temas que demonstravam o progresso americano, desde a agricultura, veículos, até a energia atômica.

Para as políticas de informação de longo prazo, a grande arma na região eram os centros binacionais, que contavam com bibliotecas, ofereciam aulas de inglês, exibiam filmes educativos e documentários, e distribuíam materiais produzidos pela USIA.

Os centros binacionais no Brasil eram os mais numerosos e os mais exitosos. Segundo Streitbert, “os centros são muito ativos no Brasil. Durante a minha estada no Rio eu discuti sobre eles com nosso embaixador, Sr. Kemper, que é um entusiasta do tema. Há cerca de 30 no Brasil hoje em dia, mas ele gostaria de ver dobrar esse número”.²⁸⁰

Após o grande corte inicial do primeiro ano, a USIA começou a se reestruturar e ampliar alguns dos seus serviços. Streitbert propôs um plano para qualificar o pessoal dos postos no exterior e dar-lhes novas atribuições. No final de 1953, a USIA, com 9.281 funcionários, tinha a maioria deles nos postos do exterior (7.262, sendo 6.136 estrangeiros e 1.126 americanos), e 2.019 funcionários nos EUA.

²⁷⁷ Cf. **Documento 46**. Cf. trecho original em **Transcrição 154** em Transcrições (tradução nossa).

²⁷⁸ Cf. **Documento 46**. Cf. trecho original em **Transcrição 155** em Transcrições (tradução nossa).

²⁷⁹ Em uma dessas aconteceu o célebre debate na cozinha entre Kruschev e Nixon, discutindo as diferenças entre os modos de vida soviético e americano. Cf. SELLERS, MAY; MCMILLEN (1990, p. 389.)

²⁸⁰ Cf. **Documento 45**. Cf. trecho original em **Transcrição 156** em Transcrições (tradução nossa).

FIGURA 9 - A USIA começava a se expandir, também com o *Voice of America*.



Fonte: Cf. **Documento 45**, Publicada em “*The Christian Science Monitor*”.

A grande maioria dos funcionários da USIA se dedicava aos USIS (6.517), em um número menor ao serviço de rádio (1.591), e depois aos serviços de imprensa (477), depois ao departamento de filmes (136 pessoas), e por fim ao centro de informações (132 pessoas). Ainda, havia os funcionários dos escritórios centrais da USIA, o do diretor, em Washington D.C. (183 pessoas) e a sua equipe de apoio (245 funcionários).²⁸¹

No mesmo ano, o VOA anunciava seu balanço de atividades, destacando maior alcance de suas mensagens (de teor anticomunista) por meio de parcerias privadas, com um quadro de funcionário menor e com um gasto menor em relação à administração do último ano do IIA.²⁸² Já nos primeiros anos da USIA, a VOA transmitia mais de 210 mil palavras por dia, e 28 horas de programação em 34 línguas diferentes.²⁸³

Após o corte e as remodelações propostas por Streitbert, houve já em 1954 um aumento no número de funcionários para o nível anterior à criação da USIA, e que se manteve ao longo dos anos 1960. Em 1954, havia 12.877 funcionários (com 2.820 nos EUA e 10.057

²⁸¹ Cf. **Documento 48**.

²⁸² Cf. **Documento 51**.

²⁸³ Cf. BOGART (1995, p. xiv).

no exterior, a maioria deles estrangeiros). A proporção se manteve como os números de 1954, com variações ínfimas, ao longo da década.

A partir de 1954, a USIA começa a se estruturar da maneira pensada e proposta por Eisenhower. A rádio, atividade principal da agência até o momento, se aproxima mais da sede da USIA, que se localizava na *Pennsylvania Avenue*, 1778²⁸⁴. Para a mudança da sede do *Voice of America*, de Nova York para Washington D.C., a USIA gastou cerca de US\$ 4 milhões²⁸⁵.

No mesmo ano, as turnês de esportistas e artistas no exterior têm amplo destaque. Turnês de atletas de basquete, beisebol, futebol, tênis e natação começaram a fazer sucesso²⁸⁶. Para a arte, a USIA adquiria algumas obras com apoio principalmente do acervo dos museus americanos e colecionadores privados, que cederam suas obras primas. Assim, a agência organizava exposições de sucesso em seus centros binacionais e museus ao redor do mundo.²⁸⁷

O jazz era a grande arma musical no *front* da Guerra Fria²⁸⁸. Tanto nas turnês, quanto na exibição diária nos programas de rádio produzidos pela USIA, ou patrocinados por empresas americanas no exterior. Segundo reportagem do *New York Times* de 5 de Novembro de 1955:

A arma secreta da América é uma "blue note" em um tom menor. Atualmente nosso embaixador mais eficiente é Louis (Satchmo) Armstrong. Um som sincopado de uma banda de Dixieland ouvido no *Voice of America* na longínqua Tanger é como uma frase de propaganda. Este não é um devaneio em uma *jam session*, na sala dos fundos. É a conclusão de um estudo de muitos dos pensadores americanos de Moscou a Madri.... Jazz não é somente uma arte. É um modo de vida.²⁸⁹

A grande demanda pelo jazz impôs ao governo que fossem estabelecidas as turnês dos músicos de maior sucesso, principalmente voltadas para o público jovem:

...em 1956, como resultado de muitas pesquisas de campo, [isso] foi aceito por enormes plateias, em que estudantes e outros jovens eram a maioria. Entre os grupos de jazz enviados para turnês estavam Louis Armstrong, Dave Brubeck, Benny Goodman, Sauter-Finegan, e Jack Teagarden.²⁹⁰

²⁸⁴ Cf. **Documento 35**.

²⁸⁵ Despesa destacada em BOGART (1995, p. xvi).

²⁸⁶ Cf. **Documento 50**.

²⁸⁷ Cf. Id. Um livro fundamental sobre a política de arte dos EUA no exterior durante a Guerra Fria, e de como a Arte Moderna foi usada como expressão que representava a liberdade e a democracia americana, é o "*How New York Stole the Idea of Modern Art*", do francês Serge Gilbaut (1983).

²⁸⁸ A obra referência sobre o uso do jazz na Guerra Fria é o "*Satchmo blows up the world, Jazz Ambassadors Play the Cold War*", de Penny M. Von Eschen (2004).

²⁸⁹ Cf. **Documento 50**. Trecho original em **Transcrição 157** em Transcrições (tradução nossa).

²⁹⁰ Cf. **Documento 50**: "1956: American Jazz introduced into cultural program because of overseas demand". Cf. trecho original em **Transcrição 158** em Transcrições (tradução nossa).

Uma das organizações envolvidas na elaboração e promoção de muitas das turnês artísticas patrocinadas pelo Governo Americano (ou pelo Departamento de Estado, ou por um fundo especial da Presidência, ou pela USIA) era a *American National Theatre and Academy* (ANTA).²⁹¹

As Repúblicas Americanas eram a última região em número de turnês artísticas e esportivas. Para o ano de 1956, enquanto no Oriente o governo despendia US\$ 779 mil com atividades esportivas e artísticas; no Oriente Médio e Ásia, US\$ 680 mil; na Europa, 542 mil; nas Américas, as turnês custavam US\$ 446 mil para o governo.

Desse montante dedicado às Repúblicas Americanas, no ano de 1956, US\$ 168 mil eram gastos com grupos teatrais, de drama, comédia e musicais; US\$ 99 mil para grupos musicais; US\$ 90 mil pra orquestras; US\$ 62 mil para atividades esportivas; US\$ 15 mil para grupos de dança e apenas US\$ 11 mil para artistas individuais nas Américas.²⁹²

Além da parceria com organizações privadas no rádio, imprensa, música e artes plásticas, a USIA aumentou o alcance dos seus filmes produzidos também por meio de exibições conjuntas com filmes comerciais. Utilizando os canais de exibição privados, os filmes da USIA tiveram 200 milhões de espectadores por semana, no ano de 1954. Mais de 700 rolos de novos filmes da USIA, em 40 línguas, (totalizando 12 mil rolos, de mais de 200 diferentes filmes) foram distribuídos para exibição em salas comerciais Warner Brothers, da RKO, 20th Century Fox e Paramount ao redor do mundo.²⁹³

O ex-executivo da área e chefe do Departamento de Filmes da USIA, Andrew W. Smith, explicava a estratégia da USIA para usar os filmes como forma de combater o comunismo:

Filmes ainda são um dos meios mais perceptíveis de trazer a história da política externa americana para os povos das nações livres, e expor os falsos e traiçoeiros argumentos dos propagandistas vermelhos. Os filmes atuais da USIA estão claramente servindo a um importante propósito.²⁹⁴

A USIA estabelecia três novos critérios que deveriam ser buscados para a produção de seus novos filmes: 1. O teor anticomunista; 2. Que reforce o interesse da política externa dos EUA no país em que é exibido; 3. Que aborde atualidades do noticiário local, em formato de notícias (*newsreels*), misturando o conteúdo político com temas de interesse.²⁹⁵

²⁹¹ Cf. **Documento 50**: “*ANTA to sponsor two music tours*”.

²⁹² Id.: “*1955-56: Breakdown FY56 Cultural-Sports Program by area & activity*”.

²⁹³ Cf. **Documento 51**: Notícia do “*Herald Tribune Bureau*”, de 1o de agosto de 1954: “*USIA Film Audience Increased by 200 Million*”.

²⁹⁴ Id. Trecho original em **Transcrição 159** em Transcrições (tradução nossa).

²⁹⁵ Cf. **Documento 51**: “*Streitbert – interested in 3 types of films (anti-communist, Pro-US Foreign Policy,*

Para o formato de filmes documentários sobre determinado tema de interesse, a USIA iria investir US\$ 205 mil para o ano de 1956. Para a produção de filmes com noticiário sobre determinado tema (como por exemplo, a visita de Milton Eisenhower à América do Sul), a USIA destinou US\$ 175 mil naquele ano. E para a produção de *newsreels* era destinado o maior montante anual (US\$ 650 mil), sendo que 60% desses eram produzidos localmente, com menor qualidade técnica, mas com maior credibilidade.

Para Streitbert, produzir filmes não assinados pela agência ou pelo governo era um princípio da USIA. Segundo ele, isso facilitava a aceitação das mensagens em públicos estrangeiros:

Agora, essa é, quase que inteiramente, uma operação confidencial. Eu tentarei descrevê-la genericamente para que possamos discuti-la sendo registrados. Na verdade, a maioria de nossos filmes são clandestinos, e nós acreditamos que isso é muito mais eficiente, não ter o "carimbo" da USIA nesses filmes. Isso é especialmente verdade para a nossa produção estrangeira. Nós procuramos não identificá-los como filmes dos EUA.²⁹⁶

Definidas as principais áreas e maneiras de atuação, a USIA começava a se organizar definitivamente. Em 1956, o organograma da USIA já se dividia em 11 Departamentos ao total. Por tema de trabalho eram: o do diretor; o do conselho geral; o da cooperação privada; o de pesquisa e inteligência; o de segurança; o de administração; e o do diretor assistente, responsável pelo Departamento de políticas e planos. E por região: o do diretor assistente para as Repúblicas Americanas (Frank H. Oram); o do diretor assistente para Europa; o do diretor assistente para o Oriente; o do diretor assistente para Oriente Médio, Sul da Ásia e África.

Cada escritório regional tinha as diversas representações locais, por meio dos centros de cultura, bibliotecas, centros binacionais, embaixadas, consulados e dos *United States Information Services* (USIS).

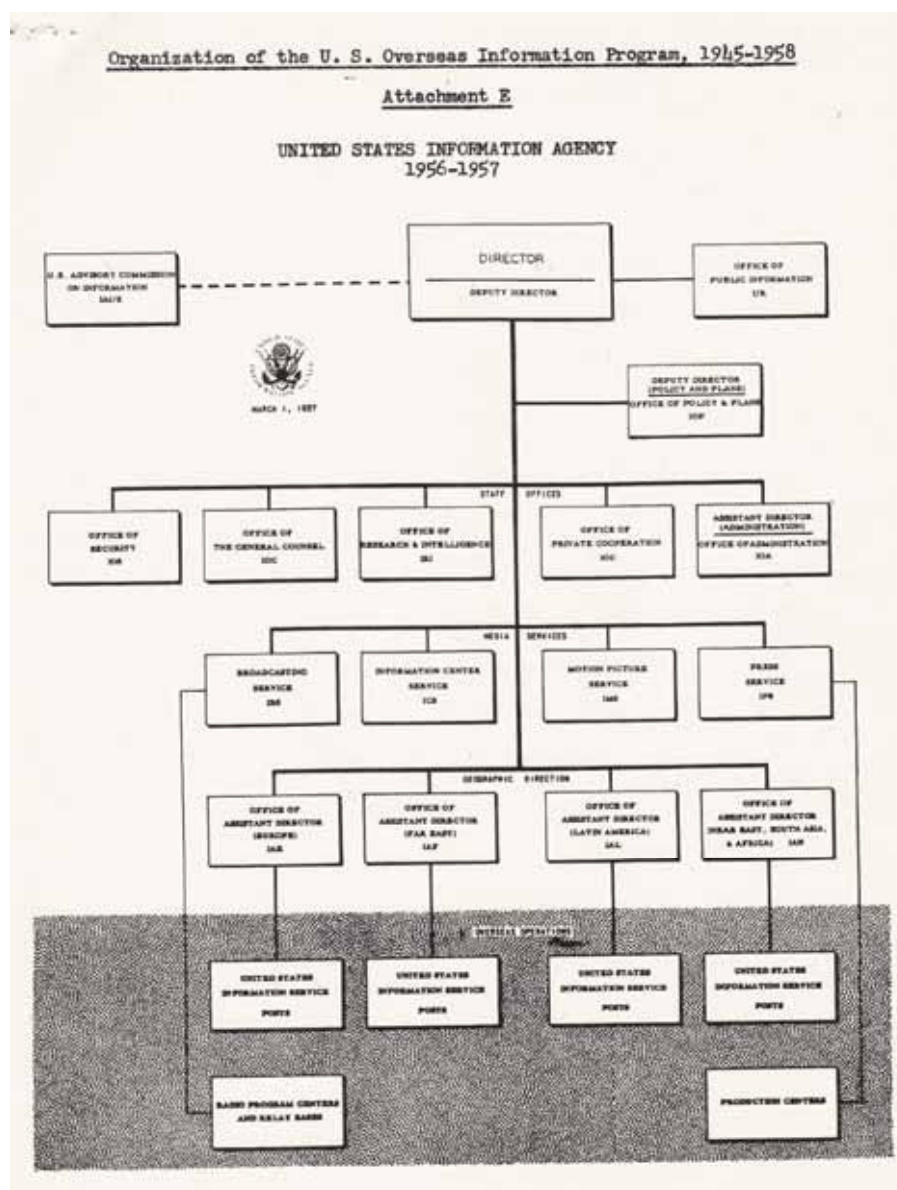
Respondiam também ao diretor os serviços de mídia, que tinham representações locais e se dividiam em quatro setores de atividades: o centro de informação; o de filmes; o de transmissões (com representações locais nos centros de rádio e bases de transmissão regionais); e o serviço de imprensa (com postos locais de produção de notícia).

Como bem ilustra o organograma abaixo, basicamente a estrutura de trabalho da USIA se dividia entre *Staff Offices*, os *Media Services*, a *Geographic Direction* e as *Overseas Operations*:

Topical)”.

²⁹⁶ Cf. **Documento 51**: “1955: Streitbert – Agency produces 3 types of films: documentaries, newsreels and topical films: most unattributed: major emphasis on newsreels”. Trecho original em **Transcrição 160** em Transcrições (tradução nossa).

FIGURA 10 - O organograma da USIA a partir de 1956: a estrutura básica da agência em seus anos de apogeu.



Fonte: Cf. **Documento 49**.

A partir do estabelecimento da estrutura interna da USIA, o programa de informação norte-americano definia também as responsabilidades com outros órgãos do governo. A partir das diretrizes presidenciais, definidas por meio das recomendações do *National Security Council* (e de seu *Operations Coordinating Board*), a USIA era quem conduzia as ações definidas pelo Presidente no exterior.²⁹⁷

²⁹⁷ Cf. **Documento 51**: “*Operating Responsibilities and Relationships for the United States Information Agency, March 4, 1954*”.

O Departamento de Estado era responsável pelo estabelecimento das diretrizes de política externa a ser seguida por todas as agências. Nos postos diplomáticos ao redor do mundo, o chefe da missão (embaixador ou cônsul) era o responsável por definir as políticas de informação prioritárias para cada local.²⁹⁸ As outras agências e Departamentos do governo deveriam abastecer a USIA com dados referentes às políticas de informação, relacionados às suas áreas. As de inteligência (como CIA) deveriam fornecer todo tipo de informação estratégica para USIA.²⁹⁹

Além da criação e estabelecimento das ações da USIA, Eisenhower lançou o seu mais ambicioso plano de informação, em setembro de 1956, que ia totalmente de encontro às parcerias com as empresas e a sociedade civil propostas também pela USIA: o programa *People-To-People*. A principal ideia do governo era estabelecer uma plataforma com diversos eixos de ação para estimular as relações da sociedade civil e empresarial americana com outros países. Apesar de ser uma iniciativa que partiu do governo, a ideia era que o programa tivesse caráter de fundação independente e privada.

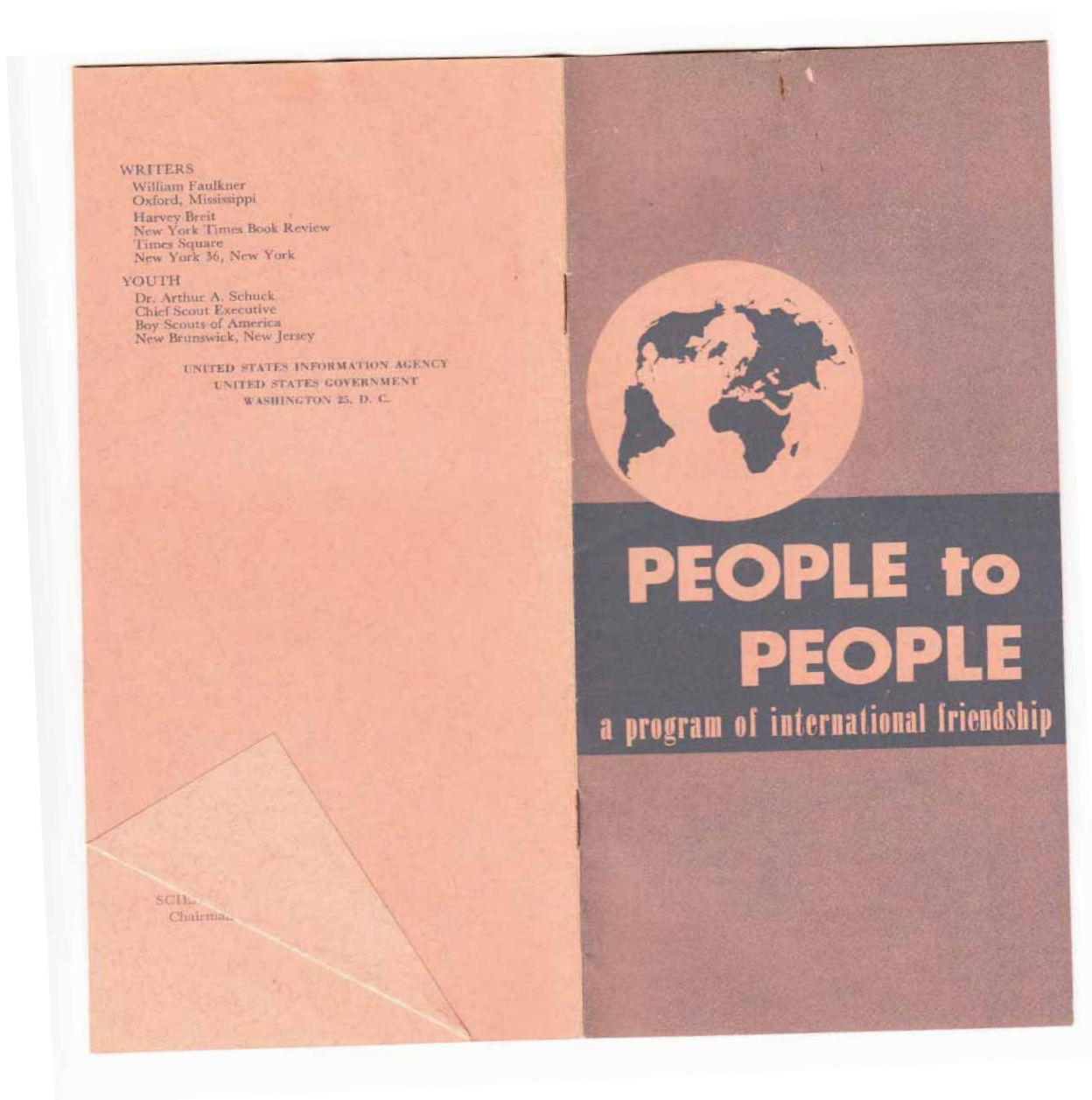
É interessante notar que, entre os variados materiais gráficos que foram produzidos para promover o programa *People-To-People*, diferentes referências de organizações do governo, ou de fundações privadas, eram mostradas.

Outras vezes, dependendo do tipo de comitê ou informação que esses promoviam, quem aparecia como referência era o próprio endereço da USIA, em Washington D.C. (como no material abaixo):

²⁹⁸ Cf. **Documento 51**: “*Operating Responsibilities and Relationships for the United States Information Agency, March 4, 1954*”.

²⁹⁹ Id.

FIGURA 11 - Folheto de apresentação do programa *People-to-People*, lançado por Eisenhower em 1956, com a USIA como referência de contato.



Fonte: Cf. **Documento 52**.

O programa segue à risca a estratégia histórica das políticas de informação americana, de muitas vezes não serem identificadas oficialmente como governamentais, para ser melhor aceita em outros países. No lançamento da iniciativa, em uma conferência na Casa Branca que reuniu cerca de 50 lideranças econômicas, sociais e culturais que seriam indicados pelo

governo como coordenadores de comitês, Eisenhower explicava que o programa teria um caráter privado, não-governamental.³⁰⁰

Na ocasião, Eisenhower e Foster Dulles explicaram que os governos tinham caráter limitado e que a sociedade civil deveria exercer o papel de facilitadora na aproximação do governo americano com outros governos no exterior. Cada comitê, a partir das nomeações das coordenações feitas pelo governo, deveria ter autonomia para pensar suas ações e estratégia.³⁰¹

Entre os 41 comitês, eram citados inicialmente pelo governo os de: organizações de propaganda; serviços militares; bancos; livros; organizações para negócios; cartunistas; comitê cívico; educação; grupos agrários; artes plásticas; política externa; grupos de ex-funcionários de serviços no exterior; grupos “4-H” (organização juvenil, nos moldes aproximados do escotismo); fraternidades estudantis; deficientes; hobbies; indústria hoteleira; seguros; de cartas; revistas; profissões de medicina e saúde; filmes; música; nacionalidades; relações públicas; rádio e TV; grupos religiosos; ciência e engenharia; *service organizations* (organizações como *Rotary*, *Lions*, etc.); porta-vozes; esportes; talentos para indústria de entretenimento; viajantes; veteranos militares; mulheres; escritores; e juventude.³⁰²

A proposta do governo era de que os comitês nacionais desenvolvessem as relações com suas contrapartes no exterior, sejam elas governamentais ou privadas. O comitê de cartas, por exemplo, deveria buscar partilhar ações com organizações que promovessem o contato de americanos com estrangeiros por meio das cartas. Segundo a USIA:

Cartas pessoais, o segundo meio mais antigo das comunicações entre os homens, ainda são uma de nossas armas mais confiáveis na batalha de ideias. Jornais, periódicos e livros são frequentemente barrados, ou censurados. Nossas mensagens de rádio são muitas vezes distorcidas pela oposição. Fotos podem ser falsificadas. Mas a correspondência chega às áreas mais difíceis do mundo, onde a mente dos homens está em jogo.³⁰³

É interessante notar que tendo como referência a Fundação *People-to-People*, com sede em Nova York (no número 45 leste da rua 65) os materiais muitas vezes se referem como uma iniciativa presidencial. As publicações pediam a ajuda das pessoas para, ao criarem novas amizades no exterior, ajudar a garantir a paz mundial. Como no material gráfico a seguir:

³⁰⁰ Cf. **Documento 52**.

³⁰¹ Id.

³⁰² Id.

³⁰³ Cf. **Documento 53**: *Letters abroad from Americans: How can you help the U.S. Government Develop a better Understanding Throughout the World (USIA)*. Cf. trecho original em **Transcrição 161** em Transcrições (tradução nossa).

FIGURA 12 - Folheto de apresentação do comitê de cartas, do programa *People-to-People*, lançado por Eisenhower em 1956.



Fonte: Documento 52.

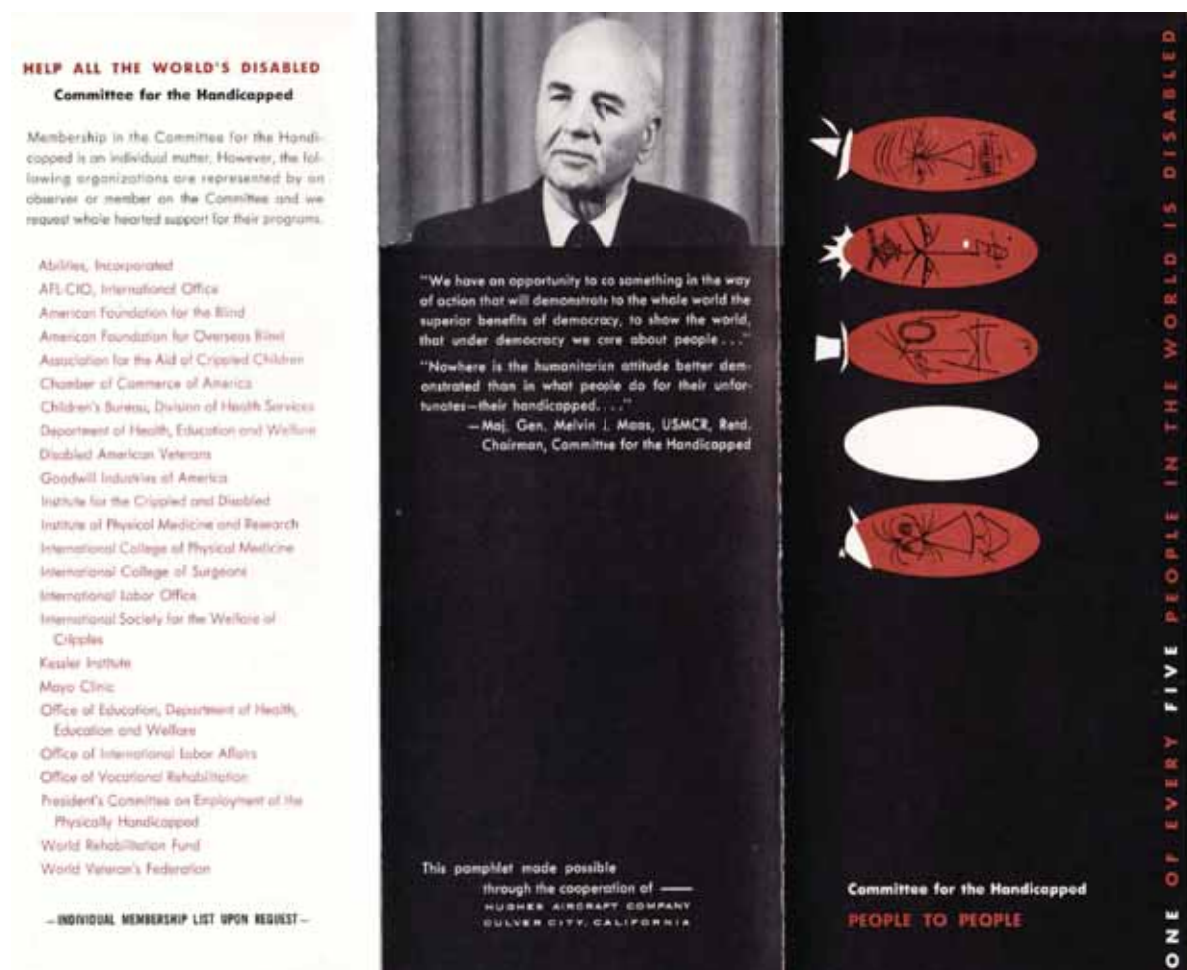
Outros comitês, como o de *hobbies*, por exemplo, desenvolviam a troca de experiências com relação aos mais variados costumes, como a coleção de selos, moedas, ou antiguidades; como o gosto por animais, autógrafos, cerâmicas, bonecas, ciclismo, viagens, mágica, estudos naturais, maquetes, fotografias, gravação de fitas, jornalismo amador, escalada ou jardinagem.³⁰⁴

Todos esses *hobbies* eram motivo para envolver as pessoas no esforço do Presidente para a segurança mundial. Grande parte do material analisado não deixava claro de onde partiam as fontes de financiamento para as iniciativas de aproximação entre os povos, e muitas vezes não havia menção direta em relação ao papel do governo. Na maior parte das

³⁰⁴ Cf. Documento 52.

O *People-to-People* também inovava, contemplando as minorias, como comitês de deficientes ou de mulheres. O folheto de divulgação, patrocinados pela companhia *Hughes Aircraft Company*, da Califórnia, tentava mostrar que a democracia americana era superior, pois previa ajuda àqueles mais necessitados:

FIGURA 14 - Material de apresentação do comitê de deficientes do programa *People-to-People*, fundado por Eisenhower em 1956.



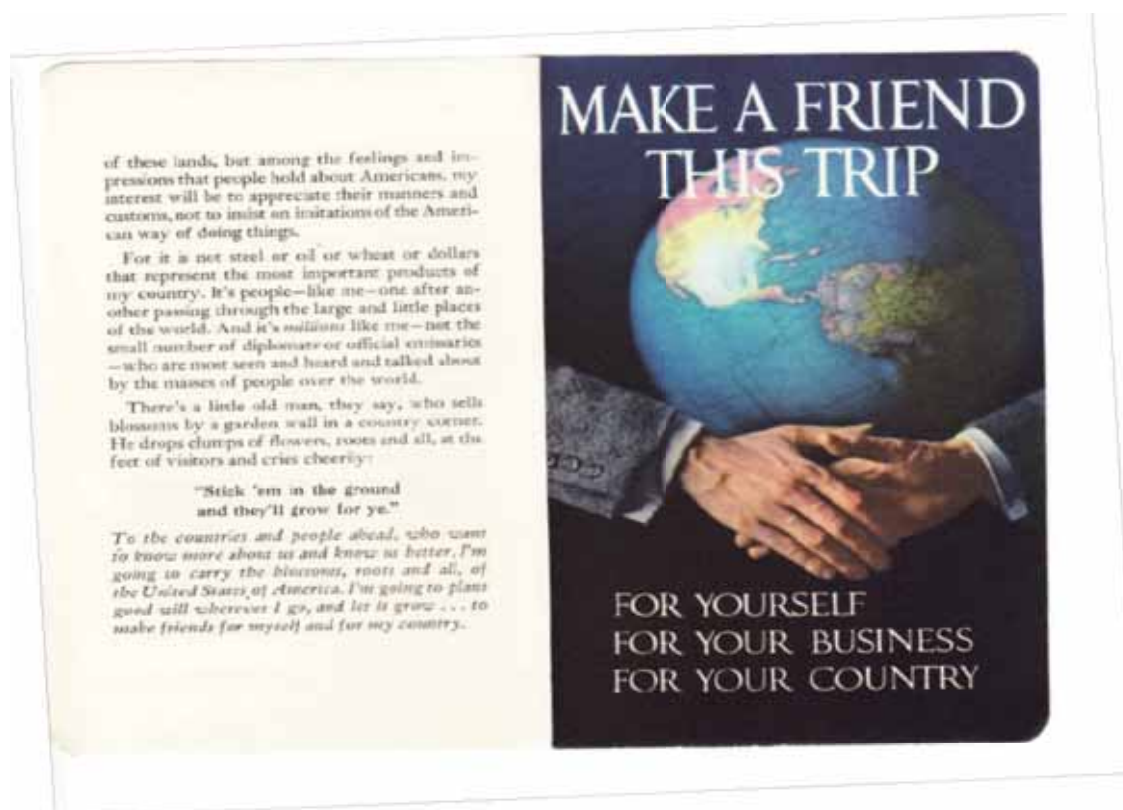
Fonte: Cf. **Documento 52**.

O comitê de deficientes tinha como associados alguns departamentos governamentais, como o de saúde, educação e bem-estar, o de relações internacionais, do trabalho, o da reabilitação vocacional, além de associações como a Federação Mundial de Veteranos de Guerra, uniões sindicais como a AFL-CIO (*American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations*) e associações empresariais como a Câmara Americana de Comércio.

Além dos comitês, o *People-to-People* encorajava a sociedade civil, até individualmente, a se engajar na luta do governo pela paz. Isso era feito por meio da aliança com outras pessoas e organizações do mundo, com iniciativas como a campanha de conscientização dos viajantes ao exterior, que fora do país representariam a democracia americana e por isso deveriam fazer – além de negócios ou boas experiências pessoais – com que a imagem dos EUA melhorasse junto àqueles com quem tivessem contato.

Materiais específicos para viajantes eram produzidos no formato de passaporte e pediam para que estudantes, empresários, missionários, turistas ou americanos que fossem visitar o país de seus antepassados representassem bem o país no exterior e respeitassem os costumes locais. Além disso, o material pedia para que o viajante americano buscasse o que fosse comum entre os EUA e o país visitado, para assim fazer novas amizades, duradouras, fora dos EUA.³⁰⁵ A foto a seguir, capa e contracapa do folheto distribuídos aos viajantes americanos (encontrada no acervo de materiais produzidos pela USIA durante o governo Eisenhower), mostra a ideia da campanha (não-assinada) da USIA:

FIGURA 15 - Material produzido pela USIA, durante o governo Eisenhower, para viajantes americanos que partiam ao exterior.



Fonte: Cf. Documento 52.

³⁰⁵ Cf. Documento 52.

A mensagem “*For yourself, for your business, for your country*” conclamava ao cidadão comum o papel de representante do país no exterior, dando-lhe importância maior do que os diplomatas ou enviados de governos. Produzido por iniciativa do governo, era uma ode à importância da sociedade civil, em uma guerra que decidiria o futuro da humanidade.³⁰⁶

O vasto programa *People-to-People* também incentivava a criação espontânea de comitês locais, que poderiam criar sua própria agenda de cooperação (cartas, esportes, envio de livros ao exterior, missões técnicas, esportivas, musicais ou acadêmicas), que poderia ser encaminhada e apoiada por uma das representações do programa, identificada somente por um número de Caixa Postal “*People-to-People Councils*”, PO Box 1960, Washington D.C.

A produção da cartilha, distribuída às organizações comunitárias de bairro, era um oferecimento da Fundação Hallmark (empresa que produz cartões de aniversário e festas). Ao final do cartão, a Fundação agradecia à USIA e ao seu Departamento de cooperação privada (*Office of Private Cooperation*), conforme mostra a Figura 16:

FIGURA 16 - Cartilha do programa *People-to People* para criação de projetos comunitários de cooperação, produzida pela fundação Hallmark, com ajuda da USIA.

THIS IS A DO-IT-YOURSELF PROJECT

You personally can help bring about better understanding between peoples.

You personally can work for peace through People-to-People contacts.

You personally can organize a People-to-People Community Council. Do it now. Write today. Send your letter to:

PEOPLE-TO-PEOPLE COUNCILS
POST OFFICE BOX 1960
WASHINGTON, D. C.

Remember . . .

Peace begins with you.

★



This plan was prepared by the Hallmark Foundation. The Foundation thanks the United States Information Agency, Office of Private Cooperation, for the encouragement and help received in the development of this project.

Fonte: Cf. Documento 52.

³⁰⁶ Cf. Documento 52.

As iniciativas do *People-to-People* previam não só a participação de comunidades de bairro, mas também da cooperação internacional das cidades americanas, por meio do comitê cívico do programa. O apoio à aproximação de cidades se dava especificamente pelo programa *Sister Cities*, também lançado por Eisenhower e acompanhado pela USIA.

A articulação com as cidades passava, internamente, pela *American Municipal Association* (membro do comitê cívico do *People-to-People*) e pelo *American Committee for International Municipal Cooperation*; com as cidades do hemisfério pela *Inter-American Municipal Organization*; e em todo mundo, pela *International Union of Local Authorities* (IULA).

Segundo as publicações da USIA sobre a adesão de cidades ao *Sister Cities*, o principal objetivo a ser seguido com o irmanamento de cidades era atingir a paz mundial, pois as cidades refletiriam o modo de vida americano, ajudariam a combater as ideias distorcidas da propaganda soviética e ajudaria a fortalecer os laços de amizade com outros povos, também ameaçados pelo comunismo.³⁰⁷

O ponto focal para adesão de cidades americanas ao programa *Sister Cities* era a sede da *American Municipal Association*, em Washington D.C. Muitas vezes, porém, a prospecção de parcerias entre cidades se dava pelos próprios embaixadores dos países (chefes locais dos USIS), que em contato com a USIA propunham o irmanamento de algumas cidades, de acordo com os interesses locais. No caso do Brasil, o que será visto ao longo do terceiro capítulo (mais especificamente no subcapítulo 3.5), muitas vezes os irmanamentos de cidades aconteceram com participação ativa da USIA e da embaixada local.

Os irmanamentos promoviam atividades culturais e gastronômicas, e normalmente previam um dia de festejos com costumes das cidades irmãs. Entre as atividades permanentes estavam as já previstas pelo *People-to-People*, como troca de cartas entre estudantes e pessoas das comunidades, reuniões sobre diversos temas (como hobbies, gastronomia, jardinagem, escalada, etc.) e visita periódicas entre autoridades locais. Muitas das vezes, as cidades se homenageavam, nomeando praças ou ruas em referência à cidade irmã.

Podem ser citados vários exemplos de irmanamentos ativos na ocasião, como o de Tucson (Arizona) com Trikala (Grécia), Cortland (NY) com Pashawar (Paquistão), San Diego (Califórnia) e Yokohama (Japão), Montclair (NJ) com Graz (Áustria)³⁰⁸, Washington DC com

³⁰⁷ Cf. **Documento 52**.

³⁰⁸ Segundo **Documento 56**, o irmanamento entre *Montclair* e *Graz* foi um dos mais antigos com cidades americanas.

Tóquio (Japão), Boston (Massachusetts) e Roma (Itália), San José (Califórnia) e Okayama (Japão), Seattle (Washington) e Kobe (Japão), entre outros.

FIGURA 17 - Brasão comemorativo do programa *Sister Cities* entre Montclair (NJ) e Graz (Áustria).



Fonte: Cf. **Documento 52**.

Muitos dos comitês serviram para mobilização efetiva da sociedade civil no esforço da guerra ideológica anticomunista. O comitê de cartunistas, por exemplo, reuniu artistas que produziram materiais publicados pela USIA em outros países, muitas vezes feitos por cartunistas locais participantes do comitê do *People-to-People*; no Brasil inclusive.

Um desses materiais foi um livro de 95 páginas de 22 cartunistas que defendiam o turista americano como amigo das populações locais, chamado “*You Dont See These Sights On the Regular Tours*”. Ele foi distribuído em Departamentos do governo, agências de turismo, fraternidades e organizações correlatas, de acordo com notícia de jornal encontrada nos arquivos da USIA.³⁰⁹

Na charge selecionada abaixo, Walt Kelly, que fazia parte do comitê de cartunistas do programa, demonstra o bom coração dos turistas americanos, muitas vezes enganados pelos locais (como no caso da compra de estátuas incas raras, que na verdade são produzidas industrialmente), ou no caso dos jovens delinquentes de outros países, que devem tratar os americanos de maneira respeitosa, já que eles tratam os estrangeiros dessa maneira.

Segundo a reportagem, a propaganda soviética divulgava o turista americano como “fanfarrão”, “barulhento” e “mal-educado”, e materiais como esse tentavam equilibrar essa

³⁰⁹ Cf. **Documento 53**.

imagem, por meio da arte e do humor, e mostrando que o turista poderia causar uma boa impressão no exterior:

FIGURA 18 - Reportagem sobre publicação de cartunistas do *People-to-People*, favoráveis aos turistas americanos no exterior.



Fonte: Cf. **Documento 53**.

Os participantes dos comitês do *People-to-People* no exterior eram tão atuantes que muitas vezes exerceram papéis que ultrapassavam os seus habituais. Como na conturbada visita do então vice-Presidente Nixon à América Latina, em maio de 1958, quando foi recebido com manifestações contrárias em diversos dos países da região. Mas na Venezuela, Nixon contou com apoio de moradores locais que participavam das atividades do *People-to-People*. Segundo reportagem do *Washington Post*, intitulada “*Hobby Found Peacemaker in International Strife*”, os membros dos comitês de *hobbies* e de selos da Venezuela ajudaram a “esfriar” as manifestações contrárias à Nixon:

Uma das ações do programa *People-to-People* é tirar o selo de desconfiança atribuído a este país – desconfiança estrangeira em relação a este país – e literalmente. Harry L. Lindquist, Presidente do comitê de *Hobbies* do Programa e editor em Nova York da revista “*Stamps Weekly*” revelou ontem que seus contatos do comitê de coleção de selos foram mobilizados para ajudar a “esfriar” o sentimento antiamericano crescente na Venezuela, por ocasião da visita do vice-Presidente Richard M. Nixon, no último mês de maio.³¹⁰

³¹⁰ Cf. **Documento 52**. Cf. trecho original em **Transcrição 162** em Transcrições (tradução nossa).

Em 10 de novembro de 1956, meses após o lançamento de importantes programas como *People-to-People* e o *Sister Cities*, o primeiro diretor da USIA, Theodore Streitbert, renunciou ao seu cargo. Após três anos de gestão, Streitbert deixava como legado um modo consolidado de agir, casando a ação da USIA com o setor privado e envolvendo diferentes atores da sociedade civil. Além disso, durante o período, a agência expandiu a exibição de seus filmes em parcerias com salas comerciais ao redor do mundo, fortalecendo o VOA, expandindo as turnês artísticas e esportivas e promovendo exibições norte-americanas no exterior.

Seis dias após o anúncio de sua renúncia, Streitbert se juntou à equipe dos irmãos Nelson e Laurance S. Rockefeller, oficialmente como assessor de negócios de família³¹¹.

Nelson A. Rockefeller, após ser o responsável pelo comitê de reorganização no início do governo Eisenhower (que entre outras coisas, propôs a criação da USIA), foi secretário do também recém-criado Departamento de saúde, educação e bem-estar de junho de 1953 a dezembro de 1954. Imediatamente após se desligar do cargo de secretário ele assume como assessor especial do Presidente Eisenhower para política externa.³¹²

Durante o ano em que permaneceu como Assessor Especial de Política Externa de Eisenhower (até dezembro de 1955), Rockefeller criou um comitê (de 12 pessoas de diferentes setores) com a missão de preparar um plano que propusesse o perfil de uma futura estratégia psicológica para os EUA nos próximos anos da Guerra Fria.³¹³

O comitê de Rockefeller era coordenado por Frederick L. Anderson, general da força aérea americano, e formado por notáveis de diversas áreas, entre eles: o jovem Henry Kissinger (*Harvard University*), C.D. Jackson (da *Time, Incorporated*), Dr. Ellis A. Johnson (diretor de Departamento de Pesquisas da *Johns Hopkins University*), Cel. George A. Lincoln (Professor de Ciências Sociais da Academia Militar dos EUA), Dr. Paul M.A. Linebarger (da Escola Avançada de Estudos Internacionais, também da *Johns Hopkins University*), Stacy May (Consultor de economia), Dr. Max F. Millikan (diretor do centro de estudos internacionais do MIT/*Massachusetts Institute of Technology*), Dr. Philp E. Mosely (diretor de estudos do *Council on Foreign Relations*), Dr. George Pettee, diretor assistente do Departamento de Pesquisas da *Johns Hopkins University*), Dr. Stefan T. Possony (especialista

³¹¹ Cf. **Documento 44**.

³¹² Segundo descrição dos arquivos pessoais da família Rockefeller, em Tarrytown (NJ). Disponível em <<http://dimes.rockarch.org/xtf/view?docId=ead/FA350/FA350.xml;chunk.id=ref766;brand=default&doc.view=contents>> Acesso em 20 nov. 2014.

³¹³ Cf. **Documento 54**.

em inteligência aérea da Força Aérea americana), e William Webster (vice-Presidente executivo da *New England Electric System*).

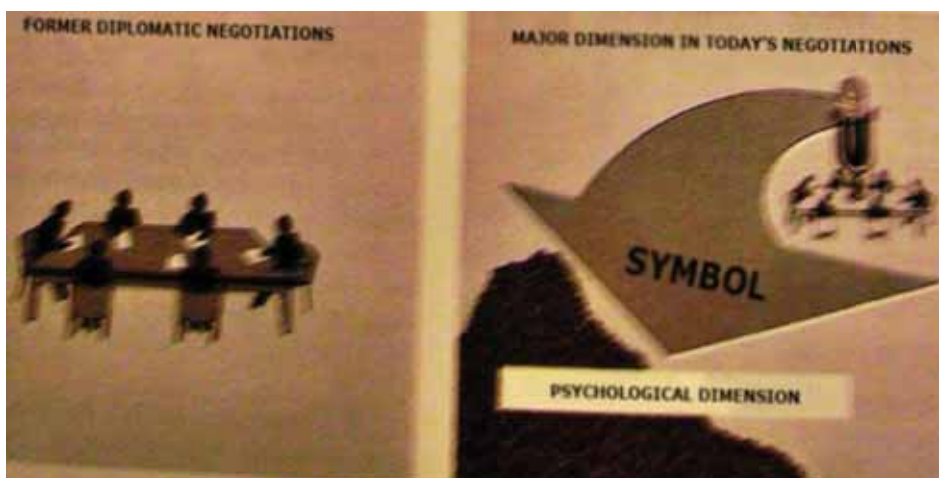
Composto por empresários, acadêmicos especialistas em pesquisa, especialistas aeronáuticos, de mídia e energia, os componentes formavam uma equipe singular para pensar como os EUA deveriam agir para ganhar a batalha psicológica a longo prazo, articulando-a aos programas militar, econômico, tecnológico e ideológico.

O estudo de mais de cem páginas apresentado a Rockefeller em novembro de 1955 foi chamado de *“Psychological Aspects of United States Strategy”*³¹⁴, sendo o resultado de entrevistas e encontros com funcionários e diversas agências do governo, em Washington D.C. e Quantico (Virgínia). Ele partia do pressuposto que a batalha ideológica com a URSS era decisiva para o futuro do mundo como se conhecia até então. O grupo se dissolveu em dezembro de 1955.

Na introdução do estudo eram propostas quatro ações estratégicas que o resumiam: 1- conscientizar a população americana sobre os riscos da situação naquele momento e o que seria preciso para superá-la; 2- aumentar os gastos militares para defesa aérea americana e europeia; 3- garantir a liderança americana no mundo nos campos político, econômico e cultural, para eliminar as debilidades por onde avança o comunismo; e 4- pressionar constantemente o bloco soviético para que sejam mostradas as suas deficiências e debilidades.

Já em seu início, o estudo indicava que as antigas relações diplomáticas, realizadas antigamente a portas fechadas, não eram mais suficientes para provocar as mudanças necessárias no mundo daquele momento.

FIGURA 19 - A dimensão simbólica e seus desdobramentos psicológicos na nova diplomacia.



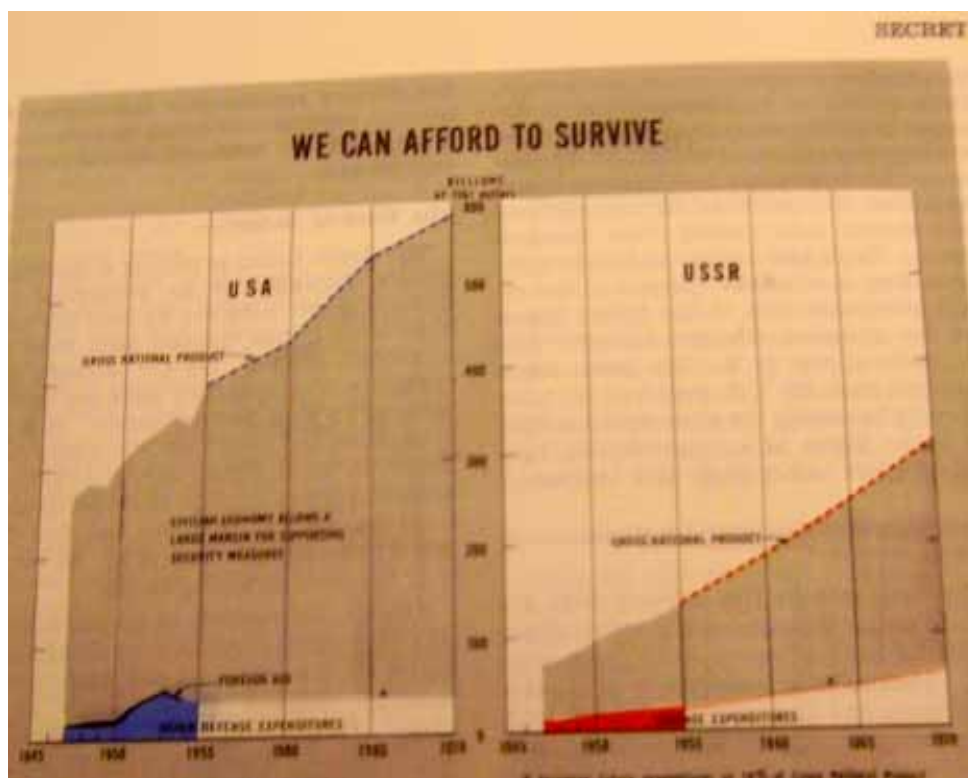
Fonte: Cf. **Documento 54**.

³¹⁴ Cf. **Documento 54**.

A Figura 19 mostra, à esquerda, que as negociações diplomáticas antigas (“*former diplomática negotiations*”) se decidiam em uma mesa com poucas pessoas. Em contraposição, nas negociações maiores daquela época, no quadro da direita, também tomadas em uma mesa, tinham que ser divulgadas eficientemente (por isso o microfone de rádio em cima da mesa), para atingir a dimensão psicológica das “pessoas do mundo”, por meio da dimensão simbólica.

Era necessária, sobretudo, uma estratégia adequada para comunicação, que trabalhasse bem simbolicamente as decisões políticas das grandes potências, afetando as chamadas dimensões psicológicas dos países em geral. Além disso, o estudo também mostrava que os EUA tinham capacidade econômica de sustentar maiores gastos com a Guerra Fria do que a URSS, que a longo prazo (com uma projeção até o fim da década de 1970) perderia essa capacidade, ou causaria um colapso em sua economia. Isso tentava justificar o aumento dos gastos com o esforço militar, econômico e cultural que deveriam ser colocados em marcha para ganhar, a longo prazo, a batalha psicológica.

FIGURA 20 - Gráfico que justificava a capacidade econômica americana de sustentar um aumento de orçamento com a batalha psicológica, em comparação à menor capacidade soviética.

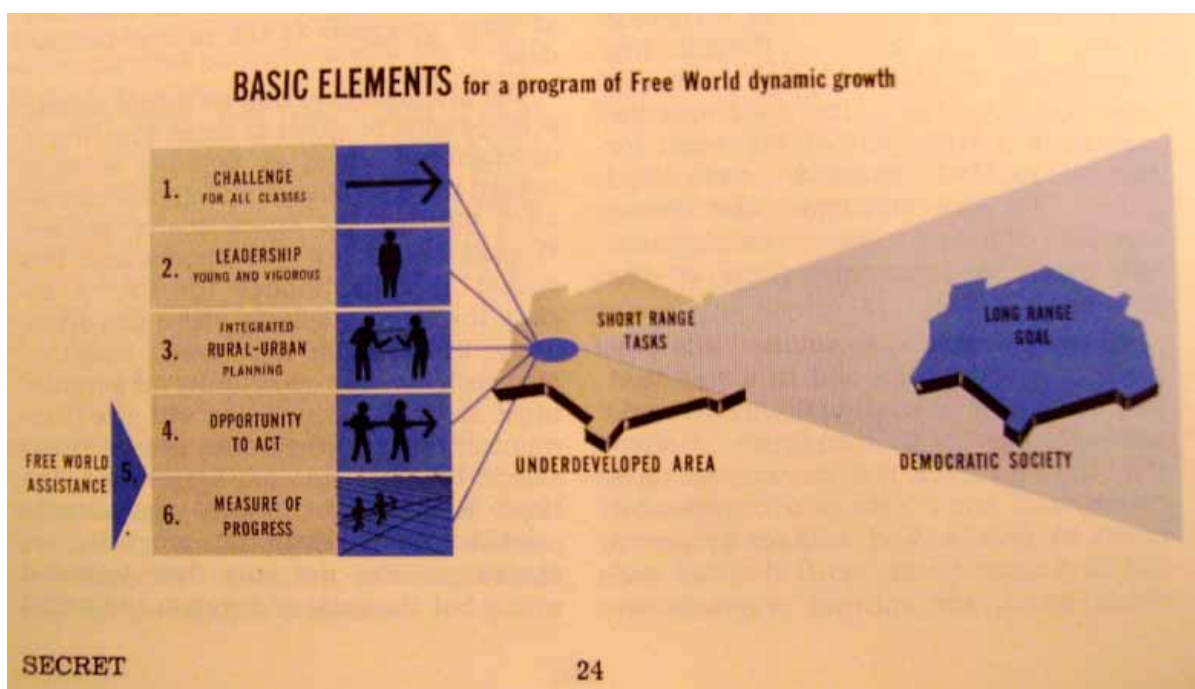


Fonte: Cf. Documento 54.

O que se percebe na **Figura 20**, “*We can afford to survive*”, à esquerda, em cinza, é uma projeção do crescimento da economia americana até os anos 1970, e abaixo, a mancha em azul e branca apontava para os possíveis gastos necessários para ganhar a Guerra Fria (militares, econômicos e culturais). À direita, estava a projeção do PIB soviético no mesmo período e como os gastos com a batalha psicológica impactavam mais a sua economia, relativamente. O raciocínio era que, a longo prazo, os EUA conseguiriam sobreviver economicamente mais facilmente que a URSS, mantendo uma batalha psicológica com as mesmas proporções.

Segundo o relatório, o comunismo crescia em áreas subdesenvolvidas, e era nessas que os EUA (identificado no estudo como “*Free World*”) tinham que agir, de acordo com uma estratégia similar à posterior guerrilha de “foquismo”, às avessas (o que eles chamavam de “*Free World dynamic Growth*”). Em cada país subdesenvolvido era necessário criar um foco de “mundo livre”, que poderia estender a democracia no molde americano a toda o país e região. Como bem ilustra a imagem:

FIGURA 21 - Elementos básicos para o programa “*Free World dynamic growth*”.



Fonte: Cf. **Documento 54**.

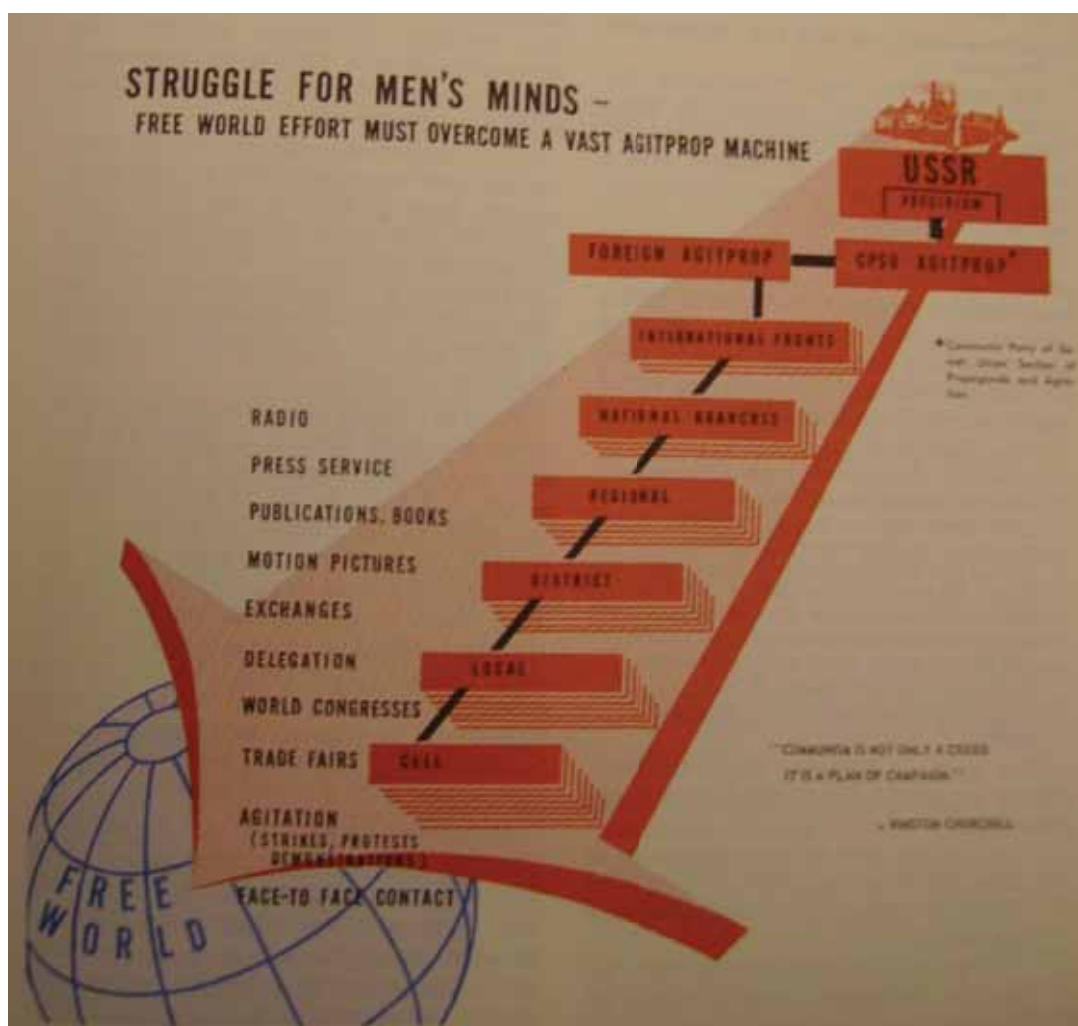
O caso latino-americano era exemplo de sucesso da estratégia americana, citado em capítulo escrito pelo consultor em economia Stacy May, ao final do relatório. Ele mostrava que a política de cooperação econômica e técnica para o desenvolvimento aplicada no

hemisfério no pós-guerra garantia democracias com um ambiente favorável para a iniciativa empresarial capitalista (e com um intenso fluxo comercial entre os países latino-americanos e os EUA).³¹⁵

O tom do clima que se apresentava no relatório encomendado pelo assessor especial de política externa da Casa Branca ilustra bem o que motivava as iniciativas de informação, como a USIA. E o aspecto psicológico, resultado de políticas integradas entre os campos econômico, militar e informacional, eram centrais na política externa (e interna) dos EUA naquele momento. Daí o papel central da USIA.

A preocupação com a estratégia de informação soviética era vista como ameaça ao mundo livre, como mostra o gráfico abaixo:

FIGURA 22 - A luta pelas mentes humanas – a estratégia soviética que deveria ser combatida, segundo os americanos, nos anos 1950.



Fonte: Cf. **Documento 54**.

³¹⁵ Cf. **Documento 54**.

Pelo que se percebe, a proposta americana pretendia combater a máquina de propaganda soviética que partiria do *Agitprop* soviético (Seção do partido comunista soviético para propaganda e agitação) e vinha, em várias fases, atingindo desde os círculos internacionais mais amplos até as frentes regionais, chegando em “células” mais locais como o contato pessoal (*face-to-face contact*).

Para isso, os soviéticos promoviam feiras de negócios, Congressos, delegações, intercâmbios, filmes, publicações, imprensa e rádio. Interessante notar como a interpretação americana também tomava as agitações sociais, como greves, protestos e manifestações como produtos da máquina de propaganda soviética que colocava em risco o “Mundo Livre”. O gráfico era acompanhado da frase de Wiston Churchill: “*Communism is not only a creed, it is a plan of campaign*” (Comunismo não é só um credo, é uma estratégia).

Um outro relatório do grupo para Rockefeller, de agosto de 1955³¹⁶, propunha uma estratégia unificada da política de informação do governo (Departamento de Estado, CIA e USIA) que trabalhassem em conjunto para o combate ideológico. Essa estratégia partiria, em primeiro lugar, da pesquisa constante, depois do treinamento, do recrutamento de pessoal, de equipamentos adequados e de material de propaganda específico para cada tarefa. A decisão em casos delicados partiria diretamente do Presidente, e em outros casos, ficaria sob a responsabilidade da USIA.

A divisão de responsabilidades proposta pelo estudo para os países comunistas era sempre no sentido de enfraquecer a vontade soviética e fortalecer personagens internos que fossem favoráveis aos EUA. Para atingir isso, o relatório propunha que a USIA fosse responsável pelas “*overt forms*” de propaganda (com a disseminação oficial da informação americana) e a CIA seria responsável pelas “*covert forms*” (contrainformação e espionagem).³¹⁷

O Departamento de Defesa ficaria responsável pela propaganda “tática”, entre frentes de defesa inimiga e para o próprio pessoal das Forças Armadas americanas. Para as ações de informação interna nos EUA, o órgão responsável seria o *Office of Non-military Warfare*.³¹⁸

Para os países neutros e amigos dos EUA (ou onde os EUA mantinham bases militares), a USIA seria responsável por todas as políticas de propaganda e informação. É importante salientar que no relatório eram citadas e diferenciadas as ações de informação,

³¹⁶ Documento 55.

³¹⁷ Id.

³¹⁸ Id.

com o sentido de notícia vinculada oficialmente pelo governo e propaganda como veiculação da imagem positiva de maneira não necessariamente oficial e em diferentes formatos.³¹⁹

As recomendações feitas pelo estudo encomendado pela Casa Branca, apesar de não incluírem a USIA na sua elaboração e não determinarem a forma de aplicação de seus apontamentos,³²⁰ desenharam o modo de procedimento da USIA durante os anos 1950 e 1960, tanto no uso das pesquisas e instrumentos de propaganda e informação, como das parcerias com CIA, Departamento de Estado e de Defesa.

Com a saída de Streitbert para a assessoria dos irmãos Rockefeller, o Presidente americano demorou pouco menos de um mês para decidir-se sobre seu substituto na direção da USIA.

Ao passar o verão de 1956 se recuperando de uma cirurgia abdominal, Eisenhower lê o livro “*A Republican Look at his Party*”, de Arthur Larson, advogado de Milwaukee e chefe do Departamento de Direito da Universidade de Pittsburgh, que havia sido nomeado *under secretary* no Ministério do Trabalho em 1954. Segundo reportagem do *New York Times*,³²¹ Eisenhower se encantou com o livro, que segundo ele refletia a sua visão do que o republicanismo moderno deveria ser.

Em 18 dezembro de 1956 Arthur Larson assume como o novo diretor da USIA. Sua breve gestão na direção da Agência, até 27 de outubro de 1957, foi marcada muito mais pelas discussões acaloradas com os líderes democratas no Congresso, do que em alguma marca específica de sua gestão. Um de seus maiores críticos foi o senador Lyndon B. Johnson, que liderou um corte de orçamento de 33% para o ano de 1957: US\$ 96 milhões. Cerca de US\$ 13 milhões a menos do que em 1956.³²²

Com pouco orçamento e dificuldades em lidar com a oposição política, Larson foi transferido para a Casa Branca como assessor especial do Presidente para “projetos especiais, em Relações Internacionais, referentes aos programas de informação americanos e esforços soviéticos de propaganda”.³²³ Na ocasião, o Secretário de Imprensa da presidência, James Hagerty, comentou que Larson iria assumir as tarefas desse tema específico, “*among other things*”. Como se percebe, mesmo depois da assessoria especial de Rockefeller e das recomendações de seu comitê, Eisenhower continuou sendo um dos únicos Presidentes com o

³¹⁹ **Documento 55.**

³²⁰ Dizard Jr. (2004, p. 68) mostra que a USIA não participou do processo de elaboração do grupo de Rockefeller, patrocinado em grande parte com fundos próprios de Rockefeller e da CIA. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 67** (Transcrições).

³²¹ De 17 de outubro de 1957, intitulada “*Envoy to succeed Larson at USIA*”; cf. **Documento 24.**

³²² Id.

³²³ **Documento 24.** Trecho original em **Transcrição 163** em Transcrições (tradução nossa).

gosto em tratar do tema da propaganda e das políticas “psicológicas” pessoalmente. Segundo Bogart:

Às três da madrugada o Presidente pode ter uma boa ideia e liga para o Diretor de Segurança Nacional ou o Secretário de Estado, mas ele nunca liga para o diretor da USIA. Nenhum Presidente, com a possível exceção de Dwight Eisenhower, considerou o diretor da USIA importante.³²⁴

Após o curto e turbulento período da USIA com Larson, Eisenhower resolveu nomear alguém com reconhecida experiência na área, que assumisse a direção da USIA e levasse de maneira suave e eficiente o trabalho que deveria ser feito. Para isso, trouxe de volta do importante posto de embaixador na Grécia³²⁵ (que havia tido um ativo papel na crise de Suez³²⁶) e diplomata desde os anos 1930, o ex – *Assistant Secretary of State for Public Affairs*, George Venable Allen.

FIGURA 23 - Sai Larson, que foi diretor por curto período e entra Allen, nome de consenso para a direção da USIA.



Fonte: Cf. **Documento 24**.

³²⁴ Cf. BOGART (1995, p. xxix). Trecho original em **Transcrição 164** em Transcrições (tradução nossa).

³²⁵ **Documento 37**.

³²⁶ Cf. NICHOLS (2011, p.122), estudo importante sobre Eisenhower e a crise de Suez, em 1956.

Allen era diplomata respeitado e tinha bom trânsito entre Republicanos e Democratas, principalmente pela sua importante passagem anterior como *Assistant Secretary*, de 1948 a 1950. Período esse da transição das políticas no pós-guerra e, portanto, Allen já possuía experiência na gestão do VOA, nas bibliotecas no exterior e em todos os temas que envolviam as políticas culturais e de informação. O próprio Allen brincou em relação a sua volta: “Pelo menos ninguém pode dizer que eu não sei direito onde estou me metendo”.³²⁷

Em 15 de novembro de 1957, Allen assumiu como diretor da USIA, cargo que ocupou até 1º de dezembro de 1960, já no final do segundo mandato de Eisenhower. Allen, que tinha mestrado em Harvard, com passagens em cursos na *Johns Hopkins University*³²⁸, dizia em seus discursos e artigos que a política internacional era diferente no pós 2ª Guerra.

Segundo ele, a partir da criação da ONU as pessoas, e não mais os Estados, começaram a ser os protagonistas internacionais, sempre se referindo ao preâmbulo da carta da ONU, “*We the peoples of the United Nations*”, em comparação com o mesmo princípio presente na Declaração da Independência Americana, que começava com “nós, o povo, ... [movidos por] um decente respeito pelas opiniões da humanidade...”.³²⁹

O discurso de Allen já mostrava a sua prioridade de gestão na USIA do governo Eisenhower, isto é, o aprofundamento do programa *People-to-People* como estratégia de mobilização e convencimento da opinião pública internacional. Para os países das “cortinas de ferro e de bambu”, nos quais os programas de informação americanas encontravam dificuldade maior de acesso, a estratégia era entrar pelas ondas do rádio. Quase 70% das transmissões do VOA, durante os anos Allen, eram dedicados às áreas adversárias.³³⁰ E, segundo relatório interno de 1958³³¹, o bloco soviético gastava anualmente mais do que o orçamento daquele ano (US\$ 98 milhões) para tentar obstruir o sinal do VOA em suas fronteiras.

O sucesso dos programas do VOA na URSS era tanto que centenas de cartas de ouvintes dos blocos comunistas chegavam todo mês em sua sede em Washington. Uma delas, escrita por uma jovem tcheca dizia que “[o VOA me proporcionou] que ficasse familiarizada

³²⁷ Cf. **Documento 24**. Cf. trecho original em **Transcrição 165** em Transcrições (tradução nossa).

³²⁸ Cf. **Documento 24**.

³²⁹ Cf. **Documento 37**: artigo de outubro de 1958 à revista “*Think*”, republicada também pela USIA. Cf. trecho original em **Transcrição 166** em Transcrições (tradução nossa).

³³⁰ Cf. **Documento 37**.

³³¹ Id.

com o desenvolvimento da arte e do espírito da nação americana, com todas as suas esperançosas raízes de pensamento”.³³²

Além do VOA, a USIA continuou também aprofundando a sua política para difusão de filmes. Em 1959, mais de 210 bibliotecas exibiam filmes produzidos pela agência, tanto para grandes audiências, quanto para grupos seletos. Naquele ano, cerca de meio bilhão de pessoas assistiram a filmes da USIA em 80 países, em 41 línguas. Na África, por exemplo, a USIA produzia um noticiário de sucesso chamado “*Today*”, que mostrava as dificuldades das repúblicas recém independentes, e as comparava com a situação da mesma área nos EUA.³³³

Um dos destaques dos filmes da USIA era a série de filmes sobre o “*Atoms for Peace*”, uma das grandes bandeiras internacionais de Eisenhower, que mostrava os múltiplos usos pacíficos da energia atômica. Mais de 50 filmes sobre o tema foram produzidos pela agência, entre 1953 e 1959.³³⁴

Outro tipo de filmes feito pela USIA eram os documentários que denunciavam as mazelas dos países comunistas, como a série sobre a repressão violenta aos movimentos na Hungria, em 1956. Documentários como “*Hungarian Fight for Freedom*”, “*A Nation in Torment*”, e “*The Death of Imre Nagy*” contavam sobre a violência usada pela “mão de ferro soviética”. Outros como “*Now we are free*”, descrevia a fuga de húngaros durante a revolta, e “*Sanctuary*” mostrava a vida de um casal húngaro refugiado nos EUA.³³⁵

A USIA também produzia documentários locais, contando a história da região e relacionando-a sempre aos EUA. Mais de seis mil equipamentos de som e 350 unidades locais de projeção foram usados para alcançar locais que não tinham bibliotecas ou centros binacionais. Ainda, na década de 1950 mais de 1.300 filmes da USIA foram exibidos também em canais de TV comerciais ao redor do mundo.³³⁶

Além do aprofundamento das políticas de rádio e filmes, que visava atingir, a curto prazo, regiões não contempladas com os serviços de bibliotecas e centros binacionais, Allen continuou dando a mesma ênfase que deu em sua gestão no Departamento de Estado na década de 1940: a consolidação da influência americana no mundo a longo prazo.

Em 1958, quando da aprovação do orçamento para a USIA, no Congresso, Allen afirmou que:

Nossa principal preocupação precisa ser a construção de um estudo para o estabelecimento de uma base sólida de confiança entre os povos do mundo,

³³² Cf. **Documento 37**. Trecho original em **Transcrição 167** em Transcrições (tradução nossa).

³³³ Cf. **Documento 51**: “*The overseas film program, U.S Information Agency*”, 1959.

³³⁴ Id.

³³⁵ Id.

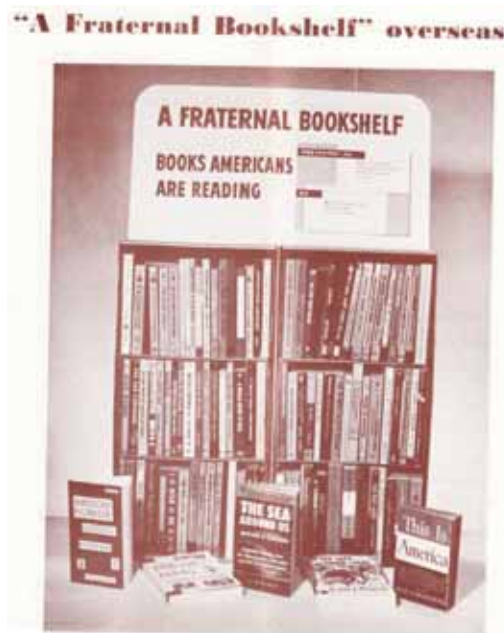
³³⁶ Id.

na integridade e boa vontade do povo americano, principalmente com iniciativas de longo prazo; como as bibliotecas e programas de livros, por meio dos intercâmbios culturais, por meio dos esforços do *people-to-people*, e colocando as notícias de cada dia em uma perspectiva favorável.³³⁷

Pode-se perceber esse esforço nas políticas de doação de livros (subsidiados) do programa *People-to-People* (em seu comitê *Fraternal Organizations*). Por US\$ 40 dólares uma pessoa poderia doar 99 livros (pré-selecionados), para uma comunidade pelo mundo. Os livros eram das áreas de história, filosofia, biografias, educação, artes, ciências, e literatura (antologias, poesias e ficção). Entre outros, reuniam biografias de Lincoln, história da América, poetas, artistas e escritores americanos, sempre enfatizando características positivas da América.

Por um preço acessível, o cidadão comum americano poderia dar a sua contribuição ao plano de Eisenhower de aproximar o mundo ao modo de vida do americano médio. Com uma contribuição, qualquer pessoa do mundo poderia ter a mesma estante que os americanos tinham. O folheto que incentivava a doação de livros, aparentemente uma iniciativa da sociedade civil “fraterna”, não explicava, contudo, quem selecionava os títulos e subsidiava as despesas de produção, tradução e distribuição dos livros ao redor do mundo.

FIGURA 24 - *A Fraternal Bookshelf*: Por 40 dólares, 99 livros selecionados pelo *People-to-People*.



Fonte: Cf. **Documento 52**.

³³⁷ Cf. **Documento 37**: George V. Allen, *Hearings before the Subcommittee of the Committee on Appropriations United States Senate, May 27, 1958*. Cf. trecho original em **Transcrição 168** em Transcrições (tradução nossa).

Uma reportagem publicada nos jornais “*The Cincinnati Post*” e “*Times-Star*” (em 13 de maio de 1959) explicava, em partes, como funcionava este tipo de projeto. Com o título “*Here’s Your Chance to Help Latin American Neighbors: ...making friends for America through books*”, a notícia descrevia o “*Books Abroad Week*”, do programa *People-to-People*, de doação de livros para a América do Sul.³³⁸

No âmbito nacional, quem financiava especificamente esse projeto era a empresa “*Life Insurance*” e, regionalmente, quem apoiava eram as empresas de seguro “*Union Central*”, “*Ohio National*”, a “*Inter-Ocean*” e a “*Western and Southern Life Insurance Companies*”. A campanha era promovida publicamente em Cincinnati pelo Presidente da “*Union Central*” e pelo gerente da biblioteca pública local.

A proposta do “*Books Abroad Week*” pretendia arrecadar 25 mil livros de capa dura, que fossem especificamente de autores americanos, biografias de americanos, viagem nos EUA, artes, engenharia e ciências, e que tivessem sido publicados depois da 2ª Guerra. Os livros seriam enviados a escolas, bibliotecas e centros educacionais em Honduras, no Chile na Universidade dos Andes, e na Colômbia. A matéria ainda destacava a importância da iniciativa em contra-atacar a propaganda comunista que ameaçava o hemisfério.³³⁹

De 1953 até o final da administração Eisenhower, em 20 de janeiro de 1961, a USIA auxiliou editoras americanas e estrangeiras a traduzir, publicar e distribuir mais de 44 milhões de cópias de 4.400 diferentes títulos de autores americanos, em 50 idiomas diferentes.³⁴⁰ Além disso, mais de 100 mil livros usados foram coletados e transportados pelo *Book Committee*, do *People-to-People*, com auxílio da USIA.

A cooperação educacional da USIA também previa a aproximação e a filiação entre universidades americanas, e outras, por meio do seu Departamento de cooperação privada (*Office of Private Cooperation of the United States Information Agency*³⁴¹). De 1955, quando o programa de cooperação universitária no âmbito do *People-to-People* começou, em 1959, mais de 30 convênios foram assinados com universidades do Oriente Médio, da Ásia, da Europa e da América Latina. Allen confirmava a importância dessa aproximação educacional:

A atuação cultural de seu país ao redor do mundo requer uma representação mais ampla possível, e será extremamente benéfico se a educação superior americana continuar a expandir sua presença nesse campo (...) Os

³³⁸ Cf. **Documento 37**: George V. Allen, *Hearings before the Subcommittee of the Committee on Appropriations United States Senate, May 27, 1958*.

³³⁹ Id.

³⁴⁰ Cf. **Documento 56**.

³⁴¹ Cf. **Documento 52**: “*The College and University Affiliation Program – To Encourage International Understanding Through Educational Institutions*”, 1959.

educadores e instituições educacionais de americanos podem ajudar tremendamente no trabalho que a *United States Information Agency* está tentando fazer. Muitos deles estão ajudando, mas eu gostaria de ver essa faceta de nosso programa se expandindo enormemente.³⁴²

Uma das grandes contribuições de Allen foi a relativa melhora da relação quase sempre conflituosa com o Congresso³⁴³. Isso pode ser atribuído à sua história e credibilidade com os dois partidos, uma vez que já tinha trabalhado em postos de direção da informação tanto em governos Democratas quanto Republicanos.

A tão dura aprovação anual dos orçamentos da USIA³⁴⁴ foi facilitada, com o diplomata Allen, por aliar o discurso anticomunista³⁴⁵ à apresentação de uma política de informação que refletisse a democracia americana, por meio de seus inúmeros artigos, discursos, palestras e manifestações públicas em TVs e rádios, divulgando a importância do trabalho da agência nos EUA.

Alguns estudiosos da USIA, como Bogart, criticavam a constante prestação de contas e o detalhamento das ações de informação no exterior na mídia americana, como se isso enfraquecesse o processo de “sedução” da agência:

A preocupação nacional com a mídia de massa inibe o pensamento voltado para alvos e objetivos específicos. A impaciência causa pressa injustificada na produção do trabalho da USIA. Isso faz com que se exponha uma estratégia que deveria se manter secreta. ... Eu não acho que você deveria publicizar a sua estratégia de propaganda. Eu sou antiquado. Fazer um artigo sobre qualquer coisa que exponha tão explicitamente nossos esforços em manipular as coisas, para criar a aparência de egoísmo entre nós e outros povos! É como descrever sua técnica de sedução e como você faz parecer galanteio, na presença da garota que você está seduzindo.³⁴⁶

A promoção das atividades de informação como estratégicas para os EUA surtiram efeito, como pôde se perceber pelo grande número de atividades do programa *People-to-People*, internamente, e pelo massivo apoio privado americano. O *Office of Private*

³⁴² Cf. **Documento 52**: “*The College and University Affiliation Program – To Encourage International Understanding Through Educational Institutions*”, 1959. Trecho original em **Transcrição 169** em Transcrições (tradução nossa).

³⁴³ Cf. BOGART (1995, pp. 26, 28).

³⁴⁴ Cf. REICH (1996, pp. 625, 630). A luta pelo aumento dos orçamentos das atividades de informação no exterior foram constantes durante o governo Eisenhower. Rockefeller (com apoio de Nixon) foi um dos que sempre requisitaram aumento do orçamento da USIA, nas discussões internas da Casa Branca, porém nem sempre com sucesso. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 68** (Transcrições).

³⁴⁵ Alguns funcionários da USIA descreviam o anti-comunismo como estratégia mais fácil para aumentar o orçamento da agência no Congresso. Cf. BOGART (1995, p. xxviii). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 69** (Transcrições).

³⁴⁶ Cf. BOGART (Id., p. 33). Cf. trecho original em **Transcrição 170** em Transcrições (tradução nossa).

Cooperation da USIA, então localizado em Washington DC (no suntuoso *Walker-Johnson Building*, da *New York Avenue*), além de uma filial em Chicago, centralizou toda a ajuda das empresas e fundações americanas.³⁴⁷

Já durante o primeiro ano de funcionamento da USIA, em 1953, a USIA contou com 168 organizações privadas, sendo 111 empresas, 20 organizações sem fins lucrativos, 7 comunidades, 15 grupos artísticos, 3 escolas, 7 Departamentos Governamentais e 5 fraternidades.³⁴⁸

A *American Express*, a *American President Lines*, a *Pan American Airlines*, e a *American Automobile Association* forneciam transportes para pessoas e materiais; a *Walt Disney*, a *Home Book Publishers*, a *Union Pacific*, a *Flewelling and Moody* (arquitetos) e *American Institute of Architects* colaboravam com materiais e idealização de mobiliários e materiais para feiras e exposições; a *Wilson Sporting Goods Company* fornecia materiais esportivos para exposições sobre esportes e para as turnês de esportistas no exterior; a *Eastman Kodak Company* fornecia fotos dos EUA para as exposições; 21 jornais colaboravam com programas de intercâmbio de jornalistas estrangeiros, em cada redação, durante períodos de 3 a 6 meses (entre eles o *San Francisco Chronicle*, o *Daily Press*, o *Newark News*, o *Chicago Sun-Times*, entre outros); a *General Electric X-Ray Divisions* fornecia aparelhos, a *Swift and Company* fornecia revistas para exposições; os *Rotary Clubs* distribuíam os materiais entre seus membros mundo afora; a *Barclay Company*, a *Caterpillar Tractor Company*; a *Life International*, o *Reader's Digest*, todos contribuíam, de alguma forma, para as atividades da USIA no exterior.³⁴⁹

As fundações privadas também colaboravam com atividades e com financiamento das atividades. A *Ford Foundation* oferecia US\$ 35 mil dólares por ano para seu programa *International Friendship League*, de acordo com instruções da USIA. A *Rockefeller Foundation* doava US\$ 400 mil dólares anuais para bolsas de novos compositores estrangeiros, que tocavam suas músicas pela *Louisville Orchestra*, transmitidas pela CBS.³⁵⁰

O aumento das atividades de informação, por meio das alianças com empresas e sociedade civil, foram indiscutivelmente fruto da ênfase de Ike para uma nova política de informação no exterior, com a disposição pessoal do Presidente e do vice-Presidente americanos em viagens ao redor do mundo (inclusive no Brasil, como se verá no terceiro capítulo).

³⁴⁷ Cf. **Documento 56:** relatório interno para USIA, do *Office of Private Corporation*.

³⁴⁸ Id.

³⁴⁹ Id.

³⁵⁰ Id.

Mesmo com a atenção pessoal do Presidente, a política externa teve altos e baixos durante, principalmente, crises e conflitos nascidos das reconfigurações e reacomodações regionais do pós-guerra (como as crises de Suez, na Guatemala, no Vietnã e, sobretudo, em Cuba)³⁵¹, que fugiram às piores expectativas do Presidente americano.

Essas crises poderiam ser evitáveis, na maioria dos casos, se não fossem lidas como ameaças comunistas e sim como movimentos nacionalistas. Para Sellers; May; Mcmillen³⁵², por exemplo, a posição do governo Eisenhower no Vietnã (em 1954, na oposição à revolta dos locais contra os franceses e em 1956, com a intervenção da CIA na eleição que Ho Chi Min ganharia), poderia ser positiva se os EUA apoiassem e cooptassem o governo eleito a seu favor, tendo um país independente do bloco soviético na região, como era a Iugoslávia de Tito. Para os autores, o governo Eisenhower deixou um resultado negativo na sua política externa: “Na melhor das hipóteses, Eisenhower deixou um legado confuso. Por motivos na maior parte além do controle, declinou o poder relativo da América no mundo.”³⁵³

Internamente, por outro lado, o governo Eisenhower foi marcado pelas agitações sociais dos movimentos de direitos civis liderados por Martin Luther King e pela aprovação das primeiras leis de direitos civis em 1957 e 1960. Na economia, os EUA viviam seus anos dourados desde o pós-guerra e o governo Ike se caracterizou pela expansão da economia, o *baby boom*, o crescimento das estradas e crescimento do crédito que financiou milhões de novas casas nos subúrbios americanos, todas elas equipadas com eletrodomésticos de última geração. Internamente, o sonho americano se realizava para grande parte da imensa classe média do país, mas a vontade por maior inclusão das minorias e novas demandas aparecia latente.³⁵⁴

O saldo dessa ambivalente equação foi refletido na eleição da nova geração de republicanos e democratas: Nixon, então vice de Ike, contra o jovem democrata John F. Kennedy. Por margem mínima de votos vencem as propostas reformadoras de JFK, que não teve a mesma sorte na eleição do Congresso, com pequena vantagem da maioria republicana.

No debate político sobre o rumo que as políticas de informação deveriam tomar, as diferentes concepções continuavam. JFK, que durante as campanhas criticou duramente a política de informação de Eisenhower por deteriorar a imagem americana no exterior³⁵⁵, tentaria reestruturar a USIA em um momento de forte polarização interna.

³⁵¹ Cf. SELLERS, MAY & MCMILLEN (1990, p. 399).

³⁵² Id., p. 402.

³⁵³ Id., p. 381.

³⁵⁴ Id., pp. 393, 385.

³⁵⁵ Cf. PELLIS (1997, p. 87).

Por um lado, o discurso republicano mais radicalmente anticomunista, pregava uma política de informação que usasse todos os meios disponíveis para arrasar definitivamente com a propaganda soviética. Por outro lado, o discurso democrata, que pedia uma política de informação que expressasse a democracia americana no que ela tinha de melhor, usando a verdade dos fatos como arma vencedora.

Esse conflito de visões sobre o trabalho da USIA nos anos 1950, continuou perseguindo os responsáveis pela agência na década de 1960, também no novo governo Kennedy. Como disse um funcionário em pesquisa interna sobre a política de informação, o dilema seguia constante:

E aí voltamos à expectativa do povo americano. Eles querem uma agência de propaganda que seja uma verdadeira agência de propaganda, um vigarista levando a melhor com as pessoas e movendo a concha mais rápido do que o estrangeiro possa ver a mão, uma abordagem "à la" Goebbels. Por outro lado, nós temos repugnância e desconfiança do envenenamento das linhas de pensamento, e nós queremos ser honestos, tipo de agência do *American-boy* direito. Nós queremos um maquiavélico, com olhar malicioso, impassível e queremos também, ao mesmo tempo, o tipo Poliana.³⁵⁶

2.5 Kennedy, Murrow e a reestruturação da USIA

É muito difícil medir o sucesso na nossa área (...) nenhum computador clica, nenhuma caixa registradora toca quando um homem muda de ideia ou opta pela liberdade. E sobretudo, é o que fazemos – não o que dizemos – que tem o maior impacto no exterior. A USIA pode explicar, interpretar, esclarecer, resumir e projetar, mas não podemos mudar o imutável ou o que não foi feito. (...) persuasão é um dos mais importantes instrumentos do poder americano. Nosso arsenal de persuasão precisa estar tão pronto quanto nosso arsenal nuclear, e utilizado como nunca.³⁵⁷

Edward Murrow, 1963

John F. Kennedy assumiu a presidência em 20 de janeiro de 1961, com o compromisso de aprofundar o acesso aos direitos civis aos seus nacionais e continuar o crescimento econômico, com maior diálogo com os movimentos sociais. Na política externa, propunha recolocar os EUA com espaço de prestígio no mundo, principalmente recuperando sua

³⁵⁶ Entrevista realizada para pesquisa de BOGART (1995, p. 34). Cf. trecho original em **Transcrição 171** em Transcrições (tradução nossa).

³⁵⁷ Cf. **Documento 29**. Cf. trecho original em **Transcrição 172** em Transcrições (tradução nossa).

imagem como modelo de democracia a ser seguido, em contraposição ao comunismo, que se estendia tanto na Europa, quanto na Ásia, e com Cuba, no próprio continente americano.

A política de informação, portanto, se mostrava indispensável. Como se assistiu nos anos Eisenhower, os poucos anos de Kennedy mostrariam o auge da USIA como agência estratégica para a política externa americana.

Durante a campanha, JFK se comprometeu em nomear os melhores quadros técnicos como seus ministros, independentemente de interesses políticos e partidários. Para a USIA, alguns nomes foram pensados e consultados pelo Presidente recém empossado. Um dos nomes cogitados foi o jornalista ex-assessor de imprensa de Roosevelt e Truman, o sulista Jonathan Daniels, mas não chegou a ser convidado. O primeiro nome a ser consultado por Kennedy foi o de Frank Staton, Presidente da Columbia Broadcasting System (CBS) e responsável pelo comitê de Rádio e TV do programa *People-to-People*³⁵⁸, porém esse negou o convite.³⁵⁹

O seguinte na lista era o famoso radialista e apresentador de TV da CBS, o jornalista Edward R. Murrow, uma das escolhas favoritas pelo papel importante que teve em seu trabalho como radialista na 2ª Guerra. Murrow possuía um dos principais quadros do VOA em transmissões diretamente da Inglaterra, e, nos anos 1950, na crítica ao macarthismo e à caça às bruxas levada a cabo pelos republicanos mais radicais, atuando como âncora do programa de reportagens *See it Now*, da CBS³⁶⁰. Apesar de não conhecer Murrow muito bem, Kennedy o considerava, pela sua credibilidade, um dos mais capacitados quadros para a mudar a imagem da USIA.³⁶¹

Alguns dias após a posse, Murrow foi convidado por Kennedy, aceitando receber um salário anual de US\$ 21 mil dólares, 90% a menos do que ganhava como jornalista. Segundo Murrow, por acreditar na capacidade de JFK, aceitou o desafio: “Eu só pensei que se esse jovem homem não puder fazer, ninguém pode, e se ele quer que eu ajude, eu tenho a obrigação de fazer. ...Eu critiquei burocratas durante toda minha vida adulta, agora era minha hora de tentar”.³⁶²

³⁵⁸ Para responsáveis por comitês do programa *People-to-People*, cf. **Documento 56**.

³⁵⁹ Cf. **Documento 48**: relato de Ted Sorensen, assessor pessoal de Kennedy, que colaborava com a maioria de seus discursos. O irmão de Ted, Thomas Sorensen, que foi diretor de *Policy and Plans* na USIA de Murrow, também é autor de um livro importante sobre a política de informação no período Kennedy: **The world war: the story of American propaganda**, de 1968.

³⁶⁰ O filme “*Good Night, Good Luck*”, de 2005, dirigido por George Clooney, mostra o papel importante que Murrow, como um dos jornalistas mais respeitados do país, teve na crítica ao radicalismo anticomunista de MacCarthy nos anos 1950.

³⁶¹ Cf. **Documento 48**.

³⁶² Id. Cf. trecho original em **Transcrição 173** em Transcrições (tradução nossa).

FIGURA 25 - Sequência de fotos da posse de Murrow, com o Presidente Kennedy, em 15 de março de 1961.



Fonte: Cf. **Documento 57**.

A nomeação de Murrow trouxe automaticamente uma boa repercussão interna³⁶³, e de imediato JFK respondia ao seu discurso de campanha de fortalecer a imagem positiva dos EUA no exterior e colocá-la com um papel mais central no processo de elaboração da política externa americana. Segundo Pells, a sua estrelada assessoria também trazia consigo a credibilidade da informação e *glamour*:

Murrow trouxe glamour para uma agência que não estava acostumada ao reconhecimento ou respeito. Ao longo de sua passagem de três anos, de 1961 a 1963, Murrow personificou a USIA; ele foi o símbolo com quem todo mundo se identificava. O pessoal da agência não tinha mais que explicar o que fazia; bastava dizer "Eu trabalho para o Ed Murrow". Em troca,

³⁶³ Cf. ELDER (1968, p. 42). O prestígio de Murrow se devia pela sua vasta lista de serviços na área da comunicação. Entre outros cargos, Murrow havia trabalhado na CBS durante 25 anos, como membro do Conselho, diretor de relações públicas e vice-Presidente.

Kennedy ofereceu a Murrow o acesso ao poder, uma cadeira na mesa onde as decisões eram tomadas, influência na formulação da política que os diretores anteriores da USIA nunca tinham tido. Como chefe da agência que supostamente sabia o que os estrangeiros estavam pensando, Murrow poderia ter se tornado o principal assessor de Kennedy sobre as consequências psicológicas e propagandísticas das estratégias diplomáticas americanas. Ele seria, portanto, um participante ativo em encontros do Conselho de Segurança Nacional, contribuindo com sua opinião quando fosse importante. Ainda mais, os principais assessores de Murrow tinham suas próprias ligações com a Casa Branca. Thomas Sorensen, um veterano da USIA, era irmão de Ted Sorensen, principal redator dos discursos de Kennedy. Donald Wilson, um ex-correspondente das revistas *Life* e *Time*, tinha trabalhado na campanha presidencial de Kennedy em 1960 e era amigo de Robert Kennedy. Então a USIA não parecia mais ser uma agência periférica, somente explicando a política externa americana para o mundo. Agora estava no (ou perto do) centro do governo, com Murrow, um membro valorizado na equipe de Kennedy.³⁶⁴

As novas diretrizes de Kennedy para a política da USIA partia de estudos que o recém-eleito Presidente tinha encomendado para alguns de seus assessores mais próximos, em dezembro de 1960, antes de ser empossado. Quem coordenou esses estudos sobre política externa (com temas como África, desarmamento, política externa econômica, operações do Departamento de Estado e USIA) foi o seu assessor George W. Ball, que viria ser o seu *under secretary of state for economic and agricultural affairs*.³⁶⁵

Para os estudos sobre USIA foram convidados Lloyd Free, ex-funcionário de informação do Departamento de Estado, ex-PAO na Itália e diretor do *Institute for International Social Research*³⁶⁶; Thomas Sorensen, jornalista e irmão de Ted Sorensen (assessor direto de Kennedy) e futuro diretor de *Plans & Policies* da USIA; e o também jornalista da revista *Time*, Donald M. Wilson³⁶⁷, que trabalhou na campanha e como diretor da transição na agência durante sete semanas. Após a posse de Murrow, Wilson foi o *deputy director* da USIA durante os anos JFK, como principal gestor dos serviços internos da agência.³⁶⁸

Os estudos apontavam alguns temas comuns, como mudanças operacionais e, principalmente, de visão política sobre o trabalho da agência. O estudo de Wilson, por exemplo, recomendava: maior ênfase no continente africano, principalmente por meio do ensino do inglês e da cooptação de estudantes africanos, que muitas vezes optavam por estudos na Europa; a melhora das relações com América Latina, com foco especial nos

³⁶⁴ Cf. PELLIS (1997, p. 90). Cf. trecho original em **Transcrição 174** em Transcrições (tradução nossa).

³⁶⁵ Cf. **Documento 29**: “1960: Free-Sorensen-Wilson did studies of USIA for Kennedy”.

³⁶⁶ Lloyd Free também era editor do periódico *Public Opinion Quarterly* (Cf. **Documento 29**).

³⁶⁷ Cf. ELDER (1968, p. 42).

³⁶⁸ Cf. **Documento 29**: “1960: Free-Sorensen-Wilson did studies of USIA for Kennedy”.

estudantes e movimentos sindicais; e a criação de um programa que consiga enfatizar os avanços tecnológicos e científicos dos EUA nos últimos anos.

Além disso, Wilson sugeria por maior e melhor recrutamento e treinamento dos funcionários da USIA, e maior participação pessoal do Presidente como ator principal das ações de informação da USIA (o que de fato acabou acontecendo durante o governo Kennedy).³⁶⁹

Thomas Sorensen indicava que a USIA deveria ser uma agência não só reativa às políticas estabelecidas pelo Departamento de Estado, mas também deveria centralizar todas as atividades de informação, cultura e educação, fornecendo diretamente ao Presidente, ao Estado e todas as outras agências subordinadas à Casa Branca com informações sobre o estado da opinião pública estrangeira, participando, dessa forma, também da elaboração da política externa e das decisões presidenciais.³⁷⁰

Lloyd Free, que consultou principais referências da área, concordou com a maioria das contribuições e compilou todas as sugestões em um relatório entregue à Kennedy em janeiro de 1961. Murrow, que contribuiu com opiniões com a força tarefa de Free-Sorensen-Wilson, sempre se referia ao relatório como referência contínua para ele e toda administração.³⁷¹

Apesar do não reconhecimento público de Sorensen, podem ser identificadas algumas sugestões do relatório no dia a dia da gestão Kennedy. Murrow começou, de fato, a participar, mesmo que sem nomeação oficial, dos debates da Casa Branca sobre a elaboração da política externa, como do *Operations Coordinating Board* (OCB)³⁷², que levava suas recomendações ao *National Security Council* (NSC)³⁷³, contribuindo na discussão, principalmente, com as pesquisas de opinião pública feitas pela USIA ao redor do mundo (com olhar focado para grupos de interesse, cruzando opiniões políticas e preferências de entretenimento)³⁷⁴.

Mesmo com o avanço em relação a governos anteriores, com um papel consultivo mais bem definido e participante, a USIA ainda continuava remediando as crises que aconteciam, sem participar das discussões diretas sobre essas. Mesmo com o maior destaque da USIA sob Murrow, internamente a agência era frequentemente vista como subordinada ao Departamento de Estado³⁷⁵ e nos momentos de maior crise da política externa de Kennedy, a

³⁶⁹ Cf. **Documento 29**: “1960: *Sorensen Report Recommendations*”.

³⁷⁰ Id.

³⁷¹ Cf. **Documento 29**: “1961: *A study of USIA for President-elected Kennedy: Murrow a member of the task force*”. Apesar disso, Sorensen não identificava suas sugestões nas políticas da gestão Murrow.

³⁷² Cf. BOGART (1995, p. 35).

³⁷³ Cf. **Documento 29**.

³⁷⁴ PELLIS (1997, p. 87), também destacava o interesse de Kennedy pela opinião pública estrangeira para definir as ações americanas. Trecho selecionado em **Transcrição 70** (Transcrições).

³⁷⁵ Segundo Bogart (1995, p. xxix) até pela posição respeitosa de Murrow com relação ao Departamento, o

sua participação se limitou a remediar os prejuízos à imagem americana causados pelos conflitos.

Murrow não foi consultado, por exemplo, sobre os planos de invasão da Baía dos Porcos, mesmo sendo a adesão dos povos locais uma variável fundamental para o sucesso da operação. Na crise dos mísseis de 1962³⁷⁶, por exemplo, Murrow não participou das discussões sobre os rumos a seguir. Por não ser consultado nessas ocasiões, e só posteriormente, Murrow cunhou a expressão, que "ele queria estar na decolagem, não somente no pouso forçado"³⁷⁷.

Muito se devia, principalmente, à descrença de alguns dos principais integrantes do governo, como o vice-Presidente Lyndon Johnson, do secretário de Estado Dean Rusk, e depois do diretor do *Peace Corps*, Sargent Shriver e Adlai Stevenson, com relação à USIA, e por acharem que as decisões mais importantes deveriam ser feitas secretamente, sem opiniões externas que tivessem base na opinião pública.³⁷⁸

Porém, apesar da falta de reconhecimento de parte do governo, a USIA na gestão de Murrow indiscutivelmente continuou se expandindo e se qualificando na gestão de Murrow. Nesse período, teve uma proposta mais bem definida em relação a regiões e grupos prioritários, focando suas atividades de acordo com pesquisas de mercado, constantes *clippings* de imprensa e sofisticando o planejamento no formato de “*country plans*”. Desse modo, fortaleceu os USIS como partes ativas na formação das estratégias locais da USIA, tanto em relação a conteúdos direcionados, quanto à definição dos tempos ideais para divulgação de informações localmente³⁷⁹.

De 1961 a 1963, as mudanças da USIA tinham o objetivo de segmentar e qualificar as ações. O objetivo seguido era não mais atingir todos os segmentos das populações, mas atingir os necessários. Era o objetivo do “*Targetting*”, de atingir determinados grupos-chave e não mais o difuso objetivo de seu lema originário: “*To tell America’s story abroad*”.³⁸⁰

Seguindo essas orientações, a USIA de Kennedy/Murrow se adaptou. Um coordenador de mídia foi designado para coordenar as estratégias dos diversos meios de comunicação (rádio, TV, filmes, mídia impressa) quanto às ações, conteúdos e divulgação, de acordo com diretrizes locais, regionais e globais. Também foi criado o cargo de “*long range planning*

próprio Secretário de Estado fazia essa confusão. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 71** (Transcrições).

³⁷⁶ Sobre a crise dos mísseis, a invasão da Baía dos Porcos e a crise na Alemanha Oriental, cf. SELLERS; MAY; MCMILLEN (1990, pp. 399-401).

³⁷⁷ Cf. BOGART (1995, p. xxix). Cf. trecho original em **Transcrição 175** em Transcrições (tradução nossa).

³⁷⁸ Mais sobre essa divisão dentro do governo, com relação à USIA, cf. PELLIS (1997, pp. 89, 90).

³⁷⁹ Cf. **Documento 29**: “1963: *I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration*”.

³⁸⁰ Cf. trecho selecionado do **Documento 29** em **Transcrição 71** (Transcrições).

officer” para definir as diretrizes das atividades não imediatas e traçar os caminhos e objetivos da mídia a serem alcançados entre 5 e 10 anos.

Como havia recomendado o relatório de Sorensen, a juventude e o público estudantil foram focos estratégicos da USIA no período. E para coordenar políticas para esses grupos, foi nomeado um “*youth and students affairs officer*”, responsável por planejar e promover atividades e objetivos para esses setores. Por último, durante o período foi indicado outro *officer* responsável somente para garantir a efetiva aplicação dos resultados das pesquisas locais nas políticas e programas da agência.

Nos USIS e postos locais, algumas modificações operacionais visavam à diminuição da burocracia e aumento da qualidade do serviço no “campo”. A quantidade de relatórios e ofícios sem conteúdo político, de caráter burocrático, entre os USIS e a sede da USIA foi diminuída em 20%. Ao mesmo tempo, estimulou-se o aumento do tempo de serviço dos funcionários americanos dos USIS nos países (em média, de 2 para 3 anos), mantendo funcionários especialistas com contatos já estabelecidos e consolidados nesses locais. Segundo relatório interno da agência, a ideia era que “... nos postos do exterior, o trabalho com os papéis foi subordinado ao trabalho com as pernas”³⁸¹

A coordenação entre os postos nos 106 países onde a agência tinha representações em 1963, era a de passar, por variados meios de comunicação e de diferentes maneiras para os distintos grupos, a mesma mensagem de maneira articulada, para atingir os resultados ambicionados mais efetivamente.

Para isso, cada PAO tinha que passar a mesma mensagem para sua equipe local de informação e para o posto diplomático onde trabalhava, além de servir como referência para ações psicológicas na representação americana local.³⁸²

Para as atribuições internas do governo, em janeiro de 1963 Kennedy definia bem o papel importante que a USIA desempenhava e definia a missão consultiva da agência como representante da opinião pública mundial na Casa Branca e demais Departamentos, com responsabilidade para: “assessorar o Presidente, seus representantes no exterior, e os vários Departamentos e agências sobre as implicações da opinião estrangeira para as políticas, programas e discursos oficiais americanos presentes, e os pensados para o futuro”.³⁸³

³⁸¹ Id.: O relatório interno sobre a gestão de Murrow é referência essencial para entender o período de 1961-63: “1963: *I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration*”. Cf. trecho original em **Transcrição 176** em Transcrições (tradução nossa).

³⁸² Cf. **Documento 29**: “1963: *I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration*”.

³⁸³ Id. Trecho original em **Transcrição 177** em Transcrições (tradução nossa).

Outro resultado dos relatórios iniciais para Kennedy (além dos acontecimentos políticos, como a independência dos países africanos e a revolução cubana) foi a ênfase especial na África e na América Latina como regiões prioritárias. De 1961 a 1963 a USIA abriu 12 novas missões, 8 postos avançados na África e 11 novos postos no subcontinente americano. Para se ter uma ideia do nível dessas prioridades, durante o mesmo período 3 novos postos foram abertos, enquanto na Europa Ocidental foram fechados 4 postos avançados e somente um novo foi aberto na região.

A prioridade também foi vista na escolha da visita do Presidente Kennedy na América Latina, em 1961, e na cobertura especial dada pelos meios de comunicação administrados pela USIA no lançamento da Aliança para o Progresso. Durante a visita, houve ainda a publicação de panfletos e revistas especiais sobre a visita de Kennedy em cada país, além de filmes, programas de rádio e notícias exclusivas³⁸⁴.

O programa propunha um financiamento de US\$ 20 bilhões para os países latino-americanos por meio da recém criada *U.S. Agency for International Development* (USAID). O detalhe interessante é que a partir da decisão de Eisenhower, em 1953, de unificar na USIA todas as atividades de relações públicas exteriores do governo, inclusive as das agências de cooperação internacional como a USAID, todas as ações relacionadas com a divulgação e articulação no exterior das atividades da Aliança para o Progresso e outros programas de cooperação estavam automaticamente vinculadas à USIA.³⁸⁵

A gestão Kennedy/Murrow também inovou na qualificação da infraestrutura da mídia. Para isso criou um centro de imprensa para os correspondentes estrangeiros que cobriam as notícias sobre os EUA (e sobre a ONU) em Nova York. O centro também facilitava o acesso a informações atualizadas e qualificadas de autoridades americanas e estrangeiras.³⁸⁶

³⁸⁴ Cf. **Documento 29**: “1963: *I/R's Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration*”.

³⁸⁵ Cf. SORENSEN (1968, p. 133).

³⁸⁶ Cf. **Documento 29**: “1963: *I/R's Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration*”.

FIGURA 26 - Murrow em coletiva para correspondentes estrangeiros no *Foreign Correspondence Center* da USIA em Nova York, em 1962.



Fonte: Cf. **Documento 57**.

Para Murrow, o contato direto com jornalistas estrangeiros era fundamental para o convencimento sobre as razões americanas em momentos de conflito. Segundo Murrow “...a melhor forma de propaganda é ainda a cara-a-cara, persuadindo o importante editor de jornal e a liderança no governo sobre a correção de nossas posições – e de que nossos objetivos estão em harmonia com o deles.”.³⁸⁷

Em fevereiro de 1963, a USIA dobrou a capacidade de transmissão em ondas curtas do *Voice of America*, com um novo centro de transmissão (em *Greenville*, North Carolina), de 5 milhões de *watts* (equivalente ao poder de transmissão de 96 estações de rádios comerciais dos EUA na época), para melhorar principalmente o sinal do VOA na América Latina, Europa e África.³⁸⁸ Além disso, quatro transmissores que poderiam ser transportados por avião foram

³⁸⁷ Cf. **Documento 29**: “1961: Murrow – *face-to-face persuasion is the best*”. Trecho original em **Transcrição 178** em Transcrições (tradução nossa).

³⁸⁸ Cf. **Documento 29**: “1963: *I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration*”.

construídos e colocados em lugares estratégicos. O que atingiria a América Latina foi colocado em *Marathon Key (Florida)*, com forte sinal em Cuba.

Os programas transmitidos em ondas curtas do VOA também melhoraram a qualidade de sua programação, aumentando de uma para nove horas diárias os programas em mandarim (para China) e espanhol (para América Latina), e inaugurando sua programação exclusivamente em português para o Brasil.³⁸⁹ Além dos canais do VOA, cerca de 5.500 estações comerciais em todos os continentes transmitiam programas gravados do VOA em 1963.

A USIA também aumentou sua produção de filmes de 1961 a 1963, e tinham no Presidente e sua família como suas principais estrelas no exterior. Dos 36 documentários produzidos durante o período, 31 eram sobre visitas de autoridades americanas no exterior ou de Presidentes estrangeiros em Washington DC e temas correlatos. A USIA também comprou os direitos de exibição de 66 filmes produzidos independentemente, a custo menor, e os distribuía por meio de 1.173 rolos exibidos em organizações, associações, hospitais, fábricas, associações comerciais, fundações, museus e centros culturais em todo mundo.

Uma reportagem de 1963³⁹⁰, que descrevia os filmes de maior sucesso da USIA sobre a família Kennedy, destacava que por princípio eles eram exibidos somente no exterior, mas mostravam as atividades de JFK e sua mulher Jacqueline também em atividades nos EUA. O filme “*American Journey*”, por exemplo, apresentava o cotidiano da primeira dama, visitando crianças doentes em hospitais, ou em uma solenidade na Filadélfia, e em seu final a intimidade da família na Casa Branca.

Os filmes sobre os Kennedy fizeram tanto sucesso no exterior que viraram até tema de piada em um disco de sucesso de Louis Armstrong, Dave Brubeck, Carmen Mcrae, e outros músicos que contavam a história dos artistas de jazz que, financiados pelo Departamento de Estado representavam os EUA no exterior.³⁹¹

No disco “*The Real Ambassadors*” (1961), Louis Armstrong brinca que, mais do que o maior atleta (negro) de beisebol norte-americano, Jackie Robinson, quem era o símbolo dos EUA no exterior do governo era a primeira-dama. Na música que abre o disco, chamada “*Cultural Exchange*”, a letra descreve, com humor e ironia, as escolhas da USIA no caso de

³⁸⁹ Cf. **Documento 29**: “1963: I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration”.

³⁹⁰ Cf. **Documento 51**: “*USIA Films Admirable Lot*”, de Richard L. Coe, *Washington Post*.

³⁹¹ Mais referências sobre o disco e as turnês de jazz no exterior em Von Eschen, 2004.

conflitos mundiais: “(Louis Armstrong) Yeah, e se o mundo fica doido, nós pedimos ao John que mande a Jackie, (coro) Jackie Robinson? (Louis Armstrong) Não cara, a primeira-dama! É isso o que chamamos de intercâmbio cultural, é isso o que chamamos de intercâmbio cultural”.³⁹²

Outra reportagem, de 2 de novembro de 1962, descrevia, sem muita simpatia, os filmes da USIA sobre os sucessos dos movimentos civis nos EUA, como um avanço da democracia americana a ser exaltado no exterior. A notícia publicada pelo jornal “*Christian Science Monitor*”, intitulada “*USIA Film Depicts Positive Negro Gain*”, descrevia a posição do responsável pela série de filmes “*Negro – A Century of Progress*”: “Ao invés da situação do Preto³⁹³ ser uma fragilidade no exterior – como os comunistas tentam constantemente pintar – nós estamos tentando mostrar a visão de que ela reflete um avanço afirmativo para todas as pessoas dos EUA.”.³⁹⁴

O sucesso dos filmes da USIA se devia, em grande parte, à ideia de Murrow que buscava renovação da linguagem dos filmes produzidos pelo Departamento de Filmes da USIA, antes dominados por documentários tradicionais com perfil educacional ou científico. Murrow foi buscar em um jovem herdeiro das grandes indústrias de Hollywood o seu novo diretor para o Departamento.

Após tentar convencer Sam Goldwin Jr. sem sucesso, Murrow convidou George Stevens Jr.³⁹⁵, que com menos de 30 anos de idade mudou o perfil dos filmes da USIA. Pelos seus contatos, Stevens Jr. mobilizou os melhores produtores de Hollywood para confeccionar filmes atraentes e agradáveis de serem vistos para atingir todos os tipos de público. Além disso, a USIA contratava produções independentes locais para exibição de temas regionais específicos.

Por fim, Murrow também tentou dialogar com Hollywood para que fossem produzidos tramas mais favoráveis aos EUA, em nome da luta contra o comunismo. Para ele, após uma viagem à Europa e América Latina em 1961, era clara a promoção de uma imagem americana

³⁹² Cf. trecho original em **Transcrição 179** em Transcrições (tradução nossa).

³⁹³ “*Negro*”, em inglês.

³⁹⁴ Cf. **Documento 51**: “1962: *USIA Film Depicts Positive Negro Gain*”, *Christian Science Monitor*, 29/11/62. Trecho original em **Transcrição 180** em Transcrições (tradução nossa).

³⁹⁵ Cf. **Documento 51**: “*Murrow attempts to revitalize IMV output: only partially successful*”. Seu pai, George Stevens, foi diretor de sucesso que já havia ganhado, entre outros prêmios, o oscar pelo filme “*Giant*”, em 1956. George Stevens Jr também foi fundador da *American Film Institute*, e posteriormente foi diretor premiado de cinema e televisão (ganhador do prêmio *Emmy*).

“indesejável e exagerada”³⁹⁶ no exterior. Em reunião com a *Academy of Motion Picture Arts and Sciences*, Murrow disse que os estrangeiros tinham uma imagem completamente distorcida dos EUA.

Na ocasião, o diretor da USIA chegou a declarar que os EUA não poderiam ser vistos como terra de gangues, índios e mulheres com seios fartos:

Muita gente no exterior pensa que para lá do Mississippi ficam lugares desertos, ameaçados por índios hostis; que todos os outros americanos vivem em apartamentos de cobertura; muita gente do mundo também acredita que Chicago é assolado por uma guerra de gangues; e que uma mulher que não tenha 100 centímetros de busto não pode ser americana³⁹⁷.

Sua tentativa não foi bem aceita pelo mundo de Hollywood. Segundo a revista *Variety*, sua postura como diretor da USIA contrariava toda sua honrada história como jornalista: “Como um burocrata, ele assumiu a perspectiva da propaganda, que é oposta à da posição adotada em sua longa carreira como apresentador de noticiário”³⁹⁸.

A ação da USIA também incentivou e apoiou a produção de filmes sobre ciência, por meio dos *American Science Films Forums* e a divulgação de filmes americanos no exterior, patrocinando festivais de cinema, como o de Cannes e Veneza (em 1962) e em Moscou e Berlim. Nessas ocasiões, o próprio George Stevens Jr. foi o chefe das delegações americanas nos eventos. Como resultado dessas atividades conjuntas a USIA criou o *Hollywood Guilds Festival Committee*, que selecionaria filmes comerciais americanos para participarem de festivais no exterior.³⁹⁹

³⁹⁶ Cf. **Documento 51**: “1961: Murrow tried “to influence” Hollywood films to improve U.S. image abroad”. Cf. trecho original em **Transcrição 181** em Transcrições (tradução nossa).

³⁹⁷ Cf. **Documento 51**: “1961: Murrow urges Hollywood to portray U.S. more accurately in its films.”. Cf. trecho original em **Transcrição 182** em Transcrições (tradução nossa).

³⁹⁸ Cf. **Documento 51**: “1961: Murrow tried “to influence” Hollywood films to improve U.S. image abroad”. Cf. trecho original em **Transcrição 183** em Transcrições (tradução nossa). Sobre ambivalência entre os papéis de Murrow como jornalista consagrado e diretor da USIA também descrito em Pells (1997, p. 90). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 73** (Transcrições).

³⁹⁹ Cf. **Documento 29**: “1963: I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration”.

FIGURA 27 - Caricatura sobre novo programa de Murrow, patrocinado pela Paz Mundial.



Cf. **Documento 58**: Reading Times, 17/02/1961, “Now a Word From My Sponsor”.

Outra prioridade da gestão Kennedy era o fortalecimento e maior agilidade das pesquisas de opinião pública de determinados grupos e países. Durante a crise dos mísseis de 1962, por exemplo, a USIA preparava dois informes sobre a reação da opinião pública global por dia. As pesquisas também faziam um controle qualitativo, testando com antecipação alguns dos programas de rádio, TV e cinema produzidos pela USIA. De acordo com a reação do público selecionado, os produtos eram exibidos ou não.⁴⁰⁰

Muitos dos estudos específicos eram encomendados a acadêmicos e especialistas americanos, fundações e universidades. Uma unidade de pesquisa de projetos especiais, estabelecida em janeiro de 1962, também incentivou e financiou certos grupos e temas de pesquisa de interesse governamental.

⁴⁰⁰ Cf. **Documento 29**: “1963: I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration”.

Entre os temas de especial interesse da USIA estavam os estudos sobre os desenvolvimentos regionais, o conflito ideológico e a semântica política, ou seja, estudos de significados de termos políticos usados diferentemente de acordo com país, como, por exemplo, o significado de “socialismo”, “comunismo”, “capitalismo”, ou “liberdade” para diferentes setores sociais dos países. Relatórios diários sobre as atividades de propaganda comunista também eram produzidos em todos os postos locais da USIA, com foco principal na URSS e em Cuba.⁴⁰¹

A cooperação privada também se expandiu de 1961 a 1963, aumentando o volume das atividades da USIA, que normalmente seriam restritas à capacidade de seu orçamento. Um dos exemplos é o transporte dos livros doados ao exterior, que durante o período levou mais de 800 mil livros e outros materiais (que ficavam estocados nos armazéns da USIA no Brooklyn e em DC) ao exterior sem despesas para a agência. O *U.S. Post Office* também doou à USIA todos os livros que estavam na correspondência perdida dos correios (de 100 a 150 mil anualmente).⁴⁰²

Durante os três anos de Kennedy, a USIA também fornecia informação estratégica e política a cerca de 8 mil empresários americanos que trabalhavam no exterior, em mais de 441 empresas americanas com representações no exterior. Em parceria com a indústria americana, os empresários eram atualizados sobre temas como os tratados de não proliferação nuclear e detalhes específicos sobre a política externa dos EUA.⁴⁰³

Isso era resultado da aproximação ativa dos *PAO officers* no exterior, que buscavam os empresários americanos em outros países para dialogar sobre temas da política externa que afetavam os negócios e a partir daí também prospectavam possíveis ações conjuntas com empresas americanas. A USIA, secretamente, também mapeava correspondentes americanos no exterior e suas orientações políticas, controlando o fluxo de informações americanas que vinham de fora e as possibilidades de colaboração com jornalistas americanos em outros países.⁴⁰⁴

A ênfase anterior à doação de livros usados deu lugar à de materiais novos. Muitas das revistas privadas americanas que tinham mercado no exterior também recebiam encartes e materiais da USIA que eram lidos como suplementos, como resultado de parceria da agência

⁴⁰¹ Cf. **Documento 29**: “1963: I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration”.

⁴⁰² Id.

⁴⁰³ Id.

⁴⁰⁴ Cf. **Documento 61**: “IRS - U.S. News Media Representatives serving abroad”.

com editoras privadas. Em 1963, mais de um milhão de pessoas recebiam as 67 diferentes publicações da agência. Eram também distribuídos para as bibliotecas dos USIS alguns materiais de maior qualidade gráfica, produzidos pela USIA, e que versavam sobre a indústria, a ciência e tecnologia e o empreendedorismo americano.⁴⁰⁵

O ano de 1963, por exemplo, foi o ano mais produtivo da história da agência até então, com 1202 publicações diferentes, com mais de 10 milhões de cópias distribuídas em 36 línguas. Só na América Latina a tradução de obras americanas cresceu de 64 edições e 540 mil cópias em 1961, para 332 edições e 3 milhões e 500 mil cópias em 1963 (em português e espanhol).⁴⁰⁶

A partir de 1962, doações privadas de empresas e de pessoas também financiaram 12 mil *kits* de esportes (para prática do basquete, vôlei, baseball, futebol e boxe), que eram distribuídos aos USIS em mais de 86 países por meio do comitê de esportes do programa *People-to-People*.

As empresas americanas até financiavam os passeios de “re-familiarização” dos funcionários da USIA e suas famílias nos EUA, entre os trabalhos em um posto e outro. A *Wally Byam Foundation* oferecia três automóveis do tipo “*trailer*”, bem como os custos de manutenção, gasolina, óleo e seguro para o uso recreativo dos funcionários da USIA. Um relatório interno das atividades da agência desde 1961, citava que durante o ano de 1963: “Vinte funcionários dos USIS e suas famílias beneficiaram-se desta oportunidade neste ano, de readaptarem-se ao estilo de vida tradicional do país do qual eles serão porta-vozes em seu próximo trabalho no exterior”.⁴⁰⁷

Outra preocupação inicial da gestão Kennedy, a qualificação e treinamento dos funcionários da USIA também foi objeto de uma política específica durante aqueles anos, por meio de cursos de 8 semanas e línguas a recém selecionados e funcionários administrativos do serviço exterior. Além disso, foram oferecidos cursos para 25 funcionários em situação de *mid-career* por ano, alguns já com postos de *USIS officers*.

A USIA também promovia seminários para seus funcionários sobre determinados temas prioritários para a agência, como relações estudantis, sindicalismo internacional,

⁴⁰⁵ Cf. **Documento 29**: “1963: I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration”.

⁴⁰⁶ Id.

⁴⁰⁷ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 184**, Transcrições (tradução nossa).

triunfos americanos no espaço e o desenvolvimento em áreas subdesenvolvidas. Só em 1963, mais de 1.200 funcionários participaram dessas capacitações.⁴⁰⁸

Na área de produção de filmes, a USIA desenvolveu, a partir de 1962, uma bolsa de estágio para 5 jovens cineastas por ano, que treinavam na agência técnicas de filmagem e eram capacitados sobre conteúdos e linguagens. Depois, esses jovens eram encaminhados para os centros de produção locais, para multiplicar os conhecimentos e capacitar os técnicos dos países.⁴⁰⁹

Na área de publicações, foi dada uma grande ênfase ao desenvolvimento de materiais mais rápidos de serem lidos e assimilados. Um dos grandes meios para disseminar esse tipo de linguagem eram os quadrinhos, que contavam a história americana criticando os líderes comunistas, como a série de revistinhas que contavam a Aliança para o Progresso e com conteúdos anticastristas para o público da América Central e do Sul. Muitas tiras também eram distribuídas para as publicações em jornais, como a “*True Tales*”, feitas diariamente também em espanhol.⁴¹⁰

FIGURA 28 - Cartunistas da confeccionando tiras para centenas de jornais em diversas línguas.



Fonte: Cf. **Documento 56**.

⁴⁰⁸ Cf. **Documento 29**: “1963: I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration”.

⁴⁰⁹ Id.

⁴¹⁰ Id.

Para as notícias, um novo aparato de imprensa foi criado. Um laboratório para impressão e distribuição de quase 20 milhões de fotos e negativos, ao ano, foi modernizado. Impressoras eletrônicas (chamadas de *Log-E-Tronics Unit*) foram compradas.⁴¹¹ Também foram remodelados os sistemas de cobertura de imprensa, de edição (*copy desk*) e diagramação. A tecnologia de envio de notícias “sem-fio” (com *radio-phone* e telégrafos) também foi sofisticada, principalmente para a recepção no continente africano. De 111 novos postos de recepção, entre 1961 e 1963, 33 deles foram na África.

No continente americano foi estabelecido um novo centro regional de imprensa em 1962, dedicado principalmente a produzir notícias para os públicos estudantis, sindicatos e ex-beneficiados pelo programa Aliança para o Progresso.⁴¹²

A USIA também continuou a promover o intercâmbio de artistas e jornalistas com fins políticos, além de criar, em 1961, o cargo de *Assistant Secretary of State for Educational and Cultural Affairs*, que continuaria a tradição reivindicada por Fulbright no Departamento de Estado, com o perfil de longo prazo e sem interesses políticos aparentes.⁴¹³

Para o contato direto com o público de interesse, a USIA de Murrow também intensificou as feiras e exposições, inicialmente no bloco soviético (o que era previsto nos acordo de intercâmbio cultural EUA-URSS) e posteriormente em países do leste europeu. As exposições mostravam equipamentos, com o mais alto grau de tecnologia e inovação em algumas áreas, com temas como “*Plastics USA*”, “*Transportation USA*”, “*Medicine USA*”, “*Technical Books USA*”, “*U.S. Astronaut Orbits the Earth*”, “*Friendship Seven Mercury Capsule*” (que levava uma cápsula da NASA para 23 países), “*U.S. Progress in Space Sciences*” ou “*Graphic Arts USA*”.⁴¹⁴

A produção específica para a televisão era também uma preocupação da gestão Murrow à frente da USIA, e para isso foram comprados equipamentos próprios e criados 22 novos postos na agência: 10 para a produção, 6 na equipe técnica, 4 na programação, e 2 na administração. Em 1962, a USIA produziu 101 horas de programas próprios; em 1963, foram 113 horas de filmes específicos para TV.

⁴¹¹ Cf. **Documento 29**: “1963: *I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration*”.

⁴¹² Id.

⁴¹³ Cf. PELLIS (1997, p. 91). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 75** (Transcrições).

⁴¹⁴ **Documento 29**: “1963: *I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration*”.

Só no ano de 1961, os programas de TV produzidos e comprados pela USIA foram exibidos em mais de 40 novas estações em todo o mundo. Programas como “*World Americana*”, que exibia os programas de lazer do americano médio, ou a rotina das donas de casa e juventudes americanas, ou o “*Personal Report*”, que mostrava as primeiras impressões de um estudante nigeriano nos EUA, mostravam o lado americano que vivia em paz e harmonia.

Para exibição em 19 países da América Latina, eram produzidas séries de 13 horas, como o “*The Experts Answer*”, que levavam jornalistas latino-americanos a entrevistar especialistas americanos em assuntos como governo, trabalho, indústria, ciência e artes plásticas. Outro tipo de programa, semanal e com 15 minutos de duração, como o “*Panorama Panamericano*”, também era exibido nos canais comerciais de televisão no subcontinente. Filmes especiais para a TV também foram produzidos para a região, como os “*Report from Colombia*”, ou o “*Report from Venezuela*”, mostravam o progresso na região a partir do programa “*Aliança para o Progresso*”. Outros como o “*Focus: Cuba*”, “*Cuba – A World Verdict*”, “*The Lost Apple*”, “*Castro and Cuba*”, entre outros, mostravam o lado sombrio e antidemocrático da revolução cubana.⁴¹⁵

A TV USIA também produziu uma série de sucesso chamada “*Let’s Learn English*”, transmitida para 37 países, atingindo milhões de pessoas. Por causa do sucesso da série, um segundo programa foi produzido e exibido no mesmo formato, sendo chamado de “*Let’s Speak English*”. Outros programas com temas específicos, como o “*Science Reports*”, que exibia os progressos da ciência americana, fizeram sucesso em mais de 52 países do mundo.

A gestão de Kennedy também teve a preocupação de mudar o perfil dos funcionários da USIA, colocando mulheres em posição de chefia na agência (4 foram citadas em cargos de chefia, entre os postos USIS e administração em Washington DC). Negros também foram admitidos como parte desta política: “O número de funcionários Pretos no serviço exterior quase dobrou em relação aos números de 1960, de 24 pessoas. Três *country public affairs* são Pretos. Quase 10% de todos os funcionários do serviço exterior com postos iguais ou maiores que GS-12 são Pretos.”⁴¹⁶

⁴¹⁵ Cf. **Documento 29**: “1963: I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration”

⁴¹⁶ Id.: relatório interno das ações da USIA de 1961 a 1963. Cf. trecho original em **Transcrição 185**, Transcrições (tradução nossa).

Apesar das críticas de campanha de Kennedy, a principal iniciativa de Eisenhower pela amizade entre os povos, o bem-sucedido *People-to-People* continuou sendo acompanhado pela USIA no novo governo, apesar de financiado quase completamente por empresas.

As iniciativas do *Sister Cities* continuaram a crescer, estimulando a troca de experiências entre comunidades principalmente nas áreas de educação, com programas de intercâmbio de alunos e professores. A inovação da USIA de Murrow para fortalecer as *Sister Cities* americanas na América Latina foi articular os trabalhos dessas com os centros binacionais na região, usando os equipamentos disponíveis, como bibliotecas, salas e auditórios como “embaixadas informais” das cidades americanas no exterior, exibindo filmes e promovendo programas cívicos e palestras.⁴¹⁷

Nos anos Kennedy/Murrow, a USIA conseguiu multiplicar seu alcance e eficiência, menos pelo aumento de seu orçamento, muito mais pelo trabalho em parceria com a iniciativa privada e pelo foco em grupos específicos, baseados em pesquisas de mercado. A divisão do trabalho interno da agência também foi bem feita. Enquanto Murrow era a cara pública da USIA, dialogando com diversos setores internamente e externamente, Donald Wilson era seu gestor interno.

A agência em seu auge, com a Guerra Fria a todo vapor, parecia ser cada vez mais parte integrante de uma estratégia maior e fundamental para o futuro mundial, influenciando direta e indiretamente o modo de pensar, divertir e agir politicamente em todos os países do mundo. Porém dois acontecimentos inesperados e quase concomitantes mudaram o destino da USIA dentro do governo americano e no modo americano de agir, se comunicar, dialogar e influenciar outros países.

O primeiro foi o assassinato do Presidente Kennedy, em 22 de novembro de 1963 e a posse do vice-Presidente Lyndon Johnson, no mesmo dia. As diferenças entre as concepções dos dois Presidentes em relação à importância do aspecto psicológico entre as “armas” americanas e na consideração da opinião pública de outros países como fator relevante para a definição da política externa foram decisivas para o futuro da agência a partir daquele dia.

O segundo acontecimento foi o adoecimento de Murrow, símbolo da USIA em seu auge. Em setembro de 1963, o diretor da agência cancelou um discurso por suspeita de

⁴¹⁷ Cf. **Documento 53**: “*Sister City Program Expanding. May, 1963*”.

laringite, quando foi descoberto um câncer de pulmão. A operação que retirou parte de seu pulmão foi seguida de radioterapia. Murrow pediu afastamento ao Presidente Kennedy após a sua operação e após o assassinato de JFK, Murrow foi se retirando de seus afazeres profissionais⁴¹⁸.

Com isso, a partir do final de 1963, Wilson acabou por assumir também a parte mais pública da agência, além de manter a gestão interna. E continuou administrando esse momento crítico da história dos EUA e da USIA⁴¹⁹, até o pedido definitivo de demissão de Murrow, aceito com relutância pelo Presidente Johnson, em 20 de janeiro de 1964.

Na carta em que aceita sua renúncia, o Presidente americano pedia ajuda a Murrow como consultor no futuro:

Caro Ed, [...] eu respeito sua posição de que uma longa recuperação decorrente de um problema de saúde impeça sua permanência no cargo; o mesmo alto espírito de responsabilidade que trouxe você à Washington agora obriga você a partir. Mesmo assim, eu admito que eu esperava que você pudesse ficar. Após a sua recuperação, eu te ligarei para ter seus conselhos e ajudas. [...] Você parte com a gratidão de um Presidente e de uma nação. Eu encerro, Ed, parafraseando as palavras que te deixaram para sempre famoso no rádio e na televisão: “*Goodbye, and Good luck!*”⁴²⁰

Wilson ficou como responsável pela transição, ajudando a nova direção da USIA até agosto de 1965, quando renunciou para assumir a direção geral da revista *Time-Life International*.⁴²¹

Murrow, por sua vez, não resistiu ao câncer por muito tempo, falecendo em abril de 1965. Toda documentação referente à sua gestão, até então nos arquivos da USIA, foi doada ao “*The Edward R. Murrow Center of Public Diplomacy*”, criado em julho do mesmo ano na *Fletcher School of Law and Diplomacy* da Tufts University. O centro havia sido idealizado pelo próprio Murrow e reuniria acadêmicos, jornalistas, estudantes e funcionários do governo para pensar o que foi chamado desde então de *Public Diplomacy*.⁴²²

⁴¹⁸ Cf. **Documento 49**: “1963: Murrow came down with cancer in September: resigned in December but note accepted until January 20/64”.

⁴¹⁹ Cf. ELDER (1968, p. 42). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 74** (Transcrições).

⁴²⁰ Cf. **Documento 58**: “*The White House, Text of letters exchanged by the President and the Honorable Edward R. Murrow, January 20, 1964*”. Cf. trecho original em **Transcrição 186**, Transcrições (tradução nossa).

⁴²¹ Cf. **Documento 59**: “*Wilson Steps Out Aug. 1 As USIA Deputy Chief*”.

⁴²² Cf. **Documento 60**: “*The Edward R. Murrow center of Public Diplomacy/The Agency Library, archives collection*”.

A agência chegou a seu auge de importância interna e atividades externas com Kennedy, Murrow (e Wilson), segundo o que foi descrito por um de seus funcionários, Wilson P. Dizard Jr.:

A USIA tinha uma tarefa especial para projetar as ideias americanas aos quatro cantos do mundo. No auge das suas operações da Guerra Fria, ela teve a presença mais extensa no exterior do que qualquer outra agência de Washington. Seus postos culturais e de informação – os *U.S. Information Services* (USIS) – funcionavam em quase trezentas cidades. Ao todo, era o maior esforço cultural e informacional já feito por uma sociedade para influenciar as atitudes e ações de homens e mulheres além de suas fronteiras.⁴²³

FIGURA 29 - Murrow e Wilson, aqui em seus juramentos, representaram a época de ouro da USIA. Após a morte de Kennedy e suas saídas, mudanças profundas na agência começaram a ser sentidas.



Fonte: Cf. **Documento 59**.

O governo JFK, no entanto, deixava a seu sucessor sérios desafios conjunturais. Sem resolver o problema iniciado por Eisenhower no Vietnã (aumentando o contingente militar

⁴²³ Cf. DIZARD JR. (2004, p.4). Cf. trecho original em **Transcrição 187**, Transcrições (tradução nossa).

norte-americano naquele país⁴²⁴) e após diversas crises internacionais, (como a da invasão mal sucedida na Baía dos Porcos e a crise dos mísseis), o Presidente Lyndon Johnson assumiu em um dos momentos mais críticos também da história interna americana, após o assassinato de Kennedy.

A USIA sofreu os ecos das mudanças advindos desse momento turbulento, refletidos também pelo perfil do novo Presidente em exercício. Uma nova conjuntura nacional, com consequências internacionais, inclusive no Brasil, surgia com a morte de Kennedy e a posse de Johnson, no final de 1963.

2.6 Johnson e o começo da inflexão da USIA

Em um momento delicado da vida americana, Lyndon Johnson assume com o dever de reverter o quadro de crise nacional e internacional que se apresentava. Além de todos os problemas já conhecidos e vastamente estudados (Revolução cubana, Vietnã, investigação do assassinato de Kennedy), Johnson também tinha o problema de substituir o diretor da agência mais reconhecido publicamente.

Para o seu lugar deveria chamar alguém que mantivesse a boa imagem norte-americana no exterior, que tivesse noção do grave momento em que a política externa norte-americana passava e por isso trabalhasse bem em conjunto com outros órgãos do governo. Além disso, era necessário que fosse uma pessoa com experiência na área, tanto de comunicação quanto de relações internacionais.

Em 23 de janeiro de 1964, três dias após a renúncia de Murrow, a imprensa americana já anunciava a indicação do novo Presidente para a direção USIA: Carl T. Rowan. Jornalista e ex-correspondente no sudeste asiático, Rowan assumiu o cargo de *Assistant Secretary of State for Public Affairs* e depois o de embaixador americano na Finlândia⁴²⁵.

Tido como um estudioso de política externa e habilidoso em sua relação com os jornalistas, Rowan era destacado pela imprensa americana da época principalmente pela sua cor de pele. Na ocasião, era o negro com maior posto dentro do governo⁴²⁶ e por isso, segundo as reportagens da época, levava em si a imagem que o governo americano queria mostrar ao

⁴²⁴ Cf. SELLERS; MAY; MCMILLEN (1990, p. 402).

⁴²⁵ Cf. **Documento 60**: “Murrow to Rowan, U.S. to the World (Springfield, Mass. Union, Jan 23, 1964)”.

⁴²⁶ Id.: “Ed Murrow’s Contribution (Roanoke, Virginia Times, Jan 26, 1964)”. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 76** (Transcrições).

mundo: de um país que inclui as minorias, de uma democracia que possibilita a ascensão social de qualquer cidadão, inclusive nos maiores postos do governo.

Isto, segundo as reportagens, era a vantagem mais óbvia que a nomeação de Rowan trazia para o posto na USIA: “talvez ele necessite de mais apoio do que o Sr. Murrow com relação à gestão das notícias, mas como um Preto ele está em uma posição também exemplar para mostrar o progresso que a América está fazendo com relações aos problemas raciais”.⁴²⁷

Desde o início de sua passagem pela USIA, Rowan se colocava como discípulo da bem avaliada gestão de Murrow. A grande diferença entre as duas administrações se dava na relação mais distante que Rowan tinha com o Presidente e na menor importância que Johnson dava à USIA, à opinião pública estrangeira e às políticas de informação.⁴²⁸

Também por isso e por ser ex-diplomata, Rowan se reportava diretamente ao Departamento de Estado e desde o início, agindo como se a USIA estivesse subordinada formalmente às diretrizes da política externa, quase como se fosse a assessoria de imprensa do Secretário de Estado. Para Rowan, que se reunia diariamente com o próprio Secretário, ou com *Under Secretary of State for Public Affairs*⁴²⁹, a principal tarefa da USIA era explicar ao público internacional as intenções e objetivos da política externa americana e fazer com que os povos estrangeiros se identificassem com elas.⁴³⁰

Em suas palestras e discursos, assim como em reuniões internas na agência, Rowan sempre fazia questão de citar Murrow e Kennedy, principalmente quando usava o ditado de Murrow que a verdade era a maior arma americana (“*Truth as a weapon*”), mas sempre deixava claro que a verdade tinha que ser contada na perspectiva americana: “Eu pretendo que a agência conte a verdade e coloque a sua perspectiva... Talvez você tenha que falar um pouco sobre o passado, quais as expectativas futuras e qual é o papel do governo federal... essa é toda a verdade”.⁴³¹

Apesar do maior alinhamento com o Departamento de Estado buscado por Rowan, no início do governo Johnson, as frentes de ação da USIA continuaram as mesmas da época de Kennedy, tendo o contato pessoal com grupos-alvo como prioridade, além do *Voice of*

⁴²⁷ Cf. **Documento 60**: “*Murrow to Rowan, U.S. to the World (Springfield, Mass. Union, Jan 23, 1964)*”. Cf. trecho original em **Transcrição 188**, Transcrições (tradução nossa).

⁴²⁸ Cf. **Documento 30**: “*1964-65: Rowan shared Kenedy-Murrow view of USIA as a useful tool of foreign policy – but not supported by White House*”. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 77** (Transcrições).

⁴²⁹ Cf. **Documento 31**: “*1965: Rowan describes machinery for giving USIA policy guidance/ S: USIA Approp. '66, p. 237 (June 14)*”.

⁴³⁰ Cf. **Documento 32**: “*1964: Rowan – USIA's most important function is furthering U.S. Foreign Policy by influencing foreign attitudes*”. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 78** (Transcrições).

⁴³¹ Cf. **Documento 30**: “*1964-5: Rowan insists truth must be placed in perspective*”. Cf. trecho original em **Transcrição 189**, Transcrições (tradução nossa).

America, televisão e filmes.⁴³² Isso se dava por meio de atividades dos postos locais, diálogo dos funcionários dos USIS com lideranças de cada país e acompanhamento constante da mídia e da opinião pública com as pesquisas.

Porém com a morte de Kennedy, a herança da Revolução cubana, da crise dos mísseis, e da Baía dos Porcos, a presença americana na América Latina tornou-se ponto de honra para o governo Johnson. Para a USIA de Rowan isso se traduzia como mudança importante: o continente americano como prioridade. Em 11 de março de 1964, seu segundo mês na USIA, Rowan explicitava a recomendação presidencial de forma clara, em discurso a embaixadores latino-americanos: “A América Latina está muito no meu pensamento nesses dias, particularmente levando em consideração ao aviso do Presidente Johnson de que nenhum trabalho é mais importante para esta geração de americanos do que a nossa em nosso hemisfério”.⁴³³

Essa prioridade no continente latino-americano pode ser percebida pelo aumento abrupto de funcionários da USIA nos primeiros anos da década de 1960. Em 1959, a USIA tinha 140 funcionários americanos e 664 funcionários locais nos postos latino-americanos. Em março de 1964 a agência aumentou para 214 funcionários americanos e 790 locais nos USIS da América Latina.⁴³⁴

Isso também foi observável no aumento do orçamento da USIA para a região, de US\$ 5,4 milhões em 1959, para US\$ 9,2 milhões em março de 1964, com um pedido adicional de US\$ 1,03 milhão para 1965. De 1959 a 1964, também foram abertos novos postos locais e 4 novos centros de leitura.⁴³⁵

O foco entre os grupos latino-americanos continuaram sendo os estudantes e os sindicatos. Para isso, em 1964 a USIA enviou 9 novos assessores de “informação”, especificamente focados no mundo do trabalho (*Labor Information Officers*) “utilizar técnicas de informação para construir o apoio para soluções democráticas para os problemas latino-americanos, particularmente as soluções que fazem parte do Aliança para o Progresso”⁴³⁶. E para a área estudantil, a USIA escalou, no mesmo ano, seis novos “*Students Affairs Officers*”

⁴³² Cf. **Documento 31**: “1964: Rowan – rates personal contact, radio & TV in order named as best media for influencing foreign opinion”.

⁴³³ Cf. **Documento 62**: “Rowan’s speech to L.A. Ambassadors, mar 11, 1964”. Cf. trecho original em **Transcrição 190**, Transcrições (tradução nossa).

⁴³⁴ Id.

⁴³⁵ Id.

⁴³⁶ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 191**, Transcrições (tradução nossa).

(que trabalhavam nos USIS latino-americanos) e 25 bolsistas, estudantes americanos, instalados nos centros binacionais.⁴³⁷

Segundo Rowan, os *information officers* para os mundos do trabalho e estudantil foram escalados principalmente para os postos locais e centros binacionais mais importantes do continente.⁴³⁸

Em 1964, a USIA mantinha 119 centros binacionais em 19 países latino-americanos, onde eram dadas aulas de inglês, palestras sobre temas variados, cursos de cultura e literatura americana, com exposições de arte, filmes e shows. A agência também contava com 11 bibliotecas e *information centers* na região, onde eram promovidas exposições sobre a Aliança para o Progresso, grandes feitos americanos no espaço ou sobre as promessas descumpridas por Fidel Castro em Cuba.⁴³⁹

Outra preocupação era a produção, tradução e distribuição de livros americanos, subsidiados pela USIA, nas áreas de educação, trabalho e religião, que mostrassem ao público latino-americano o “senso de identidade de interesses e valores entre os EUA e a América Latina, e demonstrar que o comunismo-castrista não é a resposta para os problemas sociais e econômicos do hemisfério ocidental”.⁴⁴⁰

Só no ano de 1964, a USIA tinha subsidiado cerca de 3,5 milhão de cópias de mais de 323 livros para o continente latino-americano.⁴⁴¹ No mesmo ano, a USIA também pretendia distribuir mais de 37 milhões de revistas de histórias em quadrinhos em todo subcontinente, por meio de seu centro regional de publicações instalado no México.

As atividades dos grandes meios de comunicação também se multiplicaram, na América Latina, em 1964. Com a inauguração do centro de transmissão em *Greenville*, em 1963, o sinal do VOA e dos programas de rádio da USIA era dominante na região. Eram exibidos programas gravados nos EUA e nos postos locais em estações de rádio comerciais latino-americanas. Cerca de 11 mil horas semanais de programas de rádio da USIA eram transmitidas na América Latina, em mais de 1.500 estações locais.

Em 1964, a agência de notícias da USIA também transmitia cerca de 10 mil palavras por dia (que eram traduzidas para o português pelo posto local da USIA no Rio de Janeiro) para os jornais e revistas da região.

⁴³⁷ Cf. **Documento 62**: “*On the Propaganda War: Latin America... – Printing Week Convention, Minneapolis, Minn., February 21, 1964.*”.

⁴³⁸ Cf. **Documento 62**: “*Rowan’s speech to L.A. Ambassadors, mar 11, 1964*”.

⁴³⁹ Id.: “*On the Propaganda War: Latin America... – Printing Week Convention, Minneapolis, Minn., February 21, 1964.*”.

⁴⁴⁰ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 192**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁴¹ Id.: “*Rowan’s speech to L.A. Ambassadors, mar 11, 1964*”.

Outra frente de ação da USIA para atingir as massas latino-americanas era a televisão, com uma audiência anual de cerca de 10 milhões de pessoas no continente⁴⁴². O carro-chefe da USIA TV continuava sendo o “Panorama Panamericano”, além de continuar exibindo os programas especiais sobre temas de interesse de grupos prioritários latino-americanos, como a reforma agrária, a Aliança para o Progresso, ou reportagens que desmitificavam a revolução cubana, como a que mostrou armas cubanas escondidas na Venezuela, em 1964.⁴⁴³

A produção audiovisual da USIA para o continente também tinha um documentário chamado “*Horizons*”⁴⁴⁴ exibidos nas salas de cinema comerciais latino-americanas, também exibidos em projetores cedidos pela USIA em escolas, universidades, igrejas e sindicatos.⁴⁴⁵

Após a sua morte, Kennedy continuou sendo a grande estrela dos filmes da USIA, agora como espécie de mártir americano, que teria seu legado garantido por Johnson. Um dos filmes produzidos pela USIA e exibidos na região era o documentário de 1h30 minutos chamado “*John F. Kennedy: years of Lightning, Day of Drums*”, que contava a saga americana, que não poderia ser abalada mesmo com o assassinato de JFK. O filme, narrado por Gregory Peck, começava com os dizeres:

Foi verdade que o Presidente foi morto. (...) Mas também foi verdade que o assassino não atingiu o seu alvo, porque ele queria que John Kennedy morresse, e isso ele não conseguiu fazer... porque nenhum homem pôde levar anos de Luzes (*Lightning*), com um único dia de tambores (*Drums*).⁴⁴⁶

Outro filme lançado pela USIA na América Latina em março de 1964 foi o “*The President*”, produzido pela USIA em apenas quatro semanas e que tinha a missão de mandar a seguinte mensagem para todos os países do mundo:

(...) até em momentos de maior tragédia, há a continuidade na tradição democrática dos EUA; da que o homem que assumiu a presidência, Lyndon B. Johnson, é um homem de grande capacidade e experiência e que ele continuará a guiar os EUA em um rumo estável; e que em seu novo posto ele tem o apoio do povo americano.... Continuemos.⁴⁴⁷

⁴⁴² Cf. **Documento 62**: “*On the Propaganda War: Latin America... – Printing Week Convention, Minneapolis, Minn., February 21, 1964.*”.

⁴⁴³ Cf. **Documento 62**: “*Rowan’s speech to L.A. Ambassadors, mar 11, 1964*”.

⁴⁴⁴ Id.

⁴⁴⁵ Id.: “*On the Propaganda War: Latin America... – Printing Week Convention, Minneapolis, Minn., February 21, 1964.*”.

⁴⁴⁶ Cf. **Documento 51**: “*Fine Kennedy Film, - Only for Abroad/ NY Times/Judith Crist*”. Cf. trecho original em **Transcrição 193**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁴⁷ Cf. **Documento 51**: “*1963-4: Stevens – Documentary on “The President” completed in four weeks/ H: USIA Approp ’65, p. 397 (4 mar 64)*”. Cf. trecho original em **Transcrição 194**, Transcrições (tradução nossa).

A USIA de Johnson/Rowan tinha a clara visão de que, apesar de historicamente alinhada aos EUA, a atenção da agência tinha que ser redobrada em países amigos⁴⁴⁸, como os latino-americanos, principalmente após a Revolução cubana e para isso também formaram iniciativas pontuais para defender alguns dos interesses do país. Uma das principais preocupações da USIA era ajudar a diminuir a rejeição aos EUA e às empresas americanas na região; e, para isso, uma força-tarefa foi formada.⁴⁴⁹ Em um evento a portas fechadas com empresários americanos no *Westchester Country Club* de Nova York,⁴⁵⁰ Rowan desenhou um plano conjunto de longo prazo para ações conjuntas das empresas americanas e USIA na América Latina, que melhorassem a imagem das empresas e do país na região.

Para Rowan, se o plano piloto, na Colômbia, desse certo, a iniciativa se espalharia por todo subcontinente. Segundo ele:

Uma equipe composta por representantes da indústria e da USIA acabou de concluir um estudo na Colômbia e agora está escrevendo uma proposta de plano conjunto de ações indústria-relações públicas para aquele país. Se isso prosperar, talvez estejamos no limiar de uma cooperação crescente entre o governo dos EUA e a indústria em muitos países latino-americanos, no campo das relações públicas.⁴⁵¹

No começo de 1964, Rowan também anunciava outras ações conjuntas em projetos específicos, em pontos que requeriam maior atenção na região. Um deles, com a USAID, era especificamente para a região nordeste do Brasil. Para isso, a USIA enviou assessores de relações públicas para o local: “Nós nomeamos assessores de relações públicas (*public affairs advisers*) para trabalharem com projetos da AID em algumas regiões: o projeto do Nordeste do Brasil, e o ROCAP, na América Central”.⁴⁵²

A postura mais intervencionista, não tão sutil, de Johnson na América Latina⁴⁵³ e a falta de preocupação direta do Presidente com as políticas de informação (em comparação a seus antecessores Eisenhower e Kennedy), apresentaram-se como um ponto de inflexão na história da USIA, com a diminuição de sua importância no interior do governo e na opinião

⁴⁴⁸ Cf. **Documento 30**: “1964: Rowan - just as important to keep goodwill of a friend as to win goodwill of a neutral/USIA Approp '65, p 1500 (July 1)”. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 79** (Transcrições).

⁴⁴⁹ Bogart (1995, p. 115) descreve a importância da cooperação de empresas e USIA. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 83** (Transcrições).

⁴⁵⁰ Cf. **Documento 62**: “Rowan’s speech to L.A. Ambassadors, mar 11, 1964”.

⁴⁵¹ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 195**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁵² Id. A ação da USIA/USAID no nordeste brasileiro será retomada, com maior profundidade no terceiro capítulo. Cf. trecho original em **Transcrição 196**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁵³ Sellers; May; Mcmillen (1990, p. 405) chegam a comparar a postura de Johnson em relação à América Latina como a volta do método do *Big Stick* de Theodore Roosevelt. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 80** (Transcrições).

pública norte-americana. Depois do governo Johnson, reeleito em 1964, nunca mais a USIA teve a mesma importância para os Presidentes estadunidenses.

Segundo o jornalista Edward W. Barrett, que trabalhou em alguns dos antecessores da USIA (ex- OSS, OWI e *Assistant Secretary for Public Affairs* de Truman), Johnson não dava a mínima importância às atividades de informação. Segundo ele: “Em uma conversa com Eisenhower nos primeiros tempos da USIA, ele me contou que gostaria de ter aumentado o dinheiro para ela porque era uma força e tanto durante a Guerra Fria . [O Presidente Lyndon] Johnson nunca levou isso a sério.”.⁴⁵⁴

Em julho de 1965, depois de um pouco mais de um ano de assumir, Carl Rowan renunciou a seu posto na direção da USIA para voltar à sua carreira privada.⁴⁵⁵ O Presidente Johnson, recém-eleito, cada vez mais assumiu o posto com suas próprias características e continuaria a aprofundar a presença militar americana no Vietnã e em outras regiões do mundo, sem levar em consideração a opinião pública interna e externa como fator determinante de sua política externa.

⁴⁵⁴ Cf. BOGART (1995, p. xvii). Barrett também é autor de um importante livro sobre a história da política de informação americana: “*Truth is Our Weapon*”, de 1953 (citado como referência pela maioria dos estudiosos americanos do tema desde então). Cf. trecho original em **Transcrição 197**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁵⁵ Cf. **Documento 62**: “*The White House, Exchange of letters between President Johnson and Carl T. Rowan, July 1965*”.

3 A USIA NO BRASIL DE 1953 A 1964

É indispensável que os USIS sejam imponderados para não terem mais uma posição passiva, defensiva no Brasil, assumindo a ofensiva da propaganda. É urgente, o objetivo principal deve ser colocar a opinião pública brasileira de volta para onde estava quando clamava por assumir a aliança com os EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Quando isto for atingido, os objetivos dos USIS poderão ser cumpridos e as metas da política dos EUA, facilitadas.⁴⁵⁶

William A. Wieland – *Public Affairs Officer* no Brasil, em relatório interno ao embaixador americano no Rio de Janeiro, em abril de 1953, três meses antes da criação da USIA.

No pós-2a Guerra, a estratégia da política externa americana no Brasil pretendia resgatar o alinhamento entre os países logrado durante a batalha. Para os americanos, no contexto de Guerra Fria que se formava, o Brasil era visto como ponto chave da América Latina e, por isso, os novos órgãos de informação que se formavam durante o governo Truman (como o IIA) tinham especial atenção ao país. Haines deixava clara a posição do governo americano no pós-guerra, que se estendia pelos anos 1950: “Por causa da importância estratégica do Brasil e de sua posição dominante na América Latina, ele tornou-se um ponto focal para os programas culturais e de informação dos EUA”.⁴⁵⁷

Desde o governo Truman, a proposta de ação no Brasil visava expandir a cooperação econômica⁴⁵⁸ em conjunto com as atividades de informação, principalmente por meio dos grandes meios de comunicação de massa, como o rádio, os jornais e revistas, a televisão e os filmes⁴⁵⁹. Aproveitando a estrutura física já consolidada no Brasil, crescente desde a década de 1930, com os centros binacionais espalhados pelo país, também foi intensa a promoção do inglês, além da produção de materiais gráficos para setores como sindicatos, igrejas, universidades e associações, da distribuição de livros para as bibliotecas e a realização de palestras, exposições e feiras.

Com a eleição de Eisenhower, a aproximação pessoal desejada por Rockefeller no final de 1952 não foi concretizada como esperado. Com o suicídio de Vargas em agosto de 1954, a imagem americana sofreu graves danos na opinião pública brasileira.

⁴⁵⁶ Cf. **Documento 64**: “1954-55 IIA Prospectus for Brazil/April 1953”. Cf. trecho original em **Transcrição 198**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁵⁷ Cf. HAINES (1989, p. 162). Cf. trecho original em **Transcrição 199**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁵⁸ Mais sobre a cooperação econômica, técnica e informacional no Brasil em OSGOOD (1968, p. 145). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 81** (Transcrições).

⁴⁵⁹ Cf. HAINES (1989, p. 190).

Para o primeiro diretor da USIA, Theodore Streitbert, a luta era desigual na América Latina, já que a forte presença comunista minava a reputação americana na região. Para ele, com a morte de Vargas, a manipulação do conteúdo da carta-testamento do Presidente brasileiro incentivada pelos comunistas colocava os EUA como vilão. Por isso se explicavam as depredações dos USIS e escritórios do governo americano em cidades brasileiras:

Os comunistas nunca perdem a oportunidade de aproveitar das situações. O suicídio do Presidente Vargas, por exemplo, foi utilizado amplamente para criar hostilidade com relação aos EUA. (...) Eles aproveitaram a carta suicida e agora já estão chamando de Magna Carta do Brasil, destacando as referências ao "capital estrangeiro", sendo que o capital estrangeiro no Brasil é capital do EUA. As manifestações após a morte do Presidente Vargas foram dirigidas pelos comunistas contra os Estados Unidos. Manifestantes invadiram o consulado em Porto Alegre, jogaram móveis e luminárias para fora da janela, quebraram todos os tipos de coisas. (...) É impossível equiparar os 60 mil comunistas no Brasil, os 40 mil no Chile, os 15 mil no Uruguai, os 20 mil na Venezuela, etc., (...) a maioria deles ilegal, mas muito ativos.⁴⁶⁰

A notícia da morte de Vargas também atingiu o USIS de Belo Horizonte, logo após a notícia do suicídio ser veiculada, no mesmo dia 24 de agosto de 1954. Portas e janelas foram quebradas, mesas das bibliotecas foram viradas, com livros e equipamentos destruídos.⁴⁶¹ As depredações aos USIS continuaram no Brasil durante a década de 1950. Em julho de 1958, logo após a visita do vice-Presidente Nixon à América Latina⁴⁶², o Centro Binacional de Fortaleza foi danificado por protestos de pichadores, que escreveram palavras contra os EUA nas paredes do prédio e jogaram as latas de tintas, quebrando as suas vidraças.⁴⁶³

Como vice-Presidente de Eisenhower, Nixon foi um dos emissários mais dedicados ao bom reestabelecimento da imagem americana na região. Seguindo orientações de Nelson Rockefeller, então assessor especial na Casa Branca, Nixon esteve presente no Brasil logo após a posse de Juscelino Kubitschek, em fevereiro de 1956.

No relatório interno "pessoal e confidencial" de Rockefeller⁴⁶⁴ que seria enviado a Eisenhower (após a eleição de JK, em dezembro de 1955), Juscelino era descrito como um aliado importante dos EUA, pela sua amizade com Nelson, pela sua inclinação para a abertura do mercado brasileiro para o desenvolvimento econômico e principalmente pelo seu

⁴⁶⁰ Cf. **Documento 45**. Cf. trecho original em **Transcrição 200**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁶¹ Cf. **Documento 65**.

⁴⁶² O **Documento 66** mostra pesquisas de opinião pública da USIA sobre as visitas de Nixon a Buenos Aires, Caracas e Lima na mesma ocasião.

⁴⁶³ Cf. **Documento 65**.

⁴⁶⁴ Cf. **Documento 67**. Apesar de haver escrito o relatório, não foi necessário enviar a carta para convencer o Presidente da mensagem. A carta estava riscada a lápis, com a seguinte frase, escrita à mão (possivelmente pelo próprio Rockefeller): "*Not sent: VP is going to Brazil*".

anticomunismo declarado: "O Presidente eleito do Brasil Juscelino Kubitschek, passou a ser o meu amigo. ... Sob sua liderança, parece-me que há uma grande oportunidade para que as relações entre Brasil e EUA sejam muito mais próximas como há muito tempo não são".⁴⁶⁵

Com a mesma orientação que havia dado em relação a Vargas, Nelson Rockefeller indicava a Eisenhower que o contato pessoal era fundamental com os brasileiros, para que se desenvolvesse uma boa relação entre os países:

(...) Como muito brasileiros, ele é altamente personalista em seus sentimentos e por causa disso, estou tomando a liberdade de escrever esta nota para fazer uma sugestão relacionada à sua posse, que está próxima.... Eu tenho a sensação que, com base no grande sucesso de suas turnês de boa "vizinhança"⁴⁶⁶ anteriores, seria possível que o vice-Presidente Nixon chefiasse a delegação da posse de Kubitschek no próximo mês, onde ele seria muito bem recebido no Brasil e ajudaria enormemente a começar de maneira forte o seu mandato.⁴⁶⁷

FIGURA 30 - Em 1956 Nixon visita a Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, um dos produtos da boa relação entre os países durante a 2ª Guerra que o Vice-presidente americano tinha vindo resgatar com JK.



Fonte: Cf. **Documento 68**.

⁴⁶⁵ Cf. **Documento 67**. Cf. trecho original em **Transcrição 201**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁶⁶ "goodwill tours".

⁴⁶⁷ Cf. **Documento 67**. Cf. trecho original em **Transcrição 202**, Transcrições (tradução nossa).

Desde sua campanha, Kubitschek era visto pela Casa Branca como garantia de bons negócios e de luta contra o comunismo no país "ponto focal" da América Latina. Em relatório interno da Casa Branca de outubro de 1955, Rockefeller descrevia o plano de metas, a aproximação com os EUA e o anticomunismo de Juscelino:

Kubitschek mencionou seus planos de promover um grande desenvolvimento da economia brasileira... ele disse que os EUA era o único país que poderia auxiliá-lo a aprofundar seus planos econômicos... Dunn teve uma impressão muito favorável do estilo de Kubitschek, sua autoconfiança e vitalidade. Kubitschek relatou que ele não era comunista e que não permitiria que comunistas fossem ativos no seu governo.⁴⁶⁸

O Brasil de Juscelino, em sua acelerada expansão econômica, era um ótimo exemplo de aprofundamento das boas relações de amizade, cooperação econômica (e informacional⁴⁶⁹) com os EUA. Isso também se refletia na mudança dos hábitos brasileiros, que durante esses anos incorporaram ao Brasil moderno de JK alguns costumes americanos. Segundo Bandeira,⁴⁷⁰ isso podia ser visto na nova linguagem direta dos jornais, no uso da publicidade, na incorporação dos eletrodomésticos nas casas, nos supermercados e no tipo de entretenimento do brasileiro das grandes cidades.

Um relatório interno da USIA e do Departamento de Estado sobre as "*Brazilian Attitudes*", em 1955⁴⁷¹, enviada à Casa Branca, mostrava que o país passava por um período de profundas mudanças sociais e econômicas na segunda metade do século XX, tal qual os EUA haviam passado na última metade do século XIX. Com isso, novos grupos emergentes, como industriais, classe média e trabalhadores tinham um papel fundamental nos próximos anos.

Segundo o mesmo relatório, o principal tema de interesse nacional brasileiro era o desenvolvimento econômico, muito mais do que os temas internacionais como a Guerra Fria. Com base em pesquisas qualitativas e quantitativas feitas na primeira metade da década de 1950, o relatório ainda apresentava o Brasil como uma potência em expansão que ainda não tinha capacidade de assumir compromissos externos, pois para a maioria da população (e governo) eram muito mais relevantes os problemas sociais e econômicos nacionais.

É esse o contexto em que o Brasil dos anos 1950 posicionava-se diante dos EUA. As diversas ações implementadas pela USIA de Eisenhower, durante os anos 1960, eram sempre

⁴⁶⁸ Cf. **Documento 67**. Cf. trecho original em **Transcrição 203**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁶⁹ Cf. BANDEIRA (1973, p. 306). O autor descreve a negociação de Dulles com JK, em 1956, para estabelecer a cooperação e troca de informações entre os países, visando o combate ao comunismo.

⁴⁷⁰ Cf. BANDEIRA (1973, p. 316), descreve com profundidade a maior presença americana no Brasil nos anos JK. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 82** (Transcrições).

⁴⁷¹ Cf. **Documento 63**.

relacionadas a informações que divulgassem a cooperação para o desenvolvimento econômico entre os dois países ou os EUA como modelo de democracia que aliava desenvolvimento e liberdade.

A visita do próprio Eisenhower ao Brasil em 1960, com imensa comoção popular no Rio de Janeiro, coroava as boas relações dos dois países durante o governo Juscelino. A Figura a seguir, capa de um material do programa *People-to-People*, mostrava como que, também para a USIA de Ike, o Brasil era exemplo de país amigo dos EUA.

FIGURA 31 - Visita de Eisenhower ao Brasil em 1960, usada como ilustração de material da USIA sobre a amizade com outros povos e o comitê de cartas do *People-to-People*.



Fonte: Cf. **Documento 52**.

O contexto favorável das relações entre os países começaria a mudar junto com a mudança de década. A revolução cubana em 1959 e as eleições de JFK e Jânio/Jango no final

de 1960 mudaram completamente o panorama anterior. Com os novos governos a partir de janeiro de 1961, as percepções em relação ao outro e as estratégias de informação da USIA no Brasil também mudaram.

Como visto, à medida que as crises políticas com Cuba se aprofundaram nos primeiros anos da década de 1960, garantir uma opinião pública favorável no Brasil era fundamental para que os EUA contivessem o crescimento do comunismo em seu "hemisfério". Para isso, o governo Kennedy deu especial atenção a grupos prioritários no país, principalmente estudantes e trabalhadores.

Este terceiro capítulo pretende mostrar os principais eixos de ação da USIA no Brasil durante os governos Eisenhower e Kennedy/Johnson até o final do governo João Goulart, fim esse provocado pelo Golpe Militar em 1º de abril de 1964. Serão abordadas as pesquisas, a estrutura física no País, a relação com a mídia e diferentes setores da sociedade brasileira e a divulgação do Golpe feita pela USIA, na ocasião.

3.1 O Departamento de Pesquisa da USIA e o mapeamento da opinião pública

Depois da criação da USIA em 1953, os Departamentos relativos à informação e a política externa anteriormente existentes em diversas agências do governo fundiram-se na nova agência. Esse foi o caso do Departamento de Pesquisa, um dos mais fundamentais Departamentos da USIA, responsável por alimentar a agência (e o Presidente americano) de informação atualizada sobre os principais temas de interesse relacionados à opinião pública internacional, da mídia e das atividades dos postos locais⁴⁷².

O antigo *Office of Evaluation*, anteriormente ligado ao IIA e que pesquisava os temas relativos às políticas de informação, foi fundido com as organizações responsáveis especificamente pelas pesquisas relacionadas aos serviços de mídia no exterior (como as do *Voice of America*, que chegou a ter uma equipe com 150 pessoas) e com as funções do *Coordinator of Psychological Intelligence*, responsável pelas análises do setor de inteligência. Da fusão desses três serviços nasce no seio da USIA o *Office of Research and Evaluation* (em 1953), transformado em *Office of Research and Intelligence* (em abril de 1954)⁴⁷³.

⁴⁷² Cf. Documento 70.

⁴⁷³ Cf. Documento 69.

Em 1959, uma proposta interna de mudança de concepção nas atividades de pesquisa da USIA (que deveria deixar de pesquisar temas relativos ao comunismo para se dedicar à informação mais ampla e qualificada dos países) mudou novamente o nome do Departamento para *Office of Research and Analysis*.⁴⁷⁴

O Departamento continuava os serviços que vinham pelo menos desde a 2ª Guerra, utilizando métodos de pesquisa de mercado (quantitativa e qualitativa) e metodologias das ciências sociais para melhor conhecer o público e a forma de atingi-lo.⁴⁷⁵

Mesmo com a readequação dos serviços e redução dos funcionários e orçamentos para pesquisa, a agência, já em 1953, começou a contratar serviços de pesquisa aplicada para medir a eficácia dos programas da rádio WRUL na América Latina. Essa pesquisa, como muitas da USIA, era contratada por um instituto com sede no *Empire State Building*, em Nova York, chamado *International Public Opinion Research Inc.*

Com a morte de Vargas em agosto de 1954, e os ataques aos USIS em Porto Alegre e Belo Horizonte, o Departamento de Pesquisa (e inteligência) produziu um informe confidencial específico sobre a situação do comunismo no Brasil⁴⁷⁶. Esse documento fora dirigido à USIA, à CIA, ao Departamento de Estado, ao Departamento de Defesa e ao *Operations Coordinating Board* (OCB).

Enviado em 22 de outubro de 1954, o relatório se dividia em duas grandes partes. A primeira resumia o contexto e a estratégia da Intentona Comunista de 1935, mostrando as conexões internacionais e a participação de Prestes (que havia sido treinado durante quatro anos na URSS e era membro do comitê executivo do Partido Comunista Soviético), e suas conexões com outras lideranças comunistas sul-americanas (da Argentina e Uruguai) e europeias.⁴⁷⁷

Essa primeira seção terminava mostrando as raízes do movimento comunista brasileiro desde 1926, com base em um artigo do comunista Octávio Brandão, daquele ano, no qual comparava o trabalho dos comunistas no Brasil como o de formigas operárias. A segunda parte era baseada em um rascunho de um programa do Partido Comunista do Brasil (*Draft Program*) em 1954, que mostrava as táticas do movimento no País.⁴⁷⁸

⁴⁷⁴ Cf. **Documento 69**.

⁴⁷⁵ Como os métodos desenvolvidos pelos cientistas sociais Leo Lowenthal e Paul Lazarsfeld, que chegaram a coordenar a equipe de pesquisa do VOA. Mais sobre o uso dos métodos da "propaganda científica", cf. BOGART (1995, p. xx). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 86** (Transcrições).

⁴⁷⁶ **Documento 72**.

⁴⁷⁷ Id.

⁴⁷⁸ Id.

Encomendado pelo USIS da Embaixada americana no Rio de Janeiro, o relatório tinha como motivação explícita preparar o posto local para ação contra as articulações políticas pré-eleitorais de quadros do Partido Comunista Brasileiro, que tentava ampliar seu leque de alianças, também entre os partidos não comunistas brasileiros, como o PTB de Vargas:

O material presente neste relatório foi preparado para responder a uma demanda do *Public Affairs Officer* no Rio de Janeiro, por informação sobre os aspectos internacionais e subversivos do comunismo no Brasil. Tal informação foi pedida pelo USIS no Rio para neutralizar as atividades pré-eleitorais do Partido Comunista do Brasil, principalmente seus esforços para fazer alianças com partidos não comunistas brasileiros, especialmente com o partido do próprio Vargas, o Partido Trabalhista Brasileiro.⁴⁷⁹

O material se apresentava como confidencial principalmente por causa das razões que explicavam sua motivação, isto é, o trabalho do USIS no Rio para influenciar as articulações políticas internas, minando a estratégia comunista: "O relatório leva a classificação CONFIDENCIAL por causa das explicações mencionadas acima, sobre as causas e comentários do documento, de acordo com as variações das estratégias e táticas comunistas".⁴⁸⁰

Toda a estratégia comunista para o Brasil era exposta com base em reportagens locais (uma delas, do "Correio da Manhã", com citações do chefe de polícia Filinto Müller) e com base em discursos de Luiz Carlos Prestes. O foco comunista, segundo o relatório, se concentrava nos militares, intelectuais, estudantes e trabalhadores das indústrias, nas grandes cidades, e nos trabalhadores rurais no campo.⁴⁸¹

A conclusão do informe mostrava uma mudança de posição dos comunistas brasileiros, em relação a Vargas, depois de seu suicídio. Antes de sua morte, era chamado de "lacaio do imperialismo" e após a sua morte, esses tentavam se aproximar do PTB, voltando a sua oposição à figura de Café Filho.⁴⁸²

Em seu fim, o relatório alertava que em novembro de 1954, os comunistas brasileiros apresentavam-se como um partido nacional, mas assim como tentaram fazer em 1935, visavam a tomada do País pelo comunismo internacional: "Quando o PCB entrou para ilegalidade durante o governo Dutra em 1947, era porque o partido seria hostil ao governo democrático do Brasil e obedecia a ordens de uma potência externa. Não há razão para acreditar que essas acusações contra o PCB não são mais verdadeiras"⁴⁸³

⁴⁷⁹ **Documento 72.** Cf. trecho original em **Transcrição 204**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁸⁰ **Documento 72.** Cf. trecho original em **Transcrição 205**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁸¹ **Documento 72.**

⁴⁸² Id.

⁴⁸³ Cf. **Documento 72.** Cf. trecho original em **Transcrição 206**, Transcrições (tradução nossa).

O ano de 1955 foi marcado pela sofisticação dos instrumentos de pesquisa nas áreas de informação e estudos "psicológicos" de outros países. Essas iniciativas também tiveram impactos na USIA do Brasil, que estabeleceu uma equipe local própria para as investigações no País. Localizada no USIS do Rio de Janeiro a partir de setembro daquele ano, o Departamento agia em parceria com o governo e indústria locais, instituições educacionais e institutos de pesquisa social locais.

O posto de pesquisa no Brasil propunha desenvolver atividades periódicas de pesquisa sobre as bibliotecas, estudos de mídia, produzir publicações sobre a opinião pública, a imprensa e estudos sociais feitos sobre o Brasil, encomendados ou não pela USIA.⁴⁸⁴

Outra novidade importante daquele ano foi formação de um Departamento de Pesquisa próprio para o Departamento de Defesa, que se relacionaria com o da USIA, mas cuidaria especificamente de estudos "psicológicos" e utilizaria táticas "não-convencionais", como participação de agentes em movimentos políticos em outros países, de caráter "coberto", como em guerrilhas, fugas e subversão contra Estados estrangeiros "hostis"⁴⁸⁵. Para isso, poderia se utilizar de armamentos, bombas, transporte aéreo e atividades de contra-inteligência.

É também a partir de 1955 que começaram a ser produzidos periodicamente, a cada 4 ou 6 meses, os "Barômetros"⁴⁸⁶, iniciativa mundial da USIA para medir as opiniões políticas das diversas regiões em relação aos EUA e temas correlatos. Para a região, o chamado "Latino Barômetro" daquele ano pesquisava sobre a opinião brasileira com relação aos EUA e com as revoltas com teor comunista na Guatemala, utilizando-as para cruzar opiniões sobre o programa *Atoms for Peace* e de entretenimento, como a audiência da rádio WRUL.⁴⁸⁷

Os resultados da pesquisa, que não era encomendada oficialmente pelo governo americano, eram contratados formalmente também pelo *International Public Opinion Research Inc./NY*⁴⁸⁸ e enviados pela USIA para o Departamento de Estado, a CIA, as Forças Armadas e à equipe da Casa Branca.

Segundo o Latino Barômetro de 1955, o Brasil se mostrava favorável à imagem americana e às suas intervenções na América Latina, mas relativamente era o país latino-americano com aprovações mais baixas aos EUA: 60% dos brasileiros tinham uma boa imagem dos EUA e somente 14% eram favoráveis às intervenções militares americanas na

⁴⁸⁴ Cf. **Documento 73**.

⁴⁸⁵ Id.

⁴⁸⁶ Cf. **Documento 12**.

⁴⁸⁷ Id.

⁴⁸⁸ Cf. **Documento 71**: "ZP 5303, Radio Listening, multi-Latin American, 6 Latin American cities radio listening + political attitudes, mar. 1955".

região. Além disso, apesar de alta, o País apresentava a menor rejeição à URSS na América Latina, isto é, 58%.⁴⁸⁹

Para a realização das pesquisas, eram contratados institutos de pesquisa locais. No Brasil, para o ano de 1955, foram contratadas a representação brasileira da "McCann-Erickson Publicidade S.A.", o "Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística", o "Instituto de Pesquisa de Opinião e Mercado", os três no Rio de Janeiro, e a Escola Livre de Sociologia e Política, de São Paulo.⁴⁹⁰

Outros estudos sobre temas específicos do Brasil também começaram a ser realizados, como o que avaliava a participação comunista na campanha de nacionalização de petróleo desde 1947⁴⁹¹. Essa seria articulada pelo Partido Comunista, por alguns setores do operariado e pela União Nacional dos Estudantes, comandada também por comunistas.

Para o estudo⁴⁹², o desenvolvimento da exploração do petróleo no Brasil só poderia ser feito pela exploração de empresas privadas americanas, que eram impedidas por um discurso nacionalista, com fundo comunista, como era explorado por reportagens da época em jornais brasileiros como "O Estado de S. Paulo" e o "Diário de Notícias". No relatório da USIA, eram usadas como referência notícias publicadas nos jornais "O Globo", "O Jornal", "Jornal do Brasil" e "Diário Carioca", denunciando uma suposta infiltração comunista no Centro Nacional de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CNEDPEN).

Assim como esse estudo, algumas das pesquisas específicas realizadas pela USIA no Brasil interessavam também a empresas americanas, e por isso eram financiadas, em segredo, por corporações que tinham algum interesse econômico no Brasil.

Em correspondências internas entre a USIA Washington e o USIS no Rio de Janeiro, no entanto, são identificadas algumas pesquisas da USIA no Brasil financiadas pela Esso do Brasil, como as encomendadas pela USIA em 1954 e 1955. Resultados de partes dessas pesquisas, principalmente a que mostravam apoio de partes do governo e da sociedade brasileira à exploração privada do petróleo, foram divulgadas em reportagem do New York Times (porém sem que se revelasse a fonte da pesquisa): "As pesquisas patrocinadas pela Esso – houve duas, uma em 1954 – a outra na primavera de 1955, base para a notícia do New

⁴⁸⁹ Cf. **Documento 66**: "LA-1, Some basic political and economic attitudes in six Latin American cities, Report # 1, June 29, 1955"

⁴⁹⁰ Cf. **Documento 12**.

⁴⁹¹ Cf. **Documento 72**: "IS-3-55, Communist attempts to obstruct development of petroleum industry in Brazil, January 28, 1955".

⁴⁹² Id.

York Times, indica uma pequena diminuição da dependência do governo pelo desenvolvimento do petróleo"⁴⁹³.

Em 1956, a USIA (por meio do então chamado *International Research Associates, Inc.*, ainda no mesmo endereço – *Empire State Building*) começava a contratar pesquisas de opinião política, econômica e hábitos de mídia mais aprofundadas, acrescentando cidades mais afastadas dos grandes centros urbanos do Brasil, em Estados como Amazonas, Acre, Rio Branco, Mato Grosso, Amapá e Goiás, o que não acontecia nas primeiras pesquisas.⁴⁹⁴

Ao mesmo tempo em que se mediam as expectativas e o contentamento em relação aos EUA, também eram levantadas, nos mesmos grupos, as audiências dos principais programas de rádio produzidos pela USIA, como "Você se lembra", "Comentários de Al Neto", "Os Vencedores da Vida", "Noveleta Panamericana", "Hit Parade" e "Clube do Disco".⁴⁹⁵

No geral, durante as pesquisas dos anos 1950, a opinião pública brasileira era favorável à tentativa de aproximação econômica com os EUA, mas apontava também uma maior rejeição em relação aos outros países americanos, sobretudo à intervenção militar americana em países do continente. Ela também mostrava uma rejeição menor aos comunistas, principalmente entre intelectuais e trabalhadores; além disso, reconhecia também acima da média latino-americana, que o comunismo favorecia os campos das artes, literatura, trabalho e educação.⁴⁹⁶

Em 1957, as pesquisas de opinião política nacional e internacional encomendadas pela USIA no Brasil apresentavam algumas novidades operacionais interessantes. Elas foram realizadas pelo Instituto de Pesquisas de Opinião e Mercado, que era localizado na Av. Franklin Roosevelt, 39, Rio de Janeiro, e se apresentava como "filiado à *International Research Associates, Inc.*".⁴⁹⁷ Cada vez mais, a USIA criava instrumentos "aparentemente privados" para distanciar suas atividades de inteligência que alimentavam as decisões estratégicas da política externa americana.

As pesquisas de opinião política internacional de 1957, além disso, ampliavam seu escopo também para cidades médias e pequenas como São João do Meriti, Garanhuns,

⁴⁹³ Cf. **Documento 75**. Cf. trecho original em **Transcrição 207**, Transcrições (tradução nossa).

⁴⁹⁴ Cf. **Documento 75**: "BR 5602 set.1956 BRA media habits".

⁴⁹⁵ Cf. **Documento 12**: "Latin American Barometer; LA-6".

⁴⁹⁶ Cf. **Documento 66**: "LA-8, (Mexican and Brazilian attitudes toward Communism, Report #8, July 2, 1956)".

⁴⁹⁷ Cf. **Documento 75**: "BR 5603 fev 1957 (LA6) – (A study of Brazilian Public Opinion on selected national and international issues)".

Campina Grande, Argolas, Franca e Guarulhos, entrevistando desde operários e donas de casa até altos executivos.⁴⁹⁸

A pauta da pesquisa também aumentava. Elas levantavam a opinião do brasileiro acerca da ação da OEA, do Presidente Eisenhower, do Presidente Nasser (Egito), do secretário de Estado Dulles, da crise israelo-palestina, da crise húngaro-soviética, do controle americano sobre o canal do Panamá, do uso pacífico da energia nuclear, do racismo nos EUA, da democracia, das ditaduras, do socialismo, do capitalismo, das possibilidades de uma nova guerra mundial e da presença cultural americana no Brasil.⁴⁹⁹

A complexidade e as relações entre preferências econômicas, políticas e de entretenimento também eram buscadas. Ao mesmo tempo em que as pesquisas descobriam que o Brasil era o país latino-americano que melhor reconhecia os ganhos com as políticas econômicas dos EUA,⁵⁰⁰ também eram medidas as preferências entre as audiências de TV nas maiores cidades brasileiras: se os paulistas gostavam mais do "Repórter Esso", patrocinado pela companhia de petróleo, ou do "O Céu é o Limite", patrocinado pela Varig⁵⁰¹, por exemplo.

Com o aumento da complexidade nas pesquisas no Brasil também era necessário um orçamento compatível. Em 1958, só para uma pesquisa contratada pela *International Research Associates Inc./NY* – que media a imagem americana e soviética nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre e Curitiba, entrevistando até 1.400 pessoas – a USIA despendia US\$ 20.000 dólares (18.200 de custo total e 1.800 como taxa de serviço da contratante).⁵⁰²

Além dos latino barômetros, a USIA produzia anualmente também os "*Fact Books*" de cada região do mundo, que compilavam todas as informações dos países pesquisados durante o ano. O *Fact Book* de 1959, por exemplo, cruzava dados diferentes sobre os países da região, formando um amplo painel de informações que acabavam se relacionando.

Os temas estudados abordavam estatísticas como a assiduidade de cada país latino-americano em votações conjuntas com os EUA na ONU, a lista de investimentos econômicos (ou empréstimos) americanos por país, números de empresas americanas, número de estudantes americanos em cada país, dados populacionais, estatísticas eleitorais, levantamento

⁴⁹⁸ Cf. **Documento 75**: "BR 5603 fev 1957 (LA6) – (A study of Brazilian Public Opinion on selected national and international issues)".

⁴⁹⁹ Id.

⁵⁰⁰ Cf. **Documento 66**: "LA-11 a LA-16, sendo: LA-11 (Latin American attitudes toward US economic policies, Report #11, June 28, 1957)".

⁵⁰¹ Cf. **Documento 75**: "BR5802, abr 1958 – Television Viewing".

⁵⁰² Id.: "BR 5801, nov 1958 – Nationalism Study".

de atividades comunistas, perfil político (em relação aos EUA) dos jornais mais importantes de cada país, acordos para o uso de energia nuclear e o números de estações de rádio nos países.⁵⁰³

As extensas pesquisas da USIA sobre o Brasil, no geral, mostravam o sucesso de Eisenhower e uma aceitação dos EUA entre os brasileiros até o final dos anos 1950. Uma pesquisa qualitativa do final de 1959 mostrava que o brasileiro, em média, aceitava bem os EUA, com ressalvas somente aos conflitos raciais e à postura americana na América Latina: "Ao mesmo tempo em que eles têm muitas reservas sobre os EUA, particularmente em relação ao tema racial e à política americana para América Latina, não se pode afirmar que os brasileiros, na sua totalidade, são contra os EUA".⁵⁰⁴

A mesma pesquisa mostrava que o setor dos estudantes universitários discordava do resto da população no que diz respeito aos benefícios que os EUA traziam ao desenvolvimento do Brasil: "Enquanto a amostra dos estudantes universitários revelou uma tendência definitiva a acreditarem que as políticas econômicas dos EUA prejudicariam o Brasil, o público em geral, com algumas exceções, é muito mais favorável nas suas opiniões sobre esse assunto".⁵⁰⁵

Entre outros relatórios sobre temas específicos, o que se debruçava sobre estudantes no Brasil apontava para o comunismo presente em algumas universidades, como a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo⁵⁰⁶ e a do Rio de Janeiro. Na PUC carioca, o USIS Rio chegou até a recomendar a instalação sobre uma biblioteca de referência, especializada no tema do trabalho, para "modernizar as relações arcaicas dos trabalhadores brasileiros":

A agência tem uma outra demanda por livros do campo do trabalho para a Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil, que acaba de fundar um curso para líderes sindicais. (...) além da sua vantagem por ser um ato de boa vizinhança em círculos muito influentes, esta ação poderia ter um outro lado, de ser um meio para introduzir o tipo de relação mais sofisticada nas relações trabalho-administração que prevaleceu nos EUA, em um país que somente agora está saindo de seu passado feudal e entrando em um futuro industrial ainda sem se resolver entre a iniciativa privada e o coletivismo.⁵⁰⁷

⁵⁰³ Cf. **Documento 77**.

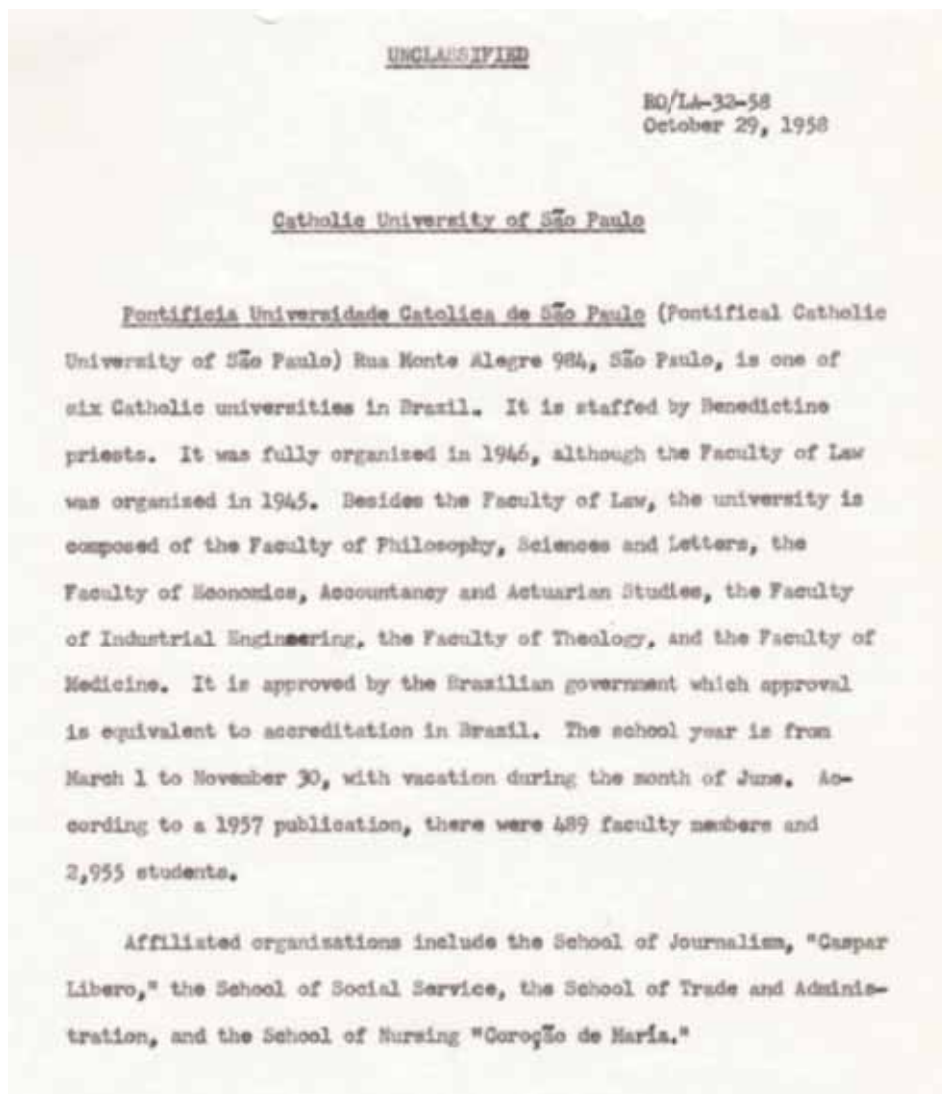
⁵⁰⁴ Cf. **Documento 78**: "*Brazilian Public opinion Surveys, Series 7, Report 4, December 22, 1959*". Cf. trecho original em **Transcrição 208**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁰⁵ **Documento 78**: "*Brazilian Public opinion Surveys, Series 7, Report 4, December 22, 1959*". Cf. trecho original em **Transcrição 209**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁰⁶ Cf. **Documento 76**.

⁵⁰⁷ Cf. **Documento 87**, 19 de novembro de 1957. Cf. trecho original em **Transcrição 210**, Transcrições (tradução nossa).

FIGURA 32 - Relatório da USIA na América Latina resumia histórico entre possíveis focos de comunistas entre estudantes latino-americanos em 1958. Nesse caso, uma descrição da PUC-SP.



Fonte: Cf. **Documento 76**.

No último ano de JK no poder, os estudantes não eram a única voz dissonante antiamericana no Brasil. Um relatório de novembro de 1960⁵⁰⁸ que registrava as atividades "subversivas" comunistas na América Latina, descrevia uma marcha das Ligas Camponesas no Recife, em favor da campanha presidencial de Lott. O relatório notava que apesar da expectativa de Francisco Julião de reunir 5 mil pessoas, o Consulado americano no Recife tinha registrado somente mil. Entre os discursantes estavam Prestes e Brizola:

Com muita agitação anterior, mais de mil membros das Ligas Camponesas, carregando espadas de madeira e cartazes (incluindo fotos de Fidel Castro e Luiz Carlos Prestes), marcharam pelas ruas do Recife e participaram de uma manifestação em prol da candidatura de Lott, na manhã de domingo, 25 de

⁵⁰⁸ Id.: "RO/LA 1960, 101-116 Complete, 1960".

setembro. Entre os oradores mais destacados do comício estavam o líder comunista Luiz Carlos Prestes e o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizzola [sic].⁵⁰⁹

No mesmo relatório interno, considerado secreto, o Ministro das Relações Exteriores do Brasil teria confidenciado que as manifestações de trabalhadores e greves do final de 1960 eram movimentos orquestrados externamente ao continente, de forma a minar os governos não só do Brasil, mas como do Chile, Argentina e Uruguai. Segundo a fonte brasileira, esse plano de "*social subversion*" era gerenciado pela Embaixada Soviética em Montevidéu.⁵¹⁰

O estudo ainda comentava os elogios feitos a Fidel, Cuba e suas políticas pelo então candidato a Presidente Jânio Quadros, em abril de 1960, e notava, sem muita preocupação, que a aproximação de Quadros com Cuba era usada politicamente para afastar as críticas de que o ligavam aos interesses de *Wall Street*. Segundo o informe, ao mesmo tempo em que era da UDN, tradicionalmente pró-americana, Jânio declarava não achar que Cuba era comunista.

A vitória de Quadros, para os americanos, representava a primeira derrota de um candidato apoiado pelos comunistas nas eleições mais recentes (Lott) e que Jânio, teria tentado confundir a opinião pública para ganhar votos nacionalistas (antiamericanos). Mesmo visto como "imprevisível, igualmente um demagogo instável cujo objetivo principal é o poder pessoal"⁵¹¹, para a USIA, Jânio apresentava um histórico pró-americano e havia tido uma vitória esmagadora:

é preciso reconhecer a força ultranacionalista de Quadros por tentar confundir sua posição e a de ultranacionalistas por meio de ações populistas como sua peregrinação a Cuba, seu cortejo com líderes neutralistas Afro-Asiáticos e seus comentários favoráveis sobre a educação de países comunistas. Apesar disso, Jânio Quadros foi identificado como amigo, e ao longo dos anos basicamente como pró-EUA; e ele venceu as eleições com uma lavada.⁵¹²

Com a crise política interna causada pela rápida renúncia de Jânio, em agosto de 1961, e com as crises americanas em Cuba, as pesquisas de opinião política no Brasil a partir daquele ano⁵¹³ intensificaram-se, focando principalmente populações rurais, trabalhadores, estudantes brasileiros e suas opiniões sobre personagens como Fidel Castro, Francisco Julião,

⁵⁰⁹ Cf. **Documento 76**: "RO/LA 1960, 101-116 Complete, 1960". Cf. trecho original em **Transcrição 211**, Transcrições (tradução nossa).

⁵¹⁰ Cf. **Documento 76**: "RO/LA 1960, 101-116 Complete, 1960".

⁵¹¹ Cf. **Documento 74**: "Inspection Report, USIS-Brazil, October 21, 1960". Cf. trecho original em **Transcrição 212**, Transcrições (tradução nossa).

⁵¹² Cf. **Documento 76**: "RO/LA 1960, 81-100 Complete, 1960". Cf. trecho original em **Transcrição 213**, Transcrições (tradução nossa).

⁵¹³ Cf. **Documento 79**: "62-007, Brazil in Crisis, public opinion reaction in Rio and SP about the US – crisis Janio, 1961".

Leonel Brizola, Jânio Quadros, João Goulart, mas também sobre o Presidente Kennedy e a Aliança para o Progresso.

Os resultados eram muito mais favoráveis à figura de Kennedy, com aprovação de 42% em São Paulo e 53% no Rio de Janeiro, com rejeição de 8% e 6% respectivamente nas mesmas cidades. A pesquisa⁵¹⁴ ainda mostrava que Castro era aprovado por 15% em São Paulo, 10% no Rio de Janeiro e era reprovado respectivamente por 41% e 49%.

As declarações de Kennedy em favor de uma solução brasileira para a crise causada pela renúncia de Jânio também era extremamente favorável nas principais capitais do sul do Brasil avaliadas, como Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, com mais de 75% de aprovação dos brasileiros. A postura "afastada" de JFK era elogiada pela maioria dos brasileiros diante da crise da renúncia de seu Presidente recém-eleito⁵¹⁵.

Naquele ano de 1961, as pesquisas da USIA também começaram a estudar mais de perto, também qualitativamente, o fenômeno das Ligas Camponesas no nordeste brasileiro. Essas avaliavam principalmente o potencial revolucionário de Francisco Julião, que segundo os relatórios americanos se aproximava cada vez mais do comunismo:

As chamadas Ligas Camponesas, organizações de camponeses com orientação comunista, existem há muitos anos. Sua maior liderança, Francisco Julião, viajou muitas vezes à "Cortina de Ferro", e suas simpatias pela reforma agrária como praticada em países comunistas – particularmente China – já foram expressadas publicamente. Julião antecede Castro como um líder revolucionário simpático ao comunismo...⁵¹⁶

A importância que a USIA dava para entender o Brasil naquele momento de crise era tanta que Lloyd Free, o mesmo pesquisador que ajudou a pensar a reformulação da USIA no governo Kennedy, foi contratado (por meio do "*Institute for International Social Research*", de Princeton) para melhor entender as mentes dos brasileiros em 1961.⁵¹⁷

O estudo, de mais de 70 páginas, analisava as propostas políticas de Jânio, as posturas do brasileiro médio em relações aos temas internacionais, bem como em relação aos EUA, China e Rússia. Além disso, analisava: o nacionalismo brasileiro, no legislativo e em geral; o poder e a influência de grupos rurais, urbanos, elites urbanas e forças armadas; a visão

⁵¹⁴ Cf. **Documento 79**: "62-007, *Brazil in Crisis, public opinion reaction in Rio and SP about the US – crisis Janio, 1961*".

⁵¹⁵ Id.: "BR 6102, *Brazil in Crisis attitudes, Cuban-USA crisis opinion survey, sept. 1961*".

⁵¹⁶ Cf. **Documento 80**: "RO/LA 1961, 82-110 (*Incomplete*), 1961". Cf. trecho original em **Transcrição 214**, Transcrições (tradução nossa).

⁵¹⁷ Cf. **Documento 78**: "*Some International Implications of THE POLITICAL PSYCHOLOGY OF BRAZILIANS, by Lloyd A. Free, July, 1961*".

brasileira sobre o comunismo e sobre Fidel Castro; as aspirações populares, seus medos, preocupações, frustrações; e o tema da reforma agrária.

O estudo incluía 18 Estados brasileiros (dos então 21), baseando-se em 23 núcleos rurais e 19 urbanos e atingindo estatisticamente cerca de 91% da população brasileira. A pesquisa só excluía as populações do extremo Norte, na região amazônica. Ademais, também consultava fontes nas elites política e econômica do país.

Uma das hipóteses iniciais era que, apesar de minoritária, havia uma crescente insatisfação dos brasileiros em relação aos EUA desde a segunda metade da década de 1950, e que continuava crescendo até 1961, mas sem chegar a ser um sentimento de hostilidade. Ela se dava, principalmente por causa da maneira como os EUA se relacionavam com os outros países americanos, como Guatemala e Cuba, e com o crescimento de um sentimento de "independência" brasileira em relação aos EUA.

Entre os atores políticos, a maioria dos partidos apresentava opiniões satisfatórias em relação aos EUA, com exceção de um, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), do então vice-Presidente João Goulart:

Somente os membros do P.T.B. (o Partido Trabalhista Brasileiro de base urbana, comandado pelo Vice-Presidente do Brasil, João Goulart) expressaram-se negativamente, acima da média, nessa questão; todos os outros partidos principais tiveram predominantemente a opinião de que as relações eram ao menos satisfatórias.⁵¹⁸

O estudo de Free abordava a questão do nacionalismo e da proposta de independência internacional que Jânio colocava como nova postura internacional do Brasil.

A conclusão do estudo era que o fenômeno do nacionalismo brasileiro era mais profundo e latente que o antiamericanismo ou o comunismo (que aparecia como minoritário). Considerando as diferenças sociais e regionais, o diagnóstico apresentava um país em expansão econômica e em busca de um maior reconhecimento internacional, o que não se conflitava, necessariamente, com os interesses anticomunistas americanos para a região.

Na conclusão do estudo, Loyd Free expunha mais claramente essa visão:

se os americanos aprendessem a reconhecer e respeitar o verdadeiro significado do Brasil como o país mais importante da América Latina, com um potencial definitivo para exercer um papel de "grande potência" não só no hemisfério, mas também na cena mundial, não haveria razão para os EUA não viverem – confortavelmente, prazerosamente e com benefícios mútuos – com o nacionalismo brasileiro.⁵¹⁹

⁵¹⁸ Cf. **Documento 78**: "Some International Implications of *THE POLITICAL PSYCHOLOGY OF BRAZILIANS*, by Lloyd A. Free, July, 1961". Cf. trecho original em **Transcrição 215**, Transcrições (tradução nossa).

⁵¹⁹ Cf. **Documento 78**: "Some International Implications of *THE POLITICAL PSYCHOLOGY OF BRAZILIANS*, by Lloyd A. Free, July, 1961". Trecho original em **Transcrição 216**, Transcrições (tradução nossa).

A multiplicação das pesquisas da USIA no Brasil chamou a atenção de revistas brasileiras tidas pelos americanos como "comunistas". Em levantamento periódico dessas publicações no Brasil, via-se como alvo de preocupação a reportagem da revista "Novos Rumos", da semana de 9 a 15 de novembro de 1962⁵²⁰. Segundo o relatório americano, a revista teria como fonte um ex-pesquisador do instituto INESE. Em nenhum momento o relatório interno mencionou que as informações eram falsas, somente que as informações eram fundadas em "*contractor indiscretions*" (indiscrições do contratante).

A reportagem chamada "Violação degradante de nossa Soberania" descrevia o trabalho de três institutos brasileiros, que seriam usados como fachadas nacionais para pesquisas encomendadas pela embaixada americana no Brasil. Eram eles o INESE (Instituto de Estudos Sociais e Econômicos); o IPOM, ligado ao "*International Research Associates*", que segundo a reportagem seria uma subsidiária do grupo "*Time-Life-Fortune*" e receberia cerca de 80% da verba de pesquisa da Embaixada americana no Brasil; e a MARPLAN (*Market Planning*), que seria uma filial da agência de publicidade americana *McCann Erickson*. A notícia ainda denunciava outras empresas de pesquisa que seriam "fantasmas" da Embaixada americana, como a "*Promotion*", que também prestaria serviços aos USIS.

A reportagem ainda citava que o INESE era sempre contratado por um senhor chamado "Marchetti", que seria chefe da área de pesquisa do Departamento de Estado americano, e que todas as informações coletadas sobre as opiniões políticas dos brasileiros, em suas diversas cidades e classes sociais, iriam para os arquivos do FBI americano.

Peter Marchetti é realmente uma figura recorrente entre os documentos de contratações de pesquisas da USIA na América Latina na década de 1960, mas sempre aparece como interlocutor de Don Wilson, com o cargo "*Project Officer*"⁵²¹. Apesar de algumas das pesquisas serem fontes de relatórios a outras agências americanas, em nenhum caso o FBI é citado entre os documentos oficiais consultados.

Apesar de os USIS serem citados na reportagem e de alguns nomes serem encontrados como institutos de pesquisa contratados com recorrência nos arquivos da USIA, como o INESE, a MARPLAN e o IPOM (além do IRA), a agência em nenhum momento era lembrada pela reportagem. Mais uma prova da eficácia do trabalho sigiloso da USIA. Os documentos e contratos que comprovavam a ligação entre esses institutos de pesquisa e a

⁵²⁰ Cf. Documento 80: "RO/LA, 101-126, 1962".

⁵²¹ Cf. Documento 79.

USIA só foram encontrados nos arquivos da agência, no *National Archives and Records Administration* de College Park/MA.

Coincidentemente ou não, a partir de 1963 a USIA amplia seu leque de colaboradores na área de pesquisa. Em relatório interno da agência de outubro de 1963⁵²², há uma lista de "*research possibilities*" oferecidas por outro instituto internacional, com sede em Bielefeld, Alemanha Ocidental, chamado EMNID (*Institute for International Market and Public Opinion Research*).

Entre as opções de institutos de pesquisa no mundo, o EMNID apresentava o Instituto Gallup do Brasil, com sede em São Paulo, que tinha como diretor o uruguaio Luis Ferreira, ex-funcionário da USIA no Brasil e no Uruguai. O mesmo documento destacava que o representante do EMNID na América Latina colaborava articuladamente com os institutos no Uruguai, no Brasil, Argentina e Chile. Pela ênfase na região, o trabalho de pesquisa articulado em toda América Latina deveria ser, segundo a USIA, modelo para as outras regiões do mundo. Segundo Oren Stephens, diretor do Departamento de pesquisa da agência na ocasião: "A América Latina está tornando-se a prova que demonstra o valor do nosso programa de pesquisa, que nós queremos ampliar a todas as regiões do mundo".⁵²³

No Brasil, as pesquisas continuaram também com os novos institutos, como o Gallup, aberto em São Paulo, em 1963, e no Rio de Janeiro, em 1964,⁵²⁴ e o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), que em 1963 começou a trabalhar com a USIA investigando a opinião dos brasileiros em relação à luta americana pelos direitos civis em Birmingham, e no progresso espacial.⁵²⁵ Além disso, a pesquisa cruzava as informações em relação aos EUA, como a imagem do Presidente Kennedy; e os principais líderes da esquerda brasileira – como Julião, Brizola e Jango – de acordo com classe social, cor, idade, região e ocupação.

A partir daquele ano, intensificaram-se as pesquisas com foco em regiões com maior potencial para a subversão "comunista" (na opinião da USIA), como o Nordeste brasileiro. Entre janeiro e março de 1963, a agência contratou o Inese/São Paulo para medir o grau de contentamento dos beneficiados com os programas de apoio da "Aliança para o Progresso". O seu foco principal eram os agricultores nordestinos de cidades do sertão, agreste e litoral,

⁵²² Cf. **Documento 12**.

⁵²³ Id.: "*Latin American Barometer, LA-6*". Cf. trecho original em **Transcrição 217**, Transcrições (tradução nossa).

⁵²⁴ Id.

⁵²⁵ **Documento 81**.

como Cabo, Vitória de Sto. Antônio, Pesqueira, Aurora, Cabrobó, Sapé, São João do Cariri e Caiçara.⁵²⁶

A maioria das questões eram relacionadas ao perfil geral dos nordestinos beneficiados (origem, religião, nível social-econômico) e às opiniões dos agricultores em relação aos EUA, à Aliança para o Progresso, ao comunismo, a Julião, a Fidel Castro, a Arraes, a Jango, à SUDENE e às Ligas Camponesas. À caneta, algumas observações feitas mostravam as cidades que tinham tido atividades das "Ligas", como Sapé e Vitória; e outra com atividades de um religioso chamado "Padre Mello", como Cabo.⁵²⁷

FIGURA 33 - Pesquisa do Inese, contratada pela USIA em cidades nordestinas beneficiadas pelos programa da Aliança para o Progresso, possíveis foco de subversão comunista.

<u>DISTRIBUTION OF INTERVIEWS</u>			
	<u>RURAL</u>	<u>URBAN</u>	<u>NUMBER OF</u>
	<u>%</u>	<u>%</u>	<u>RESPONDENTS</u>
Cabo	65	35	146 15
Vitória de Santo Antônio	65	35	137 14
Pesqueira	59	41	95 10
Aurora	79	21	86 09
Cabrobó	78	22	98 10
Sapé	81	19	146 15
São João do Cariri	79	21	100 10
Caiçara	80	20	150 16
			<u>99</u>
Sertão (Cabrobó and Aurora)	78	22	184 19
Agreste (Pesqueira and São João do Cariri)	69	31	195 20
Litoral (Cabo, Vitória, Sapé, Caiçara)	73	27	579 68
			<u>88</u>
ALL CASES	73	27	958

Sapé and Vitória have had Legas activity
Cabo has Padre Mello

Fonte: Cf. Documento 82.

⁵²⁶ Cf. Documento 82.

⁵²⁷ Id.

Segundo Freitas⁵²⁸, o mencionado Padre Melo seria ligado ao IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática⁵²⁹) e, como liderança em Cabo de Santo Agostinho (Pernambuco), dividia os agricultores da região opondo-se às Ligas Camponesas e defendendo a criação de cooperativas ligadas ao Sindicato de Trabalhadores Rurais do Cabo.

Em 1963 e 1964, os estudantes se apresentaram como o foco de atenção das pesquisas da USIA para os grandes centros urbanos no Brasil. Mas, na maioria das pesquisas quantitativas, até 1964, os analistas da agência não conseguiam chegar a nenhuma conclusão inteligível: "...muitas das nossas evidências das pesquisas até agora nos levaram a uma reação "E aí?", de uma grande parte do pessoal operacional da USIA "⁵³⁰.

FIGURA 34 - Foto do USIS Rio, da sede da União Nacional dos Estudantes, em abril de 1964. Nesse dia foram apreendidos pôsteres do PCB e de temas comunistas.



Fonte: Cf. **Documento 84**.

⁵²⁸ Cf. FREITAS (2005, p. 5).

⁵²⁹ Segundo Freitas (2005, p. 5), o IBAD era financiado pela USAID.

⁵³⁰ Em relatório interno que justificava a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada dos estudantes brasileiros, em fevereiro de 1964. Cf. trecho original em **Transcrição 218**, Transcrições (tradução nossa).

Para melhor compreender os estudantes brasileiros, suas razões e formas de ação, a USIA contratou os serviços de Bryant Wedge, psicanalista social da Universidade de Princeton, por meio do *Institute for the Study of National Behavior*. Por um custo total de US\$ 20.598 dólares,⁵³¹ a pesquisa de Wedge era chamada de "um estudo aprofundado das razões, atitudes e opiniões dos estudantes universitários no Brasil, relacionadas às questões públicas".⁵³²

Para isso, ele conversou com 800 estudantes e familiares, sendo que com 6 estudantes mais profundamente, e com 24 funcionários das faculdades. Wedge havia sido pesquisador bolsista durante o governo de Eisenhower, investigando especificamente estudantes em países estrangeiros. Nos EUA, ele também já tinha tido experiência anterior com um caso de universitários de Yale.⁵³³

O estudo apontava o papel fundamental dos estudantes no Brasil do imediato pós-Golpe, que segundo Wedge, eram o grupo que representavam a maior fonte de modernização, opinião e ação política no País. A pesquisa também apontava a dificuldade de interlocução dos EUA com a classe estudantil e as soluções para mudanças dessas relações, que só poderiam ser melhoradas a longo prazo, com políticas informacionais que fossem pré-testadas e pensadas profundamente.⁵³⁴

Wedge via uma mudança do papel social dos estudantes universitários na década de 1960, assumindo um papel de classe reformista e popular, e não mais como uma aristocracia liberal, como nas décadas anteriores. Ao mesmo tempo, o pesquisador caracterizava a visão geral do estudante brasileiro como idealista e descolada da realidade social do país: "A situação do estudante pode ser caracterizada por uma independência considerável e isolamento de restrições sociais, conjugada com um alto idealismo e expectativa de ação, acompanhado por uma extraordinária falta de experiência prática".⁵³⁵

O estudo de psicanalista social de Princeton também se propunha a estudar a semântica dos estudantes brasileiros, tentando entender os variados significados de termos como democracia, socialismo, liberdade, revolução e suas diferentes aplicações em múltiplos contextos:

Eu estou tentando construir padrões da forma de conceptualização dos estudantes e como isso se expressa em comportamento. Mas isso é muito 'escorregadio' e muito trabalhoso. Por exemplo, tanto Goulart quanto o

⁵³¹ Cf. **Documento 83**: "BR 6403, *Brazil Students Attitudes (Bryant Wedge Study)*, Oct. 1964-65".

⁵³² Cf. trecho original em **Transcrição 219**, Transcrições (tradução nossa).

⁵³³ Cf. **Documento 83**: "BR 6403, *Brazil Students Attitudes (Bryant Wedge Study)*, Oct. 1964-65".

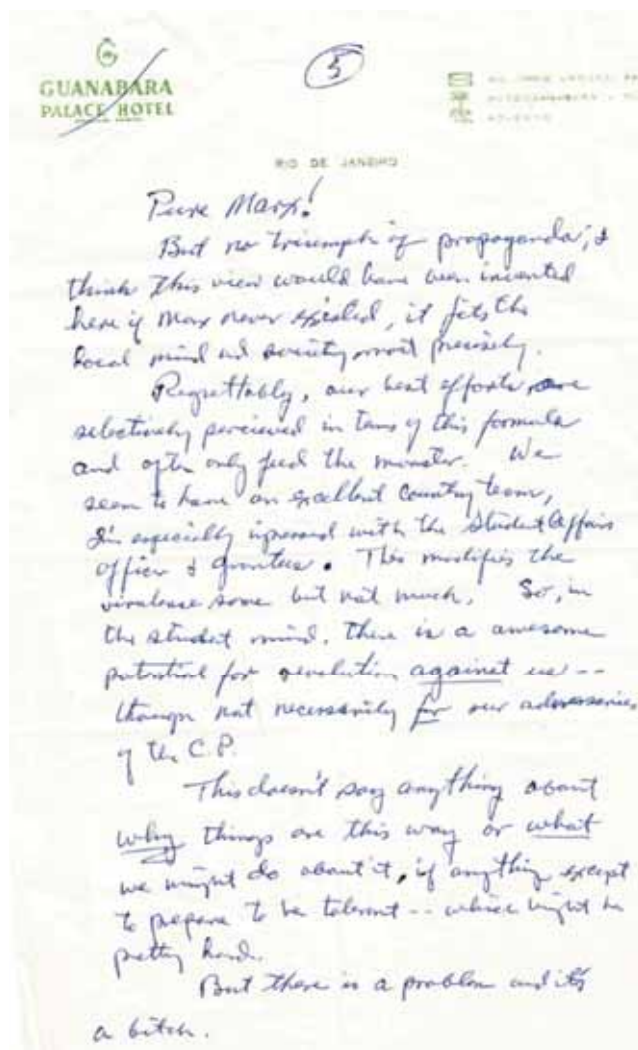
⁵³⁴ Id.

⁵³⁵ Id.: "BR 6403, *Brazil Students Attitudes (Bryant Wedge Study)*, Oct. 1964-65". Cf. trecho original em **Transcrição 220**, Transcrições (tradução nossa).

governo 'Revolucionário' reivindicam pelas palavras 'democrático' e 'revolução'. Isto é frequente, mas torna as águas muito turvas.⁵³⁶

Além dos estudos de Wedge, os seus comentários informais (em outubro de 1964) ao contratante dessa pesquisa – John Evans, então funcionário da divisão de pesquisa da USIA (*Research and Reference Service*) – eram esclarecedores da sua visão. Escritas à mão em caneta esferográfica, em blocos de papel de hotéis cariocas (como o "Argentina Hotel", na Rua Cruz Lima, 30, Flamengo; ou do "Guanabara Palace Hotel", na avenida Presidente Vargas, 392, no centro carioca), o pesquisador americano caracterizava o brasileiro médio e o turbulento momento em que o país vivia depois do golpe de 1º de abril.

FIGURA 35 - Carta do pesquisador americano sobre estudantes brasileiros: Brasileiro seriam marxistas mesmo se não existisse Marx.



GUANABARA
PALACE HOTEL
RIO DE JANEIRO

5

RIO DE JANEIRO

Re: Marx!

But no triumph of propaganda; I think this view would have been implanted here if Marx never existed, it fits the local mind and society much precisely.

Regrettably, our best efforts are selectively perceived in terms of this formula and often only feed the monster. We seem to have an excellent country team, especially ignorant with the Student Affairs officer & frontier. This multiplies the violence some but not much. So, in the student mind, there is a awesome potential for revolution against us -- though not necessarily for our adversaries of the C.P.

This doesn't say anything about why things are this way or what we might do about it, if anything except to prepare to be tolerant -- which might be pretty hard.

But there is a problem and it's a bitch.

Fonte: Cf. **Documento 83**: "BR 6403, Brazil Students Attitudes (Bryant Wedge Study), Oct. 1964-65".

⁵³⁶ Cf. **Documento 83**: "Bryant Wedge to John Evans, 5 February 1965". Cf. trecho original em **Transcrição 221**, Transcrições (tradução nossa).

Entre os comentários mais interessantes, o pesquisador dizia que o brasileiro médio tinha a mentalidade marxista por natureza e que seria assim mesmo se não tivesse existido Marx: "Marx puro! Mas não por causa da propaganda: Eu acho que essa visão seria inventada aqui mesmo se Marx nunca tivesse existido, se encaixa na mentalidade local e na sociedade mais precisamente".⁵³⁷ Por isso, os EUA enfrentariam a vontade estudantil de fazer a revolução contra os americanos, que não era motivada necessariamente em prol do comunismo: "na cabeça do estudante, há um grande potencial para uma revolução contra nós — não necessariamente em favor de nossos adversários do P.C.". ⁵³⁸

O pesquisador percebia a instabilidade de opinião dos brasileiros e, por isso, mudava frequentemente de "personagem" para suas entrevistas, tendo respostas completamente distintas dependendo da maneira como era identificado. Às vezes Wedge se dizia marxista, e em outras era confundido com agente da CIA. Segundo ele, isso também se dava pela grande capacidade de espírito conspiratório dos brasileiros:

As opiniões expressadas dependem de com quem eles acham que estão falando – eu já fingi ser marxista, e é uma boa coisa não confessar para quem estou trabalhando, e de qualquer maneira eles acham, frequentemente, que sou o 007 ou CIA, já que há um grande amor pela conspiração – e obtive respostas completamente diferentes da mesma população.⁵³⁹

Para Wedge, o espírito modernizador dos estudantes do Brasil, que ainda apresentavam estruturas arcaicas e aspirações do século 21, sobreviveria mesmo com a "revolução" (que ele também chamava de golpe) de 31 de março, ou com a manutenção do poder dessas forças conservadoras:

Cheio de paradoxo, caos, anarquia, desorganização, mito, estereótipo, etc. *ad infinitum*. Enterrados ainda em fortes estruturas e tradições (economicamente do meio do século 19, com feudalismo político, e aspirações do século 21) os estudantes, pelo menos, estão inclinados a viver em um futuro mítico. Em uma análise preliminar, parece-me que um justo ímpeto para uma revolução modernizadora foi soterrado por causa da "revolução" ou golpe de 31 de março, mas de nenhuma maneira está morto, mesmo se o poder e as estruturas de autoridade permaneceram com as forças conservadoras.⁵⁴⁰

Como conclusão, o pesquisador contratado pela USIA diagnosticava uma situação problemática para os EUA com relação aos estudantes brasileiros, e propunha uma postura de tolerância para com esses: "Isso não diz nada sobre porque as coisas estão dessa maneira ou o

⁵³⁷ Cf. **Documento 83**: "BR 6403, *Brazil Students Attitudes (Bryant Wedge Study)*, Oct. 1964-65". Cf. trecho original em **Transcrição 222**, Transcrições (tradução nossa).

⁵³⁸ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 223**, Transcrições (tradução nossa).

⁵³⁹ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 224**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁴⁰ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 225**, Transcrições (tradução nossa).

que nós podemos fazer, exceto que temos que nos preparar para sermos tolerantes, o que pode ser muito duro. Mas há um problema e ele é muito difícil".⁵⁴¹

Algumas das pesquisas de cientistas sociais aplicadas à realidade latino-americana financiadas pelo Departamento de Estado, chamadas de "*Projeto Camelot*" foram denunciadas na imprensa americana e causaram pesadas críticas, dentro dos EUA, aos métodos do governo norte-americano na América Latina⁵⁴².

À medida que o governo Johnson se dedicava mais ao *front* vietnamita, o uso da pesquisa sociológica foi perdendo força dentro do governo, como fator importante na tomada de decisões.⁵⁴³ Mesmo com menor interesse da Casa Branca, algumas pesquisas sociais continuaram a ser feitas nos países latino-americanos, porém sem a mesma profundidade dos desenvolvidos até 1964.⁵⁴⁴

No Brasil, por exemplo, na época dos escândalos da Camelot, destacava-se o estudo feito pelo sociólogo José Arthur Rios⁵⁴⁵ em 1965, que usava muitos estudos nacionais, como os de Fernando Henrique Cardoso: "A pesquisa foi dificultada e atrasada pela repercussão sobre o projeto Camelot, no entanto esse projeto em particular não foi seriamente atacado no Brasil por causa da importância do sociólogo envolvido".⁵⁴⁶ Por encomenda da USIA, o estudo analisava as possibilidades de criação de novas lideranças empresariais brasileiras, principalmente focando o empreendedorismo em São Paulo, em um texto chamado "*Paths to Leadership in Brazil*".

No entanto, ao longo do governo Johnson, esse tipo de pesquisa foi se tornando cada vez mais rara. O *Office of Research and Analysis* foi perdendo importância e se afastando gradativamente da USIA: em 1966 ele se fundiu com o *Office of Policy*, formando o *Office of Policy and Research*, em uma tentativa de tornar a pesquisa mais "aplicável" às políticas da agência, seguindo as recomendações do *U.S. Advisory Commission on Information*, do Departamento de Estado. A mesma comissão indicou a separação completa do Departamento de Pesquisa da USIA, o que foi feito em 1969.⁵⁴⁷ Dos anos 1970 aos 1990, o *Office of*

⁵⁴¹ Cf. **Documento 83**: "BR 6403, *Brazil Students Attitudes (Bryant Wedge Study)*, Oct. 1964-65". Cf. trecho original em **Transcrição 226**, Transcrições (tradução nossa). A carta também foi objeto de artigo meu no sítio eletrônico da revista Carta Capital, em novembro de 2014, cf. SANTOMAURO (2014).

⁵⁴² Referência sobre o Projeto Camelot é o livro de Horowitz (1967): "*The Rise and Fall of Project Camelot: Studies and Relationship between Social Science and Practical Politics*".

⁵⁴³ Cf. BOGART (1995, p. xviii). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 85** (Transcrições).

⁵⁴⁴ Sobre pesquisas sociais no Paraguai em 1966, observa-se que mesmo após os escândalos do Projeto Camelot, pesquisas sociais no mesmo formato continuaram a ser feitas na América Latina, cf. BOGART (op. cit), trecho selecionado em **Transcrição 86** (Transcrições).

⁵⁴⁵ Cf. **Documento 85**.

⁵⁴⁶ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 227**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁴⁷ Cf. **Documento 69**.

Research mudou de nome e funções, voltando e saindo da USIA (ou USICA), mas nunca deixando de existir definitivamente até o fim da agência, em 1999.⁵⁴⁸

3.2 A estrutura da USIA: Usis, Consulados e os Centros Binacionais Brasil-EUA

Como visto, a USIA tinha toda a base do planejamento e da eficácia de suas ações na pesquisa de opinião pública e nas pré-pesquisas de programas a serem aplicados. Cada *Country Plan* era formatado de acordo com esse processo, alimentado pelas análises anteriores.

Para a boa aplicação das políticas era fundamental a adequada ramificação regional, o eficaz trabalho conjunto entre a USIA em Washington D.C. com os USIS e a apropriada realização do que foi pensado especificamente para cada local. Por isso, o bom funcionamento das representações da agência no exterior eram parte essencial do sucesso da USIA.

Os USIS no Brasil eram anteriores à formação da USIA e o País era um dos exemplos mais exitosos na quantidade e qualidade dos serviços de informação americanos desde a 1ª Guerra Mundial. Eles estavam presentes nas bibliotecas, centros culturais Brasil-Estados Unidos, postos móveis, Consulados e Embaixada.

Após a multiplicação de representações no País durante a 2ª Guerra, com o Birô⁵⁴⁹, em 1950 os dois países assinaram um convênio de cooperação bilateral, que incentivava a criação de institutos, sociedades, centros e associações culturais para multiplicar as relações entre Brasil e EUA, abrindo possibilidades legais de ampliação das políticas culturais americanas no País.⁵⁵⁰ Só durante o ano de 1950, os frequentadores dos centros binacionais na América Latina cresceram de 16 mil, para 25 mil, em 1951. Metade desses era de estudantes universitários.⁵⁵¹

No começo dos anos 1950, as principais atividades dos centros binacionais eram relacionadas a programas de rádio, de músicas e exibição de filmes, com mais de um milhão de espectadores só no ano de 1950, na América Latina. Quase 70% desses eram frequentadores de feiras e exposições. Naquele ano, eram 27 os centros binacionais na América

⁵⁴⁸ Cf. **Documento 69**.

⁵⁴⁹ Mais sobre os "*Cultural Institutes Project*" do Birô, dedicado à criação dos centros binacionais cf. **Documento 14**.

⁵⁵⁰ Cf. HAINES (1989, p. 164).

⁵⁵¹ Cf. **Documento 36**.

Latina e 7 deles estavam no Brasil, em cidades como Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, Santos e São Paulo.⁵⁵²

Em muitos dos centros, eram oferecidas aulas de danças, palestras, peças de teatro, recepções, exposições, comemorações, chás da tarde e eventos esportivos. A localização de cada posto era estratégica para atingir o tipo de público-alvo a ser mobilizado. O centro binacional em Copacabana, por exemplo, era voltado para a classe mais alta da então Capital Federal e aos turistas que passavam pelo bairro.⁵⁵³

A expansão de postos locais foi rápida a partir de então, e no ano de 1952 o Brasil já contava com postos também em Belém, Recife, Vitória e Belo Horizonte, com 129 funcionários, dos quais 29 americanos e 100 brasileiros, e um orçamento anual de US\$ 702 mil dólares.⁵⁵⁴

O crescimento orçamentário da USIA continuou a crescer e em 1954 o Brasil recebia investimentos de US\$ 1,745 milhão de dólares.⁵⁵⁵ Em 1955, postos locais, principalmente dedicados à produção de filmes, foram instalados em Florianópolis, Goiânia e Manaus, além de um novo centro binacional em Caxias do Sul.⁵⁵⁶

Muitas vezes, ao invés de cargos que os ligassem à atividade de informação (*Information Officer* ou *Public Affairs Officer*), os funcionários de “informação” ocupavam postos diplomáticos, o que segundo relatórios internos dos USIS no Brasil fazia com que esses fossem aceitos mais facilmente:

não há nenhum sinal de discriminação evidente contra os funcionários dos USIS (...) Não há evidências de que postos diplomáticos adicionais (ou outras graduações) do programa de informação são absolutamente necessárias. Por outro lado, a eficiência do programa seria aumentada se esses fossem nomeados em outros cargos, com títulos diplomáticos.⁵⁵⁷

Nos postos locais brasileiros, a proporção entre funcionários do Departamento de Estado e da USIA era aproximadamente igual, assim como a divisão dos custos (51% cobertos pela embaixada e 49% pela USIA). Em 1955, havia 65 funcionários do

⁵⁵² Cf. **Documento 36**.

⁵⁵³ Cf. BOGART (1995, p. 61). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 87** (Transcrições).

⁵⁵⁴ Cf. **Documento 33**. O segundo país da América Latina era o México, com 113 funcionários, 3 postos e um orçamento de US\$ 650 mil para 1952.

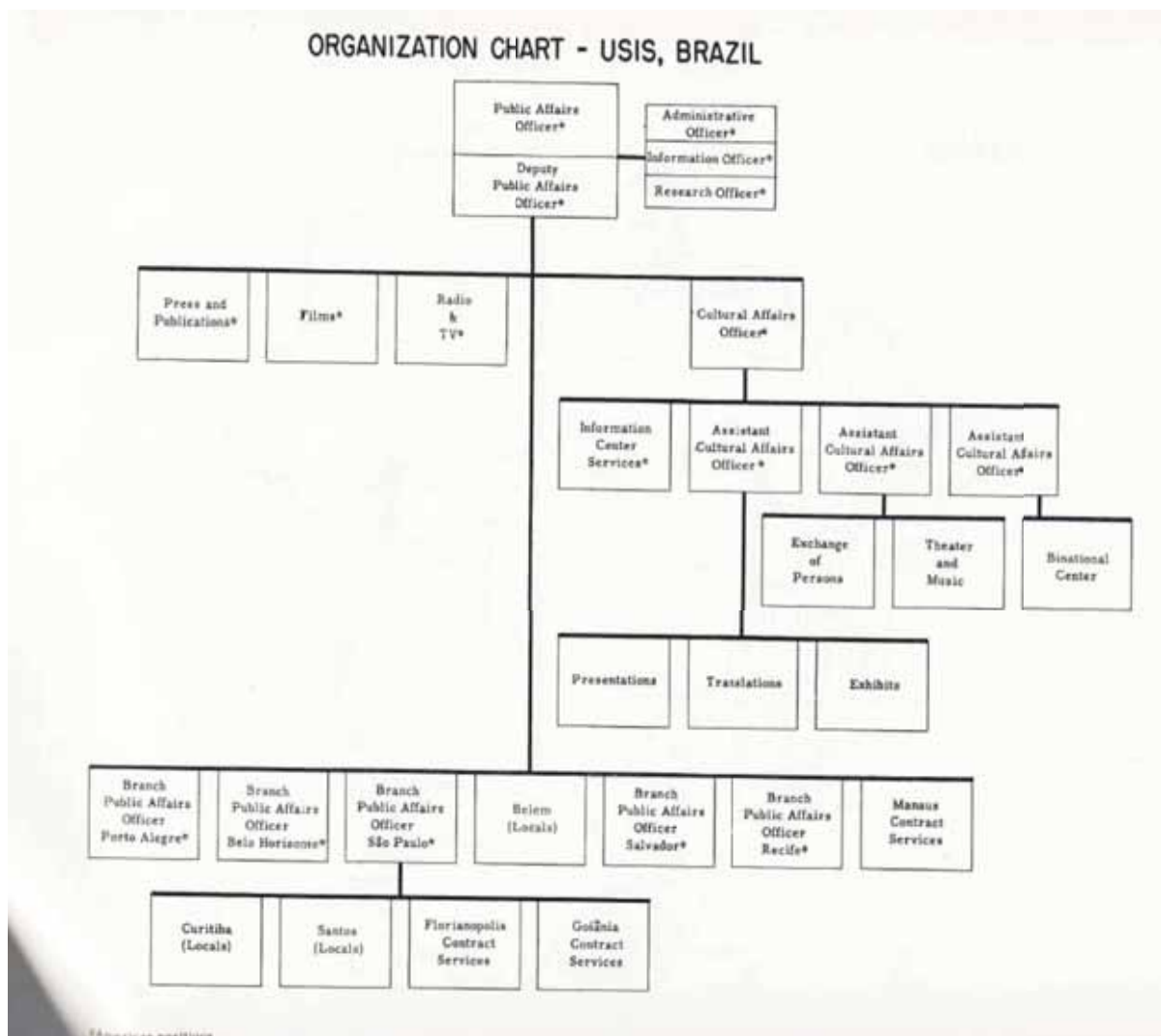
⁵⁵⁵ Cf. **Documento 88**.

⁵⁵⁶ Cf. **Documento 74**: “*Inspection Report of USIS Brazil, August 15-September 28, 1955*”.

⁵⁵⁷ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 228**, Transcrições (tradução nossa).

Departamento de Estado (48 americanos e 17 brasileiros), e 62 funcionários da USIA (15 americanos e 47 brasileiros) nos postos do Brasil. A curiosa diferença nos cargos da USIA devia-se à maioria de brasileiros, enquanto que nos do Departamento de Estado a maioria era americana. A distribuição de competências e de postos locais se apresentava da seguinte maneira:

FIGURA 36 - Organograma de postos e funções dos USIS no Brasil, em 1955.



Fonte: Cf. **Documento 74**.

Para as direções locais ou para composição dos conselhos dos centros binacionais, os EUA buscavam cooptar lideranças brasileiras influentes, que acabaram sendo ministros de Estado ou Presidentes, abrindo caminho para a política local e atingindo grupos de interesse. Segundo Frank Oram, *PAO* no Rio de Janeiro:

Cada vez mais, nós notamos que ministros de governo são ex-Presidentes dessas organizações ou foram membros dos seus conselhos; em outras palavras, a experiência deles neste programa segue com eles quando assumem seus novos altos cargos no governo. Nós achamos que é uma forma extremamente versátil de atingir grupos especiais, assim como ensinar inglês para lideranças do trabalho, que em maio próximo virão aos EUA.⁵⁵⁸

A intenção da USIA era cobrir todo o País com os serviços de informação, apesar dos desafios para a comunicação interna, logística e orçamento impostos pela dimensão continental do país⁵⁵⁹. Cada posto regional seria responsável por produzir e distribuir os materiais, contatar as lideranças locais, organizar turnês artísticas e esportivas, promover palestras, feiras e exposições, exibir filmes e ensinar inglês em sua "macrorregião"⁵⁶⁰:

FIGURA 37 - Distribuição regional da abrangência dos USIS no Brasil em 1955.



Fonte: Cf. **Documento 74**.

O sucesso de alguns dos centros binacionais no Brasil até virou exemplo, para a USIA, de postos que se autofinanciavam localmente. Em discurso sobre a eficácia dos centros

⁵⁵⁸ Cf. **Documento 89**. Cf. trecho original em **Transcrição 229**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁵⁹ Cf. **Documento 74**.

⁵⁶⁰ Id.

binacionais em 1959, George Allen mencionava o caso do centro binacional do Rio de Janeiro, que patrocinou com fundos próprios a palestra do escritor americano John dos Passos e a conferência do governador de New Jersey, Robert B. Mayner, que ficou durante 6 dias na cidade, em 1958.⁵⁶¹

Os centros binacionais no Brasil se multiplicaram exponencialmente durante o governo Eisenhower, solidificando a penetração da política da USIA no País. Em 1960, o Brasil contava com 57 centros binacionais, de tamanhos e importâncias variados, com 26 funcionários americanos, além de 22 bolsistas americanos e 128 funcionários brasileiros.⁵⁶² Além disso, dois novos postos foram criados naquele ano, em Brasília e Curitiba.

Todo esse esforço do governo Eisenhower visava combater o principal problema das relações Brasil-EUA, que segundo a análise americana, era de "fundo psicológico". Mas um relatório da USIA de 1960, também alertava que as políticas de aproximação "psicológica" dos USIS só alcançariam resultados positivos se acompanhadas de ações práticas de cooperação econômica e social:

Como os problemas principais nas relações brasileiro-americanas é eminentemente psicológico, não é verdadeiro achar que as soluções para eles são somente o campo psicológico e informacional-cultural dos USIS. A voz dos USIS é pequena se comparada com as numerosas influências americanas que agem entre os brasileiros e, por causa das realidades sociais e econômicas envolvidas, não se pode esperar que somente com palavras serão resolvidos os problemas brasileiro-americanos.⁵⁶³

Os novos postos no Brasil eram administrados pelos cinco comandos regionais operados a partir do Rio de Janeiro: São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador; e dois sub-comandos adicionais: Belém e Santos.⁵⁶⁴ Todos esses (além de sete outros postos subcontratados pela USIA) difundiam os filmes, notícias e programas de rádio produzidos e operados nacionalmente. Para isso, a USIA dedicou grande parte de seu orçamento em 1961: dos US\$1,768 milhão para os USIS no Brasil, US\$1 milhão era dedicado a gastos com a mídia.⁵⁶⁵

⁵⁶¹ Cf. **Documento 90**.

⁵⁶² Cf. **Documento 74**: "*Inspection Report, USIS-Brazil, October 21, 1960*".

⁵⁶³ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 230**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁶⁴ Cf. **Documento 74**: "*Inspection Report, USIS-Brazil, October 21, 1960*".

⁵⁶⁵ Id.

A USIA classificava os diferentes perfis de centros binacionais entre "A", aqueles financiados em maior grau pelo governo, com pelo menos um bolsista anual americano, com funcionários contratados pelos USIS e capacidade de produzir materiais próprios, como filmes, notícias e artistas; "B", os que recebiam menor apoio do governo, mas mantinham um funcionamento padrão, com aulas de inglês, bibliotecas, com materiais fornecidos pelo "A" mais próximo; e "C", menor número de atividades, com pelo menos um pequeno grupo de estudos de inglês, muitas vezes nascidos de iniciativas individuais, que pediam reconhecimento e apoio do Governo americano. Em 1960, o Brasil tinha 16 centros considerados "A", 11 centros "B" e 32 do tipo "C".⁵⁶⁶

O posto de São Paulo coordenava as ações também no Estado do Paraná e distribuía materiais para Goiás, Mato Grosso e oeste de Minas Gerais. O foco temático de São Paulo era principalmente estudantes e trabalhadores. Entre as atribuições do USIS São Paulo estavam três grandes centros binacionais de tipo "A" (São Paulo, Santos e Sorocaba), além de oito de tipo "B" e onze de tipo "C", totalizando 22 centros sob sua "jurisdição".⁵⁶⁷

Um das ações destacadas do USIS São Paulo era o combate ao ultranacionalismo localizado na cidade de Campinas, que se opunha à iniciativa privada estrangeira no Brasil. Para se contrapor a esses movimentos, o USIS São Paulo produzia séries de artigos nos principais jornais da cidade para explicar a participação americana na economia local. Além disso, foram produzidos folhetos e um documentário especial sobre a participação americana no desenvolvimento de Campinas, financiado parcialmente pela representação local da Câmara Americana de Comércio.⁵⁶⁸ Segundo Dizard Jr.,⁵⁶⁹ o USIS São Paulo, um dos exemplos de centros binacionais autossustentáveis nos anos 1960, tinha uma estrutura física grandiosa, com um prédio próprio de 17 andares, espaço para 600 alunos, biblioteca, auditório, restaurante e teatro.

O USIS Belo Horizonte, localizado no Consulado da cidade, coordenava dois centros binacionais "A" e oito de tipo "C", em 1960. O foco temático era principalmente voltado aos líderes sindicais, com a produção de uma série de materiais sobre o trabalho nos EUA e um programa de rádio local para os trabalhadores; e aos estudantes, com exibição de filmes

⁵⁶⁶ Cf. **Documento 74**: "*Inspection Report, USIS-Brazil, October 21, 1960*".

⁵⁶⁷ Id.

⁵⁶⁸ Id.

⁵⁶⁹ Cf. DIZARD JR. (2004, p. 181). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 88** (Transcrições).

apropriados para esse público, bolsas para o estudo de inglês e um esforço pessoal dos funcionários do USIS em desenvolver relações pessoais com intelectuais mineiros.⁵⁷⁰

FIGURA 38: Turma de formatura de cursos de inglês do centro binacional em Belo Horizonte, em 1962.



Fonte: Cf. **Documento 108**.

Em 1960, o USIS Porto Alegre era responsável por dois centros binacionais de nível "A", em Porto Alegre e Florianópolis; dois "B", em Caxias do Sul e Pelotas, e dois "C", em Bento Gonçalves e Lages. Outros centros menores e "embrionários", entretanto, pediam reconhecimento. Considerando a alta escolaridade da região e o histórico político (integralista e trabalhista), o foco nessa região era criar um "sentimento cívico", com aulas de educação cívica nas escolas locais, nos moldes do que a USIA fazia no México.⁵⁷¹

No mesmo ano, o USIS Recife, responsável pelos Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, também considerava a baixa escolaridade e analfabetismo e por isso dedicava-se à exibição de filmes, rádio e TV. Além disso,

⁵⁷⁰ Cf. **Documento 74**: "*Inspection Report, USIS-Brazil, October 21, 1960*".

⁵⁷¹ Id.

administrava três centros tidos como "A", em Fortaleza, Natal e Recife; e quatro de tipo "C", em Crato, Sobral, Mossoró e Maceió. Ainda em 1960, o PAO local chamava a atenção para a necessidade de atingir o interior nordestino, possível foco de comunismo.⁵⁷²

O USIS Salvador – responsável por dois centros binacionais "A", na própria cidade e outro exclusivo para a Universidade da Bahia, além de um "C", em Aracaju – era focado principalmente na rádio local e na produção de materiais gráficos para assuntos locais.⁵⁷³

O USIS Belém, "subposto" no Norte, tinha somente funcionários brasileiros e equipamentos considerados precários para cobrir a vasta área a que se propunha, como uma "*station wagon ...in a completed dilapidated condition*" (um furgão numa condição completamente precária). O serviço nesse posto dedicava-se a exibição de filmes, por meio de um projetor móvel que atingia as cidades mais distantes.⁵⁷⁴

O USIS Santos, outro "subposto" destacado pelo relatório interno da USIA em 1960, era um dos distritos consulares com uma das menores áreas em território em todo mundo, mas ainda assim com uma importância estratégica por causa do maior porto da América Latina e da crescente industrialização da região. Apesar de poucos funcionários, o posto santista contava com um funcionário destacado pela sua grande influência local: "um brasileiro muito respeitado, com ligações próximas a praticamente todos os contatos importantes em Santos, do prefeito aos editores de jornal, advogados e professores".⁵⁷⁵

A estrutura interna de cada centro binacional e de cada USIS dependia de sua importância estratégica definida de acordo com o *Country Plan* e com suas competências e público a atingir. Frankel⁵⁷⁶ tentou tipificar uma estrutura básica de um USIS nos anos 1960, prevendo suas diferentes possibilidades de ação e atribuições:

⁵⁷² **Documento 74:** "*Inspection Report, USIS-Brazil, October 21, 1960*".

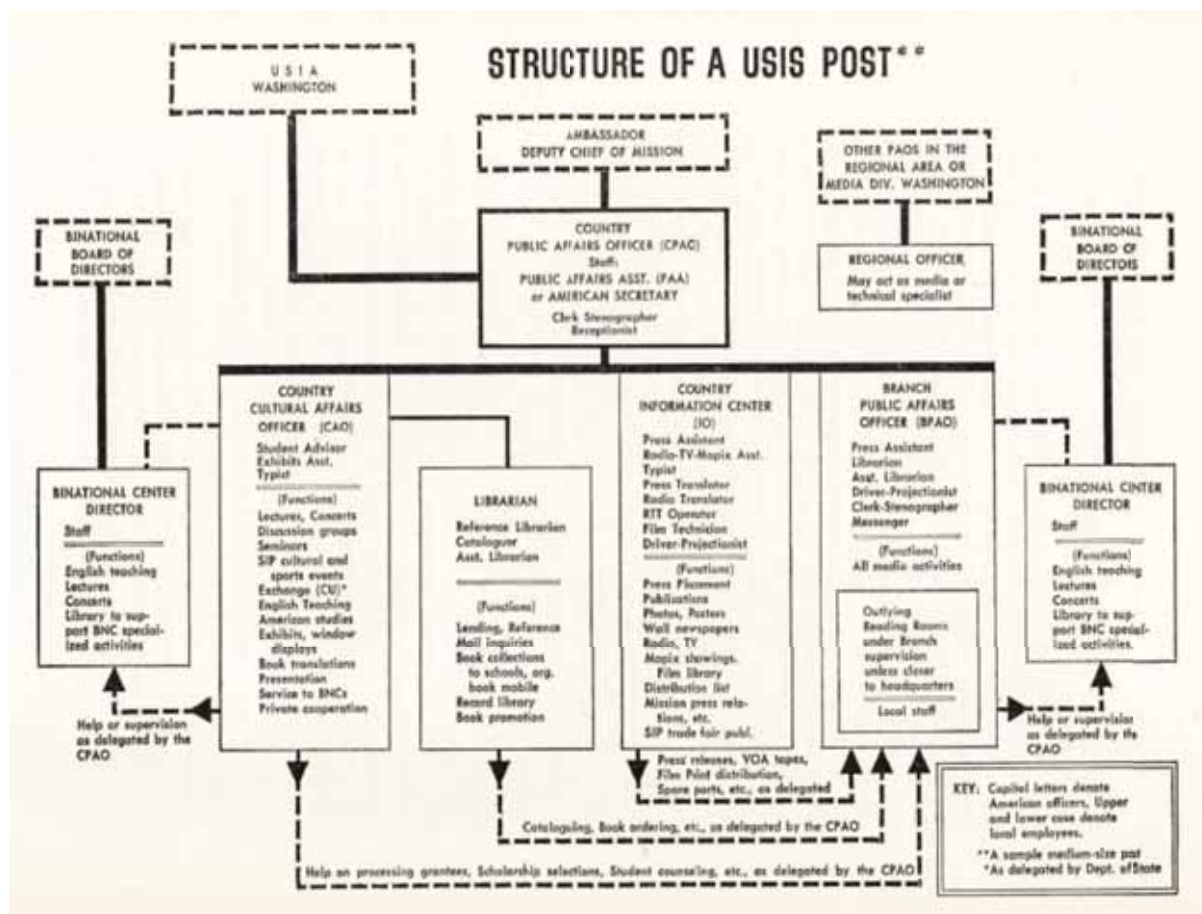
⁵⁷³ Id.

⁵⁷⁴ Id. Mais sobre postos móveis que atingiam cidades mais distantes no interior do Brasil em BOGART (1995, p. xiv). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 89** (Transcrições).

⁵⁷⁵ Cf. **Documento 74**. Cf. trecho original em **Transcrição 231**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁷⁶ Cf. FRANKEL (1965, p. 148).

FIGURA 39 - Estrutura interna de um USIS nos anos 1960.



Fonte: FRANKEL (1965, p. 148).

No começo dos anos 1960, os postos locais da USIA no Brasil continuaram a se proliferar. Em 1963, já eram 64 centros binacionais, institutos culturais e associações culturais Brasil-Estados Unidos, que distribuíam os materiais da USIA e irradiavam o pró-americanismo (e anticomunismo) País afora.

Eram eles: Araras, Araraquara, Barretos, Botucatu, Bragança Paulista, Itapetininga, Ribeirão Preto, Rio Claro, Jundiaí, Mirassol, Nova Granada, Piracicaba, Presidente Prudente, Santos, São José do Rio Preto, São Paulo, Sorocaba, Tatuí, Votuporanga (SP); Barbacena, Belo Horizonte, Aracaju, Bento Gonçalves, Governador Valadares, Juiz de Fora, Montes Claros, Teófilo Otoni, Ouro Preto, Uberaba, Uberlândia, Varginha (MG); Cachoeiro do Itapemirim, Campos, Lajes, Resende, Rio de Janeiro (RJ); Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa (PR); Caxias do Sul, Pelotas, Porto Alegre (RS); Belém, Parnaíba (PA); Crato,

Fortaleza (CE); Mossoró, Natal (RN); Maceió (AL); Manaus (AM); Florianópolis (SC); Goiânia (GO); Recife (PE); São Luis (MA); Sobral (CE), Salvador (BA); Teresina (PI) Vitória (ES). Nesse mesmo ano ainda estavam em processo de formação centros em Araguari, Lavras (MG); e Passo Fundo, Rio Grande e Uruguaiana (RS).⁵⁷⁷

Após o governo de Johnson, como em outras áreas, a expansão da USIA, também nos seus postos locais na América Latina, arrefeceu. Em 1965, o Brasil ainda era o país do mundo com maior número de centros binacionais, mas já tinha diminuído para 39 no total⁵⁷⁸. Ao longo da segunda metade da década de 1960, e nas décadas subsequentes, deu-se a tendência de diminuição do orçamento e do número de centros binacionais.

Segundo o Relatório Interno da USIA sobre os centros binacionais no Brasil:

Os gastos da agência com os centros binacionais mantiveram-se relativamente estáveis ou crescentes, atingindo seu pico no meio dos anos 1960, e a partir daí começaram a declinar (...). O número de centros binacionais que recebiam financiamento da agência caíram de 39 em 1964, para 18 no ano de 1973 (...) da mesma maneira entre 1968 e 1973 o número de funcionários dos USIS ligados aos centros binacionais caíram de 25 para dois.⁵⁷⁹

Em 1973, por exemplo, o orçamento do governo americano para os centros binacionais no Brasil foi de US\$ 173 mil dólares, para os 18 centros restantes.⁵⁸⁰ Porém, ao mesmo tempo em que diminuiu o financiamento governamental para os centros binacionais no Brasil, houve um crescimento vertiginoso dos lucros dos centros binacionais que restaram no País, entre os anos 1950 e os anos 1970.⁵⁸¹

Subsidiados em grande parte dos casos, nos anos 1940 e 1950, nos anos 1960 metade dos orçamentos dos centros binacionais no Brasil provinham dos fundos locais, principalmente com aulas de inglês. Nos anos 1970, somente 3% do orçamento dos centros binacionais do Brasil vinham dos EUA.⁵⁸²

Mesmo com a diminuição do número de centros, o aumento dos lucros fez com que os centros binacionais que resistiram até os anos 1970 se mantivessem por si só, sem apoio

⁵⁷⁷ Cf. **Documento 13**: Lista de USIS do Brasil, com endereços e responsáveis em 1963.

⁵⁷⁸ Cf. **Documento 11**.

⁵⁷⁹ Cf. **Documento 92**. Cf. trecho original em **Transcrição 232**, Transcrições (tradução nossa).

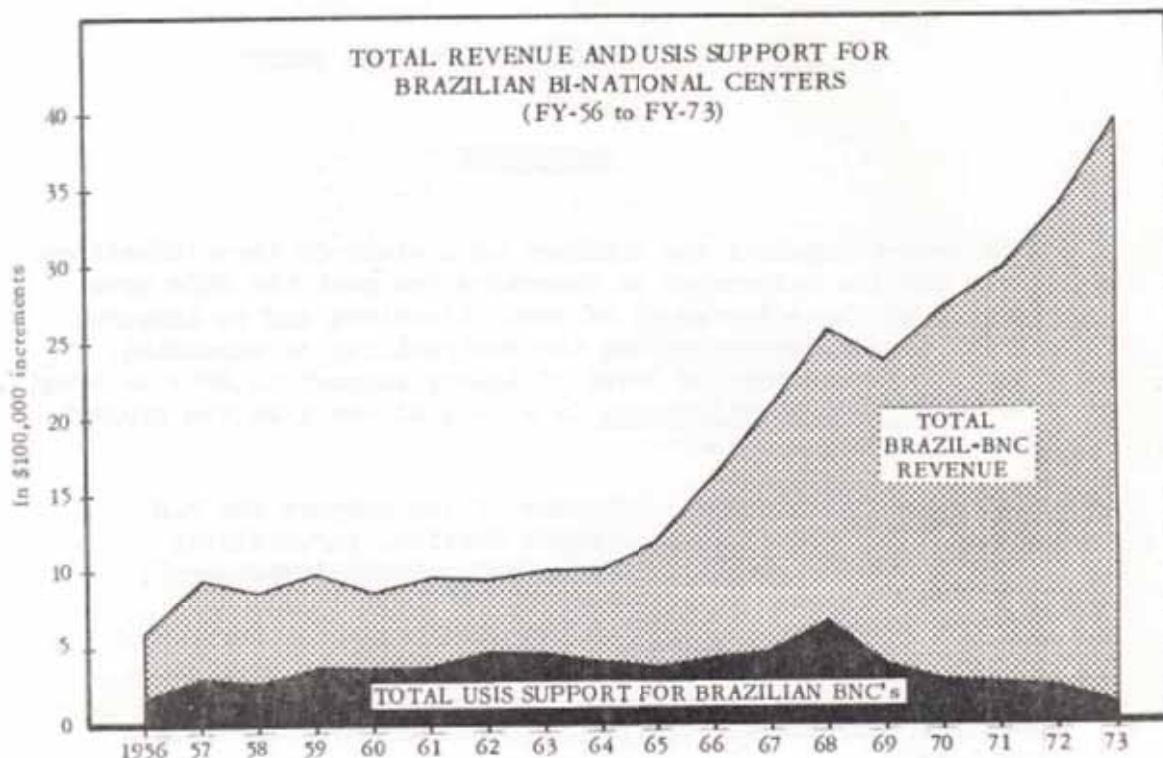
⁵⁸⁰ Cf. **Documento 91**.

⁵⁸¹ Cf. **Documento 92**.

⁵⁸² Id.

governamental. O relatório interno da USIA em 1973 mostrava que "a receita total dos centros binacionais brasileiros até 1973 cresceram quatro vezes em relação à de 1964"⁵⁸³.

FIGURA 40 - Orçamento e apoio dos USIS nos centros binacionais do Brasil de 1956 a 1973.



Fonte: Cf. **Documento 92**.

O mesmo relatório mostrava que o objetivo buscado pelos USIS no Brasil nos anos 1950 e 1960 ainda fazia efeito nos anos 1970, quando a USIA já não via os centros binacionais como principal canal da política americana de informação. Ainda que sem a participação significativa de funcionários da USIA, nem uma política de informação que incluísse os centros, eles ainda eram vistos pelos brasileiros como lugares de excelência de cultura americana.

Na mesma pesquisa de 1973, feita nas cidades que ainda tinham centros binacionais americanos, eles apareciam como mais importantes culturalmente (com 43%) do que os franceses (4%), alemães (11%) e ingleses (5%) para os seus moradores. Entre os pesquisados, a cultura americana em geral também aparecia como mais influente: 79% apontavam os

⁵⁸³ Cf. **Documento 92**. Trecho original em **Transcrição 233**, Transcrições (tradução nossa).

americanos como os melhores em música popular; para 48%, os melhores em literatura contemporânea; e para 35% os melhores em "estilo de vida" (contra 30% da França).

Mesmo com a perda de importância na estratégia interna do governo, ao final de três décadas, dos anos 1950 aos 1970, os centros binacionais mostraram os resultados esperados inicialmente pela USIA, isto é, marcaram os EUA como referência cultural e de estilo de vida entre os brasileiros. Interessante notar também que os centros binacionais eram identificados pela população brasileira em geral como a forma de ação que era declaradamente do governo americano, ou apoiado por ele. Os outros meios de ação da USIA utilizaram-se, muitas vezes, de formas "não-assinadas" pelo governo, com objetivo de alcançarem ainda maior eficácia e penetração nos modos de vida e de pensar do brasileiro.

3.3 A agência de notícias e a mídia impressa

Com uma ampla penetração física no território brasileiro e o controle periódico dos humores e opiniões políticas, inclusive internacionais, dos cidadãos em geral e grupos-alvo em particular, a USIA também pretendia "moldar" a opinião pública nacional trabalhando para dialogar e influenciar, de toda maneira, os principais meios de comunicação do país⁵⁸⁴.

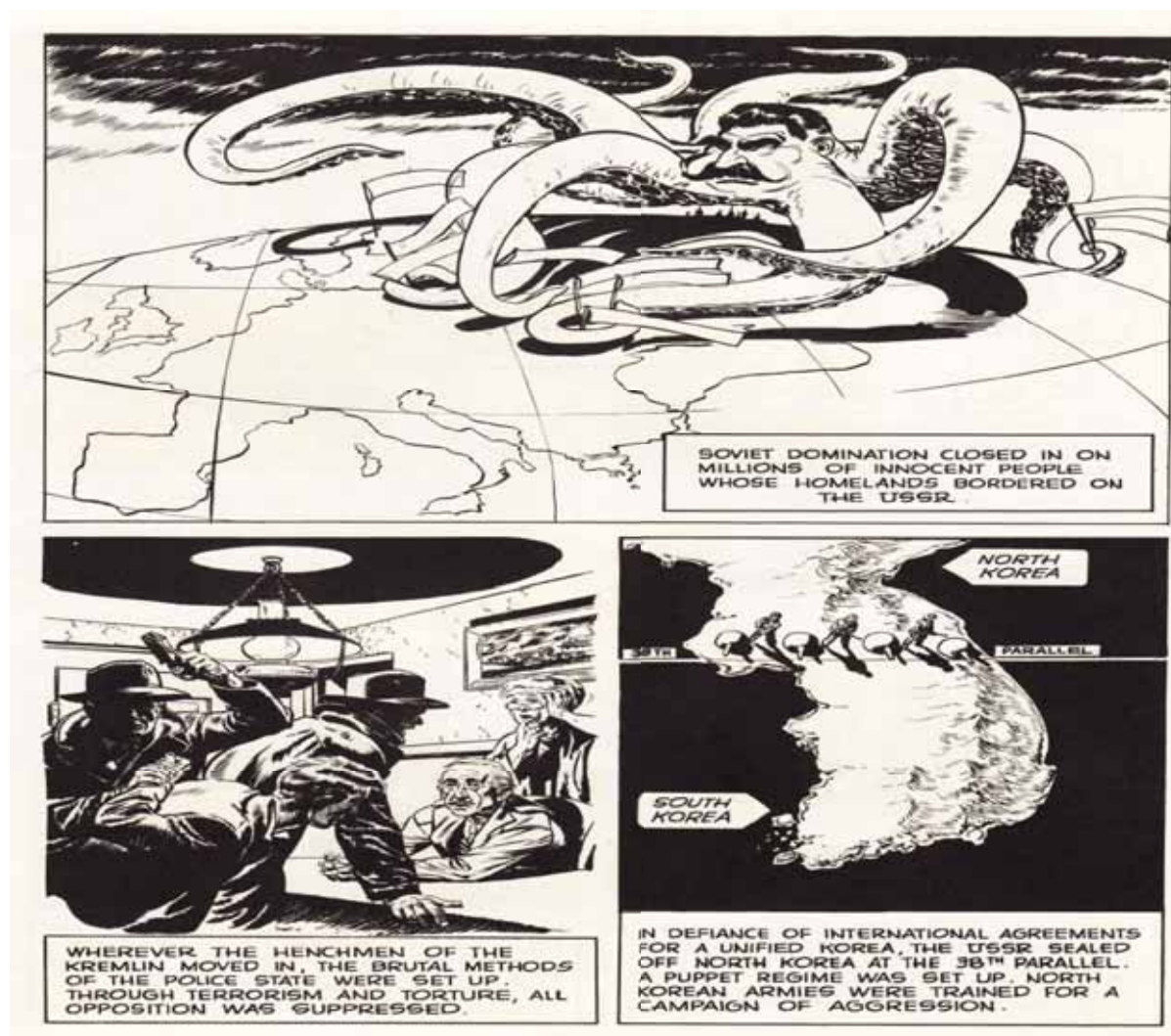
A forma prioritária de atingir a mídia em geral eram os jornais, revistas e principais publicações de maior circulação. Para isso, a USIA mapeava e mobilizava editores e jornalistas, produzia notícias locais em seus centros, transmitia notícias e fotos e as disponibilizava por meio de sua agência de notícias. A agência ainda escrevia artigos apócrifos ou com nomes fictícios, pois sem mostrar a sua origem tinha maior credibilidade junto ao público nacional. Além disso, ganhava a adesão gratuita e voluntária de jornais importantes tidos como "pró-americanos".

A preocupação em oferecer notícias com a perspectiva americana em jornais brasileiros, que vinha desde o CPI de Creel, quando foram trazidas as primeiras agências de notícias americanas para a América Latina, continuou com o Birô de Rockefeller e no pós-guerra, com Truman. Na Guerra da Coreia, por exemplo, já havia um grande empenho midiático dos EUA para publicar notícias favoráveis ao esforço americano em jornais brasileiros. Fotos, artigos e quadrinhos pró-EUA eram difundidos pelos USIS no Brasil, além

⁵⁸⁴ Sobre importância de "moldar" opinião pública brasileira para a USIA, ver BOGART (1995, p. 54); HAINES (1989, p. 168). Cf. trechos selecionados em **Transcrições 90 e 91**, respectivamente (Transcrições)

de suplementos como o "*Death Comes from the Kremlin*" e "*One Who Survived*"⁵⁸⁵. Quadrinhos como o "*Free World Speaks*", abaixo reproduzido, eram confeccionados pelo governo Truman e enviados a todos os USIS do mundo:

FIGURA 41 - Quadrinhos, como o "*Free World Speaks*" (1951) eram distribuídos durante o governo Truman nos USIS de todo o mundo, explicando a entrada dos EUA na Guerra da Coreia.



Fonte: Cf. **Documento 56**.

Durante o governo Truman, a partir de fevereiro de 1952, os USIS no Brasil também produziram a revista "*Em Marcha*", inspirada na bem sucedida "*Em Guarda*" do Birô. Essa, contudo, era voltada a um público mais restrito, de classe média intelectualizada formadora de opinião, com uma linguagem mais sofisticada, diferente da mais "sensacionalista", divulgada pelos USIS nos jornais brasileiros. O trabalho do chefe da seção de imprensa do USIS Rio de

⁵⁸⁵ Cf. HAINES (1989, p. 169).

Janeiro, Roberto Gonzaga, foi fundamental para a publicação de artigos alinhados com a opinião americana nos principais jornais brasileiros, como "O Globo", "Jornal do Brasil" e "Última Hora".⁵⁸⁶

Roberto Gonzaga tinha uma relação muito próxima com Assis Chateaubriand, o que também rendeu uma aproximação comercial entre a USIA e os Diários Associados, com quem a agência firmou um contrato para exibição de seus programas de rádio (como será visto no subcapítulo 3.6). Gonzaga também se relacionava com escritores influentes, como Lúcio Rangel, participando do processo de publicações de livros com apoio da USIA (o que será retomado no subcapítulo 3.4).

No ano de criação da USIA, 1953, o *Country Plan* para o Brasil detectava como um dos riscos políticos no País, o "Peronismo aliado com comunismo gerando o ódio aos EUA"⁵⁸⁷. Além disso, definia os públicos-alvo prioritários durante o governo Eisenhower: militares, funcionários públicos, responsáveis pelos grandes grupos de mídia, trabalhadores urbanos, rurais, formadores de opinião, artistas, empresários (principalmente industriais) e líderes de partidos políticos.⁵⁸⁸

Os desafios na mídia brasileira eram muitos. Com mais de 700 revistas de todos os tipos e com diferentes níveis de influência, mais de 1.300 jornais (sendo que mais de 100 eram diários e 26 deles só no Rio de Janeiro), era quase impossível a tarefa de cobrir os múltiplos pequenos grupos, pela grande variedade dos públicos consumidores dos periódicos.⁵⁸⁹

A precariedade logística de transporte e das comunicações em um país continental dividido por rios, montanhas e selvas, também dificultava a missão, segundo a avaliação interna da recém-formada USIA. Por fim, a grande taxa de analfabetos, de quase 60% da população brasileira, segundo o *Country Plan* de 1953, também dificultava o acesso às notícias americanas.⁵⁹⁰

Naquele ano, um detalhado estudo sobre a eficácia da cobertura do "*Wireless Bulletin*" era feito nos 25 maiores jornais das principais cidades, que recebiam diariamente *releases* dos USIS em português e inglês para preparar a estratégia da agência a partir daí. Isso era feito primeiro com um receptor e distribuidor no Rio de Janeiro, e a partir de 1954 as notícias também começaram a ser distribuídas por São Paulo: "O BPAO (*Branch Public Affairs*

⁵⁸⁶ Cf. HAINES (1989, pp. 169, 170). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 92** (Transcrições).

⁵⁸⁷ Cf. **Documento 94**. Cf. trecho original em **Transcrição 234**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁸⁸ Cf. **Documento 94**.

⁵⁸⁹ Id.

⁵⁹⁰ Id.

Officer) em São Paulo está planejando fazer o monitoramento direto dos documentos que chegam pelo sistema sem fio (*Wireless File*), utilizando-se de dois *Hallicrafters*⁵⁹¹ adquiridos para esse propósito"⁵⁹².

A USIA também preparava legalmente a exportação de suas publicações (revistas, livros e até filmes) para o Brasil por meio do *Informational Media Guaranty Program* (IMG), que facilitava a exportação dos materiais americanos para países que não podiam pagar em dólar (como o Brasil). Com isso, o governo americano aceitava a moeda local e era o "fiador" para comercialização dos materiais de informação, fazendo o pagamento diretamente aos exportadores americanos. O acordo com o governo brasileiro para o envio de materiais americanos foi assinado em novembro de 1954.⁵⁹³

Preocupado com as publicações que, segundo relatórios de pesquisa internos, eram "comunistas", como os jornais "Democracia Popular", "Notícias de Hoje", "Imprensa Popular" e revistas como a mensal "Problemas", que seriam publicações do Partido Comunista do Brasil⁵⁹⁴, a USIA começou a organizar um acompanhamento mais sistemático da mídia brasileira em 1955.

Os já comentados Barômetros, que começaram na América Latina e se estenderam para o mundo, eram compilados nos USIS e depois enviados para todas as agências e Departamentos relacionados ao sistema de inteligência, colocando a opinião pública como fator complementar entre as informações estratégicas no governo americano: "Esse material de inteligência, semiacabado, é um elemento do quadro de inteligência – a opinião pública – a ser considerado e interpretado sob a luz de outros elementos que chegarem às decisões políticas e programáticas".⁵⁹⁵

O controle sobre a mídia brasileira era, portanto, seguido de perto pela inteligência do governo, por meio de seu *Social Science Research Group* (formado em 1955), que continha os Departamento de Estado, Defesa, o OCB (*Operations Coordinating Board*), a CIA e a USIA. O chefe de pesquisa da USIA, que comandava esse grupo, Dr. Leo Crespi, também era o Presidente da *World Association for Public Opinion Research*.

Como já descrito, por causa das repercussões das parcerias entre Esso e as pesquisas americanas no Brasil, tanto na imprensa brasileira tida como comunista, quanto no *NY Times*, a companhia de petróleo e a Embaixada americana tomaram o cuidado de não mencionar a

⁵⁹¹ Aparelho de recepção de sinais, que poderia também retransmiti-los. Disponível em <<http://www.hallicraftercollector.com>> Acesso em 22 nov. 2013.

⁵⁹² Cf. **Documento 74**. Cf. trecho original em **Transcrição 235**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁹³ Cf. **Documento 94**.

⁵⁹⁴ Cf. **Documento 95**.

⁵⁹⁵ Cf. **Documento 93**. Cf. trecho original em **Transcrição 236**, Transcrições (tradução nossa).

fonte de financiamento para as pesquisas de barômetro no Brasil em correspondências internas, mas a Esso continuava financiando o levantamento da mídia nacional em 1956.⁵⁹⁶

Segundo as recomendações da Embaixada, a empresa não deveria mais ser mencionada, nem em relatórios confidenciais internos:

Tanto a embaixada como a Esso acham que essa comunicação entre os dois sobre a informação deve ser tratada com o máximo de discrição... mesmo sendo classificado como CONFIDENCIAL, o *Deputy Chief of Mission* pediu para que os relatórios futuros desse tipo de apoiador não sejam identificáveis.⁵⁹⁷

As pesquisas americanas apontavam que, no geral, os editoriais dos maiores jornais brasileiros eram favoráveis aos EUA, durante os governos Eisenhower, Kennedy e Johnson. Segundo a USIA, o mais alinhado com a opinião americana era "O Jornal", de Chateaubriand:

O Jornal, uma parte dos Diários Associados, propriedade do abastado Senador Assis Chateaubriand, é o jornal mais amigável e o mais compreensível com os EUA (...) O Jornal também refuta os argumentos daqueles que apontam que os EUA abandonam o Brasil economicamente (...) O Jornal foi o que mais valorizou os frutos da colaboração com o capital estrangeiro.⁵⁹⁸

Entre os jornais de São Paulo, eram recorrentes as menções da USIA ao tom conservador e pró-EUA de "O Estado de S. Paulo" durante todo o período estudado (anos 1950 até anos 1980). Em fevereiro de 1956, por exemplo, o "Estado" era destacado em relatórios sobre a mídia latino-americana feitos pela USIA, como o único jornal latino-americano a mencionar positivamente a oferta de urânio feita por Eisenhower, no âmbito do programa "*Atoms for Peace*": "Somente um jornal, o influente "O Estado de S. Paulo", do Brasil, dedicou um editorial ao assunto. O articulista de "O Estado" elogiou a decisão de Eisenhower e diferenciou essa oferta generosa de parte dos EUA, em relação ao comportamento da União Soviética".⁵⁹⁹

Diferentemente do tom de parceria que a USIA adotava aos empreendimentos de Chateaubriand, no caso de "O Estado" os relatórios sempre apontavam que a linha editorial do jornal era naturalmente favorável aos EUA. E como demonstram relatórios da agência, era o próprio jornal que buscava o diálogo para publicação dos produtos da agência.

Esse era o caso do relatório da USIA, que resumia as cartas de leitores que chegavam à revista "Combate", segundo a agência, uma publicação que era distribuída em toda América

⁵⁹⁶ Cf. **Documento 75**.

⁵⁹⁷ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 237**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁹⁸ Cf. **Documento 97**. Cf. trecho original em **Transcrição 238**, Transcrições (tradução nossa).

⁵⁹⁹ Cf. **Documento 96**. Cf. trecho original em **Transcrição 239**, Transcrições (tradução nossa).

Latina e bem aceita na maioria dos países. Segundo as cartas de leitores latino-americanos que chegavam à USIA, a maioria elogiava a revista por ser uma "porta-voz da democracia e da solidariedade continental".⁶⁰⁰

Entre as correspondências destacadas, em dezembro de 1958, estava uma carta do secretário da seção internacional de "O Estado de S. Paulo", Oliveiros S. Ferreira⁶⁰¹, que pedia permissão para publicar os textos de "Combate" em seu jornal:

Eu considero como de inestimável valor para a discussão dos problemas da América Latina e para a formação de uma consciência política democrática na América Latina. (...) Como secretário da seção internacional no jornal O Estado de São Paulo (sic), e considerando que muito dos artigos publicados na revista Combate podem ser reproduzidos no jornal, eu gostaria de pedir o favor de saber sobre a possibilidade de transcrever esses artigos que parecerem apropriados.⁶⁰²

Para a USIA, o "Estado" aparecia como crítico aos EUA somente quando reclamava uma maior presença econômica e política no Brasil:

O Estado de São Paulo, de visão conservadora, crítico mas basicamente um jornal amigável, dedicou atenção especial para a política dos EUA que afetaria a América Latina em geral e o Brasil em particular ...o jornal comentou sobre a "tristeza que a América Latina sente por ter sido abandonada ou traída pela política externa dos EUA desde a Guerra"⁶⁰³.

O jornal se desapontava com a falta de um maior compromisso por parte do Presidente Eisenhower durante a Conferência do Panamá em 1956:

Considerou as palavras do Presidente Eisenhower com "um amargo desapontamento" de todos aqueles que esperavam que ele fosse demonstrar, nessa ocasião, que os EUA iriam responder aos "urgentes apelos daqueles que julgavam que o programa de ajuda americano não se orienta em direção aos que são os amigos mais leais da América"⁶⁰⁴

Mas apesar da postura crítica por reivindicar maior compromisso dos EUA para com o Brasil, "O Estado", assim como "O Jornal", e "O Globo", eram jornais tidos como "responsáveis", com quem a USIA contava para publicação de sua opinião no Brasil. Segundo relatórios da agência de 1956, tanto em "O Jornal", quanto em "O Estado" (assim como em

⁶⁰⁰ Cf. **Documento 76**.

⁶⁰¹ Também Professor de Ciência Política na Universidade de São Paulo, na PUC-SP e no Programa San Tiago Dantas.

⁶⁰² Cf. **Documento 76**. Cf. trecho original em **Transcrição 240**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁰³ Cf. **Documento 97**: "*Brazilian Opinion of US Policies (June 1956)*". Cf. trecho original em **Transcrição 241**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁰⁴ Cf. **Documento 72**: "*IM- 23- 56, Latin American reactions to the Panama Meeting of Presidents of the American Republics, August 15, 1956*". Cf. trecho original em **Transcrição 242**, Transcrições (tradução nossa).

outros jornais "responsáveis" do Brasil)⁶⁰⁵, foram publicados vários editoriais em favor do programa "*Atoms for Peace*" e contra o monopólio estatal brasileiro da energia atômica no Brasil. A USIA destacava a série de artigos especiais, publicados em maio de 1956 no "Estado":

Aproximadamente no meio de maio, O Estado concluiu uma série de artigos especiais sobre o "Brasil na era atômica", produzidos para influenciar a opinião pública em direção à uma compreensão mais sadia sobre os problemas envolvidos. A série começou afirmando que, infelizmente, as paixões distorceram as discussões sobre esse assunto importante e que, em primeiro lugar, o que deveria ser decidido era se o monopólio do governo para o desenvolvimento da energia atômica era contra os interesses nacionais. Os artigos subsequentes discutiram o delicado tema da exploração das areias monazíticas e a exportação de óxido de tório para os EUA. A série concluía com a opinião de que "adotar uma política de monopólio do Estado em um campo que necessita de cooperação de empresas privadas, arriscava atrasar a utilização da energia atômica para fins pacíficos no país" O jornal dizia que enquanto o Estado tinha o absoluto direito de exercer a direção sobre o tema, essa seria melhor exercida por meio de uma autarquia.⁶⁰⁶

No mesmo ano de 1956, a USIA começava a usar, de acordo com diretrizes globais, temas de interesse da agência em séries de artigos especiais nos jornais brasileiros, seja sobre os benefícios do uso pacífico da energia atômica, como propunha o "*Atoms for Peace*" de Eisenhower no "Estado", quanto as séries de reportagens que alertavam sobre os riscos do comunismo, chamada de "A morte vem de Moscou", em "O Globo".

Encontradas entre as reportagens publicadas pelo Departamento de Imprensa dos USIS brasileiros nos arquivos da USIA em *College Park*, a série de artigos intitulados "A Morte Vem de Moscou", contada em "O Globo", com ilustrações de André Le Blanc e sem assinatura de reportagem, teve seis "episódios", de 21 a 28 de maio de 1956.⁶⁰⁷

A série contava a história de assassinatos ligados a agentes comunistas no Brasil e no mundo. Em sua primeira reportagem, a série comparava o comunismo ao nazismo e contava a história de um padeiro ligado ao comunismo, que com outros membros do Partido Comunista, e a mando de Luiz Carlos Prestes, teriam "executado brutalmente" a jovem Elza Fernandes.⁶⁰⁸

⁶⁰⁵ Cf. **Documento 97**.

⁶⁰⁶ Cf. **Documento 97**. Cf. trecho original em **Transcrição 243**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁰⁷ Cf. **Documento 98**.

⁶⁰⁸ Id.

FIGURA 42 - Série de reportagens do Departamento de imprensa da USIA publicada em "O Globo", chamada "A morte vem de Moscou", de 21 a 28 de maio de 1956.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

A terceira reportagem contava a história de uma menor de idade conhecida como "Nelly", que por se apaixonar por um comunista foi também assassinada. A quarta reportagem contava a história do assassinato de um taxista, que teria ocorrido pelas costas, por comunistas que tinham assassinado a jovem Nelly. Com a manchete "Inocente Chefe de Família, Vítima do Instituto Sanguinário Dos Comunistas", trazia como subtítulo "'Paulista' Foi Assassinado

Apenas Porque Conduziu em Seu Táxi os Executores de 'Neli' – Rememorando um Crime Que Chocou Profundamente os Sentimentos Cristãos da Família Brasileira".

A sexta e última reportagem da série, contava a história de Trotsky no México, que a mando de Stálin, também fora assassinado pelas costas.

FIGURA 43 - Última reportagem de "A morte vem de Moscou", publicada em "O Globo", em 28 de maio de 1956.

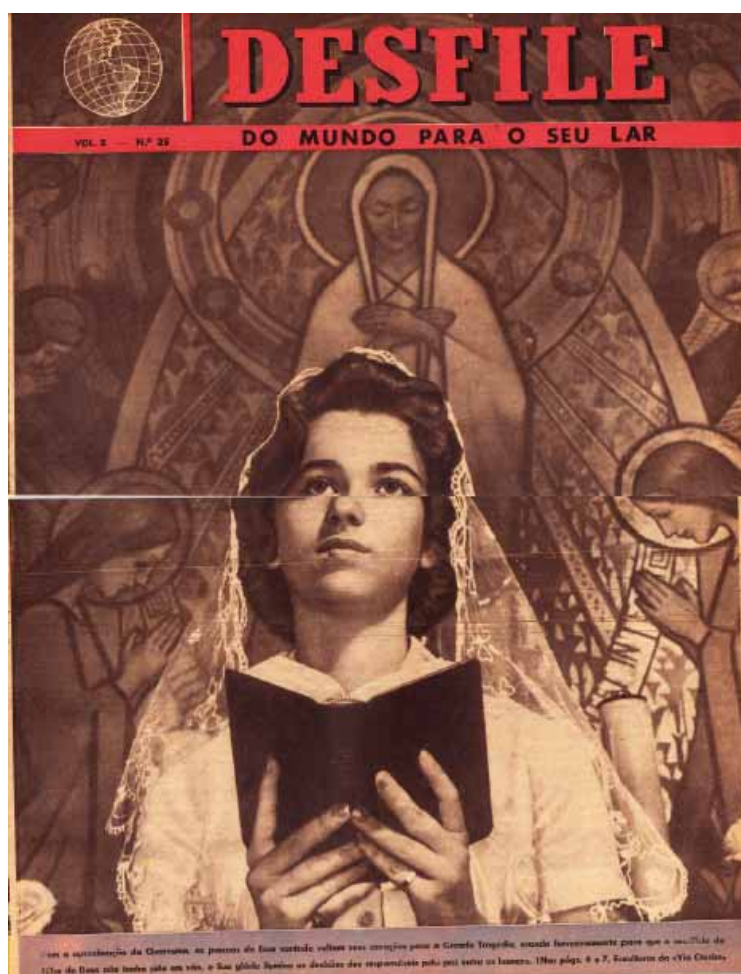


Fonte: Cf. Documento 98.

Como já apontava o *Country Plan* da USIA em 1953, os USIS no Brasil também se preocupavam em atingir os diversos jornais, com diferentes públicos. Para isso a USIA também preparava suplementos para menores jornais regionais, como "A Gazeta Comercial", de Juiz de Fora (MG), ou "A Gazeta", de Santa Cruz do Sul (RS). Os suplementos, como o "Desfile do Mundo para o seu Lar", misturavam temas católicos, com variedades ligadas ao estilo de vida americano e por fim, atualidades mundiais, sempre com a perspectiva americana.

A capa do suplemento "Desfile do Mundo para o seu Lar" de abril de 1957, a seguir, falava sobre a quaresma. Esse documento foi encontrado nos arquivos da seção de imprensa do USIS Rio de Janeiro, entre jornais e suplementos também produzidos pela USIA no Brasil.

FIGURA 44 - Capa do suplemento "Desfile do mundo para o seu Lar", de abril de 1957, que falava sobre a quaresma.



Fonte: Cf. **Documento 78**.

A publicação da USIA, dedicada a jornais de cidade do interior, falava em sua capa principalmente aos católicos: "Com a aproximação da Quaresma, as pessoas de boa vontade voltam seus corações para a Grande Tragédia, orando fervorosamente para que o sacrifício do Filho de Deus não tenha sido em vão, e Sua glória ilumine as decisões dos responsáveis pela paz entre os homens" e junto ao subtítulo da capa, o anúncio de uma reportagem sobre esculturas da "Via Crucis", no interior do encarte.

Dentro do suplemento, ao lado da matéria sobre as esculturas religiosas, havia uma reportagem sobre uma jovem brasileira que ganhou uma bolsa do jornal "*Herald Tribune*" para ir aos EUA. Norma, como se chamava, havia tido muito sucesso por lá tocando trompete (sambas, gafieiras e jazz), participando de trabalhos comunitários, dando palestras sobre o Brasil nas escolas e até ganhando cerca de US\$ 6 mil, em um famoso programa de TV americano chamado "Qual o nome da Música?".

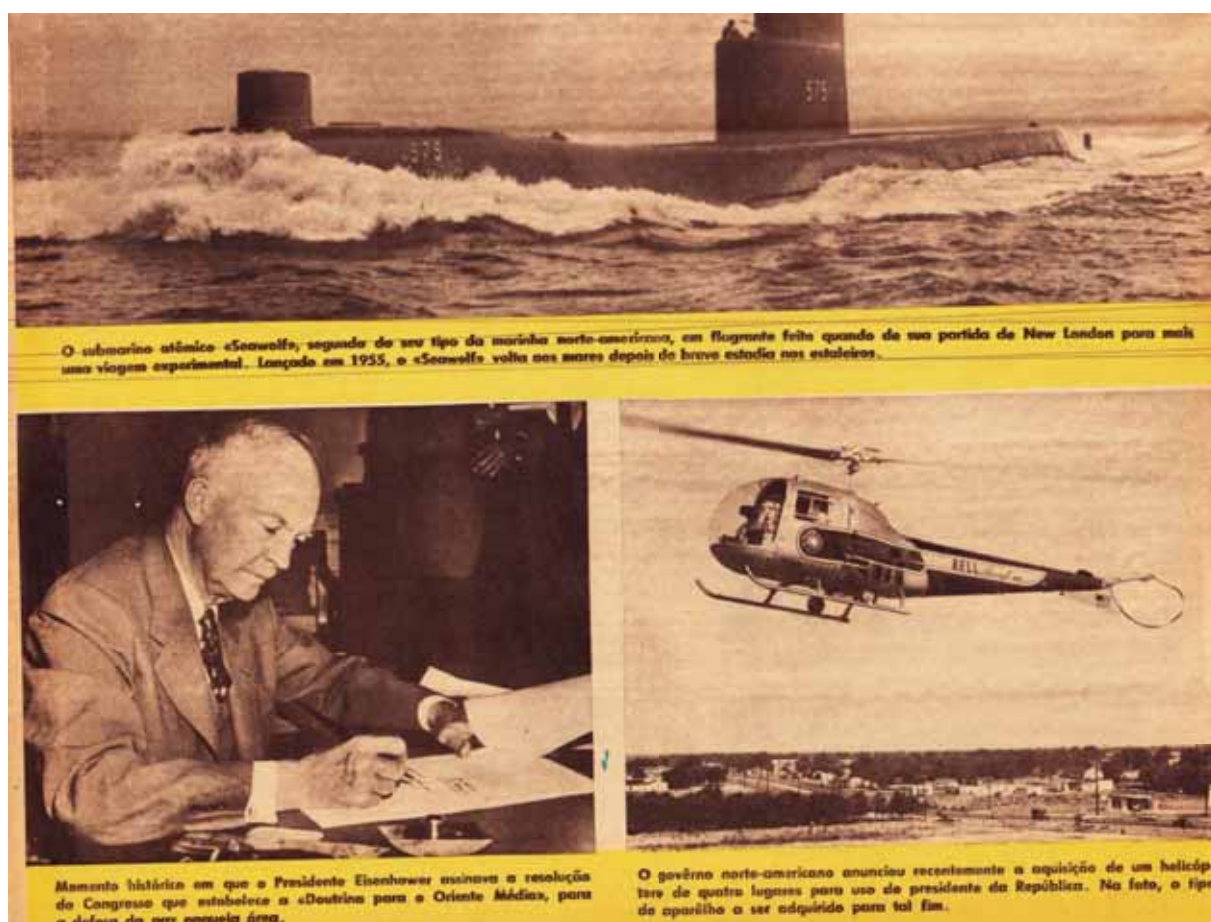
FIGURA 45 - Reportagem do suplemento "Desfile do mundo para o seu Lar", de abril de 1957, com reportagens sobre trompetista brasileira que visitava os EUA.



Fonte: Cf. Documento 78.

Na última página do suplemento eram contadas as últimas notícias "internacionais", todas relacionadas aos EUA, nenhuma delas ao Brasil. A primeira apresentava o novo submarino nuclear americano em partida para uma viagem "experimental". A segunda descrevia o novo helicóptero do Presidente americano, com luxuosos quatro lugares. A terceira e última mostrava a foto do próprio Presidente Eisenhower, em um "momento histórico", assinando a resolução que estabelecia a "Doutrina para o Oriente Médio", para "garantir a paz" naquela região.

FIGURA 46 - Reportagem sobre atualidades mundiais, com destaque para o Presidente Eisenhower, no suplemento "Desfile do mundo para o seu Lar", em abril de 1957.



Fonte: Cf. **Documento 78**.

Os dois exemplos dados de suplementos e série de reportagens da USIA em jornais brasileiros eram voltadas para públicos diferentes. O primeiro, em "O Globo", de circulação nacional, mas com maior público principalmente no Rio de Janeiro, apresentava uma das linhas editoriais da USIA nos jornais brasileiros: o anticomunismo. A segunda apresentava

outro perfil entre as publicações da USIA, voltado para jornais regionais e mesclando valores cristãos, com reportagens de variedades que exaltavam o estilo de vida americano; e, por fim, os feitos da política externa americana com uma perspectiva positiva.

Em comum, entre os dois tipos de reportagem da agência estava um dos grandes princípios do modo USIA de agir nos meios de comunicação de massa: a não-assinatura de suas produções⁶⁰⁹. Isso, segundo suas pesquisas de mercado, mostravam-nas menos tendenciosas, e portanto mais eficazes por não deixar nenhum rastro de intervenção governamental americana.

Outro tipo de publicação da USIA era a revista bimensal "Problemas do Comunismo"⁶¹⁰, voltado para um público mais elaborado e formador de opinião, com reportagens mais aprofundadas e densas, apresentando dados estatísticos e menos ilustrações.

FIGURA 47 - Textos da revista "Problemas do Comunismo", publicação mundial da USIA, no Brasil distribuída pela Editora Ipanema, sem assinatura da agência, de setembro de 1956.

<i>Problemas do Comunismo</i>	
NÚMERO SETEMBRO-OUTUBRO	8 VOL. I 1956
Acontecimentos Atuais	
O Vigésimo Congresso e Depois Anatomia da Titania: O Ataque do Sr. Khrushchev contra Stalin	1
Tela Caminhos Para o Poder, por Richard Lowenthal	9
Bulgária e Khrushchev na Grã-Bretanha, por Denis Healey	14
União Soviética	
Rumos Recentes na Política Trabalhista Soviética, por Jerry G. Gluckman	20
Nova Era na Arquitetura Soviética?, por Paul Willen	29
China	
Trabalho Forçado na China Comunista, por Karl A. Wittfogel	34
Livros	
Utopias e Realidades Sidney Hook: Marx e os Marxistas, e Daniel Norman: Marx e a Realidade Soviética, revisão por Ben B. Solignac	42
A Longa Viagem de Volta Wolfgang Leonhard: A Revolução Repudia os seus Filhos, revisão por Marianne Pollak	44
Notas e Comentários	
Estudos Recentes Sobre Assuntos Comunistas	47
Correspondências	50
PREÇO: — Cr\$10,00	

Fonte: Cf. Documento 99.

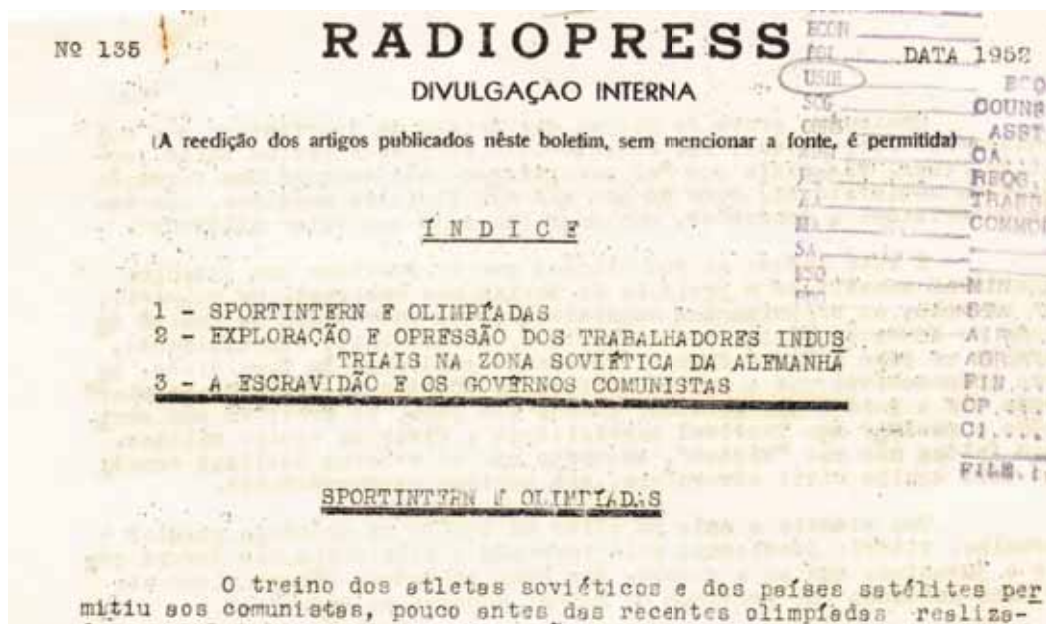
⁶⁰⁹ Mais sobre o princípio de anonimato nas produções da USIA em Bogart (1995, pp.114-115, 123). Trechos selecionados, respectivamente, cf. **Transcrição 93** (Transcrições).

⁶¹⁰ Cf. Documento 99.

Seus artigos, de acadêmicos e especialistas ilustres, sempre desmitificavam dados sobre a União Soviética e a China Comunista e tinham livres direitos de reprodução (curiosamente com exceção para os EUA e Canadá). Mais uma vez a marca da USIA não aparecia como produtora do material, que era assinada no Brasil pela Editora Ipanema. Essa revista era também reproduzida em várias línguas, em todos os continentes, mas nunca com a marca da USIA.⁶¹¹

O anonimato era uma das condições para o uso das notícias e materiais distribuídos pela USIA. Em seu boletim diário de notícias, ao invés de condicionar a reprodução à citação da fonte, liberava o uso apenas quando não fosse citada a fonte: "A reedição dos artigos publicados neste boletim, sem mencionar a fonte, é permitida".

FIGURA 48 - Boletim de notícias da USIA: não mencionar a fonte era requisito para a utilização dos materiais.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

O próprio Streitbert, diretor da USIA em 1954, declarava no Congresso norte-americano que o anonimato era condição básica para a aceitação do público nos jornais, por exemplo, dos quadrinhos: "Se os leitores dos jornais que publicam esses quadrinhos

⁶¹¹ Cf. **Documento 99**.

soubessem que eles foram produzidos para nossos propósitos, os jornais talvez não os utilizassem mais".⁶¹²

Em pesquisa interna sobre a eficácia da distribuição e do uso das notícias da USIA nos jornais, revistas, rádios e televisões brasileiras em 1959⁶¹³, descobria-se que, apesar do maior atraso em lugares mais longínquos como o Norte e interior do Brasil, as notícias chegavam a todas as regiões brasileiras, e diariamente no Rio de Janeiro e em São Paulo: "A grande maioria dos veículos pesquisados – quatro entre cinco jornais, nove entre dez radialistas, e mais do que três entre cinco revistas – relataram receber os materiais dos USIS".⁶¹⁴

O uso das notícias era também satisfatório, principalmente nas cidades capitais, no Norte, em rádios e TVs, onde o uso apresentava-se proporcionalmente maior: "Enquanto a maioria dos veículos que recebem os materiais da USIS usam menos do que a metade do que eles têm, quase um terço das estações de rádio e TV cobertas pela pesquisa usam mais do que 50% do material; essa percentagem é ainda mais alta nas cidades capitais e no norte".⁶¹⁵

Além da eficiente distribuição, a USIA no Brasil também contava com aliados de peso para difundir suas notícias, como o já mencionado Assis Chateaubriand e jornalistas declaradamente pró-americanos como Carlos Lacerda, Pereira Carneiro e Paulo Bittencourt. Assim como esses, havia as organizações como a Agência Nacional⁶¹⁶, que "plantavam" matérias e/ou editoriais (muitas vezes com pseudônimos) em jornais de grandes circulação como "O Globo"⁶¹⁷, "Correio da Manhã", "Tribuna de Imprensa"⁶¹⁸ e revistas como "O Cruzeiro". Em listagem secreta da USIA de 1958, indicavam-se os jornais e revistas mais importantes do Brasil, com quem a agência poderia contar:

⁶¹² Cf. **Documento 112**. Cf. trecho original em **Transcrição 244**, Transcrições (tradução nossa).

⁶¹³ Cf. **Documento 78**: "*Utilization and Opinions of USIS Brazil - Media Press Services, 1959*".

⁶¹⁴ Cf. **Documento 78**. Cf. trecho original em **Transcrição 245**, Transcrições (tradução nossa).

⁶¹⁵ Cf. **Documento 78**. Cf. trecho original em **Transcrição 246**, Transcrições (tradução nossa).

⁶¹⁶ Esses citados nominalmente pelo historiador da CIA, HAINES (1989, p. 168.) Cf. trecho selecionado em **Transcrição 94** (Transcrições).

⁶¹⁷ Artigos apócrifos ou editoriais assinados por pseudônimos em "O Globo" e "O Cruzeiro" também citados em HAINES (1989, p. 169). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 95** (Transcrições).

⁶¹⁸ Sobre o trabalho da USIA no "Correio da Manhã" e "Tribuna de Imprensa" é referência o pioneiro sobre a USIA no Brasil, dissertação de mestrado defendida na USP, por Cattai (2011).

FIGURA 49 - Lista da USIA sobre órgãos importantes de imprensa não comunista no Brasil, em 1958.

OFFICIAL USE ONLY			
Country	Selected list of Important Newspapers and Magazines	Circulation	Orientation
Brazil	<u>O Cruzeiro</u> (weekly)	585,000	pro-US; generally independent; pictorial.
	<u>Manchete</u> *	80,000	pro-US; generally independent; pictorial.
	<u>Vozes</u> *	54,000	pro-US; influential in conservative circles.
	<u>O Cruzeiro Internacional</u> (bi-weekly)	282,000	Spanish language edition of <u>O Cruzeiro</u> ; carries considerable material from Brazilian edition and follows same orientation.

OFFICIAL USE ONLY			
Country	Selected list of Important Newspapers and Magazines	Circulation	Orientation
Brazil	<u>O Globo</u>	120,000	pro-US; anti-Communist; conservative; influential.
	<u>Diário de Notícias</u>	90,000	critical of US; strongly nationalist; frequently pro-Communist.
	<u>Diário da Noite</u>	85,000	pro-US; anti-Communist; conservative.
	<u>Correio da Manhã</u>	65,000	pro-US; anti-Communist; conservative; influential.
	<u>Última Hora</u>	61,000	very critical of US; leftist, nationalist; often pro-Communist.
	<u>O Jornal</u>	60,000	pro-US; anti-Communist; conservative; pro-government.
	<u>Tribuna da Imprensa</u>	41,000	pro-US; anti-Communist; independent.
	<u>Diário Carioca</u>	40,000	pro-US; anti-Communist; organ of Social Democratic Party (PSD) presently in power; conservative.
	<u>Jornal de Comércio</u>	32,000	pro-US; anti-Communist; conservative.
	<u>Jornal do Brasil</u>	30,000	pro-US; anti-Communist; conservative; highly respected; influential in conservative circles.
	<u>Diário de São Paulo</u>	100,000	pro-US; anti-Communist.
	<u>O Estado de São Paulo</u>	100,000	pro-US; anti-Communist; conservative.
	<u>Folha de Manhã</u>	100,000	pro-US; anti-Communist; conservative.

Fonte: Cf. Documento 100.

A partir do governo Kennedy, com a mudança de foco da USIA para o Brasil, restringindo a sua atenção principalmente a estudantes, trabalhadores urbanos e rurais, principalmente no Nordeste, as publicações dos USIS também se diversificaram e dedicaram-se à produção de materiais especiais para esses públicos. O trabalho com os maiores jornais e revistas do País, porém, se manteve.

Além da figura do Presidente e de sua família, os novos programas de JFK, como o *Peace Corps*, por exemplo, continuaram a ser elogiados pelos jornais brasileiros com maior circulação. Segundo levantamento da USIA, em 1961:

Exceto Cuba, a reação da imprensa latino-americana foi extremamente favorável. No Brasil, o Jornal do Commercio aplaudia a ideia e dizia que o "corps" permitiria que os jovens da América do Norte "pussem em prática suas ideias democráticas, fraternidade humana e a dignidade do trabalho por meio dos contatos interpessoais".⁶¹⁹

A partir de 1963, os "latino barômetros" também começaram a apontar uma mudança de postura em relação governo brasileiro de Goulart. No levantamento da USIA em setembro de 1963, as críticas dos jornais brasileiros (ou de correspondentes desses jornais) eram motivo de preocupação para a agência. O correspondente do "Jornal do Brasil" nos EUA, Nahum Sirotsky, relatou uma situação de grave crise política no governo brasileiro à USIA de Murrow.⁶²⁰

O "Estado de S. Paulo" também demonstrava a crise vivida por Jango, segundo a USIA:

Goulart está desesperado, de acordo com o normalmente confiável Estado de São Paulo, e ameaça a começar as expropriações de terra com indenização em dinheiro. ...O Estado de São Paulo sugere o rompimento aberto entre os normalmente aliados PTB (Partido Trabalhista =Goulart) e o PSD. Enquanto isso, Kubitschek, o líder nas pesquisas para Presidente em '65, admite a possibilidade [de se candidatar] .⁶²¹

Mesmo com a morte de Kennedy, os jornais brasileiros de maior circulação continuaram, no geral, a elogiar o seu sucessor, Lyndon Johnson. Segundo relatório da USIA em janeiro de 1964, o "Estado de S. Paulo" dedicou de 20 a 27 de dezembro uma cobertura exclusiva do primeiro mês de Johnson na presidência, descrevendo-o como um "um político profissional (...), um dos mais talentosos articuladores táticos do Congresso".⁶²²

Ao mesmo tempo, o relatório da agência destacava a postura crítica do jornal em relação a Goulart, que atrapalharia a aproximação dos EUA com a América Latina: "Neste mais delicado momento da história brasileira, há um grupo que não pensa, esforçando-se para impedir a realização das aspirações da nação".⁶²³

⁶¹⁹ Cf. **Documento 101**. Cf. trecho original em **Transcrição 247**, Transcrições (tradução nossa).

⁶²⁰ Cf. **Documento 102**.

⁶²¹ Cf. **Documento 102**. Cf. trecho original em **Transcrição 248**, Transcrições (tradução nossa).

⁶²² Id. Cf. trecho original em **Transcrição 249**, Transcrições (tradução nossa).

⁶²³ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 250**, Transcrições (tradução nossa).

Após o primeiro mês de mandato de Johnson, o "Estado" publicava um editorial que fechava a série de reportagens especiais sobre o novo Presidente americano, em 27 de dezembro de 1963, intitulado "*The First Thirty Days of Lyndon Johnson*" (Os primeiros trinta dias de Lyndon Johnson). A USIA caracterizava o editorial, publicado quatro meses antes do golpe, como "elogios efusivos ao Presidente Johnson e uma expressão da mais alta confiança na sua habilidade em 'defender a civilização e garantir a paz'".⁶²⁴

É interessante notar que após o golpe militar de primeiro de abril de 1964, a USIA encomendou uma pesquisa sobre "Como os profissionais da mídia de massa afetam o processo político e porque eles agem dessa maneira para alcançar o efeito desejado"⁶²⁵, com base em entrevistas das pessoas responsáveis pelos meios de comunicação mais influentes do país. A conclusão a que o estudo chegava era de que os grandes meios de comunicação do Brasil eram empresas familiares, que refletiam a posição social (abastada) de seus proprietários:

(...) os jornais politicamente importantes do Brasil não são instituições impessoais. A maioria reflete suas opiniões gerais de acordo com a posição de seu dono, que circula entre os círculos sociais mais altos. O resultado disso é que as ideias são normalmente as clássicas liberais, ao invés das marxistas, e os seus interesses são normalmente conservadores, ao invés de revolucionários. (...) Os jornalistas são independentes até onde o diretor permitir.⁶²⁶

Mesmo com as denúncias públicas de possíveis participações estrangeiras em publicações dos "Diários Associados" (que já entrava em crise financeira), da editora Abril, do *Reader's Digest* e do acordo da *Time-Life* com a Globo, em 1966, as atividades dos USIS não foram denunciadas e continuaram normalmente: Segundo telegrama interno da USIA: "houve uma pequena menção na imprensa ao programa de livros da USAID mas sem citar os USIS. Sem sinal, ainda, de nenhum ataque (...) o Cruzeiro e a TV Tupi continuam usando o material dos USIS".⁶²⁷

Por isso, o trabalho dos USIS com a imprensa continuou. Ainda em 1982, estudos mencionavam publicações brasileiras que usavam material anticomunista da USIA, como o "Jornal da Tarde", que publicou uma série de charges humorísticas satirizando as promessas

⁶²⁴ Cf. **Documento 102**. Cf. trecho original em **Transcrição 251**, Transcrições (tradução nossa).

⁶²⁵ Cf. **Documento 83**: "*BR 6403, Brazil Effect of Media on Politics, 1964*". Cf. trecho original em **Transcrição 252**, Transcrições (tradução nossa).

⁶²⁶ Cf. **Documento 83**: "*BR 6403, Brazil Effect of Media on Politics, 1964*". Cf. trecho original em **Transcrição 253**, Transcrições (tradução nossa).

⁶²⁷ Cf. trecho original em **Transcrição 254**, Transcrições (tradução nossa). Descritos em relatórios confidenciais do Departamento de Estado naquele ano, cf. **Documento 104**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 96** (Transcrições).

não cumpridas da URSS, aproveitando das dificuldades internas do bloco no início dos anos 1980⁶²⁸.

A mídia tradicional, porém, não foi a única frente da USIA para influenciar os diferentes grupos no Brasil. Para cada grupo a ser atingido, seja nas grandes cidades ou no interior, a agência tinha uma tática especial para os estudantes, trabalhadores das cidades ou do campo e para as favelas.

3.4 Os programas para os grupos prioritários: estudantes, trabalhadores urbanos e rurais

Além dos grupos dominantes politicamente, economicamente e formadores de opinião – como jornalistas, artistas e intelectuais – era fundamental para a USIA a mobilização de grupos emergentes e potenciais transformadores da ordem vigente. Eram esses os estudantes, os trabalhadores da cidade e do campo.⁶²⁹ Isso considerando o contexto de instabilidade política em um país jovem em ampla transformação como o Brasil dos anos 1950 e 1960.

Entre esses grupos, os naturalmente afetados pela estrutura da USIA no Brasil (centros binacionais, com bibliotecas e escolas de inglês) eram os estudantes, alvos por excelência das políticas da agência. Como visto no subcapítulo 3.1, os estudantes brasileiros eram alvo constante de pesquisas quantitativas e qualitativas, de modo que se formulassem as medidas mais adequadas para esse grupo, um dos mais antiamericanos do país e mais pró-comunistas.

As políticas de atração dos jovens estudantes eram realizadas por meio da educação e da cultura. O lado educacional contava com o ensino da língua, com a disponibilização de livros americanos a preços atrativos (subsidiados), ou locados em bibliotecas dos USIS, e com as bolsas de estudo para jovens promissores. A frente cultural promovia a exibição de filmes, a transmissão de programas com as músicas americanas nas principais estações de rádio brasileiras e a organização de feiras e exposições de assuntos de interesse americano, como o uso pacífico da energia nuclear ou com os feitos espaciais americanos.

⁶²⁸ Cf. CULL (2008, p. 424). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 97** (Transcrições).

⁶²⁹ Sobre os critérios de definição dos grupos prioritários da USIA, cf. BOGART (1995, p. 55). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 98** (Transcrições).

FIGURA 50 - Os estudantes na mira da USIA: foto de correspondências entre a União Estadual dos Estudantes Fluminenses e o Partido Comunista Chinês, tirada pelo USIS/Rio de Janeiro, após o golpe militar.



Fonte: Cf. Documento 107.

Para a difusão de livros americanos, ao longo dos anos 1950 e 1960, a USIA desenvolveu um programa de tradução de obras selecionadas, que eram subsidiadas e voltadas para o público estudantil.⁶³⁰ Entre 1950 a 1963, foram traduzidos ao português livros que contavam o progresso americano em temas como eletrônica, eletricidade, energia atômica, desenvolvimento econômico. Também eram destaque biografias de grandes heróis americanos, como Eleanor Roosevelt, Abraham Lincoln e clássicos internacionais como "*Moby Dick*", "*Animal Farm*" e "*A Democracia na América*".

Outros temas recorrentes entre as publicações traduzidas e distribuídas pela agência eram os que criticavam o regime comunista, como "*Tempestade sobre o mundo: A morte da liberdade na Rússia*", "*Mestres do Embuste*" e "*A Condição Humana na China Comunista*".

⁶³⁰ Cf. Documento 105.

Nos anos 1950 e 1960, a USIA traduziu e distribuiu no Brasil obras de Ernest Hemingway, J. Edgar Hoover e Raymond Aron. Os preços ao consumidor final variavam de 50 centavos de dólar a US\$ 3 dólares.⁶³¹

Além de facilitar a exportação de livros por meio do *Informational Guaranty Media Program*, auxiliando as editoras americanas na venda de livros no Brasil a partir de 1954, a USIA também agia como intermediária e facilitadora para publicação de seus livros por editoras brasileiras.

Roberto Gonzaga, chefe de imprensa do USIS no Rio de Janeiro, intermediava as negociações com editoras brasileiras e as encaminhava para Dr. Gordon Brown, CAO-USIS/Rio, responsável pelos contratos com editoras brasileiras. Em um desses casos⁶³², Gonzaga teria cobrado do jornalista e escritor Lúcio Rangel cerca de Cr\$ 8 mil cruzeiros pelo direito de publicação de quatro livros da USIA, o que normalmente não fazia parte do procedimento da agência.

Saldanha Coelho, outro célebre jornalista da época e ligado a Rangel, denunciou o ocorrido à Embaixada americana, que abriu investigação interna para julgar o caso da "gratificação" pedida por Gonzaga. Segundo depoimento por escrito de Rangel, ele havia entregado o dinheiro, em mãos, ao chefe do Departamento de imprensa do USIS/Rio, em um café na frente da Embaixada americana. O fato foi negado por Gonzaga, que teria dito que tal valor teria sido repassado a Rodrigo Miranda, outro funcionário do USIS Rio, para os serviços de tradução de livros americanos⁶³³.

Para Gonzaga, chefe de imprensa do USIS/Rio, Lúcio Rangel seria um testa de ferro de Saldanha Coelho, para conseguir direitos de livros da USIS para outras editoras: "Durante o processo de inquérito, Roberto Gonzaga declarou acreditar que ele poderia provar que Lúcio Rangel era só um 'parceiro silencioso' ou um 'testa de ferro' de Saldanha Coelho no mercado editorial, (...) e que Saldanha estava tentando usar Rangel para deslegitimar Gonzaga"⁶³⁴.

Lúcio Rangel foi consultado pelo Departamento de Inspeção da USIA na própria sede da editora Alvorada-Edições de Arte, da qual ele era editor, e manteve sua história original: "o Sr. Dickinson encontrou o Sr. Rangel no escritório do último, na Travessa do Ouvidor, 27, às 2:10 daquela tarde. O Sr. Rangel continuou a afirmar que ele deu Cr\$ 8.000 a Roberto

⁶³¹ Cf. **Documento 105**.

⁶³² Descrito em informe interno do Departamento de inspeção da USIA, em 9 de setembro de 1955, cf. **Documento 74**: "*Record of Meeting in Mr. Vebber's Office - September 9, 1955*".

⁶³³ Cf. **Documento 74**.

⁶³⁴ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 255**, Transcrições (tradução nossa).

Gonzaga (...) Ele repetidamente declarou que conhecia Roberto Gonzaga e que foi ele que havia recebido o dinheiro"⁶³⁵.

O fato é que os USIS tinham contato direto com figuras de destaque no meio editorial brasileiro da época, como Rangel e Saldanha Coelho e, como visto, assistia à cerrada concorrência das editoras nacionais para a publicação de seus livros.

Os livros americanos eram disponíveis também para aqueles que não quisessem comprá-los, sendo acessíveis nas bibliotecas espalhadas pelo País, que configuravam a célula inicial da presença física americana no Brasil. Além dos livros, as bibliotecas eram centros de encontro e sedes físicas para cursos de línguas e outras atividades.⁶³⁶

Para os estudantes que se destacavam como maiores potenciais lideranças em suas áreas de atuação, eram oferecidas bolsas de estudo para os EUA. Em 1953, 61 estudantes na faixa dos 30 anos, em sua maioria de São Paulo (34 paulistas), e o restante do Rio de Janeiro foram escolhidos como bolsistas.⁶³⁷ Um quarto desses era considerado da classe mais alta e os outros da classe "B".

A maioria dos estudantes era da área de ciências humanas e sociais. Segundo pesquisa feita com os bolsistas depois de seus regressos ao País⁶³⁸, a avaliação dos EUA e de seu modo de vida era mais alta entre os estudantes que foram aos EUA do que a dos estudantes brasileiros, das mesmas áreas, que ficaram no Brasil:

Sobre as atitudes em relação aos americanos e ao estilo de vida americano, não há dúvidas de que o efeito automático de suas visitas foi favorável. Esta conclusão é baseada não só no que os bolsistas relataram, mas também comparando as suas opiniões com as de um outro grupo de brasileiros, que não fizeram a viagem aos Estados Unidos.⁶³⁹

Outra característica observável pela pesquisa era que os ex-bolsistas brasileiros tornavam-se defensores e promotores da boa imagem americana em seus campos de atuação:

O ponto mais interessante deste estudo foi o de como os bolsistas que retornaram tornam-se emissários ou fontes de informação sobre os Estados Unidos nas suas comunidades (...) todo bolsista acaba sendo considerado como uma autoridade sobre os Estados Unidos, pelo menos em alguns assuntos e em certos círculos"⁶⁴⁰.

⁶³⁵ Cf. **Documento 74**. Cf. trecho original em **Transcrição 256**, Transcrições (tradução nossa).

⁶³⁶ Mais sobre a importância das bibliotecas na estratégia da USIA na América Latina em Bogart, (1995, p. 25). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 99** (Transcrições).

⁶³⁷ Cf. **Documento 106**.

⁶³⁸ Id.

⁶³⁹ Cf. **Documento 106**. Cf. trecho original em **Transcrição 257**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁴⁰ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 258**, Transcrições (tradução nossa).

Um segundo grupo prioritário para a USIA em um Brasil em crescimento era o de trabalhadores urbanos, que se apresentavam como foco potencial de comunismo, inclusive com ligações com o PTB de Jango por causa do formato "tutelado" que os sindicatos brasileiros foram formados desde Getúlio. No planejamento da USIA para o biênio de 1954-1955, essa importância estratégica do Trabalho era destacada: "O Trabalho é um dos, se não o principal, grupo alvo para o esforço comunista soviético (...) ajudado e incitado pelos agentes do peronismo, ambos com apoio substancial de um importante elemento do Partido Trabalhista Brasileiro".⁶⁴¹

Por causa da importância da área e do potencial "comunista-peronista" dos sindicatos brasileiros, desde o *Country Plan* da USIA, de 1953, foi indicado a figura do "*Labor Attaché*", que seria responsável pela articulação com as lideranças sindicais brasileiras, pela produção de materiais anticomunistas específicos para os trabalhadores do País, em conjunto com organizações da Igreja Católica que trabalhavam com sindicatos, organizações sindicais americanas, internacionais e com a chancela do Ministério do Trabalho brasileiro da ocasião.⁶⁴²

Com ajuda das organizações brasileiras (algumas sem comprovação de existência) e entidades de trabalho americanas, os USIS difundiram muitos materiais por meio desses grupos. Os materiais de teor anticomunista eram dedicados aos operários brasileiros e nenhum dos encontrados nos arquivos americanos – como revistas, quadrinhos e folhetos dos USIS brasileiros – eram assinados oficialmente pela USIA ou por qualquer órgão relacionado ao governo americano.

A série de panfletos abaixo, assinados por uma instituição chamada de "Lei e Polícia-serviço de contra propaganda" era destinada aos operários, criticando a liberdade de trabalho e política e a falta de valores religiosos no comunismo.

⁶⁴¹ Cf. **Documento 64**. Cf. trecho original em **Transcrição 259**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁴² Id. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 100** (Transcrições).

FIGURA 51 - Folheto anticomunista produzido pela USIA no Brasil e assinado por "Lei e Polícia - serviço de contra propaganda".



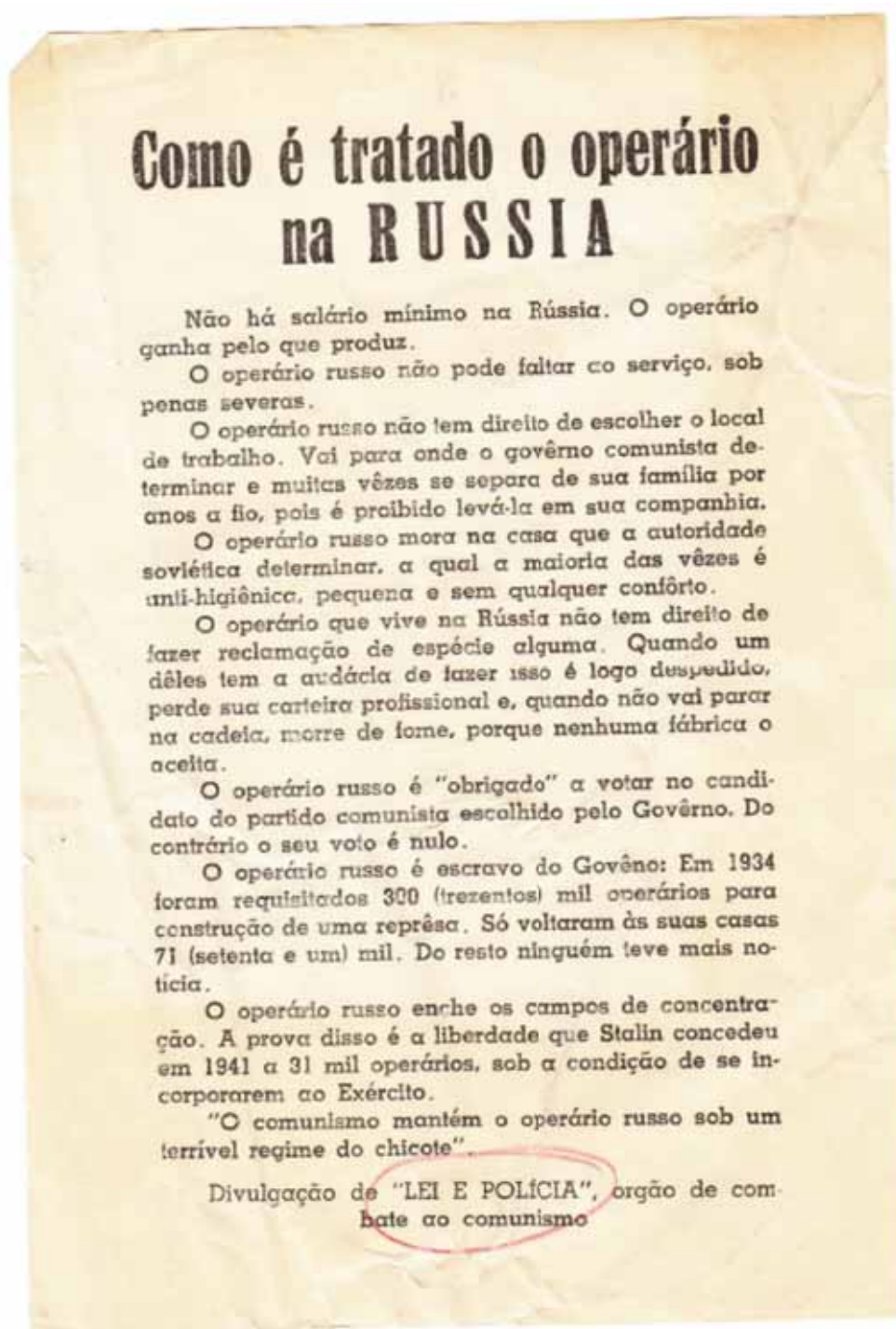
Fonte: Cf. **Documento 98**.

FIGURA 52 - Folheto anticomunista produzido pela USIA no Brasil, reforçando valores religiosos e assinado por "Lei e Polícia - serviço de contra propaganda".



Fonte: Cf. **Documento 98**.

FIGURA 53 - Folheto anticomunista produzido pela USIA no Brasil, voltado para o operariado nacional e assinado por "Lei e Polícia - serviço de contra propaganda".



Fonte: Cf. Documento 98.

FIGURA 54 - Folheto anticomunista produzido pela USIA no Brasil, associando o comunismo à "Traição, Ódio e Sangue" e assinado por "Lei e Polícia - serviço de contra propaganda".



Fonte: Cf. Documento 98.

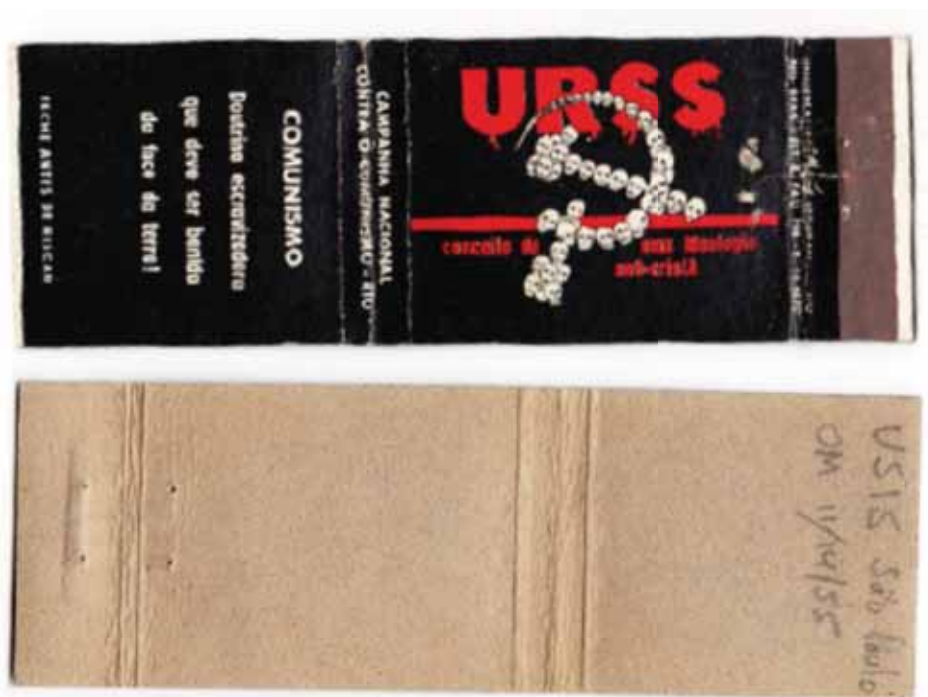
FIGURA 55 - Material anticomunista produzido pela USIA no Brasil, contrapondo o comunismo aos valores familiares e à liberdade, assinado por "Campanha de Educação Social".



Fonte: Cf. Documento 98.

O curioso é que muitos desses documentos localizados nos arquivos americanos apresentavam anotações a lápis, nos versos, com data e localização do posto da USIA no Brasil, assim como a caixa de fósforos abaixo.

FIGURA 56 - Caixa de fósforos anticomunista produzida pela USIA no Brasil. No verso escrito à lápis "USIS São Paulo, OM 11/14/55".



Fonte: Cf. **Documento 98**.

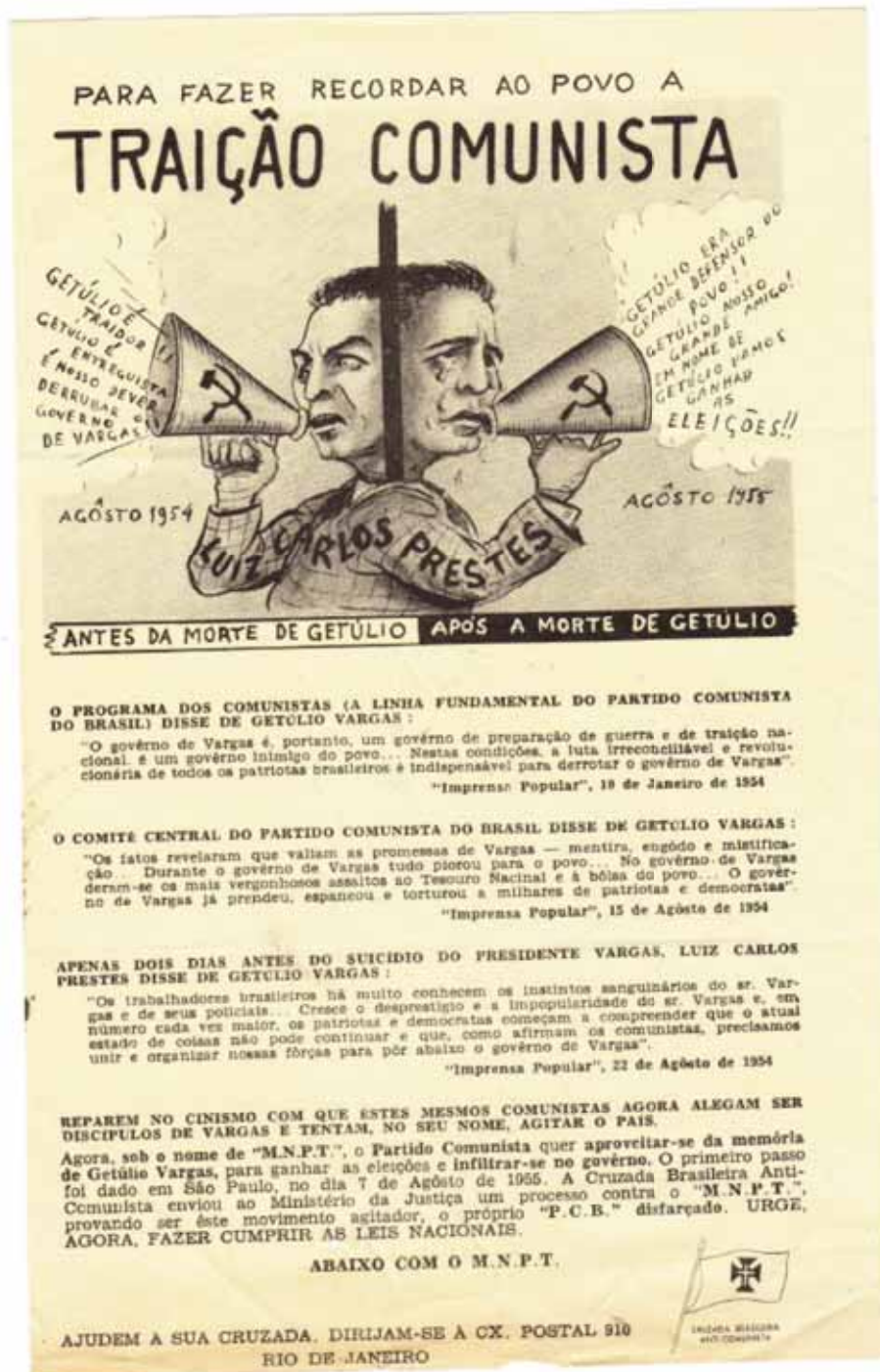
A partir de 1955, os materiais da USIA, principalmente do USIS São Paulo começam a ser assinados como se fossem produzidos pela "Cruzada Brasileira Anti-comunista". Sem endereço, a cruzada apresentava uma caixa postal (910), no Rio de Janeiro.

Um ano pós a morte de Getúlio Vargas, a Cruzada Brasileira Anticomunista lançou um panfleto que tentava mostrar as "duas caras" de Luiz Carlos Prestes, no intuito de amenizar o antiamericanismo que aumentava imediatamente após o suicídio de Getúlio e desvincular o comunismo da sua imagem, ligado ao trabalhismo.

Para isso, o panfleto mostrava declarações dos comunistas brasileiros antes da morte de Vargas, quando o criticavam e alertavam o público brasileiro, em letras garrafais:

"Reparem no cinismo com que êstes mesmos comunistas agora alegam ser discípulos de Vargas e tentam, no seu nome, agitar o país":

FIGURA 57 - Panfleto produzido pela USIA no Brasil após a morte de Getúlio Vargas, assinado pela "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", em 1955.

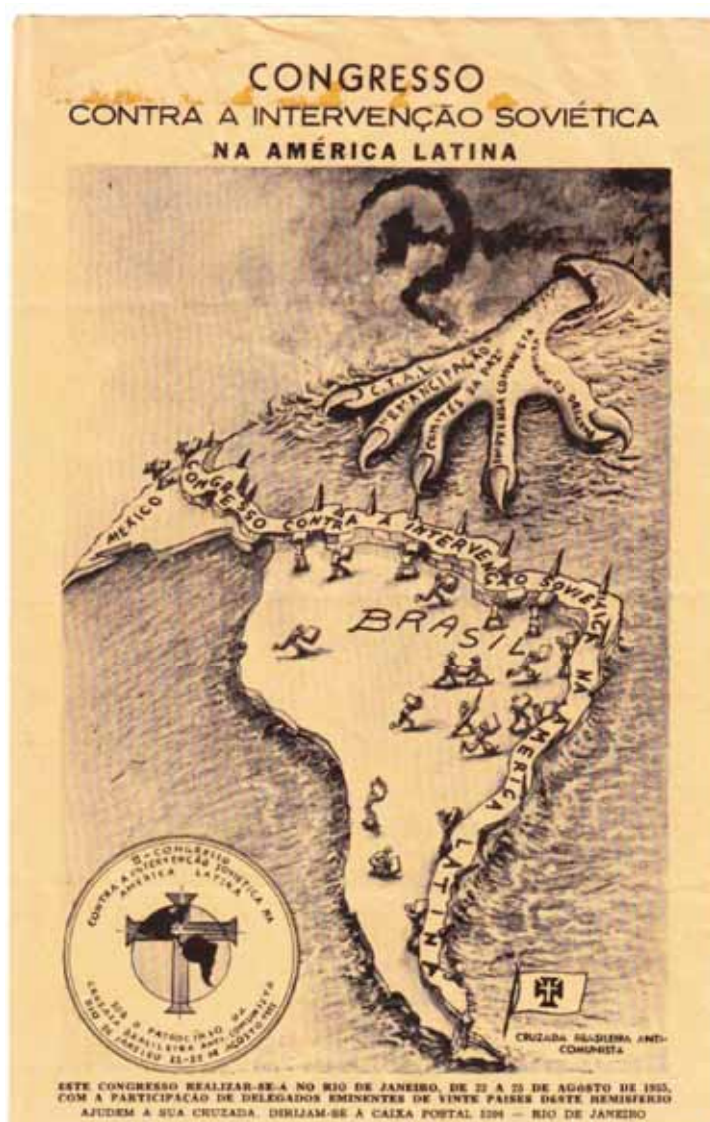


Fonte: Cf. Documento 98.

A mesma "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", cujo símbolo era uma cruz, convocava os cidadãos a se engajar em um movimento comum de 20 países da América Latina, que reuniria delegados no segundo Congresso contra a intervenção soviética na América Latina, no Rio de Janeiro, de 22 a 25 de agosto de 1955.

No panfleto, a "garra" soviética proveniente do leste tinha dedos que representavam a imprensa comunista, o partido comunista, os comitês da paz, a "emancipação" e o CTAL (Comitê de Trabalhadores da América Latina).

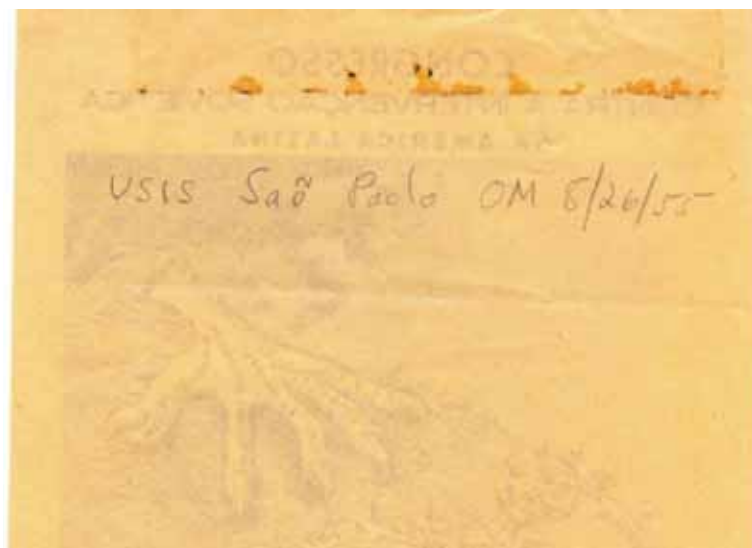
FIGURA 58 - Panfleto produzido pela USIA no Brasil convocando os brasileiros para o segundo Congresso contra a intervenção soviética na América Latina, com assinatura da "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", em 1955.



Fonte: Cf. Documento 98.

Com as mesmas indicações de outros materiais dos arquivos de imprensa da USIA, o panfleto da "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", apresentava o verso com a mesma anotação a lápis, que indicava o local e a data do material: "*USIS São Paulo OM 8/26/55*".

FIGURA 58 - verso



Fonte: **Cf. Documento 98.**

A "Cruzada Brasileira Anti-Comunista" assinava os materiais da USIA para a juventude e trabalhadores nos mesmos jornais que normalmente publicavam notícias e fotos (sem citar a fonte) da USIA. Foi o caso do material que alertava os estudantes (e suas famílias) sobre o Festival Mundial da Juventude, em 1955, que seria uma iniciativa comunista.

O documento abaixo teria sido ao menos encaminhado aos jornais: "Correio Paulistano", "O Dia", "Diário Com & Ind.", "Diário de S. Paulo", "Diário da Noite", "O Estado de S. Paulo", "Folha da Manhã" (destacada com caneta vermelha), "Folha da Tarde", "Folha da Noite", "Gazeta", "O Tempo", "Última Hora", "*Times of Brazil*" e "Notícias de Hoje".

Segundo o panfleto, um dos organizadores do Festival no Brasil seria o deputado Frota Moreira, que receberia ordens diretas dos russos. O mesmo teria visitado Moscou em janeiro de 1955.

FIGURA 59 - Material da "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", da USIA, em 1955, denunciando o Festival Mundial da Juventude como iniciativa comunista e apelando, nos grandes jornais do Brasil, para que os jovens não participem da atividade: "Não deixem que o nome de suas famílias seja registrado como comunista nos arquivos da polícia".



Fonte: Cf. Documento 98.

A "Cruzada Brasileira Anti-Comunista" da USIA também criticava duramente o Judiciário brasileiro, que estaria sendo manipulado por forças comunistas brasileiras. Na ilustração, os juízes que seriam comunistas são citados e aparecem dilapidando as estruturas do Supremo Tribunal Federal a mando de Jorge Amado, escritor comunista baiano que, deitado em uma rede com um leque na mão, conversava com um pássaro preto, representante do Partido Comunista Brasileiro. Entre as campanhas "soviéticas" que ameaçavam as instituições brasileiras estavam a da "Paz" e a do "Petróleo".

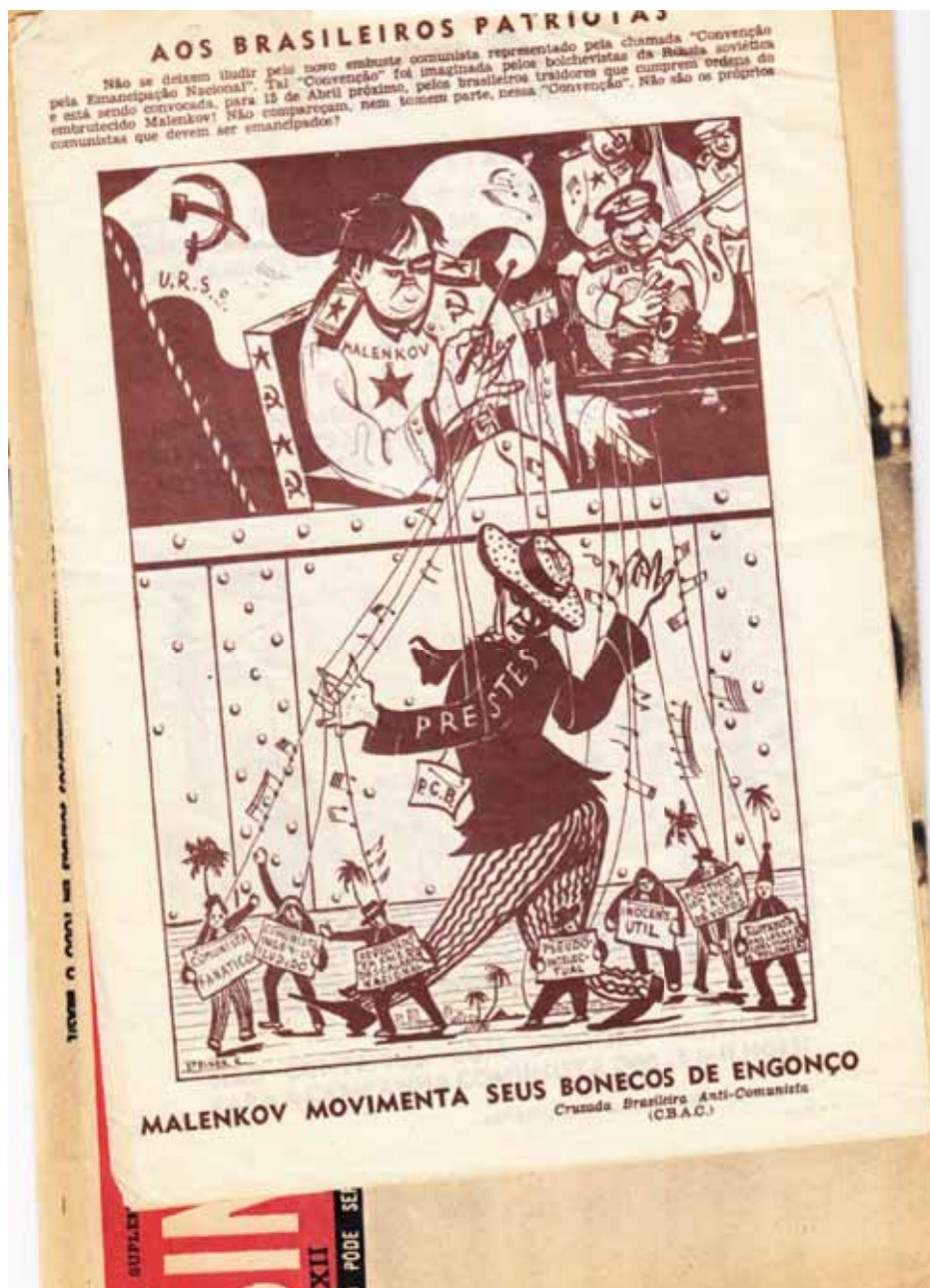
FIGURA 60 - Folheto da USIA, assinado pela "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", denunciando a infiltração comunista no Judiciário. Todos os citados seriam orientados por Jorge Amado, sentado em sua rede com um leque. No verso do material, anotado "USIS São Paulo".



Fonte: Cf. **Documento 98**.

A USIA continuou utilizando-se da "Cruzada Brasileira Anti-Comunista" para fazer sua campanha, principalmente para os públicos estudantis e entre trabalhadores urbanos. Em 1956, por exemplo, divulgava uma revista ilustrada no suplemento "Singra", do jornal "Correio da Manhã", que entre outras coisas, comparava Luiz Carlos Prestes a um "boneco de engonço", marionete brasileira manipulada pelos soviéticos.

FIGURA 61 - Material da USIA, assinado pela Cruzada Brasileira Anti-Comunista, que mostrava Prestes como marionete dos soviéticos. Publicado no suplemento "Singra", no jornal "Correio da Manhã", em 1956.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

Além dos panfletos, a USIA também produzia séries de histórias em quadrinhos, muitas vezes traduzidas de produções para trabalhadores de outros países, como a "Comunistas contra o proletariado". Provavelmente uma publicação internacional da USIA,

ela registrava em sua capa: "Enclosure No. 3 to São Paulo Despatch No. 113, dated November 19, 1953". E abaixo estava o carimbo do Consulado Americano em São Paulo.

FIGURA 62 - Quadrinhos produzidos pela USIA para o Brasil, sem assinatura, que mostravam as revoltas dos operários alemães contra a opressão comunista naquele país, em 1955.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

A história, que não apresentava nenhuma assinatura de produção, contava a resistência do operariado alemão contra o regime comunista naquele país. As manifestações populares queriam livres eleições e o fim das leis trabalhistas ditadas pela União Soviética. O quadrinho contava a épica revolta, que destruiu as "luxuosas sedes do partido comunista" e expulsou, momentaneamente, os políticos soviéticos daquela região.

A história em quadrinhos contava a história do violento contra-ataque comunista, comandado pela Ministra da Justiça conhecida como "Hilda Vermelha", quando milhares de pessoas teriam sido massacradas e instituída a ditadura comunista na Alemanha.

FIGURA 63 - Quadrinhos produzidos pela USIA para o Brasil, sem assinatura, mostrando a falta de liberdade laboral na Alemanha Comunista, em 1955.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

Outra história em quadrinhos produzida pela USIA especificamente para operários brasileiros era uma série chamada "Zé Curioso", de 1953, assinada pela Associação Democrática Cristã, de São Paulo. Os quadrinhos contavam a saga de um operário brasileiro que, por causa da propaganda comunista em sua fábrica, queria conhecer a realidade russa pessoalmente e, para isso, foi à embaixada soviética em Montevidéu, de onde poderia conseguir o visto para viajar à Moscou.

Chegando na Rússia, Zé Curioso é recebido por funcionários do partido comunista que o levam aos lugares turísticos e o hospedam em um luxuoso hotel. Sempre acompanhado de

algum funcionário do governo comunista, ele é levado a visitar algumas fábricas-modelo, com funcionários felizes, bem alimentados e trajados.

FIGURA 64 - "Zé Curioso", série de quadrinhos produzidos pela USIA no Brasil e assinados pela "Associação Democrática Cristã", em 1953.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

A série de quadrinhos mostrava a permanência de Zé Curioso na URSS, por sua própria vontade. A partir daí, seu passaporte é confiscado e ele começava a conhecer a verdadeira realidade soviética contada pela USIA, com precariedade nos transportes, falta de liberdade e de condições de trabalho. Por se revoltar contra o sistema soviético de trabalho, Zé Curioso é torturado e acaba em um campo de trabalho forçado na zona rural.

Por mandar cartas reclamando da URSS para sua mulher, interceptadas pelo serviço de espionagem soviético, Zé Curioso acaba sendo preso como espião americano e é forçado a confessar-se como espião.

Os quadrinhos abordavam muitos dos temas do Brasil dos anos 1950, como acusações de infiltrações comunistas na Imprensa, no Governo, nos Sindicatos e no Judiciário. Além disso, toca também em temas como a nacionalização do petróleo brasileiro, que seria uma estratégia comunista para prejudicar os americanos e a liberdade brasileira.

FIGURA 65 - "Zé Curioso", quadrinho produzido pela USIA no Brasil, em 1954.



Fonte: Cf. Documento 98.

É interessante notar que tanto o "Comunistas contra o proletariado", sem assinatura, quanto "Zé Curioso", produzido pela A.D.C, de São Paulo, são assinados pelo mesmo cartunista: Calú.

Os quadrinhos anticomunistas destinados a estudantes e trabalhadores brasileiros produzidos pela USIA apresentavam-se muitas vezes como apócrifos ou assinados por associações de existência duvidosa, como a "Cruzada Brasileira Anti-Comunista", ou "Associação Democrática Cristã". No material encontrado nos arquivos da USIA no Brasil, muitos deles eram indicados como atribuídos a essas organizações, como esse abaixo atribuído à A.D.C., de 1952.

FIGURA 66 - Material anticomunista do USIS em São Paulo, "*attributed to A.D.C., Associação Democrática Cristã [sic]*", em 1952.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

Em outras ocasiões, alguns trabalhos distribuídos pela USIA eram assinados por organizações internacionais do trabalho anticomunistas ligadas a associações americanas de

trabalho, como a Organização Regional Interamericana de Trabalhadores (ORIT), como o caso do panfleto "Ameaça ao Trabalhador", localizado nos arquivos americanos entre os materiais produzidos pela USIS no Rio de Janeiro, em 1956.

FIGURA 67 - Material do USIS no Rio de Janeiro, atribuído à recém-criada ORIT, em 1956.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

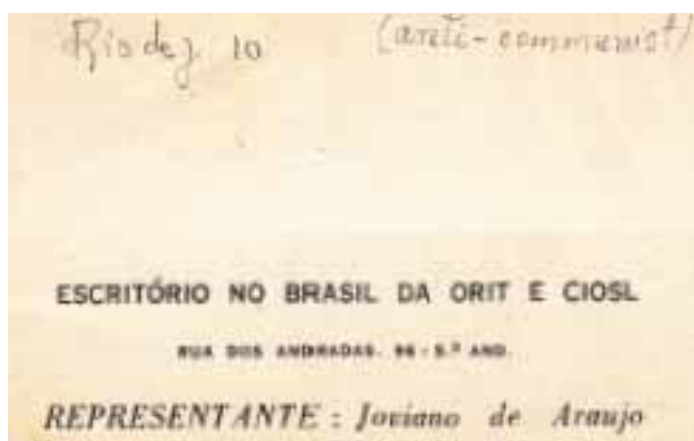
Segundo a publicação assinada pela ORIT em 1956, essa organização tinha sido criada para fazer frente à Confederação dos Trabalhadores da América Latina (CTAL), que sofreria a infiltração comunista e ameaçava a liberdade sindical dos trabalhadores latino-americanos.

O folheto, cheio de elogios a líderes sindicais norte-americanos que representavam a Federação Americana do Trabalho (AFL) e o Congresso das Organizações Industriais (CIO), criticava duramente a infiltração comunista estrangeira no continente americano e apresentava a Organização Regional Inter-americana do Trabalho como saída para a liberdade dos

trabalhadores das Américas: "As associações de classe das Américas têm revelado sua capacidade em repelir e destruir a ameaça comunista, especialmente a partir de 1949, quando criaram a Confederação Internacional dos Sindicatos Livres e, pouco depois, a Organização Regional Inter-americana do Trabalho (ORIT)".

A última página do material era assinada pela ORIT, com endereço do escritório da organização em São Paulo, na Rua dos Andradas, 96. Em cima, a lápis, era indicada a cidade do Rio de Janeiro, que também tinha sido apontada na capa do encarte, o USIS/Rio, com carimbo do Consulado Americano. No final, era classificado como "*anti-communist*".

FIGURA 68 - Material anticomunista assinado pela ORIT, mas produzido pelo USIS no Rio de Janeiro, em 1956.



Fonte: Cf. **Documento 98**.

Após a Revolução cubana, crescia a atenção dada aos movimentos potencialmente revolucionários comunistas na América Latina. Cada vez mais, aos olhos da USIA, além de estudantes e operários, grupos como as Ligas Camponesas, no Nordeste brasileiro, à medida que se fortaleciam, tornavam-se prioritários para a agência.

De acordo com relatório da USIA sobre um seminário promovido pela União Nacional de Estudantes para discutir os problemas do Nordeste, realizado em novembro de 1962, em Campina Grande/Paraíba, observa-se que grupos de esquerda presentes na atividade – Ligas Camponesas, estudantes e sindicatos – se organizavam e fortaleciam.⁶⁴³

Entre os grupos destacados pelo relatório do USIS/RJ, enviado à sede da USIA em Washington D.C., estava o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), comandado por Francisco Julião, que com estudantes, sindicalistas e apoio do Partido Comunista Brasileiro, distribuiria armas a seus integrantes no Nordeste. O segundo grupo destacado era o próprio

⁶⁴³ Cf. **Documento 108**: "Student program: UNE-Sponsored Seminar on Northeast Problems"

Partido Comunista Brasileiro, que aproximaria lideranças estudantis regionais, como Conceição Sarney (UNE/Maranhão) e José Carlos Capinam (UNE-Bahia) das Ligas Camponesas. O terceiro grupo a ser observado pela USIA era a Política Operária (POLOP), com inspiração no comunismo chinês e maior penetração nos grandes centros urbanos. O último era a Juventude Universitária Católica (JUC), com grande participação dos estudantes do Nordeste e da ala mais à esquerda da igreja.⁶⁴⁴

Considerando essas movimentações políticas, em abril de 1963, a USIA propôs ao Departamento de Estado a reavaliação do programa de bolsas de estudos aos latino-americanos aos EUA, para que fossem mais voltadas para o treinamento de lideranças, nos próprios países, para o combate ao anticomunismo:

muitos dos líderes revolucionários antiamericanos da América Latina visitaram ou estudaram nos Estados Unidos. Os projetos da USAID são propositalmente planejados para utilizar e mobilizar jovens lideranças e envolvê-los em trabalhos construtivos (...) mas utilizar treinamento profissional de mais jovens graduados universitários faria muito mais do que trazê-los aos EUA. Eles se convencerão mais tendo um papel no progresso de seu próprio país.⁶⁴⁵

A agência ainda recomendava que o foco dos estudantes bolsistas mudasse, privilegiando os intelectuais, artistas, com perfil de ciências humanas – mais do que os técnicos e militares – pois apresentavam perfil mais "subversivo", de acordo com os revolucionários cubanos:

Os projetos destacados são de natureza muito mais militar e técnica. Em Cuba, as jovens pessoas que lideraram a Revolução e assumiram posições de destaque no regime de Castro eram, em sua maior parte, advogados, estudantes de artes liberais, artistas e escritores, etc. Esses jovens intelectuais geralmente desempenham um papel mais ativo na arena política do que jovens oficiais das Forças Armadas e engenheiros.⁶⁴⁶

Em 1963, o Nordeste brasileiro virou uma região crucial na avaliação do governo americano⁶⁴⁷ que traçava, por meio de pesquisa patrocinada conjuntamente pela USIA e USAID⁶⁴⁸, um perfil do nordestino médio: analfabeto, pobre e isolado, mas que na sua maioria (2/3) estava satisfeito com suas condições de vida: "A maioria dos camponeses do

⁶⁴⁴ Cf. **Documento 108**: "*Student program: UNE-Sponsored Seminar on Northeast Problems*".

⁶⁴⁵ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 260**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁴⁶ Cf. **Documento 108**. Cf. trecho original em **Transcrição 261**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁴⁷ Cf. **Documento 109**: "*Agitation and Public Opinion in Crucial Areas of Northeast Brazil, 1963*".

⁶⁴⁸ Cf. **Documento 111**: "*Peasant Attitudes in Northeast Brazil, February 14, 1964*".

Nordeste ainda são, na sua grande maioria, ignorantes ou indiferentes às ideias sobre modernização ou revolução política. Eles têm pouca consciência social".⁶⁴⁹

FIGURA 69 - Camponês nordestino participante de pesquisa patrocinada pela USIA e USAID sobre opiniões e atitudes de trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro, em 1963.



Fonte: Cf. **Documento 111**.

Entre os nordestinos entrevistados, 73% de áreas rurais e 27% de cidades pequenas, os programas de ajuda e cooperação norte-americana na região eram muito pouco conhecidos, como a "Aliança para o Progresso", conhecida somente por 15% da população da região. O programa "*Food for Peace*", era conhecido somente por 4%, apesar de 8% dos nordestinos saberem que estavam recebendo doações de alimentos vindas dos EUA.⁶⁵⁰

⁶⁴⁹ Cf. **Documento 111**: "*Peasant Attitudes in Northeast Brazil, February 14, 1964*". Cf. trecho original em **Transcrição 262**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁵⁰ Cf. **Documento 109**: "*Agitation and Public Opinion in Crucial Areas of Northeast Brazil, 1963*".

Foram analisados trabalhadores das cidades de Cabo, Vitória de Sto. Antônio, Pesqueira, Aurora, Cabrobó, Sapé, São João do Cariri e Caiçara (do interior do Nordeste) e dos trabalhadores mais "qualificados" das usinas de açúcar de Pumaty, Cachoeira Lisa, Central Barreiros, Santa Terezinha, Santo Inácio e Matary (PE), das usinas de Santa Maria, São João e Tanques (PB).⁶⁵¹

A pesquisa da USIA nesses locais apontava que 67% dos entrevistados nordestinos eram a favor da reforma agrária e 38% desses defendiam as indenizações aos proprietários de terras. Apesar de conhecerem o nome "Ligas Camponesas", padre Melo (2%) e Julião (1%) eles eram pouco conhecidos, ao contrário do Presidente João Goulart e do governador de Pernambuco, Miguel Arraes, ambos conhecidos e bem avaliados pela grande maioria da região. Além dos nomes citados, também foi medida a avaliação de Fidel Castro, o único entre os pesquisados que foi mais mal avaliado do que bem.⁶⁵²

FIGURA 70 - Casa de camponeses nordestinos entrevistados em pesquisa da USIA e USAID, sobre o perfil dos trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro, em 1963.



Fonte: Cf. **Documento 111**.

⁶⁵¹ Cf. **Documentos 81 e 111**.

⁶⁵² Cf. **Documento 109**: "*Agitation and Public Opinion in Crucial Areas of Northeast Brazil, 1963*".

As verbas da Aliança para o Progresso, a fim de pretensamente promover certa melhoria (de caráter assistencial) nos padrões de vida da população nordestina, constituíram apenas um dos instrumentos com que os Estados Unidos jogaram, para conter ou esmagar qualquer revolução.⁶⁵⁵

Ainda, segundo Bandeira, a imigração americana para o Brasil foi maior no começo dos anos 1960 do que no período da 2ª Guerra, quando os EUA tinham bases militares oficiais no País, conforme os números de pedidos de visto para americanos no Brasil, abaixo⁶⁵⁶:

Anos	Entradas de norte-americanos
1958	1.905
1959	1.462
1960	1.184
1961	—
1962	4.968
1963	2.463
1964	764
1965	979
1966	823

Os dados e diagnóstico apontados por Bandeira seguem coerentemente com o aumento do número de funcionários na América Latina até 1964, e os métodos indicados para atividades de "*black propaganda*" da USIA em áreas de "risco subversivo". Segundo Bogart, em estudo interno sobre os métodos de propaganda americana a serem adotados no exterior em lugares prioritários, a agência deveria criar clandestinamente o seu próprio "*agitprop*":

Para combater o comunismo, a USIA deve usar algumas armas comunistas (infiltração, distribuição de materiais não-atribuídos). A USIA deve ter seu próprio aparato de "*agitprop*" (um neologismo soviético para especialistas em agitação e propaganda) para estimular discussões e espalhar a propaganda boca-a-boca. Ela deve instalar centros de treinamento de "*agitprop*" pró-americanos em países importantes. Em resumo, seria melhor para agência manter operações na superfície que se dedicassem a formar um "quadro completo e honesto", como um disfarce para outras atividades clandestinas.⁶⁵⁷

⁶⁵⁵ Cf. BANDEIRA (1973, p. 354). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 101** (Transcrições).

⁶⁵⁶ Id.

⁶⁵⁷ Cf. BOGART (1995, p. 121). Cf. trecho original em **Transcrição 263**, Transcrições (tradução nossa).

3.5 As exposições, turnês e as parcerias entre cidades

Gershwin emocionou muito os moscovitas (com Porgy and Bess)
 Bernstein era o queridinho do Brasil (e ele não é moderninho?)
 E só para acabar a confusão interna
 Nós despachamos a Martha Graham
 É isso o que chamamos de intercâmbio cultural
 Isso é o que chamamos de intercâmbio cultural

Música de Iola & David Brubeck cantada por Louis Armstrong no disco “The Real Ambassadors”, de 1961.⁶⁵⁸

Além das ações locais com os centros binacionais e das atividades específicas para grupos prioritários, o Brasil também recebeu as políticas globais da USIA, como turnês artísticas, musicais, esportivas, exposições, feiras sobre temas de interesse da agência e o início do irmanamento entre cidades brasileiras e americanas.

A epígrafe do subcapítulo sintetiza de maneira brilhante a ideia do "intercâmbio cultural" norte-americano do qual participaram como protagonistas David Brubeck, Louis Armstrong, Dizzy Gillespie e muitos outros jazzistas, atores, dançarinos, musicistas e atletas americanos. A utilização das artes e dos esportes para mudar a imagem de país segregacionista e ampliar a ideia da vanguarda artística e esportista americana, foi promovida a todo vapor pelos governos de Eisenhower e Kennedy. E o Brasil fez parte disso, principalmente como receptor.

Em 1954, o país recebeu a turnê do grupo de dança José Limon. Em 1955, o Brasil já entrava no circuito internacional das turnês da USIA, com a pianista Philippa Schuyler, a violonista Joyce Flissler, o musical Porgy & Bess⁶⁵⁹, os dançarinos Tallchief & Eglevsky e o “*American Ballet Theatre*”.

Além disso, em 1955, mesmo ano que o governador Jânio Quadros proibia o Festival Sul-Americano da Juventude (segundo a USIA, apoiado por Moscou) em São Paulo⁶⁶⁰, o Brasil começava a receber grupos esportivos enviados pelo governo americano, como as

⁶⁵⁸ Música “*Cultural Echange*” (Letra de Iola e Dave Brubeck, Música de Dave Brubeck), do disco “*The Real Ambassadors*”(gravada originalmente em 19 de Setembro de 1961). Gravadora Sony/Columbia, ASIN: B0000029FQ. Cf. trecho original em **Transcrição 264**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁵⁹ Sobre o uso político do Porgy & Bess no exterior, contando a história de amor de dois negros (ao som das melodias de Gershwin) e promovendo a ideia dos EUA como uma democracia racial, Ver SAUNDERS (2000); VON ESCHEN (2004).

⁶⁶⁰ Cf. **Documento 115**.

equipes de atletismo e natação da "*Amateur Athletic Union*" (AAU), organização responsável pelos atletas olímpicos americanos de então.⁶⁶¹

Em 1956, a USIA detectava o poder da música para modificar a imagem americana no exterior e recomendava o seu uso em todos os postos: "A agência acredita que um forte programa de música nos USIS é um meio importante para demonstrar a criatividade da América nas artes e isso pode desempenhar um papel significativo no programa cultural como um todo"⁶⁶².

No mesmo ano, o Brasil também começava a fazer parte das turnês teatrais como a peça "*Teahouse of the August Moon*"⁶⁶³, além das musicais que continuaram como o "*New York Woodwind Quintet*" e uma das grande estrelas das turnês de jazz americanas patrocinadas pelo governo: o "*Dizzy Gillespie Jazz Band*". Ainda em 1956, o Brasil recebeu o time de basquete universitário de São Francisco, o San Francisco Dons, que mostrava o esporte inventado na América do Norte, para o público brasileiro.⁶⁶⁴

Enquanto isso, os artistas e esportistas dos blocos comunistas também começaram a se apresentar no país em 1956, como com a companhia tcheca de dança típica "*Lucnica*" (com 50 integrantes), a Companhia de Ópera Peiping (com 90 integrantes), a seleção de futebol da Tchecoslováquia e a de basquete da URSS.⁶⁶⁵

Em 1957, ano das visitas do compositor soviético Katchaturian e da companhia de balé Bolshoi, as seleções de basquete feminino de URSS, Tchecoslováquia e Hungria também participaram do campeonato mundial de basquete feminino no Brasil, mas foram vencidas pela equipe campeã norte-americana. No mesmo ano, os EUA enviavam ao país o violinista Joseph Fuchs, a contralto Blanche Thebom, o coral masculino "*Columbus Boychoir*", a sinfonia Zimble (música de câmara) e o grupo de teatro da Universidade de Minnesota⁶⁶⁶.

Enquanto a seleção de futebol búlgara jogava no Brasil em 1958, os EUA enviavam a Filarmônica de New York regida pelo maestro Leonard Bernstein. O concerto da Filarmônica com Bernstein no Rio de Janeiro, no ginásio do Maracanãzinho lotado com 15 mil pessoas, também contou com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek. A orquestra tocou um

⁶⁶¹ Cf. **Documento 113**.

⁶⁶² Cf. **Documento 114**. Cf. trecho original em **Transcrição 265**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁶³ A peça não foi tão bem recebida pela crítica especializada local. Em reportagens no "Correio da Manhã" e no "Diário de Notícias", apesar de destacarem a boa atuação de Rosita Diaz Gimeno, a peça era vista como "desperdício de dinheiro do Departamento de Estado, se a sua intenção era promover o teatro norte-americano", segundo relato de reportagem do jornal *New York Times*, de 7 de maio de 1956, cf. **Documento 50**: "1956: *Teahouse of August Moon*" flops in Rio de Janeiro".

⁶⁶⁴ Cf. **Documento 113**.

⁶⁶⁵ Id.

⁶⁶⁶ Id.

vasto repertório, com músicas de Brahms, Gershwin, Tchaikovsky e até o hino brasileiro. No final, o maestro brasileiro Eleazar de Carvalho foi convidado para conduzir a Filarmônica de Nova York, tocando o hino americano "*The Star-Spangled Banner*".

A turnê de Bernstein fez tanto sucesso, que depois de alguns dias, na apresentação em São Paulo, a única gratuita do Brasil, o público pediu tantas músicas que a orquestra perdeu o voo de volta aos EUA. Em seu retorno aos EUA, Bernstein foi recebido como herói em Nova York.⁶⁶⁷

FIGURA 72 - Reportagem do *Herald Tribune* destaca chegada triunfal do maestro Leonard Bernstein a Nova York, depois de turnê latino-americana patrocinada pelo governo americano, quando foi ovacionado no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1958.



Fonte: Cf. Documento 116.

⁶⁶⁷ Cf. Documento 116.

Ainda em 1958, apresentaram-se no Brasil o quarteto de cordas Stanley, o grupo de teatro da *Catholic University*, o grupo de balé de São Francisco e a banda do jazzista Woody Herman. Em 1959, era a vez da Orquestra Sinfônica Nacional e da soprano Phyllis Curtin.⁶⁶⁸ No último ano de Eisenhower e nos anos Kennedy as turnês mundiais americanas continuaram a privilegiar o Brasil na sua rota.

Em 1960, o país recebeu o coral da Universidade de Howard, e mais uma vez a companhia de dança José Limon. Em 1961, quando a batida da Bossa Nova começava a despontar no mundo, foi a vez do violonista Charlie Byrd e seu trio, além da companhia teatral "*American Repertory Company*".⁶⁶⁹

Em 1962, o governo americano enviou a companhia de teatro da Universidade de Cornell, o sexteto de jazz de Paul Winter, o trio vocal Chad Mitchell e a seleção de basquete da AAU.⁶⁷⁰

Os programas mundiais da USIA também incluíam diversas feiras e exposições que faziam turnês mundiais das principais marcas do governo e das empresas americanas. Mesmo as feiras menores, no mesmo formato de outras ações da agência (por meio de seu *Office of Private Cooperation*), eram promovidas com articulação e apoio de empresas americanas interessadas no Brasil. Como foi o caso da Feira Americana do Vinho e da Uva em Jundiaí, em 1953, que tinha apoio da *Wine Industry of America* e do *California Raisin Advisory Board*, no fornecimento de materiais gráficos como panfletos, pôsteres, fotos e informações⁶⁷¹.

No caso de temas de interesse do governo, a USIA contava com uma estrutura prevista para várias exibições ao redor do mundo. A primeira delas, de maior sucesso, foi organizada em São Paulo por ocasião do quarto centenário da cidade. Ela tinha como tema a energia atômica usada para fins pacíficos, intitulada "Átomos para o benefício da humanidade".

De agosto de 1954 a janeiro de 1955, a exposição localizada no Palácio das Nações⁶⁷² (atual Pavilhão Manuel da Nóbrega, no Parque do Ibirapuera), recebeu a visita de mais de 400 mil paulistas.⁶⁷³ Segundo pesquisa interna encomendada pela USIA, a exposição em São

⁶⁶⁸ Cf. **Documento 113**.

⁶⁶⁹ Id.

⁶⁷⁰ Id.

⁶⁷¹ Cf. **Documento 56**.

⁶⁷² Cf. **Documento 75**: *BR 5401/ USIA Exhibit 'Atoms for the benefit of Mankind' held at the Exposição do IVo Centenário da Cidade de São Paulo, from August 1954 to January 1955*.

⁶⁷³ Cf. **Documento 45** e em Cull, 2008, p. 106.

Paulo foi um sucesso, que também se refletiu na imagem pacífica dos EUA e do Presidente Eisenhower:

De modo geral, a exibição "Átomos para o benefício da humanidade" provou ser um meio realmente eficaz de contar a história da contribuição da América para o progresso atômico, e chamar a atenção das pessoas de São Paulo, em especial, e do Brasil, em geral, sobre o tema, o que impressionou os brasileiros profundamente com os objetivos pacíficos da América, sob a liderança do Presidente Eisenhower.⁶⁷⁴

Para a promoção de feiras e exposições no exterior era comum a parceria entre a USIA e o *Bureau of Educational and Cultural Affairs* (CU) do Departamento do Estado, como foi o caso da Bienal Internacional de Arte de São Paulo, de 1963, quando foram cedidos 5 funcionários exclusivos para a garantir a participação da arte americana no evento.⁶⁷⁵

Uma das feiras americanas de maior destaque no Brasil, organizada pela USIA (USIS/Rio), também em 1963, foi a "*Partners in Progress*", realizada na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, de julho a agosto daquele ano, com mais de 820 mil visitantes.⁶⁷⁶ Na abertura, em 19 de julho, estiveram presentes o Embaixador americano no Brasil, Lincoln Gordon, o ministro da Justiça, Abelardo Jurema e o governador da Guanabara, Carlos Lacerda.

O discurso do Governador Lacerda durante a abertura do evento era elogioso ao progresso tecnológico americano mostrado na exposição, mas era mais ainda à abertura do governo americano aos movimentos de direitos civis e ao modo como os Estados Unidos tinham se construído como um "país de trabalhadores livres". Um relatório interno da USIA⁶⁷⁷ destacava o final do discurso de Lacerda, que saudava a proximidade histórica entre os povos brasileiro e americano:

Os brasileiros, na sua imensa maioria, sentem que o seu ímpeto pelo progresso é idêntico ao que bate no coração das pessoas dos Estados Unidos, assim como a sua índole para a paz e sua busca pela liberdade (...) Essa é a façanha dos Estados Unidos da América. Essa é a lição de seu grande povo, nossos irmãos. Como nosso próprio povo, eles são nascidos de muitos sangues e muitos sonhos, que cruzaram os oceanos e viajaram por distâncias imensas, para tomar a forma de um livro, o motor de um carro, uma geladeira, uma universidade, um saxofone – uma criança.⁶⁷⁸

⁶⁷⁴ Cf. **Documento 75**: BR 5401/ USIA Exhibit *Atoms for the benefit of Mankind* held at the *Exposição do Ivo Centenário da Cidade de São Paulo, from August 1954 to January 1955*". Cf. trecho original em **Transcrição 266**, Transcrições (tradução nossa).

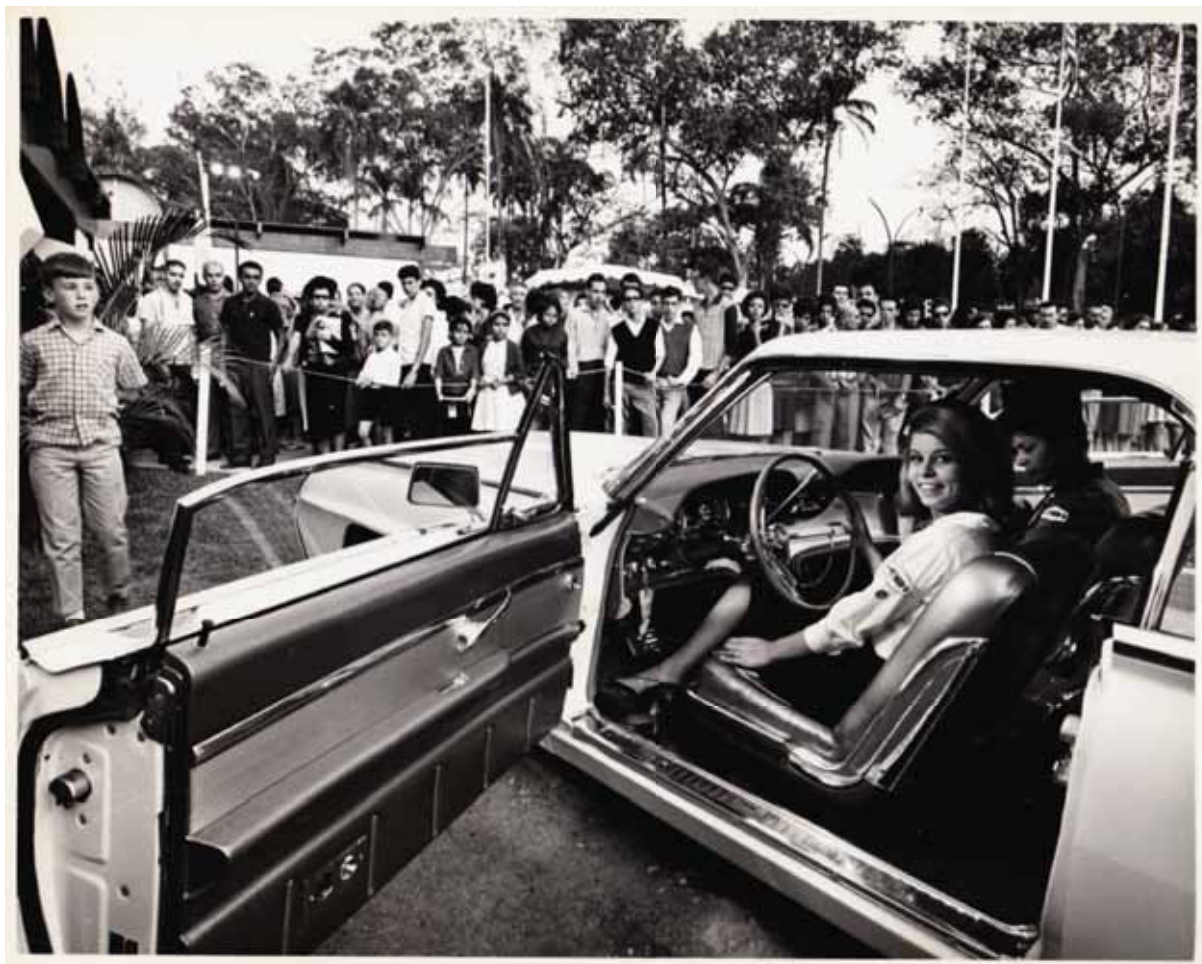
⁶⁷⁵ Cf. **Documento 11**: *"Exhibits Division Working Relationships with CU"*.

⁶⁷⁶ Cf. **Documento 117**.

⁶⁷⁷ Id.

⁶⁷⁸ Cf. **Documento 117**. Cf. trecho original em **Transcrição 267**, Transcrições (tradução nossa).

FIGURA 73 - Exposição "*Partners in Progress*", no Rio de Janeiro, recebeu mais de 30 mil visitantes por dia, em 1963, celebrando os feitos do progresso americano.



Fonte: Cf. **Documento 118**.

A exposição, com o tema "*Aliados no Progresso*", mostrava os grandes feitos tecnológicos aeroespaciais americanos e o que havia de mais moderno em estandes de empresas de carros, motos, tratores, lanchas, equipamentos médicos e domésticos. Até o final da feira, as empresas expositoras venderam mais de US\$ 550 mil dólares em máquinas e materiais americanos aos brasileiros.⁶⁷⁹

Uma das grandes atrações do evento foram as exposições do "*Flying Belt Man*", o protótipo de uma espécie de mochila que proporcionava o voo de um homem. Essa exibição,

⁶⁷⁹ Cf. **Documento 117**.

que também aconteceu em São Paulo na mesma ocasião, reuniu cerca de 250 mil pessoas nas duas cidades.

FIGURA 74 - Exposição "*Partners in Progress*", no Rio de Janeiro, tinha como tema a Aliança para o Progresso entre os países, em julho/agosto de 1963.



Fonte: Cf. **Documento 118**.

Durante a exposição, foram promovidos dias estaduais homenageando cada Estado brasileiro. Durante o mês da exposição, estiveram presentes à atividade os governadores da Guanabara (Carlos Lacerda), de Alagoas (Luiz Cavalcanti), de Mato Grosso (Fernando Corrêa da Costa), de Minas Gerais (Magalhães Pinto), do Pará (Aurélio do Carmo), do Rio Grande do Sul (Ildo Meneghetti), do Estado do Rio de Janeiro (Badger Silveira) e de São Paulo (Adhemar de Barros).⁶⁸⁰

⁶⁸⁰ Cf. **Documento 117**.

Além da organização geral do evento, a USIA também voltou os seus Departamentos (como o de imprensa, o de publicações, o de TV, o de rádio e o de filmes) para divulgar aos brasileiros, da melhor maneira possível, todos os resultados e impactos positivos da exposição.⁶⁸¹

Apesar do sucesso da exposição na aproximação entre americanos e brasileiros, assim como havia ocorrido em uma feira aeroespacial em São Paulo, em abril do mesmo ano, um memorando interno do diretor da USIA, Edward Murrow, antecipava um tema recorrente de discussão entre os dois povos, que devia ser tratado com paciência pelos representantes americanos no País:

Sugiro que os preparem quando chegarem, sobre as sensibilidades do Brasil e suas reivindicações relacionadas a Santos Dumont como o inventor do avião. Você conhece nossa posição e nós não repetiremos e não recuaremos uma polegada sobre os fatos verdadeiros relacionados aos Wright Brothers, que inventaram a primeira aeronave mais pesada que o ar, nós evitamos discussões controversas sobre o tema no Brasil.⁶⁸²

Outro programa global da USIA que teve excepcional sucesso na sua aplicação no Brasil foi o *Sister Cities*, que desde a criação do *People-to-People Program* em 1956, aproximou cidades americanas e brasileiras, com auxílio de entidades da sociedade civil e administrações municipais supervisionadas pela agência.

A ideia principal era ter no "irmanamento" das cidades uma plataforma para cooperação dos temas de ação definidos pelos comitês do *People-to-People*, como os já citados comitês de cartas, de *hobbies*, de esportes, de livros, de cartunistas, etc., aumentando o poder de penetração da cooperação americana até a sua célula local, independentemente do posicionamento dos países.

Apoiado pelo *Office of Private Cooperation* (OPC) da USIA, o *Sister Cities* tinha como referência a *American Municipal Association* (AMA), com sede em Washington D.C., para a gestão internacional do processo de *Town Affiliation*⁶⁸³. A AMA representava 13 mil municípios americanos e era uma das 26 associações nacionais de cidades do "mundo livre", que formavam a *International Union of Local Authorities* (IULA)⁶⁸⁴.

⁶⁸¹ Cf. **Documento 117**.

⁶⁸² Cf. **Documento 108**. Cf. trecho original em **Transcrição 268**, Transcrições (tradução nossa).

⁶⁸³ Cf. **Documento 52**.

⁶⁸⁴ Cf. **Documento 56**, a IULA, fundada em 1913 e com sede na Holanda, mantinha ativa relação com a ONU, a Unesco, e a Organização Mundial de Saúde.

A contraparte brasileira da AMA era a Associação Brasileira de Municípios (ABM), primeira entidade de municípios do Brasil, fundada em 1946, a partir de demandas apresentadas no Congresso Interamericano de Cooperação Municipal⁶⁸⁵ e também membro da IULA⁶⁸⁶.

Após um acordo entre duas administrações municipais que estabeleciam o irmanamento, eram criados os comitês municipais em cada cidade, com representantes da sociedade civil, como comunidade estrangeira, associações culturais e entidades privadas, que estabeleciam o rol das atividades conjuntas entre as cidades. Normalmente, o orçamento para as atividades saía da própria administração municipal, que podia contar com apoio dos membros do comitê, tanto na elaboração quanto na execução das atividades⁶⁸⁷.

No caso do Brasil, o princípio do irmanamento com cidades americanas não se deu por iniciativa das cidades, mas veio "de cima". Essas parcerias surgem a partir das indicações dos USIS no Brasil ou da USIA em Washington D.C., que encaminhavam as demandas para a AMA e só depois para a ABM e cidades brasileiras. Os irmanamentos eram como "casamentos arranjados". Em comparação aos das cidades americanas com europeias e japonesas dos anos 1950, com as cidades brasileiras vieram de forma tardia, realizados mais regularmente na década de 1960.

Reportagem do New York Times intitulada "*U.S. Trying a New Way To Tell Its Story Abroad*"⁶⁸⁸ contava a maneira que a USIA prospectava novas parcerias, organizando visitas: "Visitas de cidades-a-cidades foram organizadas entre Cortland, N.Y., e Peshavar, Paquistão; Detroit, Mich., e Roterdã, Holanda; Hagerstown, Md., e Wesel, Alemanha; Boston, Mass., e Roma, Itália; e uma acontecerá entre Kansas City, Mo., e São Paulo, Brasil".⁶⁸⁹

O grande passo do irmanamento entre cidades brasileiras e americanas começou mais fortemente a partir do governo Kennedy. Em fevereiro de 1962, seis cidades brasileiras já participavam do *Sister Cities*: Goiânia, GO (com Orlando, Flórida), Jundiaí, SP (com Trenton, New Jersey), Lajes, SC (com Monroe, Louisiana), Porto Alegre, RS (com Jacksonville, Flórida), Petrópolis, RJ (com Asheville, North Carolina) e Teresópolis, RJ (com Royal Palm Beach, Flórida).

Em 1963, já eram dez as cidades brasileiras participantes do programa. Além das citadas participavam Águas de Lindóia, SP (com Paso Robles, na Califórnia), Jequié, BA

⁶⁸⁵ Disponível em <<http://www.abm.org.br/a-abm-municipios-fortes-pais-desenvolvido/>>, Acesso em 15 dez. 2014.

⁶⁸⁶ Cf. **Documento 119**: "*San Leandro, California Desires Brazilian Affiliation*".

⁶⁸⁷ Cf. **Documento 52**.

⁶⁸⁸ Cf. **Documento 53**.

⁶⁸⁹ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 269**, Transcrições (tradução nossa).

(com Takoma Park, Massachussets), Jundiaí, SP (que tinha feito outro irmanamento, agora com Benton Harbor, Michigan), Ribeirão Preto, SP (com San Leandro, na Califórnia) e Salvador, BA (com Los Angeles, Califórnia).

A proposta da associação das cidades se dava diretamente pela USIA, nos EUA intermediada por meio do OPC (pelo seu responsável, Snowden Chambers) ou mesmo pelo próprio diretor da agência (Murrow ou Wilson). A interlocução com as cidades brasileiras era realizada pelos responsáveis dos USIS mais próximos das localidades.

Dessa maneira, a USIA era quem administrava e geria a cooperação entre cidades no *Sister Cities*. Foi o caso, por exemplo, da proposta de filiação de Ribeirão Preto com San Leandro, na Califórnia. Acompanhada diretamente pelo próprio Murrow, a cidade brasileira demorava a responder sobre sua disponibilidade, o que afligia os responsáveis da cidade californiana em janeiro de 1962.

FIGURA 75 - Proposta de filiação de Ribeirão Preto com San Leandro, na Califórnia, feita e acompanhada diretamente pelo diretor da USIA, Edward Murrow, em 1962.

OUTGOING MESSAGE
VIA AIR POUCH

U. S. INFORMATION AGENCY
UNCLASSIFIED
Classification

USIA CA-760 September 21, 1962
SENT TO: USIS, RIO DE JANEIRO

RPTD INFO: USIS, SAO PAULO

SUBJECT: Proposed Town Affiliation -- Ribeirao Preto, Brazil -
San Leandro, California

Ref : USIA A-Oct 13 14 37'61 and CA 2047, January 31, 1962

For your information, the city of San Leandro is still hoping to have a formal sister city program with Ribeirao Preto.

The patience of the leaders in San Leandro grows thin. Anything that USIS can do, which it deems feasible, to assist the consummation of this program, will be appreciated.

MURROW

Handwritten notes: "SAN LEANDRO, CALIF." in the top right; "Sent to Rio 9/21/62" with an arrow pointing to the subject line in the bottom left; "IOC" circled in red on the left margin; "I/S IAL IOA/I" on the left margin; "COMMUNICATIONS SEC. USE ONLY" vertically on the right margin.

Fonte: Cf. Documento 119.

A interlocução das cidades brasileiras também era direta com os USIS. A pouca cooperação internacional entre cidades do Brasil nos anos 1950 e 1960 era diretamente

operada pela USIA, como se vê em carta do prefeito de Ribeirão Preto à agência, aceitando a proposta americana.

FIGURA 76 - Resposta do prefeito de Ribeirão Preto ao USIS: cooperação internacional das cidades nos anos 1960 era operada pela agência.



Fonte: Cf. Documento 119.

Essa fórmula foi repetida em todos "irmanamentos" de cidades brasileiras e americanas nos anos 1960, não só no processo de decisão sobre quais cidades participariam, mas também depois estabelecidas as cidades-irmãs.

A USIA (OPC) e os USIS no Brasil continuaram a acompanhar a efetividade das atividades entre as cidades. O começo da chamada "cooperação descentralizada" no Brasil foi bastante "centralizada" pela USIA. Como pode se observar no caso da parceria entre Takoma Park (Maryland) e Jequié (Bahia).⁶⁹⁰

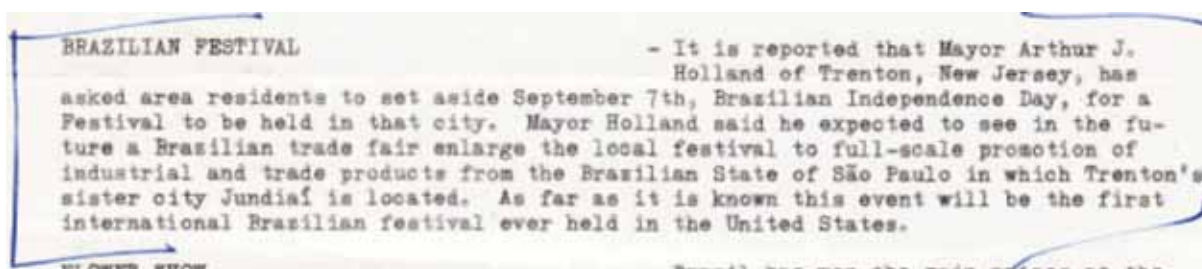
⁶⁹⁰ Cf. Documento 53.

Assinada em visita aos EUA do Governador baiano Antonio Lomanto Jr., também Presidente da ABM, em janeiro de 1963, a USIA continuou acompanhando a efetivação do que seria a primeira atividade entre as cidades: a ida de uma estudante de Jequié (sobrinha da primeira-dama baiana) para Takoma. Entre outras atividades nos EUA, o Governador baiano discutiu possibilidades de empréstimos do Banco Interamericano de Desenvolvimento, no âmbito do programa "Aliança para o Progresso".

Após solucionar os trâmites operacionais (como habitação, escola e passagem), a USIA também participou da divulgação do dia a dia da jovem baiana nos EUA, seja em matéria do programa "Panorama Panamericano" (produzido pela USIA e exibido no Brasil), ou em programas comerciais americanos como "Mark Evans Show" (Channel 7).⁶⁹¹ Jequié também participou, em junho de 1964, do Congresso da AMA, patrocinado pelo Departamento de Estado, como exemplo de caso de sucesso. Em setembro de 1964, a primeira estudante de Takoma Park chegou a Jequié para o intercâmbio de estudos de um ano no Brasil.⁶⁹²

Os mesmos procedimentos da USIA repetiram-se com outras cidades brasileiras, com maior intensidade principalmente nos anos de 1962 e 1963, como com Jundiaí e Trenton (NJ), com atividades amplamente divulgadas pelo VOA e pela agência de notícias nos USIS brasileiros.

FIGURA 77 - Primeiro festival brasileiro nos EUA ocorreria em Trenton (NJ), cidade-irmã de Jundiaí, em maio de 1963.



Fonte: Cf. **Documento 119**.

Em 1963, a USIA também aproximou a cidade de Barbacena com Burlington (Iowa), iniciativa que foi elogiada pelo "O Globo", em 13 de agosto do mesmo ano. Segundo a reportagem "Barbacena tem uma irmã no meio-oeste americano", que fazia parte de uma série de notícias do jornal chamada "Os EUA em 15 Dias". Segundo o jornal, a cidade mineira

⁶⁹¹ Cf. **Documento 119**.

⁶⁹² Id.

"pode sentir-se orgulhosa: dificilmente encontraria para "irmã" uma cidade mais bonita, mais limpa, mais agradável e mais rica do que Burlington, Iowa". Mesmo não havendo registro de atividades de cooperação entre as cidades, as notícias foram favoráveis.

Um dos casos mais ativos entre as *Sister Cities* brasileiras foi o de Salvador e Los Angeles, como no fornecimento de material médico para a cidade brasileira, assim como 8 toneladas de brinquedos ao orfanato administrado pela Irmã Dulce, na Bahia, o que foi destacado pelo *Herald-Examiner*, em março de 1963.

FIGURA 78 - Doação de brinquedos de Los Angeles para o orfanato de Irmã Dulce em Salvador, ação resultado do *Sister Cities* no Brasil, destacado pelo *Herald-Examiner* em 1963.



Fonte: Cf. Documento 121.

A USIA cumpria o papel de interlocutor com governos e legislativos locais brasileiros não só no caso do programa *Sister City*. Em setembro de 1963, por exemplo, ela encaminhou uma demanda da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo por maiores informações sobre os modelos e as experiências do metrô em Chicago e Nova York, para possível implantação do metrô na capital paulista.⁶⁹³ A agência mobilizou as cidades solicitadas e além disso, encaminhou experiências que julgava serem mais avançadas e de empresas americanas, e de Filadélfia, Boston e Washington DC.

A USIA, assim como nas outras áreas de atuação, continuou seu trabalho com as cidades nos anos seguintes, com menor intensidade. Em novembro de 1965, outras quatro cidades brasileiras estavam afiliadas e ativas no programa *Sister Cities*: Belo Horizonte/MG

⁶⁹³ Cf. Documento 122.

(e Austin, Texas), Coaraci/BA (e Great Bend, Kansas), Itapetinga/BA (com Dairy Valley, Califórnia), São José dos Campos/SP (e Hanford, Califórnia).

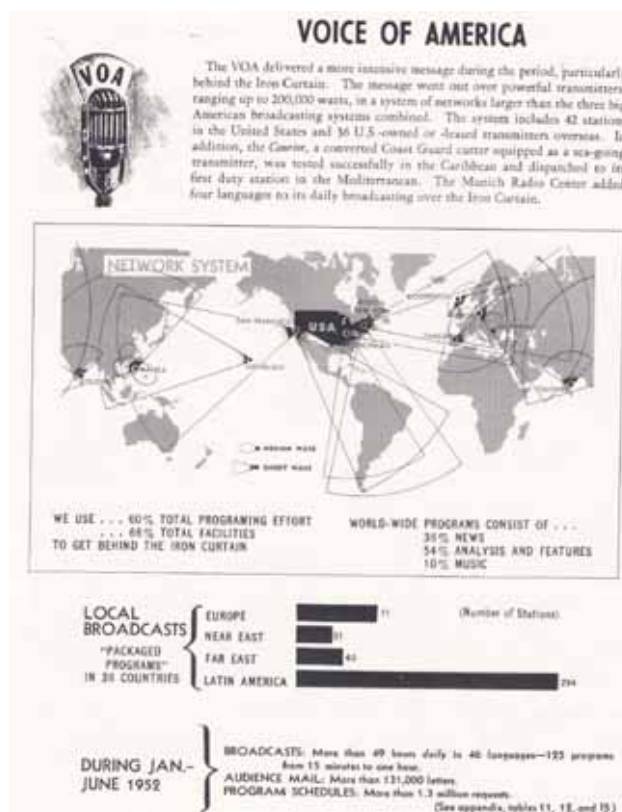
Com a extinção de seu *Office of Private Cooperation* em 1967, a USIA não deu maior continuidade ao programa *Sister Cities* até 1969, quando o seu diretor à época, Frank Shakeaspeare, declarava publicamente o compromisso de reanimar o trabalho da agência junto à AMA e a *National League of Cities* americana. Apesar da vontade, a USIA não mostrou efetivamente a mesma força e compromisso do início dos anos 1960, ao menos junto às cidades brasileiras.

3.6 A USIA, o rádio, a televisão e o cinema no Brasil

Além dos programas para os grupos prioritários, e considerando que o acesso à maioria da população do Brasil era dificultado pelo alto índice de analfabetismo, pelo tamanho do País e pela precariedade de seu sistema de transporte, o rádio era o mais importante instrumento para alcançar o país como um todo.

Antes mesmo da USIA, a estratégia americana já contava com o rádio (e o *Voice of America*) para alcançar as regiões mais longínquas do mundo, como mostra o gráfico da IIA de 1952, a seguir:

FIGURA 79 - *Voice of America* e a estratégia de rádio americana no começo dos anos 1950.



Fonte: Cf. **Documento 23.**

Com o advento da USIA e seus cortes orçamentários iniciais (que se refletiram na diminuição de programas produzidos pelo VOA também em português⁶⁹⁴), o espaço para transmissão do VOA começou a ser ocupado pelos programas produzidos localmente nos USIS de cada região do Brasil. A medida emergencial deu frutos positivos, diminuindo também os custos, assim como abordou características e temas mais conhecidos das populações locais. Essas seriam mescladas com as informações dos EUA que chegavam aos USIS por meio de sua agência de notícias⁶⁹⁵.

Em 1953, o sinal dos programas da USIA transmitidos pela WRUL em espanhol para o Brasil (principalmente em São Paulo) era nítido⁶⁹⁶, mas de acordo com a nova orientação da USIA isso não era suficiente. Para ter maior aceitação do público brasileiro, os programas deveriam ser produzidos localmente, transmitidos nas principais estações comerciais, e como era padrão da USIA, não deveriam ser identificados como produzidos pelo governo americano.

Por isso, os programas da WRUL no Brasil em 1954, como "O Vespertino do Ar"⁶⁹⁷, começaram a ser transmitidos, em português, a 50 milhões de ouvintes, patrocinados por *Gillette e Time-Life International*.⁶⁹⁸ Eles eram reproduzidos em estações locais como a Rádio Clube do Pará (Belém/PA), Rádio Difusora (Petrópolis/RJ), Rádio Emissora de Piratininga/SP, Rádio Rio Preto (Rio Preto/SP), Rádio Educadora de Campinas/SP, Rádio Difusora de Agudos/SP, Rádio Difusora de Assis/SP, Rádio Bebedouro/SP, Rádio Difusora de Cafelândia/SP, Rádio Difusora de Catanduva/SP, Sociedade Rádio Clube de Garça/SP, Rádio Liberdade de Guaratinguetá/SP, Rádio Difusora de Mirassol/SP, Rádio Difusora de Monte Aprazível/SP, Rádio Clube de Oswaldo Cruz/SP, Rádio Clube Marconi de Paraguaçu Paulista/SP, Rádio Difusora de Pompéia/SP, Rádio Difusora de Rancharia/SP, Sociedade Rádio Difusora de Regente Feijó/SP, Sociedade Rádio Difusora de São João da Boa Vista/SP, Rádio Difusora de Sertãozinho/SP, Rádio Mayrink Veiga/RJ e a Rádio Ministério da Educação/RJ.⁶⁹⁹

No mesmo ano, o País chegava a 3 milhões de aparelhos de rádio que transmitiam os programas da WRUL como "A Voz da Liberdade", ou os feitos pela USIA para exibição em

⁶⁹⁴ Cf. **Documento 124**.

⁶⁹⁵ Id.

⁶⁹⁶ Cf. **Documento 71**: "ZP 5302, Radio Listening, Multi Latin America, give-away offer on WRUL (responses), nov-dec 1953".

⁶⁹⁷ Cf. **Documento 78**.

⁶⁹⁸ Cf. **Documento 125**.

⁶⁹⁹ Id.

emissoras comerciais, como "Comentários de Al Neto", "Verdade ou Mentira" (na Rádio Nacional), "Rua do Sossego" (na Rádio Tupi), "História de Chinelo" (Rádio Nacional), "Repórter Esso" (Rádio Nacional), "Curiosidades" (Rádio Nacional) e "Ponta de Lança" (na Rádio Tupi)⁷⁰⁰.

Nas pesquisas internas da USIA, 65% dos brasileiros se informavam pelo rádio. E entre os programas de notícias, o "Repórter Esso" era o mais ouvido, ao menos nas grandes cidades brasileiras, com 49% de preferência entre os ouvintes no Rio de Janeiro e 24% em São Paulo⁷⁰¹.

Para exibição dos programas nas principais emissoras de rádio do país e nas pequenas rádios locais, a USIA fez acordos sigilosos com a maior cadeia de rádio brasileira para exibição de seus programas em grande parte do Brasil, como pode verificar-se pelo contrato com "Os Diários Associados", que já vigorava, pelo menos, desde 1951.

Como mostram os trechos do documento abaixo, para exibição dos programas da USIA "Nos Bastidores do Mundo – com Al Neto" e "A vida que o mundo leva", a USIA pagava diretamente a Assis Chateaubriand cerca de US\$ 5 mil dólares mensais (sem contar as taxas adicionais) para exibição em cidades fora do Rio de Janeiro, e em Belo Horizonte, Porto Alegre e São Paulo. O contrato havia sido feito seguramente desde 1951 e durou pelo menos até dezembro de 1955, data deste informe interno.

FIGURA 80 - Contrato da USIA que mostrava o pagamento direto feito a Assis Chateaubriand, pela exibição dos programas da agência nas estações da cadeia de rádio dos Diários Associados, pelo menos desde 1951 a 1955.

On May 1, 1951, a contract was signed providing for payment of an amount that "in no case shall exceed US\$5,341.80 per month" for the medium and shortwave broadcast, six days a week on four stations outside Rio de Janeiro of a 5-minute international news commentary entitled "Nos Bastidores do Mundo." The contract was to run until June 30, 1952, and was subject to extension (or cancellation).

A Confidential telegram, No. 535, dated October 18, 1951, requested sufficient additional funds to pay Senhor Chateaubriand \$12,500 monthly for broadcasting A Vida que O Mundo Leva. On November 26 (Telegram No. 682) warned that if requested funds were not forthcoming by December 3, program would be cancelled. This was done on December 3, but the Department was

Fonte: Cf. **Documento 74**.

⁷⁰⁰ Cf. **Documento 71**.

⁷⁰¹ Id.

A aliança entre Chateaubriand e a USIA era estratégica para ambos⁷⁰². Quando discutiam sobre os pagamentos devidos aos "Diários Associados", o jornalista e empresário brasileiro deixava claro que mesmo se não fosse pago, ele gostaria continuar a exibir os programas da agência, por sua própria conta, pela grande importância do que era produzido pela USIA:

Em 26 de novembro [1951] (Telegrama No. 682 avisou que se os fundos requeridos não viessem até 3 de dezembro, o programa seria cancelado). Isso foi dito em 5 de dezembro e o senhor Chateaubriand insistiu na continuação do programa até 1º de janeiro, 1952 "por sua própria conta, se necessário, porque ele considera a eficiência do programa de suma importância". O telegrama acrescentou que o senhor Chateaubriand "solicitou à Embaixada que avisasse o *Assistant Secretary* Miller que, em sua opinião, o Departamento deveria aproveitar-se inteiramente de todos recursos de imprensa de Chateaubriand para a *Campaign of Truth*".⁷⁰³

Em 1956, a USIA exibia nas grandes emissoras de rádio, além do programa de Al Neto, novas atrações como "Você se lembra", "Os vencedores da vida", "Noveleta Panamericana" e os musicais "Hit Parade" (transmitido pela Radio Metropolitana do Rio de Janeiro⁷⁰⁴) e "Clube do Disco"⁷⁰⁵.

O historiador brasileiro Antonio Pedro Tota (2005) mostrou como Al Neto, funcionário da embaixada americana no Rio de Janeiro, mesclava curiosidades, variedades e opiniões políticas anticomunistas e pró-americanas, sem nunca mencionar sua ligação com a USIA.⁷⁰⁶

Segundo relatório interno da agência em 1957, os programas de Al Neto gravados pelo USIS do Rio de Janeiro, eram produzidos para disseminar comentários políticos e discutir frequentemente, de maneira positiva, a cooperação entre Brasil e EUA. Segundo o mesmo relatório, o programa de Al Neto era diário, com duração de 5 minutos e distribuído em discos a 35 estações ao redor do País. Os roteiros de Al Neto também eram usados por cerca de 300 estações, lidos pelos locutores locais. Esses comentários eram amplificados também em praça pública, por cerca de 300 caixas de som espalhadas pelo país.⁷⁰⁷

⁷⁰² Haines, (1989, p. 171) também destaca a aliança entre o Governo americano e Assis Chateaubriand. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 102** (Transcrições).

⁷⁰³ Cf. **Documento 74**. Cf. trecho original em **Transcrição 270**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁰⁴ Cf. **Documento 125**.

⁷⁰⁵ Cf. **Documento 12**.

⁷⁰⁶ Parte do acervo de Al Neto está disponível no sítio eletrônico do Núcleo de estudos de Política, História, e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em <http://www.pucsp.br/polithicult/midiateca/bastidores_mundo1.html> Acesso em 23 jan. 2014. Haines (1989, p. 171) também menciona o programa de Al Neto. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 103** (Transcrições).

⁷⁰⁷ Cf. **Documento 125**.

O sucesso do programa era grande também na capital do País: em 1957, 44% dos cariocas identificavam o programa de Al Neto espontaneamente.⁷⁰⁸ No fim dos anos 1950, além de seu programa de rádio, Al Neto também escrevia colunas em jornais brasileiros, no Rio de Janeiro, Curitiba, Aracaju, Campos, Londrina, Itapetininga, e com grande sucesso em Joinville. Na ocasião, Al Neto também tinha um programa de TV (patrocinado pela "América Fabril") exibido no Rio de Janeiro, no qual entrevistava celebridades⁷⁰⁹.

Os programas de rádio da USIA ao longo dos anos 1950 conquistaram um importante público nas maiores cidades brasileiras. A grande preferência dos ouvintes brasileiros entre os programas da USIA eram os musicais; em segundo lugar, estavam as rádio-dramaturgias e em terceiro lugar as comédias e os noticiários⁷¹⁰.

Em Porto Alegre, por exemplo, o programa "Você se lembra" era o preferido de um terço da população gaúcha em 1957⁷¹¹. Produzido localmente e patrocinado pela *American Corn Products*, o programa tinha completa supervisão do Departamento de Rádio da USIA e dedicava-se a lembrar de fatos nacionais e internacionais do passado, bem como a relacioná-los com os acontecimentos da ocasião⁷¹².

Outro programa produzido localmente pelo USIS no Rio de Janeiro era "Os Vencedores da Vida", um "programa documentário dramatizado"⁷¹³, que contava a história de lideranças brasileiras nos campos da indústria e das artes, com ênfase especial ao empreendedorismo e ao espírito do capitalismo brasileiro, que segundo a descrição do programa, teriam ajudado a construir as bases do País. Esse também era distribuído a partir do Rio de Janeiro, em discos, aos outros postos locais no País.⁷¹⁴ Outro grande destaque de popularidade dos programas da USIA era o programa "A Casa do Tio Sam", lembrado espontaneamente por 17% da população de São Paulo.

Mesmo com o sucesso dos programas ("não-assinados") da USIA transmitidos em rádios comerciais brasileiras desde 1942, a agência continuou produzindo seu programa "assinado" mais célebre, o "*Voice of America*"⁷¹⁵. Na maior parte dos anos 1950 e 1960, a USIA produzia três horas diárias do VOA em português especialmente para o Brasil⁷¹⁶, além de disponibilizar "*feeds*" (transmissões diretas), em inglês, para 50 estações brasileiras, que os

⁷⁰⁸ Cf. **Documento 12**.

⁷⁰⁹ Cf. **Documento 138**.

⁷¹⁰ Cf. **Documento 12**.

⁷¹¹ Id.

⁷¹² Cf. **Documento 125**.

⁷¹³ Id.

⁷¹⁴ Id.

⁷¹⁵ Cf. **Documento 124**. Com exceção de 1953, quando o VOA foi paralisado por questões orçamentárias.

⁷¹⁶ Cf. **Documento 128**.

retransmitiam em ondas curtas para todo o Brasil. A agência também oferecia programas gravados, que eram redistribuídos em ondas médias por 100 estações locais.⁷¹⁷

Em 1961, os programas do VOA para o Brasil misturavam, de maneira geral, notícias comentadas, a cobertura jornalística de temas de interesse do público brasileiro, especiais sobre literatura, história, ciência e eventos culturais americanos, músicas americanas e aulas de inglês.⁷¹⁸ Eram recorrentes os temas como os principais avanços tecnológicos americanos, discursos dos Presidentes Eisenhower e Kennedy e o detalhamento de programas americanos para a região como, os "*Peace Corps*", a "Aliança para o Progresso", o "*Food for Peace*" e as ações do Banco Interamericano de Desenvolvimento.⁷¹⁹

Após o governo Johnson, como em todas as áreas da USIA, o rádio e o VOA gradativamente foram perdendo força, orçamento e pessoal. Em relatório interno da USIA para avaliação do programa de rádio do Brasil em 1969, observava-se o começo do declínio da estratégia de rádio no Brasil a partir de 1967: "Naquele momento da pesquisa no Brasil, nós já tínhamos sofrido cortes substanciais na plataforma de rádio, por causa das limitações de orçamento e de pessoal que começaram a ser sentidas no outono de 1967".⁷²⁰

Com o aumento das transmissões televisivas no Brasil, a USIA também participou com produções próprias voltadas ao público brasileiro. De 1953 a 1955, com um crescimento de 85% no número de televisores no país – sendo 55 mil aparelhos no Rio de Janeiro e 65 mil em São Paulo – as estações de TV (quase sempre ligados às cadeias de rádio) também se multiplicavam.⁷²¹

Em 1955, a USIA destacava a existência de três emissoras em São Paulo, cada uma com 40 horas de transmissão semanais: a TV Tupi, canal 3; a TV Record, canal 7; e a TV Paulista, canal 5. A agência também alertava para o surgimento de uma TV ligada à Rádio Bandeirantes – que seria o canal 13 – em São Paulo, além da criação de emissoras ligadas à TV Tupi em Belo Horizonte e Porto Alegre.⁷²²

No Rio de Janeiro já existiam: em 1955, a Rádio Tupi-TV, canal 6, com 55 horas de transmissão por semana; a TV Rio, controlada pela TV Record de São Paulo; e a TV Roquete Pinto, de perfil educativo, pertencente à Prefeitura do Rio de Janeiro, que transmitia 50 horas por semana pelo canal 2.⁷²³ Até 1956, quando o Brasil já tinha 200 mil aparelhos de TV⁷²⁴, o

⁷¹⁷ Cf. **Documento 124**.

⁷¹⁸ Id.

⁷¹⁹ Cf. **Documento 128**.

⁷²⁰ Cf. **Documento 85**. Cf. trecho original em **Transcrição 271**, Transcrições (tradução nossa).

⁷²¹ Cf. **Documento 95**: "*IM-46-55, Recents Developments in Latin American Television, March 31, 1955*".

⁷²² Id.

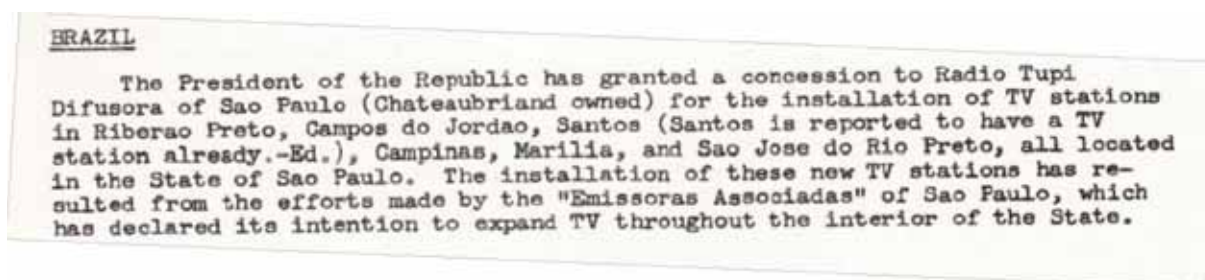
⁷²³ Id.

Governo abriu 16 concessões de televisão, sete delas no Rio de Janeiro, sete em São Paulo, uma em Belo Horizonte e uma no Recife⁷²⁵.

O Brasil já fazia parte de uma estratégia de programas de TV da USIA, que eram distribuídos em 21 países do mundo e dublados pelas emissoras locais.⁷²⁶ Em 1957, quando o Brasil já atingia 405 mil aparelhos de TV⁷²⁷, a USIA distribuía programas de notícias como o "News in Review" e o "Report from America", além de um programa específico chamado "Mirante",⁷²⁸ nas emissoras cariocas, paulistas e mineiras.

No mesmo ano de 1957, levantamentos internos da USIA sobre a televisão no mundo destacavam que o Presidente Juscelino Kubistchek havia cedido seis concessões a Assis Chateaubriand (chamado no informe da USIA somente de "Chateaubriand"), de acordo com a demanda do jornalista em abrir emissoras de TV no interior do Estado de São Paulo, como mostra o documento abaixo:

FIGURA 81 - Informe da USIA apontava para a cessão de TVs feita por Juscelino Kubitschek para "Chateaubriand" no interior de São Paulo, em 1957.



Fonte: Cf. **Documento 133**.

Para o Rio de Janeiro, em 1957, a USIA dirigia e supervisionava o "Quero saber mais", um programa de perguntas e respostas patrocinado pela "Coca-Cola" (conhecido por 41% dos espectadores cariocas) e que alternava curiosidades e informações relevantes para os EUA, como energia atômica, temas políticos contemporâneos, esporte e música.⁷²⁹

A partir de 1958, os programas de TV da USIA dedicavam-se, principalmente, a reforçar os benefícios da cooperação americana no Brasil, como o *Point IV* e a "Aliança para o Progresso". Para isso, a agência produzia, em Washington D.C., o programa "Panorama

⁷²⁴ Cf. **Documento 131**.

⁷²⁵ Cf. **Documento 130**.

⁷²⁶ Cf. **Documento 129**.

⁷²⁷ Cf. **Documento 132**.

⁷²⁸ Cf. **Documento 129**.

⁷²⁹ Cf. **Documento 138**.

Panamericano". Com 15 minutos semanais, o "Panorama" era transmitido pela TV Tupi e pela TV Excelsior, como reportagens que faziam parte de programas mais longos desses canais, e contava aos brasileiros todos os benefícios e casos de sucesso das parcerias com os EUA no País. O "Panorama" era transmitido aos sábados, domingos ou às segundas-feiras, às 17h30, 18h40 ou 10h45.⁷³⁰

Além do "Panorama", no início dos anos 1960, a USIA também produzia para o Brasil um programa musical chamado "Jazz na América" (esse até outubro de 1962) e outro chamado "Entrevista da Semana", que durante cinco minutos dedicava-se sempre a algum tema de interesse da agência e era transmitido pela TV Paulista, normalmente às quartas-feiras, sextas-feiras ou sábados, às 18hs ou 20hs, de acordo com a disponibilidade da emissora⁷³¹.

A partir de abril de 1962, quando foram revogadas as barreiras anteriormente impostas por Jânio Quadros a programas estrangeiros na televisão brasileira⁷³², os programas "privados" americanos atingiram grande presença e audiência nos canais brasileiros com programas como "Papai sabe tudo", "Os Flintstones", "Lassie", "I love Lucy", "Bat Masterson", "Rin-Tin-Tin", "Além da Imaginação", "Três Patetas", "Top Cat" (o "Manda-Chuva"), "Rota 66", entre outros⁷³³.

Mas a política de audiovisual da USIA não tinha começado com a TV. Na verdade, ela seguia uma tradição do governo americano em produzir filmes, com parcerias ou não, em conjunto com estúdios de Hollywood. Essa, como muitas outras ações, teve suas raízes em Creel, passando pelo Birô de Rockefeller,⁷³⁴ com filmes específicos para América Latina, e continuava com a USIA. A tradição continuava, com filmes em formatos de documentários, jornalísticos ou ficcionais, exibidos em centros binacionais e salas comerciais de cinema.

O filme sobre a visita do Presidente Dutra aos EUA, produzido em 1949, por exemplo, mostrava o encontro com Truman e a ótima relação pessoal dos dois Presidentes, refletindo o histórico de boas relações entre os dois países. Entre outras visitas que fazem parte do filme, Dutra vai ao Tennessee conhecer a usina hidrelétrica em Chattanooga, experiência de interesse do Presidente brasileiro⁷³⁵.

A USIA continuou a fazer filmes específicos para o público brasileiro, sempre reforçando as bandeiras políticas americanas e a boa relação entre os países. É o caso do filme

⁷³⁰ **Documento 128 e Documento 12:** "USIA/IRS/R/ TV Survey in São Paulo May, 1963".

⁷³¹ **Documento 12:** "USIA/IRS/R/ TV Survey in São Paulo May, 1963".

⁷³² Cf. **Documento 135**.

⁷³³ **Documento 134**.

⁷³⁴ Cf. TOTA (2000).

⁷³⁵ **Documento 136**.

"*Atomic Medicine in Brazil*", realizado no Brasil em 1954, pela produtora Herbert Richers. Ele contava como a energia atômica podia ajudar no tratamento de casos de câncer, por meio da cooperação americana em hospitais, instituições como a Escola Paulista de Medicina e o Instituto Central do Câncer de São Paulo.⁷³⁶

A partir de 1955, as crescentes barreiras governamentais para exibição de filmes produzidos no exterior fez com que, cada vez mais, a USIA contratasse produtoras locais para seus filmes no Brasil⁷³⁷. Um exemplo disso era o projeto da USIA exibido em cerca de mil salas comerciais, bibliotecas e postos móveis do USIS do Brasil durante todo ano de 1959: a série de filmes "A escola agora é outra", mostrava os avanços na educação básica brasileira alcançados com ajuda do *Point IV*⁷³⁸.

A parceria da USIA com as companhias cinematográficas brasileiras proporcionava a exibição de seus filmes nas salas comerciais. A maior produtora e distribuidora do Brasil no começo dos anos 1960, por exemplo, era parceira da USIA⁷³⁹. Em 1962, Luiz Severiano Ribeiro Jr., dono e Presidente da Cinegráfica São Luiz S.A. e companhias associadas, esteve em Washington DC para encontrar-se com a USIA.

Segundo o responsável pelo Departamento de Filmes da USIA naquele ano, Anthony Guarco, Ribeiro Jr. era o homem que controlava a indústria cinematográfica brasileira, com mais de 1.800 salas de cinema e cerca de 8 filmes produzidos por ano. Além disso, era responsável pela distribuição de filmes da maioria das corporações americanas, como a *20th Century Fox*⁷⁴⁰.

Recebida pela diretoria da USIA na ocasião, a Cinegráfica São Luiz foi a responsável pela exibição de 12 curtas-metragens da USIA em 1.800 salas ao redor do Brasil, no ano de 1962. Entre esses, conta-se inclusive um filme colorido sobre a posse do Presidente Kennedy⁷⁴¹.

Em 1962, a USIA também exibia a série semanal de filmes "*Horizons*", que mostrava os impactos positivos da "Aliança para o Progresso" na América Latina, sendo exibido em mais três mil e duzentas⁷⁴² salas comerciais no Brasil para mais de 1,5 milhão de pessoas naquele ano.⁷⁴³

⁷³⁶ Cf. **Documento 137**.

⁷³⁷ Cf. **Documento 51**: "1955: Brazil prohibits importation of Newsreels hence produced locally".

⁷³⁸ Cf. **Documento 139**.

⁷³⁹ Cf. **Documento 140**.

⁷⁴⁰ Id.

⁷⁴¹ Id.

⁷⁴² Cf. **Documento 117**.

⁷⁴³ Cf. **Documento 59**.

O "*Horizons*" foi realizado pelas produtoras mais importantes do Brasil, como a mencionada Cinegráfica São Luiz (quatro histórias em três *newsreels*), Herbert Richers (três histórias em três *newsreels*), Carlos Niemeyer (três histórias em dois *newsreels*) e Ponte Gráfica, uma associação de pequenas produtoras (com uma história feita por dez diferentes companhias)⁷⁴⁴.

As parcerias com produções locais continuaram, assim como a exibição de filmes produzidos para todo mundo, sempre fortalecendo os principais programas do governo e valorizando o perfil dos Presidentes americanos como lideranças globais.

Como já foi visto, após a morte de Kennedy, a USIA, em tempo recorde, produziu o filme "*The President*", que mostrava os funerais de JFK e a subida ao poder do Presidente Johnson, valorizando suas qualidades para enfrentar a crise interna e os desafios externos que os EUA sofriam na ocasião.

"*The President*" começou a ser exibido nos cinemas brasileiros em fevereiro de 1964, com o devido acompanhamento do Departamento de Pesquisa da agência, que media a aceitação do público local ao filme e à figura do novo Presidente americano como liderança capaz de influenciar o mundo (e o Brasil) positivamente. Em pesquisa da USIA em abril de 1964, feita com os espectadores do filme, era medida a confiança dos brasileiros aos EUA como líder de outros países, contra os principais problemas mundiais naquele ano⁷⁴⁵.

Pelo menos entre os brasileiros que tinham acabado de ver o filme, os resultados eram positivos para a USIA e os EUA: 10% não sabiam, 14% achavam que os EUA não tinham muita (ou tinham pouca) capacidade de liderança mundial, enquanto que 76% dos brasileiros acreditavam que o Presidente Johnson e seu país tinham muita (ou considerável) capacidade para liderar outros países⁷⁴⁶.

Após o golpe que depôs o Presidente Goulart, em 14 de abril de 1964 a USIA enviou um memorando a todas as suas diretorias internas,⁷⁴⁷ com a nova orientação da agência para a linha editorial a ser adotada a partir de então, tanto oralmente, quanto nos materiais a serem produzidos relacionados ao ocorrido no Brasil. Basicamente, eram oito recomendações:

1- Internamente a USIA orientava a todos que documentassem e repassassem à Agência todos os sinais de infiltração comunista na "*Brazilian Life*", seja no governo, nos militares, no trabalho, no meio estudantil, na imprensa e na "*intelligentsia*";

⁷⁴⁴ Cf. Documento 117.

⁷⁴⁵ Cf. Documento 86: "BR 6401, Brazil, Reaction to "The President" Film, Apr. 1964".

⁷⁴⁶ Id.

⁷⁴⁷ Cf. Documento 94: "Treatment of Infiltration and Subversion in Brazil, April 14, 1964"

2- Para os materiais a serem produzidos para o público latino-americano, a agência deveria destacar a influência castrista na "conspiração comunista" do Brasil e reforçar que a mesma estratégia era usada em todos os países da região;

3- Mostrar, a todo momento, o imenso apoio popular dado à derrubada do Presidente Goulart, o que daria legitimidade à "Revolução";

4- Mostrar elementos comunistas chineses e soviéticos infiltrados, que tentavam minar o sistema constitucional brasileiro;

5- Exibir todas as evidências materiais, como armas ou documentos, que provassem a determinação comunista em tomar o Brasil;

6- Usar fontes brasileiras nas reportagens e materiais;

7- Não mencionar nomes dos considerados comunistas envolvidos;

8- Não havia interesse em incentivar "*vendettas*" contra Goulart, Brizola e outros membros graduados dos governos, mas usar (e explorar) todas as provas que expusessem a ligação desses com um possível golpe comunista no Brasil.

As reportagens, filmes e fotos produzidas a partir daí seguiam essa orientação, como é o caso das Figuras 34 e 50, tiradas pelos USIS brasileiros em 1964. Elas tentavam mostrar a ligação de estudantes brasileiros com comunistas chineses, ou centros acadêmicos com pôsteres do Che Guevara, explicitando o perigo comunista que justificava a "revolução".

A Figura 82, também tirada pela USIA em 1964, mostrava as evidências "materiais" da tentativa do Levante Comunista no Brasil. A descrição da foto reforçava essa ideia: "Brasil: armas confiscadas de organizações comunistas e indivíduos que planejaram a revolução comunista. Fonte: USIS Brasil".⁷⁴⁸

⁷⁴⁸ Cf. **Documento 84**. Cf. trecho original em **Transcrição 272**, Transcrições (tradução nossa).

FIGURA 82 - Foto tirada pela USIA, demonstrando as provas materiais (armas) da infiltração comunista no Brasil, que segundo recomendação interna da agência, justificava a derrubada de Goulart.



Fonte: Cf. **Documento 84**.

As diretrizes internas, quanto à posição a ser seguida pelas coberturas da USIA sobre o golpe no Brasil, foram cumpridas em todos os seus materiais a partir daí. Em geral, as atividades da USIA no Brasil, desde sua criação até o Golpe Militar em 1964, seguiram, à risca, as orientações do estudo feito por Leo Bogart em 1952, sobre o que uma agência americana de informação deveria ser:

O homem da rua é muito poderoso. O americano médio tende a pensar que o povo no exterior, o povo do Irã, por exemplo, como sem muito poder. Mas eles podem derrubar governos com maior eficácia do que nós poderíamos, por meio do voto, algumas vezes (...) Na América Latina, as classes mais baixas estão se armando e começando a atirar. (...) Esses fatos tornam necessário que a USIA faça sua mensagem chegar aos mais humildes e analfabetos. Se a maioria das pessoas em um determinado país for favorável aos EUA, a ação pró-americana sobressairá, mesmo se os grupos no poder forem antiamericanos.⁷⁴⁹

O acompanhamento e as diretrizes presidenciais de Lyndon B. Johnson para o embaixador Gordon às vésperas do golpe de 1964, as parcerias com importantes líderes

⁷⁴⁹ Cf. BOGART (1995, p. 16). Cf. trecho original em **Transcrição 273**, Transcrições (tradução nossa).

brasileiros, como Juscelino Kubitschek, e as ações imediatas da USIA em total coordenação com as orientações da Casa Branca, como está descrito a seguir, comprovam perfeitamente o papel da agência entre as ações da política externa americana nos anos 1950 e 1960.

3.7 O Golpe e o filme sobre o Golpe

Na noite de 30 de março de 1964, dois dias antes do “*April Fool’s Day*” nos Estados Unidos, o 1º de abril, popularmente conhecido como o “Dia da Mentira” no Brasil, o Presidente Lyndon Johnson atendeu, no Texas, um telefonema. Ele conversava com seu Secretário de Estado, Dean Rusk, que estava acompanhado de sua equipe e de representantes da CIA em Washington D.C. para definirem as ações a serem adotadas pelos Estados Unidos diante da crise política que dividia o Brasil entre os pró e os anti-Presidente João Goulart.⁷⁵⁰

Rusk alertou o Presidente americano que naqueles próximos dias, ou mesmo naquela noite, a situação brasileira poderia se agravar com uma reviravolta dos que, segundo ele, “resistiam” a Jango, isto é, parte das Forças Armadas e alguns governadores, principalmente dos Estados mais populosos do Leste, como Minas Gerais e São Paulo.

O secretário de Estado avisou o Presidente Johnson que, por precaução, já havia solicitado ao secretário de Defesa Robert McNamara, o envio de cargueiros com munição e armas não registradas. Segundo Rusk, “os representantes da CIA sugerem que essa força-tarefa incluía um LSD carregado com barcas contendo armamento apropriado e munições, no caso do suprimento de armas semiclandestinas ser aceito. O Secretário McNamara foi consultado para decidir sobre isso”⁷⁵¹. Na denominação da marinha americana, um LSD é um “*Landing Ship, Dock*”⁷⁵², navio de desembarque de doca, um cargueiro com capacidade para carregar armamentos, helicópteros e veículos anfíbios.

Além disso, Rusk já descrevia a Johnson os planos de ação militar, e se essa fosse necessária, descartava o uso dos *Marines* americanos. Segundo a carta que o Secretário enviaria ao embaixador Gordon, lida a Johnson por telefone: “Obviamente, em um país com

⁷⁵⁰ Cf. **Documento 1**.

⁷⁵¹ Cf. **Documento 2**. Cf. trecho original em **Transcrição 274**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁵² Disponível em <http://www.navy.mil/navydata/fact_display.asp?cid=4200&tid=1000&ct=4>. Acesso em 25 dez. 13.

mais de 75 milhões de pessoas, maior que os Estados Unidos continental, esse não é um trabalho para um punhado de *Marines* dos Estados Unidos”⁷⁵³.

Ao mesmo tempo, o Secretário de Estado defendia o auxílio aos revoltosos com o envio de equipamentos militares que poderiam chegar mais rápido em aviões, pousando no Recife ou outro local do nordeste brasileiro. Rusk pedia a aprovação do Presidente para enviar a carta ao Embaixador no Brasil, Lincoln Gordon. Nela, pedia ao Embaixador que mobilizasse os adidos militares no País para definir as demandas de armamentos mais adequados à situação.

Na conversa, o secretário Rusk salientava que a decisão do Presidente deveria levar em conta, principalmente, a avaliação do embaixador Lincoln Gordon, que estava acompanhando as ações *in loco*. A carta a Gordon, aprovada pelo Presidente após a leitura pelo telefone, determinava que, a todo custo, os Estados Unidos deveriam evitar a tomada do Brasil por uma ditadura comunista – o que os governos de Jango e Leonel Brizola representavam claramente naquele momento, tanto para o Departamento de Estado, quanto para a CIA e Lyndon Johnson.

Na tarde do dia seguinte, 31 de março, o Presidente Johnson voltou a falar sobre o assunto com o sub-secretário de Estado, George Ball, e com o assessor para assuntos inter-americanos, Thomas C. Mann, para saber da situação política brasileira e dos preparativos americanos.⁷⁵⁴ Com base nas reuniões entre o Departamento de Defesa e Embaixada no Brasil⁷⁵⁵, foram confirmadas as intenções de envio de armamentos por navios, o que poderia levar até dez dias. Se fosse necessário uma ajuda mais rápida, poderiam ser acionados os navios que já estavam em Aruba e, dependendo da situação, como já havia sido proposto, aviões.

O subsecretário Ball atualizou o Presidente sobre as movimentações dos principais governadores e exércitos em nove Estados brasileiros, entre eles Minas Gerais, Rio de Janeiro e possivelmente São Paulo (segundo Ball, esse era chave para a definição da situação). Além disso, acompanhavam a movimentação política orquestrada no Congresso para o

⁷⁵³ Transcrição da carta lida disponível em **Documento 3**. Cf. trecho original em **Transcrição 275**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁵⁴ Cf. **Documento 4**. Algumas das gravações telefônicas desse dia também aparecem nos documentários brasileiros “O Dia que Durou 21 Anos”, dirigido por Camilo Galli Tavares, e “Dossiê Jango”, de Paulo Henrique Fontenelle, ambos de 2013.

⁷⁵⁵ Cf. **Documento 5**.

impeachment de Jango. Ball só esperava a definição de São Paulo para que a conjuntura se confirmasse nas próximas 12 horas e os Estados Unidos pudessem tomar uma posição oficial.

Desde janeiro de 1964, o Presidente Johnson também enfrentava no Panamá outra crise política na região, considerada por ele uma ameaça comunista.⁷⁵⁶ No auge da crise panamenha, em março de 1964, Johnson deixava claro que não permitiria nenhuma nova Cuba no continente, em conversa com o Senador Richard Russel:

Eu só disse que nós não vamos ter nenhuma Cuba por lá. Eles dizem que os comunistas têm uma base de apoio lá, que vão fazer o inferno e tentar dar um golpe comunista (...) [Eu disse] que nós não vamos ter outra Cuba no hemisfério, mesmo se eles tivessem homens suficiente, se ele não tivesse; eu mandaria mais do que ele.⁷⁵⁷

No Panamá, os Estados Unidos tinham respondido, desde janeiro, com uma intervenção militar com soldados americanos, que acabaram, entre outras coisas, matando 22 pessoas, após uma manifestação de estudantes. Os jovens queriam colocar a bandeira panamenha na zona do canal, construído e cedido aos Estados Unidos até então. Até final de março, Johnson não se mostrava disposto a ceder ao governo panamenho, que por conta do incidente de janeiro, tinha rompido relações diplomáticas com os Estados Unidos, e queria rever a cessão do canal. Apesar da resistência inicial, as negociações entre EUA e Panamá avançaram a partir de abril de 1964.

Nos mesmos dias de março e durante os mesmos telefonemas com o Departamento de Estado, Johnson tinha que enfrentar o que acreditava ser duas crises comunistas no "hemisfério": no Panamá e no Brasil. E para as duas, ele acreditava que os EUA tinham que garantir o mesmo resultado, a todo custo, isto é, que não houvesse uma “nova Cuba” na região.

Diretamente do Texas, em 31 de março, na última recomendação ao Departamento de Estado antes do golpe militar, Johnson foi claro sobre o que fazer em relação ao Brasil: “Eu acho que nós devemos fazer tudo a nosso alcance e estarmos preparados para fazer tudo o que precisarmos, assim como estávamos no Panamá, se isso tudo for factível”.⁷⁵⁸

⁷⁵⁶ Mais sobre as instruções de Johnson para a crise no Panamá, em março de 1964, cf. **Documento 6**.

⁷⁵⁷ Cf. **Documento 6**. Cf. trecho original em **Transcrição 276**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁵⁸ Cf. **Documento 9**. Cf. trecho original em **Transcrição 277**, Transcrições (tradução nossa).

Na tarde do dia 1º de abril, após as movimentações militares previstas no dia anterior e com o golpe em marcha, o Secretário de Estado e seus assessores⁷⁵⁹ fizeram uma teleconferência⁷⁶⁰ com o embaixador Gordon para saber dos acontecimentos das últimas horas e construir o cenário de ações a serem adotadas a partir de então.

Além de perguntarem sobre os desdobramentos políticos e deslocamentos militares (inclusive sobre a resistência de Brizola no Sul), o Departamento de Estado pediu orientações a Gordon para, se preciso fosse, desenvolver alguma atividade, oficial ou não, e reforçar a onda anti-Goulart: “Será que a adesão ao movimento anti-Goulart continuará sem algum encorajamento, velado ou explícito, vindo do nosso lado? (...) Algum dos líderes da revolução pediu a você algum apoio explícito? Algum sinal público de nosso apoio ajudará Goulart nesse momento?”.⁷⁶¹ Outra interessante informação da teleconferência do dia 1º era a preocupação do Departamento de Estado sobre a situação e a posição de Juscelino Kubitschek, e se esse já havia sido contactado por Lincoln Gordon naquelas últimas horas.

Em sua resposta, Gordon disse ser preocupantes a ocupação das rádios gaúchas pelas forças comandadas por Brizola, a movimentação do 3º exército no Sul e a greve geral convocada pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Na mesma fala, o Embaixador mencionou a possibilidade de deslocar três destroieres e um submarino para a Baía de Guanabara⁷⁶², bem como a dificuldade de combustível para a locomoção desse submarino.

Segundo Gordon, um dos únicos a pedir apoio aberto dos americanos, além de possibilidade de auxílio de armas e força naval, foi Adhemar de Barros e seu grupo político, o que não foi levado em consideração pelo Embaixador Americano. Para Gordon, o apoio aberto dos americanos iria fortalecer Jango:

Com exceção de Adhemar e alguns de seus aliados Paulistas que continuam a falar não claramente sobre necessidades de armas e possível vontade de mostrar força naval ali, não houve nenhuma pressão por apoio declarado. Eu não considero que a abordagem Paulista seja séria ou responsável. Nesse momento, sinais abertos de nosso apoio seriam um erro político que jogaria a favor de Goulart. Nós devemos, é claro, continuar a estudar essa questão de hora em hora, na medida em que a situação evolua.⁷⁶³

⁷⁵⁹ Pelo Departamento de Estado estavam Ball, Adams e Burton, cf. **Documento 7**.

⁷⁶⁰ Cf. **Documento 8**.

⁷⁶¹ Cf. **Documento 8**. Cf. trecho original em **Transcrição 278**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁶² Cf. **Documento 8**.

⁷⁶³ Id. Cf. trecho original em **Transcrição 279**, Transcrições (tradução nossa).

Finalmente Gordon contava ao Departamento de Estado sobre o seu encontro com Kubitschek no dia 31 de março de 1964 e as impressões políticas dele em relação ao golpe. Segundo o documento, JK teria feito uma análise da política nacional, dito ao representante americano o que achava de Jango (associando-o ao comunismo), declarando sua ruptura com o seu ex-vice-Presidente e acreditando no sucesso de sua derrota. Segundo comentou Gordon ao Departamento de Estado, em 1º de abril de 1964:

Eu encontrei Kubitschek às 21:15 e mandei uma mensagem que aparentemente não foi enviada no meio da confusão de ontem à noite. (...) Kubitschek disse que a movimentação de São Paulo seria crítica para o sucesso e se a rebelião fosse branda, Goulart abriria seu caminho para a ditadura. (...) Nós discutimos sobre o problema da legitimidade, que ele pensou que seria facilmente cuidado pelo Congresso, se o aspecto militar fosse resolvido. Ele tinha visto Goulart no meio da tarde e suplicou a ele que salvasse seu mandato fazendo uma ruptura clara com a CGT e os comunistas, mas Goulart disse que isso seria sinal de uma fraqueza que ele não poderia mostrar. (...) A hora teria claramente chegado e nessas horas não seria necessário nenhum apoio especial dos EUA. Acabei de saber que o relatório da conversa com Kubitschek foi enviado ontem como Embtel 2134.⁷⁶⁴

Outro relato de Kubitschek ao governo americano é registrado em um telegrama do dia 31 de março, em sua conversa com James Minotto, assessor americano para as relações com o Senado. Segundo o telegrama, JK confiava que o Golpe em marcha seria vitorioso, que as greves durariam até que “a fome começasse” e garantiu ao interlocutor americano ter rompido com Goulart, pois ele entregaria o País aos comunistas:

Em uma conversa com James Minotto, membro da equipe para o comitê de apropriações no Senado, Kubitschek disse que “para razões práticas a situação já estava acabada. Aconteceria um golpe bem sucedido contra Goulart, e que a resistência a isso se resumiria a uma greve geral de dois ou três dias. Os trabalhadores, no entanto, iriam voltar ao trabalho assim que comesçassem a ficar com fome”. Kubitschek também relatou que contou a Goulart que “ele estava rompendo com ele já que o Presidente estava seguindo um caminho que acabaria por entregar o país aos comunistas”.⁷⁶⁵

Pouco mais de 45 dias depois do Golpe, os cinemas do Brasil e da América Latina, começaram a exibir um documentário de notícias, que aparecia antes dos principais filmes americanos em cartaz, nas melhores salas do continente. Esse foi o primeiro filme especialmente produzido pela USIA para narrar o que teria sido uma revolução democrática no Brasil.

⁷⁶⁴ Cf. **Documento 8**. Cf. trecho original em **Transcrição 280**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁶⁵ Cf. **Documento 9**. Cf. trecho original em **Transcrição 281**, Transcrições (tradução nossa).

O filme “*Victory for Democracy*”⁷⁶⁶ contava como o povo brasileiro teria feito uma revolução popular em nome da democracia, salvando o país de uma ditadura comunista iminente. Segundo o documentário, em sua introdução, chegara ao fim “uma era de incerteza e medo. Por quatro anos, [o povo] sofreu com uma espiral inflacionária, alarmantes greves de trabalhadores, e promessas vagas e não cumpridas. Agora a nação parece tomar uma nova direção... e uma nova esperança”⁷⁶⁷.

A seguir, o filme mostrava cenas de militantes “comunistas” sendo trazidos em um bonde, para servirem de “claque”⁷⁶⁸ oficial dos discursos comunistas do Presidente no dia 13 de março (discurso da Central do Brasil), onde teria sido usada a velha tática comunista de confundir a população com discurso nacionalista e reformista, mas que no fundo seria de “tumulto e destruição”.⁷⁶⁹ Na continuação, citava as revoltas na Marinha brasileira, que segundo o filme da USIA teriam sido apoiadas por Jango, uma “clássica estratégia comunista de dividir para conquistar”:

Marinheiros mais à esquerda e ligados à Associação da Marinha se trancaram no prédio da União Metalúrgica. Eles denunciavam a falta de comando, mas tinham o apoio do Presidente Goulart. Um encontro de almirantes no Clube Naval concluiu que esse era um esforço para dividir as forças armadas em diferentes campos... outro velho truque comunista.⁷⁷⁰

A partir daí, o documentário narrava a reação do Exército, apoiado pela população, registrada pelos jornais e a consequente vitória de seis Estados “resistentes” ao regime de Jango, liderados por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo o filme da USIA, em São Paulo, onde houve uma maciça comoção da população anti-Jango, não foi sequer necessária nenhuma ação militar durante os dias da “Revolução”⁷⁷¹.

O *newsreel* mostrava uma “revolução pacífica, rápida e feliz”⁷⁷². Como saldo da “Revolução”, o filme produzido pela USIA mostrava que alguns centros de subversão foram fechados e quartéis reconhecidamente comunistas foram averiguados pelo Exército. No Rio

⁷⁶⁶ O roteiro do filme está disponível em **Documento 10**.

⁷⁶⁷ Cf. **Documento 10**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 104** (subacpítulo 7.3).

⁷⁶⁸ Cf. **Documento 10**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 105** (Transcrições).

⁷⁶⁹ Cf. **Documento 10**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 106** (Transcrições).

⁷⁷⁰ Cf. **Documento 10**. Cf. trecho original em **Transcrição 282**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁷¹ Cf. **Documento 10**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 107** (Transcrições).

⁷⁷² Cf. **Documento 10**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 108** (Transcrições).

de Janeiro, foram presos espiões comunistas chineses que teriam tramado matar algumas lideranças democráticas.⁷⁷³

Como conclusão, o documentário mostrava a chuva de papel picado e serpentinas durante a “Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade”, narrada como uma “manifestação da vitória, outra demonstração espontânea do apoio popular à mudança, e uma volta ao curso natural da Nação”.⁷⁷⁴

Por fim, a bandeira brasileira aparecia ao fundo e a narração anunciava que ainda havia muito a ser feito depois da eleição de Castelo Branco pelo Congresso, para cumprir o mandato restante e liderar a nação nos desafios que se impunham a seguir. O filme terminava em tom triunfante: “O povo está determinado que esse deve ser um grande ponto de mutação na sua história”.⁷⁷⁵

FIGURA 83 - População na comemoração da Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade, em 02/04/64. Foto tirada e distribuída pelo USIS no Rio de Janeiro.



Fonte: Cf. **Documento 84**.

⁷⁷³ I Cf. **Documento 10**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 109** (Transcrições). O caso dos nove chineses acusados de espionagem em 1964 é tratado profundamente em GUEDES; FIUZA (2014). A Comissão da Verdade, iniciativa do governo brasileiro finalizada em 2014, inocentou os nove chineses, que teriam sido acusados e condenados injustamente após o Golpe.

⁷⁷⁴ Cf. **Documento 10**. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 110** (Transcrições).

⁷⁷⁵ Cf. **Documento 10**. Cf. trecho original em **Transcrição 283**, Transcrições (tradução nossa).

4 O OCASO DA USIA

O mundo que nos amava agora nos odeia. Nós nos odiamos.

George Creel, 1920, comentando os efeitos do fim do CPI.⁷⁷⁶

Como pôde ser notado nos segundo e terceiro capítulos, a partir do governo Johnson houve uma visível diminuição do volume das atividades em todas as áreas de atuação da USIA e um afastamento da agência do centro das decisões da política externa, fruto da visão dominante dos Presidentes americanos (de ambos os partidos) e do contexto internacional que se desenhava após a segunda metade da década de 1960. Esse processo refletiu-se diretamente na redução do orçamento e pessoal⁷⁷⁷ da USIA até o seu fim, em 1999.

A diminuição também foi sentida na quantidade de representações locais no exterior (centros binacionais, bibliotecas e USIS), no número de publicações e traduções de materiais, no volume de notícias, na produção de programas de rádio e filmes para TV e cinemas.

No Brasil, esse processo começou a ser sentido mais fortemente a partir dos anos 1970. Segundo entrevista feita com Carl Howard, *ex-information officer* da USAID, *press attaché* e *Country Public Affairs Officer* no Brasil, no USIS do Rio de Janeiro em 1971, a orientação era diminuir o volume de atividades de imprensa, em relação às desenvolvidas nos anos 1950 e 1960: "Assim que eu cheguei, em maio de 1971, eu fui orientado para começar a diminuir gradativamente o tamanho dos serviços de imprensa, que tinha redatores, editores, um artista e sofisticados equipamentos de impressão."⁷⁷⁸ Na ocasião, Howard tinha uma equipe de 20 pessoas que trabalhavam na produção de materiais gráficos qualificados para divulgação da "Aliança para o Progresso", inclusive com representações no Nordeste⁷⁷⁹.

Durante as décadas de 1960 e 1970, apesar do encolhimento do volume das atividades, ainda foram feitos esforços para cooperação a longo prazo, no intercâmbio de estudantes, no ensino de inglês e nas atividades cultural. O trabalho ativo com os principais jornais, revistas,

⁷⁷⁶ CREEL (1920b, p. 362). Cf. trecho original em **Transcrição 284**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁷⁷ Cf. BOGART (1995, p. xxiv e xxii). No seu auge, nos anos 1960 a USIA chegou a ter mais de 12 mil empregados fixos, e em seu final, nos anos 1990, cerca de 9 mil. O crescimento do orçamento da USIA em sua primeira década (1953-1963) foi de 86%, enquanto que o orçamento geral do governo no mesmo período era de 48%. Nas suas três últimas décadas (de 1963-1993), enquanto o orçamento geral do governo cresceu 15 vezes, o da USIA cresceu somente 6,5 vezes.

⁷⁷⁸ Cf. HOWARD (2014). Trecho da entrevista selecionada em **Transcrição 112** (Transcrições). Entrevista feita por email e por telefone, a partir de 17/03/14. Trecho original em **Transcrição 285**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁷⁹ Cf. HOWARD (2014). Cf. trecho selecionado em **Transcrição 114** (Transcrições).

assim como nos principais canais de televisão no Brasil, mesmo com menor intensidade, continuou nos anos seguintes.

Tanto Howard – que trabalhou durante 12 anos no País, ao longo das décadas de 1970, 1980 e 1990, no Rio de Janeiro, em Brasília e São Paulo – quanto Don Mathes, *Branch Public Affairs Officer* no Brasil (de 1974-1980) também entrevistado, a relação com a imprensa era, no geral, boa. Segundo Mathes:

sobre os meus seis anos no USIS de São Paulo nos anos de 1970: nós tínhamos uma grande e diversa operação no USIS, quatro americanos na equipe e cerca de trinta brasileiros. Nós disponibilizávamos boletins diários para uma lista de contatos na imprensa, e eu tinha encontros frequentes com editores e repórteres, assim como almoços constantes e jantares sociais na minha casa (...). Eu me lembro que a equipe e os executivos de "O Estado de S. Paulo" eram os mais difíceis de ver e para se ter um tempo juntos. Folha de São Paulo, Gazeta Mercantil e Veja eram muito mais facilmente acessíveis. Nós também tínhamos muito boas relações com várias estações de rádio, especialmente quando nós podíamos lhes oferecer algumas fitas de música americana, que fossem tocadas no ar.⁷⁸⁰

Nos anos Carter (1977-81), a agência chegou a mudar de nome para USICA (*United States International Communications Agency*) em 1978, assumindo as funções de intercâmbio cultural e educacional levadas anteriormente pelo Departamento de Estado⁷⁸¹ e com uma proposta de políticas bidirecionais a longo prazo⁷⁸². No entanto, logo voltou a ter o mesmo perfil anterior da USIA, com Reagan, em 1982.

Apesar do progressivo fechamento de alguns postos locais, como Belém, Fortaleza e Curitiba, por falta de orçamento⁷⁸³, e da diminuição das atividades conjuntas com a USAID no Nordeste, continuaram ativas as atividades culturais; como palestras e exposições; e educacionais; principalmente com intercâmbios, aulas de inglês e as bibliotecas nos maiores centros. A fundação Casa de Thomas Jefferson, em Brasília, um dos maiores empreendimentos da USIA nos anos 1970 no Brasil, conseguiu recuperar o investimento feito na sua construção em dois anos, só com o lucro proveniente das aulas de inglês no Centro.⁷⁸⁴

Durante as décadas seguintes, o foco continuava sendo trabalhar com as lideranças da mídia, políticas, comerciais e culturais⁷⁸⁵, principalmente nos grandes centros, como São

⁷⁸⁰ Cf. MATHES (2014). Entrevista por email, em 20 de março de 2014. Trecho original em **Transcrição 286**, Transcrições (tradução nossa).

⁷⁸¹ Cf. TUCH (1990, p. 32).

⁷⁸² (Id., p. 144).

⁷⁸³ (Id., *Ibid.*)

⁷⁸⁴ (Id., p. 147). Trecho selecionado em **Transcrição 115** (Transcrições). Howard (2014) também menciona o caráter auto-sustentável dos centros binacionais nos anos 70 no Brasil, em grande parte por causa dos cursos de inglês oferecidos.

⁷⁸⁵ Cf. MATHES (2014).

Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Salvador e Recife⁷⁸⁶. Tanto Howard – que mencionou palestras pontuais com lideranças do mundo do trabalho e contatos frequentes com o mundo acadêmico – quanto Mathes, que descreveu o trabalho de aproximação de especialistas americanos com universidades brasileiras como a USP, a PUC-SP e a Unicamp, confirmavam a atenção na aproximação com potenciais futuros líderes brasileiros nos anos 1970, 1980 e 1990.

Assim como chegou a auxiliar a libertar um jornalista americano da *Time*, preso e torturado pela ditadura no Nordeste brasileiro durante os anos 1970⁷⁸⁷, a USIA também ajudou os intelectuais brasileiros perseguidos pela ditadura, como foi o caso de Paul Singer⁷⁸⁸, então professor de Economia e bolsista da Fundação Ford, que após ser detido, foi auxiliado por Joe O'Connel, funcionário da agência no País. Ao saber da prisão, O'Connel mobilizou seus colegas no consulado americano em São Paulo, causando pressão para a libertação do professor junto às autoridades brasileiras. Singer trabalhou no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e anos depois foi um dos fundadores do Partidos dos Trabalhadores no Brasil e Secretário Nacional de Economia Solidária durante os governos Lula e Dilma.

A aproximação com outros intelectuais do CEBRAP também renderam futuros frutos. Mathes mencionou sobre sua boa relação pessoal com Fernando Henrique Cardoso, desde quando esse era pesquisador do CEBRAP nos anos 1970. As discussões, muitas vezes acaloradas com o então sociólogo, se refletiram mais tarde, a seu ver, em algumas das ideias e discursos seus como Presidente da República:

Um grupo com quem eu passei um tempo foi o CEBRAP (Centro Brasileiro de Pesquisas), e eu tive uma relação muito próxima com o seu chefe acadêmico, Fernando Henrique Cardoso. Nós nos encontramos para almoçar muitas vezes, todos os anos, e conversávamos (às vezes discutíamos) sobre política externa americana e o papel do Brasil no mundo. Eu fiquei muito feliz quando Fernando Henrique foi chamado para Brasília, como ministro das Relações Exteriores, mas realmente feliz quando ele foi eleito Presidente do Brasil alguns anos depois. Ele foi o único Presidente com quem eu tive o tipo de relação de chamar pelo primeiro nome, e eu fiquei muito orgulhoso quando eu ouvi ele incluindo algumas das ideias que discutíamos em seus discursos como Presidente. Eu acho que a presidência de Fernando Henrique foi a mais significativa ao colocar o Brasil em uma postura moderada no mundo moderno.⁷⁸⁹

Ainda nos anos 1990, quando Fernando Henrique já ocupava o posto de ministro da

⁷⁸⁶ HOWARD (2014).

⁷⁸⁷ Id.

⁷⁸⁸ Cf. CULL (2008, p. 339): "Interview: Joe O'Connell, 9 November 1995". Cf. trecho selecionado em **Transcrição 113** (Transcrições).

⁷⁸⁹ Cf. MATHES (2014). Trecho original em **Transcrição 287**, Transcrições (tradução nossa).

Fazenda, a USIA ainda envia-lhe livros de economia que poderiam ser de seu interesse, segundo Howard, *PAO* no Brasil de 1992-1996. Sobre a ocasião, Howard ainda observava que, mais do que nas décadas de 1970 e 1980, teve fortes restrições orçamentárias durante o governo Clinton. Howard, assim como Mathes, sempre salientou que além de relações institucionais, foram importantíssimas as relações pessoais construídas durante suas passagens. Testemunha do ocaso da agência dos anos 1970 aos 1990, Howard, um dos últimos *PAOs* da era USIA no Brasil, sempre destacou que, sobretudo, era um "*labor of love*".

Durante os anos Clinton (1993-2001), ao mesmo tempo em que a agência sofria sérios cortes orçamentários, o papel da USIA começou a ser repensado para além das relações culturais e informacionais tradicionais, discutindo-se, de acordo com os moldes propostos por Hansen nos anos 1980⁷⁹⁰, a adaptação dos trabalhos de informação às novas tecnologias.

Na ocasião, chegou a ser proposto o trabalho da USIA levando-se em consideração a possibilidade de criação de uma rede mundial de informação. O projeto, no entanto, não teria sido levado adiante pela falta de capacidade de infraestrutura para implementação das novas ideias:

A agência estava movimentando-se para criar "uma rede mundial eletrônica e humana de informações, explorando a tecnologia de compressão digital que agora apareceu no mercado com as linhas de transmissão de informação de alta velocidade". No entanto, alguns operadores estavam impacientes com a reformulação que eles achavam ser somente retórica: Há um tipo de visão nessa administração sobre a "via eletrônica de alta velocidade"⁷⁹¹. Existe muito "falatório"⁷⁹². Mas a infraestrutura para o seu manejo é muito precária.⁷⁹³

Os sucessivos cortes orçamentários e falta de capacidade de ação e estrutura fez com que a agência enfrentasse formalmente seu fim no ano de 1999, ainda no governo Clinton. Muitas de suas atribuições restantes foram assimiladas principalmente pelo Departamento de Estado.

Ao mesmo tempo em que terminava a USIA, novas teorias das Relações Internacionais começavam a discutir a importância do uso da cultura como complemento relevante para a política externa americana.

⁷⁹⁰ Cf. "*Public Diplomacy in the Computer Age*", obra pioneira sobre as possibilidades de ação da USIA considerando-se as novas tecnologias de informação. Nessa obra, Hansen (1984, p.225) propunha uma nova postura da agência, incluindo a tecnologia e a computação como instrumentos. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 116** (Transcrições).

⁷⁹¹ "*eletronic highway*".

⁷⁹² "*buzz words*".

⁷⁹³ Cf. BOGART (1995, p. xxvii). Cf. trecho original em **Transcrição 288**, Transcrições (tradução nossa).

Nessa mesma época, a partir do final dos anos 1990, Joseph Nye, professor de Harvard e curiosamente ex-*Chairman of the National Intelligence Council* e *Assistant Secretary of Defense*⁷⁹⁴ do governo Clinton, cunhava o conceito de *Soft Power*, que desde então torna-se recorrente na teoria das Relações Internacionais. A aparente contradição entre a teoria e a prática também pode ser apontada no caso de Henry Kissinger, secretário de Estado em Nixon e Ford. Tendo feito parte do *Psychological Strategy Board*, de Rockefeller, em 1955, Kissinger é tido no meio acadêmico, geralmente, como um dos porta-vozes da escola realista das Relações Internacionais.

À primeira vista, a história mostra ser direta a associação entre a USIA e a Guerra Fria; pelo contexto que motivou sua criação, pelos perfis e conteúdos de suas ações, pelos argumentos para o aumento (ou diminuição) de seu orçamento, pessoal, e também por seu declínio, que se acirrou à medida que a Guerra Fria ia congelando. No Brasil, esse declínio (de orçamento, pessoal e atividades) também foi observado à medida em que o risco comunista se afastava.

A crise interna vivida pelos EUA durante a guerra do Vietnã⁷⁹⁵, bem como a sua imagem externa, também foram resultado direto da falta de prioridade que o País deixou de ter com a política de informação, conjuntamente com outros erros estratégicos⁷⁹⁶. Mas seguramente os resultados positivos que os EUA deixaram de ter ao não dar o devido valor para a USIA, ao longo, principalmente dos anos 1980 e 1990, foram e continuam sendo sentidos no pós-Guerra Fria.

Nesse sentido, o valor dado ao tipo de trabalho feito pela USIA não deve estar ligado somente à Guerra Fria, assim como o CPI de Creel, à época, não deveria só ser visto como arma americana da 1ª Guerra, e o Birô de Rockefeller, atrelado à 2ª Guerra. Mesmo sendo deixados de lado, após passadas as crises que motivaram suas criações, os reflexos de suas políticas continuaram tendo efeito a médio e longo prazo.

Portanto, políticas de informação e cultural consistentes – compatíveis com os interesses da política externa americana, como as já pensadas e realizadas com sucesso em algumas ocasiões ao longo da história dos EUA – devem ser retomadas como instrumento

⁷⁹⁴ Cf. (NYE, 2004).

⁷⁹⁵ Nye (2004, p. 3) vê o exemplo da guerra do Vietnã como descuido no uso do *soft power*, que é decisivo na batalha, mesmo quando há maior poderio militar e econômico. Cf. trecho selecionado em **Transcrição 111** (Transcrições).

⁷⁹⁶ Os possíveis erros de percepção em relação ao Vietnã e ao caráter mais nacionalista do que propriamente comunista que movia o país naquela ocasião, é discutido no documentário "*The Fog of War*" (2001), sobre o ex-secretário de Defesa norte-americano, Robert McNamara (das gestões JFK e Johnson).

acessório de curto, médio e longo prazo, como forma de qualificar a política externa americana, em momentos de guerra e de paz.

Como o *Council on Foreign Relations* sugeriu após o atentado às Torres Gêmeas e durante a segunda Guerra do Iraque, em 2003:

Afinal, os Estados Unidos agiu destacadamente abaixo do esperado em seus esforços para conquistar corações e mentes de públicos estrangeiros. A marginalização da diplomacia pública deixou um legado de esforços descoordenados e subfinanciados. A falta de vontade política e a ausência de uma estratégia global deixaram os antigos programas de diplomacia pública praticamente impotentes no crescentemente abarrotado mundo das comunicações atual. Mesmo que uma diplomacia pública potente não seja a bala de prata para os problemas de imagem americanos, torná-la um componente relevante do processo de formação da política externa é um passo vital para garantir a segurança nacional.⁷⁹⁷

⁷⁹⁷ (Cf. COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2003, p.48). Cf. trecho original em **Transcrição 289**, Transcrições (tradução nossa). O *Council* é um órgão não-governamental criado em 1921, que reúne diversos atores e setores para discutir e propor ações para a política externa americana. Mais informações sobre o *Council*, disponível em <<http://www.cfr.org>> Acesso em: 22 dez. 2014.

5 CONCLUSÃO

Se a guerra for declarada em pleno domingo de carnaval, verás que um filho não foge à luta, Brasil, recruta o teu pessoal. ...Se a guerra for declarada, a rapaziada ganha na moral. Se aliste, meu camarada, a gente vai salvar o nosso carnaval.

Chico Buarque, música “Rio 42”, 1985 (disco “A ópera do malandro”).

Essa Tese se propôs a demonstrar a mais elaborada estratégia de "informação", ou propaganda, do país mais poderoso economicamente e militarmente do século XX e seus reflexos no Brasil.

Entre outras coisas, o que pôde ser notado foi que os EUA utilizaram esses instrumentos em momentos de conflitos mais críticos, como as duas grandes Guerras e a Guerra Fria. Quando o país estava em maior risco, escolheu estruturar-se de maneira que a opinião pública estrangeira fosse monitorada e que fossem tomadas iniciativas para mudá-la em seu favor.

Interessante destacar que a decisão por utilizar a arma da informação deu-se com ambos os partidos americanos: os democratas (Wilson e Roosevelt) e os republicanos (Eisenhower). Por outro lado, a dissolução dos órgãos responsáveis pela informação sempre aconteceu em momentos de "paz" e em governos do partido democrata.

A USIA, o órgão que chegou a ter maior número de funcionários no exterior, orçamento e volume de atividades durante o maior período de tempo (46 anos), foi a iniciativa mais bem sucedida entre as formas de propaganda americana durante o século XX. E a ação dela no Brasil foi maciça e teve reflexos concretos na mídia nacional: rádio, cinema, TV, jornais, revistas e materiais gráficos, durante todo o período.

Além disso, o trabalho direto da USIA por meio de seus centros binacionais, postos móveis, ensino de inglês, bibliotecas e da relação pessoal alimentada com lideranças políticas, educacionais e formadores de opinião pública teve reflexo no perfil da opinião brasileira, majoritariamente favorável à americana, principalmente na segunda metade do século XX.

É possível afirmar, com base na documentação levantada, que o esforço americano de informação no Brasil visou influenciar, decisivamente, os humores políticos da população em geral – e de grupos prioritários em particular – em momentos críticos da história brasileira recente, como nos anos que antecederam o Golpe Civil-Militar de 1964.

É fundamental, portanto, que os teóricos de Relações Internacionais do Brasil utilizem-se dos instrumentos dados pela pesquisa histórica para investigar, mais

profundamente, os fluxos internacionais, inclusive culturais e informacionais, dos quais o Brasil participou e participa ao longo dos anos.

O acesso às fontes primárias – como documentos oficiais, entrevistas, material gráfico e audiovisual – é exercício essencial para o aprofundamento da pesquisa em história das Relações Internacionais no Brasil, campo tão profícuo e com vasto caminho a ser desbravado.

A metodologia, que é usada na História, é importante para que não se reproduzam fontes, teorias e estudos de acordo com as principais linhas de pesquisa das relações internacionais mundiais. Normalmente atrelada ao que está em voga nas grandes universidades e *think-tanks* de países "desenvolvidos", essas multiplicam no Brasil o pensamento do *mainstream*, cegando a capacidade de pensar-se o País e nos seus problemas internacionais de maneira autônoma e original.

A habilidade para identificar no cotidiano brasileiro a influência de políticas de outros países é também papel do "internacionalista" brasileiro. Isso é esperado na busca por entender os mecanismos e reflexos internos das Relações Internacionais em que o País se insere, como, por exemplo, a maneira como a opinião pública brasileira posiciona-se em relação aos assuntos de política externa. Tentar desnaturalizar esses processos é tarefa a ser cumprida pelo pesquisador que pretende pensar o Brasil e o mundo.

Essa forma de entender e pensar as Relações Internacionais é fundamental, sobretudo para os atores políticos brasileiros que agem internacionalmente, que devem levar em consideração fluxos culturais internacionais, muitas vezes provenientes de Estados estrangeiros, mas que podem se expressar por intermédio de atores da sociedade civil e outros atores não-governamentais.

Tendo reconhecido esses aspectos, há da mesma maneira a necessidade de pensar o País não somente como receptor de políticas culturais estrangeiras, usadas como instrumentos de poder, mas também como possível produtor de políticas culturais que podem auxiliar o país na consecução de seus interesses de política externa. E, todavia, persiste uma demanda reprimida por estudos de histórias das Relações Internacionais que se dediquem a entender e sistematizar as muitas ações culturais brasileiras no plano internacional, os seus objetivos e resultados alcançados.

A forma como o Brasil pode se utilizar de suas manifestações culturais, educacionais ou de comunicação no exterior faz parte de um projeto de País mais sofisticado e eficiente, a ser pensado pelos pesquisadores e atores das Relações Internacionais do País.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKER, H.; BIERSTEKER, T. The Dialectics of World Order: notes for a future archeologist of International Savoir Faire, **International Studies Quarterly**, v. 28, p. 121-142, 1984.

ALMOND, G.; GENCO, S. Clouds, Clocks, and the Study of Politics, **World Politics**, Vol. 29, No. 4, pp. 489-522, 1977.

ALVES, Juliana Fabiene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo. Moderna, 1988.

APPY, Christian G (ed.). **Cold War Constructions. The Political Culture of United States Imperialism**. 1945-1966. The University of Massachusetts Press, 2000.

ARNDT, RICHARD T. **The first resort of kings – American cultural diplomacy in the twentieth century**. Washington D.C.: Potomac Books, 2005.

ARON, Raymond. **Qu'est-ce que qu'une théorie des Relations Internationales**. Paris: RFSP, 1967.

_____. **Peace and War**. New York: Praeger, 1968.

ASHLEY, Richard K.. "The poverty of neorealism". In: KEOHANE, Robert O. (editor). **Neorealism and its critics**. New York: Columbia University Press, 1986.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de história)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

BELTRÁN, Luis Ramiro; CARMONA, Elizabeth Fox de. **Comunicação dominada – Os Estados Unidos e os meios de comunicação na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BEMIS, Samuel Flagg. **The Latin American policy of the United States: an historical interpretation**. Nova York: Harcourt, Brace and Company, 1943.

BINKLEY, Wilfred E. **Partidos Políticos Americanos**, vol.1 e 2. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

BLACK, Jan Knippers. **United States penetration of Brazil**. Filadélfia: University of Pensilvania Press, 1977.

BLEIKER, R. The Aesthetic Turn in International Political Theory. **Millennium: Journal of International Studies**, v. 30, n. 3, 2001, p. 509-533.

BOGART, Leo. **Cool Words, cold war: a new look at USIA's Premises for propaganda**. Washington, D.C.: The American University Press, 1995.

BOURDIEU, Pierre. Dois imperialismos do Universal. In: **Repensar os Estados Unidos, Por uma sociologia do superpoder**. São Paulo: Papirus Editora, 2003.

BRAISTED, Paul J. **Cultural affairs and foreign relations**. Washington D.C.: Columbia Book Publishers, 1968.

BRECHER, M. International studies in the twentieth century and beyond: flawed, dichotomies, synthesis, cumulation. **International Studies Quarterly**, v. 43, p. 213-264, 1999.

BROCKMANN, Mario Machado. **Notas sobre Política Cultural no Brasil**. In: Estado e Cultura no Brasil. São Paulo: Difel/ Difusão, 1984.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Considerações sobre o americanismo**. In: Cobra de vidro. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **Visão do paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BUZAN, B.; LITTLE, R. Why International Relations has Failed as an Intellectual Project and what to do about that, **Millennium – Journal of International Studies**, v. 30, n. 1, pp. 19-39, 2001.

CABRAL, Sérgio. **Antônio Carlos Jobim - uma biografia**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1997.

CATTAL, Júlio Barnez Pignata. O estandarte silencioso: A United States Information Agency na mídia impressa do Brasil – Correio da Manhã e Tribuna da Imprensa, 1953-64.[Dissertação de Mestrado]. São Paulo: USP, 2011.

CAZES, Henrique. **Choro – do quintal ao municipal**. São Paulo: 34, 1998.

CAUTE, David. **The Dancer Defects – The struggle for Cultural Supremacy during the Cold War**. Oxford University Press, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **Au bord de la falaise, l’histoire entre certitudes et inquietudes**. Paris: Albin Michel, 1998.

CHEKEL, J. The Constructivist Turn in International Relations Theory. **World Politics**, v. 50, n. 2, p. 324-348, 1998.

CHESNOFF, Richard Z. **The arrogance of the French : Why they can't stand us and why the feeling is mutual.** New York: Penguin Books, 2006.

CHOMSKY, Noam. **The Pentagon Papers as propaganda and as history.** New York: Beacon Press, 1972.

CICCO, C. **Hollywood na Cultura Brasileira.** São Paulo: Convívio, 1979.

COBBS, Elizabeth A. **The rich neighbor policy: Rockefeller and Kaiser in Brazil.** New Haven: Yale University, 1992.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

COLBY, Gerard; DENNETT, Charlotte. **Seja feita a vossa vontade: a conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na idade do Petróleo.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

COLLIEN, M. **Foreign Policy in a Constructed World.** New York: Sharpe, 2000.

COOMBS, Philip H.. **The Fourth Dimension of Foreign Policy.** Nova York: Harper&Row Publishers, 1964.

COX, Robert W. with SINCLAIR, Timothy J. **Approaches to world order.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. "Social forces, States and World Orders" beyond international relations theory". In: KEOHANE, Robert O. (editor). **Neorealism and its critics.** New York: Columbia University Press, 1986.

COX, Robert W; SINCLAIR, Timothy J. **Approaches to world order.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

COX, Robert W. **Gramsci, Materialismo Histórico e Relações Internacionais.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Finding America's Voice: A Strategy for Reinvigorating U.S. Public Diplomacy.** New York: Publications Office of the Council on Foreign Relations, 2003.

CREEL, George. **How we advertised America.** New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1920a.

_____. **The War, The World And Wilson.** New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1920b.

CULL, Nicholas J. **The Cold War and the United States Information Agency: American propaganda and public diplomacy.** 1945-1989. New York: Cambridge University Press, 2008.

DARBY, P. Pursuing the Political: a Postcolonial Rethinking of Relations International. **Millennium: Journal of International Studies**, v.33, n.1, p. 1-32, 2004.

DE CONDE, Alexander. **Herbert Hoover's Latin American Policy.** Stanford: Stanford University Press, 1951.

DIZARD JR., Wilson P. **Inventig Public Diplomacy: the story of the U.S. Information Agency.** London: Lynne Rienner Publishers, 2004.

DUNER, Bertil. **Cultural dimensions of dependency: the Interamerican system.** Uppsala: Uppsala University, 1973.

DUROSELLE, Jean-Baptiste, **Culture e relations internationales.** Relations Internationales. Paris: 24, 1980&25, 1981.

ELDER, Robert E. **The information machine: The United states Information Agency and American foreign policy.** Nova York: Siracuse University press, 1968.

FEJES, Fred. **Imperialism, media and Good Neighbor. New Deal foreign policy and United States short-wave broadcasting to Latin American.** Nova Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986.

FRANKEL, Charles. **The Neglected Aspect of Foreign Affairs-American Educational and Cultural Policy Abroad.** Washington, D.C.: The Brookings Institution, 1965.

FREITAS, Zélia. Lutas camponesas no Cabo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz.** Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

FURTADO, Celso. **A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

_____. **Política Cultural.** Pronunciamento realizado na Escola Superior de Guerra. Brasília: documento MinC3/86, 14 p, 03 set. 86.

GELLMAN, Irwin F. **Good Neighbor diplomacy _ United States policies in Latin America, 1933-1945.** Baltimore: Johns Hopkins University, 1979.

GILBAUT, Serge. **How New York stole the Idea of Modern art**, University of Chicago Press, 1983.

GOWAN, Peter. "A radical realist". **New Left Review**. London: N. 41, Second Series, Sep.-Oct. 2006.

GRIFFITS, Martin. **50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais**. São Paulo: Ed. Contexto, 2004.

GREEN, Fitzhug. **American Propaganda abroad**. Nova York: Hipocrene Books, 1988.

GUEDES, Cica; MELO, Murilo Fiuza de. **O caso dos nove chineses - O escândalo internacional que transformou vítimas da ditadura militar brasileira em heróis de Mao Tsé-tung**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

GUINLE, Jorge Eduardo. **Panorama Jazz**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

GUZZINI, S. A Reconstruction of Constructivism in International Relations. **European Journal of International Relations**, v. 6, n. 2, 2000, p. 147–182.

HAINES, Gerald K. **The Americanization of Brazil: a study of U.S. cold war diplomacy in the Third World**. Wilmington: SR Books, 1989.

HALIDAY, F. International Relations and Its Discontents. **International Affairs**, v. 71, n. 4, p. 733-746, 1995.

HAMILTON; MADISON; JAY. **Sobre a Constituição dos Estados Unidos**. São Paulo: IBRASA, 1964.

HANSEN, Allen C. **USIA, public diplomacy in the computer age**. New York: Praeger, 1984.

HARDT, M & NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

HENDERSON, John W. **The United States Information Agency**. New York: Praeger Library of U.S. Government Departments and Agencies, 1969.

MAY, Henry; SELLERS, Charles; MCMILLEN, Neil R.. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

HERZ, Mônica. **Zé Carioca: O Embaixador de Duas Caras**. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Iuperj, 1986.

_____. A dimensão cultural das relações internacionais: proposta teórico-metodológica. **Contexto**

Internacional, vol.6, Julho/1987.

HIXSON, Walter L. **Parting the curtain: propaganda, culture and the Cold War, 1945-1961**. New York: St. Martin's Press, 1997.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Parte I e II, Coleção "Os Pensadores".

HOBBS, Eric. **O novo Século** – entrevista a Antônio Polito. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

_____. **História Social do Jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOFFMANN, S. International Relations: The Long Road to Theory. **World Politics**, Vol. 11, No. 3, 1959, pp. 346-377.

HOPF, Ted. **The promise of Constructivism in International Relations Theory**. Ohio: Massachusetts Institute of Technology, 1998.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

HOROWITZ, Irving Louis . **The Rise and Fall of Project Camelot: Studies and Relationship between Social Science and Practical Politics**. Cambridge, Massachusetts: M.I.T. Press, 1967.

HOUSE OF COMMONS. Foreign Affairs Comitee, Fourth Report: **Cultural Diplomacy, sessions 1986/87**.

HOWARD, Carl. **Entrevista** [mensagem de correio eletrônico]. Mensagem recebida por <fsantomauro@gmail.com> em 17. mar. 2014.

HUDSON, V.; BOER, A. A Surplus of Men, A Deficit of Peace Security and Sex Ratios in Asia's Largest States. **International Security**, v. 26, n. 4, p.5-38, 2002.

HUNTINGTON, Samuel P.. **A Ordem Política nas Sociedades em Mudança**. São Paulo, EDUSP, 1975.

_____. & HARRISON, Lawrence E. A C. **A Cultura importa**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order**. New York: Touchstone, 1996.

IANNI, Octavio. **Imperialismo e Cultura**. Petrópolis: Vozes, 1979.

JONES, Ken D.. **Hollywood at War: the American motion picture and the World War II**. South Brunswick: A.S. Barnes, 1973.

KATZENSTEIN, P KEOHANE, R.; KRASNER, S. International Organization and the Study of World Politics. **International Organization**, v. 52, n. 4, pp. 645-685, 1998.

KEATING, M.; DELLA PORTA, D. In Defence of Pluralism in the Social Sciences. **European Political Science**, 9, 2010.

KEOHANE, R. O., MARTIN, L. L. The Promise of Institutional Theory. **International Security**, v. 20, n. 1, p. 39-51, 1995.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. New York: Touchstone Edition, 1995.

_____. **The White House Years**. Boston: Little, Brown and Company, 1979.

LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a Política Externa Brasileira**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

LAPID, Y. The Third Debate: On the Prospects of International Theory in a Post-Positivist Era, **International Studies Quarterly**, v. 33, n. 3, p. 235-254, 1989.

LAVINE, Harold. **War propaganda and the United States**. New Haven: Yale University Press, 1940.

LEE, Muna; MCMURRY, Ruth Emily. **The Cultural Approach**. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1947.

LIMA, José Lezama. **A expressão Americana**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LIMA, Oliveira. **Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LOBATO, Monteiro. **América**. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOWENTHAL, Abraham F. Os Estados Unidos e a América Latina na virada do século. **Revista de Política Externa** vol.9, nº 3, 2001.

MANDELBAUM, Michael. **The ideas that conquered the world: Peace, Democracy and Free Markets in the Twenty-first Century** New York: Public Affairs, 2003

_____. **The case for Goliath: How America act as the world's Government in the 21st Century**, New York: Public Affairs, 2005.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção Os Pensadores.

MARINI, Ruy Mauro. **América Latina. Dependência e Integração**. São Paulo: Página Aberta, 1992.

MÁRMORA, Leopoldo. **El concepto socialista de nación**. México: Ediciones Pasado y Presente, 1986.

MARTÍ, José. **Nossa América**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1983.

MATHES, Don. **Entrevista** [mensagem de correio eletrônico]. Mensagem recebida por <fsantomauro@gmail.com> em 15 mar. 2014.

MATTERLAT, Armand. **Multinacionais e sistemas de comunicação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1976.

MATTHIEAU, Gilles. **Une ambition sud-américaine: Politique Culturelle de la France (1914-1940)**. Paris: L'Harmattan, 1991.

MEARSHEIMER, J. J. The False Promise of International Institutions. **International Security**, v. 19, n. 3, p. 5-49, 1994.

MELLO, Zuza Homem de Mello & SEVERIANO, Jairo. **A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras**. São Paulo: 34, 1997, vol.1 e 2.

McMURRY, Ruth; LEE, Muna. **The cultural approach, an other way in international relations**. North Carolina: University of North Carolina Press, 1947.

MICELLI, Sérgio. **Les intellectuels et le pouvoir au Brésil (1920-1945)**. Paris: MSH, 1981.

MITCHELL, J. M. **International Cultural Relations**. London: Allen&Unwin, 1986.

MORETTI, Franco. Planet Hollywood. **New Left Review** nº 9, Jun. 2001.

MORSE, Richard M. **O espelho próspero: cultura e idéias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil, A penetração cultural norte-americana**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____; KRAMER, Paulo. Brasil-EUA: as razões das diferenças. **Revista Ciências Sociais Hoje**. São Paulo: Vértice, 1987.

MURPHY, Craig N. **International Organization and Industrial change**. Global governance since 1850. Cambridge: Polity Press, 1994.

NICHOLS, David A. **Eisenhower 1956: the president's year of crisis**: Suez and the brink of war. New York: Simon & Schuster, 2011.

NINKOVICH, Frank A.. **The diplomacy of ideas** - US foreign policy and cultural relations, 1938 - 1950. Cambridge: Cambridge University Press, 1ª edição, 1981.

NYE, Joseph. **The Paradox of American Power**: Why the World's Only Superpower Can't Go It Alone. Oxford: Oxford University Press, 2002.

NYE, Joseph. **The Powers to Lead**. Oxford University Press, 2008.

_____. **Bound to Lead**: The Changing Nature of American Power. New York: Basic Books, 1991.

_____. **Soft power**. New York: Public Affairs, 2004.

ONUF, N. Institutions, Intentions and International Relations. **Review of International Studies**, v. 28, n. 2, p. 211-228, 2002.

OSGOOD, Kenneth. **Total Cold War**, Eisenhower's Secret Propaganda Battle at Home and Abroad. Kansas: University Press of Kansas, 2006.

PARSONS, Anthony. **Vultures and Philistines**: British attitudes to culture and cultural diplomacy, British Council, 1985.

PETRAS, James & VELTMEYER, Henry. **Hegemonia dos Estados Unidos no novo Milênio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PELLS, Richard. **Not like us**: How europeans have loved, hated and transformed American Culture since World War II. New York: Basic Books, 1997.

PREVOTS, Naima. **Dance for Export** – Cultural Diplomacy and the Cold War. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.

REICH, Cary. **The Life of Nelson A. Rockefeller**: worlds to conquer, 1908-1958. New York: Doubleday, 1996.

RIGAUD, Jacques. **Les Relations Culturelles Extérieures**. Paris: LaDocumentation Française. 1980.

RIBEIRO, E.T., **Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1989.

ROLLAND, Denis. **La crise du modèle français: Marianne et L'Amérique latine: culture, politique et identité**. Paris: L'Harmattan, 2000.

ROLO, Charles J. **Radio goes to war**. New York: G.P. Putnam's Sons, 1942.

ROSENBERG, Justin. **The empire of civil society**. A critique of the realist theory of international relations. London: Verso, 1994.

ROWLAND, Donald W(dir.). History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs - historical report on war administration. Washington D. C., **U.S. Government Printing Office**, 1947.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SANTOMAURO, Fernando. **As Políticas Culturais de França e Estados Unidos no Brasil no entre-guerras**. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo. PUC, 2007.

_____. De Brésil to Brazil- a política cultural como instrumento de poder: os casos de França e Estados Unidos no Brasil na primeira metade do século XX. IN **SUPPO, Hugo Rogélio; LESSA, Mônica Leite (Org.). A quarta dimensão das relações internacionais: a dimensão cultural**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012 a.

_____. O velhinho gigante. In **Revista Inter-relações**. São Paulo: p.17-20, 2012b.

_____. **Autonomia diante dos EUA é comunismo ou bolivarianismo?: Uma carta escrita por um analista norte-americano em 1964 mostra que, há décadas, os estereótipos limitam as relações entre Washington e Brasília**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/dicas-de-dr-wedge-para-dilma-e-os-estados-unidos-6001.html>>. Acesso em 02 nov. 2014.

SAUNDERS, F.S.. **The Cultural Cold War: The CIA and the World of Arts and Letter**. USA: New press, 2000.

SCHLESINGER JR., Arthur M.. **Os ciclos da História Americana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão, uma história da política norte-americana em relação à América Latina**. São Paulo: EDUSC, 2000.

SCHROEDER, P. Historical Reality vs. Neo-Realist Theory. **International Security**, v. 19, n. 1, p. 108-148, 1994.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas Latino-Americanas** – Polêmicas, Manifestos e textos críticos. São Paulo, 2000.

SELLERS, Charles; MAY, Henry; MCMILLEN, Neil R.. **Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos**, De Colônia a Potência Imperial. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SMITH, Joseph. **Unequal giants**: diplomatic relations between the United states and Brazil, 1889-1930. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1991.

SOLEY, Lawrence C.. **Radio Warfare**: OSS and CIA subversive propaganda. Nova York: Praeger, 1989.

SORENSEN, Thomas C.. **The world war**: the story of American propaganda. Nova York: Harper&Row, 1968.

STENSSORO, Hugo. De caso com a CIA. In: **Revista República**, ago. 2000.

STUART, Ana Maria. **Regionalismo e Democracia**: Uma Construção Possível. São Paulo, [Tese de doutorado], São Paulo: USP, 2002.

SUPPO, Hugo Rogélio; LESSA, Mônica Leite. **A quarta dimensão das relações internacionais: a dimensão cultural**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2012.

_____. Le Brésil pour la France: la construction d'une politique culturelle française 1920-1950. In ROLLAND, Denis. **Le Brésil et le monde. Pour une histoire des relations internationales des puissances émergentes**. Paris: L'Harmattan, 1998.

TICKNER, J. You Just Don't Understand: Troubled Engagements between Feminists and IR Theorists. **International Studies Quarterly**, v. 41, n. 4, p. 611-632, 1997.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América**. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Edusp, 1977.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. Cultura e Dominação: Relações Culturais entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Guerra Fria. **Revista Perspectivas**. São Paulo. 2005.

TYSON, James L.. **Us International broadcasting and national security**. Nova York, Ramapo Press/ National Security Information Center, 1983.

TUCH, Hans N. **Communicating with the world**: U.S. public diplomacy overseas. New York: St. Martin's Press, 1990.

VERÍSSIMO, Érico. **Gato preto em campo de neve**. Porto Alegre: Globo, 1984.

VIANA, Francisco. **Antropofagia e Globalização**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002.

VIANA FILHO, Luís. **A vida do Barão de Rio Branco**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

VIGEVANI, Tullo. História e contemporaneidade na Questão Nacional. In: BRESCIANI, Maria Stella, SAMARA, Eni de Mesquita & LEWKOWICZ, Ida. **Jogos da Política**. São Paulo: ANPUH – São Paulo/Marco Zero/FAPESP, 1992.

_____. et al. A contribuição marxista para o estudo das relações internacionais. **Lua Nova**, nº 83, p. 111-143, 2011.

VIRILLO, Paul. **Guerra e Cinema**. São Paulo: Scitta, 1993.

VON ESCHEN, Penny M. **Satchmo blows up the world, Jazz Ambassadors Play the Cold War**, Harvard University Press, 2004.

WALKER, R. B. J. Realism, Change and International Political Theory. **International Studies Quarterly** 31 (1), p. 65-86.

WALLERSTEIN, Immanuel. **El moderno sistema mundial**. México: Siglo Veintiuno editores, 1979.

_____. O declínio do império americano. **New York Times**. Nova Iorque, 08 ago. 2003.

WALTZ, K. Structural Realism after the Cold War. **International Security**, v. 25, n.1, p. 5-41, 2000.

WEBER, Max. Os três tipos de dominação legítima. In WEBER, **Max. Sociologia**. São Paulo: Ática, 1979. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1999.

WENDT, A. The Agent-Structure Problem in International Relations. **International Organization**, v. 41, n. 3, p. 335-370, 1987.

_____. Driving with the Rearview Mirror: On the Rational Science of Institutional Design. **International Organization**, v. 55, n. 4, p. 1019-1049, 2001.

WILFORD, Hugh. **The mighty wurlitzer.** How the CIA played America. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

WINKLER, Allan M. **The politics of propaganda:** the office of war information, 1942-1945. New Haven: Yale University Press, 1978.

WOLPER, Gregg. **The Origins of Public Diplomacy:** Woodrow Wilson, George Creel, and the Committee on Public Information. (Ph.D. diss.) Chicago: University of Chicago, 1991.

YETIV, S. History, International Relations, and Integrated Approaches: Thinking about Greater Interdisciplinarity. **International Studies Perspectives**, 12, 94–118, 2011.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS UTILIZADAS

Documento 1: *Johnson Library, Recordings and Transcripts, Tape F64.21, Side B, PNO1, Office of Historian, US Department of State, em Historical Documents, Foreign Relations of the United States, 1964–1968, Volume XXXI, South and Central America; Mexico, Document 193. Telephone Conversation Between Secretary of State, Rusk and President Johnson' March 30, 1964, 9:35 p.m., disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v31/d193>> Acesso em: 28 nov. 2013*

Documento 2: *Memorandum for the record by FitzGerald, March 31; Central Intelligence Agency, Job 78–03041R, [file name not declassified]*). Disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v31/d193>> Acesso em 28 nov. 2013.

Documento 3: *National Archives and Records Administration, RG 59, Central Files 1964–66, POL 23–9 BRAZ. Top Secret; Flash; Nodis. Drafted and approved by Rusk. Office of the Historian, Foreign Relations of the United States, 1964–1968, Volume XXXI, South and Central America; Mexico, Document 194. Disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v31/d194>> Acesso em 27 nov. 2013.*

Documento 4: *Johnson Library, Recordings and Transcripts, Recording of telephone conversation among President Johnson, Ball and Mann, Tape F64.21, Side B, PNO 3. No classification marking. Ball and Mann were in Washington; the President was in Texas”, e citada no site Office of the Historian, Department of State, FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES, 1964–1968 VOLUME XXXI, SOUTH AND CENTRAL AMERICA; MEXICO, DOCUMENT 199. Disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v31/d199>> Acesso em 27 nov. 2013.*

Documento 5: *Johnson Library, National Security File, Country File, Brazil, Vol. II, 3/64;*

Documento 6: *Johnson Library, Recordings and Transcripts, Recording of telephone conversation between President Johnson and Richard Russell, Tape F64.16, Side B, PNO 3. No classification marking, Office of the Historian, Department of State, FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES, 1964–1968 VOLUME XXXI, SOUTH AND CENTRAL AMERICA; MEXICO, DOCUMENT 396. Disponível em <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v31/d396>> Acesso em 27 nov. 2013.*

Documento 7: *Telegram 1299 to Rio de Janeiro, March 31; National Archives and Records Administration, RG 59, Central Files 1964–66, POL 2 BRAZ;*

Documento 8: *Johnson Library, National Security File, Country File, Brazil, Vol. II, 3/64. Secret; Exdis. According to Rusk's Appointment Book, Rusk met Ball and U. Alexis Johnson at 10 a.m. for the teleconference to Rio”. Office of the Historian, Department of State, FOREIGN RELATIONS OF THE UNITED STATES, 1964–1968 VOLUME XXXI, SOUTH AND CENTRAL AMERICA; MEXICO, DOCUMENT 201, Teleconference Between the Department of State and the Embassy in Brazil. Disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v31/d201>> Acesso em 28 nov. 2013.*

Documento 9: *Office of the Historian, do Departamento do Estado. Telegram 2126 from Rio de Janeiro, March 31; ibid., POL 23–9 BRAZ. Teleconference Between the Department of State and the Embassy in Brazil. Disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1964-68v31/d201>> Acesso em 28 nov. 2013.*

Documento 10: *National Archives and Records Administration, College Park, Nara II, RG 306, Declassified NND 022120, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Movie Scripts, 1942–1965; Stack area 230, Row 047, compartment 17, Shelf 1–7, Entry A1–1098, Box 48, Script of the movie “Victory for Democracy in Brazil”, 15/5/1964.*

Documento 11: *Nara II, RG 306, Declassified NND 931588, Records of the United States Information Agency, Exhibits Division, Subject Files of the Director, 1959-67, ICS/Director – Correspondence to IAN (Near East) – correspondence, Stack area 230, Row 046, compartment 030, Shelf 07, Entry A1-1038, Box 1, HM 1991, “Memorandum for Mr. Akers, Subject ICS – Type Activities re Possible CBS Show, p. 2, October 8, 1965”, “Manpower utilization, ap/may 1964”, “Exhibits Division Working Relationships with CU”.*

Documento 12: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research, Area Project Correspondence, 1954-1963; Latin America 1954-63, Stack area 230, Row 046, compartment 035, Shelf 04, Entry A1-1021, Box 2. Operations memorandum, Oct. 4, 1963 (French Government Interest in Latin American Information Campaign). From USIS-Montevideo To: USIA-Washington (IRS); “Institutos de Pesquisa contratados para Barometer/1955”, “Latin American Barometer, LA-6”, “Impact of the Cooper Space Flight in Rio de Janeiro”, “USIA/IRS/R/ TV Survey in São Paulo May, 1963”.*

Documento 13: *Walter Clinton Jackson Library, The University of North Carolina at Greensboro, Special Collections & Rare Books, WORLD WAR I PAMPHLET COLLECTION, Issued by the Committee on Public Information, The Secretary of State, The Secretary of War, The Secretary of Navy, George Creel, edition of January 1918. Disponível em <<https://ia600305.us.archive.org/10/items/howwarcametoamer00unse/howwarcametoamer00unse.pdf>> Acesso em 26 nov. 2013.*

Documento 14: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 14. 1945-58: Statistics on U.S. Financial Aid to BNCs in Latin America, HAC, USIA Approp '58, p. 296-7 (5 Mar 57), 1946: Statistics on Cost of U.S. Support of Cultural Centers in Latin America; , 1945-46: Cultural Centers in Latin America, DSB, 14 (17 Feb 46) 227-232-262, “Cultural Centers in the Other American Republics”, article by Dorothy Greene and Sherly Goodman Esman.*

Documento 15: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 15: 1951: Truman establishes psychological strategy board to coordinate psychological operations and report to NSC.*

Documento 16: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 15: 1951-53: Attempts to Unify Total U.S. Overseas Information Programs, Ludden, US Information, 214.*

Documento 17: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 15: 1951: Wilber – Authorization for responsibilities of POC/S in Psy Warfare.*

Documento 18: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 15: Times (London) writes major problem facing U.S. ability to succeed in Psy War attitude of Congress.*

Documento 19: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 15: 1952: Benton Calls for consideration of information factors in formulation of foreign policy (Ludden, US Information, 224 (Fulbright Hearings, Pt. 2, 799-808), 1952: Barrett calls for consideration of information factors in formulation of foreign policy (36 Fulbright Hearings, Pt. 2, p. 638; for supporting statement by Mark May, see pp.258-9), Ludden, US Information, 224 (Fulbright Hearings, Pt. 2, 799-808).*

Documento 20: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 13: "U.S. – Brazil Cultural Agreement signed on October 17: First U.S. Bilateral Cultural Agreement 1950" ; DOSB, 23 (30 Oct 50) 696-8.*

Documento 21: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 13: "1948: Physical Location of OIE in NYC", HAC, State Approp 1949, p. 273 (29 Jan 48); "1948: Hall – OIE moving from Argonaut Bldg in NYC to", HAC, 1 Def Approp. 48, p. 1050 (10 Mar 48).*

Documento 22: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 13: "1953: Private Corporations sometimes formed to obtain IIA contracts for production and distribution of Information Materials (books& movies)", HAC, SUPP Approp '54, p. 743 (24 June 53).*

Documento 23: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36844, General Records of the United States Information Agency, Bureau of Programs; Historical Collection, Records relating to select USIA Programs; 1953-1999, Afghan Media project, 1985-1986 to Media Studies Journal, Summer, 1993, Stack area 230, Row 047, compartment 1, Shelf 1, Entry A1-1061, Box 15: "The International Information Administration Program", OIR/ERS – Evron M. Kirkpatrick, Rm. 600 – SA – 1, 49, CS/R, ps. 1-32.*

Documento 24: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000, Robert W. Akers, Deputy USIA Director, 1965-1969 to George V. Allen, Publications, 1949-1969, 1951-1974 to USIS News Articles, 1975, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 3, outcard 3, Entry A1-1069, Box 1, NN3-306-02-003, June 23, 1949, Address by George V. Allen, Assistant Secretary of State for Public Affairs, "Where Do We Stand on Point Four?"*

Documento 25: *Nara II, RG 306, Declassified NND 022120, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Legal Subject File, 1950-54; Eduardo Fernandez To Movie Tone's Inc.; Stack area 230, Row 46, compartment 2, Shelf 2, Entry 11, Box 19, "Villa Lobos and Jansen Symphony Orchestra at the Philharmonic Auditorium of Los Angeles on Sunday, November 19, 1944 - Museum of Modern Art of New York/Office of the Coordinator of Inter-American Affairs".*

Documento 26: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; REPORTS AND STUDIES, 1953-1998, Report on Travel Grant Program, 1942 to An Analysis of 885 Evaluation*

Reports on Foreign Grantees After Completion of Grant, 1953, Stack area 230, Row 047, compartment 28, Shelf 5, Entry A1-1070, Box 41, NN3-306-02-003, List of Exchanges of Specialists And Distinguished Leadears in the Western Hemisphere (July 1, 1940 – June 30, 1944)”.

Documento 27: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Latin America, Foreign Grantees Name List, 1940-1975 to Latin America, Reosurce Guide, 1987, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 60, “Program Of Interchange of Visiting Professors in the Western Hemisphere (Breakdown by Countries), July 1, 1940 – June 30, 1948”.*

Documento 28: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000, Elmer Davis Press Coverage, 1942-1964, to Bruce Geib, Press Coverages, 1989-1991, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 3, outcard 3, Entry A1-1069, Box 7, NN3-306-02-003, “About General William “Wild Bill” Donovan”, “Not One of Us Alone – A Mutual Security Program, by John Foster Dulles, Secretary of State”.*

Documento 29: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Clippings, 1953-1973 to USIA News Clippings, 1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 36, “Murrow’s Philosophy of Propaganda”, “1960: Free-Sorensen-Wilson did studies of USIA for Kennedy”, “1960: Sorensen Report Recommendations”, “1961: A study of USIA for President-elected Kennedy: Murrow a member of the task force”, “1963: I/R’s Account of Changes in USIA/USIS During Murrow Administration”.*

Documento 30: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Clippings, 1953-1973 to USIA News Clippings, 1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 36, Los Angeles Times, 4 Mar 73, “The McCarthy Era: Hunting Reds in USIS Libraries”, “1964-65: Rowan shared Kenedy-Murrow view of USIA as a useful tool of foreign policy – but not supported by White House”, “1964-5: Rowan insists truth must be placed in perspective”, “1964: Rowan - - just as important to keep goodwill of a friend as to win goodwill of a neutral/USIA Approp ’65, p 1500 (July 1)”.*

Documento 31: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Clippings, 1953-1973 to USIA News Clippings, 1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 36, “151 Statement by the President on the Responsibility for the United States Information Agency. July 30, 1953., Eisenhower, Papers of the President, 1:527.”, “1964: Rowan – rates personal contact, radio & TV in order named as best media for influencing foreign opinion”, “1965: Rowan describes machinery for giving USIA policy guidance/ S: USIA Approp. ’66, p. 237 (June 14)”.*

Documento 32: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Clippings, 1953-1973 to USIA News Clippings, 1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 36, “History of the reorganization plan no. 8 of 1953”, “1953: Reorganization plan no. 8 creates USIA”, “1953: E.O. 10483 establishing the Operations Coordinating Board”, “1964: Rowan – USIA’s most important function is furthering U.S. Foreign Policy by influencing foreign attitudes.”.*

Documento 33: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 17, "Release of Macmahon Memorandum on U.S. International Information Program.", "Senator McCarthy's investigation of IIA personnel – Compton & Johnson victims" e "Purposes of McCarthy investigations – personal publicity & jobs for republicans", "1953: Eisenhower appointed Jackson Committee on January 26 to "Survey & Evaluate the Information Program", "1953: Smith-Mundt separation of "information"& "exchange" activities in Washington countered by union in the field with transfer of cultural officers to USIA complement", "Public Recommendations of Jackson Committee's report to President on U.S. Information Program".*

Documento 34: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 15, "1953: Senators Fulbright, Hickenlooper, Mundt & Smith as well as exchange advisory commission were all opposed to transferring exchanges to USIA".*

Documento 35: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 21, "1952: Presidential candidate Eisenhower promises to make U.S. information programs more effective if elected", "Harris states Fulbright thinking of separation exchange program from info program, or exchange program from state", "Eisenhower approves the Rockefeller committee re-orientation, claims precisely what he wanted".*

Documento 36: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Latin America, 1939-2000 to Latin America, 1979-1990, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 214, "Around the Good Neighbor Network, 1951", "Bulletin of the Pan American Union, 1947."*

Documento 37: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Organization, News Articles, 1955-1974 to Agency Mission, 1947-1969, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 2, "America's Overseas Information Program: How it Began.... WHat It Means Today".*

Documento 38: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 20, "1952: IIA reports "Country Plan"& "Country Prospectus"the two basic documents underlying the new country concept of planning", "1953: Eisenhower's state of union message on U.S. foreign information activities and implementation of this objective".*

Documento 39: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; AGENCY HISTORY PROGRAM SUBJECT FILES, 1967-1975, Mission Statements, 1945-1967 to Missions and Chief Officers, 1962, Stack area 230, Row 047, compartment 13, Shelf 1, Entry A1-1072, Box 5, NN3-306-02-003, "Rockefeller Report/Executive Office of the President, President's Advisory Committee on Government organization, April 7, 1953".*

Documento 40: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 19-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 13, "The United States Advisory Commission on Information".*

Documento 41: *Rockefeller Archives Center, Tarrytown, Collection: Nelson A. Rockefeller papers, Washington, DC, Series O, Subseries O.5: Special Committee on Government Organization (SCOGO), Reorganization Advisory Committee (RAC), President's Advisory Committee on Government Organization (PACGO), Series O.5A: Special Committee on Government Organization (SCOGO), General Correspondence, Memos and Clippings, 1952-1953, Box 45, Folder 388, "Brother Milton To Make Good-Will Pan Am Tour".*

Documento 42: *Rockefeller Archives Center, Tarrytown, Collection: Nelson A. Rockefeller papers, Washington, DC, Series O, Subseries O.5: Special Committee on Government Organization (SCOGO), Reorganization Advisory Committee (RAC), President's Advisory Committee on Government Organization (PACGO), Series O.5A: Special Committee on Government Organization (SCOGO), State Department, 1952-1953, Box 48, Folder 410, "Draft of Letter to John Foster Dulles, 12/22/52".*

Documento 43: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, Radio Free Europe/Radio Liberty, 1953-1975 to Radio Free Europe/Radio Liberty, 1953-1975, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 27, "1953: Milton Eisenhower claims Institutes, Bi-National Centers, & Exchange Program, most effective part of USIA, August 5, 1953", "Milton S. Eisenhower, State College, Pennsylvania, to Mr. Streitbert, August 8, 1953".*

Documento 44: *Rockefeller Archives Center, Tarrytown, Collection: Nelson A. Rockefeller papers, Projects, Series L, Subseries.: Theodore Streitbert, USIA; Radio Free Europe, Box 237, Folder 2381.*

Documento 45: *Nara II, RG 306, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000, Robert E. Sherwood, 1945-1956, to Theodore Streitbert, Press Coverage, 1953-1956, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 7, Entry A1-1069, Box 29, NN3-306-02-003. Artigo "You Can't Shoot An Idea", "Address by Theodore C. Streitbert, Director of the U.S. Information Agency, at the Women's National Press Club Luncheon, Hotel Lafayette, Washington, D.C., Thursday, October 28, 1954, 12:30 p.m., The War for Men's Minds".*

Documento 46: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, State OIE/OII-OEX, 1945-1953 to State OIE/OII-OEX, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 24, "1953: Dulles – Favors a Cultural Relations Program For Latin America".*

Documento 47: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, Pre 1953 Staffing Patterns, 1945-1953 to Pre 1953 Staffing Patterns, 1945-1953, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 28, "1956 (FEB): USIA Office Directory".*

Documento 48: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Clippings, 1953-1973 to USIA News Clippings,*

1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 37, "1953: Total USIA Employment on December 31 By Element", "1953-62: USIA Authorized Personnel Strength", "1961: Murrow not Kennedy's first choice as agency director", "1956: Rockefeller writes Dulles ISA System needed to reduce confusion which exists in overseas personnel field.", "Overseas Personnel", "1963: Murrow came down with cancer in September: resigned in until January 20/64".

Documento 49: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Organization, News Articles, 1955-1974 to Agency Mission, 1947-1969, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 2, "Excerpt from Mr. Eisenhower's Foreign Policy Speech, San Francisco, October 8, 1952", "The Federal Diary, by Dwight D. Eisenhower, October 30, 1952", "Purpose of the U.S.I.A.", "Operating Responsibilities and relationships for the United States Information Agency", "Organization of the U.S. Overseas Information program, 1945-1958", "1963: Murrow came down with cancer in September: resigned in December but note accepted until January 20/64".*

Documento 50: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, Post 1953 Staffing Patterns, 1953-1973 to Post 1953 Staffing Patterns, 1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 30, "1954-: Sports made an integral part of President's Special International Program", "1954-7: Description of USIA Art Exhibits", "The USIA & Art Exhibits", "1954-: President's Emergency fund for artistic performances established because of soviet cultural offensive: made permanent in 1956 & transferred to state: advisory committee on the arts established", "1955-: Geographical breakdown of State's Cultural-Sports Program in FY 56-58", "1955: United States Has Secret Sonic Weapon – Jazz", "1956: "Teahouse of August Moon" flops in Rio de Janeiro", "1956: Jazz Offers U.S. Greatest opportunity to Win Friends", "In Latin America Joseph Fuchs Discusses His Recent Tour", "Dizzy rated Higher U.S. pay than Ike", "Sinfonietta Heading For Latin America", "Acting Ambassadors".*

Documento 51: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Clippings, 1953-1973 to USIA News Clippings, 1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 33, "USIA Film Audience Increased by 200 Million", "Streitbert – USIA Concentrating on Anti-Communist Films & Making Them Overseas", "1954: In FY55 Most Documentaries To Be Produced O/S And To Stress Either Anti-Communism and Virtues of American Democracy", "1954: Streitbert – USIA Seeking Hollywood's Help in Making Documentaries", "1954: Streitbert – Seeking Specialized Not Mass Audiences for USIA Films", "Completed productions contracted in fiscal year 1953", "1954: Streitbert – Interested in 3 types of Films (Anti-communist, Pro-U.S., Topical)", "1955: USIA claims Hollywood Films Often Misrepresent U.S.), e "1955: Brazil Prohibits Importation of Newsreels hence produced locally", "1959: USIA's Overseas Film Program", "1963: USIA Films Admirable Lot", de Richard L. Coe, Washington Post"; "1962: USIA Film Depicts Positive Negro Gain", "1961: Murrow tried "to influence" Hollywood films to improve U.S. image abroad", "1961: Murrow urges Hollywood to portray U.S. more accurately in its films.", "Fine Kennedy Film, - Only for Abroad/ NY Times/Judith Crist", "1963-4: Stevens – Documentary on "The President" completed in four weeks/ H: USIA Approp '65, p. 397 (4 mar 64)".*

Documento 52: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, People to People Program, 1951-1973 to People to People Program, 1951-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 199, "What you should know about the People-to-People Program: How it Operates... what you can do...", "Stamp Collecting and People-to-People", "Your Community in world affairs", "A program of international friendship", "The letter*

writing Committee of the President's People-to-People Program of the United States", "People-to-People Hobbies Committee", "People in the World Disabled", "Make a friend this trip", "How to organize a People-to-People Council in your Community", "Town Affiliation – your Community in the World" e "Hobby Found Peacemaker in International Strife".

Documento 53: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, People to People Program, 1954-2000 to People to People Program, 1954-2000, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 200, "Cartoonists defend American tourists", "Sister City Program Expanding. May, 1963".*

Documento 54: *Rockefeller Archives Center, Tarrytown, Collection: Nelson A. Rockefeller papers, Washington, DC, Series O, Subseries O.7: Special Assistant to the President for Foreign Affairs (SAP), Quantico II - Final Report, "Psychological Aspects of Future United States Strategy", Box 68, Folder 548. Disponível em <<http://dimes.rockarch.org/xtf/view?docId=ead/FA350/FA350.xml;query=;brand=default;chunk.id=ref786;doc.view=contents#ref868>> Acesso em 20 nov. 2014.*

Documento 55: *Rockefeller Archives Center, Tarrytown, Collection: Nelson A. Rockefeller papers, Washington, DC, Series O, Subseries O.9: Special Assistant to the President Declassified Materials, Office of Non-Military Warfare (ONMW) - Psychological Warfare - Drafts, 1955, Box 1, Folder 13. Disponível em <<http://dimes.rockarch.org/xtf/view?docId=ead/FA350/FA350.xml;query=;brand=default;chunk.id=ref2289;doc.view=contents#ref2315>> Acesso em 20 nov. 2014..*

Documento 56: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, People to People Program, 1951-1973 to People to People Program, 1951-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 199, "Portraying American culture to the world: U.S. Information Agency", "The free world speaks, 1951" e "What should I know when I travel abroad".*

Documento 57: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000, Edward R. Murrow, Photographs, Awards & Presentations, 1961-1964, to Edward R. Murrow, Photographs, Journalists, 1963-1998, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 3, outcard 3, Entry A1-1069, Box 19, NN3-306-02-003.*

Documento 58: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000, Edward R. Murrow, Press Coverage, Jan. 1961 – March 1961, to Edward R. Murrow, Press Coverage, Jan. 1961 – March 1961, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 3, outcard 3, Entry A1-1069, Box 15, NN3-306-02-003, Reading Times, 17/02/1961, "Now a Word From My Sponsor", "The White House, Text of letters exchanged by the President and the Honorable Edward R. Murrow, January 20, 1964".*

Documento 59: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000, Donald M. Wilson, Speeches, 1961-1969, to Directors, Nominations, 1977-1981, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 3, Entry A1-1069, Box 37, NN3-306-02-003, "Wilson Steps Out Aug. 1 As USIA Deputy Chief".*

Documento 60: RG 306, *General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000*, Edward R. Murrow, *Press Coverage, Nov. 1961 – Dec. 1965*, to Edward R. Murrow, *Press Coverage, Nov. 1961 – Dec. 1965*, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 3, outcard 3, Entry A1-1069, Box 17, NN3-306-02-003, “The Edward R. Murrow center of Public Diplomacy/The Agency Library, archives collection”, “Murrow to Rowan, U.S. to the World (Springfield, Mass. Union, Jan 23, 1964)”, “Ed Murrow’s Contribution (Roanoke, Virginia Times, Jan 26, 1964)”.

Documento 61: Nara II, RG 306, *Declassified NND 931587, RG 306, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Office of Research and Intelligence; Headquarters Subject Files, 1955-1970; Stack area 230, Row 47, compartment 19, Shelf 5, Entry A1-1048, Box 11, “IRS - U.S. News Media Representatives serving abroad”.*

Documento 62: Nara II, RG 306, *Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000*, Carl T. Rowan, 1957-1998, to Howland H. Sargeant, *Asst. Secretary of State for Public Affairs, 1947-1953*, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 6, Entry A1-1069, Box 26, NN3-306-02-003, “The White House, Exchange of letters between President Johnson and Carl T. Rowan, July 1965”, “Rowan’s speech to L.A. Ambassadors, mar 11, 1964”, “On the Propaganda War: Latin America... – Printing Week Convention, Minneapolis, Minn., February 21, 1964.”.

Documento 63: Nara II, RG 306, *Declassified NND 988085, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Office of Research; Special Reports (S), 1953-1997, S-16-55 THRU S-2-56; Stack area 230, Row 48, compartment 27, Shelf 5, Entry P-160, Box 9 ARC# 5664216.*

Documento 64: Nara II, RG 306, *Declassified NND 968139, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Master Budget Files; 1953-1967, Stack area 230, Row 46, compartment 16, Shelf 4, Entry A1-56, Box 4, “1954-55 IIA Prospectus for Brazil/April 1953”.*

Documento 65: Nara II, RG 306, *Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Damage to USIA Property, 1953-1985 to Architecture, 1996-1999, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 208, “Attacks against USIS installations since August 1, 1953 to date which have occurred for a wide variety of reasons, some political/ U.S. Information Agency”.*

Documento 66: *Declassified NND 988085, Nara II, RG 306, stack area 230, row 046, compartment 024, shelf 5, Entry 1010, Box 2, Records of the US Information Agency, Office of Research, Public Opinion Barometer Reports, 1955-1962, LA-1 to 2nd Series LA-5, Box 2, ARC ID 1101836, A1, Entry 1010, LA 15, “A note on the impact of Vice-President Nixon’s trip on public opinion in three latin-american cities, Report # 15, June, 1958”, “LA-1, Some basic political and economic attitudes in six Latin American cities, Report # 1, June 29, 1955”, “LA-8, (Mexican and Brazilian attitudes toward Communism, Report #8, July 2, 1959)”, “LA-11 a LA-16, sendo: LA-11 (Latin American attitudes toward US economic policies, Report #11, June 28, 1957)”.*

Documento 67: *Collection: Nelson A. Rockefeller papers, Washington, DC, Series O, Subseries O.7: Special Assistant to the President for Foreign Affairs (SAP), Latin America - Countries (Brazil), Box 88, Folder 664*

Disponível

em

<<http://dimes.rockarch.org/xtf/view?docId=ead/FA350/FA350.xml;query=;brand=default;chunk.id=ref786;doc.view=contents#ref1056>> Acesso em 11 dez. 13.

Documento 68: *NARA II, Still Pictures, RG 306, Box 25, photo 56-2304, "Volta Redonda, Brazil. Vice President Nixon and President Juscelino Kubitschek of Brazil look over the huge steel mill. Source: Assoc Press. 2/3/56 copy neg".*

Documento 69: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Reports; 1956-1959, 1959: P-36 THRU 1959: P-57, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 6, Entry A1-1033, Box 7, ARC# 1074148, "UNTAPPED RESOURCE: RESEARCH RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY, by Kenneth W. Heger & David A. Langbart, The Shafr Newsletter".*

Documento 70: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Reports; 1956-1959, 1959: P-36 THRU 1959: P-57, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 6, Entry A1-1033, Box 7, ARC# 1074148, "USIA Historical Collection".*

Documento 71: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research, Multi Country (Area) Project Files, 1952-1963, Latin America, 1953 to Latin America, 1957, Stack area 230, Row 046, compartment 035, Shelf 02, Entry A1-1023, Box 4, ARC ID 1074070, "The reactions of Latin-Americans Listeners to two programs broadcast over Station WRUL, New York city, nov. 1953", "ZP 5303, Radio Listening, multi-Latin American, 6 Latin American cities radio listening + political attitudes, mar. 1955", "ZP 5302, Radio Listening, Multi Latin America, give-away offer on WRUL (responses), nov-dec 1953".*

Documento 72: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research Records and Intelligence, Bulletins, memorandums and Summaries; 1954-1956; 1956: IM-21 thru 1955: IS-27, Stack area 230, Row 046, compartment 035, Shelf 01, Entry A1-1022, Box 4, ARC# 1073965, "IS- 6-54, Report on "Communism in Brazil", 25-6-54", "IS-3-55, Communist attempts to obstruct development of petroleum industry in Brazil, January 28, 1955", "IM- 23- 56, Latin American reactions to the Panama Meeting of Presidents of the American Republics, August 15, 1956".*

Documento 73: *Nara II, RG 306, Declassified NND 931587, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Office of research and Intelligence; Headquarters Subject Files, 1955-1970; Stack area 230, Row 47, compartment 19, Shelf 5, Entry A1-1048, Box 7, "Department of Defense Special Operations Research Fields", "IRI Memorandum requesting subject report of December 15, 1955", "Project at Western Reserve Document Center".*

Documento 74: *Nara II, RG 306, Declassified NND 931613, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); INSPECTION STAFF; Inspection reports and Related Records, 1954-1962; Afghanistan THRU British East Africa, Stack area 230, Row 17, compartment 18, Shelf 7, Entry A1-1045, Box 1, H. M. Done 1989, "INSPECTION REPORT, USIS Brazil, 1960", "Contract No. Ia-6fa-17/Diários Associados, 1954", "Inspection Report of USIS Brazil, August 15-September 28, 1955", "Inspection Report, USIS-Brazil, October 21, 1960", "Record of Meeting in Mr. Vebber's Office - September 9, 1955".*

Documento 75: *Nara II, RG 306, Declassified NN D 988085, stack area 230, row 046, compartment 024-25, shelf 7-1, Country Project Files, 1951-1964, Brazil, 1955 to Brazil, 1958, Box 9, ARC ID 1065787, Entry1015, "InRa Survey of Brazilian Opinions on Foreign Investments Reported in New York Times, April 30.", "BR 5602 set.1956 BRA media habits", "BR 5603 fev 1957 (LA6) – (A study of Brazilian Public Opinion on selected national and international issues)", "BR5802, abr 1958 – Television Viewing", "BR 5801, nov 1958 – Nationalism Study", "BR 5401/USIA Exhibit "Atoms for the benefit of Mankind" held at the Exposição do Ivo Centenário da Cidade de São Paulo, from August 1954 to January 1955".*

Documento 76: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Reference; Requestor Only Reports; 1956-1962, RO 1959 THRU RO/LA 1960, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 05 - , Entry A1-1032, Box 1, ARC# 1074138, "RO/LA-37-58, Analysis of Letters of reaction to Combate, 12/30/58", "RO/LA 1960, 101-116 Complete, 1960", "RO/LA 1960, 81-100 Complete, 1960".*

Documento 77: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Notes; 1958-1962, 1959: RN-91 THRU 1960: RN-20, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 02 - , Entry A1-1029, Box 3, ARC# 1074117, "RN-86-59, Fact Book on Latin America, June 29, 1959".*

Documento 78: *Nara II, RG 306, Declassified, US Information Agency; Office of Research and Reference/ Agency Library; International Survey Research Reports; 1953-1964, IRI BR 67: A Study of Wrul's Transmission to Brazil: O Vespertino Do Ar"- April, 1959 THRU IEV CHL 1: Attitudes toward the U.S. and Exposure to the Mass Media and the USIS (United States Information Service) Program in Chile – July 1953, Stack area 230, Row 47, compartment 22, Shelf 4, Entry P-78, Box 14, ARC# 721251, "A Study of Wrul's Transmission to Brazil "O Vespertino Do Ar", 1959", "Brazilian Public opinion Surveys, Series 7, Report 4, December 22, 1959", "Sample copies of: Desfile do Mundo para seu Lar", "Singra", "Gazeta Comercial" e "A Gazeta", "Utilization and Opinions of USIS Brazil - Media Press Services", "Some International Implications of THE POLITICAL PSYCHOLOGY OF BRAZILIANS, by Lloyd A. Free, July, 1961", "RIO's FAVELAS, the rural slum within the city, august 1961".*

Documento 79: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Stack Area 230, Row 046, compartment 024-25, shelf 7-1 Records of the U.S. Information Agency, Office of Research, Country Project Files, 1951-1964, Brazil, 1961 to Brazil, 1963, Box 11 ARC ID 1065787, A1, Entry 1015, "62-007, Brazil in Crisis, public opinion reaction in Rio and SP about the US – crisis Janio, 1961", "BR 6102, Brazil in Crisis attitudes, Cuban-USA crisis opinion survey, sept. 1961".*

Documento 80: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Reference; Requestor Only Reports; 1956-1962, RO 1961 THRU RO/PI, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 05 - , Entry A1-1032, Box 2, ARC# 1074138, "RO/LA 1961, 82-110 (Incomplete), 1961", "RO/LA, 101-126, 1962".*

Documento 81: *Declassified NN D 988085, Nara II, RG 306, stack area 230, row 046, compartment 024-25, shelf 7-1, Records of the U.S. Information Agency, Office of Research, Country Project Files, 1951-64, Brazil, 1963 to Brazil, 1963, Box 15, ARC ID 1065787, A1, Entry 1015, "BR 6306, Attitudes on Race+Astronauts, May 1963".*

Documento 82: *Declassified NN D 988085, Nara II, RG 306, stack area 230, row 046, compartment 024-25, shelf 7-1, Records of the U.S. Information Agency, Office of Research, Country Project Files, 1951-64, Brazil, 1963 to Brazil, 1963, Box 14, ARC ID 1065787, A1, Entry 1015, BR 6302, "Economic attitudes in rural NE Brazil & attitudes on Alliance for Progress, March 1963".*

Documento 83: *Nara II, RG 306, Declassified NND 927503RG 306, Records of the United States Information Agency, Office of Research Records of Research Projects, Latin America, 1964-73, Stack area 230, Row 046, compartment 030, Shelf 02, Entry A1-1018, BR 6402, Brazil, Political Semantics thru BR 6501, Brazil, Alliance for Progress, Box 3, HM FY1991, "BR 6403, Brazil Students Attitudes (Bryant Wedge Study), Oct. 1964-65", "Bryant Wedge to John Evans, 5 February 1965", "BR 6403, Brazil Effect of Media on Politics, 1964".*

Documento 84: *NARA II, Still Pictures, RG 306, Box 81, photo 64-1934, "Brazil: Brazilian National Students Union Headquarters, showing posters printed by the organization announcing fair to commemorate 42nd anniversary of Brazilian Communist Party. On Wall, photograph of Cuban Leader Ernesto "Che" Guevara. Source: USIS Rio C.N. Brazil, Posters-Foreign-Brazil Propaganda-Communist-Communism-Brazil", 24/4/1964, "photo 64-1546, Brazil: Weapons*

confiscated from Communist Organizations, and individuals who planned Communist Revolution.", "photo 64-1555, Rio de Janeiro, Brazil: Address labels from Propaganda material direct from Moscow and Peking to a communist-dominated student organization, the Uniao Fluminense dos Estudantes. The material was seized by authorities after the April Revolution. Source: USIS Brazil, Copy Neg., Brazil, Rio de Janeiro", "photo 64-1522, 02/abril/1964, Rio de Janeiro: Cheering, Flag-waving crowd of Brazilians in front of Guanabara palace celebrate successful revolution: 4/2/64, Source USIS/Brazil, Copy Neg."

Documento 85: *Nara II, RG 306, Declassified NND 927503RG 306, Records of the United States Information Agency, Office of Research Records of Research Projects, Latin America, 1964-73, Stack area 230, Row 046, compartment 030, Shelf 02, Entry A1-1018, BR 6502, Brazil, General Attitudes thru BR 6701, Brazil, Radio Listening, Box 4, HM FY1991, "BR 6504, Brazil Paths to Leadership, June 1965", "Brazil Radio Listening, Mar 1969".*

Documento 86: *Nara II, RG 306, Declassified NND 927503RG 306, Records of the United States Information Agency, Office of Research Records of Research Projects, Latin America, 1964-73, Stack area 230, Row 046, compartment 030, Shelf 02, Entry A1-1018, AR6602, Argentina, media habits thru BR 6402, Brazil, Political Semantics, Box 2, HM FY1991, "AR GG3, Folder "Alboreal Book Collection, 1966", "BR 6401, Brazil, Reaction to "The President" Film, Apr. 1964".*

Documento 87: *Nara II, RG 306, Declassified NND 998107, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Subject Files; 1953-1967, Stack area 230, Row 46, compartment 16, Shelf 4, Entry A1-56, Box 26, "Brazil, 1957".*

Documento 88: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Clippings, 1953-1973 to USIA News Clippings, 1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 31, "1954- : DISTRIBUTION OF REPRESENTATION FUNDS FOR FY55 BY COUNTRY".*

Documento 89: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Clippings, 1953-1973 to USIA News Clippings, 1953-1973, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 32, "1957: ORAM – USIA SUPPORTING 70 BNCs IN LATIN AMERICA: DESCRIPTION".*

Documento 90: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000, George V. Allen, Speeches, 1957-1960, to George V. Allen, Speeches, Press Coverages, 1958-1959, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 3, outcard 3, Entry A1-1069, Box 4, NN3-306-02-003, "Mutual understanding through binational activities, George V. Allen, Seventh national Conference, Denver, Colorado, September 29 – October 2, 1959".*

Documento 91: *Nara II, RG 306, Declassified NND 927503, Records of the United States Information Agency, Office of Research Records of Research Projects, Latin America, 1964-73, Stack area 230, Row 016, compartment 030, Shelf 02, Entry A1-1018, AR7101, BR 7302, Brazil Binational Centers, Box No. 24, "BR 7302, Binational Centers, Brazil, evaluation of BNC program in Brazil – survey of BNC patrons, Sept. 1973, INESE, São Paulo".*

Documento 92: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Evaluation; Estimates and Evaluation; 1966-1978, 1974: E-6 THRU 1976: E-18, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 01 - , Entry A1-1028, Box 4, ARC# 1074103, "E-2-76, Study of Binational Centers in Brazil, 1976".*

Documento 93: *Collection: Nelson A. Rockefeller papers, Washington, DC, Series O, Subseries O.7: Special Assistant to the President for Foreign Affairs (SAP), United States Information*

Agency - General, Box 83, Folder 633: "Barometer and Rockefeller, 1955". Disponível em <<http://dimes.rockarch.org/xtf/view?docId=ead/FA350/FA350.xml;query=;brand=default;chunk.id=ref786;doc.view=contents#ref999>> Acesso em 21 dez. 2013.

Documento 94: *Nara II, RG 306, Declassified NND 74626, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Information Center Service/Information Media Guaranty/Liquidation Staff; Administrative Files, 1949-1967, Proposed IMG – Brazil THRU Proposed IMG – Egypt (1956-1965); Stack area 350, Row 73, compartment 10, Shelf 6, Entry P-56, Box 9 ARC# 4700155, "Country Plan, 1953", "Treatment of Infiltration and Subversion in Brazil, April 14, 1964".*

Documento 95: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Intelligence, Intelligence Bulletins, memorandus and Summaries; 1954-1956; 1954: IM-31 thru 1955: IM-75, Stack area 230, Row 046, compartment 035, Shelf 01, Entry A1-1022, Box 2, ARC# 1073965, "IM-24-55, MATERIALS REQUESTED FOR BUDGET HEARINGS, Selected Communist Publications in Latin America, March" 2, 1955", "IM-46-55, Recents Developments in Latin American Television, March 31, 1955".*

Documento 96: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Intelligence, Intelligence Bulletins, memorandus and Summaries; 1954-1956; 1955: IB-1 thru 1954: IM-30, Stack area 230, Row 046, compartment 035, Shelf 01, Entry A1-1022, Box 1, ARC# 1073965, "IB-4-56, Foreign Reaction to Presidente Eisenhower's uranium offer of February 22, 1956, March 15, 1956".*

Documento 97: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Intelligence, Intelligence Bulletins, memorandus and Summaries; 1954-1956; 1955: IM-76 thru 1956: IM-20, Stack area 230, Row 046, compartment 035, Shelf 01, Entry A1-1022, Box 3, ARC# 1073965, "IM-17-56, Brazilian Opinion of US Policies, January 1955- June 1956".*

Documento 98: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, PROPAGANDA COUNTRY FILES; 1953-1991, Argentina to Uruguay, Stack area 230, Row 47, compartment 1, Shelf 2, Entry A1-1068, Box 41, "A Morte vem de Moscou (O Globo), 1956", "Radio Press, divulgação interna, 1956".*

Documento 99: *Nara II, RG 306, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMANTION AGENCY (USIA); PROBLEMS OF COMMUNISM, 1952-73, Problems of Communism, 1972-1973 thru Problemas Internacionales, 1954-1973, Stack area 230, Row 46, compartment 1, Shelf 4, Entry 3, Box 3 NN3-306-93-003, "Problemas do Comunismo, 1957".*

Documento 100: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Notes; 1958-1962, 1958: RN-1 THRU 1958: RN-58, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 02 - , Entry A1-1029, Box 1, ARC# 1074117, "RN-6-58, Selected List of Important Non-Communist Newspapers and Magazines in Latin America, January 27, 1958".*

Documento 101: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, RG 306, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Notes; 1958-1962, 1960: RN-21 THRU 1962: RN-13, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 02 - , Entry A1-1029, Box 4, ARC# 1074117, "RN-10-61, Peace Corps, Overseas Press reaction, April 20, 1961".*

Documento 102: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, US Information Agency; Office of Research and Media Reaction; Research Memoranda; 1963-1999, M-215-1963 THRU M-330-1963, 1954 to Security Reports, 1968-1971, Stack area 230, Row 046, compartment 19, Shelf 3, Entry P-64, Box 3, ARC# 4778251, "Brazilian Press View on the Crisis, 1963", "Brazilian Catholics Quarantine Tito, 1963".*

Documento 103: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, US Information Agency; Office of Research and Media Reaction; Research Memoranda; 1963-1999, M-1-1964 THRU M-101-1964, Stack area 230, Row 046, compartment 19, Shelf 3, Entry P-64, Box 5, ARC# 4778251, "Brazil Leading Newspaper praises President Johnson, 1964".*

Documento 104: *Nara II, RG 306, Declassified NND 008024, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Subject Files; 1953-1967, Stack area 230, Row 46, compartment 17, Shelf 1, Entry A1-56, Box 56.*

Documento 105: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Portuguese and Spanish Translations of U.S. Books, 1950-1966 to Selections of Titles, 1981-1987, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 185, "Portuguese Translations of United States Books, 1950- 1963".*

Documento 106: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; REPORTS AND STUDIES, 1953-1998, Evaluation of the Exchange Program, 1950 to Evaluation of International Exchange Experiences of Brazilian Grantees, 1953, Stack area 230, Row 047, compartment 28, Shelf 3, Entry A1-1070, Box 31, NN3-306-02-003, "Evaluation of International Exchange Experiences of Brazilian Grantees, 1953".*

Documento 107: *NARA II, Still Pictures, RG 306, Box 81, photo 64-1555, "Rio de janeiro, Brazil: Address labels from propaganda material direct from Moscow and peking to a communist-dominated student organization, the União fluminense dos estudantes. The material was seized by authorities after the April Revolution. Source: USIS Brazil. 4/24/64 copy neg".*

Documento 108: *Nara II, RG 306, Declassified NND 74640, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Information Center Service/English Teaching Division/Country Files; 1955-1965, Lebanon – E.T. THRU Chile E.T.; Stack area 131, Row 16, compartment 20, Shelf 4, Entry P-79, Box 8 ARC# 4750923, "General view of overflow audience on occasion of graduation ceremony at BNC Belo Horizonte. December 1st, 1962", "Student program: UNE-Sponsored Seminar on Northeast Problems".*

Documento 109: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, US Information Agency; Office of Research and Media Reaction; Research Memoranda; 1963-1999, M-123-63 THRU M-214-1963, Stack area 230, Row 046, compartment 19, Shelf 3, Entry P-64, Box 2, ARC# 4778251, "Agitation and Public Opinion in Crucial Areas of Northeast Brazil, 1963".*

Documento 110: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, RG 306, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Media Reaction; Research Memoranda; 1963-1999, January 1963 THRU M-79-63, Stack area 230, Row 046, compartment 19, Shelf 03 - , Entry P-64, Box 1, ARC# 4778251, " M-63-63, "USIA Comments on the First Working Draft – Training of latin Americans in the United States, April 11, 1963".*

Documento 111: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Office of Research; Research Reports, 1960-1999, R-216-63 THRU R-25-64; Stack area 230, Row 48, compartment 26, Shelf 3, Entry P-142, Box 18 ARC# 5637789, "Peasants Attitudes in Northwest Brazil, February 14, 1964".*

Documento 112: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA Personnel Issues, 1953-1975 to USIA Personnel Issues, 1953-1975, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 38, "1954- : Streitbert/Logan - USIA cartoon strips are unattributed", "1969: Usia's renewed interest in town affiliation program".*

Documento 113: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Arts America, 1968-1998 to Arts America, 1968-1998, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 169, "Arts America, Latin America, '55 - 63".*

Documento 114: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, stack area 230, row 046, compartment 024, shelf 6, Office of Research, Special reports, 1955-59, #1-11; Media Briefs, 1961-62, #1-13, Box 1 Entry (A1) 1012, "Music USIA, 50's-60's".*

Documento 115: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Reports; 1956-1959, 1957: P-35.1 THRU 1957: P-75, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 05 - 06, Entry A1-1033, Box 3, ARC# 1074148, "P-57-57, Latin American Communist preparation dor the Moscow Youth Festival, June 21, 1957".*

Documento 116: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Cultural Programming, Latin America, 1938-1966 to Cultural Programming, International Cultural Relations in Europe, 1997-1998, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 188, "City Welcomes Philharmonic Home", "Rio Visit is ended by Philharmonic".*

Documento 117: *Nara II, RG 306, Declassified NND 74610, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Information Center Service/Exhibitions Division/Records Relating to International Trade Fairs; 1951-1966, Lima Trade Fair fall 1959, 1961 THRU São Paulo Air Show (Spring 63); Stack area 131, Row 39, compartment 11, Shelf 1, Entry P-33, Box 3 ARC# 4705668, "Rio Solo Exhibition, Fall 1963, São Paulo Space Fair, Spring 1963".*

Documento 118: *Nara II, RG 306, Declassified NND 74610, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Information Center Service/Exhibitions Division/Records Relating to International Trade Fairs; 1951-1966, Paris Air Show Spring 63 THRU Tokio 1963 Photos; Stack area 131, Row 39, compartment 11, Shelf 2, Entry P-33, Box 9 ARC# 4705668, "Photos Rio exhibition 1963".*

Documento 119: *Nara II, RG 306, Declassified NND 008024, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Subject Files; 1953-1967, Stack area 230, Row 46, compartment 16, Shelf 4, Entry A1-56, Box 39, "San Leandro, California Desires Brazilian Affilitation".*

Documento 120: *Nara II, RG 306, Declassified NND 008024, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Subject Files; 1953-1967, Stack area 230, Row 46, compartment 16, Shelf 4, Entry A1-56, Box 37, "Barbacena tem uma irmã no meio-oeste americano, 13/8/1963".*

Documento 121: *Nara II, RG 306, Declassified NND 008024, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Subject Files; 1953-1967, Stack area 230, Row 46, compartment 16, Shelf 4, Entry A1-56, Box 38, "People to People da cidade do Salvador - Programa de Amizade de Povo para Povo, Los Angeles-Bahia, Estados Unidos-Brasil, October 31st, 1963".*

Documento 122: *Nara II, RG 306, Declassified NND 008024, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Subject Files; 1953-1967, Stack area 230, Row 46, compartment 17, Shelf 1, Entry A1-56, Box 47, "Request for information - Institute of Engineers - São Paulo State, September 19, 1963".*

Documento 123: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, People to*

People Program, 1956-1962 to People to People Program, 1956-1962, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 201, "Town Affiliation News, November 1965".

Documento 124: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36854, General Records of the United States Information Agency (USIA); Historical Collection, SUBJECT FILES; 1953-2000, Broadcasting to Africa, 1954-1997 to Broadcasting to Latin America, 1953-1987, Stack area 230, Row 047, compartment 6, Shelf 3, Entry A1-1066, Box 70, "Voice concludes Spanish programs, May, 1953", "VOA adds for Brazil, 1961".*

Documento 125: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA News Programs, 1953-1975 to USIA Programs, 1953-1975, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 39, "1954: Lemmon- WRUL broadcasts to Brazil began in March".*

Documento 126: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Office of Research; Special Reports (S), 1953-1997, S-13-54 THRU S-27-54 (vol.1); Stack area 230, Row 48, compartment 27, Shelf 4, Entry P-160, Box 5 ARC# 5664216, "Geographic distribution of Radio Sets and Characteristics of Radio Owners in Countries Around the World, 1954".*

Documento 127: *Nara II, RG 306, stack area 230, row 046, compartment 24, shelf 5, Declassified NND 988085, Entry 1011, Box#1, U.S. Information Agency, Office of Research and Analysis, Entry # A1 1011: Program and Media Studies; 1956-1962, PMS-1 THRU PMS-45, Container #1, Arch#1101846, "PMS-21, Radio listening in some Latin American Countries, November 29, 1957".*

Documento 128: *Nara II, RG 306, Declassified NND 36844, General Records of the United States Information Agency, Bureau of Programs; Historical Collection, Records relating to select USIA Programs; 1953-1999, Latin American Program, 1961 to Afghan Media project, 1985-1988, Stack area 230, Row 047, compartment 1, Shelf 1, Entry A1-1061, Box 14, "USIA Support for the "Alliance for Progress", November, 1961".*

Documento 129: *Nara II, RG 306, Declassified NN3-306-02-003, General Records of the United States Information Agency, Office of Administration; Historical Collection, Murray Lawson History Card Files Series; 1953-1975, USIA Programs, 1953-1975 to USIA Programs, 1953-1975, Stack area 230, Row 047, compartment 26, Shelf 6, Entry A1-1055, Box 41, "USIA sending untranslated TV programs to 21 countries", "1957: description of USIA's Washington TV program".*

Documento 130: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Intelligence, Intelligence Bulletins, memorandus and Summaries; 1954-1956; 1956: IS-5 thru 1956: IS-30, Stack area 230, Row 046, compartment 035, Shelf 01, Entry A1-1022, Box 7, ARC# 1073965, "IS-28-56, Overseas Television Developments, quarterly report, March 30, 1956".*

Documento 131: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085RG 306, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Reports; 1956-1959, 1956: P-127 THRU 1957: P1.6, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 05 - 06, Entry A1-1033, Box 1, ARC# 1074148, "P-128-56, Overseas Television Developments, 1956".*

Documento 132: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Reports; 1956-1959, 1957: P-1.7 THRU 1957: P-34, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 05 - 06, Entry A1-1033, Box 2, ARC# 1074148, "P-23-57, Overseas Television Developments – Quarterly Report, January-March, 1957".*

Documento 133: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, Records of the United States Information Agency, Office of Research and Analysis; Research Reports; 1956-1959, 1957: P-76 THRU 1958: P-2.1, Stack area 230, Row 046, compartment 36, Shelf 05 - 06, Entry A1-1033, Box 4, ARC# 1074148, "P-91-57, Overseas Television Developments – Quarterly Report, July-September 1957".*

Documento 134: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, stack area 230, row 046, compartment 024-25, shelf 7-1, Records of the U.S. Information Agency, Office of Research, Country Project Files, 1951-1964, Brazil, 1961 to Brazil, 1963, Box 13 ARC ID 1065787, A1, Entry 1015, "BR 6301, American TV Viewing, Jan-Feb 1963".*

Documento 135: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Office of Research; Research Reports, 1960-1999, R-11-63 THRU R-50-63; Stack area 230, Row 48, compartment 26, Shelf 3, Entry P-142, Box 13 ARC# 5637789. "Overseas Television Developments in 1962".*

Documento 136: *Nara II, RG 306, Declassified NND 022120, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Movie Scripts, 1942-1965; Stack area 230, Row 047, compartment 17, Shelf 5, Entry A1-1098, Box 34, "President Dutra's Visit to USA, 1949".*

Documento 137: *Nara II, RG 306, Declassified NND 022120, RECORDS OF THE UNITED STATES INFORMATION AGENCY (USIA); Movie Scripts, 1942-1965; Stack area 230, Row 047, compartment 17, Shelf 1, Entry A1-1098, Box 3, "Atomic Medicine in Brazil, 1954".*

Documento 138: *Nara II, RG 306, Declassified, US Information Agency; Office of Research and Reference/ Agency Library; International Survey Research Reports; 1953-1964, IRI BR 37 – IRI BR 40: Media Habits in Selected Brazilian Cities – Public Opinion Surveys – January, 1957 THRU IRI BR 66: U.S. Assistance, Trade and Private Companies – Public Opinion Surveys – March 1959, Stack area 230, Row 47, compartment 22, Shelf 4, Entry P-78, Box 13, ARC# 721251, "Audience Reaction to Quero Saber Mais, 1957".*

Documento 139: *Nara II, RG 306, Declassified NND 988085, stack area 230, row 046, compartment 024-25, shelf 7-1 Records of the U.S. Information Agency, Office of Research, Country Project Files, 1951-1964, Brazil, 1959 to Brazil, 1960, Box 10, ARC ID 1065787, A1, Entry 1015, BR 5901, Brazil, "Film Study: Now the School is different, apr. 1959".*

Documento 140: *Nara II, RG 306, Declassified NND 37109, General Records of the United States Information Agency (USIA); Office of the Director, Historical Collection; BIOGRAPHICAL FILES RELATING TO USIA DIRECTORS AND OTHER SENIORS OFFICIALS, 1953-2000, Edward R. Murrow, "Harvest of Shame", 1961, to Edward R. Murrow, Jonas Salk, 1962, Stack area 230, Row 047, compartment 12, Shelf 3, outcard 3, Entry A1-1069, Box 18, NN3-306-02-003, "Cinegráfica São Luiz S.A., January, 1962".*

APÊNDICE A Transcrições e trechos traduzidos

1. “Uma necessidade essencial de toda a propaganda francesa no exterior reside na possibilidade do segredo. Mesmo no plano intelectual, a colaboração de serviços como, por exemplo, os professores nas universidades estrangeiras ou com aquela coletividade ou agrupamento estrangeiro amigo da França, deve-se exercer em silêncio. Toda organização criada com grandes esforços de publicidade sem estar dotada de recursos verdadeiramente abundantes unirá o máximo de risco com o mínimo de eficácia. Ela arrisca entravar a ação de nossos representantes diplomaticos e consulares, desconsiderar o esforço admirável e insuficientemente conhecido de nossos professores e religiosos no exterior e incomodar a dedicação desinteressada de nossos amigos de fora.” (tradução nossa).

2. *“Propaganda – the attempt to influence behavior by shaping the attitudes of masses of people – has always played a role in the conduct of U.S. foreign relations. Beginning with the American Revolution itself, propagandists used information and persuasion, most notably in the Declaration of Independence, to advance the cause of the rebellious colonies.”.*

3. *“U.S. officials wanted not only to promote American culture and values and anti-Communist attitudes but also to wean the Brazilians away from the “European influence,” notably French, that dominated Brazilian culture.”* e *“U.S. embassy officials believed that, although the Brazilian elite considered France as the natural spiritual and cultural mentor of Brazil and French cultural influence was still present, younger Brazilians no longer had such strong attachments. They were more American-oriented.”.*

4. *“There are indications that the French government is planning a large information campaign in Latin America. The owner of the Uruguayan Gallup poll who also operates in Argentina and Brazil has informed us that the French Institute of Public Opinion (French Gallup) has asked price quotations for studies to be made here, Argentina and Brazil in behalf of the French government to determine media possibilities and receptivity as basis for an effective information campaign. A similar contract to make German image studies has been completed by Gallup Uruguay, also covering Brasil, for the German government as a basis for use of short wave and other media, the latter to assist German embassies to step up their information campaigns. Uruguayan Gallup owner Luis Ferreira, a former full time employee, USIS-Montevideo, said the German study is obviously a step towards stepped-up German economic activity in Latin America. The full nature of the French information program objectives are not clear on the basis of present inquiries.”.*

5. *“It is true that within the Department of State a growing consciousness of the importance of public relations had led to regular use of the press conference by secretaries of state after 1913 to reach both domestic and foreign publics.”.*

6. “Tais como os poderes do Presidente durante a guerra, medidas radicais foram tomadas para dirigir a opinião pública, mas com consequências assustadoras. A despeito do evidente entusiasmo popular, o governo estava preocupado com a unidade nacional. A Comissão de Informações Públicas, administrada pelo jornalista progressista George Creel, cobriu o país com cerca de 75 milhões de panfletos e um número incontável de discursos sobre assuntos como “Por que Estamos Lutando” e “O Significado da América””.

7. *We fought prejudice, indifference, and disaffection at home and we fought ignorance and falsehood abroad. We strove for the maintenance of our own morale and the Allied morale by every process of stimulation; every possible expedient was employed to break through the barrage of lies that kept the people of the Central powers in darkness and desilusion; we sought the friendship and support of the neutral nations by continuous presentation of facts. We did not call it propaganda, for that word, in German hands, had come to be associated with deceit and corruption. Our effort was educational and informative...”.*

8. *“South America and Central America, like Mexico and Spain, were parade-grounds for the agents of Germany. Colombia and Venezuela were bitterly hostile, and in every other country there was a distinct distrust of our sincerity and a very lively fear of our strength. In every city and every town Germans were prominent in business, and the constant stream of money from Berlin subsidized newspapers and individuals to make a daily and direct attack upon the United States.”.*

9. “Com exceção dos Estados Unidos da América, todos os países analisados, bem como outros com tradição na material (Canadá, Itália, países escandinavos), estabelecem uma clara distinção entre política cultural e política de informação”.

10. *"The CAO's boss, in US practice since 1917, is the public affairs officer or PAO, who heads a field post called USIS for US Information Service – both terms were borrowed from the military. The information officer (IO) was a long the CAO's coordinate colleague under the PAO – the US model contrasts with world practice in placing both culture and information in a single office."*

11. *"... the value and importance of such a service may be more fully appreciated if it is understood that before the advent of your Committee the amount of News of any character concerning the United States carried by South American publications was practically negligible. The European News agencies occupied the field without opposition of consequence."*

12. *"... personal association with leaders of South America though was not overlooked or neglected. Your commissioner was frequently extended the privilege of addressing the universities and schools ..."*

13. *"Fortunately, there are now two American news associations – the Associated Press and the United Press – operating successfully in South America with a rapidly increasing clientele. They are furnishing an excellent and comprehensive service and will undoubtedly prove indispensable in carrying on the campaign for the permanent establishment of mutual knowledge, understanding, and friendship which the Committee conceived and placed in operation."*

14. *"While expressing a cordial friendship for the people of the United States, the Government of Germany had its agents at work both in Latin America and Japan. They bought or subsidized papers and supported speakers there to rouse feelings of bitterness and distrust against us in those friendly nations, in order to embroil us in war... everywhere in South America they were abroad sowing the seeds of dissension, trying to stir up one nation against another and all against the United States. In their sum these various operations amounted to direct assault upon the Monroe doctrine... The German offensive in the New World, in our own land and among our neighbours, was becoming too serious to be ignored."*

15. *"It is doubtfull if in all the annals of business, public and private, there is record of anything more utterly uncomprehensible than the action of Congress in destroying the Committee on Public Information in the very midst of its orderly liquidation. On June 30, 1919, every dollar of our appropriation, every dollar of our earnings, was swept back into Treasury, and the Committe itself wiped out of existence, leaving no one with the authority to sign a check, transfer a bank balance, employ a clerck, rent a building, or with any power watsoever to proceed with the business of settlement. The action was so utterly mad that it could have not been anticipated, and yet had been able to see into the future there was nothing that we could have done about it"*

16. *"... some private American international broadcasting began in the late 1930's, when the World Wide Broadcasting Foundation was established as a nonprofit undertaking featuring a University of the Air over station WRUL in Boston. The Columbia Broadcasting Company established a Latin American radio network on a commercial basis, with programs sponsored by advertisers and also made some broadcasts to Europe. National Broadcasting Company began overseas broadcasting as a competitive response. The government, however, did not make any effort to enter this field."*

17. *"Of well-established organizations, one of the more important to develop cultural policies was the American Library Association. In the aftermath of the battle over the league of nations, the secretary of the association declared: "America as a whole may not be internationally minded. But the librarians of America are so minded." The ALA formed permanent committees on international relations, showed an active interest in library developments abroad, and took the lead in forming an International Federation of Library Associations. The ALA's internationalism also had evangelistic undercurrents. ... With their emphasis on service and dynamics library techniques, American librarians had a missionary justification for their international interests. Especially in Latin America, the ALA complained that "our library methods are virtually unknown." The foundations, recognizing that the printed word remained a primary vehicle of cross-cultural communication, agreed in principle with the ALA's approach and continued to encourage the association's activities. During the 1920s the ALA developed a comprehensive set of cultural programs including visits, fellowships, library training, and exchange of publications. Inevitably, its enthusiasm always outdistanced its resources."*

18. *"What induced the Roosevelt administration to pursue a more activist cultural policy was its alarm at the spread of German and Italian influence in Latin America. There were large numbers of immigrants from both countries living in Argentina, Brazil, and Chile, many of whom were sympathetic to the fascist regimes in their homelands."*

19. *"Rockefeller developed the existing commercial and cultural projects in Latin America, establishing offices and libraries and coordinating and extending the network of binational centers. The office launched a host of*

new exchanges and lecture programs. This heavily ideological and emphatically one-way approach to information work contrasted starkly with the reciprocal nature of the cultural program initiated in 1938.”.

20. *“The most enduring of the Rockefeller ideological-warfare projects was a network of so-called binational centers in major Latin American cities that served as showcases for U.S. cultural wares through exhibits, lectures, and other activities. Six decades later, many of the centers are still active.”.*

21. *“In the free, easy and well-funded early 1940s, the Coordinator and his gifted team invented virtually every tool USIA would ever use, pace Creel: he brought the arts into every US embassy, and he made US libraries abroad a global expectation.”.*

22. Na verdade, o CIAA [Birô] se tornou uma das maiores e mais glamourosas burocracias em Washington, com exposições de arte, professores universitários, dançarinos, cantores e escritores excursionando por quase todos os países do hemisfério sob a coordenação dos representantes locais em cada embaixada dos EUA na América Latina. À primeira vista, os programas pareciam apenas enfatizar a necessidade de manter laços culturais. Por trás desta preocupação, naturalmente, estavam os interesses empresariais. Nelson, que recebeu um orçamento inicial de 3,5 milhões de dólares, tinha gasto 140 milhões até 1944. Ele nunca teria conseguido aprovação para estes gastos se suas atividades fossem meramente culturais, como a maioria pensava. Escorando estas atividades estava uma agenda econômica oculta: arrastar a América Latina para a matriz econômica dos programas de abastecimento de guerra executados por lideranças empresariais.

23. *“He proceeded to organize projects to strengthen U.S. strategic interests south of the border. His program included economic assistance for housing, roads, and similar projects – the forerunner of postwar U.S. foreign-aid programs. He had no hesitations, moreover, about using such aid directly to oppose Nazi activities in the region.”.*

24. *“With his irrepressible penchant for visual aids such as charts, graphs, and layouts for overhead projection, Rockefeller became an enthusiastic user of Madison Avenue public relations techniques.”.*

25. *“The Coordinator was king in Latin America for everything: economic and comercial development, white and grey propaganda, the US image in the southern continent, and some intelligence”.*

26. *“Rockefeller, who was a knowledgeable collector of modern art, also used his connections with the New York art world to build an alliance between private museums and collectors and the State Department to organize traveling art exhibitions in Latin America. The first such show in 1941 involved over three hundred paintings and watercolors. The exhibit drew audiences of over two hundred thousand. It was the beginning of a government-funded effort to showcase American art abroad that continues to this day. In sponsoring these activities, Nelson Rockefeller created the organizational template for what later became the U.S. Information Agency, the public arm of U.S. overseas ideological operations for four decades during the Cold War.”.*

27. *“At home, the propaganda agency used all means of communication to exhort Americans to embrace Allied war aims, practice fuel conservation, launch salvage drives, buy war bonds, and support the war effort in every way. Aware that some 80 million Americans a week went to the movies, OWI not only produced its own films, but made Hollywood “a compliant part of the American war machine.”.*

28. *“It is a waste of money to send people to America who are already friends of the United States. People who have not made up their minds are the best grantees. (This is disputed. It is important to bring over as many people as possible, including those already friendly.) ... A three-week visit to U.S. can have a little effect on anti-American predispositions held by a sophisticated European or Asian (whose views of the U.S. are the product of a lifetime of reading and reflection). In some cases, the program has a boomerang effect. Often when a man goes back to his own country he is frustrated by the lack of opportunity to apply his newly-found knowledge. Exchangees become “completely Americanized.” On returning they give the impression that they have been “bought.””.*

29. *“But notwithstanding their insistence on maintaining their autonomy, the French – like other émigrés – discovered that they had become part of a truly international community of scholars, intellectuals, and scientists, now gathered in America to contribute to the war effort either through the government’s intelligence and communications agencies or in the race to build the atom bomb. Their language skills and their knowledge of European history and culture made them ideal consultants to the military, the Office of Strategic Services, the Office of War Information, the Rand Corporation, and eventually (in the case of Herbert Marcuse) the same State Department that had been so suspicious of the immigrant intellectuals. ... The bond between the émigré*

scholars and Washington would strengthen in the years of the Cold War, as intellectuals (both foreign born and native) shifted their focus from Nazi Germany to the Soviet Union.”.

30. *With the liberal agenda in retreat, “psychological warfare” gained prominence. Championed by William D. (“Wild Bill”) Donovan, head of the Office of Strategic Services (OSS), psychological warfare encompassed a variety of activities, including propaganda in support of military operations; intelligence gathering; disinformation; sabotage; and myriad additional covert operations.*

31. *“The old division had achieved its highest rank ever in the era when there were few Assistant Secretaries and no Deputy Secretary. As a lawyer, he agreed with Welles’s principle that State must coordinate anything educational or cultural which government touched abroad. With presidential backing, care, patience, and the acute listening which typified him, MacLeish took on the job of absorbing the three wartime agencies.”.*

32. *A mensagem durou tanto quanto o Birô. Ao terminar a guerra, findou também a razão de ser do Birô. O sistema de poder americano crescera a ponto de englobar a totalidade do mundo capitalista. A compatibilização de interesses seria diversa; e distinta seria também a mensagem de aglutinação do novo sistema: a colaboração hemisférica” começou a ceder terreno à “defesa da civilização ocidental” e ao “mundo livre”. Mudou a mensagem mas o know how do Birô permaneceu e se incorporou às atividades das novas agências encarregadas de continuar – em menor escala – o trabalho.*

33. *The story of U.S. information in the Truman presidency falls into four phases, each with its own leader and – confusingly – a different name for the information program. The first phase, from 1945 to mid-1947, saw the State Department’s pro tem Interim International Information Service (IIS) and then the Office of International Information and Cultural Affairs (OIC) struggle into life as Assistant Secretary of State William Benton swam against the stream, arguing for readiness in the emerging Cold War. During the second phase, from late 1947 to 1949, the administration applied itself to rapid preparation for the Cold War but neglected key aspects of the information program. The work developed as the Office of International Information and Educational Exchange (OIE) under Assistant Secretary George V. Allen. In the third phase, from 1950 to 1951, Truman at last led the way with a major overseas propaganda drive, which he called “the Campaign of Truth.” Edward W. Barrett directed what was now called the United States Information and Education Exchange Program (USIE). The final year of the Truman administration saw a belated effort to respond to the mounting pressure to remove U.S. information from the Department of State and into its own agency. Truman tried the “semi-autonomous” U.S. International Information Administration (IIA or USIIA), but more was clearly needed.*

34. *“In August (1945), President Truman abolished the OWI as an independent entity and transferred its few remaining functions, along with a diminished VOA, to the Department of State. There they resided – unloved, unwelcome, with no clear marching orders – until they were rejuvenated by the Cold War.”.*

35. *“The president declared that Washington would not try to “outstrip the extensive and growing information programs of other nations” but would do enough to present “a full and fair picture of American life and of the aims and policies of the United States Government.” [e] “President Harry S. Truman concluded that Washington still needed an overseas program, but the wartime agencies would have to be replaced with new information services.”.*

36. *“1952: Benton Calls for consideration of information factors in formulation of foreign policy “William Benton, former Assistant Secretary for Public Affairs, went directly to the heart of the issue, however, when he said, “It is extremely important ... that the information and public opinion point of view be represented in the formation of all foreign policy, and not merely in the dissemination of policy.” In his opinion this was needed “for improving and building up the State Department, “and therefore, he was opposed to separating the information program from the Department.”.*

37. *“...Convinced that the Soviet Union had declared psychological war on the United States, the NSC ordered the Department of State “to develop a vigorous and effective ideological campaign...” [e para] “...influence foreign opinion in a direction favorable to United States interests and to counteract the effects of anti-United States propaganda.”.*

38. *“These ad hoc arrangements were supplanted early in 1948 with the passage of the Smith-Mundt Act (Public Law 402), which authorized the first peacetime propaganda program in American history, to present a “full and fair picture” of the United States to the world at large. The objectives of the act were “to promote a better understanding of the United States in other countries, and to increase mutual understanding between the people of the United States and the people of other countries.”.*

39. *"Many American academicians complained that the long-term educational and informational benefits of such a program were being subordinated to short-range propaganda objectives. Even programs such as the Fulbright scholarships were designed to indoctrinate as well as educate."*

40. *"Brazil and other Latin American republics, however, were more concerned with their internal socioeconomic problems and internal security needs. They looked to the United States less for leadership against communism than for cooperation in dealing with their economic problems."*

41. *"Analogamente, em 1949, o governo propôs o Ponto Quatro, um programa de ajuda técnica destinada a solapar a atração do comunismo, ao ceder a nações subdesenvolvidas, especialmente da América Latina, os benefícios do progresso industrial e científico norte-americano. Mais uma vez, o auto-interesse americano esteve ligado à cruzada contra o comunismo".*

42. *"President Truman reflected the attitudes laid out by the Cooke and Abbink missions in his inaugural address in January 1949 when he announced to underdeveloped areas. Stressing America's common interest in and concern for economic and social progress of all peoples, Truman believed that this would assist the people of underdeveloped areas in improving their economic condition and in nourishing democracy. ...In fact, Congress appropriated only \$ 34.5 million in 1950 for all technical assistance programs under the Act for International Development. Of this, only some \$5 million was earmarked for Brazil."*

43. *"In response to growing Cold War tensions, President Truman directed Secretary of State Acheson in the spring of 1950 to prepare a vigorous "Campaign of Truth" as a U.S. offensive in response to Communist lies. ...the Department of State used traditional cultural interchange methods such as exchange of persons, books, art and music and the new mass media approach to cultural relations to get the U.S. message across and to strengthen the international bonds against communism."*

44. *"It should be standard Government policy to have specialists in foreign opinion participate in all decisions that are made on international policy. The United States will sometimes need to be firm, even 'tough' with its allies. It never needs to do so in a way that uselessly irritates them. Continuing attention to foreign opinion can prevent this."*

45. *"As early as 1950 the two nations signed a bilateral cultural convention that allowed each country to establish in the other's territory cultural institutes, information offices, libraries, and film centers and to increase its educational exchange programs and exhibits. ... For example, (USIE, another State Department program) established a variety of exchange programs including a foreign leader program to bring future Brazilian leaders to United States. Concentrating on educators, working journalists, artists, intellectuals, scholars, and students since, according to U.S. reports, they frequently harbored anti-American prejudice, ...These elites would, as a result of their stay, be imbued with a politically helpful pro-American orientation and would take back to Brazil a favorable image of the United States."*

46. *"In 1950 the American anti-Communist campaign received a boost when the Brazilian National Defense Council made a secret decision to intensify its anti-Communist efforts and ordered the Agência Nacional to approach USIE officials for help. The U.S. embassy was only too eager to assist. It supplied Portuguese-language pamphlets, books, film strips, and motion pictures to the official government propaganda agency. When the Agência Nacional launched the strongly anti-Communist radio programs "Agência Informativa Europa Livre" (Information Agency for Free Europe) and "Paisagens de Vila" (The Villagers) under direct orders from the Vargas government, the USIE radio unit systematically supplied the programs with material. U.S. Counselor for Public Affairs Herbert Cerwin evaluated the programs as "rather amateurish by American standards" and not truly effective as a propaganda vehicle. They were, however, according to Cerwin, "a welcome initiative and indicated that the Brazilian Government is conscious of the Communist threat."*

47. *"In his long memorandum on Latin America, written in 1950, George Kennan seemed to set the stage for this change in attitude. He questioned whether the United States should hold its institutions up as remedies for the governmental problems of other peoples. The difference between democratic and authoritarian forms of government, for Kennan, was everywhere relative, rather than absolute, and the distinctions between the two concepts were vague and elusive against the background of Latin American psychology and tradition.... This change in attitude accompanied a change in policy. Perceiving most of the world as being in a state of crisis, and the Soviet Union as an expansionist, imperialist power bent on spreading Communist revolution everywhere, Washington now mainly sought stability in Brazil. If its leaders brought democracy to the country, that was fine, but what was needed most was a stable administration firmly on the side of the United States in the world struggle against communism." [e] "Kennan doubted that the societies of Latin America, where traditions*

of popular government were weak, could withstand the intensity of the Communist attack. He believed that harsh government repression might be the only answer to communism in Latin America.”.

48. *“It is the purpose of this directive to authorize and provide for the more effective planning, coordination, and conduct, within the framework of approved national policies, of psychological operations. There is hereby established a Psychological Strategy Board responsible, within the purposes and terms of this directive, for the formulation and promulgation, as guidance to the departments and agencies responsible for psychological operations, of over-all national psychological objectives, policies and programs, and for the coordination and evaluation of the national psychological effort.”.*

49. *“Attempts to achieve coordination to eliminate contradictions, interference, and duplication between and among the informational activities of the State Department, the Armed Forces, ECA-MSA, and TCA were pushed at three different levels. In the field, working arrangements among the personnel of the different agencies were tried, while in Washington agreements were entered into allocating functions and areas and establishing coordinative relationships. These two coordinative methods were used primarily among the State Department, ECA-MSA, and TCA. The third and highest level effort was the 1951 establishment of the Psychological Strategy Board to coordinate the psychological policies of the United States.”.*

50. *“It seems to me, after re-reading NSC 59/1 and the President’s April 4 Directive, that these two documents are consistent in assigning us, by delegation from the Secretary of State, responsibility for: a) “Operational planning and execution” (April 4 Directive); b) The coordination of plans for the national foreign information program and for overt psychological warfare with the Department of Defense, with other appropriate departments and agencies of the U.S. Government, and with related planning under the NSC-10 series. (NSC 59/1, para. 2^a-3). Other quotes for use in any discussion which may follow: a) “This directive does not authorize the Board (Psychological Strategy Board) nor the Director to perform any ‘psychological operations’.” (April 4 directive); b) “All departments and agencies of the U.S. Government shall ... insure the most effective coordination and utilization of their appropriate activities and facilities for the implementation of approved plans, policies, and programs.” (NSC 59/1, para. 2b).”.*

51. *“A conference on psychological warfare – called by two Congressmen, Mr. Armstrong and Mr. Kersten, and attended by a motley collection of refugees from behind the Iron Curtain – came to an end here yesterday in a flurry of resolutions. ... But the most popular resolution was one recommending that Congress should establish a central psychological agency, independent of the State Department and reporting only to Congress. A speaker from New York, described as the president of the Institute of Foreign Trade, announced that the State Department’s policy in this field was run by “amateurs and ignoramuses.” To an extent it is no doubt true that in psychological warfare there are no professionals; but the existing Psychological Strategy Board employs the best it can find – those with experience during the war. It is not hard to guess the kind of men that Congress would use.”.*

52. *“Under both the second Truman and first Eisenhower administrations, OII (subsequently renamed the International Information Administration) experienced a series of management changes, and was periodically scrutinized by congressional and presidential inquiries.”.*

53. *“Following the order of the Secretary in January 1952 establishing IIA, all of the foreign information activities for which the Secretary of State is responsible have been consolidated into this one program. In addition, agreements have been completed or are in process with the Mutual Security Agency (MSA) for the practical integration of the IIA-MSA information activities in Europe, country by country. By agreement with the Technical Cooperation Administration (TCA), IIA is handling the overseas information activities of the Point 4 Program.”.*

54. *“In response to its increasing responsibilities in the area of psychological warfare and to Congressional urging to expand overseas information services and programs, the Department of State established the International Information Administration (IIA) in 1952. Now the United States had a full-fledged propaganda program. Responsibility for the effort, however, was still split between the Department of State, the Technical Cooperation Administration, and the Mutual Security Agency”.*

55. *“SITUATION: The propaganda campaign of international communism is a massive effort of staggering proportions, which is directed primarily at the United States. It has developed, since 1949, into a major effort to divide the free world so as to isolate the United States and to undermine general confidence in our strength, the sincerity of our stated aims, and our leadership. It is a campaign of hate against individual Americans as well as*

the United States. This is the "cold war," and it is a battle for the minds of men everywhere. PEOPLE: One out of every three people in the world (800 million) are held captive behind the Iron and Bamboo Curtains."

56. *"An increase in audience mail from 260,000 to more than 300,000. More attacks on USIS by the Soviets. Thousands of clippings from foreign newspapers and periodicals. Information derived from 2,000 interviews conducted with escapes from behind the Iron Curtain and from 8,000 people who listened to our radio programs in the free world. Also there were formal studies and special visits to many countries, semianual reports from the public affair officers, and quarterly statistical reports on field operations, as well as interviews with several hundred staff people who were interrogated upon their return from abroad."*

57. *"Some of the more important studies covered these grounds: (1) Basic background studies of communication habits in countries whose cultures differ greatly from our own; (2) studies to determine what appeals were most likely to have the greatest meaning for the people to be reached; (3) analyses of Soviet Communist propaganda activities in various countries."*

58. *"... a publishing corporation for the translation and distribution of books was established as a private corporation by a group of individuals and the Department subsequently entered into a contract with the corporation as part of the IIA translation program. The book corporation also received funds from nongovernmental sources. ... A motion-picture corporation in the United States established the 2 foreign corporations in 2 countries referred to in the testimony as a result of a contract issued in the United States to perform a specified service. This enabled the already established American corporation to perform the work for the Government at a lower cost. ..."*

59. *IN BRAZIL: Otherwise inaccessible people in the interior were reached by a mobile unit, there were 27 film showings in one location before 44,000 persons; Usis films are used by missionaries and churches. Locally produced radio programs include the Neto Commentary, which is used by 310 stations six days a week, appears in 1,154 newspapers, and is voiced over 232 public address systems. Approximately 40% of Usis releases are regularly published in 360 newspapers and magazines.*

60. *McCarthy relentless badgered Reed Harris, the Agency's deputy director, who had been a student rebel at Columbia University during the politically stormy days of the Great Depression many years earlier (ps: Harris subsequently rejoined the Agency under the administration of Edward R. Murrow).", e "McCarthy's staff reported finding "more than 30,000 books by Communist authors or those who have aided the Communist cause," including many that were "blatantly pro-Communist, pro-Soviet, and anti-American," such books by Ilya Ehrenburg and "the notoriously pro-Soviet apologist, the 'Red Dean of Canterbury.'" The Committee recommended that "the personnel department of this important program should be placed under men with sound anti-Communist experience. ...Under pressure from the team, a directive (and subsequently amended) to American libraries around the world banned books by "any controversial persons, Communists, fellow travelers, etc." Books were burned.*

61. *By this time the Presidential campaign was at its height. The foreign information program became an issue in that campaign, and General Eisenhower declared that, if elected, he would see to it that the government utilized the psychological weapon with great efficiency and effectiveness.*

62. *At the committee's first meeting with Eisenhower on December 21, Rockefeller relayed Dulles' wish that State, somehow, be relieved of operational responsibilities so that it could focus strictly on policy making. Eisenhower listened, but offered no response. The, over the next several weeks, Rockefeller and his group came up with a formula that they thought might partially satisfy Dulles. Coincidentally or not, it was a formula that suited Rockefeller's purposes as well. The rudiments had been sketched out by Rockefeller as early as November 3, when he was still operating under the cover of the Temple studies. In a memo for the Temple report, he outlined a proposed Department of International Cooperation. ...When these changes have been made effective, a Rockefeller committee memo noted, "we envision the Secretary of State, freed of administrative burdens, being better able to discharge his prime responsibility of formulating an effective, far-visioned foreign policy." Thus, John Foster Dulles' longings would be fulfilled. And so would Nelson Rockefeller's. For the Foreign Economic Operations Agency he was proposing was nothing more than a reworking of the Overseas Economic Administration of the Partners in Progress Point Four report. Using Dulles' desires for administrative relief as a lever, Rockefeller would catapult his program – the program that Harry Truman had spurned – to center stage in the administration of Dwight Eisenhower.*

63. *In Latin America, the USIA's approach owed much to a report on the region by President's Eisenhower youngest brother, Milton, which included a call for expanded agency work in the region. The NSC defined six*

priority countries – Brazil, Chile, Bolivia, Mexico, Guatemala, and Argentina – but the agency expanded across the region to meet the challenge from both home-grown nationalism and imported Marxism. Regional emphasis included the theme of the U.S. and Latin America as “partners in progress.” The USIA publicized a good will mission by Vice President Nixon and exposed several “youth educational conferences” planned for the region as Communist front activity. Governments including Brazil and Chile revoked authorization for or denounced these events.

64. A eleição de Eisenhower levou ao poder, nos Estados Unidos, dois homens diretamente ligados a negócios no Brasil: Nelson Rockefeller e George Humphrey, o petróleo e o manganês. Rockefeller anunciou logo uma viagem ao Rio de Janeiro para conversar com Vargas. O Senado ainda debatia o projeto da Petrobrás e a Standard Oil alimentava a esperança de abafá-lo. Humphrey, que exercia o cargo de Secretário do Tesouro, não disfarçou sua hostilidade ao Brasil.

65. Na verdade, apenas em retórica o governo republicano afastou-se da política externa de seu antecessor democrata. Defrontado com complexas e perigosas situações internacionais e ansioso para apaziguar os conservadores que haviam fustigado a política de “ficar como está para ver como fica” de Truman e Acheson, o governo falava em mudança e praticava continuidade.

66. *On June 1, 1953, Eisenhower announced the creation of the USIA in a special message to Congress. The new agency was to have a director and an assistant director appointed by the president and approved by the Senate. Congress approved the proposal and on August 1 USIA, incorporating all existing government information programs, came into being. Programs formerly under State Department supervision – including VOA, overseas libraries and information centers, the motion picture service, and press and publication agencies – came under USIA’s authority. The mission of the USIA, whose director would report to the president and the NSC, was simply “to persuade foreign peoples that it lies in their own interest to take actions which are also consistent with the national objectives of the United States.” ...Educational exchange programs remained under the State Department authority.”.*

67. *The Eisenhower administration’s approach to psychological operations, both overt and covert, was flawed overall. A 1955 attempt to correct this situation ultimately failed. It involved the creation of a White House “Planning Coordination Group,” specifically charged with integrating psyops planning with political and military operations. The group was headed by Nelson Rockefeller, who had both the experience and enthusiasm to deal with the issue, based on his wartime direction of propaganda programs in Latin America. Now his assignment was extended to dealing with communist propaganda across the globe, using all the resources of the Washington bureaucracy. The bureaucracy, in particular the State and Defense Departments, did not take kindly to such outside interference. Their opposition was aided by the Rockefeller group’s lack of funding. (The operation was eventually financed, largely by the CIA and Rockefeller’s personal funds.) ...These efforts produced no results, and the Planning Coordinating Group was eventually abolished in December 1955, less than a year after it was set up. USIA played no role in the Rockefeller operation.*

68. *Rockefeller also took up the cause of the USIA. The agency was asking for a dramatic increase in its appropriation – from \$85 million to \$150 million – and running into the determined opposition of budget director Rowland Hughes, Humphrey, and other deficit-minded officials. The USIA request was one of the first issues Rockefeller took to the President upon his return. Stepped-up spending, he argued, was warranted by the drastic change in the stratagems of the Cold War: “The world struggle is shifting more than ever from the arena of power to the arena of ideas and international persuasion,” he told Eisenhower. “The Soviets have greatly intensified their efforts to woo the uncommitted areas of Asia and undermine the determination of the free areas in the Near East and Europe.” The \$150 million sum, he contended, was the rock-bottom minimum that was needed. His pitch for the USIA had Nixon’s backing, Stassen’s, and, for once, the State Department’s. But it put Eisenhower in the unsettling position of having to mediate between one set of his advisers and another. It was the last thing Eisenhower wanted, or needed, so soon after his return to action. ...The day after Gettysburg meeting, Rockefeller received word that despite his pleas, the USIA would be getting \$130 million in the next fiscal year, or \$20 million less than the bare minimum he considered necessary. Furthermore, he was advised that “neither the president nor the Governor Adams ever want to hear about the USIA budget again.*

69. *Just as there are barriers of principle and policy that define what USIA can and cannot do, there are also significant budgetary limits, which are more severe in the post-Cold War era. A former high official recalls: I hate myself for doing it, but, in all of the years I testified on the Hill, the only way I could get money was by hitting the Communists over the head. One characteristic of the Cold War was the nobody ever asked how much something cost. Now we have got new problems... .*

70. But USIA confronted a special problem at home. Throughout the 1950s, neither Eisenhower nor Dulles regarded USIA as an pivotal agency in the conduct of foreign policy. USIA's directors did not have the sort of close personal relationship with Eisenhower that George Creel had once enjoyed with Woodrow Wilson. ... John F. Kennedy was more concerned with international attitudes than Eisenhower had been, and he campaigned in 1960 partly on the issue of America's deteriorating image overseas. Thus, he saw some value in USIA's polls and in the potential of the agency to affect foreign perceptions of the United States. Kennedy seemed ready to make better use of USIA if he could find someone sufficiently prominent to serve as its director. The person he found was Edward R. Murrow.

71. A knowledgeable long-time adviser recalls, Dean Rusk called me and said, "I have to find a director for USIA," I said, "The director of USIA doesn't report to you." He said, "The hell you say!" He didn't know that! [President Kennedy's Director Edward R.] Murrow never took the position that he was independent of the State Department.

72. The diffusion of effort and output that characterized USIA during the first years of its existence is ended. No longer is the Agency's mission "to tell America's story abroad"; no longer does USIA scatter its fire indiscriminately to all segments of all populations. "Targetting", always an ideal, is now a reality. Audiences are carefully selected - - together with the techniques of reaching them and the contents of the message - - to achieve maximum influence leading to political action.

73. Murrow himself seemed ambivalent about his role in the government. He had come to Washington from the world of journalism, but he was now required to act as a public relations man. It was never easy for Murrow to reconcile his training as a reporter with the responsibilities of spokesman. In the same speech, he could insist that as a head of USIA he would "operate on the basis of truth," and then acknowledge that he had to "emphasize those aspects of American life ... which are of greatest significance in furthering [America's] foreign policy objectives." This was the sort of contradictory pronouncement that bedeviled America's cultural diplomacy throughout the postwar years.

74. Deputy director of the Agency under Murrow was Donald M. Wilson, who had worked eleven years with Life magazine and then as a member of President Kennedy's press staff during the 1960 campaign. Although the deputy director could have served as alter ego to the director and had Agency interests across the board, the two men divided their responsibilities until Murrow's health failed when Wilson increasingly assumed a broader role. For the most part, Murrow tended to be Mr. Outside and Wilson, Mr. Inside.

75. Kennedy himself underscored the differences between political advocacy and sending writers or performing artists abroad by creating a new position in the State Department in 1961, the assistant secretary of state for educational and cultural affairs. In theory, the assistant secretary had responsibilities in the area of culture equivalent to those of USIA's director in the field of information and propaganda. But whoever ran CU (the State Department's acronym for the new cultural bureau), ended up sharing USIA's frustration at not being heard or taken seriously by the White House.

76. To succeed Murrow, president Johnson has named Carl Rowan, an experienced newsman and former ambassador to Finland. The new appointee is a Negro and his position makes him the highest ranking member of his race in government. Rowan's task will not be easy but it will be smoother because of Murrow's valuable contributions in the service of his country.

77. Carl Rowan shared Kennedy's (and Murrow's) view of the role of the Agency, but he did not get the support from the White House that had worked to Murrow's advantage. Rowan also was handicapped by a lack of interest and skill in the intricacies of administration, and USIA's far-flung operations required constant and sophisticated managerial attention. The administrative burden, consequently, fell increasingly on his subordinates' shoulders...

78. Mr. Rowan: To state it in general terms, I would say it is to further the foreign policy objectives of the United States, and to do this by influencing attitudes of people overseas. First, by having them understand what those policies are; second, by having them understand what those policies are designed to achieve; third, by having peoples of other countries understand how our policies coincide with the interests and the objectives of the people of these other countries.

79. Mr. Rowan. That is correct, Senator McGee. I know, sometimes, the most devastating misunderstanding you can have is with a friend. I am trying to operate this Agency on the assumption that it is just as important to keep the good will and understanding of a friend as it is to try to win the good will and understanding of a neutral.

80. Às duas Grandes Potências, o inquieto e empobrecido Terceiro Mundo apresentava problemas de possível solução. A Aliança para o Progresso fracassara na tentativa de resolver os problemas econômicos ou políticos da América Latina, e em um caso o Presidente voltou aos velhos métodos... a ação de Johnson foi amplamente criticada como uma volta à diplomacia das canhoneiras de Theodore Roosevelt.

81. *The agency also developed a regional theme, "partners in progress," to market the hemisphere's economic interdependence and to publicize U.S. economic and technical assistance programs. ... In Brazil, Chile, and Argentina, special work was carried on "to reduce resistance to U.S. economic policy." In Brazil, this took form of carefully guarded activity to build opinion favoring the development of local petroleum resources, whereas in Chile, USIS efforts focused on overcoming the "unreasonable resentment of the U.S. as the author of Chile's economic ills.*

82. Mudanças mais significativas, particularmente nos centros urbanos, ocorreram sob o impacto da presença americana, durante o Governo de Kubitschek. O uso de *blue jeans* (calças do tipo *far-west*) se generalizou. O ruído do *jazz* e do *rock-and-roll* abafou a melodia do samba. Os canais de televisão invadiram os lares, levando-lhes a contrafação e a subcultura.

83. *To induce private American firms and industries operating abroad to supplement USIA activities, the Agency should convince them that "it is their patriotic duty. ... "We shouldn't be afraid to give even a Standard Oil man money to advance our interests. Let's say he's an off-shot of the Standard Oil Company in a particular country. They have set up a little local school system and sanitation, and the local company doctor might be the one – he might need materials. Some of these big corporations overseas want an improved labor Market, they want people who will know more. It's my belief that on occasion we could legitimately give such a person materials to use in broadening the program he conducts from this selfish company viewpoint." ...It is considered legitimate to support the private interests of American business if they coincide with USIA's. ...American firms with overseas investments, as well as religious and missionary groups, should be encouraged to produce films or literature.*

84. *Goebbels launched the myth of a "scientific propaganda" with an irresistible power to influence beliefs and to induce desired actions. Since then, the study of communication and persuasion has experienced notable changes, in respect to what both its practitioners and its users expect from it. Social psychologists, seeking the philosopher's stone of persuasiveness, have introduced increasing number of ifs, ands, and buts into all the generalizations that once seemed, to many of them, to be very simple and clear. ...During the World War II, OWI used sociologists and anthropologists to analyze the strengths and weakness of the enemy. The Voice of America's research program emerged from the contents analysis of Nazi broadcasts. ...After the war, with the advice of Paul Lazarsfeld and his colleagues at Columbia University's Bureau of Applied Social Research, the Voice developed an impressive staff of 150 social researchers in New York, headed by the sociologist Leo Lowenthal and including such eminent colleagues as Ralph White, Marjorie Fiske, Joseph T. Klapper, and Harold Mendelson. Extensive surveys of communications habits and attitudes were conducted throughout the world. Substantial studies done for the Agency by Lazarsfeld's bureau and its offshoot, American University's Bureau of Social Science Research (whose director Robert T. Bower, was a student of Lazarsfeld's) were almost entirely dedicated to examining public opinion and communications habits in different countries.*

85. *During the 1960s, the debacle of Project Camelot (an innocuous series of opinion surveys in Latin America, denounced because it was funded by the Defense Department) caused a sharp restriction of officially sponsored social research overseas. The Vietnam War turned large numbers of social scientists away from any applied research designed to assist the U.S. government in conducting foreign policy and military operations. ...The original rationale for this study was to assess the practices of the Agency in the light of the scholarly knowledge of communication and persuasion. ... The search for definitive answers to policy questions from social research was never pursued more vigorously than it was during the 1950s, when government agencies and universities worked closely together on substantial projects to investigate such issues as desegregation, school performance, mental illness, and dependency. Since the end of Lyndon Johnson's "Great Society" era, there has been a shift in the prevailing sentiment regarding the action possibilities of Social Science. During World War II, the specialized skills of psychologists, sociologists, political scientists, and even anthropologists, were mobilized and used effectively by the military and by such war-related agencies as the OWI. The U.S. Army information and Education Program's wartime research, under Carl Hovland, set an extraordinary model for applied research to perfect the persuasiveness of troop indoctrination messages and materials. Because social scientists were strongly motivated to support the war effort, the practice of applied research gained popularity. It was expected that government funding would be available, and that government policies would be responsive to research conclusions. These expectations continued in the immediate postwar period.*

86. *Even though, as I said, things went well in B.A., there was there and in Montevideo, as everywhere else we have been, a fear about the feasibility and consequences of research--stemming from Camelot-- that is exaggerated all out of proportion to what the real problems are. The reaction of everyone of the contractors to whom we have talked about the problems stemming from Camelot is one of polite amusement that we should be concerned at all. They have all forgotten about it long ago, and are going ahead doing their surveys in a normal fashion. I'm afraid that as far as research in Latin America is concerned, we have a very serious problem on our hands that is going to be with us for a long time.*

87. *With your reference service you reach a higher percentage of highly influential people. We have a branch in Copacabana. I suppose the people we reach there are the idle rich, tourists. You can reach people at any level depending on the emphasis in the service you offer.*

88. *Most of the centers were otherwise self-supporting. The São Paulo, Brazil, center had its own seventeen-story building, with classroom space for over six thousand students, a theater, lecture halls, a restaurant, and an extensive library.*

89. *... mass media techniques make it possible to reach the whole mass of Frenchmen or Germans, but that this extensive coverage is more difficult elsewhere in the world. At the same time, the operator in Brazil, India, or rural Italy may also feel he should talk with "everybody", or at least everybody who is accessible.*

90. *It is more eficiente in democratic countries to influence the leaders of mass opinion than to go to the masses directly. Opinion molders can be identified. USIA's task is to determine who the most important leaders of thought are and funnel material to them.*

91. *Viewing the Brazilian press as the major molder of public opinion, U.S. policymakers wooed local publishers, editors, columnists, and reporters. USIS personnel and embassy officials provided the Brazilian press with personal copies of the department's wireless file, books, periodicals, and other background materials in an attempt to influence the content of Brazilian newspapers and magazines. Seeing each newspaper as a potential outlet for "our cause" U.S. officials ditributed materials to over five hundred Brazilian newspapers and magazines.*

92. *As envisioned by USIS representatives in Brazil, Em Marcha was to present an overall picture of American concepts, institutions, culture, and "the democratic way of life." Carrying such features as "Figuras da America" (which profiled Brazilian leaders one month and U.S. leaders the next), "Elections in a Democracy," "Partners in Progress," "Brazilians in the United States," and columns on U.S.-Brazilian military cooperation and free enterprise, the magazine, according to U.S. officials, was a positive approach in the propaganda war for freedom and democracy. First published in February 1952, Em Marcha received a number of glowing reviews from Brazilian critics. Embassy officials considered the new venture a major success, for it got the American message across to leader groups who would, in general, not be receptive to the more blatant approach carried out by the embassy in newspapers.*

93. *USIA carries a unique responsability for the presentation of an oficial viewpoint. Its audiences may look to it for this very reason, but if it sounds too oficial, it may be a bore. Should USIA output be attributed directly to its source? Or is it more effective to carry on activities under other sponsorship, real or apparent? The importance of the attribution problem is underscored by the fact that it arises in a number of distinct operations that involve decisions on (1) encouraging local voices to support the U.S. position, (2) securing local sponsors for USIA output, (3) disseminating USIA output directly without local attribution, and (4) arranging for nonofficial U.S. sponsorship. ...People can be appealed to through a common bond other than nationality. Therefore, information from a nonofficial American source that resembles the target is more acceptable than output coming directly from USIA. ...A statement by a well-known American, such a newspaper editor, not a government oficial, carries more impact than a oficial spokesman's. ...A good local editorial that backs up an American point of view can be more helpful than a dozen of USIA stories. ...The prevailing theory is that "hard-hitting anti-Communist" activity should be unattributed or attributed to a local source.*

94. *Concentrating on the major newspapers in the Assis Chateaubriand chain (which owned twenty-nine dailies, five magazines, twenty radio stations, and two television stations), the papers controlled by pro-American publishers such as Carlos Lacerda, Pereira Carneiro, and Paulo Bittencourt, and the Agencia Nacional ,the USIS provided background materials, wire service information, photographs, and cartoons depicting the United States in a favorable light.*

95. In addition, the embassy press office wrote and distributed under pseudonyms a variety of anti-Soviet and anti-Communist articles. Reasoning that USIS material would be received more favorably and avoid cries of "Yankee propaganda" if it was not attributed to the U.S. government, the embassy press office wrote newspapers columns and series under the pseudonyms Claude McKnight, Barry W. Richards, Walter J. Taylor, and George Dexter. These columns were designed to unmask the true nature of communism and Soviet expansionism. Exercising extreme caution in the distribution of these series, the embassy forwarded copies to the various consulates as classified matter. U.S. consuls then placed them personally with key Brazilian reports and publishers. All was done without any attribution to USIS. Such articles as "The Sinking of a Nation," which described the various steps the Communists and Soviets used in seizing Hungary; "Nations that Disappear," which portrayed Soviet expansionismo; and "The Press in Satellite Countries," which showed the absolute domination of information media by the Cominform ran as featured articles in such papers as *O Globo* and in such popular magazines as *O Cruzeiro*.

96. Last night on TV-Rio (also carried other cities) with Jowe Calmon a director and important stockholder of *Diarios Associados* and right-hand man of Chateaubriand was introduced in his capacity as a federal deputy and as president of the Brazilian Association of Radio and HUV stations. Calmon repeated the Nasser Charges and elaborated on them citing *Seleções of the Readers Digest*, *Visao*, the McGraw-Hill business publications, *Claudia* and other publications of Victor Civita, as examples of invasion of foreign magazines into Brazil. Also cited arrangement *O Globo TV* and *Time-Life*.

97. In the closing months of 1982, Wick developed a new method to harass the Soviet Union. Taking his lead from the President's use of anti-Soviet jokes, he hit on the idea of using humor as a weapon. USIA posts in the Communist bloc collected political jokes from their local contacts and forwarded them to Washington for inclusion in an anthology for discreet distribution throughout the world. The jokes were a wry comment on the inability of communism to deliver on its promises and evidence of popular opposition to Communist rule. ...Although embarrassed staffers in Washington soft-pedaled the anthology, some posts reported considerable success in placing these jokes around the world. ...In Brazil the conservative São Paulo daily *Jornal da Tarde* translated the entire packet and agreed to publish it as a feature with specially commissioned cartoons.

98. Who are the principal people to reach? First are the members of the political elites that actually make national policy – a rather small group "who do the manipulating, the controlling." ... There are also the literate and the politically conscious and the "top level policy people" – government officials, military leaders, and parliamentarians. ... Finally, there are the political "outs"; the "groups who may take over in a coup d'état"; junior officers in the military, labor leaders, and student groups ("The leaders of tomorrow"). These people must be approached cautiously so as not to arouse the ruling elite.

99. Program content and activity often reflect operators' convictions that they are responsible for bringing institutions and custos closer to the American model. ... In this category would fall, no doubt, those who believe that the purpose of the libraries is to expound the "values of American civilization," to show the foreign public "how things are done in the U.S.," and how American ideas may be adapted to their own circumstances: "We should do a film on nursing because throughout Latin America it is looked upon as a servant profession and the most desirable girls don't go into it. ... In our hearts we would like to change their (institutions) but we are not going to do it overnight."

100. USIS activities directed at this target are performed in close collaboration and consultation with the Mission's Labor Attache who is responsible in large part for precise guidance in the planning of program activity. USIS activity today involves personal contact with labor leaders and groups; production of special materials with the guidance of the same labor leaders and the Labor Attache for the rank and file of labor; supplying labor leaders the best information obtainable concerning the views of the American national labor organizations on democracy and matters of international importance; ... the establishment (in one area) of an Information Center particularly designed to strike as far as resources permit to the very heart of this group; making available to labor's organizations libraries, the most carefully selected material on the form of books, magazines, U.S. Government publications and American labor unions publications; by working with those special action groups of the Catholic Church whose specific jobs are to work with labor. Labor Ministry and various state government officials are giving increasing cooperation to the U.S. program to influence this target group.

101. Os Estados Unidos prepararam, porém, as bases para a contra-revolução. Seus maiores cuidados, inicialmente, se concentraram no Nordeste, cuja invasão (e isto não constituía segredo para o Governo do Brasil) o Pentágono planejava, prevendo a possibilidade de que lá irrompesse uma revolução inspirada pelo exemplo de Cuba. Os norte-americanos voltaram sua atenção para o problema desde que o jornalista Tad Szulc publicou dois

artigos em *The New York Times* (30-8 e 1º -11-1960) sobre o *grave perigo existente* naquela região do Brasil, onde as Ligas Camponesas se formavam, com disposição de combate. Kennedy se empenhou para o sucesso da Sudene, dentro do esquema da Aliança para o Progresso, e até mesmo desejou conferenciar pessoalmente com Celso Furtado, o que ocorreu em agosto de 1961, ainda ao tempo da administração de Quadros. A Embaixada dos Estados Unidos, posteriormente, pretendeu excluir Pernambuco de qualquer auxílio, quando Miguel Arraes se elegeu Governador do Estado. Mas Celso Furtado se recusou a compactuar com a manobra e ameaçou denunciar a Aliança para o Progresso, levando o fato ao conhecimento público se Lincoln Gordon insistisse na pressão. As verbas da Aliança para o Progresso, a fim de pretensamente promover certa melhoria (de caráter assistencial) nos padrões de vida da população nordestina, constituíram apenas um dos instrumentos com que os Estados Unidos jogaram, para conter ou esmagar qualquer revolução. Desde 1961, aproximadamente, o Departamento de Estado começou a solicitar ao Itamarati vistos para militares norte-americanos, que entravam no Brasil sob os mais diferentes disfarces (religiosos, comerciantes, Corpos da Paz, etc.), dirigindo-se a maioria para as regiões do Nordeste. No início de 1963, havia mais de 4.000 vistos concedidos, causando estranheza no Itamarati, que, certa vez, interpelou a Embaixada americana. A resposta de Gordon foi evasiva. Disse ele que apenas 2.000 americanos utilizaram efetivamente os vistos, sendo que os demais ficariam como reserva. É certo porém, que cerca de 4.968 norte-americanos (e isto conforme as estatísticas oficiais de desembarque) chegaram ao Brasil, apenas em 1962, batendo todos os recordes de imigração originária dos Estados Unidos e superando quase todos os números registrados durante os anos da Segunda Guerra Mundial, quando eles, oficialmente, instalaram suas bases militares no Nordeste. Aquele número caiu (possivelmente diante do alarma que provocara e das restrições do Itamarati) para 2.463, em 1963, mas ainda assim maior que a média de chegadas em todos os anos anteriores e posteriores. A frieza dos números (ainda que provavelmente esteja aquém da realidade) retrata com nitidez a invasão silenciosa do Brasil:

Anos	Entradas de norte-americanos
1958	1.905
1959	1.462
1960	1.184
1961	-
1962	4.968
1963	2.463
1964	764
1965	979
1966	823

Por volta de 1963, ainda havia no Itamarati solicitação para mais de 3.000 vistos, cujo atendimento os militares brasileiros nacionalistas obstaram. A presença de tantos americanos em Pernambuco inquietou Arraes, e Francisco Julião, chefe das Ligas Camponesas, agitou publicamente o problema: Por que exaurem nossas riquezas, levando o nosso ferro, nosso manganês, nossa areia monazítica, sugando nosso trabalho, nosso suor, nosso sangue? Por que infestam nosso Nordeste, segundo denúncias apresentadas à Câmara e baseadas em dados sobre os passaportes – aos milhares, às dezenas, como uma praga maldita? Pois não estão aqui como amigos, mas como inimigos. E acrescentou: O norte-americano é nosso irmão como caim foi de Abel. No princípio de 1963, o jornalista José Frejat denunciou, através de *O Semanário*, que *mais de 5.000* norte-americanos, *fantasiados de civis*, desenvolviam, no Nordeste, intenso trabalho de espionagem e desagregação do Brasil, para dividir o território nacional. Se estourasse a luta interna, segundo ele, a Esquadra do Caribe estaria pronta e instruída para apoiar as atividades dos civis norte-americanos, fornecendo-lhes armas e tropas. Nessa mesma época, Frejat denunciou a chegada de *impressionante volume de mercadorias* para a Embaixada dos Estados Unidos, informando que, em Recife, o Consulado americano recebera várias caixas de armas e até máquina de fabricar balas, fotografadas por um repórter do *Última Hora* daquela cidade. O Consulado americano declarou, juntamente com o ex-Governador Cid Sampaio e o General Humberto Castelo Branco, Comandante do IV Exército, que as armas se destinaram à Polícia do Estado. Mas a Polícia só recebeu, de fato, uma caixa, não se sabendo o rumo que tomou o restante das armas. O Itamaraty não ignorava então que o Cônsul dos Estados Unidos em Recife, Douglas McLean, era agente da CIA, um dos encarregados de coordenar as operações no Nordeste. Essa infiltração de homens e armas tinha o caráter (se é que assim se pode considerar) *preventivo*. Eram os *boinas verdes* (*green berets*), forças especiais, que já atuavam em cerca de 50 países, com tarefa de enfrentar, como um braço da CIA, os movimentos de esquerda, promovendo, subterraneamente, a contra-revolução. Caso eclodisse uma insurreição no Nordeste, como temiam, ou o Governo de Goulart se inclinasse decididamente para a esquerda, tornar-se-ia muito mais fácil para os Estados Unidos intervirem *de dentro*, sustentando focos de resistência, de *antiguerrilha*, e mesmo justificarem, se necessário, o desembarque de *marines*, a *pedido* ou para *salvar* vidas americanas. Curiosamente, o Presidente dos Estados Unidos que mais preconizou a necessidade de reformas foi o que mais intensificou a agressão imperialista, sob todas as suas modalidades, no Brasil. “As ações do Governo de Kennedy não correspondiam às suas palavras de apoio à

democracia na América Latina”, salientou Gromiko, observando que, em 1963, ele “usou de artimanhas contra o Brasil, em cuja política externa se manifestavam tendências neutralistas”.

102. *Approaching Assis Chateaubriand, U.S. officials made arrangements for the programs to be sponsored as a public service by Emissoras Associadas (the radio station chain owned by Chateaubriand) in its “desire to contribute to Brazilian progress and strengthening of freedom and democracy.” They used local writers and actors to provide “a sensitivity to local political and social trends” and the correct accents, and employed Brazilian production techniques, “although inferior to U.S. methods,” to earmark the shows as a local product and thus help remove any taint of “foreign propaganda.” U.S. planners, however, controlled every script. Over 60 percent dealt with anticommunism and were specifically tailored for the Brazilian market.*

103. *For example, the radio program “Nos Bastidores do Mundo” (Our World behind the Scenes) was a daily five-minutes news commentary that explained to the people of Brazil the meaning of world events seen in the light of U.S. foreign policy. Written in the vernacular of the man-in-the-street, the program was aimed primarily at the lower middle class and laboring groups. Its objectives included presenting the United States favorably, countering misconceptions deliberately spread by the local Communist party, and exposing Communist falsehoods and Kremlin claims to the allegiance of Brazilian workers. It also strove to create a climate of confidence in the free world and to encourage a spirit of self-help and self-reliance. The commentary was written daily by the U.S. embassy radio editor, a Brazilian citizen, Al Neto, who soon became one of the most popular people in Brazil. More than three quarters of all Brazilian stations carried his daily broadcast.*

104. *As April of 1964 began, in Rio de Janeiro as throughout Brazil, people came out in the streets to celebrate the end of an era of uncertainty and fear. For four years, they had suffered from spiraling prices, alarming labor strikes, and vague unfulfilled promises. Now, the nation seemed to have new direction ... and new hope. This joyous occasion was the climax of a month of demonstrations and newspaper headlines that left all of Latin America wondering “where is Brazil going?”*

105. *A clique was brought in to enlarge the crowds and make its reactions seem spontaneous.*

106. *The speakers were communists or leaders of the far left. ... Their pretext was reform, but their real aim was turmoil and destruction. This is an old communist trick. People in confusion are an easy prey.*

107. *Finally, the Army, supported by the people, took action. Newspapers announced revolt in six states. In São Paulo, where there was overwhelming public support, the army needed only to maintain order and public safety.*

108. *Quickly and happily, Brazil returned to normal.*

109. *Known headquarters of communist intrigue were raided. In Rio, spies from the so called People’s Republic of China were put under arrest. Evidence of a plot to assassinate democratic leaders of Brazil was brought to light.*

110. *And there was ticker tape and streamers in the streets of Rio. A scheduled March of Family With God for Liberty became a victory parade, another spontaneous demonstration of national popular support for the turn of events and the turn of direction to the course of national affairs.*

111. *Even in the game is poker, if you play your high hand poorly, you can still lose. Having power resources does not guarantee that you will always get the outcome you want. For example, in terms of resources the United States was far more powerful than Vietnam, yet we lost the Vietnam War. And America was the world’s only superpower in 2001, but we failed to prevent September 11.*

112. *So when I arrived in Rio in 1971, I encountered vestiges of the kind of country program that existed in the two previous decades. Indeed, I helped dismantle parts of the programs.*

113. *In Brazil, now ruled by a right-wing dictatorship, the USIA maintained its usual links with the academic world. In São Paulo, Joe O’Connell came to know an economics professor named Paul Singer, working with a grant from the Ford Foundation. When the government arrested Singer, O’Connell alerted his colleagues at the São Paulo consulate, who caused such a stir by investigating his disappearance that they prompted his release. Once free, Singer visited O’Connell to say thank you. He went on to become an internationally known economist as an exponent of dependency theory.*

114. *Meantime, I call your attention to two aspects of USIA activities during that period: support for the Alliance for Progress and development and support of the binational centers around Brazil. US Information*

Service officers in Rio and Recife supported Agency for International Development programs for the Alliance. In Rio, a staff of 20-plus produced printed materials for the Alliance. I was originally assigned as AID Information Officer in Rio. I also became Press Attache and was the last officer to be assigned to AID. I believe a USIS officer in Recife also supported the AID efforts, which were especially concentrated in the Northeast.

115. *During the '50s and '60s, USIS assigned officers to direct binational centers in an impressive number of Brazilian cities. These institutions, which still exist and continue to have Embassy support through public-diplomacy programs, are non-profit institutions with a binational board of directors. They are self-supported through programs of teaching English as a Second Language. They have English-language libraries (this was especially true in the period you have indicated) and foster cultural exchange. Many have auditoriums that are well-equipped for both Brazilian and American presentations as well as art galleries, which USIS regularly supplied with traveling exhibitions.*

116. *Finally, in our examination of public diplomacy as practiced in the Computer Age in which we now live, sparked by a revolution in communications technology that has been equated by some as being as significant as the introduction of writing, we can only conclude that we are, indeed, in a new age, the ramifications of which we are only now beginning to understand and that have not yet been clearly defined - as miniaturization proceeds apace, and as the transit time for information to go from one part of the globe to another diminishes at phenomenal rates.... Furthermore, it is becoming increasingly clear that information is today a key element for economic and social progress. ... To initiate a new emphasis within USIA on how communications technology and methodology can stimulate political and economic growth, to the advantage of U.S. global objectives, it is only necessary for this idea to be accepted and implemented by USIA leaders.*

117. *"While attempting to win the psychological battle with the Soviet Union, U.S. officials also sought to displace traditional European influence throughout Brazil with American values, trends, and standards."*

118. *As Secretary Baker points out, the war was not fought in France alone. Back the firing-line, back of armies and navies, back of the great supply-depots, another struggle waged with the same intensity and with almost equal significance attaching to its victories and defeats. It was the fights for the minds of men, for the "conquest of their convictions," and the battle-line ran through every home in every country. It was in this recognition of Public Opinion as a major force that the Great War differed most essentially from all previous conflicts.*

119. *"I'm very jealous in the matter of propaganda, I want to keep the matter of publicity entirely in my own hands"*

120. *There was no part of the great war machinery that we did not touch, no medium of appeal that we did not employ. The printed word, the spoken word, the motion picture, the telegraph, the cable, the wireless, the poster, the sign-board - all these were used in our campaign to make our own people and all other peoples understand the causes that compelled the America to take arms.*

121. *"the greatest emphasis should be placed on interpreting the United States to Latin America rather than vice-versa."*

122. *"intellectual imperialism, the imperialism of ideas, was at the moment just as serious a threat to the security and defense of the hemisphere as the possibility of a military invasion."*

123. *The exchange of skills, knowledge, students, scientists, and other specialists is a relatively new idea and hence, to some, unorthodox. We should not close our minds because of that. We should, on the contrary, with the development of the atomic bomb and other terrifying weapons of destruction, place our small and inconspicuous bets on the long-range measures which hold some reasonable hope and promise that the world can learn to live together in peace and understanding.*

124. *"Psychological Warfare" directed against the enemy - including "black" (or misattributed) radio propaganda - was conducted by the Office of Strategic Services."*

125. *"...Cultural relations were still intact when in 1942 wartime pressures and the energetic Nelson Rockefeller began muddying the waters. ... Until the end of the twentieth century, the idea of an independent American cultural diplomacy gradually eroded. ..."*

126. *"Bill Donovan", as one associate recalled, "is the sort of guy who thought nothing of parachuting into France, blowing up a bridge, pissing in Lutwaffe gas tanks, then dancing on the roof of the St. Regis Hotel with a German spy.*

127. *"we must set up an effective agency for constant and thorough interchange of thought and ideas"*
128. *"the nature of present-day foreign relations makes it essential for the United States to maintain information activities abroad as an integral part of the conduct of our foreign affairs."*
129. *"Education is in reality one of the basic factors in international relations - quite as important as diplomacy and military power in its implications for war and peace"*
130. *It was selfish because the United States does its greatest trade with the countries that are economically prosperous. It was selfish because an economy of private enterprise can remain most healthy in a world-wide expanding economy. It was selfish because the peace of the world and the security of the United States depends upon the well-being of the underdeveloped nations.*
131. *"... it is likely that United States engineering firms and contractors will contribute a major share to the Point Four Program."*
132. *"In many underdeveloped countries we find that education has been restricted to the wealthy families who have a social repugnance for hand labor. They lack what Harold Lasswell called "the dignity of overalls"*
133. *"This cultural convention – the first bilateral cultural agreement, I believe, to be concluded by the United States of America – will certainly contribute in an objective way to a better and mutual knowledge of the values inherently attached to the traditions of Brazilians and Americans"*
134. *"For the purposes of this directive, psychological operations shall include all activities (other than overt types of operational planning and execution of which shall remain, subject to this directive, as therein assigned." (i.e., with State)..."*
135. *"In any case the existence of two organizations – one reporting to the Secretary of State and one to Congress – would produce a spectacular muddle. No doubt it would soon be necessary to establish a coordinated committee of psychiatric warriors."*
136. *"The aim is to direct the efforts of IIA where they will count for the most and with the largest returns from the investment of public funds in this overseas "crusade of ideas."*
137. *"I often think of these centers as the arsenals of ideas for the freedom-loving and prodemocratic individuals in many of these countries. Last year these centers recorded more than 24 million visits from foreign nationals."*
138. *More attention was given to developing independent action by private organizations with affiliates counterparts overseas and without use of Usis facilities. They were encouraged to supplement regular activities and to undertake parallel projects, either those which IIA is not equipped to handle or those which would be more useful if not identified with government information activities.*
139. *"the sensitive new nationalism in many countries will impose obstacles to, if not frustrate, the normal actions of the United States in conducting diplomatic negotiations and in rendering economic and military assistance."*
140. *"Our overseas information service never carried a heavier responsibility than it does now. The service must clearly and factually present the world the policies and objectives of the United States. It is enough for us to have sound policies, dedicated to goals of universal peace, freedom, and progress. These policies must be made known to and understood by all peoples throughout the world. That is the responsibility of the new United States Information Agency."*
141. *[The McCarthy investigation]... was designed to produce personal publicity for Senator McCarthy and, probably also, to make as many "Democrats" (McCarthy would say "incompetents and subversives") as possible leave good jobs in government to make room for other appointments. In both these objectives he succeeded.*
142. *"we must make more effective all activities related to international information [and that] a unified and dynamics effort in this whole field is essential to the security of the United States and other peoples in the community of free nations."*
143. *"[U.S. policy should be] based on the assumption that the purpose of the Society rulers is world domination"*

144. *...this report proposes, among other things, the removal of IIA from the State Department and its establishment as an agency under the Executive Office, with proper arrangements for liaison with the State Department and other relevant branches of the Government. ... In our judgment, based on close observation since 1948, the information program will not attain adequate effectiveness until the changes are made.*

145. *President Eisenhower revealed today that he is going to send his brother Milton on a fact-finding tour of Latin America.*

146. *I came home from South America highly enthusiastic about the Cultural Institutes, the Binational Centers, the students, teacher and labor exchange programs, and all related activities. The press and radio part of the informational program seem to me to be effective. I did not obtain a trustworthy reaction to the Voice of America. To tell you the truth, I didn't inquire about it in South America, and no one volunteered information. It may even be that you are not carrying on direct radio broadcasts to South America.*

147. *"Dear Foster, As you probably know, President Getulio Vargas of Brazil is a man who operates on a highly personal basis; in a sense you might say he is of the old "caudillo" type. For seventeen years he was a dictator, was deposed and then elected President of Brazil in 1950."*

148. *The important factor in obtaining Brazil's cooperation during the last war, despite the strong Nazi influence, was the close personal relationship which President Roosevelt maintained with him. He kept up a personal correspondence with President Vargas and as a result President Vargas cooperated fully on very important issues, from air bases on the Bulge to sending Brazilian divisions to Europe.*

149. *"I have heard from President Vargas through personal contacts that he would be highly pleased were a similar direct personal relationship to be established with General Eisenhower."*

150. *"However, he does not feel that it would be appropriate for him to take initiative. From my knowledge of President Vargas and Brazil, it would seem to me that such a contact would be highly valuable in connection with the establishment of the new administration's west hemisphere relations."*

151. *"[the job of the Agency] is to sell the United States to the world, just as a sales manager's job is to sell a Buick or a Cadillac or a radio or television set."*

152. *"[the USIA appropriation giving the new director of USIA authority until January 1, 1954, to fire any employee – a move described as] aimed at weeding out both Democrats and incompetents"*

153. *Living standards in most of Latin America are low, and there are large and vocal elements who seek to place the blame on the United States. Our mutual security program will take into account the importance of economic growth and better standards of living in Latin America. The principal help our Nation can give will be through private enterprise. However, this can and should be supplemented by certain governmental measures.*

154. *"There is no area in the world where as much can be accomplished by good cultural relations, I think, as in South America. That, fortunately, is something that does not cost much in the way of money."*

155. *"...the Rockefeller Foundation, they have done more to win good will in South America than any other organization in a long time because of their work in the field of health... It has had a tremendous influence."*

156. *"The centers in Brazil are very active. During my stay in Rio I discussed them with our ambassador, Mr. Kemper, who is very enthusiastic. There are about 30 in Brazil today, but he would like to see twice that many."*

157. *America's secret weapon is a blue note in a minor key. Right now its most effective ambassador is Louis (Satchmo) Armstrong. A telling propaganda line is the hopped up tempo of a Dixieland band heard on the Voice of America in far-off Tangier. This is not a pipedream from a backroom jam session. It is the studied conclusion of a handful of thoughtful Americans from Moscow to Madrid.... Jazz is not just an art. It is a way of life.*

158. *"...in 1956 as the result of many field requests, [it] was welcomed by immense audiences, in which students and other Young people were preeminent. Jazz groups sent on tour included those of Louis Armstrong, Dave Brubeck, Benny Goodman, Sauter-Finegan, and Jack Teagarden."*

159. *"Motion pictures are still one of our most dramatic means for bringing the story of American foreign policy to the peoples of other free nations, and exposing the false, insidious claims of the Red propagandists. Today motion pictures of USIA are clearly serving that important purpose"*

160. *Now, this is almost entirely a classified operation. I will attempt to describe it in general outline terms so that we can discuss it on the record. As a matter of fact, most of our films are unattributed, and we believe it is much more effective not to have the USIS label on these films. This is particularly true of our foreign production. We do not seek to have these pictures known as United States films.*

161. *Personal letters, the second-oldest medium of communications among men, still are one of the most reliable weapons in the battle of ideas. Newspapers, periodicals and books are frequently barred, or censored. Our radio messages are sometimes distorted by the opposition. Pictures can be faked. But mails gets through to critical areas of the world where the minds of men are in the balance.*

162. *One phase of the People-to-People Program has been stamping out foreign mistrust of this country – but literally. Harry L. Lindquist, President of the Program's Hobbies Committee and New York Publisher of "Stamps Weekly," disclosed yesterday that his stamp-collecting contacts were employed last may to help cool anti-U.S. feeling aroused in Venezuela on the occasion of Vice President Richard M. Nixon's visit there last May.*

163. *"special projects in international affairs relating to United States informational programs and Soviet propaganda efforts"*

164. *At three o' clock in the morning the president might get a good idea, and he calls the National Security Director or the Secretary of State, but he never calls the director of USIA. No president, with the possible exception of Dwight Eisenhower, has considered the director of USIA important.*

165. *"At least nobody can say I don't know what I'm getting into."*

166. *"we the people, ... [impelled by] a decent respect for the opinions of mankind..."*

167. *"[the VOA has enabled me to] become acquainted with the development of the art and spirit of the American nation with all its optimistic roots of thinking."*

168. *...Our main concern must be the study building of a solid foundation of confidence among the peoples of the world in the integrity and good will of the American people, chiefly through long-range programs such as our library and books programs, through cultural exchanges, through people-to-people efforts, and through putting the news of the day into perspective.*

169. *Cultural representation of your country throughout the world requires the broadest possible participation and it will be to our lasting benefit if American higher education continues to expand its role in this field [e] ...The educators and educational institutions of American can help tremendously in the work the United States Information Agency is trying to do. Many of them are helping, but I would like to see this feature of our program greatly expanded.*

170. *The national preoccupation with the mass media inhibits thinking in terms of targets and objectives. Impatience causes unjustified speed in producing USIA's work. This results in open exposure of strategy that should be kept secret. ... I don't think you should advertise your strategy of propaganda. I'm old fashioned. To make an article out of anything that so nakedly explains our effort to manipulate things, to create the semblance of self-interest between us and other peoples! It's like describing your technique of seduction and how you make it look like wooing, in the presence of the girl you've seduced.*

171. *This goes back to the American people's expectation. They want a propaganda agency to be a real propaganda agency, a con man outsmarting people and moving the shell faster than the Foreigner can see the hand, a Goebbels approach. On the other hand, we have a distaste and distrust for poisoning the wells of thought, and we want to be a clean, upright "American-boy" kind of agency. We want a Machiavellian, beady eyed, glassy-eyed approach and we also want the Pollyanna type...*

172. *It is very difficult to measure success in our business ...no computer clicks, no cash register rings when a man changes his mind or opts for freedom. And... above all, it is what we do – not we say- that has the greatest impact overseas. USIA can explain, interpret, clarify, synthesize and Project, but we cannot change the unchangeable or do the undoable. ...persuasion is one of the most important instruments of American power. ...Our arsenal of persuasion must be as ready as our nuclear arsenal, and used as never before.*

173. *"I just figured that if this young man couldn't do it, no one could, and if he wants me to help, I have an obligation to do it. ...I had been criticizing bureaucrats all my adult life, and it was my turn to try."*

174. *Murrow brought glamour to an agency that was unaccustomed to recognition or respect. Throughout his three-year tenure, from 1961 through 1963, Murrow personified USIA; he was the symbol with whom everyone could identify. Agency personnel no longer had to explain what they did; it was enough to say "I work for Ed Murrow." In return, Kennedy offered Murrow access to power, a seat at the table where decisions were made, a role in the formulation of policy that past USIA directors never had. As head of an agency that was supposed to know what foreigners were thinking, Murrow could become Kennedy's chief adviser on the psychological and propagandistic consequences of America's diplomatic strategies. He would therefore be an active participant in meetings of the national Security Council, providing his expertise where it counted. Moreover, Murrow's principal deputies had their own links to the White House. Thomas Sorensen, a veteran of USIA, was the brother of Ted Sorensen, Kennedy's leading speech writer. Donald Wilson, a former correspondent for Life and Time magazines, had worked on Kennedy's 1960 presidential campaign and was friendly with Robert Kennedy. So USIA no longer seemed peripheral agency, merely explaining American foreign policy to the world. Now it was at (or near) the center of government, with Murrow a valued member of Kennedy's team.*

175. *"coined the phrase that he wanted to be in the takeoff, not only on the crash landing"*

176. *"... at overseas posts paper work has been subordinated to leg work."*

177. *"advising the President, his representatives abroad, and the various departments and agencies on the implications of foreign opinion for present and contemplated United States policies, programs and official statements"*

178. *"...the best form of propaganda is still face-to-face, persuading the important newspaper editor and the government leader of the rightness of our views – and that our goals are in harmony with theirs."*

179. *Yeah, and if the world gets wacky, We tell John to send out Jackie, (coro) Jackie Robinson? (Louis Armstrong) No man, the first lady! That's what we call cultural exchange, that's what we call cultural exchange"*

180. *Instead of the Negro situation being a liability overseas – as the Communists constantly try to portray it – we are trying to put it into perspective so that it reflects an affirmative gain for all the peoples of the United States.*

181. *"undesirable and exaggerated"*

182. *"There are many people abroad who think that beyond the Mississippi lie badlands periled by warring Indians, that all other Americans live in penthouse apartments" e que "many of the world's people also believe that Chicago is wracked by gang war and that woman without a 40-inch bust cannot be an American."*

183. *"As a bureaucrat, he has assumed a propaganda perspective that is the opposite of his long-time career as a prime news interpreter"*

184. *"Twelve USIS officers and their families this year were able to benefit from this opportunity to reacquaint themselves with the grass roots life of the country for which they are spokesmen overseas on their next assignment."*

185. *"The number of Negro officers in the foreign service has about doubled from the 1960 figure of two dozen. Three country public affairs are Negroes. About 10% of all foreign service officers of rank equal to GS-12 or above are Negroes."*

186. *Dear Ed, ...I respect your feeling that a long time convalescence from illness precludes your remaining on the job; the same high sense of duty which brought you to Washington now obliges you to depart. Nonetheless, I must admit I had been hoping you would find it possible to stay on. After your recovery, I will be calling on you for advice and help. ...You leave with the thanks of a grateful President and a grateful Nation. I close, Ed, with a paraphrase of the words you made forever famous on radio and television: "Goodbye, and Good luck!"*

187. *USIA had an outsized role in projecting American ideas to the four corners of the earth. At the height of its Cold War operations, it had the most extensive overseas presence of any Washington agency. Its information and cultural posts – the U.S. Information Services (USIS) – operated in almost three hundred cities and towns. Overall, it was the biggest information and cultural effort ever mounted by one society to influence the attitudes and actions of men and women beyond its borders.*

188. *"He may lean more than Mr. Murrow toward news management, but as a Negro he is in a position to exemplify as well as tell about America's race problems in terms of progress"*

189. *"I intend to have the Agency tell the truth and put it in perspective... You may have to talk a bit about the past and what the hopes are for the future and what the role of the Federal Government is... that constitutes the whole truth"*

190. *"Latin America is very much in my thoughts these days, particularly so in view of President Johnson's admonition that "no work is more important for our generation of Americans than ours is in this hemisphere."*

191. *"utilizing information techniques to build support for democratic solutions to Latin America's problems, particularly as these solutions are embodied in the Alliance for Progress"*

192. *"sense of identity of interests and values between the United States and Latin America, and demonstrate that Castro-communism is not answer to the economic and social problems of the Western Hemisphere"*

193. *"It was true the President was killed. ... But it was also true that the assassin missed his target, for he wanted John Kennedy to die, and that he was unable to do... for no man could take away years of Lightning with a single Day of Drums..."*

194. *... even in times of greatest tragedy there is a continuity in the tradition of the democracy of the United States; that the man who assumed the presidency, Lyndon B. Johnson, is a man of great ability and experience and that he will steer the United States on a continuing steady course; and that in his new office he has the support of the American people.... Let Us Continue.*

195. *"A joint industry-USIA team has just concluded a study in Colombia and is now writing a proposed industry public relations plan for that country. If this prospers, we might well be on the threshold of greatly increased U.S. industry-government cooperation in many Latin American countries in the public relations field."*

196. *"We have assigned public affairs advisers to work with AID projects in certain locations: the Northeast Brazil Project, and ROCAP in Central America."*

197. *"In a conversation with Eisenhower in USIA's early days, he told me that he would have liked to increase the money for it because it was such a force in the Cold War. [President Lyndon] Johnson never took it seriously."*

198. *It is imperative that USIS be enabled to cease its passive, defensive position in Brazil and take the propaganda offensive. Its immediate, primary goal must be to swing Brazilian public opinion back to where it was when it clamored to become the willing fighting ally of the U.S. during World War II. To the degree that this is accomplished, USIS objectives can be realized and the achievement of U.S. policy goals facilitated..*

199. *"Because of Brazil's strategic importance and dominant position in Latin America, it became a focal point for U.S. cultural and informational programs."*

200. *...Communists never miss an opportunity to capitalize on situations. The suicide of President Vargas of Brazil, for example, was used widely to create hostility toward the United States....They seized upon the suicide letter and are now calling it the Magna Charta of Brazil, stressing the reference to "foreign capital," foreign capital in Brazil being U.S. capital. The riots just after President Vargas' death were directed by Communists against the United States. Mobs stormed the Consulate in Porto Alegre, threw furniture and fixtures out of the window, wrecked things generally. ... We cannot possibly match the 60,000 Communists in Brazil, the 40,000 in Chile, the 15,000 in Uruguay, the 20,000 in Venezuela, etc., ... ilegal, most of them, but very active.*

201. *"The president-elect of Brazil, Juscelino Kubitschek, happens to be a friend of mine. ... It seems to me that there is a very good chance that under his leadership the relations between Brazil and the United States will be closer than they have been for a long time...."*

202. *... Like many Brazilians, he is highly personalized in his feelings, and because of this I am taking the liberty of writing this note to make a suggestion in connection with his forthcoming inauguration....I have a feeling that, based on the tremendous success of his previous good will tours, were is possible for Vice President Nixon to head the delegation to Kubitschek's inauguration this coming month, it would be extremely well received in Brazil and help tremendously in getting his regime off to a strong start.*

203. *Kubitschek outlined his plans to bring about a great improvement in the Brazilian economy... he said that the US was the only country which could be of assistance to him in the furtherance of his economic plans... Dunn received a very favorable impression of Kubitschek's manner, self-confidence, and vigor. Kubitschek stated that he was not a Communist and would not permit the Communists to be active in his government.*

204. *The material contained in this report was gathered together to meet a request from the Public Affairs Officer in Rio de Janeiro for information on the subversive and international aspects of Communism in Brazil. Such information was required by USIS in Rio in order to counteract pre-election activities of the Communist Party of Brazil, especially its efforts to make deals with non-Communist Brazilian political parties, particularly Vargas' own party, the Brazilian Labor Party.*

205. *"The reports carries a CONFIDENTIAL classification because of the above explaining the purpose of the paper and because of the comments on the fluctuations of Communist strategy and tactics..."*

206. *"When the PCB was outlawed by the Dutra Government in 1947, it was on the ground that the Party was hostile to Brazil's democratic government and took orders from a foreign power. There is no reason to believe that those charges against the PCB no longer hold true."*

207. *"The Esso sponsored surveys -- there were two, one in 1954, the other in Spring of 1955 (the latter is the basis of the New York Times story) -- suggest somewhat less dependence on the government for oil development."*

208. *"While they have many reservations about the U.S., particularly as regards the racial issue and American policy in Latin America, it can not be said that Brazilians are antagonistic to the U.S., in total."*

209. *"Whereas the university students sample revealed a definite tendency to believe that United States economic policies have hurt Brazil, the general public, with certain exceptions, is much more favorable in its opinions on this score."*

210. *The Agency has a comparable request for books in labor field from the Catholic University of Rio de Janeiro, Brazil, which has just established a School for Labor Leaders. ... in addition to its virtue as a neighborly act in highly influential circles, this would also have another says, could well be the means of introducing the kind of enlightened labor-management relations that prevail in the United States into a country only now quitting its feudal past for an industrial future still unresolved as between private enterprise and collectivism.*

211. *With much advance whoopla, more than 1000 members of the Ligas Camponesas, carrying wooden swords and banners (including portraits of Fidel Castro and Luiz Carlos Prestes), marched through the streets of Recife and participated in a pro-Lott political rally on Sunday morning, September 25. Among the featured speakers at the rally were Communist leader Luiz Carlos Prestes and Rio Grande do Sul Governor Leonel Brizzola.*

212. *"unpredictable, even unstable demagogue whose chief objective is personal power"*

213. *... it must be recognized that Quadros acknowledged ultra-nationalist strength by trying to muddy the waters between his position and that of the ultra-nationalists through such grandstand playing as his pilgrimage to Cuba, his courting on neutralist Afro-Asian leaders, and his favorable comments on education in the Communist countries. Nevertheless, Janio Quadros has been paraded by friend and foe over the years as basically pro-US; and he won the elections by a landslide.*

214. *The so-called Ligas Camponesas, peasant organizations with a Communist orientation, have been in existence for several years. Their top leader, Francisco Julião has travelled back and forth behind the Iron Curtain, and his sympathies for "agrarian reform" as practiced in the Communist countries --particularly China -- have been expressed publicly. Julião antedates Castro as a revolutionary leader of Communist sympathies... .*

215. *"Only the members of the P.T.B. (the urban-based Brazilian Labor Party, headed by the Vice-President of Brazil, Joao Goulart) expressed a negative over-all margin on this question; all other major parties were predominantly of the opinion that relations were at least rather satisfactory"*

216. *... if Americans can learn to recognize and respect the true significance of Brazil as the most important country in Latin America, with a decided potential for a "great power" role not only in the Hemisphere but on the world scene, there is little reason to believe that the U.S. cannot live -- comfortably, pleasantly, and with mutual profit -- with Brazilian nationalism.*

217. *"Latin America is becoming our proving ground to demonstrate the value of research program which we hope to push in all areas of the world."*

218. *"...much of our survey evidence so far had led to a "So What?" reaction on the part of many of the operating people in USIA"*

219. *"A Depth Survey of the Sources of Attitudes and Opinions of University Students in Brazil oward Public Questions"*

220. *"The student situation can be characterized as one of substantial independence and isolation from social restraints, coupled with high idealism and expectation of action and accompanied by an extraordinary lack of practical experience"*

221. *"I'm trying to construct models of how students do conceptualize and how this is expressed in behavior. But this is very slippery and a lot of work. For example, both Goulart and the "Revolutionary" Government claimed the words "democratic" and "revolution". This is typical but it makes the waters very muddy."*

222. *"Pure Marx! But no triumph of propaganda: I think this view would have been invented here if marx never existed, it fits the local mind and society most precisely"*

223. *"in the student mind, there is a awesome potential for revolution against us -- though not necessarily for our adversaries of the C.P."*

224. *"Expressed opinion depends on who they think they're talking to - I've played marxist (a good thing that I do not confess sponsorship - - they often thank I'm 007 or CIA anyhow since there is a great love of conspiracy and got entirely different responses from the same population"*

225. *Full of paradox, chaos, anarchy, disorganization, myth, stereotype etc. ad infinitum. Buried in still strong structure and traditions (mid 19th century economics & political feudalism with 21st century aspirations) - - students, at least are inclined to live in a mythical future. In a preliminary way it looks to me that a fairish impetus toward revolutionary modernization has gone underground in the face of the "revolution" or Coup of 31 March but is by no means dead even if the power and authority structures remain with conservative forces.*

226. *"This doesn't say anything about why things are this way or what we might do about it, if anything except to prepare to be tolerant -- which might be pretty hard. But there is a problem and it's a bitch"*

227. *"Research was hampered and delayed by publicity surrounding Project Camelot, although this project itself was not seriously attacked in Brazil due to the stature of the sociologist involved"*

228. *... there is no evident feeling of being discriminated against by USIS officers... It cannot be said that additional diplomatic titles (or degree of rank) are absolutely essential to the Information program. On the other hand, effectiveness of the program would be improved by the assignment of additional diplomatic titles.*

229. *Increasingly we find ministers of government are former presidents of these organizations or former members of boards; in other words, their experience in this program carries with them as they reach high level government office. We find this an extremely flexible device for reaching special groups such as teaching English to labor leaders who later on may come to the United States.*

230. *Because the chief problems in Brazilian-American relations are so largely psychological, it does not follow that their solutions lie entirely in the USIS "psychological", informational-cultural field. The voice of USIS is small in comparison with the numerous American influences that operate among Brazilians, and because of the economic and social realities involved, words alone cannot be expected to solve Brazilian-American problems.*

231. *"a highly-respected Brazilian with close connections with virtually everyone of importance in Santos, from the Mayor to newspapers editors, lawyers and teachers."*

232. *Agency expenditures for BNCs remained fairly stable or rose somewhat until a peak in mid-1960's, whereupon they began to wane ...the number of BNCs receiving support from the Agency dropped from 39 in FY-64 to 18 by FY-73... likewise, between FY-68 and FY-73 the number of USIS officers assigned to the BNCs dropped from 25 to two.*

233. *"the total revenue of the Brazilian BNCs by 1973 had increased fourfold over that of 1964"*

234. "Peronism allied with communism in generating hatred of the United States"

235. "The BPAO (Branch Public Affairs Officer) in São Paulo is planning on direct monitoring of the Wireless File, utilizing two Hallicrafters which he has available for the purpose"

236. "This material is semi-finished intelligence on one element of the intelligence picture -- public opinion -- to be weighed and interpreted in the light of other elements when arriving at program and policy decisions"

237. "Both the Embassy and Esso feel that such communication of information between the two should be treated with utmost discretion ...Although classified CONFIDENTIAL, the Deputy Chief of Mission has asked that in future reports of this sort the sponsor not be identified"

238. O Jornal, a part of the Diarios Associados, owned by wealthy Senator Assis Chateaubriand, is the newspaper most friendly to and understanding of the US ...O Jornal likewise refuted the arguments of those who state that the US forsakes Brazil economically ... O Jornal paid further tribute to the fruits of collaboration of foreign capital.

239. "Only one paper, influential O Estado de São Paulo of Brazil, devoted an editorial to the subject. O Estado's commentator praised the Eisenhower decision and contrasted this generous offer on the part of the US with the behavior of the Soviet Union."

240. I consider it of inestimable value for the discussion of the problems of Latin America and for the formation of a democratic political conscience in Latin America.....As secretary of the international section of the newspaper O Estado de São Paulo, and believing that many of the articles published in the magazine Combate could be reproduced by the newspaper, I should like to request the favor of your letting me know the possibility of transcribing those articles which seem appropriate.

241. "O Estado de São Paulo, a conservative objective, critical but basically friendly newspaper, devoted considerable attention to US policy affecting Latin America in general and Brazil in particular ...the paper spoke of the "sorrow which Latin America feels over being abandoned or betrayed by US foreign policy since the war."

242. "It termed President Eisenhower's words "a bitter disappointment" to all those who had hoped that he would demonstrate on this occasion that the US would answer the "urgent appeals of those who judge that the American foreign aid program does not orient itself towards those who are America's most loyal friends."

243. About the middle of May O Estado concluded a series of special articles on "Brazil in the Atomic Era" designed to influence public opinion toward a saner comprehension of the problems involved. The series had begun by stating that unfortunately passions had distorted discussions of this important subject and that first of all it must be decided whether or not a government monopoly of the development of atomic energy was against national interests. Subsequent articles discussed the sensitive subject of exploration of monazite sands and the export of thorium oxide to the US. The series concluded with the opinion that "to adopt a state monopoly policy in a domain which requires the aid of private enterprise would be to risk delaying the utilization of atomic energy for peaceful purposes." The paper said that while the State had absolute right to exercise direction, it would be exercised more effectively by means of an autarchy.

244. "If the readers of the papers taking such cartoons knew that they were produced for our purposes the papers might drop them."

245. "The great majority of the vehicles sampled - four out of five newspapers, nine out of ten broadcasters, and better than three out of five magazines - reported receiving the USIS materials."

246. "While most of the vehicles receiving USIS materials use less than half of what they receive, about one-third of the radio and TV stations covered report using over 50 per cent; this percentage is somewhat higher in capital cities and in the North"

247. Except for Cuba, Latin American press reaction was overwhelmingly favorable. In Brazil, the Jornal do Commercio applauded the idea and said that the corps would permit young North Americans "to put into practice their ideas of democracy, human fraternity and the dignity of work by means of person-to-person contacts.

248. Goulart has become desperate, accordingly to usually reliable Estado de São Paulo, and threatens to start land expropriations with cash indemnification. ...O Estado de São Paulo suggests an open break between the

usually allied PTB (Labor Party=Goulart) and PSD. While '65 presidential front-runner Kubitschek admits the possibility.

249. "professional politician..., one of the most gifted tactical maneuverers of the Congress"

250. "In this most delicate moment of Brazilian history, there is an unthinking group striving to impede the nation's realization of its aspirations."

251. "an outpouring of praise for President Johnson and an expression of the highest confidence in his ability to "defend civilization and guarantee peace.""

252. "How mass media personnel affect political process and why they behave so as to have the effect they do."

253. ... the politically important newspapers in Brazil are not impersonal institutions. Most take their general character from their owner position, who move in top social circles. The result is that their ideas are usually classically liberal, rather than Marxist, and their interests are usually conservative, rather than revolutionary. ...Writers are independent only to extent that the director permits.

254. "there has been one small press mention of USAID book program but no mention of USIS. No sign yet of any attack on USIS...in Cruzeiro and TV Tupi, continue use of USIS material."

255. "During the course of the inquiry, Roberto Gonzaga stated that he believed he could prove that Lucio Rangel was only a "silent partner" or "front" for Saldanha Coelho in the publishing business, ... and that Saldanha was trying to use Rangel to discredit Gonzaga"

256. "Mr. Dickinson met Mr. Rangel in the latter's office at 27 Travessa do Ouvidor at 2:10 p.m. that afternoon. Mr. Rangel continued to affirm that he gave Roberto Gonzaga Cr\$8,000 ...He repeatedly stated that he knew Roberto Gonzaga and that it was he who received the money"

257. So far as their attitudes toward Americans and the American way of life are concerned, there can be no question that the net effect of their visits was a favorable one. This conclusion is based not only on what the grantees themselves report, but also on a comparison of their opinions with the opinions of a comparable group of Brazilians who did not make the trip to the United States.

258. "A major point of interest in this study was how the returned grantees function as emissaries or as sources of information about the United States in their home communities ...every grantee came to be considered an authority on the United States at least on some matters and in some circles."

259. "Labor is one of, if not the principal group of Soviet Communist effort ...aided and abetted by the agents of peronism, both supported to a substantial degree by an important element of the Brazilian Laborite Party"

260. ...many of the anti-US revolutionary leaders in Latin America had studied or visited the U.S.. AID projects purposefully planned to employ and involve young leaders and to commit them to constructive work... but utilizing professional training of many young university graduates would do much more then bringing them to the U.S.. They will be convinced more by having a role in the progress of their own country.

261. The projects outlined are too military and technical in nature. In Cuba, the young people who led the revolution and came prominent positions in the Castro regime were for the most part lawyers, liberal arts students, artists and writers, etc. These yougn intellectuals generally play a more active role in the political arena than the young Army officers and engineers.

262. "Most Northeast peaseants are still largely ignorant or indifferent to ideas about modernization or political revolution. They have little social conciousness."

263. To fight communism, USIA must use some Communist weapons (infiltration, nonatributed placement of materials). USIA should have its own "agitprop" (A Soviet neologism for agitation and propaganda cadres) apparatus to encourage discussion and spread word-of-mouth propaganda. It should set up pro-American "agitprop" schools in important countries. In one opinion, it would be best for the Agency to maintain a surface operation devoted to "the full and fair picture", as a cover for other clandestine activities.

264. "Gershwin gave the Moscovites a thrill (with Porgy and Bess)/ Bernstein was the darling of Brazil (and isn't he hip?)/ And just to stop internal mayhem/ We dispatch Martha Graham/ That's what we call cultural exchange/ That's what we call cultural exchange"

265. "The Agency believes that a strong USIS music program is important means of demonstrating America's creativeness in the arts and that it should play a significant role in the over-all cultural program."

266. Altogether the "Atoms for the benefit of Mankind" Exhibit proved to be a most amazingly effective medium for bringing the story of America's contribution to atomic progress to the attention of the people of São Paulo specially and Brazil in general, and it impressed Brazilians deeply with America's peaceful aims under the leadership of President Eisenhower.

267. "Brazilians, in their immense majority, feel that their impetus of progress is identical to that which heartened the people of the United States, as are their inclinations for peace and their craving for liberty. ...That is the achievement of the United States of America. That is the lesson of their great people, our brothers. Like our own people, they are born of many bloods, and of many dreams, which crossed the seas and travelled over immense distances, to take the form of a book, a motor car, a refrigerator, a university, a saxophone -- a child."

268. Suggest brief them on arrival about Brazilian sensibilities their claim Santos Dumont inventor airplane. You know our position that while we will not repeat not give an inch regarding true facts that Wright Brothers invented first heavier than air craft, we avoid controversial discussion subject in Brazil.

269. "City-to-City visits have been arranged between Cortland, N.Y., and Peshavar, pakistan; Detroit, Mich., and Rotterdam, Holland; Hagerstown, Md., and Wesel, germany; Boston, Mass., and Rome, Italy; and one is coming up between Kansas City, Mo., and Sao Paulo, Brazil."

270. On November 26 [1951] (Telegram No. 682 warned that if requested funds were not forthcoming by December 3, program would be cancelled. This was done on December 5 that Senhor Chateaubriand insisted on continuing the program until January 1, 1952, "at his own expense, if necessary, because he considers the effectiveness of the program of the greatest importance". The telegram added that Senhor Chateaubriand "asked the Embassy to advise Assistant Secretary Miller that in his opinion the Department should take full advantage of the Chateaubriand facilities to press the Campaign of Truth"

271. "At the time of the survey in Brazil, we had already begun substantial cutbacks in radio placement due to budget and personnel limitations which began to hurt in the fall of 1967."

272. "Brazil: weapons confiscated from Communist organizations and individuals who planned communist revolution. Source: USIS Brazil"

273. The man in the street is pretty powerful. The average American tends to think of people overseas, the people in Iran, let's say, as pretty powerless. But they can overthrow governments with a greater effectiveness than we do through voting sometimes. ... In Latin America, the lower classes are getting guns and doing the shooting. ...These facts make it necessary for USIA to get its message to the most humble and illiterate. If the majority of the people in a given country favor the U.S., pro-American action will result, even if the ruling groups are anti-American.

274. "The CIA representatives' suggestion that this task force include an LSD loaded with a barge containing appropriate arms and ammunition, in case of a semi-clandestine arms drop, was accepted. Secretary McNamara was advised of this decision."

275. "Obviously, in a country of over 75 million people, larger than continental United States, this is not a job for a handful of United States Marines."

276. I just said we're not going to have any Cuba there. They say it will be from the Communists who've got a foothold there and they're going to be raising hell about it and are going to try to have a Communist coup when this takes place ... [I told] that we would not have another Cuba in this hemisphere, if he had enough men; if he didn't, I'd send him some more.

277. "I think we ought to take every step that we can, be prepared to do everything that we need to do, just as we were in Panama, if that is at all feasible"

278. "Will the momentum continue on the anti-Goulart side without some covert or overt encouragement from our side?.... Have any leaders of rebellion pressed you for overt support? Would overt indication our support play into Goulart's hands at this moment?"

279. Except for Adhemar and some of his fellow Paulistas who continue talking unclearly about arms needs and possible desirability of show of naval force there has been no pressing for overt support. I do not consider Paulista approaches as serious or responsible. At this moment overt indication our support would be a serious political error which would play into Goulart's hands. We shall of course continue focussing on this question hourly as situation evolves.

280. I met Kubitschek at 2115 and drafted message which apparently not sent during last night's confusion. ...Kubitschek said that move from Sao Paulo would be critical to success and if rebellion smothered Goulart would be on high road to dictatorship. ...We discussed legitimacy problem which he thought would be readily cared for by Congress if military balance favorable. He had seen Goulart in midafternoon and pleaded with latter to save mandate by making clean break with CGT and Communists but Goulart said this would be sign of weakness which he could not afford. ... Momentum now clearly gathered and for these hours does not need special encouragement from US. Have just learned that Kubitschek conversation report was sent last night as Embtel 2134.

281. In a conversation with James Minotto, staff member to the Senate Appropriations Committee, Kubitschek said that "for practical purposes situation all over. There was going to be successful coup against Goulart, resistance to which would be general strike lasting two or three days. Workers, however, would go back to work when they got hungry." Kubitschek also reported that he told Goulart that "he was breaking with him since President following course which would lead to turning country over to Communists"

282. Members of the leftist Sailors and Marine Association locked themselves in a Metallurgist Union Building. They denounced authority, but they were supported by President Goulart. A meeting of admirals at the Navy Club concluded that this was an effort to divide the armed forces into opposing camps... another old communist trick.

283. "The people are determined that this shall be a major turning point of their history"

284. "The world that loved us now hate us. We hate ourselves."

285. "As soon as I arrived in May 1971, I was directed to begin downsizing and phasing out the office, which had writers, editors, an artist, and sophisticated printing equipment."

286. about my six years in USIS Sao Paulo in the 1970s: we had a large and diverse USIS operation, four American staff and about thirty Brazilians. We put out a daily news bulletin for a list of press contacts, and I had regular meetings with editors and reporters as well as frequent lunch meetings or social dinners at my home.... I do remember that the staff and execs of Estado de Sao Paulo were the most difficult to see and to get time with. Folha de Sao Paulo, Gazeta Mercantil, and Veja were much easier going. We also had very good relations with several radio stations, especially when we could offer them some tapes of American music to use on the air.

287. One group that I spent time with was CEBRAP (Centro Brasileiro de Pesquisas), and I had a close relationship with their chief scholar, Fernando Henrique Cardoso. We met for lunch several times each year and discussed (sometimes argued) about American foreign policy and Brazil's role in the world. I was pleased when Fernando Henrique was called to Brasilia to serve as Foreign Minister, but really happy when he was elected President of Brazil a couple of years later. He was the only president with whom I had a first-name relationship, and I was very proud when I heard him include some ideas we talked about in his speeches as President. I believe that Fernando Henrique's presidency was most important in moving Brazil into a moderate posture in the modern world.

288. The Agency was moving to create "a worldwide electronic and human information network to exploit the digital compression technology that is now coming on Market through the high-speed data lines." Yet, some operators were impatient with a reformulation that they perceived as mainly rhetorical: There's a notion in this administration of the "electronic highway." There are a lot of new buzz words. But the infrastructure to handle it is just lacking.

289. In sum, the United States has significantly underperformed in its efforts to capture the hearts and minds of foreign publics. The marginalization of public diplomacy has left a legacy of underfunded and uncoordinated

efforts. Lack of political will and the absence of an overall strategy have rendered past public diplomacy programs virtually impotent in today's increasingly crowded communications world. While sound public diplomacy is not a silver bullet for America's image problem, making it a serious component of the foreign policymaking process is a vital step toward ensuring the nation's security.

**APÊNDICE B TABELA 1 - Cronologia de Presidentes (EUA e Brasil) e diretores da
USIA (1953-1964)**

Ano/cargos	Presidente EUA	Diretor USIA	Presidente Brasil
1953	Até 20/jan – Truman A partir de 20/jan - Eisenhower	A partir de 5/ago – Theodore Streitbert	Getúlio Vargas
1954	Eisenhower	Theodore Streitbert	Até 24/ago – Vargas A partir de 24/ago – Café Filho
1955	Eisenhower	Theodore Streitbert	Até 8/nov – Café Filho De 8/nov até 11/nov – Carlos Luz A partir de 11/nov – Nereu Ramos
1956	Eisenhower	Até 15/nov – Streitbert A partir de 18/dez – Arthur Larson	Até 31/jan – Nereu Ramos A partir de 31/jan – Juscelino Kubitschek
1957	Eisenhower	Até 27/out – Larson A partir de 15/nov – George Allen	Juscelino Kubitschek
1958	Eisenhower	George Allen	Juscelino Kubitschek
1959	Eisenhower	George Allen	Juscelino Kubitschek
1960	Eisenhower	Até 1º/dez – Allen	Juscelino Kubitschek
1961	Até 20/jan – Eisenhower A partir de 20/jan - Kennedy	A partir de 15/mar – Edward Murrow	Até 31/jan - Juscelino Kubitschek De 31/jan a 25/ago – Jânio Quadros De 25/ago a 7/set –

			Ranieri Mazzilli A partir de 7/set – João Goulart
1962	Kennedy	Edward Murrow	João Goulart
1963	Até 22/nov – Kennedy A partir de 22/nov. - Johnson	Edward Murrow	João Goulart
1964	Johnson	Até 20/jan – Edward Murrow A partir de 9/mar – Carl Rowan	Até 1º/abr - João Goulart De 2/abr a 15/abr – Ranieri Mazzilli A partir de 15/abr – Humberto Castelo Branco

APÊNDICE C TABELA 2 - Transcrições selecionadas e suas indicações de fontes⁷⁹⁸

Transcrição	Indicação de fonte
Transcrição 1	MATTHIEU, 2000, p. 67
Transcrição 2	HIXSON, 1997, p.1
Transcrição 3	HAINES, 1989, 165-175
Transcrição 4	Documento 12
Transcrição 5	ELDER, 1968, p. 34
Transcrição 6	SELLERS; MAY; MCMILLEN, 1990, p. 303
Transcrição 7	CREEL, 1920a, p. 365
Transcrição 8	CREEL, 1920a, p. 365
Transcrição 9	TELLES RIBEIRO, 1989, p. 69
Transcrição 10	ARNDT, 2005, p. xix
Transcrição 11	CREEL, 1920a, p.5
Transcrição 12	CREEL, 1920a, p.5
Transcrição 13	CREEL, 1920a, p. 373
Transcrição 14	Documento 13
Transcrição 15	CREEL, 1920a, p. 427
Transcrição 16	HENDERSON, 1969, p.29
Transcrição 17	PELLS, 1997, p.33
Transcrição 18	Documento 13
Transcrição 19	CULL, 2005, p.12
Transcrição 20	ARNDT, 2005, p.10

⁷⁹⁸ De acordo com "Transcrições e trechos traduzidos", citadas anteriormente.

Transcrição 21	ARNDT, 2005, p. 85
Transcrição 22	COLBY; DENNETT, 1998, p. 143
Transcrição 23	DIZARD JR., 2004, p.10
Transcrição 24	COBBS, 1992, p. 42
Transcrição 25	ARNDT, 2005, p. 89
Transcrição 26	DIZARD JR., 2004, p. 10
Transcrição 27	HIXSON, 1997, p. 2
Transcrição 28	BOGART, 1995, P. 189
Transcrição 29	PELLS, 1997, p. 31
Transcrição 30	PELLS, 1997, p. 30
Transcrição 31	ARNDT, 2005, p. 102
Transcrição 32	MOURA, 1985, p. 88
Transcrição 33	CULL, 2005, pp. 22-23
Transcrição 34	PELLS, 1997, p. 36
Transcrição 35	HIXSON, 1997, p. 4
Transcrição 36	Documento 19
Transcrição 37	HAINES, 1989, p. 160
Transcrição 38	BOGART, 1995, p. xiv
Transcrição 39	HAINES, 1989, p. 165
Transcrição 40	HAINES, 1989, p. 32
Transcrição 41	SELLERS; MAY; MCMILLEN, 1990, p. 367
Transcrição 42	HAINES, 1989, p. 118
Transcrição 43	HAINES, 1989, p. 160
Transcrição 44	Documento 19
Transcrição 45	HAINES, 1989, p. 164

Transcrição 46	HAINES, 1989, p. 174
Transcrição 47	HAINES, 1989, p. 19, 30
Transcrição 48	Documento 15
Transcrição 49	Documento 16
Transcrição 50	Documento 17
Transcrição 51	Documento 18
Transcrição 52	BOGART, 1995, p. xiv
Transcrição 53	Documento 23
Transcrição 54	HAINES, 1989, p. 161
Transcrição 55	Documento 23
Transcrição 56	Documento 23
Transcrição 57	Documento 23
Transcrição 58	Documento 22
Transcrição 59	Documento 23
Transcrição 60	BOGART, 1995, p. xv
Transcrição 61	Documento 35
Transcrição 62	REICH, 1996, p. 503
Transcrição 63	CULL, 2008, p. 120
Transcrição 64	BANDEIRA, 1973, p. 276
Transcrição 65	SELLERS; MAY; MCMILLEN, 1990, p. 379
Transcrição 66	Documento 32
Transcrição 67	DIZARD JR, 2004, p. 68
Transcrição 68	REICH, 1996, pp. 625, 630
Transcrição 69	BOGART, 1995, p. xxviii
Transcrição 70	PELLS, 1997, p. 87

Transcrição 71	Documento 29
Transcrição 72	Documento 29
Transcrição 73	PELLS, 1997, p. 90
Transcrição 74	ELDER, 1968, p. 42
Transcrição 75	PELLS, 1997, p. 91
Transcrição 76	Documento 60
Transcrição 77	Documento 30
Transcrição 78	Documento 32
Transcrição 79	Documento 30
Transcrição 80	SELLERS; MAY; MCMILLEN, 1990, p. 115
Transcrição 81	OSGOOD, 1968, p. 145
Transcrição 82	BANDEIRA, 1973, p. 316
Transcrição 83	BOGART, 1995, p. 115
Transcrição 84	BOGART, 1995, p. 115
Transcrição 85	BOGART, 1995, p. xviii
Transcrição 86	BOGART, 1995, p. xx
Transcrição 87	BOGART, 1995, p. 61
Transcrição 88	DIZARD JR, 2004, p. 181
Transcrição 89	BOGART, 1995, p. xiv
Transcrição 90	BOGART, 1995, p. 54
Transcrição 91	HAINES, 1989, p. 168
Transcrição 92	HAINES, 1989, pp. 169-170
Transcrição 93	BOGART, 1995, pp. 114-115, 123
Transcrição 94	HAINES, 1989, p. 168
Transcrição 95	HAINES, 1989, p. 169

Transcrição 96	Documento 104
Transcrição 97	CULL, 2008, P. 424
Transcrição 98	BOGART, 1995, p. 55
Transcrição 99	BOGART, 1995, p. 25
Transcrição 100	Documento 64
Transcrição 101	BANDEIRA, 1973, p. 354
Transcrição 102	HAINES, 1989, p. 171
Transcrição 103	HAINES, 1989, p. 171
Transcrição 104	Documento 10
Transcrição 105	Documento 10
Transcrição 106	Documento 10
Transcrição 107	Documento 10
Transcrição 108	Documento 10
Transcrição 109	Documento 10
Transcrição 110	Documento 10
Transcrição 111	NYE, 2004, p. 3
Transcrição 112	HOWARD, 2014
Transcrição 113	CULL, 2008, P. 339
Transcrição 114	HOWARD, 2014
Transcrição 115	TUCH, 1990, p. 147
Transcrição 116	HANSEN, 1984, p. 225
Transcrição 117	HAINES, 1989, p. 176
Transcrição 118	CREEL, 1920a, p. 3
Transcrição 119	ARNDT, 2005, p. 29
Transcrição 120	CREEL, 1920a, p. 5
Transcrição 121	NINKOVIC, 1981, p. 36

Transcrição 122	NINKOVIC, 1981, p.36
Transcrição 123	Documento 27
Transcrição 124	BOGART, 1995, p. xiii
Transcrição 125	ARNDT, 2005, p. xii
Transcrição 126	HIXSON, 1997, p. 3
Transcrição 127	Documento 14
Transcrição 128	PELLS, 1997, p. 36
Transcrição 129	RIBEIRO, 1989, p. 62
Transcrição 130	Documento 24
Transcrição 131	Documento 24
Transcrição 132	Documento 24
Transcrição 133	Documento 20
Transcrição 134	Documento 17
Transcrição 135	Documento 18
Transcrição 136	Documento 23
Transcrição 137	Documento 14
Transcrição 138	Documento 23
Transcrição 139	Documento 23
Transcrição 140	Documento 31
Transcrição 141	Documento 33
Transcrição 142	Documento 38
Transcrição 143	HIXSON, 1997, p. 24
Transcrição 144	Documento 40
Transcrição 145	Documento 41
Transcrição 146	Documento 43
Transcrição 147	Documento 42

Transcrição 148	Documento 42
Transcrição 149	Documento 42
Transcrição 150	Documento 42
Transcrição 151	BOGART, 1995, p. xvii
Transcrição 152	Documento 33
Transcrição 153	Documento 28
Transcrição 154	Documento 46
Transcrição 155	Documento 46
Transcrição 156	Documento 45
Transcrição 157	Documento 50
Transcrição 158	Documento 50
Transcrição 159	Documento 51
Transcrição 160	Documento 51
Transcrição 161	Documento 53
Transcrição 162	Documento 52
Transcrição 163	Documento 24
Transcrição 164	BOGART, 1995, p. xxix
Transcrição 165	Documento 24
Transcrição 166	Documento 37
Transcrição 167	Documento 37
Transcrição 168	Documento 37
Transcrição 169	Documento 52
Transcrição 170	BOGART, 1995, p. 33
Transcrição 171	BOGART, 1995, P. 34
Transcrição 172	Documento 29
Transcrição 173	Documento 48

Transcrição 174	PELLS, 1997, p. 90
Transcrição 175	BOGART, 1995, p. xxix
Transcrição 176	Documento 29
Transcrição 177	Documento 29
Transcrição 178	Documento 29
Transcrição 179	BRUBECK, 1961
Transcrição 180	Documento 51
Transcrição 181	Documento 51
Transcrição 182	Documento 51
Transcrição 183	Documento 51
Transcrição 184	Documento 29
Transcrição 185	Documento 29
Transcrição 186	Documento 58
Transcrição 187	DIZARD JR, 2004, p. 4
Transcrição 188	Documento 60
Transcrição 189	Documento 30
Transcrição 190	Documento 62
Transcrição 191	Documento 62
Transcrição 192	Documento 62
Transcrição 193	Documento 51
Transcrição 194	Documento 51
Transcrição 195	Documento 62
Transcrição 196	Documento 62
Transcrição 197	BOGART, 1995, p. xvii
Transcrição 198	Documento 64
Transcrição 199	HAINES, 1989, p. 162

Transcrição 200	Documento 45
Transcrição 201	Documento 67
Transcrição 202	Documento 67
Transcrição 203	Documento 67
Transcrição 204	Documento 72
Transcrição 205	Documento 72
Transcrição 206	Documento 72
Transcrição 207	Documento 75
Transcrição 208	Documento 78
Transcrição 209	Documento 78
Transcrição 210	Documento 87
Transcrição 211	Documento 76
Transcrição 212	Documento 74
Transcrição 213	Documento 76
Transcrição 214	Documento 80
Transcrição 215	Documento 78
Transcrição 216	Documento 78
Transcrição 217	Documento 12
Transcrição 218	Documento 83
Transcrição 219	Documento 83
Transcrição 220	Documento 83
Transcrição 221	Documento 83
Transcrição 222	Documento 83
Transcrição 223	Documento 83
Transcrição 224	Documento 83
Transcrição 225	Documento 83

Transcrição 226	Documento 83
Transcrição 227	Documento 85
Transcrição 228	Documento 74
Transcrição 229	Documento 89
Transcrição 230	Documento 74
Transcrição 231	Documento 74
Transcrição 232	Documento 92
Transcrição 233	Documento 92
Transcrição 234	Documento 94
Transcrição 235	Documento 74
Transcrição 236	Documento 93
Transcrição 237	Documento 75
Transcrição 238	Documento 97
Transcrição 239	Documento 96
Transcrição 240	Documento 76
Transcrição 241	Documento 97
Transcrição 242	Documento 72
Transcrição 243	Documento 97
Transcrição 244	Documento 112
Transcrição 245	Documento 78
Transcrição 246	Documento 78
Transcrição 247	Documento 101
Transcrição 248	Documento 102
Transcrição 249	Documento 102
Transcrição 250	Documento 102
Transcrição 251	Documento 102

Transcrição 252	Documento 83
Transcrição 253	Documento 83
Transcrição 254	Documento 104
Transcrição 255	Documento 74
Transcrição 256	Documento 74
Transcrição 257	Documento 106
Transcrição 258	Documento 106
Transcrição 259	Documento 64
Transcrição 260	Documento 108
Transcrição 261	Documento 108
Transcrição 262	Documento 111
Transcrição 263	BOGART, 1995, p. 121
Transcrição 264	BRUBECK, 1961
Transcrição 265	Documento 114
Transcrição 266	Documento 75
Transcrição 267	Documento 117
Transcrição 268	Documento 108
Transcrição 269	Documento 53
Transcrição 270	Documento 74
Transcrição 271	Documento 85
Transcrição 272	Documento 84
Transcrição 273	BOGART, 1995, p. 16
Transcrição 274	Documento 2
Transcrição 275	Documento 3
Transcrição 276	Documento 6
Transcrição 277	Documento 9

Transcrição 278	Documento 8
Transcrição 279	Documento 8
Transcrição 280	Documento 8
Transcrição 281	Documento 9
Transcrição 282	Documento 10
Transcrição 283	Documento 10
Transcrição 284	CREEL, 1920b, p. 362
Transcrição 285	HOWARD, 2014
Transcrição 286	MATHES, 2014
Transcrição 287	MATHES, 2014
Transcrição 288	BOGART, 1995, p. xxvii
Transcrição 289	COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2003, p. 48